BERLIM, 1920
Dois bebês nasceram unidos, inseparáveis, gêmeos em tudo... Menos no sangue!

BEN ELTON

DOIS IRMÃOS, UMA GUERRA



BASEADO EM FATOS REAIS

JANGADA

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe ***Le Livros*** e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O ***Le Livros*** e seus parceiros disponibilizam conteúdo de dominio publico e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: ***LeLivros.site*** ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



DOIS IRMÃOS,
UMA GUERRA

Ben Elton

DOIS IRMÃOS, UMA GUERRA

BERLIM: 1920

Dois bebês nasceram
unidos, inseparáveis,
gêmeos em tudo...
Menos no sangue!

Tradução:
JACQUELINE DAMÁSIO VALPASSOS



Título do original: *Two Brothers.*

Copyright © 2012 Ben Elton.

Publicado originalmente pela Transworld Publishers, uma divisão da Random House Group Ltd.

Copyright da edição brasileira © 2014 Editora Pensamento-Cultrix Ltda.

Texto de acordo com as novas regras ortográficas da língua portuguesa.

1ª edição 2014.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou usada de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópias, gravações ou sistema de armazenamento em banco de dados, sem permissão por escrito, exceto nos casos de trechos curtos citados em resenhas críticas ou artigos de revistas.

A Editora Jangada não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados neste livro.

Esta é uma obra de ficção. Todos os personagens, organizações e acontecimentos retratados neste romance são também produtos da imaginação do autor e são usados de modo fictício.

Obs.: Este livro não pode ser exportado para Portugal, Angola e Moçambique.

Editor: Adilson Silva Ramachandra

Editora de texto: Denise de C. Rocha Delela

Coordenação editorial: Roseli de S. Ferraz

Preparação de originais: Marta Almeida de Sá

Produção editorial: Indiara Faria Kayo

Assistente de produção editorial: Bruna Leite

Editoração eletrônica: Fama Editora

Revisão: Nilza Agua

Produção de ebook: S2 Books

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Elton, Ben

Dois irmãos, uma guerra / Ben Elton ; tradução Jacqueline Damásio Valpassos. — 1. ed. — São Paulo : Jangada, 2014.

Título original: Two brothers.

ISBN 978-85-64850-73-6

1. Ficção inglesa I. Título.

14-07418 CDD-823

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura inglesa 823

1ª edição digital: 2014
e-ISBN: 978-85-64850-82-8

Jangada é um selo editorial da Pensamento-Cultrix Ltda.

Direitos de tradução para o Brasil adquiridos com exclusividade pela EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA., que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: (11) 2066-9000 — Fax: (11) 2066-9008
http://www.editorajangada.com.br
E-mail: atendimento@editorajangada.com.br
Foi feito o depósito legal.

Dois Irmãos é dedicado a dois primos, meus tios:

Heinz Ehrenberg, que serviu na Wehrmacht
de 1939 a 1945,
e Geoffrey Elton, que serviu no exército britânico
de 1943 a 1946.

Sumário

Capa
Folha de Rosto
Créditos
Dedicatória
A garota no carrinho de mão
Chá e biscoitos
Gêmeos
Outro bebê
Uma operação é cancelada
Uma troça e uma ordem
Uma proposta
Jovem modelo
Donzela do Reno
District e Circle Line
Dinheiro insano
Jovens empresários
Dinheiro absurdo
Contato renovado
Um novo emprego
Hot hot hot!
St John's Wood
Jazz demais
Um histérico de 3 anos de idade
Jazz moderno
Uma garotinha muito distinta
O "Clube dos Sábados"
Duas festas e o Crash da Bolsa
Brigando por Dagmar
Aquele homem
A ficha caiu
Partida final
Décimo terceiro aniversário
Os visitantes do consultório
Esperança perdida
Abertura da loja
As margens do Mar Vermelho

Um dia tranquilo na loja
Estudante de Direito
Uma festa é anunciada
Os Fischer dão uma festa
Auf Wiedersehen
Instruções adicionais
Um nazista amigável
Nazista hostil
Festa interrompida
Zona livre de arianos
Golfinho encalhado
Novas leis
Gesto romântico
O filho adotivo
As árvores genealógicas
Uma excursão pelo campo
Família de sangue
Destino selado
Um drinque espontâneo
No exílio
Fazendo contato
Visitas semanais
Rejeição por motivos raciais
Sacrifícios pessoais
No cais do Tâmisa
Reichssportfeld, Grunewald
Um feriado em Munique
Os outros filhos de Frieda
Conversação em inglês
A Noite dos Cristais
Chuva na praia
A última reunião do Clube dos Sábados
A manhã seguinte
Café da manhã ao alvorecer
De Untermensch a super-homem
Um casamento é discutido
Instruções finais
Casamento misto
Velhos amigos
Outras conversações em inglês
Reconhecido

Parque do Povo
Herói alemão
No banco do parque
O Hospital Judaico
Continuação da conversa no parque
Caçadora de judeus
Entre Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho
Duas mulheres
No Jardim da Inocência
A garota na calçada
Posfácio

A garota no carrinho de mão

Berlim, 1920

Frieda Stengel acordou de um sonho cheio de pequenos sobressaltos e descobriu que sua camisola e os lençóis estavam encharcados.

Já amanhecera, mas a chegada do dia pouco havia feito para amenizar a escuridão e a melancolia da longa e gelada noite que a havia precedido. Sua respiração soava pesadamente na luz mortiça quando ela sacudiu o marido para acordá-lo.

— Wolfgang — ela sussurrou —, minha bolsa rompeu.

Ele despertou imediatamente, com o choque, e sentou-se.

— Certo! — ele disse, olhando em volta atordoado, esforçando-se para se concentrar. — Ótimo! Está tudo bem. Nós temos um plano.

— Eu ainda não estou em trabalho de parto — Frieda disse suavemente. — Não sinto dor. Nem contrações. Mas estão a caminho, sem dúvida.

— Mantenha a calma — disse Wolfgang, rolando da cama e tropeçando nas botas que tinha deixado à mão para essa ocasião. — Pode estar certa de que temos um plano.

Frieda estava esperando gêmeos e, por isso, haviam lhe garantido uma vaga em um hospital para o parto. A escola de medicina de Berlim-Buch distava vários quilômetros de Friedrichshain, onde viviam. Enquanto vestia as roupas com dificuldade, Frieda só torcia para que os bebês não estivessem com pressa.

Wolfgang tomou o braço da esposa e os dois desceram tateando os cinco lances de escada que separavam o apartamento da rua. Havia um elevador, mas era antigo e frágil e eles tinham decidido que a pequena gaiola de ferro não era confiável para uma viagem tão crucial.

— Imagine se nós ficássemos presos e você tivesse os bebês entre dois andares — Wolfgang brincou. — Só tem licença para transportar três pessoas! Aquela vadia da zeladora, provavelmente, iria nos denunciar ao condomínio.

O céu que cobriu o jovem casal quando eles saíram para a calçada gelada estava tão escuro e cinzento que parecia ter sido forjado com ferro nos fornos da famosa fundição Krupp em Essen e, em seguida, preso por cima de Berlim com rebites de aço. Berlim parecia estar sempre encoberta por céus como aquele, cinza-escuro como o metal com que as armas são fabricadas. Os invernos da guerra e todos os que se seguiram haviam sido verdadeiramente inclementes e, enquanto o jovem casal ia cruzando com os trabalhadores que madrugavam, que passavam pelos dois com passo apertado, molhados e congelados, curvando-se

contra os mordentes ventos do leste, era difícil para Frieda e Wolfgang lembrar de que alguma vez Berlim tivera outra estação do ano que não o inverno. Lembrar de que antes houvera uma época em que todas as árvores em Unter den Linden estavam carregadas de deslumbrantes e viçosas flores e que velhos senhores caminhavam para cima e para baixo pelo parque Tiergarten sem seus paletós, enquanto as garotas andavam sem meias.

Entretanto a primavera e o verão eram uma lembrança distante naquele fevereiro de 1920, um sonho de tempos melhores antes que a catástrofe da Grande Guerra explodisse sobre a Alemanha. Agora, os céus pareciam sempre ter sido forjados junto com canhões, e trovejavam como se logo além do horizonte, nos campos da Bélgica e da França e através das intermináveis estepes russas, canhões de verdade ainda rugissem.

Eles nã podiam, é claro, encontrar táxis, mesmo que tivessem condições de pagar por um, e, inevitavelmente, os bondes estavam em uma de suas greves regulares. Assim sendo, os Stengel haviam conseguido pegar emprestado um carrinho de mão do quitandeiro local.

Herr Sommer estava esperando por eles, do lado de fora da sua loja, com um buquê de cenouras amarradas com fitas.

— Rosa e azul — disse Sommer —, porque Wolf me garante que você vai ter um menino e uma menina. Uma família instantânea, todo o incômodo de uma só vez.

— Serão ambos meninos — Frieda respondeu com firmeza. — Portanto espere por problemas, eles estarão beliscando suas maçãs em poucos anos!

— Se eu tiver maçãs — o dono da quitanda respondeu com tristeza, enquanto Wolfgang começava a empurrar o carrinho para longe, escorregando e fazendo barulho pelas pedras geladas do calçamento.

Então houve uma descarga de armas automáticas em algum lugar em uma rua próxima, mas eles a ignoraram, como também ignoraram os berros e gritos que se seguiram às botas estrepitosas e ao som de vidro quebrando.

Tiroteios, botas e vidros quebrando eram apenas os sons da cidade para Wolfgang e Frieda; de fato, eles já nem os notavam mais. Tão comum em Berlim como o pregão do vendedor de jornal, o canto dos pássaros nos parques e o chocalhar dos trens na ferrovia suspensa. Todo mundo ignorava, mantendo a cabeça baixa, apressando-se, na esperança de não se atrasar para chegar a qualquer fila a que estivessem planejando se juntar.

— Malditos idiotas — um veterano de uma perna só resmungou, enquanto passava pelo casal, arrastando-se com suas muletas.

— Definiu bem — Wolfgang respondeu para a nuca raspada sob o pequeno boné do exército que o homem usava.

Os jornais chamavam esses distúrbios em curso de “Revolução”, mas, se era uma revolução, era de um tipo muito peculiar, alemão. As autoridades citadinas continuavam a funcionar e negócios ainda eram feitos. Crianças ainda brincavam nas calçadas. Secretárias já estavam diante de suas máquinas de datilografia às oito e meia. A polícia ainda verificava a licença de carros estacionados ilegalmente, mesmo enquanto os proprietários dos veículos estavam

em uma adega próxima surrando alguém até a morte ou sendo surrados até a morte eles mesmos.

Berlim simplesmente continuava a cuidar de seus assuntos enquanto gangues de comunistas e *Freikorps*, milícias de direita, matavam-se uns aos outros durante as pausas para o almoço.

Frieda e Wolfgang continuavam também, ou, pelo menos, Wolfgang o fazia, suando sobre os cabos do carrinho, apesar do frio, enquanto empurrava a esposa pelas ruas cobertas de entulho, soltando palavrões e xingando ao contornar ocasionais barricadas, até finalmente chegar diante da esplêndida escadaria do famoso hospital-escola de cinco mil leitos na Lindenberger Weg, o maior de toda a Europa.

Wolfgang parou o carrinho, arfando profunda e dolorosamente no ar frio, e pegou a mala de Frieda.

— Pesadinha, hein? — ele suspirou. — Você realmente precisa de todos esses livros?

— Posso ter de ficar aí algum tempo — respondeu Frieda, deslizando pesadamente do carrinho para a calçada e fazendo uma careta quando seus tornozelos inchados receberam seu peso. — Preciso estudar um pouco enquanto isso.

— Bem, concordo com você quanto a isso, Fred — Wolfgang admitiu, acendendo um cigarro. — Você se casou com um músico. Um músico que espera logo, logo, estar levando o tipo de vida que pediu a Deus.

— Você é um *compositor*, Wolf. — Frieda sorriu. — Não apenas um músico. Eu disse aos meus pais que estava me casando com o próximo Mendelssohn.

— Deus nos livre, espero que não. Músicas melosas demais. A canção *Kaffee und Kuchen*[1] não é para mim, Freddy, você sabe disso.

— As pessoas gostam de canções. Elas *pagam* por canções.

— É por isso que eu agarrei uma boa e inteligente garota quando tive a chance. Todo homem do *jazz* precisa de uma médica cegamente apaixonada para cuidar dele.

Wolfgang agarrou Frieda por sua enorme cintura e beijou-a.

Frieda riu, soltando-se do abraço. — Não sou cegamente apaixonada, sou apenas tolerante. E não sou médica também. Ainda não, há a pequena questão dos meus exames finais. E cuidado com os meus livros. São todos emprestados e há multas se encontrarem o menor amassado em uma página.

Frieda estava estudando Medicina na Universidade de Berlim. Ela até conseguira uma bolsa de estudos, fato que seus pais, profundamente conservadores, ainda tinham dificuldade em acreditar.

— Quer dizer que eles *pagam* pela educação? Até de *mulheres*? — Seu pai perguntara, incrédulo.

— Eles precisam, pai. A maioria dos rapazes morreu.

— Mas mesmo assim... Mulheres médicas? — o pai respondera, e a confusão reinava por trás da certeza sólida e atemporal de seu bigode prussiano aparado rente: — Quem confiaria nelas?

— Que outra escolha eles têm? — Frieda rebatera. — Chama-se século XX, pai, algum dia você realmente deveria se juntar a ele, vem acontecendo há duas décadas já.

— Você está errada — dissera o pai com gravidade sombria —, começou apenas recentemente, quando sua alteza imperial abdicou. Só Deus sabe onde ou quando isso vai acabar.

O pai de Frieda era policial, e sua mãe, uma orgulhosa dona de casa. Ele trazia o salário, ela cuidava da casa e criava os filhos. Suas posturas haviam sido formadas durante o governo do Kaiser, e o terremoto político e cultural da República de Weimar do pós-guerra tinha-nos deixado em choque. Nenhum deles compreendia um governo que, embora fosse incapaz de parar com os tiroteios nas ruas, preocupava-se com a igualdade sexual.

Ou um genro que estava feliz em começar uma família, apesar de não poder pagar um táxi para levar a esposa ao hospital.

— Acho que se papai o visse empurrar a filha grávida até o hospital no carrinho de um quitandeiro, sacaria sua arma e atiraria em você — Frieda observou, enquanto encaravam juntos os degraus da escadaria do hospital.

— Ele quase atirou em mim por *engravidá-la* — Wolfgang respondeu, procurando nos bolsos de sua jaqueta os papéis de internação.

— Se você não tivesse se casado comigo, ele teria atirado.

— Certo, é isso. Aqui estamos nós.

Por todo lado, pessoas doentes e com frio se apinhavam, entrando e saindo pelas grandes portas do hospital.

— Eu vou voltar esta noite — disse Wolfgang. — Certifique-se de que haja três de vocês até lá.

Frieda segurou a mão dele.

— Meu Deus, Wolf — ela sussurrou —, quando você coloca as coisas assim... Hoje há apenas você e eu, amanhã haverá você, eu... e nossos filhos.

Uma rajada de vento a fez tremer. A dura friagem salpicada de chuva penetrou sua roupa puída. Uma vez mais, Wolfgang a envolveu em seus braços, só que não mais brincando: desta vez, com paixão, quase desesperadamente. Duas pobres almas com frio abraçadas sob as implacáveis colunas de granito do enorme edifício público.

Dois jovens corações batendo juntos.

Outros dois, ainda mais jovens, aquecidos na barriga de Frieda. Quatro corações unidos pelo amor no gelado e ventoso interior de outro coração maior. Feito de pedra e ferro. Berlim, o coração da Alemanha.

— Isso mesmo — respondeu Wolfgang. — Você, eu e os nossos filhos. A melhor e mais bela coisa que já houve.

E pela primeira vez ele falara sem sorrir ou tentar fazer uma piada.

— Sim, sempre foi assim — disse Frieda calmamente.

— Está bem, então. Vamos entrar, Fred. Está frio demais para ficarmos parados aqui sendo sentimentais.

Não havia jeito de Wolfgang ficar esperando no hospital. Pouquíssimos pais expectantes na Berlim do pós-guerra podiam se dar ao luxo de ficar aguardando do lado de fora da enfermaria nas maternidades distribuindo charutos da maneira

tradicional. Herr Sommer precisava do seu carrinho de volta e Wolfgang, como todo mundo na cidade naquele terrível inverno, precisava entrar em algumas filas.

— Há carne no Horst — disse ele, quando começou a descer os degraus até o local em que havia deixado o carrinho. — Cordeiro e carne de porco. Vou conseguir um pouco para você nem que eu tenha de penhorar o meu piano. Você precisa de ferro se vai alimentar o nosso filhinho e a nossa filhinha.

— Nossos filhinhos — Frieda respondeu. — Serão dois meninos. Estou dizendo a você, uma mulher sabe. Paulus e Otto. Rapazes. Meninos de sorte, muita sorte.

— Por que sorte? — Wolfgang gritou de volta. — Quero dizer, além de ter a mais bela mãe do mundo?

— Porque são gêmeos. Eles têm um ao outro, Wolf. Esta é uma cidade difícil, em um mundo difícil. Mas, não importa quão duras as coisas se tornem, nossos garotos sempre terão um ao outro.

Chá e biscoitos

Londres, 1956

Stone olhou para a mesa revestida de juta diante dele. Para as xícaras, os biscoitos e o bloco de apontamentos amarelo com a caneta tinteiro por cima. Ele se concentrou no telefone preto de baquelite, com suas bordas afiadas e angulares e seu fio duplo torcido de tecido marrom e desgastado. Devia ser do começo da década de 1930.

O que ele próprio estava fazendo na época em que aquele fio era novo? Lutando, sem dúvida. Ou correndo aterrorizado por alguma calçada de Berlim à procura de um beco para se esquivar. Ele e seu irmão, inseparáveis, dois adolescentes temendo mortalmente por suas vidas.

Os olhos de Stone seguiram o fio por baixo da mesa, passando pelo linóleo cor de rubi ligeiramente empenado e entrando em uma caixa preta bastante grande aparafusada no rodapé. Imaginou ouvir um zumbido na caixa, mas poderia ser o ruído distante do tráfego na Cromwell Road.

Ele se mexeu nervosamente na cadeira. Nunca se acostumara a ser entrevistado em salas nuas por funcionários do governo. Mesmo agora, não conseguia convencer-se de que estava seguro. Mesmo agora, uma parte dele esperava violência.

Exceto, é claro, pelo fato de estar na Inglaterra, e eles não faziam esse tipo de coisa lá. Alguns dos conhecidos de Stone mais simpatizantes da esquerda zombavam quando ele dizia isso. Mas era em razão de eles nunca terem tido a infelicidade de viver em um país onde a violência súbita e absoluta era a norma, e não a exceção.

Stone olhou mais uma vez para seus inquisidores. Um par clássico. Um baixo, gordinho e careca, com um inoportuno respingo de sopa no bigode, olhos redondos pousando constantemente nos biscoitos. O outro não muito mais alto, porém mais magro, de pé no canto da sala desguarnecida e sem janelas, observando com olhos ligeiramente cerrados. Stone se sentia como se estivesse em uma cena de filme. Sendo interrogado por Peter Lorre, enquanto Humphrey Bogart o olhava inescrutavelmente, sem dar pista do que estava achando.

— Você está viajando para Berlim na esperança de se encontrar com a viúva de seu irmão.

Esta era a segunda vez que o homem mais baixo, o Peter Lorre, perguntava aquilo.

Ou era uma declaração? Certamente era verdade. Mas como é que eles sabiam?

Haviam lido a carta de Dagmar. Obviamente.

— Viúva *presumida* — Stone respondeu, fugindo da pergunta. A experiência de vida havia lhe ensinado que geralmente era prudente reter qualquer informação das autoridades até ser forçado a divulgá-la.

— Você acha que seu irmão não está morto?

— Nunca houve qualquer prova real disso.

— Você quer dizer um cadáver?

— Acho que sim.

— Seu irmão foi, certamente, *dado como morto* — Lorre respondeu, finalmente se rendendo ao prato de biscoitos e escolhendo um amanteigado. — Assassinado pelos russos durante a batalha de Moscou, em 1941.

— Isso é o que me foi dito — Stone respondeu —, após a guerra, pelas autoridades da Alemanha Oriental.

— Você tem alguma razão para duvidar disso?

Não. Nenhuma. Sempre esperei que não, só isso. Meu irmão geralmente tinha um plano. Teria sido um homem difícil de matar.

— A Waffen-SS era composta de homens duros de matar. Pelo menos até eles começarem a recrutar meninos. Seu irmão juntou-se à tropa em 1940, não foi?

Teria havido a insinuação de um sorriso? Stone sentiu sua raiva crescendo. Que direito aquele homenzinho presunçoso, com a boca cheia de biscoito amanteigado, tinha de julgar? Ele não estivera onde seu irmão tinha estado. Onde sua mãe e seu pai estiveram. E Dagmar.

Mais uma vez, a culpa.

A culpa do sobrevivente, como os psiquiatras chamavam.

— Meu irmão não era um nazista — Stone declarou com firmeza.

— É claro que não era — respondeu Peter Lorre, e agora o ar de desprezo era inconfundível. — Nenhum deles era nazista, não? Pelo menos, é o que todos eles afirmam *agora*. E a Waffen-SS não era *propriamente* a SS, não é? Não controlavam os campos. Não se pode culpá-los.

— Meu irmão era casado com uma judia — disse Stone.

— Sim, nós sabemos. Dagmar Stengel, sobrenome de solteira, Fischer. Você está viajando para Berlim para encontrá-la. Não é esse o caso?

Stone olhou mais uma vez para as xícaras e os pires. Não gostava de contar-lhes seus assuntos, mas aquela era obviamente uma pergunta retórica, e ele não queria ser pego em uma mentira.

— Sim. Dagmar Fischer — ele admitiu.

— Dagmar Stengel.

— Eu a conhecia como Dagmar Fischer. Ela se casou com meu irmão depois que eu saí da Alemanha.

— Quando foi a última vez que viu a senhora Stengel?

Stone tragou profundamente o cigarro e fechou os olhos. Quantas vezes havia revivido aquele momento? O assobio e a manobra dos trens. O cheiro do

cabelo dela. A música marcial soando nos alto-falantes, que tornava tão difícil sussurrar as coisas que ele precisava dizer.

— Em 1939 — ele respondeu.

— Em Berlim?

— Sim. Em Berlim.

— E depois da guerra? Você tentou encontrá-la?

— Claro. Tentei encontrar toda a minha família.

— Você esteve na Alemanha?

— Sim. Com o exército. Trabalhei nos campos de deslocados, com a Administração das Nações Unidas para Assistência e Reabilitação. Você sabe de tudo isso, está em meus registros.

— Então — Peter Lorre observou com a boca cheia de biscoito —, estava bem posicionado para procurar uma judia ardilosa?

Judia ardilosa. Que expressão... O homenzinho claramente não tinha noção do desprezo casual e da desconfiança inata contidos nela. — Uma judia ardilosa? — Stone repetiu. — Que diabos você quer dizer com isso?

— Quero dizer Frau Stengel, é claro.

— Então, faça o favor de dizê-lo dessa maneira.

Houve um momento de silêncio.

— Frau Stengel, então? — Lorre retomou. — Você não a encontrou?

— Não.

— O que aconteceu com ela?

— Nunca descobri.

— Mais uma das vítimas anônimas do Holocausto?

— Foi o que presumi.

— Mas, agora, acha que ela sobreviveu?

Stone parou por um momento, considerando sua resposta.

— Tive motivos recentemente para me permitir *ter esperança* de que ela tenha sobrevivido.

— E por que isso?

Stone estava lutando para não ficar com raiva. Ficar com raiva nunca havia ajudado. Não com o tipo de pessoa que se sentava atrás de mesas verdes de juta com xícaras de chá e blocos de anotações amarelos vazios.

— Afinal, do que se trata? — perguntou Stone. — Eu não entendo por que você quer saber ou por que eu deveria dizer-lhe.

— É muito simples — respondeu o homem gordo, quebrando um segundo biscoito em dois e pegando a metade maior. — Se você cooperar conosco, em breve, estará liberado para seguir seu caminho. Caso contrário, há uma infinidade de questões burocráticas com que podemos amarrá-lo quase indefinidamente. Pode ser que você não consiga chegar a Berlim antes de 2000, época em que você será um homem muito velho e Berlim já estará reduzida a uma pilha de escombros radioativos. Então, trate apenas de ser um sujeito sensato e responda as nossas perguntas. Por que agora espera que Dagmar Stengel esteja viva?

Stone deu de ombros. De qualquer jeito, aquele porquinho arrogante já sabia.

— Porque ela entrou em contato comigo.

— Do nada?

— Sim. Do nada.

— Depois de dezessete anos?

— Isso mesmo.

— E você tem certeza de que *era* Frau Stengel?

Aí é que estava. *Ele* tinha certeza. Estava absolutamente certo. A escrita, o tom e as lembranças que a nota continha. E, no entanto...

— Ela disse que tinha sobrevivido a maior parte da guerra em Berlim como o que eles chamavam de "submarino" — Stone respondeu, evitando a pergunta de Lorre. — Porém a Gestapo a apanhou em junho de 1944 e ela foi enviada para Birkenau. Parece que ela escapou.

— Façanha rara.

— Coisas assim aconteceram, raramente, mas aconteceram. Ela diz que escapou durante a revolta *Sonderkommando* no Crematório IV e lutou junto com guerrilheiros poloneses.

— Uma história e tanto.

Mas não impossível. Apesar das maneiras refinadas, Dagmar era durona e muito engenhosa.

— Posso perceber que você achou difícil de acreditar — o homem gordo disse, olhando fixamente para Stone. — Não é de admirar, depois de tanto tempo. No entanto estou aqui para lhe dizer que a história é verdadeira. Ou, pelo menos, sua conclusão é. Dagmar Stengel está viva e bem, vivendo na Berlim Oriental.

A onda de alegria que sentiu era como o súbito e inebriante arrebatamento com que, por vezes, era tomado em seus sonhos. Quando era ele, e não seu irmão, na praia de Wannsee entrelaçado nos braços salpicados de chuva de Dagmar Fischer.

— Como vocês sabem? — perguntou Stone, tentando manter a voz firme.

— Nós sabemos muitas coisas.

Stone bateu na mesa com o punho. As xícaras tremeram. O receptor do telefone antigo pulou no gancho. Aquilo era assunto seu, não deles. Era a sua família. Sua vida. Como eles se atreviam a agir como se aquilo fosse um simples jogo!

— Como vocês sabem? — ele perguntou. — Digam-me!

— Fontes — o homem gordo respondeu, ignorando a exaltação de Stone e sucumbindo preguiçosamente à outra metade de seu segundo biscoito —, fontes confidenciais.

— Vocês são do MI6?

— Não existe MI6, senhor Stengel.

— Stone! Meu nome é Stone. Tem sido Stone por quinze malditos anos!

— Sim, você mudou, não foi?

Novamente, um pequeno sorriso de escárnio. Desta vez, não para o alemão que alegava não ter sido um nazista, mas para o judeu disfarçado que havia mudado seu nome para esconder sua origem. Eles eram britânicos, cortavam dos dois lados. Só porque tinham salvado o mundo em nome da decência e lealdade

não significava que os malditos judeus poderiam começar a fingir ser o que não eram.

— Mudei meu nome — Stone retrucou — porque o exército me disse para fazê-lo. O exército *britânico*. Se eu fosse preso em ação e descobrissem que eu era judeu, iria para a câmara de gás.

— Tudo bem. Não precisa se alterar — disse o homenzinho com um sorriso condescendente. — Nós sabíamos disso.

— Vocês sabem de muita coisa.

— Tentamos.

— Porque vocês são do MI6 — disse Stone. — O Serviço Secreto.

— Não podemos dizer que sim, podemos, senhor Stone? Pois, aí, não seria secreto.

Peter Lorre sorriu e limpou a boca, claramente satisfeito com a sua piada.

Stone deveria ter adivinhado desde o início. Apenas o aspecto da sala já era prova suficiente. Vazia, exceto por uma mesa, chá, biscoitos, papel e um telefone. Sem livros, sem panfletos, sem memorandos. Nada de quadros na parede, nem cesto de papéis debaixo da mesa, nem mesmo um clipe de papel. Que escritório normal seria assim? Até a polícia tinha cartazes nas paredes.

E depois havia a dupla encenação. Um tagarela, outro silencioso. A encenação clássica, na verdade. Um baita clichê. Ele realmente deveria ter adivinhado. Eram espiões, sem dúvida.

E eles haviam dito com toda convicção que Dagmar estava viva.

Novamente, a onda de alegria.

Ela sobrevivera. A Berlim. Aos campos. Aos gulags. Ela sobrevivera a todos eles.

E em meio a toda aquela terrível escuridão ela se lembrava dele. Ele, que a amara.

Ele, que ainda a amava.

Que sempre a amaria.

Gêmeos

Berlim, 1920

Descobriu-se que Frieda tinha razão, ela estava grávida de dois meninos, mas o trabalho de parto foi longo e difícil, e apenas um deles sobreviveu, o outro foi enforcado pelo cordão umbilical.

— Sinto muito, Frau Stengel — disse o médico. — A segunda criança nasceu morta.

Então eles a deixaram sozinha.

Não por uma questão de sensibilidade, mas simplesmente porque o hospital estava muito cheio. Quatro anos de guerra, seguidos por uma "revolução" raivosa e fracassada, não havia deixado ninguém com muito tempo para sutilezas, particularmente a profissão médica. Frieda, que não sofrera ela própria quaisquer complicações durante o parto, estava ciente de que eles deveriam estar querendo de volta o seu pequeno e simples quarto pintado de amarelo. Ela não tinha muito tempo.

— Olá, pequenino — Frieda sussurrou, esforçando-se para acolher o bebê em seu coração enquanto se despedia do outro. — E adeus, pequenino.

Não queria que a sua alegria por aquela criatura viva, que respirava repousando em um de seus braços, se afogasse para sempre em suas lágrimas por causa do pequeno embrulho sem vida que estava no outro, mas, naquele momento, Frieda não via como poderia ser de outra forma. Ela sabia que sempre lamentaria pela criança que perdera.

— *Auf Wiedersehen*, meu querido — ela suspirou.

A precária iluminação da única lâmpada de quarenta watts que pendia solitária acima de sua cama caía sobre o pequeno rosto cinzento do embrulho, franzido e enrugado como um velho chinês. O outro embrulho começou a chorar, um tímido balido a princípio, que crescia em volume à medida que a pequena criatura descobria a potência de seus pulmões. Frieda desviou os olhos da máscara mortuária chinesa em miniatura para o bebê que chorava e depois voltou a contemplar o primeiro. Um deles, pálido e inerte em sua morte; o outro, resplandecente e cada vez mais corado na aurora de sua vida.

— *Auf Wiedersehen und guten Tag. Guten Tag und auf Wiedersehen.*[2]

Então o médico voltou com uma enfermeira idosa que retirou o bebê morto dos braços de Frieda. — Sorria, sobretudo, por este, Frau Stengel — disse a enfermeira, fazendo o sinal da cruz sobre o natimorto. — Ele foi poupado da

desgraça deste mundo e, em vez disso, começa imediatamente a saborear a alegria do próximo.

No entanto, Frieda não podia sorrir. Não acreditava em um próximo mundo e, portanto, só conhecia a desgraça daquele mundo presente.

Neste instante, o médico disse:

— Frau Stengel, eu fico sem jeito de falar com você tendo um luto tão recente, mas, sinto que devo. Há uma jovem em uma ala próxima. Quero dizer, havia. Ela morreu há uma hora. Você sobreviveu e perdeu uma criança, aquela mulher morreu enquanto uma criança sobreviveu... um menino.

Frieda ouvia-o pela metade. Prestava atenção na velha enfermeira que estava levando embora uma parte de si mesma. Não para o lugar melhor que ela prometera, mas para o porão do hospital e o incinerador. Não haveria flores nem orações. A agonia permanente da Alemanha impunha que o descarte dos cadáveres fosse feito de uma forma eficiente e mecânica, ainda que fosse de inocentes e pequenos. O embrulho estivera em seu corpo durante nove meses; iria se transformar em cinzas em poucos segundos.

— Perdão, doutor — Frieda disse —, o que o senhor estava dizendo? Uma mãe e uma criança?

— Apenas uma criança, Frau Stengel. A mãe morreu durante o parto e o pai também está morto. Um comunista. Baleado em Lichtenburg.

Frieda sabia do massacre no subúrbio de Lichtenburg. *Mil* trabalhadores haviam sido arbitrariamente cercados por *Freikorps* e fuzilados na rua com a total conivência do ministro da Defesa Nacional. Como os assassinatos eram muito comuns em Berlim, mesmo os assassinatos em massa, o fato mal chegou a ser mencionado nos jornais na ocasião. Entretanto Frieda era o tipo de pessoa que se esforçava para manter-se informada.

— A garota morta estava afastada de seus pais — continuou o médico. — Não queriam o filho de um vermelho na família e, agora que a filha está morta, eles o querem ainda menos. Estão cansados e pobres e não têm interesse no neto órfão bastardo.

Foi como se a fraca lâmpada acima de sua cama brilhasse um pouco mais à medida que Frieda começou a compreender.

O embrulho havia morrido, mas poderia retornar à vida. Todos os preparativos que ela e Wolfgang haviam feito, todo o amor que havia crescido em seus corações para dois bebês não seriam desperdiçados. Aquele amor era necessário, desesperadamente. Uma pequena alma estava esperando para ser reivindicada. Ela teria gêmeos, no final das contas. Paulus teria seu Otto e Otto teria seu Paulus.

— Frau Stengel — o médico continuou —, sei que você está arrasada, mas por acaso consideraria...

— Traga-me esse bebê, por favor — Frieda respondeu antes mesmo que o médico pudesse terminar a frase. — Traga-me o meu filho. Ele precisa de mim.

— Mas o seu marido... — o médico começou — certamente você deve perguntar...

— Meu marido é um bom homem, doutor. Ele partilhará da minha decisão. Traga-me o nosso segundo filho.

Momentos depois, havia um novo embrulho no braço de Frieda onde o cinzento e velho chinês havia ficado tão brevemente. Um rosto corado, babando e berrando como seu novo irmão gêmeo. Dois bebês saudáveis, um em cada braço. Era como se o tempo tivesse parado na última hora e só agora o trabalho de parto de Frieda estivesse completo.

— *Guten Tag, und guten Tag*[3] — Frieda sussurrou.

A adoção era uma questão simples de ser resolvida; as engrenagens do processo eram extremamente bem lubrificadas. A Alemanha pode ter tido uma escassez de homens jovens em 1920, mas, depois da guerra e da epidemia de gripe que se seguiu, ela certamente gerou muitos órfãos, e no hospital estavam ansiosos para dar um destino àquele. Wolfgang foi convocado de seu lugar na fila do açougue e os documentos necessários foram providenciados antes mesmo de o corpo de Frieda começar a produzir leite. Os avós maternos da criança compareceram brevemente à cabeceira de Frieda e assinaram os papéis cedendo os direitos sobre a criança, mal olhando para eles. Desejaram a Frieda e Wolfgang um áspero "boa sorte" e desapareceram da vida deles para sempre. Sumiram antes mesmo de a tinta secar.

E, assim, eles eram novamente quatro, exatamente como havia sido planejado e Frieda havia previsto. Frieda e Wolfgang e seus dois meninos, Paulus e Otto. Otto e Paulus. Dois filhos, dois irmãos, igualmente queridos, igualmente amados. Iguais em todos os sentidos.

Idênticos.

Mas não exatamente.

Havia uma diferença entre os dois garotos. Uma diferença que passou quase em branco no momento. Uma diferença que era totalmente irrelevante para Frieda e Wolfgang. Mas uma diferença que no decorrer do tempo iria se tornar uma questão de vida e morte. Uma criança era judia; a outra não.

Outro bebê

Munique, 1920

No mesmo dia em que os dois irmãos Stengel nasceram, 24 de fevereiro de 1920, a algumas poucas centenas de quilômetros de Berlim, no Hofbräuhaus Bierkeller em Munique, outro "bebê" veio ao mundo. Como muitos bebês (Paulus e Otto inclusive), aquele era ruidoso e selvagem. Por descobrir que sua voz servia apenas para gritar e berrar e que seus punhos serviam somente para esmurrar o ar em fúria porque o mundo não era como ele queria que fosse.

A maioria dos bebês cresce. Eles desenvolvem razão e uma consciência, tornam-se socializados. Aquele bebê nunca o fez. Era o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães, nome que recebeu naquele dia a partir das cinzas de uma encarnação anterior malsucedida. A voz que gritava e os punhos que batiam na mesa eram os de seu líder emergente, um cabo de 31 anos de idade que prestava serviço na unidade de investigação política da seção da *Reichswehr* do estado da Baviera como agente secreto. Seu nome era Adolf Hitler.

Naquela noite fatídica, além de dar ao partido o seu novo nome, Hitler delineou, juntamente com Anton Drexler, um dos fundadores do partido, os 25 pontos que deveriam ser a base "inalienável" e "inalterável" do programa do partido. A maior parte desses pontos foi prontamente esquecida tanto por Hitler como por seu partido, que cresceu rápido, por serem princípios quase socialistas copiados de suas raízes vermelhas. Outros pontos, no entanto, eram criação do próprio Hitler, que nunca vacilou em seu compromisso com eles até o seu último suspiro. A união de todos os povos de língua alemã. Total repúdio ao Tratado de Versalhes. E, acima de tudo, um "ajuste de contas" com os judeus. Este era o ponto mais importante de todos, e naquela fria noite de inverno o soldado pobre e desconhecido, quase sem voz após três horas de discurso, com os punhos cerrados, agitando os braços no ar e respingando saliva contra os enfumaçados fachos de luz, determinou que os judeus eram a fonte de todos os males da Alemanha e que ele, Adolf Hitler, seria seu castigo. Iria privar todos eles de sua cidadania no Reich. Nenhum judeu teria permissão para ocupar qualquer cargo oficial. Nenhum judeu teria permissão de escrever para um jornal. E todo judeu que houvesse chegado à Alemanha depois de 1914 seria deportado imediatamente.

Era algo inebriante, e a multidão expressou sua aprovação em brados. Ali, finalmente, estava um homem que sabia por que a Alemanha havia perdido a

guerra. Por que, em vez de serem os vitoriosos na fartura em Paris e Londres, os alemães decentes eram os indigentes sobrevivendo de cerveja e tabaco em Munique.

A culpa era dos judeus. Apesar de constituírem apenas 0,75 por cento da população, os judeus, em sua astúcia diabólica, tinham feito tudo aquilo; e aquele homem os colocaria em seu devido lugar.

Ninguém, nem mesmo o próprio Hitler, imaginava naquela noite em 1920 o quanto o que ele iria fazer com os judeus ultrapassaria isso.

Uma operação é cancelada

Berlim, 1920

Frieda e Wolfgang tomaram a decisão de não realizar a circuncisão em Paulus e Otto pela mais estranha e incongruente das razões: em virtude de uma tentativa frustrada de fanáticos reacionários de assumir o controle do Estado alemão.

— Na verdade, foi dadaísmo puro — Wolfgang gostava de brincar quando contava a história anos mais tarde (os meninos corando no canto por ter seus pênis como tema de discussão nas festas de seus pais). — O maior *non sequitur* surrealista. Algum idiota tenta criar um Mussolini em Berlim e meus rapazes não abrem mão de seus prepúcios — quero dizer, falando de modo figurado, é claro. Qual tal isso como uma justaposição aleatória e caótica? A vida imita a arte!

Eles certamente *pretendiam* que seus meninos fossem circuncidados.

— Nós temos de fazer isso — disse Frieda, quando voltou do hospital com os bebês —, significa tanto para os meus pais...

— Seja como for, minha mãe e meu pai não se importariam, mas eu suponho que, estando mortos, as suas opiniões não contem tanto contra a da poderosa família Tauber — comentou Wolfgang.

Os pais de Wolfgang haviam morrido um ano antes. Como outros tantos milhões de europeus, haviam sobrevivido à guerra apenas para serem mortos pela gripe espanhola.

— Por favor, não transforme isso em outro discurso inflamado contra o meu pai — Frieda insistiu. — Eu só acho que devemos seguir em frente com isso. Nunca lhe fez mal algum.

— Você não saberia dizer, não é? — Wolfgang rosnou com uma lascívia simulada. — Quem sabe quais poderes de paixão eu teria condições de pôr em prática se o meu membro tivesse um capuz?

Frieda o silenciou com um de seus olhares. Tendo dado à luz apenas alguns dias antes, ela não estava muito no clima para piadas sujas. — Apenas marque com o rabino — disse ela.

Porém, como o destino já havia determinado, os receios de Wolfgang eram irrelevantes porque a circuncisão acabou não acontecendo. Na data em que a tradição exigia que o ato fosse realizado, o apartamento de Frieda e Wolfgang ficou sem água.

Estavam parados junto à pia da cozinha na qual haviam acabado de colocar dois bebês com as fraldas sujas que precisavam urgentemente de um banho e tudo o que conseguiram quando abriram as torneiras foi um tinido distante.

— Estamos sem água — disse ela.

— Merda — Wolfgang respondeu, olhando com pesar para seus bebês emporcalhados antes de acrescentar —, e um montão dela.

A esta altura, os gêmeos, que, embora fossem incapazes de falar, ainda assim podiam sentir uma crise no ar, sabiam que era sua tarefa se unir e começarem a gritar o mais alto possível em protesto.

— Por que isso só acontece conosco? — Frieda gritou mais alto que a barulheira, mas na verdade não estava acontecendo só com eles; toda a Berlim havia ficado sem água. Não havia eletricidade também. Além do gás e dos bondes, do correio e da polícia. Toda a infraestrutura municipal, que continuara a funcionar durante a guerra e, em seguida, um pouco mais esporadicamente, por dois anos de fome e luta nas ruas, subitamente havia paralisado por completo.

A razão pela qual a grande cidade havia ficado sem uma única conveniência moderna fora uma insurreição. Um político insignificante local chamado Wolfgang Kapp havia marchado pelo Portão de Brandemburgo à frente de uma brigada notoriamente brutal de *Freikorps*, ocupado o Palácio Presidencial na Wilhelmstrasse e anunciado que era o novo líder da Alemanha e que todos tinham de fazer o que ele mandasse. Em resposta, os sindicatos haviam convocado uma greve geral cortando todos os serviços, levando Berlim a uma imunda e fedorenta paralisação. Wolfgang e Frieda não tinham água para seus bebês, e o infeliz do Kapp não tinha papel para imprimir um comunicado informando a Alemanha que, devido à sua firme liderança, sua nação era novamente forte.

É claro que água era a coisa que os pais de dois bebês pequenos, vomitando e defecando, sentiam mais falta. Havia o suficiente para beber de hidrantes locais, mas eles não puderam lavá-los.

Então, quando o pai de Frieda trouxe com ele o rabino Jakobovitz no dia marcado, com a sua pequena maleta de pós e ferramentas de aparência antiga, Frieda não permitiu que ele se aproximasse dos meninos.

— É uma cirurgia, pelo amor de Deus, papai — disse ela, em resposta aos protestos acabrunhados de seu pai. — É um procedimento médico que requer higiene adequada!

— Ora, não seja ridícula — respondeu o pai. — É apenas um pequeno corte, mal vai sangrar.

Em vão, o velho rabino protestou dizendo que praticamente não perdera um menino em anos, que seu escudo, sua faca e sua caixa de medicamentos eram todos regularmente esterilizados e ele sempre esfregava com álcool a unha afiada de seu polegar antes de realizar o procedimento. Frieda foi inflexível, no entanto.

— O senhor não vai fazer isso. Pelo menos não até que as torneiras voltem a funcionar. O que há de errado com prepúcios, afinal?

— Frieda, por favor! — Herr Tauber gaguejou. — O rabino!

— Sim, o rabino — Wolfgang comentou laconicamente do canto da sala, onde, apesar de ser tão cedo, servia-se de um copo de schnapps,[4] já que não era possível preparar um café. — Talvez ele possa responder à pergunta. O que há de errado com prepúcios?

Herr Tauber começou a balbuciar suas desculpas, mas o rabino insistiu dizendo sabiamente que ele estava muito feliz em participar de um debate teológico.

— Azarias disse — o rabino entoou sombriamente, enquanto depositava sua antiga coleção de instrumentos sobre um pano velho manchado e empoeirado igualmente venerável — que o prepúcio é repugnante, já que é uma condição de opróbrio para os ímpios, como está escrito.

— Ah, sim, agora tudo ficou claro — Wolfgang sorriu.

— O prepúcio é repugnante? — perguntou Frieda.

— Assim foi escrito — respondeu gravemente o rabino Jakobovitz.

— Por Azarias — Wolfgang acrescentou. — Aquele notório especialista em pênis.

— É o Talmude babilônico — disse o velho com igual seriedade, ignorando o sarcasmo de Wolfgang.

— Droga! Eu sempre quis ler isso.

Herr Tauber tentou mais uma vez intervir.

— Não há nada de errado em colocar o prepúcio em seu devido lugar, Frieda, meu amor — disse ele, adotando um tom conciliador, enquanto lançava olhares furiosos a Wolfgang.

— Em seu devido *lugar*, papai? Eles estão no seu devido lugar. Que lugar melhor poderia haver para um prepúcio senão na ponta de um pênis?

— *Temporariamente*, querida — seu pai continuou. — Esse é temporariamente o seu lugar. Porque Deus os colocou naquele lugar para que pudessem ser removidos de lá.

— Isso é completamente ridículo, papai — disse Frieda. — Quero dizer, perdoe-me, rabino, sem desrespeitá-lo e tudo mais, porém, falando sério, quando se pensa a respeito, qual é o objetivo de tudo isso?

— Só porque não existe uma razão óbvia para fazer algo não significa necessariamente que não se deva fazê-lo — o rabino respondeu, tendo aceitado alegremente a aguardente que Wolfgang empurrou para ele.

— Exatamente! Está vendo? — Herr Tauber disse de modo triunfal, aproveitando a observação como se o rabino tivesse compartilhado uma grandiosa e evidente sabedoria. — Não há nada como a tradição, Frieda, e nós a rejeitamos por nossa conta e risco. Se você remover todos os tijolos do alicerce de uma casa, essa casa certamente irá desabar.

Wolfgang apanhou seus bebês em um abraço de urso e os assentou um em cada joelho.

— Ouviram isso, meninos? — disse ele. — Seus pintos estão segurando uma casa.

— *Cale a boca*, Wolf — Frieda silvou, mas ela não pôde deixar de sorrir também.

— Ah, qual é, sogrinho? — Wolfgang continuou. — Fale a verdade, por que se importa? Você não é religioso. Aliás, quando foi a última vez que você entrou em uma sinagoga?

— Nós fazemos as coisas porque temos de fazê-las — Herr Tauber disse exaltado, enquanto o rabino continuou a assentir sabiamente com a cabeça a

cada observação, aceitando ao mesmo tempo outra dose da aguardente de Wolfgang. — Assim como o companheiro grego ortodoxo com seu incenso fumegante ou o católico com sua hóstia, que ele sabe muito bem que não é um pedaço da carne de Cristo. Essas coisas são feitas. Isso é motivo suficiente. Isso conecta uma pessoa ao seu próprio passado. Honra nossos anciões e nos mantém firmes. A tradição é o que tem feito a Alemanha ser grandiosa.

Wolfgang bufou mais uma vez.

— A Alemanha não é grandiosa, Konstantin — disse Wolfgang, sabendo muito bem que seu sogro odiava quando ele o tratava pelo seu primeiro nome, preferindo ou "Herr Tauber" ou "papai". — A Alemanha é um caso perdido. A Alemanha está paralisada, falida, faminta e louca. Se a Alemanha fosse um cachorro, você meteria uma bala em sua cabeça.

Konstantin Tauber estremeceu. Embora tivesse bem mais de 40 anos em 1914, ele serviu com distinção na Grande Guerra, ganhando uma Cruz de Ferro que sempre usava em seu uniforme e em roupas de civil ao menor pretexto.

— A Alemanha *era* grandiosa — disse ele com raiva — e será grandiosa novamente, apesar de todos os seus esforços e de seus amigos de esquerda.

— Wolfgang não é um esquerdista, papai — Frieda disse —, ele só gosta de *jazz*.

— É a mesma coisa — respondeu Tauber —, e só um esquerdista negaria a seus filhos sua herança cultural.

— O quê? Interferir nos pintos deles? — Wolfgang perguntou. — Que bela herança!

— Você poderia, por favor, moderar a sua linguagem na frente da minha filha e do rabino? — Herr Tauber trovejou de volta.

— Esta é a minha casa e eu direi o que me agrada, companheiro!

— Olhem aqui! — Frieda rosnou. — Eu acabei de dar à luz dois meninos gêmeos. Não há água. Não há aquecimento. Não há luz nem qualquer alimento. Será que podemos deixar a questão dos prepúcios dos meninos para outro dia?

O rabino balançou a cabeça desapontado.

— Outro dia não é possível, Frau Stengel — disse ele —, pois este é o oitavo dia e a circuncisão não deve ser realizada em qualquer outro dia senão neste, a menos que a saúde da criança esteja em risco, como está escrito.

— A saúde deles *está* em risco — Frieda protestou. — Não há água nas torneiras.

— Por três mil anos nós o fizemos sem torneiras — o rabino Jakobovitz respondeu —, assim como o fizemos sem aquecimento a luz elétrica. Precisa ser agora ou nunca, minha querida.

— Então é nunca — Frieda disse com firmeza —, porque nós não faremos isso até que voltem a ligar a água.

— Neste caso — disse Jakobovitz, de algum modo parecendo aliviado —, já que uma mão firme não é mais necessária, talvez, Herr Stengel, você possa dar-se ao incômodo de me servir um pouco mais de schnapps?

Wolfgang olhou pesarosamente para sua garrafa meio vazia, mas a hospitalidade era uma tradição que ele respeitava.

Por fim, o rabino e Herr Tauber despediram-se e, à medida que o som de seus trôpegos passos descendo as escadas desaparecia, Frieda e Wolfgang se entreolharam. Eles sorriam, mas também estavam sérios; ambos sabiam o que o outro estava pensando.

— Talvez agora fosse o momento — Frieda disse —, talvez devêssemos ter contado.

— Eu queria dizer ao velho filho da mãe, queria mesmo — Wolfgang respondeu —, quando ele estava insistindo sobre tradição e herança, eu estava me coçando para lhe dizer que entre as tradições e heranças de seu neto estavam o catolicismo e o comunismo.

— Na verdade, estou feliz por não tê-lo feito — disse Frieda.

— Eu não consegui encontrar o momento certo.

— Eu sei. É difícil. Acho que já deixamos passar da hora.

Wolfgang e Frieda nunca quiseram que a adoção fosse um segredo. Tinham total intenção de contar a todos imediatamente, tanto para os amigos quanto para os parentes. Não tinham vergonha, estavam orgulhosos, orgulhosos do que haviam feito e orgulhosos de seu filho. De ambos os filhos.

Porém, de alguma forma, eles haviam deixado o momento passar.

— Por que alguém deveria se preocupar com isso, afinal? — Frieda disse. — Não é um problema para nós, nem sequer pensamos nisso.

— Não é... Eu achava que iria pensar — Wolfgang concordou —, mas não penso.

— O engraçado é que, para mim, é como se nunca tivesse realmente acontecido. É como se o pequeno embrulho que levaram embora fosse apenas uma parte do processo, que os meninos estavam só brincando um pouco, só isso. Havia dois deles, então um desapareceu por um momento e depois retornou. Três pequenas almas simplesmente tornaram-se duas.

Juntos, eles olharam para os meninos dormindo, enrolados apertados, lado a lado em um único berço.

— Não quero que jamais haja qualquer distância entre eles — continuou Frieda — ou entre eles e nós. Somos uma família e, entrando em detalhes sobre como nos tornamos uma família, é como se estivéssemos dizendo que isso é importante quando na verdade não é. Por que alguém deveria saber? Por que isso deveria interessar a alguém?

— Bem, está nos registros do hospital — disse Wolfgang.

— E, por mim, pode continuar por lá — disse Frieda. — Não diz respeito a ninguém a não ser a nós mesmos.

Uma troça e uma ordem

Berlim, 1920

O Kapp-Putsch, como veio a ser conhecido, durou menos de uma semana. Enquanto Berlim estremecia de frio e ficava na fila para obter uma gota de água gelada dos hidrantes, Kapp, o aspirante a ditador, passou cinco solitários dias a arrastar os pés pelo Palácio Presidencial, espiando a Wilhelmplatz tristemente pela janela, desejando saber como dobrar a nação à sua vontade inflexível. Acabou percebendo que não podia e, em vez disso, tomou um táxi para o aeroporto de Tempelhof e pegou um avião para a Suécia, para nunca mais voltar a ser chefe de Estado novamente.

Berlim estava eufórica e centenas de milhares de pessoas se reuniram na Unter den Linden para ver as tropas *Freikorps* de Kapp marcharem para fora do Portão de Brandemburgo através do qual haviam desfilado em triunfo menos de uma semana antes.

Frieda e Wolfgang decidiram juntar-se à celebração.

— Este é um grande dia para Berlim — Frieda disse animadamente enquanto abriam caminho em meio à multidão, empurrando o carrinho de bebê diante deles. — Não é sempre que a solidariedade entre sindicatos leva a melhor sobre um exército. Solidariedade é tudo que você precisa.

— Tudo o que eu preciso — Wolfgang respondeu, vendo uma barraca vendendo cerveja e batatas fritas — é de uma bebida. Isto é uma festa, afinal de contas.

Havia de fato uma atmosfera carnavalesca na multidão. Vendedores ambulantes estavam a pleno vapor e havia inúmeros músicos de rua se apresentando para faturar uns pfenige.[5] Porém, quando o exército em retirada pôde ser ouvido se aproximando, o humor da multidão começou a mudar, tornando-se sombrio e irritável enquanto a Charlottenburger Chaussee e a Unter den Linden trepidavam com o áspero som de milhares de botas militares marchando em mortal uníssono sobre as lajes de pedra.

— Merda — Wolfgang sussurrou nervosamente —, esta deve ser a primeira vez que soldados alemães desfilam através do Portão de Brandenburgo em completo silêncio.

— Estes não são soldados — Frieda respondeu —, são apenas bandidos loucos.

— Bem, eu não gosto disso — Wolfgang murmurou nervosamente. — É estranho.

— Agora é tarde demais — Frieda observou.

Então eles ficaram parados ali com o carrinho de bebê enquanto as odiadas fileiras passavam por eles marchando em direção às grandes colunas de pedra do famoso portão de *Frederico Guilherme*. Homens com um visual esfarrapado e semblantes raivosos e amargos. Ainda soldados, apesar do que Frieda dissera, em velhos uniformes do exército e capacetes de aço apelidados de "balde de carvão".

— O que é aquela cruz torta esquisita — Wolfgang sussurrou —, pintada em alguns dos capacetes?

— Eu não sei — disse Frieda. — Na verdade, acho que é um símbolo indiano.

— *Indiano*? — Apesar da estranha solenidade da ocasião, Wolfgang quase riu.

— Sim, budista ou hindu. Não tenho certeza. Acho que se chama suástica.

— *Budista*? — Wolfgang observou incrédulo. — Isso é simplesmente muito estranho.

O silêncio parecia se aprofundar agora. De certo modo, era quase tão alto quanto as botas em marcha.

Frieda mais tarde comentou que achara aquilo bonito. Que o desprezo silencioso de uma grande cidade falara mais alto do que qualquer gritaria ou quaisquer apupos. Wolfgang discordou. Achou aterrorizante desde o início. Que as pessoas haviam permanecido em silêncio só por medo. Medo do que aqueles homens que marchavam eram capazes de fazer. Do que poderia acontecer.

E que aconteceu.

O grupo de soldados enfileirados já havia quase passado quando tudo começou. A vanguarda das tropas já estava praticamente na ponte sobre o rio Spree e mesmo assim a massa taciturna de pessoas conservava-se em silêncio enquanto as tropas empertigadas mantinham a sua ordem. Os dois lados permaneciam separados. Seguia a estranha trégua.

Entretanto, perto de onde Wolfgang e Frieda estavam com seu carrinho de bebê diante deles, um menino gritou.

Sua voz estridente e meio falha fez-se ouvir claramente, apesar do barulho sincronizado das botas, que ressoava e ecoava. Talvez, se o menino não fosse tão jovem e sua voz fosse menos aguda, ela nunca teria sido ouvida, perdida entre o ruído ritmado.

No entanto o menino não tinha mais do que 12 ou 13 anos.

— Caiam fora, seus desmiolados bastardos — ele gritou. — Vlad Lenin para chanceler alemão!

Imediatamente, dois dos soldados romperam as fileiras e o arrancaram da multidão. Uma mulher gritou e os espectadores congelaram instantaneamente em choque quando os *Freikorps* derrubaram o menino no chão com coronhadas, sendo que seus dentes saltaram da boca logo no primeiro golpe. Então homens e mulheres se adiantaram na tentativa de salvar o menino moribundo, cercaram os dois soldados e agarraram seus rifles, se defendendo dos golpes.

— Oh, meu Deus! — Wolfgang gritou. — Tire os bebês do carrinho, segure-os no alto, rápido, acima de sua cabeça. Rápido!

Nesse instante, a multidão silenciosa ao redor deles tornou-se uma massa enfurecida. As pessoas que estavam atrás avançaram, enquanto alguns da frente recuaram. Imediatamente, o carrinho tombou retorcido e pisoteado, no exato momento em que Frieda e Wolfgang haviam conseguido resgatar seus bebês.

— Para trás! Para trás! — Wolfgang berrava. — Pelo amor de Deus, não perca o equilíbrio.

Aterrorizados, cada um segurando um bebê acima da cabeça, eles se esforçavam para se afastar da confusão, lutando contra a multidão, encarando os rostos contorcidos de cidadãos indignados que estavam tentando forçar seu caminho na direção contrária.

— Deixem-nos passar! Temos bebês — Frieda gritava.

Alguns, imediatamente à sua frente, tentavam dar-lhes passagem, mas os que estavam por trás deles continuavam empurrando, imaginando naquele momento frenético que, por serem muitos, poderiam enfrentar os soldados bem treinados. Os terríveis minutos que se seguiram serviram para ensinar-lhes quão errados estavam.

Uma voz rouca gritou. Uma ordem foi dada e um clarim soou. Instantaneamente, e como um só homem, as tropas cessaram a marcha e com outra manobra executada de maneira impecável deram um quarto de volta para enfrentar a multidão fervilhante. Em seguida, mais um grito, outro toque de clarim, e com um movimento coordenado e ágil as fileiras cinzentas levaram os rifles ao ombro.

Neste ponto, o pesadelo poderia ter terminado. A multidão já estava contida. Diante de tantos canos levantados como um só e ouvindo o sinistro som duplo do engatilhar dos rifles em perfeita harmonia, os civis desarmados detiveram-se a meio caminho e começaram a recuar. Aquele instante poderia ter sido o ponto final para tudo aquilo. O menino que se atrevera a insultar os poderosos *Freikorps* já estava morto e os seus pretensos vingadores haviam sido devidamente controlados.

Porém aquela era a Alemanha. Aquela era Berlim em 1920 e, uma vez libertado, o gênio da violência *nunca mais* voltou para sua garrafa, não importava o quão brevemente a rolha havia sido retirada.

— Fogo! — a voz gritou.

Nenhum toque de clarim foi necessário desta vez, e uma descarga de tiros seguiu instantaneamente a voz, enviando uma rajada de balas em direção ao peito e ao rosto dos cidadãos atônitos.

Enquanto as pessoas caíam moribundas na calçada, o duplo clique dos rifles soou novamente, mas, desta vez, o seu ritmo perfeitamente coordenado não foi ouvido, abafado pelos gritos.

— Fogo! — a voz gritou de novo e uma segunda rodada de balas rasgou as pessoas, pelas costas agora, pois a multidão já havia debandado.

Não houve uma terceira rodada. A voz anônima poupou as pessoas indefesas disso, porém centenas já haviam sido mortas e outras mais estavam morrendo no pânico cego da fuga.

A família Stengel estava a apenas alguns passos à frente daquele pânico, emergindo já da multidão, quando os primeiros tiros foram disparados. O

pensamento rápido de Wolfgang certamente havia salvado as vidas de Paulus e Otto e, possivelmente, a sua e a de Frieda também, mas eles não pararam de correr por quase dois quilômetros, sem nunca pararem uma só vez para olhar para trás.

No Portão de Brandemburgo, as tropas foram deixadas a sós com suas vítimas. A voz gritou mais uma vez, os *Freikorps* retomaram a formação e marcharam para fora da cidade.

Na manhã seguinte, o governo brevemente deposto voltou ao gabinete e a água foi religada.

Uma proposta

Londres, 1956

Stone engoliu em seco duas vezes antes de responder.

Mal havia começado a se acostumar com a certeza de que Dagmar estava viva depois de tantos anos de especulação, e agora aquilo.

— Uma espiã? Minha cunhada é uma espiã? Eu acho isso — ele lutou para encontrar a palavra certa e falhou — muito estranho.

— Bem, não necessariamente uma espiã — admitiu o homenzinho rechonchudo que Stone começara a imaginar que fosse Peter Lorre. — Vamos tentar conseguir um pouco de chá fresco?

— Não me interessa a merda do chá! — Stone rosnou; o palavrão soando um tanto estranho e forçado em seu sotaque meio "estrangeiro". — O que você quer dizer com não necessariamente uma espiã? Ela é ou não é?

— Vamos colocar da seguinte maneira: ela definitivamente trabalha para a polícia secreta da Alemanha Oriental — Lorre respondeu —, isso nós sabemos. Sua cunhada é uma garota da Stasi.

A Stasi. A simples palavra fez todos os pelos de seu corpo se eriçarem. Todas as organizações da polícia alemã deixavam Stone aterrorizado e assim seria até o dia de sua morte. Mesmo os inocentes e sorridentes jovens alemães ocidentais vestidos de verde pastel e cáqui, com seus cabelos desarrumados e suas insígnias deliberadamente não militares eram difíceis de suportar, para ele. Contudo a Stasi era uma nova Gestapo. Trabalhando no Ministério das Relações Exteriores, Stone sabia o suficiente sobre as atividades daquele órgão para se sentir fisicamente doente com a simples menção de seu nome.

Era seu velho inimigo renascido.

Stasi. Até a palavra soava como nazi.

— Você está enganado — Stone respondeu. — Tem de estar. Simplesmente não posso acreditar que a mulher que eu conheci é um membro... dessa organização.

— Oh, ela é um deles, sim. Não há dúvida quanto a isso — quem respondeu foi o outro homem, falando pela primeira vez desde que a entrevista começara. Aquele que Stone havia classificado em sua mente como Humphrey Bogart. Só que Humphrey Bogart nunca havia falado com um sotaque de Yorkshire.

— Dagmar Stengel, nascida Fischer, trabalha para a Stasi — Bogart continuou —, é por isso que estamos interessados no fato de ela ter feito contato com você. *Por que* acha que ela quis fazer contato com você, senhor Stone?

Era um sotaque tão suave, com as suas vogais amigáveis e anglicidade atemporal, como J. B. Priestley no rádio durante a guerra. Entretanto, para Stone, parecia não haver nada de suave ou amigável na intenção do que o homem estava dizendo.

— Ela é minha cunhada — disse ele.

Bogart apenas sorriu, deixando que Peter Lorre respondesse.

— Sim. Sua cunhada — disse ele, espanando as migalhas de biscoito de sua gravata —, e tamanha era a sua afeição familiar que demorou dezessete anos para entrar em contato. E, então, por força desse único contato, um contato que você não poderia sequer ter certeza de que foi genuíno, você começou imediatamente a planejar uma viagem para Berlim Oriental, uma viagem que, em sua posição, você deveria saber que causaria preocupação dentro de certos departamentos.

— Na minha posição?

— Ora, vamos, Stone! — Lorre rosnou. — Você trabalha no Ministério das Relações Exteriores. No Departamento *Alemão* do Ministério das Relações Exteriores.

Stone ficou quieto. Ele podia compreendê-los, é claro.

— Só nos parece que... — a voz de Yorkshire disse, em tom calmo e baixo — que é um pouco imprudente para um funcionário de médio escalão do Ministério das Relações Exteriores Britânico ficar tão ansioso para fazer contato com um membro da Stasi, sendo cunhada ou não.

— Só que eu não sabia que ela era membro da Stasi! E devo dizer que estou surpreso por você achar que Dagmar é... ela não era nem remotamente politizada quando garota.

— Se você mora na Alemanha Oriental, ou você é um comunista ou está fingindo ser um comunista — disse Peter Lorre. — Não creio que as autoridades se importem com quem é quem. Além disso, o Exército Vermelho a libertou. Uma garota ficaria muito grata, eu imagino.

— Pelo que eu sei sobre o que o Exército Vermelho fez em sua marcha para o Ocidente, em 1945, pouquíssimas mulheres alemãs teriam motivo para serem gratas a eles.

— Mas sua cunhada era judia.

— E os soviéticos sempre adoraram um judeu, não é mesmo? — Stone respondeu com um amargo sarcasmo. — Você sabe tão bem quanto eu qual era a postura da NKVD em relação aos judeus. Aqueles lobos do Kremlin não eram muito melhores do que os nazistas.

— O que nos leva à conclusão... — Bogart disse com um sorriso.

— Há uma conclusão? Quero dizer, além de praticamente me acusarem de planejar traição?

— Sim. Há uma conclusão. Sua cunhada não é uma escolha óbvia para a Stasi, nem de longe, por causa de seu antissemitismo endêmico.

— É por isso que... — Stone começou a protestar.

— Porém, ainda assim, Dagmar Stengel definitivamente é uma de suas agentes — Peter Lorre interrompeu, antecipando a objeção de Stone —, não há

dúvida quanto a isso. Absolutamente. Nós a investigamos no momento em que ela lhe escreveu.

Um pensamento terrível, mas *era* possível. A adolescente que Stone conhecera podia não ser politizada, mas ela se mostrara inteligente, durona e automotivada. Dagmar era uma sobrevivente, e quem poderia imaginar os horrores pelos quais passara nos anos que haviam transcorrido desde a última vez que se encontraram? Que compromissos ela teria assumido? Quanto ela teria mudado?

— Uma judia trabalhando para a Stasi nos sugere uma pessoa que trabalharia para qualquer um — a figura de Bogart observou, retomando seu tom de voz mais calmo, quase desinteressado —, e nos perguntamos, já que você está fazendo isso, se você gostaria de tentar convencê-la a trabalhar para nós.

O homem sorriu ao dizer isso. Como se estivesse pedindo a Stone para entregar um pequeno presente ou devolver um livro.

Jovem modelo

Berlim, 1921

— Quer dizer que você vai ter que tirar a roupa? — Wolfgang quis saber. — Na frente daquele bastardo?

— Se Herr Karlsruhen exigir, o que eu imagino que vá... — Frieda respondeu com um movimento coquete de seus cabelos escuros e fartos, recentemente cortados. — Eu não imagino ninfas usando uma enorme quantidade de roupas, você imagina?

Wolfgang estava trocando a fralda de Paulus sobre a mesa da cozinha, segurando os pés do bebê no ar, tentando limpá-lo, e por um momento quase pareceu que ele poderia balançar o bebê em protesto.

— Bem, eu não quero que você faça isso — disse ele. — Na verdade, eu... Eu a *proíbo* de fazer isso.

Frieda soltou uma alta e divertida gargalhada em resposta àquela tentativa condenatória de Wolfgang de exercer sua autoridade marital que foi abafada por Paulus, que no mesmo instante deu um gritinho agudo, informando claramente que seu traseiro tinha sido limpo por tempo demais e que já era hora de o pai baixar suas pernas.

Inevitavelmente, o choro de Paulus contagiou Otto, tendo os dois bebês há muito aprendido que poderiam criar mais caos se trabalhassem em equipe.

— Agora, olhe o que você fez — Frieda repreendeu o marido.

— O que eu fiz? — indignou-se Wolfgang. — Ele provavelmente está chorando porque sua mãe quer ser uma *stripper*!

— Modelo, Wolf!

— Modelo de nu, Frieda.

Wolfgang terminou de trocar a fralda de Paulus e praticamente jogou-o de volta ao berço ao lado de Otto, onde a choradeira subiu de tom, obrigando Frieda a perder dez minutos balançando os meninos e cantando "*Hoppe Hoppe Reiter*" para eles. Isso sempre funcionava, era a canção favorita deles, especialmente o trecho sobre o pobre cavaleiro caído sendo comido pelos corvos, que os meninos pareciam entender ser bem legal, apesar de ainda não serem capazes de falar.

— Olhe, posar nua é um trabalho fácil, Wolf — Frieda disse, quando finalmente os bebês se acalmaram —, e o dinheiro viria bem a calhar.

— Nós não precisamos de muito!

— Não precisamos, é? — em resposta à própria pergunta, Frieda atravessou decidida a minúscula cozinha e abriu as portas do pequeno armário de parede

que chamavam de despensa. Nele, além de algumas especiarias e condimentos variados, havia um pequeno pedaço de queijo, poucos centímetros de salsicha, um punhado de cenouras, cinco batatas de tamanho decente e metade de um pão preto. Além disso, havia uma garrafa de leite dentro de uma bacia de água no peitoril da janela e em cima da pia um pote de pó de café e um pouco de açúcar.

— É isso, Wolf — Frieda disse com raiva. — Nossos mantimentos, tudo que temos até você encontrar outra banda para tocar ou teremos de pedir para os meus pais *de novo*. Sou uma estudante, você está tecnicamente desempregado e temos bebês para alimentar! Precisamos de dinheiro, e se esse homem tolo quer me dar um pouco para ficar arrepiada de frio por um par de horas, vou agarrar esse dinheiro com ambas as mãos.

— Ele gostaria de agarrar *você* com ambas as mãos, se quer saber o que eu acho.

— Ele é um *artista*, Wolf. É rico. E paga muito acima da média.

— Não precisamos do dinheiro dele. A gente sobrevive — Wolfgang fechou a cara. — Não estamos passando fome.

— *Ainda*, Wolf. *Ainda* não estamos passando fome. E que tipo de ambição é essa, a propósito? *Não estamos passando fome*. Bom saber que você tem metas tão elevadas. Pessoalmente, gostaria de viver um pouco melhor do que simplesmente não passar fome *pra valer*. Gostaria de ter uns bolos gostosos no fim de semana e leite extra para as crianças, e se tirar a roupa três noites por semana pode me dar isso, então, por mim, todos os escultores em Berlim podem imortalizar minha bunda em mármore.

Wolfgang fez uma careta, mas não respondeu.

Um rato correu pelo linóleo. Ele atirou um sapato nele, furioso.

O gesto inútil não atingiu o rato, mas o estrondo assustou Otto, que começou a chorar novamente. Irritado, Paulus esticou o braço e acabou arranhando o rosto de Otto com as unhas grandes que Frieda havia prometido a si mesma que cortaria naquela noite. Otto abriu o berreiro e, é claro, de acordo com as regras tácitas dos irmãos, Paulus o acompanhou.

A paz foi finalmente restaurada, mas só depois que Frieda se viu forçada a oferecer os seios aos meninos, coisa que a fez se odiar por completo. Ela estava tentando seriamente desmamá-los, num esforço para trazer um pouco de ordem à sua vida cada vez mais caótica, após uma dublê de enfermeira e assistente social ter dito a ela que prosseguir com o aleitamento materno após os primeiros nove meses era o caminho para a anarquia e a fonte de todo o mal.

Quando Wolfgang quebrou o zangado silêncio que se seguiu, para espanto de Frieda, em vez de se mostrar arrependido, ele ainda estava reclamando de seu novo trabalho.

— Eu não me importava muito quando isso era na Escola de Belas Artes — disse ele. — Era uma coisa legítima.

— Oh. Então, tudo bem se *cinquenta* pessoas me veem nua, mas um só não? É isso? Ai! Droga!

Frieda havia gritado de dor. Os novos dentinhos dos bebês eram mais um motivo para ela querer desmamá-los o mais rápido possível.

— Sim, é isso mesmo! — exclamou Wolfgang. — Você vai ficar sozinha com esse velho safado cheio de tesão em seu maldito estúdio.

— Ganhando cinco vezes mais do que a faculdade paga.

— E para *quê*? O que ele espera obter em troca? Isso é o que eu quero saber.

— Ele espera peitos e bunda, Wolf! — Frieda silvou, tentando gritar e manter a voz baixa ao mesmo tempo. — O que por acaso eu tenho em abundância, já que a gravidez dos gêmeos me deu dez quilos a mais, os quais, apesar do fato de eu comer apenas *uma migalha de pão por dia*, não pareço ser capaz de perder!

— Mas por que *seus* peitos e *sua* bunda? Isso é o que eu gostaria de saber — perguntou Wolfgang, ainda não preparado para ceder. — O que ele vê em você?

— Ora, muito obrigada!

— Eu acho que ele está a fim de você.

— Eu acabei de dizer, Wolf, ele é um *artista*, ele precisa de modelos para inspirá-lo e diz que sem carne e sem manteiga na cidade todas as suas meninas habituais perderam o viço. Eu, por outro lado, aparentemente conservo o meu.

— Viço? É assim que ele chama? *Viço*? Porco imundo.

Mas Wolfgang não podia deixar de admitir para si mesmo que o escultor tinha razão.

Frieda sempre chamara a atenção, com um alegre rostinho de menina, olhos grandes, nariz pequeno e arrebitado e cabelos ruivos muito brilhantes. Tinha uma constituição física delgada, uma aparência atlética "moderna", mas com um busto generoso, e, embora com certeza houvesse adquirido curvas extras nos quadris durante a gravidez, não deixava de ser bela por isso.

— Bem, independentemente de qualquer outra coisa — disse Wolfgang, mudando o rumo —, o homem é um artista simplesmente *horrível*.

— Ele é um realista vitoriano.

— Acho que foi isso o que eu disse. Quero dizer, francamente... Qual é o sentido do realismo? A câmera fotográfica foi inventada. Tire uma maldita foto! Ela faz o trabalho *melhor* e em velocidades de obturador de um centésimo de segundo.

— Muita gente aprecia o realismo.

— Muita gente é idiota.

Frieda colocou os bebês para deitar e pôs uma panela no fogão para ferver um pouco de água. — Eu não vou continuar essa conversa ridícula.

— E eu vou lhe dizer outra coisa — disse Wolfgang.

— Não vou ouvir.

— Karlsruhen é um completo reacionário. Li uma entrevista com ele. Ele apoia a *Stahlhelm*,[6] pelo amor de Deus!

— O quê? Então ele poderia ver meus seios se fosse um comunista?

— Bem, não, talvez não — Wolfgang admitiu. — Mas, certamente, se ele fosse um expressionista ou surrealista!

— Você está sendo um total idiota, Wolf.

— Oh, eu sou o único que está sendo idiota, sou? Então me diga uma coisa. Será que o seu precioso Karlsruhen irá fazer você segurar uma lança e usar um

capacete alado?

Frieda fez uma pausa. Ele a pegara. Ela não pôde deixar de sorrir, parecia um pouco absurdo uma garota judia fingindo ser o espírito da *völkisches Deutschland*,[7] enquanto torcia para que os mamilos não começassem a escorrer.

— Bem... sim — ela reconheceu —, ele mencionou lanças e capacetes. Eu admito isso.

— Um *capacete alado*.

— Algumas vezes, em princípio. Se estivermos representando uma Donzela do Reno.

Agora, o vestígio de um sorriso apareceu nos cantos da boca de Wolfgang também.

— Você vai ficar parada lá, completamente nua, exceto por um *capacete alado*?

— Eu acho que acabei de lhe dizer isso.

— Mas as Donzelas do Reno não seriam ninfas?

— Neste caso, ninfas com capacetes.

— O que não é muito a cara de uma ninfa.

— Isso é com Herr Karlsruhen. Olhe, Wolf, seja realista — Frieda disse, tentando fazer as pazes —, se ele acha que eu pareço com o espírito de feminilidade alemão, então, melhor para nós. Eu já lhe disse, é ele quem paga mais por hora e tudo o que tenho de fazer é ficar parada e ouvir Wagner.

— Ele *deveria* mesmo pagar mais por fazê-la ouvir essa porcaria.

— Eu não me importo de ter de ouvir um pouco de Wagner.

— Ele era um louco antissemita.

— O que isso tem a ver com a música dele?

— Eu só estou dizendo que ele era como homem a mesma merda que era como compositor.

— Não podemos todos ser artistas legais do *jazz*, Wolf. Alguém tem de escrever uma música de vez em quando. Você está sendo muito bobo.

— Como eu disse anteriormente, não sou eu que estou pensando em ficar nu com um capacete! Pense só nisso. Você nua. Mas com um capacete. Isso desafia a lógica, ou será que as pessoas só eram atingidas na cabeça em Asgard?

— Agora, quem está interessado em realismo?

Frieda voltou sua atenção para um monte de fraldas que estavam de molho em um balde.

— Esse homem vive na cidade mais fervilhante e louca da Europa. Todo estúdio tem um gênio selvagem quebrando todas as regras formais. E esse idiota quer perpetuar o *Ciclo do Anel*[8] em pedra.

Frieda pescou do balde uma toalha felpuda ensopada e começou a passá-la pelo espremedor de roupas.

— Você está sendo patético, hipócrita e, de fato, totalmente reacionário, em uma espécie de caminho inverso — disse ela —, o que, francamente, não é atraente.

— Continue torcendo as roupas — Wolfgang respondeu. — Karlsruhen vai amar seus músculos. Se tiver sorte, ele pode até mesmo promovê-la a

Brünnhilde.

— Pode haver mais de um estilo de arte, sabia? — Frieda disse rangendo os dentes enquanto girava a dura alavanca. — Nem todo mundo quer olhar para pinturas de bebês espetados em baionetas e soldados amputados como as coisas de que você gosta. Não podemos todos ser George Grosz e Otto Dix.

— Totalmente geniais, ambos. *Jazz* sobre telas. Pessoas como Karlsruhen e a boçal *Stahlhelm* que ele apoia ficam com essa conversa de tornar a Alemanha grandiosa novamente. A Alemanha já é grandiosa. Tem coisas acontecendo aqui em Berlim, a poucas centenas de metros de onde estamos sentados, que nem sequer começaram a ser *sonhadas* em Paris ou em Nova York.

— Por acaso você tem noção do que está falando? — Frieda disse, enquanto a água das fraldas caía em cascata na bandeja do espremedor de roupas. — Você na verdade é mais chauvinista do que os Capacetes de Aço com o seu "temos melhor arte na Alemanha do que os malditos estrangeiros"; mesmo a vanguarda é nacionalista. Isso é patético.

O tom de Wolfgang mostrou que, a despeito de si mesmo, ele podia entender o ponto de vista dela. — Eu só estou dizendo que pela primeira vez temos algo acontecendo aqui de que podemos nos orgulhar.

— Então, você se sentiria melhor se eu estivesse posando para alguém que me pintasse com peitos quadrados e três nádegas? Aí estaria tudo bem, é isso?

— Seria muito melhor.

Frieda não disse nada, mas girou a alavanca do espremedor com uma força feroz.

Donzela do Reno

Berlim, 1922

Apesar dos protestos de Wolfgang, Frieda aceitou o trabalho de modelo e posou para Herr Karlsruhen durante 1921 e no ano seguinte. Foi quando estava a caminho do estúdio do escultor, no verão de 1922, que ela ouviu a horrível notícia de que o ministro das Relações Exteriores da Alemanha havia sido baleado e morto, quando se dirigia para o trabalho, por uma gangue adolescente orientada por reacionários antissemitas. Um menino que entregava jornais anunciava uma edição especial do *Berliner Tageblatt*. — Walther Rathenau morto! — o menino gritava. — Baleado em seu carro.

Frieda sentiu-se mal do estômago. Justo quando as coisas estavam melhorando um pouco, o principal estadista da república foi assassinado. Aquela velha loucura alemã tinha mostrado suas garras de ferro outra vez.

Ela desceu do bonde na movimentada Müllerstrasse e enveredou por uma rua lateral que outrora era ocupada por pequenas empresas e armazéns, mas que agora era principalmente residencial. A rua ficava na divisa do bairro operário de Wedding, muito frequentado por artistas por sua autenticidade crua e pelo ar um tanto boêmio. Karlsruhen alugara um estúdio próximo o suficiente para ganhar um pouco do prestígio da reputação do bairro, mas não tão perto a ponto de ficar totalmente imerso em uma área perigosamente de esquerda que era conhecida em toda a cidade como Wedding Vermelho.

A zeladora do prédio de Karlsruhen lançou a Frieda seu habitual olhar suspeitoso ao deixá-la entrar, obviamente com a impressão de que modelos nuas deviam ser prostitutas. Frieda devolveu o olhar da mulher com desdém orgulhoso, antes de subir as escadas para o sótão, onde Karlsruhen montara seu ateliê. A porta estava entreaberta e ela podia ouvi-lo cantando junto com uma gravação gramofônica de *O Crepúsculo dos Deuses*. Ele sempre ouvia música enquanto trabalhava, mas normalmente não cantava. Frieda se perguntou se ele poderia estar um pouco bêbado. Karlsruhen adorava tomar suas cervejas e schnapps.

Ela bateu com firmeza, fazendo com que a porta se escancarasse com a força de seu punho. Ela sabia que Karlsruhen a reprovaria por isso. Ele já a repreendera por "bater na porta como um estivador", advertindo-a que fosse mais "suave e reservada", como convinha a uma mulher. Isso, obviamente, fez Frieda bater ainda mais alto da vez seguinte, e desde então ela sempre se certificava de caprichar na força da batida toda vez que o visitava. Tais

demonstrações de personalidade, no entanto, pareciam apenas aumentar a atração de Karlsruhen por ela. Ele só fazia rir com indulgência boba, como se ela fosse uma garota levada e ele, o pai sofredor.

Tudo isso deixava Frieda bastante desconfortável, mas ela precisava se preparar para os exames finais e posar nua era a maneira mais fácil de ganhar dinheiro em Berlim. Ela sabia que muitas garotas seriam capazes de matar para terem a mesma sorte.

Nos últimos tempos, era verdade, o comportamento de Karlsruhen começara a ficar um pouco mais ousado. Passara a chamá-la de "gatinha atrevida" ou de "brotinho", o que a fazia se contorcer. Wolfgang havia dito que ela deveria exigir um aumento salarial. Em vez disso, ela encontrara forças lembrando-se de que, assim que se tornasse médica, ela nunca mais teria de ver o velho bobo novamente.

— Entre — respondeu de dentro a voz familiar e presunçosa. — Adiante-se, doce criança, e apresente-se.

Karlsruhen nunca havia servido no exército, mas gostava de afetar um ar ligeiramente militar.

Estava sozinho, é claro, como Frieda tinha certeza de que estaria. Antes, sempre havia um ou dois rapazes mexendo com gesso e ferramentas em cantos distantes do estúdio, "alunos" de Karlsruhen, como ele os chamava. Ele dava grande importância ao fato de ter "alunos" (embora aos olhos de Frieda eles parecessem mais assistentes pagos), imaginando-se o próprio Michelangelo. Recentemente, no entanto, Karlsruhen passara sempre a enviar os tais alunos às compras de suprimentos ou em alguma outra missão quando chegava a hora das sessões de Frieda.

Frieda adentrou o enorme espaço, que tomava todo o comprimento e a largura do edifício. Durante o dia, o estúdio era inundado com uma bela luz natural que brilhava através das claraboias mesmo em dias nublados. Porém a noite estava caindo e Karlsruhen tinha acendido as insuficientes lâmpadas de quarenta watts que pendiam dos beirais do teto e projetavam sombras sinistras por entre as silenciosas figuras de gesso espalhadas pelo aposento.

No outro extremo do estúdio, uma lâmpada de mesa sobre um pedestal apontava seu bulbo para o lugar onde Frieda posaria, como um holofote teatral.

O grande homem estava de pé em seu lugar habitual, vestindo seu costumeiro avental branco e uma boina, embora Frieda não achasse que ele estivesse trabalhando muito, já que segurava uma garrafa de schnapps na mão.

Karlsruhen trabalhava principalmente com argila, produzindo figuras sutilmente eróticas a partir das quais eram feitos moldes e várias réplicas de gesso para serem vendidas em mercados. Entretanto ele também tinha pretensões maiores e, às vezes, trabalhava em bronze e, ocasionalmente, até mesmo em mármore, apesar de tais materiais não estarem, claro, facilmente disponíveis.

A figura vestida de branco assistiu em silêncio enquanto Frieda atravessava a sala, seus sapatos estalando no assoalho nu empoeirado. Passando por figuras heroicas inacabadas e tímidas ninfas, escadotes redondos e sacos de gesso em pó, por pincéis e paletas, mesas de cavalete carregadas de espátulas, cinzéis, lápis e

papel. Talvez vinte metros ao todo, com os olhos de Karlsruhen sobre ela a cada passo ao longo do caminho, antes de, finalmente, chegar ao pequeno biombo no canto, ao qual Karlsruhen se referia como seu vestiário.

Frieda ria interiormente por ele insistir naquela ridícula "cortesia". Afinal, não havia "vestir", apenas despir, o que ela fazia o mais rapidamente possível, porque o tempo da sessão só começava a contar depois que ela se punha nua e em posição. Seria mais simples despir-se ao lado de seu pódio. Frieda comentara sobre isso, mas Karlsruhen insistiu que havia uma maneira correta de fazer as coisas e ela devia despir-se reservadamente, como a modéstia feminina exigia. Nos últimos tempos, Frieda vinha notando que seu biombo encontrava-se cada vez mais distante do pódio. Estava claro que Karlsruhen gostava de assisti-la atravessar nua todo o estúdio — mais divertido, sem dúvida, do que olhá-la de soslaio em sua imobilidade congelada.

— Boa noite, Fräulein — Karlsruhen disse. — Que alegria é vê-la! O sol se pôs, mas a luz dele ainda brilha em seu sorriso.

— Não estou sorrindo hoje, Herr Karlsruhen. Você soube? Atiraram em Walther Rathenau. — Ela realmente não tinha intenção de mencionar aquilo, sempre tentara evitar a troca de pontos de vista com Karlsruhen sobre qualquer assunto, mas era melhor do que aturar-lhe os cumprimentos melosos e indesejados.

— Sim, eu soube — Karlsruhen comentou com desdém. — Mas não pense nisso como perder um ministro das Relações Exteriores, e sim como se livrar de um judeu!

Ele riu como se tivesse feito uma excelente piada.

Frieda não respondeu. Estava acostumada ao antissemitismo casual. Presumia-se geralmente que ela própria não era judia e, por isso, ouvia coisas assim o tempo todo. Era tão comum em Berlim como observações sobre o clima. Não era grande coisa, e se ela resolvesse passar seus dias confrontando tais observações, não teria tempo para mais nada.

— Não posso reivindicar o crédito pela piada — Karlsruhen continuou —, um amigo me telefonou contando-a. Ele a ouviu no Tiergarten, momentos depois do assassinato. As pessoas são tão inteligentes, não é?

— Talvez devêssemos começar — disse Frieda.

— Sim! Agora mesmo, minha pequena. Não vamos nos debruçar sobre o terrível presente da Alemanha, mas caminhar juntos para o passado mítico! Embora eu receie que o meu pobre talento não possa esperar igualar a beleza com a qual você enfeita meu estúdio, e o barro frio ou o bronze e nem mesmo o mármore jamais poderiam aspirar a capturar os tons cálidos e sutis de sua pálida, macia e delicada pele.

Em outra noite, Frieda poderia ter tentado forçar um sorriso diante dos elogios assustadores do homem, mesmo que apenas para cobrir seu nojo e embaraço por eles, mas, desta vez, ela permaneceu impassível enquanto desaparecia atrás do biombo para se despir. Havia algo um pouco diferente na atmosfera. Karlsruhen estava mais confiante do que o habitual, mais cheio de si mesmo. Claramente, a aguardente o havia encorajado. Frieda esperava que ele não bebesse mais.

Tirou as roupas tão rápido quanto possível e saiu nua, sentindo-se inabitualmente envergonhada. Estava acostumada ao olhar cobiçoso de Karlsruhen e normalmente era quase indiferente a isso, mas, desta vez, quando percebeu que seus olhos a exploravam, sentiu-se, de repente, revoltada. Tomou seu lugar no pequeno pódio e assumiu a postura em que haviam estado trabalhando na sessão anterior, empoleirada delicadamente em um banquinho que, Karlsruhen assegurou-lhe, mais tarde seria transformado em pedra sobre a qual a fascinante Donzela do Reno iria divertir-se dentro da fúria espumosa do grande rio.

Karlsruhen acendeu o "holofote" e Frieda piscou quando se sentiu banhada em seu brilho.

— Minha querida, está um pouco frio para você? — Ela ouviu a figura sombria atrás da lâmpada perguntar. — Vejo que os pontos de seus seios estão orgulhosos. Um detalhe bonito para mim como artista, particularmente, uma vez que a minha criação mítica é para ser representada na congelante água da montanha, mas eu temo que você possa pegar um resfriado.

Frieda sentiu-se corar sob a máscara impassível. Karlsruhen começara a falar assim cada vez mais. Oferecendo elogios extravagantes e fazendo observações pessoais sobre detalhes de seu corpo. Tornando-se cada vez menos cuidadoso em esconder o seu óbvio desejo sob a pretensão de profissionalismo.

Graças a Deus, ela estaria livre daquilo em breve. E, nesse meio-tempo, bastaria bloqueá-lo. Afinal, não eram todos os artistas secretamente apaixonados por suas modelos?

— Seu cabelo é um mistério, minha querida — Karlsruhen disse sem ao menos se dar ao trabalho de modelar um pouco a argila, simplesmente parado ali, olhando. — É ruivo? É castanho? Juro que, às vezes, quando a luz da minha lâmpada o pega assim, quase reflete um vermelho ardente.

Frieda percebeu que não era o cabelo que Karlsruhen estava olhando, mas não podia ter certeza, já que ele se posicionara fora de sua linha de visão e ela não estava autorizada a movimentar a cabeça.

— Como eu gostaria que você o deixasse crescer para ser a sua verdadeira coroa de glória, em vez desse ridículo e monstruoso corte de pajem com que você e suas irmãs modernas se vandalizam. Você sabe que, quando começar a trabalhar sobre a cabeça da minha Donzela do Reno, eu farei com que você use uma peruca de tranças douradas, pois uma verdadeira filha do solo alemão deixa sua cabeleira crescer até seu... *derrière*.

Havia um tom estranho em sua voz. Ele a estava rondando. Podia senti-lo fazer uma pausa atrás dela e sabia o que ele estava olhando.

Frieda programou sua mente para bloquear a conversa desconfortável do homem e a ideia de seu grande rosto suado olhando-a lascivamente por trás. Pelo menos, ela não era obrigada a responder, e, na verdade, esse era o único aspecto positivo do trabalho. Ela não era obrigada a falar absolutamente nada. Ele a pagava para permanecer imóvel, inexpressiva e muda.

Era assim que ele gostava também. Ela sabia disso. Ele gostava de seu silêncio, sua aquiescência. Sua obediência. Não era essa a maior parte de toda aquela coisa de *Kinder, Küche, Kirche* que obcecava os velhos dinossauros

völkische? Crianças, Cozinha, Igreja. Os deveres de uma boa mulher alemã. E, acima de tudo, obediência ao seu homem. Bem, era 1922 e tudo isso estava mudando, graças a Deus. Seu diploma de médica seria a prova disso. Frieda programou sua mente para considerar seus estudos. Era assim que sempre procurava passar as longas e cansativas horas posando como modelo, revisando em sua mente a leitura que tinha feito no dia anterior. Seu tema atual era a circulação do sangue, então ela dedicou-se a folhear as páginas de seu livro mental, explorando a anatomia do coração.

Estava tentando separar as artérias das veias quando sentiu aquilo. A mão de Karlsruhen em seu seio.

Ela saltou como se tivesse sido eletrocutada, tropeçou para fora do pequeno pódio sobre o qual estivera empoleirada e acabou desabando no chão, nua e ferida.

— Por favor. Por favor — disse Karlsruhen avançando. — Deixe-me ajudá-la a levantar.

— Fique longe de mim! — disse Frieda, erguendo-se atordoada. — O que você pensa que está fazendo me tocando assim? Sou uma mulher casada. Quero pegar minhas roupas.

Mas Karlsruhen estava em seu caminho, parado entre ela e o biombo, com uma expressão que era um misto de medo e desejo.

— Você tropeçou — ele protestou. — Sua perna deve ter ficado dormente.

— Isso é mentira! Você me tocou! — Frieda exclamou com fúria. — Você tocou em meu seio. Deixe-me passar.

— Fui arrumar o seu cabelo. Um movimento inadvertido. Minha mão escorregou. O que você está sugerindo, Frau Stengel? Eu é que sou o injustiçado. Você me ofende.

Frieda olhou-o duramente. Sabia o que tinha acontecido, mas ele estava negando e aquilo era o fim. De certa forma, sentia-se aliviada. Com dinheiro ou sem dinheiro, o relacionamento deles havia acabado. Nunca teria de vê-lo novamente.

— Saia do meu caminho, Herr Karlsruhen. Eu não posarei mais para você.

— Não! Não diga isso, por favor.

— Sim. É o que devo fazer. Por favor, pegue o dinheiro que você me deve, enquanto eu me visto.

Ela passou por ele, pensando que o incidente havia acabado, mas, para seu horror, ele agarrou-a por trás, abraçou-a e enterrou o rosto no cabelo dela.

— Por favor — ele murmurou. — Amo você, minha pequena. Você é tudo. Tudo para mim!

Frieda debateu-se em suas mãos, gritando mais uma vez afirmando que tinha um marido e que ele também tinha uma esposa.

— Aquela vaca! — Karlsruhen desabafou, girando Frieda, sua respiração quente sobre o rosto dela. — Ela não me entende. Você, sim! Você é tudo o que uma mulher deve ser, você é minha musa. Meu amor.

Puxou-a mais para perto, então, comprimindo seu corpo nu contra o peito. Ela podia sentir o cheiro da aguardente em seu hálito. Não era um homem jovem, mas era forte e a bebida e a luxúria o incitavam. Frieda lutou, mas não

conseguiu libertar-se. Agora ela podia sentir-lhe a mão por trás dela, agarrando-a entre as nádegas enquanto apertava a ereção contra seu ventre.

— Minha pequena Donzela do Reno — ele ofegou —, *meine kleine Woglinde, Wellgunde und Flosshilde*![9]

Então Frieda descobriu o que poderia fazer para bloquear aquela loucura.

Nua, muito menor do que seu agressor e pega de surpresa, não tinha condições de lutar com ele, mas não precisava. Tinha visto a sua fraqueza. Não era ela que o homem tinha nas mãos, ele estava manuseando uma fantasia, uma obsessão romântica deformada.

Uma única palavra deteria o seu ardor.

— Herr Karlsruhen! — ela gritou, forçando seu rosto contra o dele. — Eu não sou a sua pequena Donzela do Reno, seu idiota! Sou uma mulher adulta! Estou prestes a me tornar uma médica e, acima de tudo, eu sou JUDIA!

Houve uma pausa de, talvez, um ou dois segundos antes que seu aperto afrouxasse e ele desse um passo para trás, surpreso.

Frieda aproveitou a oportunidade e correu para trás do biombo e apanhou suas roupas.

— Você é... uma judia? — ele falou. — Você nunca me disse.

— Eu devia chamar a polícia! — Frieda gritou furiosa, puxando sua calcinha e abotoando o vestido.

— Você... você não parece judia — ela ouviu-o murmurar.

— Com o que um judeu se parece, seu cretino filho da mãe? — Frieda gritou quando saiu de trás do biombo, calçando os sapatos. — Você acha que eu deveria ter um nariz como um gancho de barco, seu velho estúpido e idiota?

— Por favor... esse tipo de linguagem. Não é apropriado para...

— *Linguagem*! Você estava tentando me estuprar!

— Não! — protestou ele. — Apenas um abraço, um beijo, eu pensei que você não se importaria. Sinto muito. Você deve ir.

— Antes, eu quero o meu dinheiro! — Frieda disse, agarrando uma grande espátula e apontando-a para a cara de Karlsruhen.

Karlsruhen enfiou a mão no bolso de seu avental e apertou um maço de notas na mão dela.

— Vá. Por favor, vá — disse ele.

Frieda largou a espátula e correu em direção à porta.

— E deixe-me dizer-lhe uma coisa, Herr Karlsruhen. A única razão para eu não contar ao meu marido o que você fez hoje é que ele o mataria. Você entendeu? Ele o mataria!

District e Circle Line

Londres, 1956

A manhã já estava pela metade quando Stone deixou a casa em Queensgate onde havia sido interrogado. Uma tropa de cavalaria do Quartel de Chelsea trotava ruidosamente subindo a rua em direção ao Hyde Park. Vestiam um uniforme cáqui, não os uniformes cerimoniais, mas, ainda assim, proporcionavam uma visão impressionante. Um eco da grandeza imperial. Stone viu-se batendo continência. Força do hábito, talvez. Você pode tirar o homem do exército, mas não o exército do homem, como dizem. Entretanto Stone gostava do exército, na verdade. Não da parte do rigor e da disciplina, mas da coragem e da camaradagem. Por um curto período, o exército britânico havia lhe proporcionado um lar.

Ele desceu em direção à estação de metrô de South Kensington. Lorre e Bogart haviam lhe orientado a ir para casa, ligar para o trabalho dizendo que estava doente e permanecer à disposição. Prometeram ajeitar as coisas com o chefe de departamento de Stone, assegurando-lhe de que ele não perderia nem o salário nem a credibilidade.

Stone não se preocupava com o salário. Seus pensamentos concentravam-se somente na chocante revelação de que Dagmar trabalhava para a Stasi.

E, na verdade, era assim tão chocante? A guerra havia mudado muito a todos eles. Se fosse para voltar no tempo e olhar para o seu próprio "eu" rebelde pré-guerra, despreocupado, maníaco por futebol, certamente não teria previsto a jornada que o menino daquela época faria. Que, ao fim de tudo, ele se veria murchando atrás de uma mesa em Whitehall, pagando sua longa e desgastante penitência por ter sobrevivido.

Dagmar mal reconheceria o homem que ele se tornara. Será que ele a reconheceria?

Stone atravessou a elegante entrada de tijolos vermelhos da estação de metrô do século XIX, recusando a oferta de comprar a primeira edição do *Standard*. Afinal, a notícia era a mesma do dia anterior. As consequências da Crise de Suez ainda ocupavam as primeiras páginas, com a humilhação contínua da Grã-Bretanha nas mãos de Eisenhower e do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, para não mencionar o próprio Nasser. O Reino Unido estava acabado, o Egito estava em ascensão e por todo o Oriente Médio os árabes exibiam o seu poder.

A música de Lonnie Donegan escapava pela janela aberta de um dos apartamentos sobranceiros à entrada da estação. Normalmente, Stone apreciava Lonnie Donegan, exceto por aquela canção idiota sobre a goma de mascar e a coluna do espaldar da cama. Ele gostava de *skiffle* em geral porque era sujo e desrespeitava a autoridade. Agora, entretanto, estava achando irritante. Estava achando irritante também a conversa das garotas à sua frente nas escadas. Bem como os anúncios da plataforma.

Ele estava tentando pensar.

Dagmar havia dito em sua carta que tinha estado em um *gulag* soviético. Infelizmente, fazia sentido. Os russos haviam aprisionado centenas de milhares de inocentes recentemente libertados após a guerra, por mais que os apologistas covardes da esquerda de Londres tentassem negar ou inventar desculpas.

Dagmar era, afinal, uma judia burguesa. Dois pontos contra ela no livro de Stalin.

Entretanto isso havia ocorrido dez anos antes. Ela não poderia ter passado todo o período intermediário em um campo soviético e agora ser da Stasi. Em algum momento, ao longo de todos aqueles anos, ela deve ter sido libertada e "reabilitada". E, ainda assim, somente agora entrara em contato. Por que havia demorado tanto tempo para tentar encontrá-lo?

E por que o fizera agora?

O trem chegou. Stone encontrou um assento e acendeu um Lucky Strike. Seu pai sempre amara cigarros americanos.

A resposta à primeira pergunta era óbvia. Dagmar *não* queria retomar o contato. A associação com pessoas do Ocidente não lhe faria bem algum. Principalmente uma pessoa como ele, um ex-alemão vivendo na Grã-Bretanha e trabalhando no Ministério das Relações Exteriores. Em sua posição, Dagmar certamente saberia dessas coisas a seu respeito e entenderia que uma associação com ele acarretaria suspeitas sobre ela. O fato de o MI6 querer que ele a contatasse em seu nome era evidência suficiente — e assustadora — disso.

Então por que ela havia se aproximado dele?

A resposta para isso era tão excitante que Stone mal ousava reconhecê-la, mesmo em seus mais profundos e íntimos pensamentos.

Ela precisava dele.

Stone segurou o cigarro entre os dentes e apanhou a carta que estava dentro de sua carteira. Foi escrita em um estilo ainda familiar a ele, embora agora mais vacilante, de certa forma mais triste, menos otimista.

> *Da última vez que o vi, caro amigo, no café na Lehrter Bahnhof, você segurou minha mão e sussurrou para que ninguém, nem mesmo seu irmão, pudesse ouvir. Você sussurrou que me amava e que sempre me amaria. Você me prometeu naquele dia que eu iria vê-lo novamente. Você vai manter sua promessa? Somos estranhos agora, é claro. Mas você virá? Talvez possamos rir juntos da felicidade meio esquecida de outro mundo e de outros tempos. Todo mundo está procurando por Moisés.*

Aquela última linha. *Todo mundo está procurando por Moisés.*

Era a mãe dele quem costumava dizer isso. No primeiro ano do pesadelo. Em 1933. As pessoas costumavam procurá-la em busca de uma saída. Ela era uma médica, afinal de contas, e os médicos tinham a resposta para tudo. Talvez até mesmo sobre como obter um visto de saída. Mas, apesar de toda a sua inteligência e compaixão, a doutora Stengel não sabia isso. Só podia sorrir e sussurrar suavemente "Todo mundo está em busca de Moisés. Esperando que ele vá levá-los para fora do Egito". Ela disse isso muitas vezes no primeiro ano, porém, depois, menos, até que parou por completo de dizer.

Bem, Dagmar tinha um novo Egito agora. E, desta vez, Moisés não falharia com ela.

Dinheiro insano

Berlim, 1923

Paulus e Otto estavam brincando juntos no espesso tapete azul inglês herdado dos pais de Wolfgang, enquanto Frieda verificava as finanças da família sentada à escrivaninha. Estivera olhando uma cédula de dinheiro em especial por alguns momentos quando, de repente, começou a enxugar os olhos com um lenço.

Os meninos pararam de brincar e olharam para ela por um instante, surpresos pelo estranho espetáculo de sua mãe em lágrimas, imaginando até aquele momento de suas vidas que o choro era prerrogativa apenas deles.

— Não chore, mamãe — Otto pediu.

— Não estou chorando, querido. É apenas um cílio no meu olho, só isso.

Frieda assoou o nariz no lenço e, em seguida, questões mais urgentes chamaram a atenção dos garotos, quando Paulus aproveitou a oportunidade para roubar o parapeito da fortaleza de blocos de madeira de Otto e adicioná-lo à sua própria. Paulus, pensativo por trás de profundos olhos escuros, já era o estrategista superior, enquanto Otto, apesar de não ser nem um pouco burro, era selvagem e impulsivo. E seu impulso naquele instante foi imediato e violento. Socou a lateral da cabeça de Paulus com seu punho gordinho e a luta que se seguiu só terminou quando Wolfgang irrompeu do quarto (onde estivera dormindo depois de chegar tarde de um *show*) e desmanchou o emaranhado de braços, pernas, punhos e pés com um jato d'água de uma pistola de brinquedo. Era um truque que ele aprendera no parque com um homem que criava cães.

— Quando eles brigam, eu jogo água neles — o homem havia dito. — Eles aprendem logo.

Wolfgang achou que o mesmo treinamento de causa e efeito poderia funcionar com as brigas sem fim de seus bebês de 3 anos.

— Eles são apenas uma dupla de pequenos animais selvagens, não são? — Wolfgang argumentou quando Frieda opôs-se que seus filhos fossem treinados como cães. — E você tem que admitir que funciona.

— Isso não funciona. Eles só acham engraçado.

— Eu prefiro o riso aos gritos.

Uma vez que os gêmeos haviam sido subjugados, Wolfgang reparou nos olhos vermelhos de Frieda.

— O que há de errado, Freddy? — perguntou ele. — Você andou chorando.

Ele sentou-se ao lado da esposa na escrivaninha, deslizando para a banqueta de piano que ela estava usando como cadeira. — Vamos lá, garota, eu sei que os

tempos são muito difíceis, mas estamos conseguindo, não é?

Frieda não respondeu. Em vez disso, entregou-lhe a nota de dez milhões de marcos que tinha recebido no dia anterior como troco por um litro de leite.

Rabiscadas na nota, com uma letra de menina ingênua, estavam as palavras desesperadas: *Por esta nota aqui, vendi minha virtude*.

Wolfgang franziu o cenho e depois deu de ombros.

— Deve ter sido há pelo menos um mês — disse ele. — Até mesmo uma garota do interior iria querer pelo menos cem milhões por sua virgindade agora.

— Eu não acreditava que a Alemanha pudesse ficar mais insana — disse Frieda, fungando.

— Eu acho que quando você perde uma guerra mundial, as coisas não voltam ao normal da noite para o dia.

— Já se passaram *cinco anos*, Wolf. Acho que ninguém na Alemanha tem mais a menor ideia do que seja normal.

Do lado de fora do apartamento, o ruído metálico do elevador anunciou sua chegada preguiçosa ao andar deles.

— Edeltraud — Frieda disse, com um sorriso resignado.

— Já não era sem tempo, maldita.

— Precisamos lhe dar um relógio.

— Precisamos lhe dar um pontapé no traseiro.

Edeltraud era empregada e babá dos Stengel. Uma esquálida menina de rua de 17 anos que tinha ido parar no Centro de Saúde Comunitário, onde Frieda trabalhava, com sua filha de 2 anos enganchada no quadril, e simplesmente desabara no chão de fome e frio. Frieda a alimentara, vestira, conseguira encontrar um lugar para ela em um albergue e, também, para o bem da garotinha risonha aos seus pés, prometera a Edeltraud um emprego.

Isso surpreendeu e também enfureceu os colegas de Frieda no Centro de Saúde, que eram todos comunistas de ar severo e não aprovavam o sentimentalismo burguês.

— Se você for dar emprego a cada miserável que atravessa nossas portas — um jovem colega chamado Meyer resmungou —, muito em breve você estará empregando toda a população de Friedrichshain. Você precisa canalizar sua culpa social na ação política organizada, e não em inúteis e reacionários atos de caridade liberal contraproducente.

— E você precisa calar a boca e cuidar da própria vida — Frieda respondeu, surpreendendo a si mesma.

Wolfgang não havia ficado muito feliz com o arranjo também, embora suas reservas fossem de ordem prática, não dialética. Ele só não gostava da ideia de ter uma adolescente cabeça de vento e sem instrução zanzando pela casa e beliscando sua comida.

Depois de um mês ou dois, no entanto, teve de admitir que as coisas estavam funcionando muito bem. Era verdade que Edeltraud nunca chegava no horário e certamente não era a garota mais trabalhadora do mundo, e tinha o hábito *incrivelmente* irritante de rearranjar suas prateleiras. No entanto, era agradável e tinha boas intenções, e os gêmeos a adoravam, o que Wolfgang achava que acontecia por terem eles todos o mesmo grau de maturidade.

Edeltraud era apenas seis anos mais jovem do que Frieda, mas Frieda, às vezes, sentia como se tivesse uma filha adolescente no apartamento, e uma filha adolescente bem infantil e ingênua.

O que tinha feito Frieda chorar com a patética inscrição na cédula, de fato, fora pensar em Edeltraud.

— Bem que poderia ter sido ela quem escreveu isso — Frieda disse.

— Querida, quando Edeltraud recebe algum dinheiro, ela não perde seu tempo escrevendo pequenos e pungentes recados nele, não importa como o tenha ganhado. Ela o gasta em chocolate e revistas de cinema. Além disso, Edeltraud não sabe escrever.

— Na verdade, ela sabe um pouco agora, comecei a ensiná-la.

— Não comente isso com aquele cretino do doutor Meyer, ele vai dizer que você não pode libertar as classes oprimidas pela iniciativa privada, é preciso uma ação de massa coordenada.

— Não estou interessada em libertar as classes oprimidas, só quero que Edeltraud seja capaz de ler as minhas listas de compras.

A chave arranhou a fechadura e Edeltraud adentrou a sala apressada, com o pão debaixo de um braço e sua filhinha Silke no outro. Silke fora o resultado de uma relação extremamente breve que Edeltraud tivera aos 14 anos com um marinheiro sobre a qual ela fora surpreendentemente franca.

— Ele me levou para um quarto numa hospedaria — a jovem explicou para Frieda, parecendo ainda estar tentando superar a surpresa — e quando terminou de fazer o que queria, coisa esta que não tenho palavras para dizer o quanto apreciei, falou que estava indo ao banheiro no corredor. Bem, por cerca de uma hora, imaginei apenas que ele estivesse com prisão de ventre. Só percebi que tinha dado o fora quando a senhoria começou a bater na porta querendo receber o dinheiro, o que, é claro, eu não tinha. Uma ótima maneira de perder a virgindade, devo dizer.

Silke tinha agora dois anos e meio e já era uma coisinha encantadora e alegre, com uma massa de cachos tão loura que era quase branca. Cachos que eram, naturalmente, objeto de fascinação e terrível tentação para Paulus e Otto, que os puxavam em todas as oportunidades.

— Bom dia, Frau Stengel, Herr Stengel — Edeltraud disse da porta. — Eu trouxe Silke, espero que vocês não se importem.

— Você sabe que não me importo, Edeltraud — Frieda respondeu —, nós gostamos de tê-la aqui. Só fique de olho nos meninos e, se eles puxarem o belo cabelo dela, bata neles com a colher de pau.

— Bem — disse Wolfgang —, vou tentar dormir mais um pouco. Não use o aspirador por enquanto, está bem, Edeltraud? E, pelo amor de Deus, tente resistir à tentação de reorganizar a partitura no piano.

— Tudo bem, Herr Stengel — Edeltraud respondeu inconscientemente trocando as posições de uma fotografia emoldurada e um cinzeiro em cima da cornija da lareira a gás.

Wolfgang voltou para o quarto, e Edeltraud, que estava mais do que contente por lhe dizerem para não trabalhar, começou a contar as últimas notícias do bairro.

— Vocês souberam? — disse ela, sem fôlego, ansiosa por contar.

— O quê?

— Os Peunert se asfixiaram com gás!

— Não! — Frieda exclamou horrorizada. — Meu Deus! Por quê?

No mesmo momento em que disse aquilo, Frieda sabia que era uma pergunta estúpida, era óbvia a razão.

— Ele estava recebendo uma pensão sem reajuste dos correios — Edeltraud continuou. — Eles deixaram um bilhete dizendo que preferiam se matar pelas próprias mãos a morrer de fome. Venderam peça por peça da mobília que tinham para religar o gás e, em seguida, deitaram-se juntos no chão ao lado da saída de gás, com a cabeça debaixo de um cobertor!

— Oh, meu Deus! — Frieda sussurrou.

— Eu acho que foi realmente muito romântico — disse Edeltraud.

Edeltraud ainda não tinha 18 anos e contou sua horrível história com toda a crueldade inconsciente da juventude.

Frieda não achou que foi romântico. Viverem juntos até a velhice seria romântico, cometerem suicídio juntos era simplesmente horrível e terrivelmente triste. Conhecera os Peunert de vista, acenara para eles muitas vezes na rua, e, ainda assim, tinha sido alheia ao desespero que os envolvera.

— Eu deveria ter falado com eles. Perguntado se estavam indo bem, se precisavam de ajuda.

— Não teria adiantado nada, teria? — Edeltraud disse. — Você não poderia fazer as economias deles de toda uma vida valerem alguma coisa, não é? Havia uma mulher no quiosque de cigarros esta manhã. Ela contou que economizou dinheiro a vida toda e agora o montante não lhe compra nem um maço de cigarros e um jornal. Se você quer saber minha opinião, a resposta é "não poupe". Ganhe, gaste.

Edeltraud colocou Silke no chão e começou a reorganizar a louça do café, que estava empilhada na pia. — Eles se arrumaram para fazer aquilo, sabe? Ela em um longo vestido de vovozinha, de antes da guerra, e ele com seu melhor paletó e sua melhor gravata. Imagine isso! Os dois ali, vestidos para um domingo no Tiergarten, estendidos sobre o assoalho com um cobertor sobre as suas cabeças. Na verdade, é quase engraçado quando você pensa nisso.

A pequena Silke saiu bamboleando pelo apartamento até onde os gêmeos estavam brincando no chão. Postou-se na frente deles por um momento, aparentemente perdida em pensamentos, perninhas fortes e pés descalços plantados afastados e firmemente no tapete, braços cruzados propositadamente. Então, tendo visivelmente chegado a uma decisão, sentou-se pesadamente sobre o forte de Otto, derrubando todos os tijolos. Otto, é claro, uivou de fúria, e Paulus rolou de rir no tapete. Então, Silke levantou-se, deu um passo na direção de Paulus e sentou-se em seu forte, rindo alegremente entre os blocos de madeira desabados das duas grandes instalações militares. Agora era a vez de Paulus uivar enquanto Otto ria. Em seguida, eles lutaram, ignorando Silke, a causa de seu aborrecimento, avançando um sobre o outro com seus pequenos punhos fechados, rolando no tapete, gritando e batendo tão duro quanto podiam. Silke,

claramente satisfeita com a forma como a situação se desenvolvia, pulou em cima de ambos e juntou-se, rindo com prazer.

Apesar dos esforços de Frieda e Edeltraud para acalmá-los, não demorou muito para que Wolfgang saísse correndo do quarto disparando sua pistola de água. Isso acabou por parar a luta, mas só depois que todas as três crianças estavam encharcadas, o que significa que todas elas tiveram de ser despidas e suas roupas penduradas na pequena varanda para secar. Depois disso, eles alegremente começaram a brincadeira favorita de todos. Os meninos amontoaram todas as almofadas do apartamento em cima de Silke e, em seguida, pularam sobre elas, enquanto ela gritava de pura satisfação.

— Não adianta tentar voltar a dormir agora — disse Wolfgang triste, colocando uma panela no fogão e contemplando a confusão de membros retorcidos entre as almofadas. — Tenho um *show* na hora do almoço em Nikolassee.

— Posso fazer o café para você, Herr Stengel? — Edeltraud perguntou jovialmente.

— Não, Edeltraud, você não pode. E quando digo isso quero dizer literalmente. Você não pode. Você *poderia* fazer a estranha solução marrom e arenosa que você *chama* de café, que de alguma forma consegue ser muito forte e também sem sabor, tudo ao mesmo tempo, mas o que você não pode é fazer café *de verdade*, por isso, se não se importa, faço eu mesmo.

— Por mim, tudo bem — Edeltraud deu de ombros —, mas eu, pessoalmente, não acho que isso importe desde que seja quente e úmido.

— E aí, Edeltraud, numa breve e terrível frase, você resume todo o problema.

— Você é *engraçado*, Herr Stengel.

Wolfgang contemplou seu reflexo na madeira polida do belo e velho piano vertical Blüthner; polida, pelo menos, acima do nível dos dedos das crianças. — É melhor eu me barbear. Tenho de estar apresentável.

— Entretanto eu ainda não limpei as manchas de suor de seu paletó — Frieda disse —, e ele precisa ser passado também, porque você o largou todo amassado no chão do banheiro quando chegou, mesmo eu lhe pedindo um milhão de vezes para, ao menos, pendurá-lo em uma cadeira.

Wolfgang pegou o paletó de onde Frieda o tinha pendurado e começou a fazer pequenos gestos inúteis tentando alisar o tecido enrugado como uma sanfona.

— De qualquer modo, o motivo pelo qual nós devemos tocar vestidos de *maîtres* me escapa — disse ele. — Espera-se que o público queira nos escutar, não olhar para nós.

— Você tem que parecer elegante, Wolf, você sabe disso. Acho que a única solução é arranjarmos um segundo paletó. Você tem tido tanto trabalho ultimamente que simplesmente não há tempo para limpá-lo entre uma apresentação e outra.

— Todo mundo está dançando — disse Wolfgang, servindo o café e entregando a Frieda uma xícara. — É *tão* estranho. Quero dizer, todo mundo. Vovós. Aleijados. Policiais, fascistas, comunistas, sacerdotes. Vejo todos eles.

Quanto mais insana a economia fica, mais freneticamente todo mundo parece querer atirar-se dançando pelo salão. Estou lhe dizendo. Berlim é agora oficialmente a capital mundial da loucura. Estou tocando com caras de Nova Yorkque dizem a mesma coisa. Lá eles não têm nada assim.

— Eles dançam em cima de táxis nos Estados Unidos — Edeltraud disse — e sobre as asas do avião. Eu vi no cinejornal.

— Aí é que está — disse Wolfgang. — Eles estão fazendo isso por diversão, nós estamos fazendo isso por terapia. É como a última festa antes de o mundo acabar.

— Oh, não diga isso, Wolf — disse Frieda. — Eu acabei de me formar.

— É brilhante para nós, músicos, é claro. Nós amamos a inflação. Nós amamos reparações de guerra e os malditos franceses por ocuparem o Ruhr. Estamos felizes pelo marco ter entrado por uma toca de coelho e acabado no País das Maravilhas. Porque, quanto mais ferrado o país se torna, mais trabalho nós temos. Eu tenho cinco *shows* hoje, você sabia disso? *Cinco*! Valsas na hora do almoço para as velhas damas e os cavalheiros. Uma dança no chá da tarde para as solteironas com tesão.

— Wolf! Por favor!

— Você é *engraçado*, Herr Stengel.

— Estou lhe dizendo, todo o país está dançando.

Para o deleite de Edeltraud e das crianças, Wolfgang sapateou um pouquinho. Uma habilidade que ele havia aperfeiçoado no final da guerra para aumentar a sua renda como músico de rua.

— *Yes! Nós não temos bananas!* — ele cantava batendo o ritmo com os pés e calcanhares ágeis. — *Não temos bananas hoje!*

Frieda sorria também, mas não conseguia deixar de pensar naqueles que não estavam dançando. Naqueles que jaziam frios sobre o piso de suas casas vazias. Os velhos, os jovens, os doentes, morrendo às centenas, já que mais uma vez a fome e o desespero retornavam à capital depois da mais breve das ausências.

Se o povo de sua amada Berlim estava dançando, para muitos era a dança da morte.

Jovens empresários

Berlim, 1923

O garoto que se aproximou de Wolfgang no bar tinha 18 anos e parecia ainda mais jovem. Em uma das mãos, levava uma garrafa de Dom Pérignon e, na outra, uma cigarreira de ouro maciço com um grande diamante no centro. O braço que segurava a garrafa estava rodeando a cintura fina como um lápis de uma garota moderna e entediada com o corte de cabelo mais curto que Wolfgang já tinha visto. Parecia um capacete preto brilhante com uma franja lisa cortada em ângulo sobre a testa e uma onda marcada nas laterais que mal batiam além de suas orelhas. Um *look* extremamente marcante e ao mesmo tempo ousado e atraente. O que era mais do que poderia ser dito sobre o rapaz que, à primeira vista, Wolfgang classificou como um completo idiota.

— Você aí! Jazzman, Senhor Trompete! — o jovem zurrava. — Eu gostaria de ter uma palavrinha com você.

Wolfgang olhou para ele, mas não disse nada.

Havia muitos deles em Berlim naquele verão maluco. Garotos estupidamente jovens e completamente ridículos, com o seu dinheiro, sua conversa alta e presunçosa e sua arrogância embriagada.

Meninos imberbes com trajes de noite impecáveis, cabelos gomalinados penteados para trás formando uma dura carapaça. Às vezes, uma pitada de *rouge* nos lábios, sendo de repente moda parecer um pouco afeminado.

E as moças, muito sofisticadas e cansadas do mundo aos 18 anos. Com seus penteados *Bubikopf* e *Herrenschnitt*, olhos esfumados e vestidos não acinturados, a última moda, pendendo de seus corpos ossudos, parecendo garotos.

Os novos empresários da Alemanha, mal saídos do jardim de infância, oportunistas movidos a álcool e drogas. Os *Raffke*[10] e os *Schieber*[11] — grã-finos, jogadores, aproveitadores e ladrões. Adolescentes matreiros em restaurantes negociando ações, a criação de bancos privados, entre bolos e xícaras de café. Comprando os preciosos bens de viúvas de guerra por alguns trocados e, em seguida, vendendo-os para os soldados franceses no Ruhr em moeda estrangeira.

O rapaz que estava se aproximando de Wolfgang no bar era jovem, mesmo para os padrões deturpados da grande inflação. Parecia que tinha pegado emprestado o *smoking* do pai para um baile do colégio e a mãe dera-lhe o nó na gravata.

— Olá, meu velho — disse o jovem com um largo sorriso. — Eu sou Kurt e esta criatura divina é Katharina. Ei! Kurt e Katharina. Soa como uma música! *Kurt e Katharina voaram da Sardenha*! Nada mau. Pode usar o verso se quiser. Só precisa da melodia. Diga "Olá" para o Senhor Trompete, querida.

A garota deu a Wolfgang um aceno de cabeça frio que podia ou não ter incluído o mínimo vestígio de um sorriso. Ou talvez fosse um risinho de escárnio. Era difícil dizer, já que ela estava tão concentrada em permanecer sensual e enigmática.

Wolfgang se perguntou se ela havia praticado aquele ar misterioso estudado no espelho de seu camarim quando estava aplicando toda aquela sombra escura em seus grandes olhos cinzentos e alongando os cílios para que ficassem com o comprimento duas vezes maior do que a natureza lhe dera. Parecia ter mais idade do que Kurt, talvez uns 19 ou mesmo 20 anos. Do alto de seus 25 anos, Wolfgang sentiu-se um velho.

— Olá, Katharina — disse ele. — Prazer em conhecê-la.

— Olhe, mas não toque, Senhor Trompete! — Kurt advertiu, sacudindo um dedo cheio de joias. — Esta gata de alto nível já tem dono.

Wolfgang riu da presunção absurda do garoto, mas estava secretamente incomodado com o fato de ter ficado óbvio que ele apreciara a moça. A própria Katharina lançou a Kurt um olhar de desprezo tão profundo e absoluto que Wolfgang só ficou imaginando como o jovem não abriu um buraco no chão e desapareceu.

— A gente vem quase sempre a este lugar — ele continuou, — Eu e minha turma. É o nosso ponto de encontro favorito. Quer saber por quê?

Wolfgang estava prestes a observar que, francamente, poderia viver sem essa informação. Ele só parara no bar antes de ir embora para um cigarro rápido e uma dose de uísque contra o frio da noite e não estava particularmente disposto a ouvir intimidades de bêbados completamente estranhos. Particularmente de adolescentes.

Porém havia algo de inegavelmente atraente naquele jovem pavão, nem que fosse sua imensa autossatisfação. Além disso, se Wolfgang fosse honesto consigo mesmo, admitiria não fazer nenhuma objeção a passar mais alguns momentos sob a fria avaliação do olhar esfumado de Katharina.

— Imagino que você vá me dizer de qualquer maneira. Então, livre-me da minha desgraça e me diga. Por que você vem a este lugar em particular, Kurt?

— Bem...

— Estou seca — Katharina interrompeu-o com uma fala arrastada, batendo a unha longa e pintada de preto na borda do seu copo vazio. Kurt, cuja *joie de vivre* não era afetada nem por estar sendo ignorado nem por ser ridicularizado, derramou alegremente o resto do champanhe no copo de Katharina e depois pediu outra garrafa.

— Certifique-se de que é francês! — ele gritou, colocando dólares americanos reais no bar. — E outro malte escocês para o meu amigo.

Enquanto Katharina levava o copo aos lábios, a seda fina de seu vestido ondulava contra seus seios. Era como se uma menina nua houvesse atravessado uma teia de aranha.

Uma vez mais, Wolfgang tentou não olhar.

— Acenda para mim — disse ela, servindo-se de um dos cigarros americanos de Wolfgang que se encontravam ao lado de sua bebida no bar. — Eu gosto de um Lucky. Eles são tostados, sabia?

Wolfgang riscou um fósforo na sola do sapato e ergueu-o para ela. Katharina tocou as mãos dele quando se inclinou para a frente a fim de encostar a ponta do cigarro na chama. A luz brilhou, destacando suas belas maçãs do rosto e lançando sombras em suas têmporas.

— A gente vem aqui — disse Kurt afinal —, *se* me permitem completar, por causa da música. E mais especificamente, Senhor Trompete, por sua causa.

— Muito obrigado — disse Wolfgang, sorvendo em um único gole a dose dupla que lhe tinha sido oferecida. — Bem, eu estou aqui todas as noites, e todos os clientes pagantes são bem-vindos.

— Você é muito *sexy* — disse Katharina lentamente, e, por um momento, ela fixou os olhos fortemente cerrados sobre os dele, olhando-o sem piscar através da fumaça que saía em espirais de seus lábios pintados de roxo. — Eu gosto de trompetistas. Eles sabem como coordenar a boca e os dedos.

Wolfgang realmente corou com isso e Kurt caiu na gargalhada.

— Pare de flertar, sua Dora[12] imbecil! — ele gritou, batendo no traseiro de Katharina. — Estou fazendo negócios aqui.

— Sério? — Katharina replicou. — Ok! Bem... tenho um negócio para você, filhinho: dê-me cinquenta dólares americanos agora ou tente encontrar outra garota tão bonita quanto eu para fazer você parecer um homem em vez do maldito colegial que é. E *nunca* mais bata na minha bunda de novo.

Kurt riu de maneira estúpida. — Ela não é engraçada? E também muito cruel. É o que eu amo nela. Eu devo ser masoquista.

Então, para o espanto de Wolfgang, Kurt tirou um maço de dinheiro preso em um grampo de ouro e contou cinco notas de dez dólares norte-americanos, os quais Katharina tomou para si sem um sorriso ou sequer um aceno de reconhecimento. Depois, levantando a perna esguia como a de um potro e apoiando o pé na base de um banco do bar, rapidamente levantou a bainha do vestido ao longo da coxa e enfiou o dinheiro em sua cinta-liga.

Ao erguer os olhos brevemente, pegou Wolfgang olhando.

— Acho que meu vestido não tem bolsos — disse ela.

Wolfgang engoliu em seco. Ele precisava chegar em casa.

— Negócios? — Wolfgang disse rapidamente, tentando fingir que tinha sido a moeda forte e não a perna de Katharina que estivera olhando. — Que tipo de negócio você faz e o que isso tem a ver comigo?

— Você é o líder nessa banda, estou certo? — Kurt perguntou. — Você marca as apresentações, faz os panfletos e monta a *set list*?[13]

— Sim, eu me encarrego dessas coisas. Faço tudo isso.

— Bem, eu gosto do que você faz, meu velho. Estou montando o meu próprio clube e quero que você o administre para mim.

Wolfgang tentou não rir.

— Você? Montando um clube? Perdoe-me, Kurt, mas quantos anos você tem?

— Eu tenho 18 anos.

— Ele tem 17 anos — disse Katharina.

— Estou usando o calendário russo — Kurt disparou de volta — em solidariedade aos Romanov assassinados.

Wolfgang riu. O garoto certamente tinha charme.

— Não deveriam sequer deixá-lo *entrar* em um clube, muito menos comprar um — disse ele.

— Eles deixam entrar qualquer um com dólares — Kurt salientou. — Eu tenho um monte de dólares. E francos e soberanos de ouro. Qualquer coisa que você quiser. Venha se juntar a mim, na minha mesa. Conheça os meus amigos, podemos discutir isso.

Wolfgang olhou através do salão lotado na direção que Kurt indicou com a cabeça. Os amigos de Kurt pareciam quase tão jovens quanto ele.

— Vocês todos não deveriam estar estudando para entrar na faculdade ou algo assim?

— Não há nada que idosos possam nos ensinar. Absolutamente nada — disse Kurt, dando de ombros com um ar cansado —, exceto como rastejar. Como morrer de fome. Como desejar que ainda fosse 1913 até a morte chegar. Já sabemos mais do que aqueles bastardos velhos e estúpidos jamais souberam, e é por isso que estamos bebendo champanhe francês e ouvindo *hot jazz* enquanto eles ficam na fila da sopa ou marcham pelas ruas com seus capacetes de lata à procura de judeus para atirar. Vamos lá, eu quero que você conheça os meus amigos.

Talvez tenha sido o dinheiro de Kurt o que fez Wolfgang ficar. Talvez tenha sido a namorada dele. De qualquer maneira, ele se permitiu ser levado até a mesa onde a turma de Kurt estava e onde ele foi saudado com aplausos entusiasmados.

— Este é Hans — Kurt disse, referindo-se a um jovem de aparência atlética com um bigodinho fino à la Douglas Fairbanks, que Wolfgang suspeitou haver sido reforçado com rímel. — Um ano atrás, ele falhou no exame final de latim, agora ele lida com automóveis.

— Qualquer coisa de um Flivver a um Roller — Hans gabou-se, pronunciando quase indistintamente as palavras. — Você quer, eu consigo. Tome meu cartão. Faço desconto para um cara que toca como você.

Wolfgang explicou que estava feliz com a sua bicicleta, mas pegou o cartão mesmo assim, reparando que as pupilas de Hans estavam muito contraídas.[14] Havia também uma garota desmoronada em seu ombro, desligada do mundo.

— Este é Dorf — Kurt continuou, ignorando a garota inconsciente e indicando um rapaz com aparência de estudioso, usando óculos com armação de chifre, sentado do outro lado dela. — Ele trabalha com moedas e câmbio, embora o pai pense que devia estar estudando Direito.

— Ele quer que eu seja um advogado estagiário quando eu tiver 21 anos — Dorf disse afetadamente —, o que é bastante engraçado, na verdade, porque, sem mim, o meu pai iria morrer de fome! Minha mãe não lhe conta isso, é claro.

Kurt e Hans riram com isso, fazendo com que a garota entre eles começasse a deslizar lentamente para baixo da mesa. Hans colocou um braço

sobre ela para detê-la.

— E aqui está Helmut — Kurt disse, referindo-se a um jovem louro e belo com penetrantes olhos azuis que combinavam com seus brincos azul-cobalto. — Ele é o que se pode chamar...

— De cafetão veado — Katharina interrompeu.

— Na verdade, eu ia dizer consultor social — disse Kurt.

— Eu prefiro cafetão veado — Helmut comentou maliciosamente, provocando mais risos, e mais uma vez a garota de Hans teve de ser endireitada no assento.

— Então, agora você conhece os meus amigos, Senhor Trompete. Eles são todos grandes fãs seus.

Novamente, houve aplausos.

— Você ainda não disse o que faz, Kurt — Wolfgang quis saber. — Qual é o seu negócio?

— Bem, como eu disse antes, entre outras coisas, sou dono de um clube — Kurt respondeu.

— Ah, é? Você é dono de qual clube?

— Ainda não decidi. Talvez este aqui, ou um dos outros. Talvez todos eles, veremos.

— Então, eles ainda não são seus?

— Detalhes. Detalhes. Eu os terei, se quiser.

— Como será isso, Kurt? — perguntou Wolfgang, desejando poder pensar em uma maneira inteligente de fazer aquele jovem arrogante recolher-se à sua insignificância, mas desconfortavelmente ciente de que Kurt não iria nem notar se ele o fizesse.

— Improvisando, é claro! Como o bom garoto do *jazz* que eu sou... Na verdade — Kurt continuou, claramente encantado com esta imagem —, é o que eu faço! Eu sou um economista *jazzístico*. Eu improviso. Você pega notas emprestadas. E eu também! *Notas de dinheiro*! Isso não é hilariante?

— Mas de onde você vai pegar emprestado?

— No mesmo lugar em que você pega as suas! Do ar! Eu pego emprestado o que eu preciso dando como garantia a coisa que eu vou comprar e pago o empréstimo na próxima semana, quando valer mil vezes menos. Qualquer um poderia fazê-lo.

— Por que não fazem, então?

— Por que você não faz?

Wolfgang sabia que Kurt estava certo. Ele *poderia* fazê-lo. Poderia comprar o que quisesse. Absolutamente qualquer coisa. Ele só precisava ter coragem. A grande cara de pau de pedir emprestado o suficiente para fazê-lo. Realmente não precisaria nem de coragem, porque, com o dinheiro desvalorizando tão rápido, a dívida era apenas uma ilusão. Qualquer um *poderia* fazê-lo. Mas foram apenas as pessoas como Kurt que realmente *fizeram*. E os tubarões, é claro. Os industriais que estavam manipulando a mesma situação que Kurt, com a diferença de que compravam indústrias inteiras, enquanto Kurt comprava apenas champanhe e drogas. E, enquanto isso, todo mundo estava tentando descobrir de onde tiraria a próxima refeição.

Isso fez Wolfgang se lembrar de que precisava ir para casa para que Frieda pudesse ir ao mercado. O pagamento em seu bolso estava se desvalorizando na mesma velocidade da dívida de Kurt. Por simplesmente estar parado ali, ele ficava mais pobre, enquanto Kurt se tornava mais rico.

— Vou lhe dizer o que podemos fazer — falou Wolfgang —, você compra o seu clube e me faz uma oferta. Se for boa, então, serei seu administrador. Enquanto isso, realmente acho que eu deveria ir para casa.

Katharina estava de pé ao lado dele na mesa e Wolfgang sentiu a mão dela roçar na sua mais de uma vez. Ele tinha certeza de que ela também sabia disso. Mãos não roçam nas outras mais de uma vez por acidente.

O que era bastante excitante.

E a razão, também, pela qual ele precisava ir para casa.

Nunca faltaram admiradoras a Wolfgang, as garotas olhavam para ele o tempo todo. Era bonito e, o mais importante, era um músico de *jazz*, e as fãs do *jazz* tinham predileção por trompetistas.

Normalmente, Wolfgang resistia bem. Era imune aos olhares coquetes das *flappers*[15] empolgadas na pista de dança. Ficava contente só de olhar seus traseiros tremendo e sacudindo no ritmo da dança e seus seios praticamente desnudos balançando diante de seu pequeno palco, mas não ficava tentado a tocá-los. Com Katharina, no entanto, foi diferente. Ela realmente chamara a sua atenção, e isso era perigoso, porque parecia que ele também chamara a dela.

— Vou tocar aqui amanhã à noite — Wolfgang disse a Kurt com naturalidade —, aí você poderá falar comigo.

— Se você estiver tocando aqui amanhã à noite — Kurt disse —, então eu já serei o seu patrão. Aí eu certamente irei falar com você.

Aquela esplêndida bravata provocou mais aplausos e batidas na mesa por parte dos amigos de Kurt, e as vibrações provocadas fizeram com que a garota inconsciente finalmente deslizasse para baixo da mesa por completo.

Wolfgang apertou a mão de Kurt e acenou com a cabeça brevemente para Katharina. O rosto dela permaneceu tão frio e impassível como sempre enquanto ela acenava de volta um breve e desdenhoso adeus.

E, então, como num impulso, ela se inclinou para a frente e beijou-o na boca. Por um breve momento, os lábios dela estiveram vivos contra os seus, e ele sentiu a qualidade da cera de seu batom e cheirou o perfume em seu cabelo. Depois, tão abruptamente quanto se aproximara, ela deu um passo para trás, seu rosto era uma máscara impassível mais uma vez.

— Viu só? — Kurt gritou. — Eu lhe disse que ela estava flertando. Sinta-se honrado, pois ela nunca dá um beijo de despedida *em mim*.

— Você não toca trompete — Katharina disse, sorrindo adequadamente pela primeira vez.

— Sim, bem... — disse Wolfgang, tentando recuperar a compostura. — Como eu disse, tenho de ir. Esposa e filhos esperando por mim em casa e tudo isso.

Ele disse a última frase para Katharina. Normalmente não falava sobre sua vida doméstica no trabalho. Muito enfadonho. Nada a ver com o *jazz*.

E foi por isso que ele dissera aquilo naquele instante. Queria tornar Katharina ciente de uma vez, porque ela o tinha perturbado e, em sua experiência, nada fazia despencar mais rápido a libido de uma fã de *jazz* do que falar de esposa e filhos.

— Dê lembranças nossas a Frau Trompete — disse Kurt.

— Sim, sim, darei.

Ele precisava chegar em casa.

Dinheiro absurdo

Berlim, 1923

O mais importante era ser rápido. Quando um quilo de cenouras poderia saltar de preço cinquenta mil vezes no espaço de um dia, um jovem casal com filhos para alimentar tinha de ser esperto para não deixar suas compras para a tarde.

Wolfgang tinha a sorte de ser um músico que saía do trabalho apenas uma ou duas horas antes do início do dia comercial. Ele pegava o seu pagamento com o gerente em maços de notas recém-impressas, algumas ainda úmidas por terem sido produzidas apenas poucas horas antes em uma das doze prensas que o Reichsbank mantinha funcionando 24 horas por dia. Então, saía correndo pela porta dos fundos de qualquer que fosse o clube em que estivesse tocando, amarrava o trompete e o violino ao *rack* de sua bicicleta e pedalava febrilmente de ansiedade para que a inflação não tornasse seu pagamento inútil antes que tivesse a chance de gastá-lo.

Em fevereiro, dava ainda para ele levar duzentos mil ou trezentos mil marcos enfiados em seus bolsos, em notas de cinco mil e dez mil marcos. No verão, ele havia começado a levar seus instrumentos nas costas, enquanto seu pagamento estufava uma maleta amarrada no *rack* da bicicleta.

Sabendo que os drinques que tomara com Kurt e Katharina o haviam atrasado, Wolfgang se empenhou em pedalar furiosamente. Seus dentes batiam enquanto ele forçava a velha bicicleta sobre os paralelepípedos e as lajes irregulares das ruelas de Berlim, que remontavam ao século XIX, com a boca firmemente fechada por medo de morder a língua enquanto quicava pelo caminho.

Ele acorrentou a bicicleta ao lado das lixeiras comunitárias no pátio interno do bloco de apartamentos, passou voando pela portaria e chamou o elevador. Por alguma razão, onde quer que Wolfgang estivesse no edifício, fosse em seu andar ou no térreo, o elevador sempre estava na extremidade oposta do fosso. Normalmente, ficava amaldiçoando baixinho aquele mais puro exemplo da lei de Murphy, mas, agora, tinha motivos para ser grato, pois, enquanto esperava no andar térreo, ouvindo o barulho metálico e penoso da descida do elevador antigo, sua mente voltou para o seu recente encontro e, em particular, naturalmente, para Katharina e seu beijo de despedida.

Lembrou-se de sua mão puxando-lhe o rosto em direção ao dela. Os olhos preguiçosos por trás da fumaça do cigarro. Sua boca momentaneamente viva.

E, então, lembrou-se do batom dela. Denso, brilhante e púrpura.

Se havia uma coisa que Wolfgang sabia era que uma mulher pode detectar o cheiro de cosméticos de outra mulher a cinquenta passos e por trás de portas fechadas. Ele pegou seu lenço e esfregou a boca vigorosamente.

Olhando para o pequeno pedaço de linho, viu que tivera a sorte de escapar, não havia indícios de roxo-escuro no pano. É claro que ele não tinha nenhuma razão para se sentir culpado, não tomou a iniciativa do beijo. Entretanto Wolfgang sabia que, quando se tratava do batom de outras mulheres, inocência não era defesa.

Frieda estava esperando por ele no apartamento, já de chapéu e casaco, com a bolsa preparada aos seus pés e Otto em seus braços.

— Você está atrasado — disse ela em um sussurro alto, acenando com a cabeça em direção à porta do quarto das crianças para lembrá-lo de que uma delas ainda estava dormindo.

— Desculpe. Fiquei conversando. Um cara disse que queria me oferecer um emprego. Poderia ser interessante.

— Segure o Otto, ele está acordado há uma hora — Frieda disse, empurrando a criança nos braços de Wolfgang e pegando a bolsa. — Teve um pesadelo, eu acho. Tenho de me apressar. Vou me encontrar com mamãe e papai antes de ir para o consultório. Hoje é o dia em que papai recebe seu pagamento.

Como policial, o pai de Frieda recebia um salário mensal, algo que apenas alguns meses antes era um símbolo de sucesso e estabilidade. Uma conquista da classe média que significava que, se uma pessoa fosse demitida, teria aviso prévio de um mês inteiro com o qual amortecer o golpe. No entanto, na Alemanha, em 1923, um cheque de pagamento mensal era uma maldição. O destinatário era forçado a comprar tudo o que precisaria para o mês na primeira hora em que recebesse o dinheiro porque, no dia seguinte, quando as novas taxas de câmbio do dólar eram anunciadas, o salário não compraria uma vagem de ervilhas.

— Eu ainda acho que é estúpido que você tenha de ir com eles — Wolfgang resmungou.

— Eles não se viram bem por conta própria, você sabe disso — respondeu Frieda da porta. — Eles ainda acham que é 1913 e passam tanto tempo apertando cada laranja e cheirando o queijo que, no momento em que decidem comprar algo, já não podem mais pagar. Do mercado, vou direto para a clínica, então, você tem de ficar com os meninos até Edeltraud chegar, às dez. Vou tentar voltar antes de você sair hoje à noite. Até mais!

— Não ganho um beijo, pelo menos? — Wolfgang perguntou.

Frieda se virou, suavizando o rosto no mesmo instante. Ela largou a sacola de compras e correu de volta na direção dele.

— Claro que sim, meu amor. — Ela colocou as mãos no rosto dele e puxou-o para si.

Então, ela deu um passo para trás.

— De quem é esse perfume? — ela perguntou.

— O quê? — foi a melhor resposta que Wolfgang conseguiu dar.

— Você está cheirando a perfume, de quem é?

— Bem, eu... minha loção de barbear, suponho. Minha colônia.

— Eu conheço a sua colônia, Wolf. Estou falando de perfume. Perfume de mulher. Eu posso sentir o cheiro. Mais forte do que o cheiro de suor, bebida e cigarros, então, alguém com este perfume ficou bem perto de você, eu diria. Você beijou alguém no final da noite, Wolfgang? Só estou perguntando.

Wolfgang mal podia acreditar. Em *segundos* ela recriara toda a cena do crime.

— Frieda, pelo amor de Deus — ele gaguejou.

— É por isso que você estava atrasado, Wolf? — a voz de Frieda era agora uma combinação de inocência fingida e a dureza do sílex.

— Não! Eu já lhe disse, eu estava conversando com esse cara sobre um trabalho. A garota dele me deu um beijinho no rosto...

Frieda voltou a colocar a mão no rosto dele e deslizou o polegar por sua boca. — Há gordura em seus lábios, Wolf. Ainda têm cera de batom. Nos lábios não é um beijinho. Tem muita diferença entre um *beijinho* na bochecha e um *beijo* nos lábios.

Wolfgang estava assombrado. Sempre soubera que sua esposa tinha uma mente inteligente e analítica, ela era médica, afinal de contas, mas aquilo beirava a bruxaria.

Ele se recompôs. Estava na hora de tomar coragem e enfrentá-la.

— Eu não beijei ninguém, Frieda — disse ele com firmeza. — Alguém me beijou, o que é uma coisa muito diferente.

A melhor defesa era a verdade.

— Quem? — perguntou Frieda, ainda estreitando os olhos.

— Não faço a menor ideia.

Ou, pelo menos, o máximo de verdade que conseguia contar.

— Alguma *flapper* idiota — Wolfgang continuou —, ela estava com o homem sobre o qual eu estava lhe falando, aquele que quer me oferecer um emprego. Ela simplesmente atirou os braços em volta de mim e me beijou. Disse que era uma fã de *jazz*.

— Hum, sei...

— Não posso fazer nada se sou irresistível.

— Ela era bonita?

— Meu Deus, Frieda, eu não sei! Duvido, ou eu teria notado. Eu estava tentando escapar da conversa e ela me beijou. Como eu disse, eu não a beijei, ela me beijou e, se você quer saber, estou um pouco infeliz com o que eu acho que você pode estar insinuando.

O olhar suspeitoso de Frieda suavizou um pouco.

— Bem — disse ela —, você pode entender por que fiquei desconfiada.

— Só se antes eu presumir que você não confia em mim.

Isso a pegou.

— Eu trabalho em casas noturnas — Wolfgang continuou, pressionando sua vantagem. — Elas estão cheias de jovens tolas. O que você quer que eu faça? Tenha seis guarda-costas, como Rodolfo Valentino? Recuso-me a deixar que meu magnetismo sexual me torne um prisioneiro.

Frieda estava rindo agora. Ele sempre conseguia fazer isso com ela.

— Tem razão. Eu sou uma idiota. Desculpe, Wolf.

— Bem, *é mesmo*. Como *se* eu fosse olhar para outras garotas.

— Eu sei. Sinto muito. Eu estou cansada... Mas, se você vir essa melindrosa novamente, diga a ela para manter distância, está bem?

— Se eu a vir, digo. Porém duvido que eu vá vê-la outra vez, querida. E, por falar nisso, eu achava que você estava com pressa.

— Meu Deus, eu estou!

Mais uma vez, ela estendeu as mãos e segurou-lhe o rosto, puxando-o para ela.

— E, por falar nisso, quem quer que ela fosse, *não* o beijou. *Isto* é um beijo.

Frieda pressionou a boca na dele e, por alguns instantes, beijou-o com uma paixão faminta, enquanto Otto borbulhava alegremente entre eles.

— Deixe-me colocar o menino no chão — Wolfgang arfou, agarrando-a com a mão livre.

— Não! Não posso. Desculpe, Wolf — disse Frieda, soltando-se do abraço. — Tenho de correr. Papai vai ficar furioso se ele não conseguir comprar arenque.

E, finalmente, ela pegou sua bolsa e correu para a porta.

— Precisamos ter mais tempo para nós — disse Wolfgang, seguindo-a até o corredor.

— Eu sei, querido — ela respondeu. — Mas eu trabalho de dia, você trabalha de noite, e nós temos duas crianças pequenas. Vamos ter tempo para nós, eu prometo, mas terá de ser quando os meninos estiverem crescidos.

O elevador chegou, produzindo os ruídos penosos de sempre. Frieda abriu a grade pantográfica e entrou.

— Talvez por volta de 1940 — disse ela —, quando eles estiverem na universidade. Faça reserva em um restaurante.

Wolfgang não estava sorrindo. — Estou falando sério — disse ele.

— Eu sei, eu sei, só estava brincando — disse Frieda através dos losangos de sua gaiola. — *Vamos* arranjar mais tempo para nós, vamos mesmo. Vamos fazer um esforço.

Em seguida, houve um estalo, um estremecimento, e ela foi desaparecendo enquanto descia. Tornozelos, cintura, seios. Um sorriso final e ela se foi.

Wolf ficou com Otto em seus braços, o qual assistira todo alegre a mãe desaparecer e agora achava difícil se conformar com o fato de que ela realmente tinha ido embora e começou a chorar. Cansado, Wolfgang voltou para o apartamento.

Pensou em Frieda. No quanto ele a amava. O quanto ele a queria. Em como se sentia profundamente frustrado.

Involuntariamente, Katharina se intrometeu em seus pensamentos.

Ela provavelmente ainda estava lá fora, aproveitando a noite. Ainda bebendo, ainda dançando. Ainda curtindo, totalmente *jazz*, *baby*.

Wolfgang entrou no apartamento e foi até a cozinha, à procura de um biscoito.

Nem um pouco *jazz*, *baby*.

O pai de Frieda que se danasse.

— Por que os seus avós não podem fazer a porra das compras sozinhos? — Wolfgang perguntou a Otto.

— Porra — disse Otto. — Porra de compras. Porra. Porra. Porra.

Contato renovado

Berlim, 1923

Lá fora, na rua, Frieda correu para subir num bonde e quase foi atropelada. O trânsito da cidade estava ficando fora de controle.

Wolfgang dizia que aquilo era simplesmente "dadaísmo mecanizado". Era a sua piada. Dizia que o surrealismo tornara-se tão onipresente que até mesmo os motoristas de Berlim estavam desafiando estrutura e forma.

Entretanto, como mãe de duas crianças teimosas, Frieda não achava a situação nem um pouco engraçada. Na verdade, ela passara várias manhãs geladas de sábado parada do lado de fora da estação do *U-Bahn*[16] recolhendo assinaturas para uma petição de reclamação dirigida ao conselho local, mas até então não obtivera resposta. Os jornais diziam que havia planos para instalar o primeiro semáforo de Berlim na Potsdamer Platz, nos moldes do que havia sido desenvolvido em Nova York. No entanto Frieda calculava que não era provável que um refinamento desses chegasse às ruas menos glamourosas de Friedrichshain num futuro próximo ou distante.

Duas mudanças de bonde mais tarde, estava ela no bairro em que crescera, Moabit, onde seus pais ainda viviam e onde ela foi encontrá-los na entrada do Arminius Markthalle, na Jonasstrasse.

Frieda sempre ficava feliz em visitar o Arminius, com sua grande entrada em arco, seus tijolos vermelhos e amarelos. Ele havia sido construído em 1891, nove anos antes de ela nascer, e sempre fizera parte de sua vida. Uma enorme, barulhenta, frenética e movimentada caverna de Aladim, um prédio no qual, sempre parecera a Frieda, todas as coisas mágicas e maravilhosas do mundo poderiam ser encontradas.

Ela vagara por seus grandes corredores arqueados de aço por todos os fins de semana de sua infância e adolescência. No início, empurrada em um carrinho de bebê e, em seguida, segurando a mão de sua mãe. Mais tarde, rindo e fofocando com as amigas da escola e, finalmente, timidamente com os meninos. Fora no Arminius que Frieda conhecera Wolfgang. Ele estava se apresentando para conseguir uns trocados durante o inverno de fome de 1918 e ela havia dividido com ele um pedaço de charque seco que a mãe tinha conseguido arrumar para o seu almoço.

E agora ali estava ela de volta, como se houvesse concluído um círculo completo, só que, desta vez, eram seus pais que estavam segurando a mão dela.

Foi no final das compras que Frieda inesperadamente deu de cara com Karlsruhen. Era a primeira vez que via seu ex-empregador desde seu último dia como modelo, quando ele a atacara em seu estúdio, e Frieda ficou surpresa ao constatar quão baixo ele havia descido. Porque Karlsruhen não estava no mercado para fazer compras, mas para vender. Ele e sua esposa haviam montado uma pequena barraca no meio dos sucateiros, nos fundos do grande salão, onde estavam tentando descarregar suas obras anteriormente valiosas.

Era uma triste visão. Tanto Karlsruhen como sua esposa pareciam magros e abatidos. A pele da papada do escultor, antes cheia, pendurava-se em vincos de seu rosto. Nenhum dos dois tinha sobretudo e era visível que sentiam frio. Apesar de ser verão, o salão tinha correntes de ar.

Karlsruhen e Frieda se viram, mas não admitiram isso. Frieda, certamente, não tinha vontade de renovar o contato, e ele obviamente sentia-se da mesma forma.

Infelizmente, Herr Tauber também avistara a barraca e foi empurrando seu carrinho de compras carregado em direção a ela.

— Veja isso, Mãe — ele chamou a esposa. — Muito boas essas peças, arte respeitável, não como essa bobagem moderna. Chegue aqui, Frieda! Traga a bolsa, acho que eu posso comprar alguma coisa.

Frieda não teve escolha senão correr atrás do pai, que já estava se apresentando para um Karlsruhen um tanto alarmado.

— Tauber. Capitão da Polícia Konstantin Tauber a seu serviço. Eu acho que o seu trabalho é muito bom, senhor. Muito bom mesmo.

Agora Karlsruhen parecia genuinamente preocupado, querendo saber com certeza se Frieda decidira finalmente fazer uma reclamação sobre o que havia acontecido. Isso a encheu de raiva, porque ela sempre sentira que deveria tê-lo denunciado e que apenas não o fizera porque teria sido simplesmente sua palavra contra a dele e poderia não ter adiantado nada. Agora, porém, ela se encontrava na posição de ter de tranquilizar seu agressor por medo de ele acabar inventando uma mentira e uma cena terrível acontecer.

— Olá, Herr Karlsruhen — disse ela —, quanto tempo, não é? Estes são o meu pai e a minha mãe. Não se assuste — acrescentou ela, como se estivesse fazendo uma piada —, ele não está de serviço.

Frieda se forçou a sorrir agradavelmente. Não ganharia coisa alguma se o confrontasse agora, um ano depois, e ela não sentia outra coisa senão compaixão pela esposa daquele homem.

— Valha-nos Deus, Frieda — Herr Tauber disse. — Vocês dois se conhecem?

Karlsruhen com certeza desejava que todos eles fossem embora, mas não teve opção a não ser se apresentar.

— Sua filha costumava posar para mim — explicou.

Frau Tauber estava examinando uma das figuras e quase a deixou cair.

— Minha nossa! — exclamou. — Posava? Para coisas assim?

Todas as estatuetas exibidas na mesa eram de garotas nuas.

A expressão de Frau Tauber pairava em algum lugar entre o espanto e o horror.

— Sim — Frieda disse alegremente —, nunca lhes contei?

— Você nos disse que estava *posando* — respondeu a mãe —, mas não...

— Esta sou eu — Frieda disse, pegando uma das figuras. — É bem parecida, não acham?

Herr Tauber pegou a estatueta da mão dela e logo em seguida entregou-a para a esposa, sentindo que era de certo modo impróprio até mesmo segurar a coisa.

— Quer dizer que posou para ele? — perguntou. — Completamente nua?

— Sim, papai. Você não gosta? Você estava admirando antes.

— É uma Donzela do Reno — Karlsruhen disse irritado, tomando a estatueta das mãos de Frau Tauber. — É claro que elas estão nuas.

— Sim, uma Donzela do Reno *judia* — Frieda disse, lançando a Karlsruhen um olhar duro, de repente farta de pisar em ovos com aquele homem. — Já pensou? O que Herr Wagner teria dito?

— Bobagem, Frieda! — seu pai exclamou. — Um alemão é um alemão. Eu tenho dois ferimentos de balas francesas na minha coxa que dizem que a minha filha tem tanto direito de cabriolar no maldito Reno quanto qualquer uma. Não é verdade, Herr Karlsruhen? Ela dá uma esplêndida ninfa!

Karlsruhen admitiu que sim e, uma vez que os Tauber não pareciam estar indo embora, foi forçado a apresentar a esposa. Frieda apertou a mão da mulher sentindo-se muito desconfortável não apenas por causa do segredo desagradável que ela dividia com o marido da mulher, mas também por causa das circunstâncias humilhantes a que Frau Karlsruhen se vira reduzida. Não podia deixar de admitir que a pessoa que mais sofria com o orgulho ferido de Karlsruhen era sua esposa.

Herr Tauber, tendo superado o choque inicial de se deparar com uma imagem nua de sua filha, tinha decidido que na verdade estava bastante orgulhoso de que Frieda houvesse inspirado tamanha obra de arte alemã. Ele aprovava completamente o estilo de Karlsruhen e o tema.

— Se você tivesse posado para um desses idiotas pornógrafos que nosso imbecil meio artístico insiste em festejar, então eu deveria me preocupar, mas esta é a arte de um cavalheiro patriota. Herr Karlsruhen, eu lhe dou meus parabéns.

Herr Tauber apertou vigorosamente a mão de Karlsruhen, totalmente alheio à horrível ironia de sua descrição do homem e às correntes nada amistosas que fluíam entre o artista e sua filha.

— Na verdade, minha querida — Herr Tauber disse, voltando-se para a esposa —, eu realmente acho que nós precisamos ter isso! Afinal, não é toda jovem que chega a ser uma Donzela do Reno. E, para ter a estatueta, fico feliz por passar este mês sem minha garrafa de schnapps.

Karlsruhen fez uma careta para aquela ilustração gráfica do valor atual de seu trabalho.

— É bronze e o pedestal é de mármore — disse ele mal-humorado, mas sua esposa já havia pegado o dinheiro de Tauber.

— Para você, minha querida — disse Tauber, fazendo um gesto floreado e entregando a peça à Frieda. — Tenho certeza de que Herr Karlsruhen vai admitir

que a estatueta não é tão bonita quanto a sua modelo, mas é um belo trabalho, no entanto, e eu tenho orgulho de dá-la de presente a você.

Frieda suspeitava de que Karlsruhen não iria admitir tal coisa, mas o escultor simplesmente continuou de cara fechada e não disse nada.

Um novo emprego

Berlim, 1923

— Essa foi "O Sheik da Arábia",[17] senhoras e senhores — disse Wolfgang, esvaziando a válvula de saliva de seu trompete na escarradeira cheia de cigarro a seus pés —, recém-saída dos Estados Unidos da América! E os meus agradecimentos ao nosso genial anfitrião Kurt Furst por chamar minha atenção para essa quentíssima canção. *Smokin*'! Estaremos de volta após uma pausa.

A multidão barulhenta de rapazes e moças, com seus elegantes vestidos de noite em desordem, gritava por mais, enquanto os suados membros da banda retiravam-se para o camarim improvisado nos fundos do palco, atrás de uma cortina de contas cintilantes.

Wolfgang havia começado a trabalhar para Kurt na noite seguinte ao primeiro encontro, quando, fiel à sua palavra, Kurt comprou o clube em que Wolfgang estava trabalhando.

— Diga "olá" para o seu novo patrão, Senhor Trompete! — gritara o adolescente exuberante, tendo surpreendido Wolfgang no beco atrás do clube noturno quando Wolfgang acorrentava a sua bicicleta. — Eu lhe disse que ia comprar este lugar. Então, bem-vindo ao Joplin Club, o inferninho mais quente da cidade.

Katharina também estava lá, parada nas sombras da pequena porta para o palco, tentando evitar que seu casaco encostasse nas paredes imundas e encharcadas de urina, um levíssimo sorriso escapando através de sua habitual máscara de indiferença entediada.

Wolfgang sorriu também. Mas nervosamente.

Nas primeiras horas daquele mesmo dia ele estava limpando o batom daquela mulher de sua boca e mentindo para Frieda ao dizer que não conseguia se lembrar se ela era bonita ou não. Na verdade, lembrava-se muito bem quão bonita ela era, e continuou a lembrar disso muitas vezes durante o dia, enquanto torcia fraldas molhadas e criava caras divertidas com maçãs e queijo para seus filhos.

Mas o que ele poderia fazer? Os músicos de *jazz* não podiam recusar trabalho só porque havia garotas bonitas no pacote. Se recusassem, eles nunca trabalhariam.

— Parabéns, Kurt — disse ele —, parece que eu sou o líder da sua nova banda, então.

— E isso aí, meu velho! — Kurt respondeu. — Vamos fazer este lugar ferver!

E a partir do momento em que os três entraram juntos no escuro recinto, respirando no ar o cheiro da noite anterior de álcool e tabaco, seguido da higienização matutina dos banheiros com água sanitária, eles fizeram exatamente isso. Fizeram o lugar ferver.

Foi, sem dúvida, o melhor trabalho que Wolfgang já tivera.

E não apenas porque Kurt era um empregador absurdamente generoso, que pagava pelo menos o dobro do que Wolfgang poderia ter conseguido em outro lugar. A principal causa para Wolfgang comemorar residia no fato de que Kurt era um fã genuíno. Ele amava o *jazz* de uma forma que só os jovens amam a sua música. Como um primeiro amor. Uma descoberta *deles*, definindo-os a si próprios e a sua geração. Para Kurt, *jazz* era uma religião, um modo de vida. Ele conhecia cada disco chegado dos Estados Unidos e os nomes de metade dos músicos de estúdio de Nova Orleans. Porém ele não usava tal conhecimento para impor sua visão em seu clube. Ele respeitava Wolfgang totalmente e deu-lhe completa autonomia.

— Apenas certifique-se de ser um sucesso, meu velho! — disse ele. — Bota pra ferver!

Wolfgang mal podia acreditar na sua sorte.

— Todos os outros idiotas para os quais eu trabalhei não davam a mínima para a música — disse ele à Frieda, na manhã seguinte à sua primeira noite no Joplin. — Aqueles cretinos sem ouvido só tocam *jazz* porque atrai os *gangsters* e as *flappers*; tocariam cantigas de roda ou o maldito Wagner se achassem que daria dinheiro. Mesmo os que fingem entender a música ficariam felizes se nós tocássemos *Alexander's Ragtime Band* e *The Yankee Doodle Boy* a noite toda. Mas Kurt é diferente, ele tem *alma*. Só comprou o clube para poder ouvir a banda. É como se fosse o seu próprio brinquedo de adulto.

— Que bom — Frieda observou secamente entre goles de café e pedaços de pão preto. Estava trabalhando em alguns documentos estatísticos e não olhou para cima. — Eu lidei com três casos de raquitismo ontem.

— Oh! — disse Wolfgang bastante surpreso. — Não deve ter sido muito divertido.

— Foi de partir o coração, na verdade. Por falta de nutrientes, pura e simplesmente. Eles não precisam de médico, precisam de uma refeição. O Oberbürgermeister[18] da cidade diz que um quarto das crianças em idade escolar em Berlim está abaixo da altura e do peso normais em consequência da desnutrição. Imagine isso. No século XX.

Wolfgang estava, naturalmente, um pouco desapontado com a reação de Frieda para o que ele imaginava ser uma notícia maravilhosa.

— O que o raquitismo e a desnutrição têm a ver com o meu novo trabalho? — perguntou ele.

— Na verdade, nada. Só que com a cidade toda lentamente morrendo de fome é bom que uma criança grande tenha o seu próprio clube para brincar, só isso.

— E você está dizendo que é culpa do Kurt o país estar completamente fodido, não é?

— Não fale palavrão. Os meninos podem estar acordados. Você sabe que eles estão repetindo as coisas que ouvem. — Frieda continuou a assinalar e marcar com X os formulários em que estava trabalhando.

— Bem, falou a grande radical! Palavrões são a linguagem do proletariado, não é? Eu achava que você era toda pela causa da maldita classe trabalhadora, não é mais?

— Eu quero um mundo mais justo, não um mais grosseiro, Wolf.

— Você fala como a sua mãe.

— E isso é uma crítica, não é?

— Você decide.

— Wolf, eu só estou pedindo para você controlar o seu linguajar um pouco. Edeltraud me disse que uns dois dias atrás, no Volkspark, um velho senhor deu uns tapinhas na cabeça de Otto e Ottster mandou-o se foder.

— Bom para ele. Não se mexe com o cabelo de um homem, isso é bem sabido. Matam gente por isso na parte sul de Chicago.

— Edeltraud achou engraçado, o que é, claro, metade do problema.

Wolfgang acendeu outro cigarro, o seu quarto naquela manhã, mas, com o dinheiro que agora estava ganhando, podia fumar quantos ele quisesse.

— Olhe, eu não quero ficar falando sobre Edeltraud ou velhos do parque. Quero saber por que você parece achar que o meu novo trabalho tem algo a ver com você tratar crianças com raquitismo.

— Ora, vamos, Wolf — Frieda disse, guardando seus papéis e levando sua xícara e seu prato para a pia, onde ela conseguiu esmagar uma barata com uma colher de servir. — Você sabe muito bem que todas estas pessoas enriquecendo rápido estão contribuindo para piorar uma situação já terrível. Se o Kurt pode se dar ao luxo de comprar sua própria casa noturna, deve ter tirado o dinheiro de algum lugar.

— O quê? Das crianças famintas?

— Indiretamente.

— Ele não tira o dinheiro de *lugar nenhum*, Frieda! — Wolfgang respondeu com raiva. — Ele pega dinheiro emprestado e compra as coisas; então, ele espera o marco se desvalorizar e paga a dívida. Simples economia jazzística. Queria ter a coragem de fazê-lo. Ele não fica rico à custa das joias de velhinhas na Bélgica, ele é apenas inteligente, só isso.

Frieda sentou-se novamente e tentou sorrir.

— Olhe, eu sinto muito, Wolf. Estou sendo injusta, eu sei disso. Só que está sendo muito duro no trabalho. Nunca pensei que o meu primeiro trabalho como médica seria assistir a crianças morrendo. Você sabia que os casos de tuberculose subiram trezentos por cento em relação aos níveis pré-guerra?

— Não, acontece que eu não sabia. Não tive tempo de estudar as estatísticas médicas da cidade. Estive ocupado trabalhando a noite toda para garantir que meus filhos não morressem de fome. E *também* minha esposa, aliás.

Frieda pegou a mão dele sobre a mesa e apertou-a.

— Sim. Eu sei. E é claro que estou contente com o seu novo chefe. É fantástico que ele goste da sua música.

— Você sabe o quanto eu odiava tocar música dançante em casas de chá em Wannsee e Nikolassee para velhinhas — Wolfgang disse —, mas eu fiz isso porque nós precisávamos comer e porque você queria trabalhar em um centro médico público onde lhe pagam uma miséria.

— Eu sei. Eu sei — admitiu Frieda.

— E agora que tenho um *show* do qual eu realmente gosto, pensei que você ficaria satisfeita.

— Eu estou. Estou satisfeita, Wolf, de verdade, e me desculpe. Às vezes, meu trabalho me angustia, só isso. E *sou* grata pela forma como você trabalha duro por nós, você sabe disso. — Ela se inclinou sobre a mesa e beijou-o. — Não está sendo bem como você planejou que seria nosso casamento, não é? Pelo que eu me lembro, seria eu quem iria sustentá-lo.

— Sim, seria você.

— Um músico de *jazz* sustentando uma médica — Frieda sorriu. — Só na Alemanha! Só em Berlim.

Hot hot hot!

Berlim, 1923

Todo mundo frequentava o Joplin.

Gente rica e extravagante. Marginais. Mocinhos. Bandidos.

Uma abundância de belas, uma abundância de feras.

Desde o primeiro dia o lugar simplesmente fervilhava com dinheiro fácil, bebida, sexo, drogas e *jazz*.

O sexo e as drogas eram fornecidos principalmente pelo amigo de Kurt chamado Helmut, o "cafetão veado", que lidava, Wolfgang descobrira depois, com narcóticos e prostitutas.

Ele regularmente oferecia as duas coisas a Wolfgang.

— Pode escolher — Helmut gostava de dizer expansivamente, apontando várias belas garotas (e garotos) que eram frequentadores regulares do clube e que Wolfgang não imaginava estarem na prostituição. — Leve duas e faça um sanduíche. Não se preocupe, estão todas limpas. Seis meses atrás, estavam terminando o colégio; agora, receio que as filhinhas e os filhinhos de papai precisem comer.

Wolfgang educadamente recusava a oferta de sexo, mas ficava feliz em aceitar um estimulante químico, de vez em quando. As noites eram longas e o trompete exigia muito dele.

Ele não contava à Frieda, é claro. Mas Frieda não estava lá e ele não tinha de jogar pelas regras dela. Não no clube.

Ele era, afinal de contas, um músico do *jazz*. Os caras do *jazz* não jogam pelas regras de ninguém. Essa era a questão. Um pouco de cocaína com o champanhe? Uma tragadinha junto com o uísque para sonhar? Por que não? Como poderia um homem dizer não?

E se, com o passar das noites, ele se viu conversando cada vez mais com Katharina entre as apresentações, e daí? Era crime? Ele gostava dela. E não só por ela ser bonita, apesar de isso não fazer mal. Ou por ela ser intrigante e enigmática.

Fascinante mesmo.

Wolfgang havia conhecido muitas garotas fascinantes. Muitas garotas que causavam a mesma impressão de uma *vamp*[19] sedutora de olhos frios, tão popular nos filmes.

A questão era que Wolfgang realmente *gostava* dela.

Katharina estava interessada nas mesmas coisas que ele, era igualmente estimulada e inspirada por elas. Não apenas pelo *jazz*, mas por todos os tipos de arte.

Quando ela falava sobre arte, seu rosto se iluminava e seus olhos começavam a brilhar. Toda aquela altivez estudada evaporava e ficava claro que sua indiferença de quem estava cansada do mundo era apenas um fingimento juvenil e que, por dentro, ela ainda era uma adolescente *gauche*.

Ela queria ser atriz, é claro. Os estúdios de cinema alemães eram os únicos rivais reais de Hollywood, e qual garota bonita de Berlim não queria ver seu rosto nas telas? Mas, ao contrário da maioria dessas garotas, ela não sonhava apenas com o estrelato. Ela amava o teatro tanto quanto os filmes, e Wolfgang ficou encantado ao descobrir que ela havia assistido a muitas das peças que ele e Frieda tinham visto nas ocasionais e preciosas noites em que saíam.

— Você gosta de Piscator?[20] — Wolfgang perguntou durante uma de suas primeiras conversas sérias.

— Sim, e eu me encontrei com ele também. Esperei por ele na porta do teatro *Volksbühne* depois de uma apresentação de *Ralé*.[21]

— Você gosta de Gorki também?

— Claro que sim! Como eu poderia não gostar dele? Ninguém escreve como os russos. Ele é um gênio, particularmente quando a montagem é de Piscator.

Na verdade, para constrangimento de Wolfgang, ele logo descobriu que Katharina era muito mais inteirada e versada no novo teatro expressionista do que ele. Ela havia viajado até Munique para ver *Tambores na Noite*, a primeira peça de um escritor novo chamado Bertold Brecht, do qual Wolfgang ainda não tinha ouvido falar.

Todas as noites, Katharina sempre sabia quais das celebridades mais excitantes de Berlim estavam no clube.

— Adivinhe só — ela dizia com entusiasmo, enfiando-se no apertado camarim atrás do palco, ignorando o fato de que os rapazes estavam apenas de camiseta e cuecas tentando se refrescar um pouco entre as apresentações. — Herwarth Walden está aqui!

— Herbert quem? — foi a reação geral dos músicos reunidos. E normalmente era assim, quando Katharina anunciava que tinha visto alguma figura célebre da *avant garde*.

Mas Wolfgang sempre sabia exatamente do que ela estava falando.

— Meu Deus! — disse ele, olhando para fora através da cortina de contas. — Ele está conversando com Dorf.

— Provavelmente vendendo a ele uma pintura.

— O editor da *Der Sturm*[22] está ouvindo a minha banda — exclamou Wolfgang. — Isso é incrível.

— *Hey, Wolf baby* — uma voz grave, com sotaque americano, interrompeu-o —, calma. Seja quem for o cavalheiro, ele come e caga como todo mundo. E, a propósito, esta não é a *sua* banda. Somos um grupo, não se esqueça disso.

Thomas "Pai Tomás" Taylor era um dos inúmeros músicos negros norte-americanos que haviam achado a vida mais fácil e o trabalho mais abundante no

fervilhante caldeirão cultural que era a Berlim do pós-guerra do que nos cinemas e bares segregados de suas próprias cidades. Como a maioria deles, falava bem o alemão, mas com um sotaque do Mississippi.

— Podemos ser o *seu* grupo — Tom continuou —, eu admito isso, mas eu não sou capacho de *ninguém*. Quem é esse fulano Waldorf, afinal?

— Wal*den*, Tom — Wolfgang corrigiu. — Ele não é uma salada,[23] ele é o padrinho do expressionismo, do futurismo, do dadaísmo, do realismo mágico de Berlim.

— Caramba! Esse fulano adora um ismo!

— Esse *fulano* foi pintado por *Oscar Kokoschka*.

— Bem, *desculpe* a minha ignorância, senhor! — Tom riu. — E, a propósito, se Oscar Kokoschka é um nome real, eu gostaria de apertar a mão dos pais do cara.

Foi então que Kurt meteu-se por entre a cortina de contas, com um dos fios atravessando o seu rosto, visivelmente trôpego.

Katharina olhou para ele com uma expressão de irritação, até mesmo de desprezo, e ela não fez nenhum esforço para disfarçá-la.

— Esta banda é quente! — Kurt gritou. — *Hot hot hot!*

Kurt estava se embriagando mais cedo e usando mais drogas.

Katharina tinha confidenciado a Wolfgang que ele havia passado a injetar cocaína, em vez de cheirá-la.

— É deprimente — disse ela. — Na noite passada, ele fez isso em suas bolas. Pode imaginar? *Na minha frente*. Diz que isso dá um barato excepcional. Pessoalmente, não acho que qualquer emoção valha tanto a perda da dignidade.

Kurt estava com um humor exultante.

— Grande número de abertura, o de vocês! — ele disse, com a fala arrastada. — Eu amei, eu *mais* que amei, adorei, vivi isso, falou à minha alma.

Katharina escapuliu enquanto Kurt continuava o seu discurso prolixo.

— Vocês mandaram bem, rapazes. Mandaram pra lá de bem. Deixe-me dizer uma coisa, eu conheço *jazz* e aquilo foi *jazz*, *baby*.

Kurt era por natureza um cara falante, e a cocaína tornava-o insanamente verborrágico. Ele *vomitava* palavras. Elas saíam se atropelando, em um jorro de louvor extravagante. Era como se ele estivesse dizendo as palavras ao mesmo tempo e também emendando-as. Wolfgang se entristeceu ao ouvi-lo. O melhor chefe que já tivera estava se tornando um idiota.

Ele começou a conduzir Kurt para fora do camarim. Se não fizesse isso, Kurt provavelmente ficaria ali a noite toda, alheio ao tempo.

— Precisamos nos aprontar, Kurt — disse ele. — Temos de fazer o nosso próximo número, é por isso que você nos paga.

— É isso aí!... É isso mesmo! Preparem-se! Para o próximo número! — Kurt gritou como se dar prosseguimento ao *show* da noite fosse uma ideia brilhante e originalíssima. — É isso que eu gosto de ouvir. Façam um show *hot hot hot*!

Enquanto a figura ridiculamente jovem tropeçava a distância, Wenke, o clarinetista, bufou com desprezo. Wenke era um instrumentista brilhante, mas um homem sombrio e taciturno, permanentemente danificado por quatro anos nas

trincheiras. — Burguesinho imbecil — ele rosnou. — Qualquer dia desses, vamos vê-lo pendurado em um poste, quando a revolução chegar. Esses tipos me deixam doente. Rapazes de batom, moças com os seios aparecendo através dos vestidos... Berlim está se transformando em uma fossa.

— Não fale mal de Berlim na minha frente, Wenke — disse Tom Taylor com uma risada grave e amigável, enquanto tomava um gole de sua garrafinha de Bourbon que mantinha no bolso do paletó. — Eu amo Berlim, sabe por quê? Aqui nesta cidade, Wolfgang é o *nigger*,[24] não eu! Isso não é estranho? Lá nos Estados Unidos eu fui *nigger* todos os dias da minha vida, mas não aqui! Finalmente encontrei uma cidade onde odeiam alguém mais do que odeiam um homem negro e eu digo aleluia para os judeus.

— Deixe só uma gangue de *Stahlhelm* descobrir que você transou com uma garota alemã, Tom — Wolfgang observou — e você vai descobrir num instantinho quem é o *nigger*.

— Bem, eles não *vão* descobrir, vão, Wolf? — Tom riu. — Porque não se trata de convidar uma plateia para assistir. Não que eles não fossem ter uma aula e tanto de como transar! — acrescentou, tomando outro gole de seu uísque. — No estilo *americano*, lento e fácil, como um *blues* preguiçoooso...

Wilhelm, o saxofonista, interrompeu; um homem cujo rosto estava coberto de maquiagem e usava um cravo na lapela.

— Bem, falando como um dos rapazes de batom que Wenke mencionou, se algum dia você se cansar de correr atrás das encantadoras coristas da nossa cidade, Tom, não hesite em me chamar, eu adoraria experimentar um pouco do charme negro.

— Eu certamente vou me lembrar disso, *Fräulein*. — Tom riu. — Pode esperar meu convite assim que o inferno congelar.

— Vocês são um bando de bastardos decadentes — Wenke resmungou.

— É claro que somos! — Wolfgang gritou. — Somos músicos de *jazz*! Ser bastardos decadentes é a descrição do nosso trabalho. Agora vamos, como diz o patrão, botar pra ferver!

No meio do segundo *show*, Wolfgang viu Katharina escapulir. Olhando de trás do pavilhão de seu trompete, viu quando ela se dirigiu para a saída com um homem. Um produtor importante do estúdio cinematográfico UFA, a quem Katharina havia apresentado Wolfgang rapidamente na noite anterior. Um produtor cinematográfico de meia-idade, grandalhão, suarento, convencido e arrogante.

Aquilo era assunto dela, é claro. Certamente não era da conta dele. Não havia necessidade de sentir ciúmes. Ela era apenas uma amiga.

Mas, quando Katharina e seu produtor de cinema desapareceram juntos, a mão gorda e cheia de anéis do homem colocada com a autoridade de dono sobre as costas magras e nuas de Katharina, Wolfgang ficou chocado ao perceber quão ciumento ele estava.

St John's Wood

Londres, 1956

O apartamento de Stone dava para o Regent's Park. Ele não poderia tê-lo bancado com o seu salário do Ministério das Relações Exteriores, mas o comprara com o dinheiro da venda do apartamento de seus pais em Berlim. A casa em que ele crescera, que os nazistas haviam roubado em 1942 e que tinha sobrevivido milagrosamente aos bombardeios dos Aliados.

Um último presente de seus queridos pais.

Ao se aproximar do prédio, saindo da estação de metrô de St John's Wood, Stone perguntou-se se Billie ainda estaria lá. Ela só ficava nos fins de semana e sempre ia embora na segunda-feira de manhã, mas nunca na mesma hora. Billie não era o tipo de pessoa que prestasse muita atenção a horários regulares.

Esperando o elevador, Stone preocupou-se ao perceber que ansiava por *encontrá-la* lá. Seria bom vê-la e tomarem um café juntos. Poderiam colocar um disco e continuar a instrução dela em *jazz*.

Stone tentou afastar esses pensamentos de sua mente. Não gostava de relacionamentos. Ele os tinha evitado desde 1939. Sempre indo embora toda vez que sentia que estava ficando muito próximo de alguém. Especialmente de uma mulher. O próprio fato de gostar de Billie e apreciar sua companhia o fazia pensar que deveria parar de vê-la.

Afinal, que direito tinha ele a tais prazeres singelos? Ele havia sobrevivido. E, de qualquer maneira, amava Dagmar. Sempre a amaria. Havia se comprometido com ela na Lehrter Bahnhof.

Billie era uma garota caribenha que Stone conhecera durante o verão anterior em um daqueles clubes noturnos clandestinos em Ladbroke Grove. Stone gostava de passar o tempo em Notting Hill. Havia sido um estranho de uma forma ou de outra desde a idade de 13 anos e sentia uma grande empatia com os imigrantes que recentemente haviam começado a viver em West London.

— Ei, nós somos os judeus agora — Billie uma vez brincara. Ao que Stone respondera que era melhor que não fosse assim.

Stone também gostava da música e da atitude descontraída que encontrou no povo de Billie. O desrespeito a convenções e autoridade. Gostava do riso, embora ele mesmo nunca risse, e da dança, apesar de nunca ter dançado. Também descobrira que fumar maconha era uma alternativa agradável a obscurecer o mundo com uísque, como fizera em quase todas as noites desde a guerra.

Após longos dias passados na secura empolada de Whitehall, era um alívio passar suas noites sentado meio chapado em um recinto lotado, barulhento, abafado, ouvindo música e assistindo aos casais desconhecidos dançando tão colados que quase poderiam ser uma só criatura. Lembrou-se dos lugares de que seu pai costumava falar. Os pequenos clubes noturnos pulsando com o ritmo e suando com o sexo em que Wolfgang Stengel havia trabalhado nos dias que antecederam a descida do chicote. Quando, de acordo com seu pai, Berlim havia sido bela, louca, irreverente e afirmadora da vida.

Sentado naqueles pequenos *nightclubs* de porão que os caribenhos haviam estabelecido tão rapidamente e com tão pouco respeito pelas leis de licenciamento, Stone podia imaginar-se perto de seu pai. Deleitando-se com a ideia de que, afora a cor da pele dos dançarinos, a cena que ele via através de seus olhos semicerrados não era muito diferente das que fizeram Wolfgang sorrir por trás de seu trompete em noites loucas e despreocupadas, tanto tempo antes e em outro mundo.

Às vezes, claro, com umas tragadas a mais, ou um drinque extra, a visão mudava, e Stone não podia evitar as fantasias paranoicas no pesadelo que invadia a sua mente aturdida, no qual a porta se abria e imbecis de camisas pardas com braçadeiras vermelhas e pretas entravam aos borbotões, agitando seus cassetetes e arrebentando todos os delicados, belos e jovens bailarinos, deixando-os estendidos no chão em uma confusão de sangue, dentes e ossos estilhaçados.

Billie lhe havia dito que se estivesse tendo esses pensamentos com frequência, com certeza, ele deveria experimentar colocar uma porcentagem maior de tabaco em seus baseados.

— Quando isso começa a deixá-lo paranoico, é hora de desacelerar — ela aconselhou.

Billie ainda estava em casa.

Na outra extremidade do corredor, a porta do quarto estava entreaberta e uma elegante perna marrom era visível, escapando do lençol. As unhas do pé eram perfeitamente cuidadas e pintadas de um vermelho vivo, extremamente brilhante.

— Ainda aqui, Billie? — disse. — É bom ser estudante, hein?

— Não se preocupe, tenho serigrafia em uma hora, *baby* — a voz alegre e de forte sotaque respondeu do quarto. — Não tenho aulas esta manhã, então, fiquei lendo um pouco na cama, mas você vai se livrar de mim num instante, cara.

Era um sotaque selvagem para os ouvidos de Stone. Mesmo quando ela falava dos estudos, parecia que estava em uma festa. Stone se perguntou se alguma variante de seu alemão nativo poderia soar tão despreocupada e naturalmente legal.

— Não tenha pressa — ele gritou, enchendo a chaleira. — Realmente, não há pressa. Fique na cama se estiver a fim.

Deitou uns grãos de café em um pequeno moedor elétrico e processou-os. Para conseguir os grãos, ele tinha de ir até uma loja no Soho. A cultura nada chegada ao café era um aspecto de sua pátria adotiva com o qual nunca se acostumara.

— Ei, *baby*. Tenho umas coisas para fazer, sabe? — Billie respondeu por trás da porta aberta, e Stone podia ouvi-la levantar-se para se vestir. — Eu não estava aqui sem fazer nada, apenas esperando por uma trepada.

Stone ficou vermelho. — Eu não quis dizer... Quer dizer, eu não estava dizendo para você ficar para... bem... o que *de fato* eu disse foi: tome um café da manhã.

Ele podia ouvi-la rindo de seu embaraço.

— Não há tempo, *baby*. Não há tempo para café da manhã. *Nem* para quaisquer outras delícias matutinas, aliás. Haha! Mas eu vou tomar um pouco deste café, *baby*. Grãos moídos na hora produzem um cheiro do qual eu nunca me canso.

Era um bom relacionamento. De longe, o melhor que Stone já tivera. Amizade mais sexo. Billie não estava à procura de algo mais sério tanto quanto Stone, embora pela razão diametralmente oposta. Tinha a vida inteira pela frente, enquanto a de Stone ficara para trás.

Ela era jovem, de espírito livre e ambiciosa. Não podia se dar ao luxo de desperdiçar seu tempo se apaixonando. Particularmente por um homem como Stone, que tinha decidido que não merecia ser feliz.

— Você tem um milhão de demônios trancados dentro de você, cara — ela observara em uma das primeiras noites que passaram juntos. — Faça-me um favor, não os ponha pra fora quando eu estiver por perto, hein? Já tenho os meus próprios.

— Eu nunca os ponho para fora — Stone respondeu. E nunca o fez.

Depois de alguns minutos, Billie saiu do quarto saltitando ao longo do caminho para ajustar os sapatos. Ele nunca entendera como ela podia arrumar-se tão impecavelmente tão rápido.

— O café já está saindo — disse ele. — Dois minutos.

— Tenho tempo. Posso chegar à faculdade em quinze minutos. Você sabe que eu só gosto de você por causa do seu endereço — ela brincou, sentando numa banqueta da cozinha e apanhando o batom.

Billie estava no terceiro ano, estudando têxteis na politécnica em Kentish Town. Quando passava a noite com Stone, já estava a meio caminho.

— Claro que sei. Fico feliz em ser útil — disse Stone. — Eu não quero que você goste de mim por qualquer outra razão. Que tal passar esse negócio depois de tomar o café? É um inferno para sair da borda da xícara.

— Tarde demais — ela respondeu, pressionando um lenço de papel sobre os lábios escarlates e, em seguida, metendo-o no bolso do paletó de Stone, que estava pendurado nas costas do banco de espaldar alto em que ela estava sentada. — Algo para se lembrar de mim durante a semana, hein? Haha!

Stone não a teria culpado se ela realmente gostasse dele apenas pela conveniência do seu apartamento. Ele certamente não se considerava um bom partido, catorze anos mais velho do que ela e apaixonado por uma lembrança. Ele tinha noção de que as mulheres às vezes o achavam atraente, embora nunca houvesse entendido por que, mas Billie poderia encontrar coisa muito melhor. Ela era inteligente e maravilhosamente elegante, iluminando a cozinha pequena e sem graça com seu costuminho cor-de-rosa com saia lápis e boina combinando,

empoleirada no topo do cabelo preto retinto com permanente *à la Marilyn Monroe*. E um sorriso maravilhoso. Um sorriso enorme, que parecia quase cintilar simplesmente por alegria de viver.

Ele serviu o café. Observando-a enquanto ela se ocupava de sua maleta de estudante. Lápis, papel, livros de fotografia emprestados da biblioteca e amostras de tecidos que, mesmo enquanto os guardava em sua bolsa, não resistia à tentação de acariciá-los, seus dedos finos deslizando sensualmente por eles, apreciando sua qualidade.

— Os opostos se atraem — disse ela, de repente, como se estivesse lendo seus pensamentos. — Eu gosto de caras tranquilos. Significa que eu não encontro competição para ser o centro das atenções.

Então ela terminou o seu café, pendurou a bolsa no ombro e andou em direção à porta, com uma torrada coberta de geleia de laranja Cooper's Oxford, que Stone tinha acabado de fazer para si mesmo, firmemente presa entre os dentes.

— Então, vejo você semana que vem — disse ela através da torrada. — Quem sabe você vai lá pra casa. Mamãe vai fazer carne de porco frita com gengibre e pimenta. Você será bem-vindo, se quiser ir.

— Na verdade, eu não como carne de porco. Não sei por quê. Nós comíamos quando eu era criança.

— Você comeria a carne de porco da minha mãe.

— Sim. Aposto que sim. Mas infelizmente estarei fora no fim de semana. Lembra? Eu lhe disse, estou indo para Berlim.

— Ah, sim, isso mesmo. A namorada há muito perdida, hein? Haha! Boa sorte!

— Ela era namorada do meu irmão.

— É, cara, e como isso lhe doía!

Stone nunca contara para Billie coisa alguma sobre seus sentimentos por Dagmar, mas supunha que estavam na cara. As mulheres costumam saber dessas coisas.

— Na volta, vou lhe trazer uns *pretzels* doces — disse ele.

— Não, obrigada. Estou de dieta. Mas, se você passar por uma livraria, veja se consegue encontrar algo sobre Bauhaus para mim. Não importa se for em alemão, são as fotos que eu amo. Ligue para mim quando você voltar. Isto é, a menos que você esteja totalmente envolvido com a namorada do seu irmão.

— Estarei livre hoje à noite — Stone disse sem pensar —, nós poderíamos jantar.

— Não vai ser possível. Estou posando para os estudantes de arte. Eles me amam, palavra de honra. Acham que eu sou exótica. Eu digo a eles: esperem até alguns milhões mais de irmãos e irmãs meus saírem de um barco. Aí já não seremos mais tão exóticos. Haha. Isso os levou a pensar.

E, com um clic-clac de seus saltos agulha, Billie foi embora.

Engraçado ela posar como modelo artístico. Apenas uma coincidência. Mas agradável. Uma conexão com sua mãe, assim como o clube noturno em que ele a conheceu era uma conexão com seu pai.

Stone tomou o café na pequena sala de estar de seu apartamento. A estatueta ficava em cima da cornija da lareira a gás. Ele pegou-a e segurou-a na mão.

Correu os dedos ao longo de suas linhas suaves e agradáveis. Havia algo de errado no fato de estar acariciando a imagem de sua mãe nua?, ele se perguntou. Talvez Freud pudesse respender.

Uma parte de Stone odiava aquela figura. Ele a odiava por causa de quem a tinha criado. Porém ele a amava mais. Porque era sua mãe, ali. Frieda, esculpida no primeiro ano de vida de Stone, pouco antes de ele se tornar totalmente consciente dela. Vinte e dois anos de idade, nua em pleno esplendor da juventude. Seu avô havia comprado a peça e ela ficara no apartamento dele durante toda a sua infância e juventude. Ainda estava lá em 1946, quando o seu agente alemão havia recolhido os bens da família que ainda estavam no apartamento antes da venda e os enviou para Stone, em Londres.

Ele se perguntou quantos bons nazistas haviam acariciado a estátua nos anos em que alguma família desconhecida havia se instalado como cucos assassinos na casa de seus pais. Como aqueles ladrões teriam ficado chocados se soubessem que estavam acariciando a imagem de uma judia. Devia ter havido, sem dúvida, uma Lei de Nuremberg contra esse tipo de coisa: *nenhum alemão puro irá acariciar a imagem de uma judia, tendo tal modelo um ou mais avós judeus.*

Seu pai odiava aquela estatueta. Stone sorriu ao se lembrar da exasperação intensa e semicômica de Wolfgang Stengel quando alguém a admirava.

A estatueta desafiava todos os princípios artísticos que Wolfgang Stengel tinha. Realismo chato, nada mais do que realismo chato, ele protestava. Razão pela qual, é claro, Stone e seu irmão a tinham adorado então, e porque Stone ainda a adorava. Precisamente porque *era* realismo chato, mas havia sido habilmente executada também. Uma representação razoável de sua amada mãe. Não tão bonita quanto ela havia sido, mas bonita, mesmo assim.

Por um momento, Stone segurou a estatueta pela cabeça. Segurou-a como ele a tinha segurado naquela noite terrível. Os nós de seus dedos ficaram brancos enquanto ele a apertava. A base do mármore vermelha de sangue. Viu novamente a água escorrendo sobre ela, lavando todo o vermelho. O sangue borbulhando para dentro da pia, enquanto ele e seu irmão começavam a encobrir freneticamente a evidência do que eles haviam feito.

Jazz demais

Berlim, 1923

O lugar, como Tom Taylor alegremente observou, estava fervendo.

— Esta banda está incendiando — ele gritou por trás de seu *kit*. — Não há nada melhor em Nova York.

Wolfgang estava experimentando alguém novo como pianista, uma imigrante russa chamada Olga, uma ex-duquesa, princesa ou algo do tipo, ao menos pelo que ela alegava. No entanto, todas as garotas russas refugiadas achavam que era a grã-duquesa Anastásia, por isso ela poderia facilmente ser a filha de um agricultor semianalfabeto que tinha muitas vacas e por conta disso levara uma bala em troca de suas terras. Não por acaso, Olga detestava Wenke, o clarinetista comunista, e o sentimento era totalmente recíproco.

Wolfgang gostava da tensão.

— Não podemos todos ser amigos. Seria muito sem graça. Um pouco de conflito é bom nos tons menores — disse ele. — E realmente esquenta os *riffs* atonais de Wenke.

— Eu gostaria de ver alguém esquentar o traseiro atonal de Wenke — Olga cuspiu através da fumaça de seu charuto.

— Fique na sua e continue tocando, princesa — Wenke rosnou em seu clarinete. — Você não pode fugir para sempre. A revolução vai lhe apanhar no final; então, haverá um poste esperando por você logo ali fora, na rua, sua maldita *kulak*.[25]

— Malditos chucrutes comunistas! — Olga zombou lá de sua banqueta de piano. — Vocês nunca terão uma revolução. Vocês não dão sequer um peido a menos que Moscou lhes envie uma permissão por escrito. Estou esperando pelo quarto derrame de Lenin! Dizem que ele já não pode nem falar. Avise-me quando o filho da puta já não puder respirar também, pagarei uma rodada de bebida para todos!

Olga cuspiu no chão e ergueu um copo de vodca misturada com pimenta provocativamente na direção de Wenke. Wolfgang decidiu começar o próximo número antes que os dois músicos chegassem às vias de fato.

— Essa é novinha em folha, saída do forno — ele gritou por cima do salão. — Acho que vocês irão amá-la tanto quanto nós; é de autoria do grande compositor negro americano Jimmy Johnson, de Nova Jersey, e chama-se "Charleston".

Tom Taylor deu a introdução com uma virada de bateria e a banda atacou o número musical que, desde que Wolfgang colocara no repertório da semana anterior, provara ser uma garantia de encher a pista de dança.

Enquanto tocava, Wolfgang olhou alegremente por cima de seu trompete. O clube estava lotado, como em todas as noites, e em meio à fumaça e às luzes estava tudo o que ele queria ver. Corpos se contorcendo. Rostos desvairados. Bebidas, garotas, diversão. Ele adorava aquilo. Já tinham se passado três meses, porém mal parecia uma semana. O Joplin havia se tornado a sua segunda casa.

Os amigos de Kurt haviam se tornado os amigos de Wolfgang.

Até mesmo a garota inconsciente que acabara escorregando para baixo da mesa quando ele os conhecera provou não ser a pobre vagabunda bêbada e estúpida que ele originalmente presumira que fosse. O nome dela era Helene e, apesar de ter apenas 20 anos, já era compradora de moda na grande loja de departamentos Fischer, na Kurfürstendamm.

— Desculpe pela outra noite — ela rira quando se encontraram pela segunda vez. — Aparentemente, estava péssima, não que eu me lembre. Só fiz uma mistura de drogas um pouquinho errada. Coisa fácil de fazer.

Helene era contagiante com sua perspectiva positiva, achando que praticamente tudo e todos eram interessantes e divertidos a seu modo.

— Eu vejo as pessoas maçantes *como projetos* a serem reformados — disse a Wolfgang. — Afinal, no fundo, *todos* são interessantes, não são? Quero dizer... *respirar* é interessante, não é? Isto é, quando você realmente chega a pensar sobre isso. Você não acha? Quero dizer, honestamente?

Helene costumava rir, conversar e ser charmosa até o momento em que o álcool e os comprimidos a desligavam. Ela praticamente não dava a menor indicação de que estava com o cérebro "frito como um ovo", como ela mesma dizia, até que revirava os olhos e deslizava para debaixo da mesa. Depois disso, Helmut se certificava de colocá-la em um carro para ser levada de volta para seus pais amorosos. Helene era tão linda, mimada, doida e vivaz como qualquer melindrosa do *jazz* almejaria ser, e em qualquer outro clube em que Wolfgang já houvesse tocado ele certamente teria se permitido a indulgência de procurá-la entre as pausas da banda e desfrutar de sua companhia esfuziante.

Mas não em um clube com Katharina.

As pausas da banda eram muito preciosas para gastar o tempo conversando com outras garotas, não importava quão encantadoras fossem.

Wolfgang sabia que estava se aproximando demais. Que não deveria ficar ansioso para vê-la do jeito que ficava. Procurando por ela do palco. Procurando por ela entre os *shows*. Sentando-se com ela no bar sempre que podia. Trocando opiniões sobre a última peça ou exposição ansiosamente.

Mas, com certeza, não havia perigo. Ela estava com Kurt. E ele tinha um casamento feliz.

Sim, ela o beijara na primeira noite em que se conheceram, mas nunca mais repetira aquilo. Quando ele lhe acendia o cigarro, ela não tocava na mão dele como havia feito na primeira vez, tampouco. Nem o encarava por entre a fumaça que saía daqueles mesmos lábios roxos.

Então, quando Wolfgang deixou o palco naquela noite em novembro, quando o "Charleston" tinha uma semana de idade, ele não hesitou em procurá-la no bar.

Eles concordaram que a música nova era uma sensação.

Eles riram do irado clarinetista bolchevique e de sua inimiga pianista, a desbocada princesa russa.

Eles discutiram a mais nova peça de Georg Kaiser, *Nebeneinander*, que estava prestes a estrear no Teatro do Povo, com desenhos de Georg Grosz, que ambos tinham como artista favorito.

E, então, ele perguntou por que ela o tinha beijado na noite em que se conheceram. Aquilo veio do nada. Ou, talvez, mais precisamente, de uma garrafa. Ele certamente havia bebido mais do que o habitual.

— Eu não esperava que você me perguntasse isso — disse ela.

— E eu não esperava perguntar.

Katharina tomou um gole de champanhe.

— Talvez eu estivesse um pouco bêbada — respondeu ela. — E eu gostei de você. Você se lembra do que eu lhe disse? Que achava você atraente? Eu estava falando sério. Não sou original? Mas, olhe, eu só soube que você era casado *depois* de tê-lo beijado. Eu não sei, quando o vi no palco, você simplesmente não *parecia* casado.

Pela primeira vez, o olhar de Katharina não era ousado. Em vez disso, ela baixou a vista para o cinzeiro entre eles, sobre o balcão. Evitando o olhar de Wolfgang.

— E, claro, você também está com Kurt... — Wolfgang acrescentou.

— Aquele viciado? Eu estava antes, certamente não estou com ele agora.

— Então, você está solteira? — Wolfgang disse, percebendo que havia dito aquilo muito rapidamente. Muito ansioso.

— Sim. Livre como um pássaro. Esta sou eu — Katharina disse com uma alegria frágil. — Não sou sortuda?

— E se... e se... — Wolfgang tomou um gole de sua nova dose de uísque, inquietamente consciente de que ele já tinha bebido muito mais do que o habitual para ele.

— E se o quê? — Katharina perguntou.

— E se eu estivesse solteiro? — ele perguntou. — Depois que você me beijou naquela noite? Se eu nunca tivesse mencionado mulher e filhos?

— Então, eu o teria beijado novamente na noite seguinte, Senhor Trompete. E todas as noites seguintes até que você e eu já não fôssemos mais solteiros.

Wolfgang sentiu um arrepio percorrer cada fibra de seu corpo.

Os olhos de Katharina ficaram um pouco enevoados.

— Mas você *mencionou-os*. E eu sou um tipo antiquado de garota moderna, sabe? E isso faz bastante diferença. Teria sido bom, é claro — disse ela, sonhadora —, se você tivesse me conhecido primeiro. Em vez de sua médica dedicada. Eu não teria me importado de ter um músico de *jazz* louco por teatro como namorado.

A bebida corria nas veias de Wolfgang agora. Fazendo sua coragem temerária subir-lhe à cabeça.

Ele arrastou a mão ao longo do balcão até onde a mão de Katharina estava pousada, com um cigarro entre os dedos. Unhas negras e brilhantes.

— Nós nos encontramos agora — Wolfgang disse calmamente.

Os dedos deles se tocaram.

Katharina olhou para baixo e por um momento pareceu perdida em pensamentos.

Então, ela afastou a mão, levando o cigarro aos lábios e tragando-o forte.

— Eu lhe disse. Sou uma garota moderna, porém antiquada. Vamos manter as coisas como elas estão, está bem? Somos amigos. Nós conversamos. Você é casado.

Wolfgang sentiu-se tolo. E com raiva. O uísque o deixava deselegante.

— Antiquada? E aquele produtor da UFA?

— Como disse?

Mesmo bêbado, Wolfgang sabia que não tinha o direito de mencioná-lo.

— Nada.

— Eu quero saber o que você quis dizer — insistiu Katharina.

Wolfgang deu de ombros. — Aquele com quem você desapareceu na outra noite — ele murmurou, fitando o chão para evitar os olhos dela. — Eu não acho que ele queria discutir técnica cinematográfica.

Katharina encarou-o firmemente. Seus olhos não estavam mais enevoados, mas, sim, frios.

— Oh. Então você percebeu, não é?

— É claro que sim. Eu... Eu senti ciúmes.

— Você é casado com a Senhora Trompete, Wolfgang. Que direito você tem de sentir ciúmes?

— Nenhum, eu acho, mas senti.

A momentânea explosão de raiva de Katharina arrefeceu. Ao contrário, ela parecia triste. Tragou profundamente o seu cigarro mais uma vez, sugando a ponta brilhante até o filtro. Acendeu outro com ele e deu de ombros.

— Aquilo era negócio. Estúpido e completamente ingênuo. Mas negócio, mesmo assim. O teste do sofá, como chamam, acho. Ele fez promessas, e eu acreditei. Ou, pelo menos, acreditei o suficiente para assumir um risco calculado e perdi. Ele conseguiu o que queria e eu não. Apareci no estúdio na manhã seguinte e ele se recusou a me ver. Fui uma tola. Foi a primeira vez que cometi esse erro e será a última.

Wolfgang estava calmo novamente. E envergonhado.

— Eu realmente sinto muito, Katharina. Eu não devia ter falado nisso. Que filho da mãe... Eu gostaria de socar a...

— Não importa. Acabou bem rápido e ficou para trás. Mas, embora eu possa estar preparada para transar com alguém de quem eu *não goste* pelas razões certas, não ficaria feliz em transar com alguém de quem eu *gosto* pelas razões erradas, que são o fato de estarmos ambos bêbados e cansados e embalados por todo esse *jazz*. Você mais do que eu, acho; então, vá lá tocar um pouco de música para mim e, em seguida, volte para casa, para a doutora Stengel, antes que arruíne a boa opinião que tenho de você.

Wolfgang levantou-se do seu banquinho.

— Está bem. Talvez você esteja certa, Katharina — disse ele. — Desculpe-me por ser um idiota. E obrigado por... bem, obrigado.

— Basta entrar no palco. E deixar tudo *hot hot hot*, certo?

Wolfgang caminhou em direção ao camarim da banda, passando por Helmut, que estava indo para o banheiro dos homens conduzindo um tipo militar de cabeça raspada e um rapaz bonito.

— A festa nunca termina, hein, Wolfgang? — disse.

Wolfgang sorriu. — Eu imagino que vai ter de terminar no final.

Duas semanas depois, em 15 de novembro, o novo presidente do Reichsbank aboliu o inútil marco alemão e introduziu uma nova moeda emergencial com restrições draconianas sobre empréstimos e especulação. O Rentenmark, como era chamado, mantinha o seu valor, e quase da noite para o dia outra insanidade alemã havia acabado.

Um histérico de 3 anos de idade

Munique, 1923

No mesmo mês, na distante Baviera, outra e infinitamente mais terrível loucura vinha ganhando força. O partido nazista, aquele "bebê violento" que gritava e vociferava, nascido no mesmo dia em que os gêmeos Stengel, perdeu a cabeça pouco antes de seu terceiro aniversário. Adolf Hitler, a voz e psique da criança, tentou derrubar o governo pela força. Sequestrou três políticos locais e marchou à frente de dois mil brutamontes de uma cervejaria, armados, em direção ao Ministério da Defesa da Baviera, onde pretendia exigir o controle ditatorial não apenas sobre a Baviera, mas também sobre todo o Reich.

Hitler e seu bando nunca chegaram ao ministério. Em vez disso, eles se depararam com uma centena de policiais que bloquearam seu caminho. Houve troca de tiros, e quatro policiais e dezesseis nazistas foram mortos. Hitler fugiu, mas outro líder nazista, Hermann Goering, ficou gravemente ferido. Ele foi socorrido em um banco nas proximidades, onde lhe foram administrados os primeiros socorros. Por um judeu.

Jazz moderno

Londres, 1956

À noite, Stone já não conseguia ficar em seu apartamento por mais tempo e decidiu que deveria sair. De todo modo, eles não ligariam àquela hora. O Serviço Secreto era como o Ministério das Relações Exteriores: trabalhavam dentro do horário de expediente, sempre que possível. Solicitações de remuneração por horas extras eram severamente desaprovadas.

Assim, tendo preparado para si uma refeição solitária de bacon e ovos, acompanhada por uma garrafa de Guinness, Stone decidiu ir até o Finsbury Park e dar uma passada no New Downbeat, um clube de *jazz* nas noites de segunda-feira, no qual, ao longo dos anos, ele passara um bom tempo. Já não ia tanto lá, não agora que havia descoberto a cena *jazz* em Notting Hill. Os clubes caribenhos ilegais eram muito mais loucos e descolados do que o circuito de *jazz* bem estabelecido em Londres, que tendia a ser frequentado por estudantes caretas de classe média. Porém Stone ainda amava a música. Tubby Hayes apresentava-se regularmente no New Downbeat, e não se ouvia um sax tenor melhor do que o de Tubby Hayes. O pai de Stone sempre adorara o sax, mas raramente o tocara profissionalmente, porque de forma geral achava que havia expoentes melhores do que ele na banda. Entretanto tocava o instrumento em casa e em *jam sessions* em bares locais. Stone sempre pensava no sax tenor como uma espécie de instrumento de "família". Passatempo de seu pai, não seu trabalho.

Ele tomou um táxi. O New Downbeat acontecia no *pub* Manor House, que ficava bem em frente à estação de metrô de mesmo nome, mas ele não gostava de usar o metrô no fim do dia. Mesmo que ele próprio fosse um fumante inveterado, achava o cheiro de tabaco velho misturado com um dia inteiro de odor corporal acumulado deprimente demais. Recostando-se no assento, Stone acendeu um Lucky Strike e ficou olhando as faixas de luz atravessando o interior da cabine quando o táxi passava pelos postes de iluminação pública.

Por um momento, teve uma lembrança de observar *flashes* rítmicos semelhantes. No vagão-leito do trem de Berlim para Roterdã. Deitado em sua pequena cabine, trepidando e sacudindo na escuridão, ouvindo o ruído metálico e ritmado, vendo as luzes de uma estação ou outra passarem. Observando os segundos demorando a passar em seu relógio de pulso.

Stone levantou o braço, por um momento, deixando a iluminação intermitente mais uma vez bater sobre aquele mesmo relógio. Berlim, Roterdã... Londres. De um modo estranho, ainda estava na mesma viagem.

Stone fechou os olhos. Projetando-se para longe. Para algum ponto perto do início da viagem. Outra época. Outro lugar. Onde ele era feliz.

Longe de Camden e Holloway e da Seven Sisters Road. De volta ao Parque do Povo. Rindo e gritando no Märchenbrunnen, com suas fontes e 106 esculturas de personagens de contos de fadas. Ele e seu irmão correndo em direções diferentes ao redor do grande caminho circular. Interceptando Dagmar entre Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho. Cada um segurando um de seus braços finos, macios e dourados e implorando por um beijo, enquanto ali perto, Silke, de cara fechada, os observava e achava ambos patéticos.

No táxi, Stone continuava fumando seu cigarro e pegou-se perguntando se Dagmar algum dia voltara a caminhar por entre as 106 estátuas de pedra e lembrado daquilo. Por algum milagre, o Märchenbrunnen tinha sobrevivido ao bombardeio aliado e fazia parte agora do lado oriental. Dagmar o visitava? Será que ela se lembrava dos beijos roubados sob o olhar atento de Rapunzel, Chapeuzinho Vermelho, Branca de Neve, Bela Adormecida e de todos os persoagens dos contos de fadas?

No seu caminho para o trabalho?

Na Stasi?

A voz do taxista se intrometeu em seus pensamentos. — Chegamos, companheiro. Pub Manor House.

Stone não tinha sequer reparado que o carro havia estacionado.

Era cedo e o lugar ainda não estava cheio, mas ele sabia por experiência própria que não ficaria assim por muito tempo e, por isso, resolveu fazer seu pedido imediatamente. Pegando sua cerveja e uma dose de uísque, escolheu uma mesa na frente, bem diante de onde a seção de metais estaria, conforme já sabia. Uma vez que ele teria de dividir a mesa, queria ter certeza de estar em um lugar onde houvesse a menor chance possível de um bate-papo. Já tivera muitas experiências de estar perdido em uma melodia arrebatadora e ter a concentração abalada por um chato sentindo a necessidade de demonstrar seu conhecimento enciclopédico do lado técnico da beleza do *jazz*.

— Bom o acorde de sétima dominante, você não acha? E quanto à escala menor melódica? Legal.

Stone era um solitário por opção. Não queria conversar, nunca. Mas, por haver frequentado vários clubes de *jazz* ao longo dos anos, tinha aprendido a tomar cuidado com caras que metiam suas cervejas e seus cachimbos ao lado de seu maço de Lucky Strike com a desculpa de que o haviam visto no clube Florida, no Flamingo ou no Studio 51, e imaginavam que, de alguma forma, isso significava que eles eram "companheiros de *jazz*".

Stone acendeu um cigarro e pegou um jornal que ele havia comprado na estação de metrô ali em frente. Os assuntos ainda eram Suez e a revolução na Hungria, é claro. Ele não queria lê-lo, mas uma muralha de papel era um dispositivo de bloqueio útil para manter afastado quem sentasse na mesma mesa até a música começar.

O salão começou a encher. O público clássico de *jazz*, artístico, intenso. Casacos de lã grosseira e sapatos de veludo cotelê. Como uma reunião do Partido Trabalhista em Hampstead, pensou Stone. Só que mais cheia. Havia um

sentimento de reverência na sala, as pessoas falavam em voz baixa, apenas um ou dois idiotas riam muito alto para mostrar como estavam à vontade ali e sabiam das coisas. Como será que uma música que em outros tempos sacudira todo mundo havia se tornado tão exclusiva? Na época de seu pai, o *jazz* era ruidoso e inebriante, era música de festa, para ser dançado, não para ser ouvido sentado. Talvez fosse uma coisa de classe. Rags e Dixie antes eram coisas de pobre e da elite decadente. Agora, esse tipo de música se estabelecera com firmeza entre os dois e era tão classe média como a BBC e a Campanha para o Desarmamento Nuclear.

— Esses assentos estão ocupados, cara?

Stone olhou para cima. Um bom resultado. Estudantes. Eles não iriam querer falar com um cara mais velho e careta como ele. Estavam em quatro. Dois rapazes, duas moças.

Tipinhos clássicos. As garotas, com suas franjas longas e cortadas retas. Pulôveres listrados, calças capri justas. Panturrilhas nuas. Sapatilhas. Os caras de suéteres de gola rolê. Cavanhaques ralos. Jeans preto. Botas de deserto. Um deles usava uma boina e trazia uns óculos escuros no bolso da jaqueta de veludo cotelê.

Dois rapazes. Duas moças. Duas cadeiras.

— Não. Estão livres — respondeu Stone.

Os caras se sentaram nas cadeiras e as garotas, no colo deles. Um dos casais tinha um conjunto de bongôs e um caderno escolar maltratado. Stone suspeitou que estivessem esperando mais tarde oferecer um pouco de poesia rítmica para o público que permanecesse depois do *show*. Ele é que não iria ficar ali para ver isso.

A banda entrou, recebendo aplausos educados e acenos de cabeça muito dignos. Era claro que os caras na mesa de Stone queriam bater palmas e acenar, mas era difícil com as garotas em seus joelhos. Era preciso contornar as cinturas cobertas de lã das garotas para juntar as mãos, o que naturalmente os impedia de balançar as cabeças, já que, assim, seus rostos ficavam colados às costas das moças. Elas logo desistiram e foram ficar em pé na parte de trás. De qualquer maneira, Stone duvidava que elas apreciassem a música. O *jazz* parecia ter se tornado, principalmente, uma coisa de rapazes. Essa fora outra mudança estranha. Nunca tinha sido assim no tempo de seu pai. Naquela época, as meninas amavam o *jazz*. Afinal de contas, eram as melindrosas do *jazz*, elas definiram a década de 1920. De acordo com seu pai, os clubes eram cheios delas, agitando-se e balançando-se ao ritmo da música, piscando seus olhos grandes e redondos de Betty Boop e fazendo beicinho.

Todas umas destruidoras de corações; pelo menos, era o que seu pai costumava dizer.

Sua mãe sempre erguia a vista para ele quando escutava isso.

Na época, Stone era muito pequeno para julgar por si mesmo, é claro. Quando ele e seu irmão tinham idade suficiente para pensar em frequentar os clubes noturnos, os nazistas já haviam banido aquela música negra, como eles chamavam, e, de qualquer forma, eles não teriam autorização para isso. Assim como Wolfgang não tinha autorização para tocar. Músicos judeus só tinham autorização para tocar para judeus. E o público na *Kulturbund*[26] judaica só

parecia querer ouvir Mendelssohn. Talvez porque isso os lembrasse de que um dia haviam sido alemães.

Os trompetistas apareceram no palco. Excepcionalmente naquela noite havia dois deles. Bebericando suas cervejas, trocando uma ou duas palavras. Aquecendo os seus instrumentos, passando trapos através dos tubos, correndo os dedos pelos pistões. Soprando. Stone semicerrou os olhos e tentou imaginar o seu pai. Ele devia fazer as mesmas coisas que aqueles caras estavam fazendo, polindo, correndo os dedos pelos pistões. Soprando.

Na verdade, era por isso que Stone havia ido lá. Gostava bastante da música, mas o que ele realmente fora fazer era semicerrar os olhos e tentar ver o pai. E, assim que houvesse conseguido, colocar seu irmão na imagem também. Assim como eles sempre haviam planejado.

Durante toda a infância juntos, nas inúmeras manhãs que tinham acordado ao som do pai voltando para casa, haviam sussurrado e planejado, sonhando que uma noite os dois sairiam escondido para vê-lo tocar. Ficariam juntos nos fundos de um daqueles lugares mágicos que seus pais chamavam de clubes e compartilhariam do mundo secreto de seu pai.

Nunca o fizeram, é claro.

No entanto, quando Stone ficava sentado sozinho naqueles pequenos bares de Londres, assistindo a uma visão de seu pai através da fumaça de cigarro, da neblina do uísque e com os olhos semicerrados, sempre tinha seu irmão ao lado dele, exatamente como haviam planejado quando sussurravam juntos, deitados no aconchego de suas camas, em seu pequeno quarto, no apartamento em Berlim.

Tubby, o líder, entrou no palco e apresentou a banda.

— Vamos começar com umas tradicionais — Tubby anunciou —, só para aquecer.

Eles tocaram *The Sheik of Araby*. Aquela que era uma novidade quando seu pai estava começando. Fresquinha dos Estados Unidos da América.

Stone fumou os seus Lucky Strike, sentado ao lado de seu irmão, e viu o pai tocar.

Uma garotinha muito distinta

Berlim, 1926

Wolfgang baixou sua xícara de café, pegou a caneta e se forçou a começar.

Professor de música procura alunos. Especialista em piano e todos os demais instrumentos.

Ali estava. A primeira frase. Concluída. Ele largou a caneta.

— Devo fazer mais torradas? — ele perguntou, voltando-se para Frieda.

— Wolf! Você nem começou!

— Tudo bem! Tudo bem!

Ele olhou para o papel por um momento ou dois e depois mostrou sua única frase.

— Até aqui, o que você acha?

— Eu não acho que você possa dizer que é especialista em todos os instrumentos — Frieda respondeu. — Quero dizer, se são *todos* não pode haver especialização, não é? Não importa o quão bom você seja.

— Viu só? Eu disse que isso não iria funcionar.

— Wolf! Você nem mesmo tentou.

— Porque o meu coração não está nisso. Por que você não escreve?

— Porque eu estou remendando.

Eles ainda estavam na cama. Era uma manhã de domingo. Que era para ser o melhor dia da semana. Muito pacífico. Café, torradas. Frieda costurando meias, Paulus deitado no tapete, lendo. Otto arrancando a cabeça de seus soldados de brinquedo a mordidas. E ele tinha de escrever aquele anúncio idiota.

Ele mordeu a ponta de sua caneta num silêncio mal-humorado.

Especialize-se em qualquer instrumento?

Todos os instrumentos igualmente especiais?

Seja qual for o instrumento de sua escolha, eu posso tocá-lo?

— Talvez eu deva me ater apenas ao piano — disse ele. — É só o que querem que seus pequenos monstrinhos aprendam, de qualquer modo.

— Como achar melhor. Apenas prossiga com isso.

Ele *odiava* a ideia de ter de ensinar música.

E ele *particularmente* odiava a ideia de ensinar música para crianças. Mas sabia por amigos que tinham sido forçados a ingressar naquela lúgubre carreira que aquele era o nicho de mercado onde se encontrava trabalho.

— É claro que serão crianças — disse, irritado. — Os adultos são maduros o suficiente para saber que são uma merda na música. Você tem de ensinar as

crianças a entender que elas não podem tocar.

— Por favor, tente não ser tão negativo, Wolf — disse Frieda.

— Bem, essa é a verdade sobre ensinar música, não é? Quero dizer, noventa e nove por cento do tempo? O longo e torturante processo de revelar ao aluno que ele é uma porcaria completa e nunca será capaz de tocar qualquer coisa além de *O Tannenbaum*. Professor e aluno apenas esperando isso semana após semana após semana, até que, finalmente, a ficha cai e o estudante desiste, para nunca mais voltar a pensar em música até o momento de forçar os próprios filhos igualmente sem talento a aprender a tocar.

— Wolf! Cale a boca! Ou você escreve o anúncio ou desiste.

— Só estou sendo honesto, só isso.

Ele já tinha problemas suficientes tentando fazer com que seus próprios filhos tentassem aprender um instrumento, quanto mais os filhos de outras pessoas. Ele mal podia fazer com que Paulus e Otto *ouvissem* qualquer coisa decente, ao menos. Suspeitava seriamente de que ele era o pai de uma dupla de filisteus. O único *jazz* que eles pareciam apreciar era o *ragtime* e, com quase 7 anos, já era para eles terem ido um pouco além disso.

— Você tem certeza de que não são *ambos* adotados? — ele sussurrava ocasionalmente para Frieda.

O que ela não achava nem um pouco engraçado.

Wolf era um músico profissional. Não uma babá de luxo.

Era culpa do governo, é claro. Stresemann e todos aqueles sociais-democratas enfadonhos com sua estabilidade e prudência entediantes. O que o país estava virando? Era uma desgraça! Mesmo em Berlim, no coração da metrópole mais jovem, louca, hedonista e *avant garde* do planeta, as coisas tinham se acalmado em um nível alarmante. Havia ainda trabalho nos clubes noturnos nos fins de semana, mas os outros dias estavam mortos.

— As pessoas pararam de dançar — Wolfgang se lamentou. — Três anos atrás, eu tinha à minha escolha vinte *shows* por dia. Agora, estou disputando *pfennigs* com músicos de estúdio de primeira linha. Caras que realmente são *a nata* estão em cinemas poeirentos tocando piano acompanhando filmes dos Keystone Cops! É um desperdício criminoso de talento. Meu Deus, eu tenho saudades dos bons e velhos tempos.

— O quê? — Frieda disse, concentrando-se em enfiar a linha na agulha. — Você quer dizer da revolução e da inflação?

— Sim! Exatamente, Fred! Isso é *exatamente* o que quero dizer. Um cataclísmico desastre nacional! É disso que uma cidade precisa para fazê-la balançar. Três anos atrás, quando o país estava completamente exaurido, bancários e vendedoras de loja estavam dançando virilha com virilha altas horas da madrugada! Bebendo até alucinar, cheirando cocaína e saindo de mansinho para transar nos banheiros! Vivendo o jeito *jazz* de ser como se não houvesse amanhã, porque acho que eles pensavam que *não haveria* mesmo um amanhã. De repente, eles se transformaram em seus pais. É uma desgraça.

— As pessoas não podem se divertir o tempo todo, Wolf.

— Por que não?

— Porque elas têm responsabilidades. Elas precisam *poupar*. Precisam começar a planejar o futuro.

— Futuro! *Futuro*. Como se qualquer alemão com menos de 35 anos soubesse o que a palavra *significa*! Nunca *houve* um futuro até agora! Estar *vivo* pela manhã, *isso* era o futuro. O futuro era sua próxima refeição. Agora as pessoas estão planejando a *velhice*. Investindo em pensões, colocando um pouco de lado para as férias de verão. Não aprendemos nada? Eles não percebem que a próxima bebida e a próxima dança são os *únicos* investimentos que valem a pena?

— Bem, isso é com você, querido — disse Frieda. — Faça ou não faça, mas você sabe tão bem quanto eu que entraria algum dinheiro. — Ela parou por um momento, antes de acrescentar: — Você sabe, só até você vender uma canção.

Wolfgang sorriu. Ela achava aquilo mesmo. Ela ainda acreditava.

— O próximo Mendelssohn, hein?

— Não! — Frieda protestou. — O próximo Scott Joplin.

Wolfgang a beijou.

— Eca! — disse Otto, em meio aos seus soldados mortos.

— Não seja imaturo, Otts — disse Paulus, enquanto lia seu livro, acrescentando baixinho: — Bobalhão.

— Frieda, eu não sou Joplin — Wolfgang disse com um sorriso. — Estou feliz por viver em um mundo onde alguém o é.

Frieda sorriu. — E agora?

— Bem. Acho que vou tentar terminar este anúncio.

— Ah, dê-me isso aqui!

E, exatamente uma semana depois, no domingo seguinte pela manhã, em vez de ficar deitado na cama até meio-dia, Wolfgang se viu vestido com seu melhor terno, servindo café para um cavalheiro de aparência próspera, que se sentava cuidadosamente na borda do sofá atulhado dos Stengel, ao lado de sua delicada filha de 6 anos de idade.

— E a menininha? — Wolfgang perguntou. — Fräulein Fischer?

— Dagmar — disse o senhor. — Por favor, você deve chamá-la de Dagmar.

— Hum... Você aceita tomar um refresco, Dagmar?

Houve risadinhas abafadas vindas de algum lugar nas proximidades da porta da cozinha. Era evidente que os outros membros da família Stengel estavam achando divertidos os esforços de seu pai em ser formal e educado. A pequena Silke também estava com eles, tão travessa como os meninos.

Wolfgang olhou furiosamente por cima do ombro, porém nenhum dos três culpados podia ser visto.

— Eu gostaria de um copo de limonada, por favor, Herr professor — a menina no sofá respondeu com a mais refinada das vozes —, com bastante açúcar.

Isso produziu uma verdadeira explosão — abafada — de risadas vinda da cozinha, seguida pelo som de risos dos meninos e depois, pior, a voz de uma menina entregando-se a um esforço de imitação sussurrado: "Eu gostaria de um copo de limonada, por favor, Herr professor. Com bastante açúcar".

A elegante e refinada menina, sentada rígida e de costas eretas ao lado de seu pai, não pôde deixar de ouvir o deboche direcionado a ela e, por isso, empinou o nariz, com uma expressão superior que lhe era tão fácil, deixando claro que estava acostumada a ignorar os meninos e outras ralés.

— Sinto muito — Wolfgang se desculpou. — Meus filhos. Eu os jogaria na rua e os deixaria mendigar, mas sou obrigado por lei a cuidar deles. Maldito Governo de Weimar, mole demais, mas não completamente, hein?

Herr Fischer sorriu.

— Garotos — disse ele com indulgência. — Eu me lembro de já ter sido um.

— Há uma menina também — Dagmar disse com firmeza. — Eu a ouvi claramente. Uma menina muito, *muito* horrível, na minha opinião.

Wolfgang sorriu, desculpando-se.

— É a filha da nossa empregada. Mas ela é legal, apenas muito vivaz.

— Minha mãe diz que não há *qualquer* desculpa para ser rude ou indelicado. Com certeza, ser vivaz não é desculpa.

Esta observação moralizadora suscitou ainda mais risadinhas reprimidas e Wolfgang decidiu que seria melhor esclarecer algumas coisas.

— Infelizmente não temos limonada, Dagmar. Desculpe-me, apenas água, na verdade. E eu também não sou um professor.

— Se você vai me ensinar, então você *é* um professor, Herr professor — a menina bem-vestida respondeu com firmeza, seus enormes olhos escuros pousavam sobre ele sem pestanejar. — *Todos* os meus tutores são professores. É assim que as coisas são.

Seu pai, Herr Fischer, sorriu indulgentemente, sem dúvida, com a impressão de que Wolfgang devia estar achando sua filha tão adorável quanto uma boneca de porcelana, tão cativante e inteligente como ele próprio a achava. Na verdade, Wolfgang estava lutando para esconder seu desejo de dar um tapa na pequena Dagmar e colocá-la para fora de seu apartamento junto com o pai o mais rápido possível, para que ele pudesse acender um cigarro e voltar para o seu piano.

Porém ele teve que ir com a maré. Havia prometido para Frieda e eles realmente precisavam do dinheiro. Embora Wolfgang tivesse certeza de que seria recusado. Aquelas pessoas não eram gente sua. Wolfgang sabia quem era o homem, todo mundo sabia. Ele era o Fischer da loja de departamentos Fischer, na Kurfürstendamm. E pessoas como Herr Fischer não confiavam suas filhas a pessoas como Wolfgang, que não tinha nem limonada em casa e sequer era um professor.

— Posso perguntar, Herr Fischer — Wolfgang disse —, por que veio até mim? Não sou exatamente um tutor da alta sociedade e sou novo no ensino. Também não posso afirmar que tenha muita experiência com crianças. Particularmente uma tão jovem quanto a sua filha.

Particularmente pequenas criaturas arrogantes como Dagmar, Wolfgang pensou. Uma princesinha da Ku'damm,[27] para quem papai queria adquirir uma habilidade "refinada" e "delicada" para torná-la mais capaz de arrumar um casamento com a espécie certa de nobre ou com o filho de um magnata industrial.

— Pouca experiência com crianças? — Herr Fischer riu. — O que eram aqueles dois pequenos maníacos que correram para fora da sala quando chegamos, então? Duendes? Eles me pareceram travessos o suficiente para o ser.

Na verdade, os meninos tinham começado a voltar de mansinho para a sala e estavam espiando da porta, fora do ângulo de visão de Fischer, com os rostos contorcidos com expressões exageradas de hostilidade e desprezo. Paulus e Otto estavam dispostos a tolerar a existência de meninas na escola, mas na sua própria casa não (Silke era um menino honorário). Especialmente meninas com fitas cor-de-rosa perfeitamente colocadas em seus cabelos, vestidos de veludo preto com acabamentos em branco imaculado e nuvens de rendas delicadas no pescoço e nos punhos.

— Meninos são muito diferentes — Wolfgang respondeu. — Além disso, eu só tenho de *viver* com esses dois, não tenho de lhes ensinar música.

— Quer dizer que você não lhes ensina música? — o senhor Fischer perguntou. — Acho isso muito surpreendente.

— Bem, sim, claro que sim — disse Wolfgang um pouco confuso. — Como um pai, sim, é claro. Mas, profissionalmente, eu só ensinei a adultos e, para ser franco, não sou mesmo muito bom nisso. Eu realmente não estou muito certo de que sou o tipo de pessoa que você...

— Meu marido ficará encantado se você decidir colocar sua adorável Dagmar conosco como aluna — disse Frieda, trazendo uma bandeja de biscoitos da cozinha.

Houve um alto ruído de desaprovação atrás dela quando disse isso, mas, novamente, quando Frieda olhou em volta zangada, nenhum culpado pôde ser visto.

— Sou Frau Stengel, Herr Fischer — disse Frieda, oferecendo-lhe a mão. — *Frau Doktor* Stengel.

— Obrigado, querida — Wolfgang disse com firmeza —, mas acho que posso arranjar meus próprios clientes e eu realmente não creio que isso daria certo para nenhum de nós.

— Sério? — Fischer perguntou. — Seu anúncio disse que estava aceitando alunos. Há algo errado com a minha filha?

— Claro que não, não! — Wolfgang disse rapidamente. — Mas, olhe, Herr Fischer, eu sei quem você é. Fischer é uma instituição de Berlim. Você é um homem rico, pode se dar ao luxo de contratar o principal maestro da Filarmônica de Berlim para ensinar sua menina. Você não me quer.

— Por que não?

Wolfgang fez um gesto para o apartamento atulhado e desarrumado. O trombone encostado no canto. O acordeão em cima da mesa, entre os jornais e manuscritos musicais. Almofadas e livros pelo chão. Xícaras de café equilibradas sobre as prateleiras de livros. Cartazes de teatro e de cinema na parede, Piscator e Chaplin lado a lado.

As gravuras emolduradas, caricaturas grotescas de gordos capitalistas gananciosos e oficiais prussianos homicidas, com as mãos cheias de dinheiro e pingando sangue, enquanto à sua volta os pobres e os doentes olhavam com sombria raiva.

— Georg Grosz — disse Fischer — da Primeira Feira Dadaísta de Berlim.

— Você conhece? — Wolfgang pareceu surpreso.

— Você acha que um lojista não pode apreciar a arte?

— Bem... Confesso que estou surpreso que você... Você gosta de Grosz, então?

— Eu o *admiro* — Fischer respondeu com cautela. — Não posso dizer que eu o penduraria na minha sala de estar.

Houve um momento de silêncio. Frieda ofereceu um biscoito à Dagmar, que a menina mordeu timidamente, como um camundongo entediado que pode esperar por algo melhor mais tarde.

— Olhe, Herr Stengel — Fischer disse —, eu não sei muito sobre música e não sei nada sobre ensinar. O que eu sei é vender. Agora, quando eu contrato uma pessoa para trabalhar em um dos departamentos da minha loja, tento encontrar alguém que seja interessado na coisa que vai vender, para que possa fazer os clientes se interessarem por ela também. O seu anúncio dizia que você é compositor, arranjador e orquestrador, além de atuar como músico profissional. Eu gosto disso. Não posso imaginar alguém mais interessado em música do que um compositor, entende? Exceto, é claro, um vendedor de piano.

— Você quer que eu "venda" a música para a sua filha? — Wolfgang perguntou, incapaz de disfarçar seu desprezo.

— Bem, é como qualquer coisa, não é? Se você vai gastar um monte de dinheiro em um chapéu, tem de estar realmente convencido de que ama o tal chapéu. Para se esforçar tanto para aprender um instrumento, imagino que você realmente tenha de acreditar na música, não é? Então, sim, eu quero que você "venda" a música para Dagmar, para que ela possa ser inspirada a aprender.

Wolfgang não podia negar a lógica do que Fischer estava dizendo ou a honestidade com que ele o dizia.

— E você tem filhos. Não acho que haja qualquer psique mais impenetrável do que a de uma criança pequena. Eu, pessoalmente, não entendo patavina deles, e é por isso que eu e minha esposa empregamos duas babás. Você tem filhos e é evidente que você os está criando. Por tudo isso, eu acho que é uma boa escolha para mim.

Wolfgang estava prestes a responder, mas um olhar de Frieda o silenciou e Fischer continuou.

— A mãe de Dagmar e eu achamos que ela tem mostrado um pouco de talento... Não, não se preocupe — ele continuou, em resposta à ligeira expressão de divertimento que cruzou o rosto de Wolfgang. — Não sou um daqueles pais ridículos que pensam que seu filho é um prodígio. É que temos notado que ela prefere mexer em nosso piano a brincar com suas bonecas, então pensamos em lhe proporcionar aulas. Dei uma olhada em alguns professores caros na cidade, mas seus "estúdios", como eles os chamaram, pareceram-me uma mistura de uma prisão e um cemitério. Quero que Dagmar se divirta um pouco. Eu vi você tocar algumas vezes, também.

— Você viu? — Wolfgang disse, animando-se imediatamente. — Sério? Onde?

Frieda sorriu pela empolgação de cachorrinho de Wolfgang.

— Não recentemente, ando um pouco ocupado para noitadas hoje em dia, agora que a economia está se expandindo novamente. Mas, durante a inflação, estávamos todos um pouco mais soltos naquele ano, não estávamos? Eu vi você no Clube Joplin.

— Melhor lugar em que já me apresentei.

— Sim, foi divertido. Muito louco mesmo. Lembro-me do proprietário, ele veio até minha mesa e, na verdade, se ofereceu para *comprar* a minha loja de departamentos. Ali mesmo. Absolutamente extraordinário, pois ele não podia ter mais de 18 ou 19 anos.

— Dezoito, apenas — Wolfgang respondeu.

— Realmente. Um jovem destinado a ir longe, eu creio.

— Infelizmente, não foi. Ele morreu.

— Oh, Deus. Do quê? Posso saber?

— Por causa de gostos que ele desenvolveu durante a inflação, mas que não podia se dar ao luxo de sustentar quando tudo acabou.

— Entendo.

— Houve muitas mortes naquele ano. Ele também se foi.

— Bem, eu sinto muito por ouvir isso.

— Sim, eu também. Ele não sabia tocar uma nota, mas era o cara que mais gostava de *jazz* que eu já conheci na vida. Sempre que um grande disco novo chega dos Estados Unidos, eu ainda penso nele. Do quanto ele teria adorado. Aquele tolo. De qualquer forma, Herr Fischer, você me convenceu. Aceito o trabalho. Vou vender a música para a sua filha.

— Wolf! — Frieda advertiu-o. — *Você* é quem deveria convencê-lo.

— Oh. Sim, é claro. Sinto muito.

— Muito bem. — Herr Fischer riu. — A coisa funciona de qualquer maneira.

Houve mais ruídos de desaprovação vindos de algum lugar além da porta da sala, seguidos por risadinhas e pontapés.

— E eu prometo que Dagmar vai se divertir — Frieda disse alegremente.

Naquele momento, o curso de quatro jovens vidas foi traçado.

O “Clube dos Sábados”

Berlim, 1926-1928

As reservas iniciais dos meninos sobre a nova estudante de música de seu pai se evaporaram já na primeira lição, quando Dagmar Fischer chegou para a aula trazendo um grande bolo de chocolate.

Paulus e Otto certamente tinham *visto* um bolo como aquele antes. Nas raras visitas de feriados ao famoso salão de refeições da Fischer, com os dedos sujos e narizes pressionados contra o vidro do balcão da *Konditorei*.[28] Mas nunca tinham imaginado que um deles algum dia estaria sobre a mesa de seu apartamento. Uma *fatia* de um, talvez, cuidadosamente escolhida depois de muito debate, cortada com grande cerimônia pela dona da loja, embrulhada em papel vegetal e colocada em uma caixa listrada para ser levada para casa e guardada para depois do jantar. E, então, para ser dividida, num processo no qual Paulus insistia em usar uma balança, um esquadro e uma régua para obter justiça absoluta.

Mas nunca um bolo inteiro.

Descaradamente os meninos, que estavam temendo a chegada da garota elegante e pensando seriamente em um copo de água equilibrado sobre a porta, simplesmente se derreteram com gratidão.

Misturada em iguais proporções com um sentimento de reverência.

Afinal, uma garota que tinha acesso a um bolo daqueles deveria ser, no mínimo, uma princesa, se não uma rainha.

— Podemos comer um pedacinho? — perguntaram timidamente.

— Podemos comê-lo inteiro — disse Dagmar. — Papai disse que, por sua experiência, a maioria dos pequenos infratores mais desagradáveis pode ser conquistada com um bolo.

— Seu pai parece um homem astuto — Wolfgang disse, apanhando pratos e uma faca — e destemidamente honesto.

Silke (que nunca tinha sequer chegado perto de uma fatia de tanto creme e chocolate) era feita de material mais duro e se recusou a ficar impressionada. Cruzou os braços, fez cara feia e se negou até mesmo a provar o bolo.

Por, provavelmente, quinze ou vinte segundos.

Depois disso, os quatro e mais Wolfgang acabaram com o bolo inteiro, exceto por uma relativamente pequena porção que se forçaram a separar para Frieda.

— Só porque nós comemos o bolo — Silke sussurrou furiosamente para Dagmar quando foi convidada a mostrar o banheiro para a nova aluna — não significa que você está em nossa turma.

— Só porque eu deixei você comer o meu bolo não significa que você está na minha — Dagmar respondeu com arrogante indiferença.

Wolfgang decidiu incluir os meninos e Silke nas lições de Dagmar, porque sentiu que atravessar noventa minutos com um grupo de crianças provavelmente seria mais fácil do que fazê-lo com apenas uma. Ele também achou que seria mais divertido. Estava certo em ambos os casos, e as lições foram um grande sucesso desde o início. Apesar das intermináveis brigas e lutas — ou talvez por causa delas — em que os quatro jovens estudantes se metiam.

Bilhetes secretos eram trocados. Pactos solenes, feitos e quebrados. Alianças, formadas e traídas.

E no meio de tudo isso um pouco de música realmente foi ensinada. O pai de Dagmar tinha razão, sua elegante menininha de fato mostrava algum talento no piano. E, por causa disso, os gêmeos, estimulados pelo ciúme e pelo desejo de não serem batidos por uma menina, começaram a se dedicar a vários instrumentos. Afinal, seu pai era um compositor, o de Dagmar apenas dirigia uma loja. Otto revelou um talento mais instintivo, porém Paulus era mais diligente e por puro esforço de concentração fez-se o melhor.

Apenas Silke era absolutamente incapaz de tocar, mas podia manter um ritmo decente, por isso Wolfgang a mantinha no pandeiro e nas maracas. Então, um dia, ele por acaso ouviu-a regalando as outras três crianças com canções sujas, que haviam sido ensinadas pelo namorado de sua mãe, e Wolfgang percebeu que, em Silke, ele tinha uma vocalista.

Até o fim do primeiro ano, as crianças foram capazes de montar um pequeno concerto para os pais de Dagmar que tinha até um programa impresso, criado com um conjunto de carimbos “John Bull” que Frieda havia trazido de uma conferência que assistira na Inglaterra.

Edeltraud, a mãe de Silke, também foi convidada para a apresentação e foi acompanhada de seu novo namorado, Jürgen. Um agradável jovem que segurava o chapéu na mão, torcendo-o nervosamente e agradecendo Frau Stengel por admiti-lo em sua casa. Estava claramente muito admirado com o célebre Herr Fischer e sua esposa, e levantava-se quando um deles entrava ou saía da sala.

À medida que os meses foram passando, Dagmar começou a gastar mais e mais de suas tardes de sábado na casa dos Stengel. As lições duravam uma hora e meia, mas ela pressionou com sucesso seus pais para só ser apanhada por sua babá muito tempo depois do fim da aula. Os Fischer estavam felizes que sua filha estivesse convivendo com crianças de uma classe diferente de sua própria. Estavam no século XX, afinal de contas, e a Alemanha era uma orgulhosa democracia social. Além disso, a esposa do professor de música era médica e o avô das crianças era um inspetor de polícia, portanto aquela era uma boa e sólida base familiar. E, mesmo que a filha loura da empregada fosse bastante rude, com seus joelhos ralados, sandálias gastas e um sotaque berlinense que poderia cortar vidro, não faria mal nenhum a Dagmar ganhar alguma experiência com

uma espécie tão diferente de menina. Afinal, um dia, ela sem dúvida teria de empregar gente assim para as tarefas domésticas de seu próprio lar.

Os Fischer talvez imaginassem que as crianças passavam o tempo se aprimorando, lendo e ouvindo discos. Ou jogando jogos de tabuleiro, quem sabe, Cobras e Escadas,[29] ou o recém-chegado e muito popular Monopólio, que Herr Fischer achava maravilhoso e muito educativo. O que as crianças estavam fazendo de fato era perambular pelas ruas de Friedrichshain, fazendo todo tipo de traquinagem que lhes desse na telha, o que era muita coisa. Frieda trabalhava aos sábados e Wolfgang, que não podia aturar o barulho de quatro crianças enlouquecidas em um apartamento pequeno, simplesmente deixava-os sair, proporcionando-lhes gloriosas horas de ócio, entrando e saindo de pátios de cortiços, pulando amarelinha, atirando pedras, beliscando as frutas das barracas e, ocasionalmente, inspecionando as partes íntimas uns dos outros.

Nesta última atividade, Dagmar era apenas uma espectadora. Ela nunca mostrara nada, nem mesmo sua calcinha, embora os meninos a tivessem visto simplesmente levantando-lhe a saia. Silke, por outro lado, ficava feliz por deixar os meninos darem uma olhada sempre que quisessem. Ela não conseguia ver maldade naquilo.

Assim, com o passar dos meses, um forte vínculo formou-se entre os quatro jovens, um vínculo em separado de seus amigos da escola e de suas vidas individuais. Eles eram o Clube dos Sábados, uma sociedade secreta conhecida só dos quatro e da qual nenhum outro podia participar. Muitos juramentos solenes e votos secretos foram feitos, obrigando cada um deles a sempre ser leal ao clube e aos outros. É verdade que a parte sobre lealdade de uns com os outros muitas vezes foi quebrada por rixas internas, especialmente pelas meninas, que criaram o hábito de cruzar os dedos atrás das costas quando juravam, sussurrando “exceto Dagmar” ou “não incluindo Silke”. Mas, mesmo assim, a amizade no Clube dos Sábados era real. Paulus, Otto, Dagmar e Silke formavam um verdadeiro Bando dos Quatro.[30]

É claro que os meninos viam muito mais Silke do que Dagmar, e em sua inocência Silke carinhosamente imaginava que isso a fazia a privilegiada das duas meninas, que havia um grupo de elite dentro do bando. Ocorria o oposto. A ausência de Dagmar emprestava-lhe mistério, que, em combinação com a sua superioridade natural, simplesmente tornava-a ainda mais fascinante. Silke nunca conseguiu entender como era que, quanto mais cruel e mais arrogante Dagmar se comportava com os meninos, mais eles pareciam gostar dela. E que sua própria ânsia por agradar apenas a levava a ser tida como garantida, ou, pior ainda, a ser ignorada.

Levou dois anos até que os três membros do Clube dos Sábados que eram de Friedrichshain esbarrassem com a elegante companheira de Kurfürstendamm em outra ocasião que não no habitual dia da semana. Aconteceu no Lago Wannsee, durante uma competição de natação interescolar. Aqueles eram os anos de Weimar, de crescente igualitarismo, e caras escolas privadas como a de Dagmar de vez em quando se viam em competições desportivas com rivais das escolas públicas.

Paulus e Otto estavam sentados nas belas margens do lago quando avistaram Dagmar rindo com suas amigas, muito perto do lugar em que se encontravam. Decidiram não chamá-la, em parte por timidez, por Dagmar estar acompanhada por tantas outras meninas chiques como ela, mas, também, por estarem desconcertados em vê-la fora do contexto habitual. Em vez disso, se contentaram em assistir, fascinados por ver a amiga de pernas longas em seu traje de banho e de uma forma estranha, parcialmente compreendida, apreciando o espetáculo.

Foi assim até que a viram aproximar-se do pódio.

— O que ela está fazendo? — perguntou Paulus. — Caramba! Ela não vai mexer nas taças, vai?

Dagmar estava indo, decididamente, em direção à mesa em que os troféus eram exibidos.

O lanche havia sido anunciado alguns minutos antes, e, com os vários professores e juízes ocupados em se servir dos refrescos, Dagmar tinha aceitado um desafio. Paulus e Otto assistiram com espanto ela se aproximar da mesa, pegar o grande troféu e subir no pequeno cais que levava às plataformas de mergulho com a finalidade de posar para uma fotografia.

Infelizmente, o cais estava molhado e ela escorregou, deixando cair o esplêndido troféu, que teve sua base quebrada. Atordoada com o que tinha feito, ela simplesmente se levantou, tremendo de terror quando um apito foi soprado para marcar o fim do intervalo e a retomada da competição. Foi então que Paulus e Otto correram até Dagmar e tiraram dela o troféu quebrado.

— Saia daqui, Dag! — Paulus disse afobado. — Volte para suas amigas!

Momentos depois, os juízes retornaram e encontraram os dois contritos meninos em calções de banho segurando o troféu quebrado.

— Qual é a explicação para isso? — O velho professor, mestre das antigas, com seu colarinho engomado, sobrecasaca e bengala, trovejou através de seus bigodes brancos como a neve.

— Uns meninos desordeiros estavam brincando com ele! — disse Paulus.

— Nós estávamos brincando com ele. Fomos nós! — Otto declarou ao mesmo tempo.

— Nós fomos atrás deles por aqueles bosques e conseguimos pegar a taça de volta — Paulus continuou.

— Nós quebramos o troféu. Fomos nós, nós fizemos isso! — disse Otto.

Os dois garotos se viraram um para o outro.

— Seu idiota — disse Paulus.

O resultado foi que os meninos Stengel receberam uma surra pública, a que Dagmar assistiu, espantada com a bondade deles e emocionada com sua bravura. E, se ela fosse honesta consigo mesma, bastante satisfeita — não é toda garota que é defendida publicamente na frente de todos os seus amigos por dois meninos desconhecidos e desgrenhados, que sequer choraram quando receberam dez bengaladas nos traseiros. Mais quatro extras para Paulus, por tentar inventar uma história.

Eles talvez houvessem cedido às lágrimas, se tivessem recebido seus golpes sozinhos, mas nenhum dos dois estava disposto a ser o primeiro a chorar na frente

do outro.

E, particularmente, não na frente de Dagmar.

Silke também estava presente na competição entre as escolas e, apesar de não ter visto o incidente, logo tomou conhecimento de tudo, já que o acontecido se espalhou rapidamente entre as crianças. Mais tarde, quando a competição recomeçou (menos para os desgraçados gêmeos Stengel), Silke abriu caminho através dos vários grupos escolares para enfrentar Dagmar. De frente uma para a outra, as duas meninas faziam um contraste e tanto. Dagmar, alta para os seus 8 anos, com seu maiô escolar bem ajustado por elásticos. Silke, pequena e resistente, em um traje de banho largo, em malha de lã (furado em vários lugares), com as pernas roxas e arranhadas como sempre, por se meter em uma briga ou outra.

— Você deixou os nossos garotos levarem uma surra! — Silke rosnou.

— Não seja estúpida — Dagmar respondeu arrogantemente. — Eu não pedi a eles para assumirem a culpa, pedi?

— Você deveria ter dito que foi você! Eles não teriam batido em uma menina.

— Isso apenas pareceria ridículo. Paulus e Otto já tinham contado histórias diferentes. Eu não acho que uma terceira teria ajudado, não é? Ainda assim, eles seriam espancados. Além disso, os meninos queriam me ajudar, não é sobre isso o Clube dos Sábados? Eu acho que foi muito nobre da parte deles.

Os punhos de Silke se fecharam. Ela estava com o rosto vermelho. Com raiva, mas também constrangida e pouco à vontade, uma garota desalinhada entre tantas meninas ricas, todas vestidas com belos trajes de banho, idênticos ao de Dagmar.

— Quem é essa criança? — uma voz feminina severa foi ouvida quando a professora de Dagmar, de aspecto ameaçador, aproximou-se. — Ela deveria estar com a própria escola. Menina, por que você deixou o seu grupo?

— Eu vim falar com a Dagmar, senhorita — Silke murmurou, olhando para o chão.

— Queixo para cima e fale alto, menina! Não estamos na sua casa — retrucou a professora, provocando muitas risadinhas das meninas chiques, o que fez Silke ficar vermelha como um tomate.

— Eu vim para ver Dagmar Fischer — Silke disse, levantando um pouco a cabeça.

A professora lançou a Dagmar uma olhada duvidosa.

— Você conhece essa menina, Fräulein Fischer?

— Sim, Frau Sinzheim. Ela é a filha da mulher que limpa o apartamento onde eu tenho minhas aulas de música.

O queixo de Silke caiu por ouvir-se descrita tão desdenhosamente.

— Nós somos amigas! — Silke afirmou.

Isso causou mais risos entre as colegas de Dagmar e foi a sua vez de ficar vermelha.

— Bem, ela deve ir embora agora — Frau Sinzheim disse com um olhar duvidoso em Silke. — As finais estão aí e você precisa se concentrar, Dagmar.

Estilo livre sub-10, nado de peito e revezamento. Espero que você obtenha ouro em todos os três.

— Sim, Frau Sinzheim.

A professora virou-se para Silke.

— Afaste-se agora, menininha. Você não tem o que fazer aqui.

Frau Sinzheim seguiu em frente, deixando Silke olhando para Dagmar com os olhos fulminantes e mostrando-lhe a língua.

— Ora, vamos, Silke — disse Dagmar. — Você está com ciúmes. Você não se importaria nem um pouco se os meninos tivessem levado uma surra por *você*. Mas você acha que eles teriam feito isso?

Silke parecia que estava prestes a responder, mas nada falou. Provavelmente, a observação de Dagmar havia atingido um ponto sensível.

Duas festas e o *Crash* da Bolsa

Munique, Berlim e Nova York, 1929

Vinte e quatro de fevereiro.

Duas festas de aniversário.

Uma em um apartamento em Friedrichshain, em Berlim.

A outra em Munique, em uma casa na Schellingstrasse, 50.

Paulus, Otto e o Partido Nazista. Todos fazendo 9 anos naquele dia. Apenas um deles viveria para além dos 25 anos. Os outros dois, como inúmeros outros milhões de jovens ao redor do mundo, estavam condenados. O partido de Munique que completava 9 anos iria matá-los todos, antes de perecer ele próprio.

A festa de aniversário em Berlim foi um acontecimento muito alegre. Havia jogos, bolo e refrigerante americano. A estranheza da reunião dos coleguinhas de escola de Paulus e Otto com Dagmar e Silke do Clube dos Sábados foi logo superada. Dagmar estava sentindo-se à vontade o suficiente para aceitar ser vendada e participar da brincadeira de cabra-cega.

Havia muito que comemorar, como o avô dos meninos apontou em um brinde bastante longo que ele insistiu que o deixassem fazer durante o lanche e que as crianças em grande parte ignoraram, naturalmente preferindo concentrar-se nos pãezinhos e no frango frio.

— Esses garotos de sorte irão conseguir mais do que nós jamais obtivemos — Herr Tauber disse — porque o longo pesadelo da Alemanha terminou e as oportunidades estão abertas para eles.

Foi, de fato, por essa mesma razão que a celebração de Munique não foi um evento tão feliz. O sucesso crescente da Alemanha podia ser bom para os meninos Stengel, mas tinha deixado o Partido Nacional Socialista dos Trabalhadores Alemães frágil e doente.

Sua mensagem de violenta e intransigente indignação e ódio começara a soar um tanto vazia enquanto a vida na pátria mãe continuava a melhorar. Nas eleições do Reichstag de 1924, o partido havia conseguido 3 por cento dos votos nacionais. Em 1928, após mais quatro anos de gritaria, marchas e punhos batendo para cima e para baixo pelo país, caíra para apenas 2,6 por cento.

Os homens de camisas pardas estavam perdidos.

Seu líder de camisa parda estava perdido também. Embora, é claro, ele escondesse sua confusão por trás do rosto severo de uma vontade "implacável" e "imutável".

O que estava dando errado?

Sua mensagem era bastante clara. Apesar dos confusos e autocontraditórios "25 pontos" com os quais Hitler havia lançado o partido, ele realmente se resumia a apenas uma coisa: "Culpem os judeus por tudo!".

O que poderia ser mais simples? E ainda assim tal mensagem estava cada vez mais difícil de explicar ou sustentar.

Deveriam os judeus ser culpados pela moeda cada vez mais estável? Pela melhoria da situação do emprego? Pelos serviços sociais eficientes? Pelo fato de a Alemanha ser membro da Liga das Nações?

As pessoas gostavam de todas essas coisas. Elas eram as razões pelas quais, em Berlim, o velho Herr Tauber sentia-se capaz de afirmar que o pesadelo do país acabara.

Até mesmo a grande indignação de novembro de 1918, a chamada teoria da "Punhalada pelas Costas", que havia sido a favorita do partido nazista, estava começando a soar como uma obsessão paranoica. Ao longo de 1920, Hitler havia protestado muitas vezes contra os "Criminosos de Novembro", aqueles judeus ricos e covardes de Berlim que haviam deliberadamente, de forma maliciosa (e sem motivos aparentes que Hitler se preocupasse em explicar), conspirado para organizar a derrota do exército imperial alemão.

As pessoas que haviam engolido essa, agora pareciam não dar a mínima.

A Alemanha seguira adiante.

A Criança de Munique estava morrendo.

Embora sem o conhecimento daqueles sombrios homens de camisas pardas sentados ao redor da mesa na casa em Munique, tudo estava prestes a mudar, entretanto. O partido nazista teria de esperar oito meses pelo seu presente de aniversário, mas, quando ele chegou, era o melhor que poderiam ter esperado.

Caos.

Em 24 de outubro de 1929, a 6.500 quilômetros da rua Schelling.[31] Em outra rua. Uma infinitamente mais famosa, chamada Wall Street, onde começou o maior colapso de confiança no mercado em toda a história e com ele uma depressão global.

A recuperação econômica da Alemanha era ainda muito frágil, o abismo do qual ela própria havia se arrastado era muito escuro e muito profundo. Sua vulnerabilidade àquela nova loucura financeira era, portanto, maior.

A Criança de Munique estava prestes a agarrar a sua oportunidade.

Brigando por Dagmar

Berlim, 1932

Otto ficou muito surpreso. O que tinha dado em Paulus?

Otto era um lutador, um brigão com dois punhos em riste que nunca se preocupava com as palavras quando um golpe poderia ser mais articulado, mas Paulus era o oposto.

Paulus nunca lutava a menos que fosse absolutamente necessário. Nunca perdia o controle de suas emoções também. Era apaixonado, certamente, mas sempre temperava sua paixão com a razão.

A razão deveria, portanto, ter-lhe dito que em uma luta de boxe contra Otto estaria fadado a perder.

Ele era mais alto, porém mais magro. Ele tinha o alcance, mas Otto tinha jogo de pernas. Ele era um florete; Otto, um Howitzer.[32]

E por causa de tudo isso foi um choque para Otto sentir os nós dos dedos de Paulus esmagando sua boca e abalando-lhe os dentes. E, para piorar, a dor aguda do primeiro e inesperado golpe foi seguida rapidamente por uma dor intestinal profunda quando Paulus socou o punho direito na barriga de Otto.

Otto dobrou-se para a frente involuntariamente, conforme o claro propósito do golpe cuidadosamente colocado, e logo em seguida Otto viu-se estatelado no chão atingido por um gancho de esquerda na lateral de sua cabeça curvada, que lhe abriu a pele na orelha e o deixou com visão dupla.

Uma combinação perfeita de três golpes.

Provando o que pode ser conseguido com surpresa e determinação fria e calculada. Exatamente como o instrutor de boxe dos meninos sempre lhes dissera. Paulus claramente estava prestando mais atenção do que Otto supunha.

As aulas de boxe eram ideia de Wolfgang. Frieda era mortalmente contra elas.

— Ensiná-los a lutar realmente pode metê-los *em apuros* — ela protestou. — Pode fazê-los pensar que são capazes de lidar com algo com que não são.

— Eles já pensam que podem lidar com coisas com as quais não são capazes de lidar — Wolfgang argumentou —, por isso, podemos muito bem tentar equilibrar as chances um pouco.

Isso tinha acontecido dois anos antes, em 1930, quando quase da noite para o dia Berlim começara mais uma vez a se assemelhar ao manicômio que era quando os gêmeos nasceram. Aqueles velhos sons familiares haviam retornado à cidade — vidros quebrados, botas correndo, gritos e tiros. Para Frieda e Wolfgang

era como se nunca tivessem ido embora. Eram as mesmas batalhas diárias entre as mesmas velhas facções. Exceto pelo fato de na direita a *SA* (Tropas de Assalto)[33] nazista ter substituído os finados e não lamentados *Freikorps*.

— Como nos velhos tempos — comentou Wolfgang.

— Não é bem assim — Frieda observou sombriamente. — Desta vez é pior para nós.

Ela estava certa, e Wolfgang sabia. O antissemitismo estava mais pronunciado do que nunca. Josef Goebbels, o *Gauleiter*[34] de Berlim de Hitler, não deixava passar um dia sem aparecer em alguma esquina para acusar os judeus de possuir poder e influência que corrompiam e controlavam todos os aspectos da sociedade.

— Se realmente tivéssemos tanta influência como aquele bastardo diz — Wolfgang comentou —, nós o teríamos matado há muito tempo.

No entanto os judeus da Alemanha não eram nenhuma das coisas que deveriam ser. Não eram nem organizados nem focados; a única coisa que os unia era o acidente de genealogia que os nomeava judeus. Acusados de agressão conspiratória coletiva, eles eram incapazes de defesa coletiva, e tudo que Wolfgang pôde fazer por sua própria família foi colocar grades nas janelas, ter um porrete sempre à mão e certificar-se de que seus meninos soubessem lutar.

Claro que ele não esperava que eles começassem a usar suas habilidades um contra o outro.

Olhando para trás, nem Paulus nem Otto conseguiam lembrar qual deles admitira pela primeira vez estar apaixonado por Dagmar. A confissão que provocou a batalha mais sangrenta que já tinham lutado.

Fora Silke que a tinha provocado.

Estavam jogando ferraduras com ela em um pequeno trecho lamacento dos jardins públicos perto do apartamento dos Stengel, e Silke tinha aproveitado a oportunidade, como sempre fazia, para reclamar da "princesa" Dagmar e de como cada vez mais "cheia de si" ela havia se tornado.

— Ela acha que é melhor do que nós porque é muito rica e muito bonita — disse Silke irritada. — Só porque seu pai é um milionário.

Tocado pelo desprezo de Silke, um gêmeo tinha dito a ela para calar a boca, pois Dagmar era legal.

Então o outro se prontificou a dizer que ela era mais do que legal, ela era, na verdade, maravilhosa. Deslumbrante, mesmo. Impressionante.

Uma completa deusa poderia ser uma maneira de resumir.

E, de repente, a verdade havia sido dita. Os meninos Stengel estavam apaixonados. Pela mesma garota.

Silke chegou a bater o pé no chão, de tão zangada e frustrada que ela estava. Há muito ela havia sentido que essas emoções estavam se reunindo dentro do peito de seus queridos gêmeos, mas, mesmo assim, ficou chocada com a abrangência com que elas haviam se revelado.

— Não podem *ambos* amá-la! — ela gritou. — É simplesmente idiota.

Aquilo era uma coisa com a qual os meninos certamente poderiam concordar.

— Claro que não podemos! — Paulus rosnou. — Porque, na verdade, eu já disse a ela que a amo e ela concordou em ficar comigo.

— É mentira! — Otto gritou de volta. — *Eu* já disse a ela que a amo e ela disse que iria ficar comigo.

Apesar de sua fúria, Silke não podia deixar de rir daquilo.

— Haha! Ela enganou vocês dois! — Silke gritou. — Fez vocês de bobos. Ela provavelmente não dá a mínima para nenhum dos dois.

— Sim, ela dá! — Otto gritou, avançando sobre seu irmão e empurrando-o para trás. — Ela me ama e é melhor você se afastar e manter-se longe ou vai se arrepender!

Foi quando Paulus surpreendeu Otto derrubando-o com sua bela combinação tripla.

— Ela é minha! — Paulus gritou para o irmão surpreso e um pouco atordoado. — Ela disse que me ama!

— Uma ova que ela disse, seu idiota! — Otto gritou, direcionando o seu grito para o espaço entre as duas imagens de seu irmão que estavam flutuando diante de seus olhos. — Ela disse que me ama!

Otto nunca tinha visto o rosto do irmão vermelho daquele jeito, seus olhos desvairados de emoção. Paulus supostamente era o calmo.

— Ela está fazendo vocês dois de idiotas — Silke gritou do toco de árvore sobre o qual ela havia se empoleirado para assistir ao espetáculo. — É óbvio que ela disse a ambos a mesma coisa. Ela está se divertindo.

— Fique fora disso, Silks!

Otto tinha sido pego de surpresa. Quando ele empurrou seu irmão para trás em direção ao abrigo de bicicletas, com a sua palma batendo pesado contra o peito do irmão gêmeo, não esperava ser atacado com aquela enxurrada de golpes certeiros. Mas agora ele estava preparado. Descobrira que havia um assunto que fazia a calma e a razão habituais de Paulus o abandonarem.

— Sim, fique fora disso, Silks — disse Paulus. — Isso é entre mim e Otts, e é melhor você se afastar, Otts, ok? Ou você vai se arrepender.

— Ah, é? — Otto respondeu, levantando-se do chão. — Você pensa que só porque conseguiu me acertar um golpe ou dois por pura sorte você é um lutador, não é? Bem, agora eu vou acabar com a sua raça, Paulus, até você admitir que a Dagmar é minha.

Otto se levantou, baixou a cabeça e aplicou uma saraivada de socos no corpo do irmão, ganchos de direita e esquerda, acertando as costelas inferiores de Paulus. Otto não era o mais inteligente na escola e Paulus tinha melhores notas em biologia humana, porém Otto sabia onde ficavam o fígado e os rins de um homem, e foi buscá-los em seu irmão com uma precisão mortal, retorcendo os punhos um pouco, "parafusando" os golpes no corpo de Paulus como tinha sido ensinado a fazer.

Paulus cambaleou para trás, ofegando pesadamente, enquanto tentava respirar e não vomitar.

— Admita — Otto gritou —, é só admitir!

Agora era a vez de Paulus se dobrar em dois, sem ar, apertando as laterais machucadas.

— Vai se foder!

Otto parou diante do irmão sibilante. — Acho que agora você aprendeu sua lição, então, admita que ela me ama.

Otto nunca deveria ter baixado a guarda.

Paulus endireitou-se e aplicou um cruzado selvagem, um soco clássico; Otto fora um imbecil por imaginar que seu irmão estava fora do combate. Otto havia calculado que Paulus precisaria de pelo menos uns dez minutos até poder formular uma frase adequada, que dirá acertar-lhe um espetacular gancho de direita que partiu do nada e pegou Otto no olho, enviando-lhe uma vez mais ao chão.

Em todas as suas lutas no clube, Otto nunca havia sido derrubado, e agora o seu irmão, o pensativo, cuidadoso e calculista irmão, tinha feito isso duas vezes em menos de um minuto.

— Otto, você está bem? — Silke gritou. Ela tinha visto os meninos brigarem muitas vezes antes, mas nunca daquele jeito. Paulus e Otto lutavam o tempo todo, mas eram lutas bobas. Aquele tipo de brutalidade eles reservavam para inimigos comuns, não usavam um com o outro.

Silke ajoelhou-se ao lado de Otto, esfregando-lhe a orelha que sangrava com a bainha de seu vestido.

— Levante-se! — Paulus gritou. — Levante-se e jure-me que vai deixar Dagmar em paz. Caso contrário, você apanhará um pouco mais.

— Meu Deus, vocês dois são patéticos. De qualquer modo, ela não passa de uma menina metida.

— Cale a boca, Silke! — Otto disse, afastando-a. — Você não tem nada a ver com isso!

— Tenho, sim! Ela mentiu para vocês dois! Ela está tentando acabar com o Clube dos Sábados!

— Fique fora disso, Silks — Paulus gritou. — Isto é entre mim e Otts.

Agora era a vez de Paulus ser pego desprevenido. Ele deveria ter prestado atenção em Otto, não em Silke, porque foi aí que Otto aproveitou a oportunidade da distração momentânea de Paulus para pôr-se de pé e começar outro assalto. Desta vez, ele não tinha a intenção de subestimar o irmão. Esforçando-se para enxergar com o olho que estava inchando rapidamente, retomou sua guarda e voltou para a luta. Nada de saraivada de socos desta vez, mas, sim, uma combinação executada corretamente. Como manda o figurino. Golpe de esquerda, direto de direita, gancho de esquerda, direto de direita novamente. Paulus tentou se proteger entrando em *clinch*, mas Otto percebeu, fintou um gancho e, quando Paulus afastou-se, atingiu-o com um cruzado final antes de dar-lhe uma cabeçada de rachar o crânio, o que não estava em nenhum livro de regras de boxe.

A luta acabou e, embora tecnicamente Otto a houvesse vencido com um nocaute, fora um empate por pontos, e os dois rapazes provavelmente estavam igualmente atordoados e ensanguentados quando tudo terminou.

— Caramba! — Silke disse um pouco admirada: — Vocês dois realmente foram com tudo.

Paulus sofrera uma ligeira concussão com a cabeçada final de Otto, mas, depois de um momento, ele sentou-se e limpou o sangue da boca.

— Dagmar Fischer é minha — disse ele calmamente. — Basta manter suas mãos ensanguentadas longe dela.

— O quê? — Otto exclamou ferozmente. — Eu acabei com você! Eu a ganhei! Mantenha *você* suas mãos longe dela.

— Não é assim que funciona com as meninas — Paulus resmungou. — Você não pode simplesmente ganhá-las em uma luta.

— Bem, então, *por que* diabos estávamos lutando? — Otto perguntou, estendendo a mão para ajudar Paulus a se levantar.

— Porque vocês dois são idiotas! — Silke exclamou com raiva. — E ela é apenas uma vadia mentirosa e pretensiosa. Não posso acreditar que qualquer um de vocês esteja interessado nela.

— Tá bom, você está é com ciúmes dela — disse Otto.

— Não estou.

— Sim, você está!

— Por quê? Por que eu estaria com ciúmes dela?

— Porque nós gostamos dela, é por isso — Paulus disse, rindo.

— Hum! Como se eu me importasse com *quem* vocês gostam — Silke gritou, mas ela estava ficando vermelha sob seu bronzeado dourado. — Ela é uma varapau estúpida *e* eu não acredito que os seios dela são reais. Aposto que ela coloca uns enchimentos por dentro da roupa. Mas, de qualquer maneira, vocês podem ficar com ela, se quiserem. Eu vou para casa.

Os dois meninos estavam rindo agora. A luta esquecida no divertimento compartilhado pela zanga da velha amiga. Silke girou nos calcanhares e saiu pisando duro, deixando os meninos comparando as feridas.

O Clube dos Sábados havia sofrido a sua primeira divisão de verdade.

Aquele homem

Berlim, 30 de janeiro de 1933

Era impressionante. Inacreditável. Incompreensível. Incrível. Impossível.

Ontem, *ontem* mesmo, tudo estava bem.

E então, do nada, aquele homem de repente havia se tornado chanceler.

— Ele não tem sequer maioria! — Wolfgang continuava repetindo, enquanto os Stengel sentavam-se para jantar naquela noite terrível.

— O desgraçado estava *perdendo terreno*.

Era verdade. Recentemente, eles estavam até começando a relaxar. Durante todo o ano anterior ele os havia perseguido. *Aquele homem*. Mês após mês, durante 1932, cada manchete de jornal parecia trazê-lo um pouco mais perto da porta deles. Debruçando-se sobre eles como um golem[35] medieval assassino. Entretanto, nos últimos tempos, ele vinha escorregando. Sua votação atingira um pico. Ele estava caindo. Goebbels tinha começado a parecer desesperado. A crise estava passando.

— E, agora, só por causa de um bando de Junkers[36] covardes e daquele filho da puta senil do Hindenburg, ele tem sua chance. Fodam-se! Fodam-se todos eles!

Os meninos ergueram os olhos para ele, meio chocados, meio animados.

— Por favor, Wolf! — Frieda disse, batendo seu copo de água na mesa em sinal de protesto, tentando disfarçar o medo em sua voz —, não na mesa de jantar! As crianças...

Wolfgang murmurou um pedido de desculpas, mordendo o lábio, os nós dos dedos brancos em torno do copo de aguardente que tinha acabado de encher.

— Eu não me importo, mamãe — disse Otto, enchendo a boca de comida. — Eu também acho o Hindenburg um filho da puta.

— Otto!

Frieda, na verdade, esticou-se e deu-lhe um tapa, algo que ela nunca tinha feito antes na vida. — Não se *atreva* a usar esse linguajar nojento na minha frente! Não se *atreva*...

Ela não pôde continuar, havia lágrimas em seus olhos agora.

— Sinto muito, mamãe — Otto disse tão chocado quanto sua mãe estava. — Eu mereci isso.

— Não, Otto. Sinto muito. Não posso acreditar que bati em você.

— Está tudo bem.

Frieda se levantou e contornou a mesa para abraçar Otto.

— Veja o que ele já fez conosco, *aquele homem terrível.*

Os quatro sentaram-se em silêncio e comeram por alguns momentos. Sopa de feijão e pão. Havia embutidos e beterraba a seguir.

— Eles acham que podem fazer um acordo — Wolfgang murmurou, incapaz de manter sua frustração para si mesmo, rasgando o pão como se fosse um pescoço nazista. — Um acordo! Com *Hitler*!

— Por favor, Wolf — Frieda disse —, vamos deixar isso pra lá enquanto comemos.

Paulus estivera lendo a edição vespertina do jornal, com o anúncio da formação do gabinete de Hitler.

— Os nazistas ainda só têm um par de cadeiras — disse Paulus. — O jornal diz que ele não pode fazer nada sem a anuência dos outros partidos. Talvez Herr von Papen possa...

— Ora, eles são todos malditos *vons* — disse Wolfgang. — *Von* Hindenburg e *Von* Papen e *Von*-maldito-Schleicher, e eles pensam que isso significa que serão capazes de dizer a ele o que fazer. Como se ele ainda fosse um cabo e eles todos os generais e marechais de campo... *Oh, obrigado por me deixar ser chanceler, agora vou fazer o que me disserem como um bom nazista!* Não o escutaram falar? Será que não viram o seu exército particular? Uma ova que ele vai deixá-los dizer o que fazer!

— Wolf, *por favor*, isso não está ajudando.

Mais tarde, depois do jantar, a família observou da janela do apartamento o céu da noite tremeluzindo em vermelho e amarelo com a luz das tochas acesas do desfile da vitória, que marchava e gritava pelo caminho, atravessando a cidade.

Através do Portão de Brandemburgo.

Aquela mesma cruz torta que era vista no desfile aparecera pela primeira vez rabiscada nos capacetes dos *Freikorps*, em 1920. Só que, desta vez, as suásticas não eram rabiscadas a giz, mas tremulavam em vermelho, preto e carmesim em mil bandeiras. E a multidão que se reunia não estava em silêncio em sinal de protesto, mas histérica de alegria.

Frieda se esforçou para manter a calma e a razão enquanto tirava a mesa do jantar.

— Não se esqueçam do dever de casa — ela disse aos meninos — e limpem a sola dos seus calçados de futebol na jardineira da janela.

Wolfgang apenas sentou-se à janela e olhou para o céu, resmungando baixinho. Dedilhando lentamente o mais recente sucesso americano, *Happy Days Are Here Again*, em seu uquelele. Até Frieda pedir-lhe que parasse.

Não porque ela não apreciasse a ironia. Mas porque estava com medo. Desde o meio-dia, quando o anúncio havia sido feito e *aquele homem* aparecera sorrindo, quase que pela primeira vez em sua carreira pública, começara a não ser seguro para os judeus chamar a atenção para si mesmos. O uquelele é um instrumento penetrante. E as paredes do apartamento eram finas.

A ficha caiu

Londres, 1956

Stone acordou de seu sonho sobre Wannsee.

Tinha retornado à pequena praia do lago. Seu irmão estava lá, como sempre. E Dagmar. Exatamente como havia sido naquele dia.

Só que no sonho, é claro, Dagmar o escolhia. E tinha sido ele quem roçara os lábios sobre os ombros dela, salpicados de chuva.

E, inconsciente em seu travesseiro, a alma adormecida de Stone havia voado alto.

Agora, ele estava acordado, experimentando a mesma depressão que sempre sofria quando despertava daquele lindo sonho sobre Wannsee. E havia algo mais.

De alguma forma, durante o sono, enquanto ele sonhava, sua mente estava trabalhando. Tentando entender o que tinha sido dito no dia anterior, na sala vazia em Kensington. E agora, com os olhos bem abertos, de repente, completamente acordado, era como se um véu de emoção houvesse sido levantado, e ele era capaz de ver as coisas claramente, pela primeira vez, desde que tinha recebido a carta de Berlim.

A história que lhe haviam contado simplesmente não era possível.

As coisas não se encaixavam.

Os homens do MI6 tinham dito duas coisas, basicamente. A primeira, que Dagmar estava viva. A segunda, que de alguma forma a sua jornada de vida interrompida a levara para a Stasi.

Stone agora via que, em sua ânsia de acreditar na primeira, ele tinha aceitado a segunda sem discutir.

Ele saiu da cama e foi colocar a chaleira no fogo. O linóleo estava frio sob seus pés. O ar da madrugada estivera gelado.

Riscou um fósforo na cozinha escura e o anel de gás iluminou-se, a chama azul projetando sombras tênues nas paredes. Stone tateou atrás de sua jaqueta e encontrou seus cigarros. Não queria acender a luz por sentir, de alguma forma, que poderia se concentrar melhor no escuro. Inclinou-se para a frente e acendeu o cigarro na chama do fogão. Não havia sentido em gastar um novo fósforo.

Fumou avidamente. Assistindo a ponta incandescente crescer brilhante e, em seguida, diminuir, quando ele tragava profundamente e, então, exalava. Brilhante. Depois, fraca. Brilhante. Depois, fraca. E a cada nova tragada ele sentia seus pensamentos se tornarem mais claros. Quase como se a ponta

vermelha e brilhante estivesse piscando para dar um aviso. Um alarme silencioso.

A chaleira apitou.

Como uma sirene. Como milhares de sirenes que já tinha ouvido. Sirenes da polícia. Sirenes de ataque aéreo. Todas significando uma coisa. Problema à vista. O perigo estava próximo.

Deixou a água na chaleira continuar a ferver. O apito parecia concentrar seus pensamentos. Seu lamento desagradável e dissonante o empurrava em direção à conclusão que ele temia.

Que os homens do MI6 estavam errados.

Dagmar estava morta, como há muito tempo ele acreditava que estivesse.

A preciosa carta era uma falsificação. Uma colcha de retalhos de material mais antigo, cartas genuínas, diários, talvez. Recordações remotas. A Stasi era boa nesse tipo de coisa.

Ele estava sendo atraído de volta para Berlim.

Partida final

Berlim, 1933

Paulus e Otto foram encurralados.

Estava claro que nunca deveriam ter ido.

Como puderam imaginar que seria como antes? Que era só eles aparecerem com seu uniforme de futebol no velho campo, do jeito que tinham feito durante anos e anos, e jogar?

Paulus se preocupara com isso durante toda a semana. Ele até prendera um mapa do local na parede do quarto para melhor considerar as rotas de fuga.

— Se formos perseguidos — disse ele —, não queremos acabar num beco sem saída. Há dois perto do campo de recreação, além de um local de construção murado. Precisamos saber a melhor maneira de sair de todos os cantos do campo e como fazer para chegar à estação do *U-Bahn*, ok?

— Se formos perseguidos — Otto disse severamente —, lutaremos. Há apenas quatro malditos nazistas na equipe.

— Otts, eles são todos nazistas agora.

— Olhe, é o nosso time. Nós estamos bem na escola, não?

— Até agora.

Era verdade, estavam bem. Houve alguns resmungos e murmúrios de raiva, até de alguns professores, mas até ali nada de mais grave. Talvez as coisas fossem dar certo no futebol também.

Até Frieda e Wolfgang concordaram que eles deveriam ir. Os meninos estavam na equipe desde que tinham 8 anos. Cinco anos jogando com os mesmos garotos tinham de significar alguma coisa.

Mas agora que Paulus e Otto encontravam-se encurralados no vestiário, sabiam que não.

Do nada, sem aviso, seus ex-companheiros de equipe tinham se transformado em uma turba vingativa e ruidosa, e os meninos Stengel estavam em apuros.

— Judeus! Judeus!

O rapaz grandalhão, Emil, puxou o corinho, batendo ameaçadoramente nas paredes de madeira do pequeno vestiário com um taco de *rounders*. — Judeus! Judeus!

Os irmãos postaram-se lado a lado. Paulus tinha segurado uma cadeira quebrada e Otto estava se preparando para usar uma tampa de lata de lixo e uma bandeirinha de *corner* quebrada como espada e escudo. Os gêmeos Stengel eram

formidáveis quando estavam lado a lado e seus agressores sabiam disso, razão pela qual, por um momento ao menos, haviam se refreado.

— Malditos judeus imundos — Emil gritou, quebrando o corinho que havia puxado e dando um passo em direção aos gêmeos. — Agora vocês vão pagar por tudo que fizeram para a Alemanha.

Paulus e Otto olharam para os rostos irados contra eles. Emil, é claro, sempre os odiara, ele era o tipo de garoto que odiava a todos, especialmente os que o enfrentavam. Mas muitos outros no time tinham sido seus amigos. Há apenas *duas semanas*, Otto fora carregado nos ombros por eles, tendo marcado um gol de escanteio em um jogo importante do campeonato juvenil. No entanto, Hitler era chanceler havia mais de uma semana e agora a velocidade com que o mundo de Paulus e Otto vinha mudando era atordoante.

Emil Braas tinha agarrado a primeira oportunidade de vingar-se dos meninos Stengel. Por serem melhores jogadores de futebol do que ele. Por serem populares e fáceis de lidar, enquanto ele era mal-humorado e tinha uma reputação de despeito. Por serem atraentes para as meninas, enquanto até mesmo as mais feias o provocavam e riam dele por ser pesado e desajeitado.

Aquela era a chance de Emil, como era a chance de cada idiota amargo, fracassado e desajustado na Alemanha naquele mês. De estar por cima, finalmente.

Otto sabia no que ia dar aquilo. Conhecia garotos como Emil e, a seu ver, só havia um curso de ação possível.

Bater primeiro e bater mais forte.

Essa era a sua regra.

Entretanto Paulus odiava essa regra. Ele tinha uma diferente. Nunca enfrentar se puder negociar. Era a maneira mais inteligente. Sim, bater duro se precisar, mas, em primeiro lugar, tentar simplesmente não bater.

Otto já tinha levantado a mão armada, os músculos de seus braços nus e o peito retesados. Não tinha ainda 13 anos completos, mas já mostrava a definição física de um jovem atlético, de um lutador.

Paulus estava em boa forma também, Wolfgang assegurara-se disso. Mas ele não ergueu sua arma. Em vez disso, riu.

Como tática, isso tinha a vantagem da surpresa, se nada mais funcionasse.

A multidão de adversários pareceu desconcertada, mas não baixou os punhos.

— Do que você está rindo, menino judeu? — Emil zombou.

— Bem, da sua cara, pra começar — Paulus respondeu —, mas eu não estou falando com você.

Paulus, em seguida, virou-se para um dos meninos de pé um pouco para trás do grupo principal.

— Ora, vamos, Tommy — disse Paulus. — Nós somos companheiros desde o jardim de infância.

Otto rosnou ao lado dele. Qual o sentido de apelar para os bons sentimentos deles? É evidente que as coisas tinham ido muito além disso.

Mas essa não era mesmo a ideia de Paulus.

Ele tinha um plano mais ousado. Como Goebbels havia dito, se for mentir, minta grande.

— Nós não somos judeus — disse Paulus.

Era a última defesa que alguém podia esperar, batendo de frente com o conhecimento geral, e que certamente deixou o grupo ainda mais desconcertado.

— Vamos, Tommy — Paulus disse, usando a pausa para pressionar sua vantagem. — Quando foi que você me viu com tolas costeletas e um grande chapéu preto?

Tommy de fato conhecia os gêmeos desde a pré-escola e certamente sempre fora amigo deles. Mas Tommy também sabia que os gêmeos Stengel eram judeus. Sub-humanos, de acordo com o Chanceler da Alemanha. Pragas. A doença parasitária cancerosa e imunda apodrecendo a carne do país. Sugando o seu sangue.

— Vocês são judeus, seus bastardos — disse Tommy. — Vocês escondem. Isso é o que vocês porcos fazem. Vocês se esquivam e se escondem.

— Nós não somos malditos judeus, Tom — Paulus riu. — Babacas como Emil podem dizer que somos, mas ele não sabe diferenciar a bunda do cotovelo, não é? Ele certamente não sabe para que lado chutar a bola de futebol.

Alguns dos meninos riram. Tommy sorriu também.

Momentos antes, quando Emil tinha manobrado o grupo para o ataque, culpando os meninos Stengel por cada eventual prejuízo que a Alemanha já sofrera, todos tinham ficado do lado dele.

Haviam superado rapidamente o desconforto que sentiam sobre atacar velhos amigos (e bons jogadores) em face da horripilante retórica de Emil. Os Stengel eram judeus e, por isso, nada havia a ser feito a não ser botá-los para correr e expulsá-los para sempre. Ninguém que valorizasse sua própria segurança iria ficar do lado de um judeu em Berlim, em fevereiro de 1933.

Entretanto, ninguém tampouco esperava que eles negassem sua condição, e a surpreendente afirmação de Paulus havia detido o ataque.

Se eles eram judeus, então, mereciam tudo o que iriam receber, mas se não eram judeus, então, ótimo, estavam de volta à equipe, melhores amigos novamente.

Até Otto foi pego de surpresa, embora tenha procurado não demonstrar isso. Aprendera a confiar no irmão quando se tratava de planejar e esquematizar, mas aquela era uma mentira ousada. Todo mundo sabia que os Stengel eram uma família judia, secular, certamente, nada de rituais, nada de feriados especiais, nem chapéus engraçados ou dieta, e Otto viveria contente à base de sanduíches de bacon e toicinho frito pelo resto da vida, mas, ainda assim, eles eram judeus, todo mundo sabia disso, por que tentar negar?

No entanto Paulus tinha um ás na manga. Ou, como viria a contar à sua mãe horrorizada, em suas calças.

Estivera pensando sobre isso durante toda a semana.

Um prepúcio não se manteria como defesa contra uma boa pesquisa sobre a história da família, é claro. Mas funcionaria se estivesse encurralado em um beco, em um porão. Quando os lobos já estivessem bafejando em seu rosto.

Se você o agitasse um pouco e gritasse. Alto e claro e furioso e decidido. Eles pareciam responder a esse tipo de coisa. E agora chegara a hora de testar a ideia.

Com seus ex-amigos e velhos inimigos fechando o cerco, nove contra dois, era hora de experimentar o grande blefe.

— Dê uma olhada no pequeno Paulus, Emil — Paulus gritou, puxando para cima a perna de seu calção de futebol com a mão que não segurava uma cadeira quebrada. — O que você acha disto aqui, garotão?

Paulus estendeu a mão para a sua virilha e tirou o pênis para fora, sacudindo-o para seus surpresos agressores.

— Alguém aqui já viu um menino judeu com prepúcio? — Paulus gabou-se, largando sua perna de cadeira e baixando as calças. — Então, que tal você chupar isso, idiota! Vamos, Otto, mostre para o palhaço com o que se parece um verdadeiro pau alemão.

Otto não gostou. Expor-se em público parecia humilhação demais para ele. Por outro lado, eles estavam em tão forte desvantagem...

Lentamente, Otto largou a sua bandeirinha de *corner* e a tampa de lata de lixo e baixou as calças.

O resto da equipe adorou. Eles uivaram de rir quando Paulus sacudiu o pau para Emil, que ficou parado ali, embasbacado, incapaz de pensar em uma tréplica.

— Diga ao seu velho que da próxima vez que ele insultar alemães decentes vai ter que se ver com os irmãos Stengel! — Paulus gritou.

Otto apenas grunhiu e puxou o calção de volta.

Fora do vestiário, alguém apitou. O time adversário estava esperando. O juiz estava ficando impaciente.

— E aí, vamos ou não vamos jogar futebol? — Paulus gritou. — Vamos acabar com a raça desses filhos da mãe, hein?

O incidente acabara. Emil virou-se para sair confuso. Um ou dois dos outros rapazes bateu no ombro de Otto. Ele lhes disse para caírem fora.

Paulus e Otto jogaram a partida. Dando tudo de si, como sempre. Ocasionalmente, trocando olhares, mutuamente reconhecendo a sorte de terem escapado. Ambos cientes dos olhares confusos e desconfiados que estavam recebendo de Emil e dos outros membros abertamente nazistas da equipe.

Aquele foi, naturalmente, o último jogo deles.

O futebol havia acabado para os irmãos. Anos de diversão, esporte e camaradagem tiveram um ponto final abrupto.

Ambos sabiam que nunca poderiam se arriscar a voltar.

Eles deixaram o campo no momento do apito final. Seu time havia vencido e Otto marcara duas vezes, mas os Stengel não ficaram para comemorar. Nada de cantoria, abraços ou aplausos selvagens. Otto não foi carregado nos ombros como antes. Eles ganharam, mas não tinham nada para comemorar. Todo o mundo deles havia desabado.

— Acho que deveríamos ter lutado — disse Otto, quando estavam esperando o trem.

— Não seja tão estúpido, teríamos sido mortos.

— Sim. Mas tivemos que mostrar a eles nossos paus.

— E daí? Quem se importa? — perguntou Paulus, genuinamente surpreso.

— Eu me importo. Suponho que você e eu simplesmente sejamos diferentes, só isso — disse Otto.

Depois disso houve silêncio até os meninos chegarem em casa. Para enfrentar outra humilhação. A partir daquele momento, tais coisas seriam ocorrências diárias.

Edeltraud estava lá, com Silke. E o namorado de Edeltraud, Jürgen, agora seu noivo. O jovem respeitoso que viera de chapéu na mão ao primeiro recital das crianças, cinco anos antes.

Os meninos o tinham visto muitas vezes desde então, embora menos no último ano e meio, pouco mais ou menos.

E nunca com o uniforme pardo da SA.

— Diga adeus a Edeltraud, rapazes — disse Frieda. — Ela não virá mais.

— É claro que ela não virá! — Jürgen disse com rispidez. — Não é justo que uma mulher alemã seja empregada de judeus. Você deve saber disso.

Os meninos olharam para Edeltraud. Seu rosto estava fechado, o queixo duro.

E para Silke, cujos olhos estavam vermelhos de lágrimas. Com o peito arfante, chorando em silêncio.

— Diga-me, Jürgen — Frieda perguntou com tranquilidade —, era justo, dez anos atrás, que judeus acolhessem uma menina de rua de 17 anos de idade com uma criança nos braços?

— Você a explorou! Você a fez trabalhar para você!

Frieda olhou para Edeltraud.

— Edeltraud, você não pode acreditar que isso seja verdade.

Edeltraud evitou os olhos de Frieda. — Vocês são judeus — foi tudo que disse.

— Não importa o que somos, é o que sempre fomos. Todos esses anos, juntos neste apartamento. Tantas risadas, tantas lágrimas. Você e Silke e nós. O que mudou?

— O que *mudou*, Frau Stengel — Jürgen ladrou — é que a Alemanha acordou. Todos nós acordamos. Sabemos agora *quem vocês são e o que têm feito*. E agora é a *nossa* vez. Agora, dê para Edeltraud o dinheiro dela.

— Dinheiro? — perguntou Frieda. — Que dinheiro? Ela foi paga, como sempre. Recebendo mais do que a maioria das moças teria conseguido.

— O aviso prévio. Queremos um mês de aviso prévio.

— Mas é ela que está deixando o emprego, Jürgen — Frieda disse calmamente. — Com certeza, você sabe que ela não tem direito a aviso prévio.

— Ela não está deixando o emprego. Você a está *forçando* a sair.

— Como? Como a estou forçando a sair?

— Por serem judeus — disse Jürgen. — Esta é uma demissão racial. Dê-lhe o dinheiro e fique agradecida por eu não exigir mais!

Frieda foi para a cozinha. Para o pote de biscoitos, onde guardava seu suprimento doméstico de dinheiro.

— Sabe, Edeltraud? — Frieda disse calmamente. — Eu sempre soube que às vezes você tirava um pouco daqui, quando eu não estava olhando. Alguns marcos extras aqui e ali. Eu nunca disse nada.

Os meninos olharam para Edeltraud espantados. Tal coisa nunca teria ocorrido a eles. Silke olhou fixamente para a mãe. Edeltraud ficou com o rosto vermelho, mas não disse nada.

Wolfgang estava sentado em seu piano, sem olhar para sua ex-empregada e o namorado soldado dela.

— Gostaria de uma aguardente, Jürgen? — Wolfgang perguntou, virando-se pela primeira vez. — No passado, você ficava feliz em beber comigo.

O jovem da SA permaneceu em silêncio, parado ao lado de Edeltraud no tapete azul, onde Silke e os meninos haviam brincado alegremente tantas vezes quando eram pequenos.

Frieda estendeu a mão para Edeltraud com o dinheiro.

— Adeus, Edeltraud — disse Frieda. — Por mais de dez anos, você fez parte da família. Vou me lembrar de você desse jeito.

— Vocês são judeus — Edeltraud repetiu. Parecia ser tudo o que ela conseguia dizer. O escudo com o qual calava sua consciência.

Ela pegou o dinheiro e colocou-o no bolso do avental.

— Edeltraud! Silke! Venham! — Jürgen ordenou.

Edeltraud virou-se para ir embora, mas Silke hesitou.

— Paulus, Otto — disse ela, falando pela primeira vez. — Eu ainda sou um membro do Clube dos Sábados e sempre serei.

— Eu disse para vir! — Jürgen gritou.

E eles foram embora.

Décimo terceiro aniversário

Munique e Berlim, 1933

Os gêmeos Stengel e o partido nazista compartilharam outro aniversário naquele fevereiro, mas desta vez foi a celebração em Munique que foi barulhenta e alegre, enquanto o humor na festa em Berlim foi um pouco mais fraco do que o habitual, já que todos os convidados regulares dos anos anteriores declinaram de seus convites.

— O problema é que nós não conhecemos muitos judeus — Wolfgang observou secamente.

— Eu nem sabia que eu *era* um maldito judeu até umas duas semanas atrás — Paulus comentou melancolicamente. — Eu certamente não acho que eu me pareço com um.

— E com o que um maldito judeu se parece? — Wolfgang exigiu saber.

— Por favor, podemos parar com esse palavreado? — Frieda implorou. — Só porque eles não têm padrões não significa que podemos nos esquecer dos nossos.

Nem mesmo Silke estava na festa de aniversário, tendo conseguido no dia anterior enviar um cartão explicando que no dia ela seria trancada em seu quarto pelo namorado SA de sua mãe.

Dagmar era de fato a única convidada que não era da família.

Embora, se fossem honestos, os gêmeos admitiriam estar muito felizes com isso, na verdade. Ambos estavam tão completamente apaixonados por Dagmar que não teriam olhos para mais ninguém, de qualquer modo.

Dagmar também não se importava. Os gêmeos Stengel estavam crescendo e se tornando, ambos, rapazes bons e bonitos. Muito diferentes um do outro, mas atraentes cada qual do seu jeito. Paulus talvez fosse o mais bonito pelos padrões convencionais, com cabelos negros fartos, olhos profundos da cor do ébano e maçãs do rosto bem definidas. Otto era um pouco mais baixo, com cabelos louros, olhos castanhos claros e uma tendência a ter sardas. Porém havia nele uma intensidade feroz que fazia com que se destacasse entre as pessoas, e ele era também extremamente forte.

Dagmar não tinha nenhuma objeção a ser o centro absoluto das atenções de ambos.

Além disso, apesar do aniversário ser deles, os gêmeos haviam preparado presentes para ela. Paulus havia composto um extravagante poema épico de amor no qual Dagmar era a heroína e ele o herói (Otto tinha um papel menor

como escudeiro de Paulus). Ele o havia escrito em alto-alemão e o redigira com grande cuidado na escrita gótica. Ele até envelhecera as folhas de papel com café frio para fazê-los parecer pergaminho.

Otto tinha feito para Dagmar uma cômoda em miniatura nas aulas de carpintaria na escola. Estava se tornando um hábil artesão, e a pequenina peça de mobília havia sido muito bem acabada, lixada e envernizada, com pequenos botões perolados como puxadores das gavetas.

— Para colocar em sua penteadeira — disse ele timidamente. — Sabe? Para guardar coisas, coisas pequenas, como anéis, sabe?... e outras coisas.

Dagmar ficou encantada com os seus presentes e os meninos ganharam um beijo que os deixou vermelhos, enquanto seus pais e avós sorriam com indulgência.

— Qualquer um pensaria que o aniversário é de Dagmar — Frieda disse, derramando limonada nos copos. — Então, vamos lá, vamos cortar este bolo maravilhoso que ela trouxe. Vejo que os confeiteiros da Fischer continuam hábeis como sempre.

Mas é claro que, antes de o bolo poder ser cortado, Herr Tauber insistiu em ser autorizado a fazer o seu discurso habitual. O velho policial tinha envelhecido visivelmente naquelas últimas três semanas, desde que Hitler tornara-se chanceler, porém, naquele momento, ele se dirigiu à mesa com a sua antiga e robusta autoridade.

— Otto, Paulus, estou orgulhoso de vocês — disse ele com firmeza. — Vocês estão com 13 anos e são garotos esplêndidos. Isso é muito bom. Porque a Alemanha em breve terá necessidade de bons jovens. Bons alemães que vão se adiantar e assumir o desafio de reconstruir a reputação da nossa pátria no mundo civilizado. É por isso que hoje, no aniversário de vocês, peço-lhes, meninos, para serem cuidadosos. Vejo vocês com hematomas e arranhões nos rostos e sei que andaram brigando. Claro que andaram, vocês são corajosos e orgulhosos e estes são tempos intoleráveis. Porém *devemos* tolerá-los, pois, guardem as minhas palavras, essa aberração atual vai passar, e vai passar em breve. Há novas eleições em março e, até lá, apesar de tudo o que *aquele homem* pode dizer, a lei e a constituição ainda nos protegem. Elas são maiores do que qualquer governo. Eu sei que a escória das cervejarias são saqueadores nas ruas no momento, mas a lei é a lei e mesmo aquele homem não pode simplesmente desejar que ela suma. Eu ainda sou um capitão da polícia, vocês sabem. Se vocês estiverem em perigo, venham a mim. Contanto que nós não sejamos assassinados por homens da SA vadios e ébrios com o sucesso, sobreviveremos a tudo isso, vocês verão. A maior e mais avançada nação da Europa não se deixará ser governada por baderneiros por muito tempo. A lei vai prevalecer. Guardem as minhas palavras. E agora vamos cortar o bolo.

Três dias depois, em 27 de fevereiro, o adolescente Partido Nazista recebeu outro de seus presentes de aniversário tardios.

Alguém incendiou o Reichstag e o delinquente de 13 anos de idade usou a chamada "provocação" para dar a festa de aniversário de seus sonhos.

Com as prisões em massa, inúmeros assassinatos e espancamentos, milhares de "desaparecimentos" e a eliminação de sua principal oposição

política.

A amada lei de Herr Tauber já não era proteção agora que três milhões de baderneiros com a camisa parda da SA haviam sido convocados para a polícia regular.

O partido nazista recém-empossado, não mais um bebê, mas, sim, um adolescente psicopata, depravado e astuto, expedira carta branca para o roubo, o estupro e o assassinato. Seu líder anunciava que os crimes cometidos contra "inimigos" do partido não eram crimes, mas legítimos serviços prestados ao Estado alemão.

Os criminosos estavam presidindo o julgamento e a lei estava morta.

Os visitantes do consultório

Berlim, 1933

Tum-tum. Tum-tum. Tum-tum.

Frieda ouviu a pequenina batida de coração e sorriu para o rosto ansioso da gestante em cuja barriga ela havia colocado seu estetoscópio.

— Acho que está tudo bem, Frau Schmidt — disse ela com um sorriso —, como foi com os outros seis.

— Bem, vamos esperar que este seja tranquilo — a mulher de rosto largo e redondo respondeu alegremente. — Não aguentaria outro como o último. Nem as pessoas no meu prédio, aliás! Quando os idiotas que moram no andar embaixo do nosso descobriram que eu estava grávida novamente, foram se queixar ao comitê que administra o prédio. Como se *eles* pudessem fazer alguma coisa sobre isso. Faz frio na cama no inverno e as coisas acontecem, não é mesmo? Não posso evitar.

— Bem, você pode tentar controlar as consequências, é claro, Frau Schmidt — disse Frieda, sondando delicadamente a barriga da paciente com os dedos delicados. — Nenhuma mulher precisa se sentir obrigada a ter um filho nos dias de hoje, sabe? Ou, pelo menos, você pode reduzir consideravelmente o risco. No passado, eu mencionei a você a ideia de controle de natalidade...

— Fale baixo, doutora! Isso é traição! — a mulher riu, o barrigão cansado, coberto de estrias arroxeadas, balançando com alegria. — Que *obrigada* o que, você não ouviu? Nestes dias, é nosso dever! Todos esses anos eu pensava que eu era uma idiota por deixar o maridão me incomodar depois de entornar umas cervejas, e não é que eu sou uma heroína? Que tal isso, hein? E olhe que de fato sou mesmo, porque, para ser franca, ele não está ficando nem mais magro nem mais bonito com o passar dos anos.

Elas riram juntas, um momento compartilhado de solidariedade feminina em um mundo de homens.

— Além do que, doutora, este aqui vai dar lucro. Que tal, hein?

Frieda sorriu, pois sabia que a mulher estava se referindo aos planos que o governo tinha de "recompensar" a maternidade. O reembolso de empréstimos estatais poderia ser compensado com o número de crianças que fossem produzidas. *Abgekindert*, como dizia a piada: pedir dinheiro emprestado e, em seguida, amortizar a dívida com crianças.

— Mas isso é uma coisa boa, não é? — Frau Schmidt prosseguiu. — Quero dizer, não se pode negar isso.

A mulher alegre e de rosto vermelho parecia um pouco desconfortável. Nas últimas semanas, Frieda tinha se acostumado com as pessoas evitando seus olhos quando a encorajavam conscientemente a reconhecer as "boas" coisas que "eles" estavam fazendo para a nação. Ela tinha notado até alguma irritação entre conhecidos não judeus sobre a maneira como os judeus pareciam obcecados com a própria situação. Como se o antissemitismo fosse a *única* característica relevante do novo governo. Afinal, todo mundo estava fazendo sacrifícios para o reerguimento da Alemanha, não estava? Por que não os judeus?

— Não creio que todos nós sejamos elegíveis para o pagamento — Frieda respondeu calmamente. — Eu não tenho certeza de que Herr Hitler esteja ansioso para que pessoas como eu procriem.

"Senhor" Hitler. Era como Frieda e todos os seus amigos judeus se referiam ao líder, no desespero, na esperança tácita de que, de alguma forma, referir-se a ele de uma forma civilizada pudesse realmente torná-lo civilizado. Que, talvez, mesmo depois de tudo que ele dissera, sob a superfície, ele fosse um legítimo político que reconhecesse algum tipo de regra e de norma de comportamento, em vez de um psicopata demente, a essência dos pesadelos góticos.

Mais uma vez Frau Schmidt evitou o olhar de Frieda. Concentrando-se em abotoar a frente de seu vestido.

— Não — ela disse alegremente. — Eu não acho. Mas, de qualquer forma, você nunca quis mesmo uma família grande, Frau Stengel. Afinal de contas, você é uma *médica*.

— Por enquanto, eu sou, Frau Schmidt.

Frieda colocou de lado o estetoscópio. Pegou a ficha médica da família Schmidt do arquivo abarrotado que cobria uma parede inteira do consultório e foi para a mesa, para anotar as conclusões do exame.

Frieda havia trabalhado naquele mesmo consultório, na mesma clínica comunitária, desde sua graduação na faculdade de medicina, em 1923. Dez anos de dias longos e difíceis e incontáveis noites perturbadas. Intermináveis horas de trabalho duro e emocionalmente desgastante, e um pequeno salário de funcionária pública.

Fora um sacrifício que ela não fizera sozinha. Sua família se sacrificara com ela. Muitas vezes, os meninos haviam jantado sem a mãe ou até mesmo ido para a cama sem vê-la, enquanto os sonhos de Wolfgang de passar longos dias a escrever sinfonias de *jazz* haviam sido atropelados pela obrigação de cuidar das crianças e pelas apresentações para pôr dinheiro em casa.

— Quando é que você vai finalmente deixar de ser uma mártir, colocar uma placa de latão em sua porta e ganhar uma boa grana, menina? — Wolfgang muitas vezes lhe perguntara, não de todo brincando. — Ajude algumas matronas gordas da sociedade com seus fogachos. Cobre uma fortuna para soltar seus espartilhos e dar-lhes uma aspirina.

No entanto Frieda amava seu trabalho, estava comprometida apaixonadamente com as políticas de saúde pública do governo de Weimar, que eram as mais avançadas do mundo, e sentia enorme responsabilidade para com seus pacientes. Depois de sua família, a clínica comunitária Friedrichshain era o centro da vida de Frieda.

— Se eu não cuidar dessas pessoas — ela dizia para o marido enquanto lutavam para equilibrar o orçamento familiar —, quem o fará?

— Bem, eu estou com seu pai nessa — Wolfgang respondia. — Elas que se danem — e Frieda esperava que ele estivesse brincando.

Folheando o arquivo Schmidt em busca do cartão certo, Frieda pegou-se refletindo sobre o quanto a própria letra se deteriora ao longo de uma década de prática. Naquele arquivo havia algumas das primeiras anotações que ela tinha feito como médica recém-formada, quando o marido de Frau Schmidt havia se registrado na clínica como um jovem solteiro. Tinha chegado a ela com um caso de gonorreia, que pegara em um bordel do exército na Bélgica. Ela havia anotado os detalhes com uma caligrafia clara e jovial. A escrita que estava acrescentando ao arquivo agora, como acontece com a maioria dos médicos, era legível apenas para si mesma e para o químico local.

— Você ainda virá me ver, Frau Schmidt? — Frieda perguntou de sua mesa, sem erguer a vista para a mulher. — Você ainda quer que eu faça o parto?

— Claro, *Frau Doktor*. Você fez o parto de todos os outros, um por ano, desde 1927, todos sadios e chorões. Por que parar agora?

— Bem, Frau Schmidt, acho que, talvez, você saiba o porquê. Estes são tempos de mudança.

Neste momento Frieda olhou para cima. Frau Schmidt estava colocando o casaco, em cuja lapela havia um broche com a suástica. As mulheres não tinham permissão para serem realmente membros do partido nazista, mas isso não as impedia de comprar broches para mostrar seu apoio.

— Você quer dizer, porque você é judia? — Schmidt disse, mais uma vez, um pouco envergonhada. — Bem, sim, claro que é... uma infelicidade... para você, quero dizer. Deve ser um momento muito preocupante. Mas você não deve se preocupar de verdade, todo mundo sabe que você não é como *eles*, *Frau Doktor Stengel*. Os judeus em Berlim são diferentes, não são? Eu conheço dois ou três homens da SA que têm namoradas judias.

Frieda tentou sorrir. Ela encontrava essa mesma atitude o tempo todo. Ela não era um *daqueles* judeus, dos quais Herr Hitler estava falando. Os descritos semanalmente na revista *Der Stürmer*, que tinha uma vendagem de um milhão de exemplares, aqueles que bebiam o sangue de virgens cristãs para alimentar seus rituais satânicos sombrios. *Aqueles* judeus estavam em outro lugar, no campo talvez, onde o *Herrenvolk* já estava colocando faixas nas entradas de suas aldeias, dizendo que os judeus deveriam manter-se fora ou sofreriam as consequências. Ali em Berlim, as pessoas *conheciam* os judeus. Trabalhavam com eles, eram atendidos nos bancos por eles, compravam bolos deles. Sabiam que não podiam ser os judeus que passavam seu tempo, como Herr Hitler havia escrito, à espreita, hora após hora, em ruas escuras, perseguindo jovens arianas puras, cumprindo uma política deliberada de corromper o seu sangue por meio de estupro.

Se Herr Webber, o padeiro, ou Herr Simeon, o joalheiro, ou Wolfgang Stengel, o professor de música e trompetista de *jazz*, estivessem fazendo esse tipo de coisa, com certeza as pessoas teriam notado.

— Você não é esse tipo de judeu — Frau Schmidt assegurou a Frieda, claramente com a impressão de que estava sendo gentil. — Eu não posso ver como o Führer teria objeções a *você*.

— Bem, teremos de esperar para ver — respondeu Frieda.

Frieda Stengel não teve de esperar muito tempo.

Uma coisa que não podia ser dita de Adolf Hitler era que ele não dera um aviso ao mundo. Desde os seus primeiros discursos e escritos ele tinha sido absolutamente claro sobre qual tratamento ele tinha em mente para os judeus. Em 31 de março de 1933, tendo sido chanceler por apenas sessenta dias, Hitler mostrou que falava sério.

Frieda estava terminando de completar suas anotações sobre o estado de Frau Schmidt quando houve uma batida na porta.

Era Meyer, colega de Frieda, e o menos preferido dela. Era um comunista que acreditava que a clínica deveria ter, além de uma missão médica, uma missão política, e considerava seu dever tentar doutrinar seus pacientes. Uma ideia que Frieda achava tão presunçosa quanto imoral. Tinha sido Meyer que se opusera a ela sobre empregar Edeltraud quando a moça era uma menor carente, porque era uma ação guiada pelo sentimento e não pelo ativismo político.

O rosto do doutor Meyer normalmente ostentava um sorriso. Um sorriso paternalista e arrogante que sugeria que, mais cedo ou mais tarde, era historicamente inevitável que todos com quem por acaso falasse viriam a compreender a sabedoria do que ele dizia. Naquela manhã, no entanto, o rosto de Meyer estava sombrio. Ele estava carregando um jornal que colocou sobre a mesa de Frieda, sem dizer uma palavra. Não precisava, a manchete era bastante clara, anunciando que medidas "necessárias" deveriam ser tomadas contra os judeus imediatamente. Tais medidas incluíam a ordem de que os médicos judeus já não eram autorizados a tratar de pacientes não judeus.

— Bem, Frau Schmidt — Frieda disse, tendo lido com horror crescente os primeiros parágrafos da matéria —, parece que você vai ter de procurar outro médico. — Houve um momento de silêncio antes de Frieda acrescentar suavemente: — A menos que você escolha desafiar esses criminosos. Obviamente, eu gostaria que você o fizesse.

— Criminosos? — Frau Schmidt respondeu, com o rosto alegre se tornando quase imperceptivelmente mais duro. — Eles são o governo, *Frau Doktor*. Não podem ser criminosos.

— Os comunistas governam na Rússia — exclamou Meyer —, mas o seu Hitler *os* chama de criminosos.

Por um momento, houve silêncio. Frau Schmidt e Meyer fulminando um ao outro com os olhos e Frieda, tendo afundado lentamente em seu assento, simplesmente fitando com ar ausente o arquivo no qual apenas um momento antes havia acrescentado anotações.

— Por dez anos eu tenho servido esta comunidade — disse ela em voz baixa, quase para si mesma. — Durante todo esse tempo, nunca fiz distinção entre judeus e não judeus.

Frau Schmidt começou a se apressar para terminar de abotoar o casaco e recolher suas coisas. — Sinto muito por você, *Frau Doktor*. De verdade — disse

ela, mas estava olhando para qualquer lugar, menos para Frieda.

— Por acaso fiquei rica, Frau Schmidt? — Frieda perguntou com uma súbita paixão. — Por acaso montei consultório na Wilhelmstrasse e enganei alemães honestos cobrando altas somas como, aparentemente, todos os médicos judeus estavam fazendo?

Frieda sabia que discutir com aquela mulher da classe trabalhadora, envergonhada e insignificante, era sem sentido, mas, ao mesmo tempo, o que tinha sentido? Se alguns milhões como ela escolhessem simplesmente desafiar o decreto, então, tudo ficaria bem novamente. A raiva de Frieda estava crescendo, tamanha era a injustiça do que estava acontecendo.

— Ou, em vez disso, trabalho de cinquenta a sessenta horas por semana recebendo o salário de funcionária pública neste mesmo prédio, onde, entre muitas outras coisas, fiz o parto de *seus* bebês, Frau Schmidt! Vacinei-os! Tratei deles quando tiveram sarampo e coqueluche, e Deus sabe mais o quê!

— Seu povo — Frau Schmidt balbuciou, agarrando o jornal da mesa e apontando para o artigo principal — espalhou mentiras no exterior. Caluniou a pátria. Veja, aqui diz isso, é um fato comprovado.

— O meu povo? O meu povo? Perdoe-me, Frau Schmidt, mas eu tinha a impressão de que os moradores de Friedrichshain eram o *meu* povo; ou, então, por que será que os socorri a qualquer hora da noite, quando estavam doentes? Foi para beber secretamente o sangue de seus filhos, Frau Schmidt, como sou acusada de fazer? Eu já bebi o sangue de seus filhos? Por favor, me diga?

Frau Schmidt estava com vergonha, mas também não era mulher de ser intimidada. Ela tinha o jornal em suas mãos como prova.

— Eu sei que você não tem feito essas coisas, *Frau Doktor*, mas muitos de sua raça têm, e se vocês mesmos não podem detê-los, então, Herr Hitler tem de fazê-lo. Certamente você entende isso. Ele tem sido muito paciente. Eu sei que não é você, *Frau Doktor*, mas os outros, *eles* devem ser detidos. Eles foram caluniar a Alemanha no exterior e os nossos judeus devem ser punidos, para que aqueles outros judeus não façam isso novamente. Somos vítimas também, sabe? Também sofremos!

As vítimas. Claro. Era dessa maneira que Hitler colocava as coisas. Ele e seus seguidores eram a parte lesada. Mesmo que eles montassem seus campos de concentração privados e as câmaras de tortura, eram eles as *vítimas*. Estavam agindo com o coração pesado e em legítima defesa, depois de terem sido "provocados além do limite".

Frieda quis responder, mas as palavras não vieram. O que ela poderia dizer? Isso era o terrível sobre aquelas incríveis mentiras que agora jorravam diariamente na imprensa nacional. Até mesmo negá-las dava-lhes crédito. Negar àquela mulher, que conhecia havia dez anos, que acompanhara em seis gravidezes, que ela de alguma forma fazia parte de uma conspiração global para destruir a "raça" de Frau Schmidt e governar o mundo? O que havia para dizer?

O que mais havia a ser dito?

Frau Schmidt pegou sua bolsa, com a cara vermelha e infeliz, mas nem por isso menos determinada.

— *Herr Doktor* Meyer — ela disse —, gostaria de ser examinada por outro médico na minha próxima consulta. Porque, infelizmente, *Frau Doktor Stengel* não tem mais permissão para me tratar.

Meyer tirou o jornal da mulher e apontou para um parágrafo escondido no final do artigo.

— Na verdade, Frau Schmidt — disse ele —, como você pode ver, por enquanto, este boicote é voluntário. É verdade que o governo deixou claro que em breve introduzirá uma lei que proibirá a doutora *Stengel* de praticar, mas, por enquanto, continua sendo *sua* a decisão de se tratar com ela.

Frieda quase sorriu. Engraçado o velho Meyer, ainda o político pedante da sala de reunião, debatendo subcláusulas. Como se "voluntário" ainda significasse alguma coisa.

Ficou claro pelo rosto de Frau Schmidt que não significava nada para ela. Ela se despediu e saiu gingando da sala o mais rápido que podia.

Depois que ela saiu, Frieda afundou-se ainda mais na cadeira por trás da mesa que ela já não tinha qualquer direito de usar.

— Então, é verdade? Estou para ser proibida de praticar a medicina? — ela perguntou.

— Sim — Meyer disse, seu lábio estava trêmulo de raiva. — Na verdade, parece que você não tem permissão para fazer coisa alguma. A partir de amanhã, haverá um boicote a *todas* as empresas judaicas.

Frieda olhou mais uma vez para o jornal: "manifestações populares maciças anunciadas".

Ela quase riu. — Engraçado, né? Como você pode anunciar uma manifestação popular? Eles têm de encomendar a seus manifestantes para que se manifestem espontaneamente.

— Bem, doutora Stengel — Meyer começou, incapaz, mesmo agora, de resistir à tentação de marcar um ponto político —, talvez agora você possa ver por que é que os comunistas sempre...

— Vocês comunistas! — Frieda interrompeu-o furiosamente. — Sim, o que é feito dos comunistas? Onde vocês estão agora? Um mês atrás, vocês tinham *milhões* de membros. Uma centena de deputados no Reichstag. Vocês tinham um exército de bandidos sanguinários, assim como eles têm. Vocês não eram muito menores do que eles em número. O que aconteceu? Onde eles estão? Onde *você* está? Ninguém vai lutar?

Meyer olhou para ela friamente. — Nossos líderes... — ele começou.

— Seus líderes fugiram para Moscou, cuidando de si, enquanto seus seguidores são assassinados! Por que *eles* não "anunciam" uma manifestação "popular"? Por que não o fazem os sociais-democratas? A Igreja? O Exército? Por que *qualquer* um não faz? Esses filhos da puta nazistas não têm sequer a maioria.

Frieda *nunca* falava palavrão. E, mesmo naquela manhã desesperada, sentiu-se mal em fazê-lo. Afinal, a única coisa que Hitler não deveria ser capaz de tirar dela eram seus próprios padrões morais. Só ela poderia desistir deles.

E, de todo modo, de nada adiantava sua paixão. Era dar murro em ponta de faca.

— Eu não posso falar pelos lacaios capitalistas do chamado partido Social Democrata, *Frau Doktor* — Meyer respondeu empertigado —, no entanto, no caso do KPD,[37] a posição teórica da Internacional Soviética proíbe isso...

Mas, daquela vez, Frieda seria poupada das repetições dialéticas, secas e intermináveis de seu sisudo colega. As desculpas pomposas para a covarde inatividade do Partido Comunista e seu compromisso cego com os caprichos de Stalin. Porque agora mesmo havia uma comoção na antessala. Houve golpes surdos, vozes furiosas. Um grito gutural de medo. Então a porta se abriu e, de repente, eles estavam lá. O impensável, o inimaginável. Em *seu* consultório. Aquele santuário de atendimento em que Frieda havia trabalhado diariamente por dez anos fora, em um único momento, corrompido e poluído. Invadido. Violado. Três homens em pé diante dela. Três homens de botas pretas e uniformes pardos. A SA. Frieda os havia visto tantas vezes nas esquinas, sacudindo as suas latas de coleta. Rosnando para aqueles que não contribuíam. Seus rostos valentões estampando raiva e estupidez, bancando as pobres vítimas e os super-homens ao mesmo tempo. Muito antes ela aprendera a evitar o seu olhar e passar por eles rapidamente.

Agora, o impossível havia acontecido. Eles estavam *em seu consultório*, parados diante de sua mesa, rostos apopléticos e triunfantes, polegares metidos nos cintos de couro. Pés calçados em botas bem afastados sobre o tapete, barrigas projetadas para a frente de uma forma tão empertigada e tão bestial que quase parecia ser uma pantomima.

E, no entanto, curiosamente, apesar de toda a sua arrogância, por um momento, pelo menos, pareciam hesitantes, como se eles também estivessem cientes da novidade da situação. Cientes de quão incongruente era a sua enorme e brutal presença na pequena sala com suas diversas balanças e seus instrumentos delicados, seus painéis de anatomia e cartazes incentivando as mulheres a considerar preservativos para controle de natalidade e também como uma barreira à doença. Uma pequena médica sentada atrás de uma mesa, um arquivo aberto à sua frente, a caneta ainda na mão. Estavam tão terrivelmente deslocados. Como um tanque de guerra em um pequeno jardim.

— Isto é um consultório médico — o doutor Meyer protestou. — Um lugar de cura!

Frieda admirou-o por conseguir falar, embora estivesse claro para ela que o médico tentava esconder em sua voz o terror que sentia.

— O boicote não começa até amanhã. Além do mais, é voluntário. Vocês não têm negócios a tratar aqui. Vou chamar a polícia. — Ele tinha quebrado o encanto, mas não da maneira que gostaria de ter feito. Os homens da SA riram abertamente, era só do que precisavam, uma boa piada para superar seu embaraço.

— *Herr Doktor* — o soldado líder disse —, nós *somos* a polícia.

Frieda ficou em pé. — O que vocês vão fazer comigo? — ela perguntou. — Serei morta?

— Nós não vamos fazer nada com você, *por enquanto* — disse o homem no comando. — Você tem permissão para sair.

— *Permissão* para deixar o meu próprio consultório?

— É isso mesmo, você pode ir para casa. É ele que nós queremos.

Os três homens viraram-se de repente para Meyer.

Seu rosto converteu-se instantaneamente em uma máscara de terror abjeto. Ele estava tão certo de que eles haviam ido lá atrás de Frieda...

— Você é membro do Partido Comunista, Meyer.

— Não! Quero dizer, bem, sim, eu era... — Meyer gaguejou — mas o partido foi proibido, portanto, é claro que eu não sou mais...

Não completou a frase. O cassetete bateu em seu rosto e ele caiu inconsciente no chão.

— Leve-o para o caminhão — ordenou o líder dos homens da SA.

Os outros dois tomaram cada qual um braço do inconsciente ex-comunista e começaram a arrastá-lo para fora da sala, deixando um longo rastro de sangue no chão, enquanto o faziam.

— *Heil Hitler* — disse o soldado líder, batendo os calcanhares e fazendo a saudação alemã.

Em seguida, foram embora.

Frieda afundou em sua cadeira. Engolindo em seco, com medo de que estivesse doente. Tentando compreender o que tinha acontecido.

Adolf Hitler, o objeto daquela ridícula e onipresente saudação, estava no poder havia sessenta dias.

E, durante esse tempo, tornara-se possível que um homem totalmente inocente e indefeso fosse golpeado e deixado inconsciente em um consultório médico e, em seguida, sequestrado. Não apenas com impunidade, mas como uma questão de política de Estado.

Em sessenta dias.

E Hitler pretendia que seu Reich durasse *mil anos*.

As lágrimas começaram a cair sobre as anotações que Frieda havia feito. Tinta azul dissolvida nos salpicos, misturando as sentenças sobre a gravidez de Frau Schmidt. Minúsculos afluentes salgados para um oceano de tristeza que aguardava o mundo.

Esperança perdida

Londres, 1956

Dagmar estava morta.

Enquanto Stone acendia um segundo cigarro na chama azul debaixo da chaleira que chiava ele teve certeza disso.

O breve idílio durante o qual ele imaginara que a sua vida podia estar prestes a começar outra vez havia sido uma ilusão cruel. O longo e cinzento vazio se estendia diante dele outra vez.

A história em que queria desesperadamente acreditar simplesmente não era acreditável. Escapar de Birkenau? Um soldado com os Partisans? Escravidão em um *gulag*? Essas coisas eram possíveis. *Altamente improváveis, mas possíveis*. Mas que elas acabaram levando-a a um posto na polícia secreta da Alemanha Oriental, como o MI6 insistiu, *não* era possível.

No entanto, pelo menos agora ele saberia. Quem quer que tivesse escrito aquela carta sabia muita coisa sobre Dagmar. Ele iria para Berlim descobrir a verdade sobre o que tinha acontecido com ela.

Nisso ele encontrava uma espécie de funesto consolo.

O que havia acontecido durante os terríveis anos depois daquele beijo perfumado que tinham compartilhado em pé ao lado da mesa do café na Lehrter Bahnhof, em 1939? Quanto tempo ela havia sobrevivido? Os judeus não foram totalmente removidos de Berlim até 1943. Será que ela sobrevivera tanto tempo?

E o que aconteceu, então? Para qual ossário eles a mandaram? Como ela morreu? Dagmar Fischer, a menina mais linda de toda a Alemanha.

Por inanição? Doença? Gás? Seu corpo foi queimado em um forno?

Ou será que ela quase sobreviveu aos campos apenas para cair, exausta além da resistência, em uma vala, quando a SS forçou suas vítimas a marcharem para a Alemanha antes da chegada do Exército Vermelho, que se aproximava? Ela teria morrido como escrava em uma fábrica subterrânea? Como uma entre aquelas centenas de milhares de animais humanos dos quais Speer aparentemente nada sabia? Estaria no alto do amontoado de cadáveres esqueléticos e nus, entre milhares de outros, empurrados para a pilha por uma escavadeira americana com um GI em prantos ao volante? Teria sido a população local alemã de Dachau e Bergen os últimos a colocar os olhos sobre a carne dela, inchada e cheia de vermes, tendo sido forçados pelas tropas americanas horrorizadas a permanecerem lá para testemunhar? Será que os moradores alemães olharam com sombria estupefação aquela carne pela qual

ele ansiara todos os dias e sonhara todas as noites desde que era um menino de 12 anos?

Havia alguém que trabalhava para a Stasi em Berlim que sabia a resposta. Alguém que sabia o suficiente sobre Stone e seu amor por Dagmar para forjar a carta que tinha o propósito de aparentar ser dela.

Enquanto Stone analisava a ponta brilhante de seu cigarro cintilando na escuridão, lutou contra a conclusão óbvia de quem essa pessoa deveria ser.

Tentando de alguma forma evitar a nascente certeza de que os juramentos graves e solenes que já haviam ligado os jovens e corajosos membros do Clube dos Sábados tinham sido quebrados da maneira mais cruel e terrível.

Abertura da loja

Berlim, 1o de abril de 1933

Dagmar Fischer olhou para seu rosto no espelho. Normalmente, ela gostava de olhar para si mesma. Se era bonita e sabia disso, então, por que não deveria apreciar o seu próprio reflexo? O que fora mesmo que Otto Stengel dissera naquele bilhete bobo que havia escrito? Que seus olhos eram como lagos escuros e brilhantes? Ou tinha sido Paulus? Ambos lhe diziam coisas doces assim. Mas os bilhetes de Paulus eram geralmente em francês.

E seus olhos eram, *de fato*, bastante agradáveis, seria tolice negar isso. Um pouco parecidos com os de Norma Shearer, Dagmar pensou, ou talvez de Dietrich, ou da estrela inglesa Mary Astor. Eram inclinados ligeiramente para baixo nas bordas, o que lhes emprestava, ela imaginou, uma expressão de grande mistério, talvez com um toque de melancolia também. As sobrancelhas eram completamente inadequadas, é claro, sobrancelhas grossas de colegial que ela odiava, mas era absolutamente proibida de modelar. Ela já havia tentado fazê-lo em segredo, arrancando exatamente três fios por dia de cada uma, mas isso não parecia fazer nem um pouco de diferença, e quando, por impaciência, ela elevou sua cota diária para dez fios, o pai reparou imediatamente e brigou com ela no café da manhã. E disse à empregada para remover o mel da mesa e não voltar a colocá-lo por uma semana, o que tinha sido humilhante. Não por ter sido privada do mel, mas pela vergonha de ser repreendida publicamente. Na frente da empregada.

Afastou-se do espelho e analisou o vestido que tinha sido preparado para ela. Era *medonho*, é claro, quase tão horrível quanto o uniforme escolar, que era a única outra opção que os pais estavam dispostos a considerar.

Um vestido de marinheiro, pelo amor de Deus! Ela não era uma criança. Sua silhueta estava se desenvolvendo. Ela já tinha seios. Não se pode usar um vestido de marinheiro com seios, fica ridículo. E meias! Meias brancas, como se estivesse começando o jardim de infância. Dagmar pensou em rebelar-se. Afinal, aquela era a vontade de seu pai, não a dela. Poderia agarrar-se ao corrimão e se recusar a cooperar. Mas é claro que não podia. Seu pai não era homem para ser desobedecido. Havia dado suas ordens e elas teriam de ser seguidas à risca.

— Acima de tudo, devemos mostrar coragem em nossa fisionomia — ele havia dito.

Fácil para ele, pensou Dagmar, que não tem de enfrentar o mundo vestido como uma criança de 10 anos de idade.

Ela se virou uma vez mais para o seu reflexo no espelho.

Seu rosto não *demonstrava* muita coragem.

Se ao menos ela pudesse usar um pouco de maquiagem... Algumas de suas amigas do caro colégio onde cursava o ginasial já tinham começado secretamente a se pintar quando saíam. Elas diziam que isso as fazia se sentirem inteligentes e confiantes. Dagmar gostaria muito de estar se sentindo inteligente e confiante naquela manhã.

Perguntou-se se, caso ela pegasse furtivamente um pouco de sombra e *rouge* da penteadeira da mãe, isso poderia passar despercebido. Só que ela sabia que não. Se aplicasse o necessário para fazê-la se sentir inteligente e confiante, seria o suficiente para que o pai pedisse uma flanela e limpasse a maquiagem de seu rosto na frente dos empregados.

Não havia outro jeito. A cara corajosa que ela apresentaria teria de ser a dela própria, simples e sem adornos. Ela deveria estufar o peito e colocar os ombros para trás, como Fräulein Schneider, sua instrutora de natação sempre insistia, e afastar de sua mente o fato de que temia de todo coração o que o pai esperava que ela fizesse naquela manhã.

Ela pegou o vestido de marinheiro azul e branco, meteu-o pela cabeça e puxou-o para baixo, por cima de sua combinação de seda. Então, sentou-se na cama, levantou as pernas longas e elegantes e estendeu a mão para colocar as odiosas meias brancas de cano curto.

A cabeça da mãe apareceu na porta.

— Você está pronta, querida? — ela perguntou. — Calce os sapatos depressa. Você sabe como seu pai fica irritado com atrasos.

— Eu pareço uma colegial.

— Você *é* uma colegial, querida.

— Por que não podemos simplesmente fechar a loja hoje, como todos os outros?

— Porque, querida, nós *não somos* como todos os outros. Nós somos a família Fischer. E, como tal, devemos dar o exemplo com o nosso comportamento. Com os privilégios vem a responsabilidade, você tem de entender isso. As pessoas esperam que a gente dê o exemplo, e não vamos decepcioná-las. Agora, apresse-se e coloque os seus sapatos. Não, não os de salto, os baixos.

A loja de departamentos Fischer fizera parte da vida de Berlim por cinquenta anos. Foi fundada pelo avô de Dagmar, que tinha começado (como a maioria dos grandes lojistas) com apenas um carrinho de mão. Aquele pequeno negócio de rua desde então crescera e se transformara em uma das grandes lojas de Berlim, frequentada tanto por garotas de escritório como estrelas de cinema. Era um símbolo de estabilidade, oferecendo produtos de qualidade a preços competitivos, durante os tempos de guerra e de paz.

Em meio à prosperidade e ao desastre.

Nem sequer um único dia deixara de abrir suas portas.

— E vamos abrir as portas hoje — Herr Fischer dissera calmamente no café da manhã, antes de retornar ao seu jornal, um jornal que trazia notícias realmente sombrias.

Era 1o de abril de 1933, e no dia anterior havia sido anunciado repentinamente que todas as empresas de propriedade de judeus estavam para ser "voluntariamente" boicotadas por todos os "verdadeiros" alemães a partir da manhã seguinte, até novo aviso.

O decreto era surpreendentemente abrangente em seus detalhes. Esperava-se que funcionários não judeus de empresas pertencentes a judeus boicotassem os seus próprios locais de trabalho, enquanto a "lei" insistia que os proprietários judeus seriam obrigados a pagar os trabalhadores ausentes integralmente por não comparecer.

Naquela manhã, em todo o país, centenas de milhares de Tropas de Assalto do Partido Nazista, com o total apoio e a cooperação da polícia, postaram-se de "guarda" na entrada de todas as empresas de propriedade de judeus no país. Com o intuito de garantir que a população aderisse à manifestação espontânea que seus líderes haviam anunciado em seu nome. Todas as vitrines foram pintadas com avisos de que os cidadãos alemães estariam cometendo um ato de traição se comprassem ou fizessem negócios ali. Nas paredes e vitrines também foi pichado o *slogan* do boicote, cunhado pelo famoso nazista *Gauleiter* Julius Streicher, um homem que agora era alto funcionário do governo, mas que, até poucas semanas antes, era conhecido das autoridades como um pervertido, mentalmente desequilibrado e estuprador. O que faltava de elegância ao *slogan* de Streicher era compensado pela brevidade.

Morte aos judeus.

A maioria das empresas, portanto, bloqueada pelos piquetes do todo-poderoso Exército Pardo, escolheu simplesmente fechar as lojas por ora, na esperança de que aquele "castigo" momentâneo por seus crimes globais passaria.

Herr Fischer, no entanto, famoso proprietário da loja de departamentos Fischer, tinha outras ideias.

— O povo de Berlim conhece o nosso horário de funcionamento e ele espera que estejamos abertos *durante* essas horas. Não vamos decepcioná-lo — Herr Fischer dissera à sua equipe na noite anterior (tendo "concedido" a seus empregados não judeus um dia de folga remunerada). — A imperatriz Augusta Vitória em pessoa nos visitou apenas um mês antes de o *kaiser* abdicar. Ela comprou luvas de presente para uma de suas damas de companhia, por ocasião do noivado da moça. Caso sua alteza imperial venha da Holanda e nos visite amanhã e deseje comprar luvas novamente, ela vai encontrar nossa loja aberta, pronta para servir e oferecer a preços os mais competitivos a mais abrangente seleção de luvas de senhoras de Berlim. Como de costume.

Esse discurso foi recebido com aplausos consideráveis e, assim, impulsionado com o apoio de seus trabalhadores ainda ressoando em seus ouvidos, Herr Fischer pediu ao seu departamento de manutenção que preparasse duas peças de propaganda para combater as mensagens que já tinham começado a ser pichadas nas grandes vitrines de sua loja. A primeira era uma

cópia do memorial de guerra da loja, cujo original era exibido sob o relógio na esplêndida galeria central do edifício. O memorial listava os empregados das lojas Fischer que haviam dado suas vidas pela pátria na Grande Guerra, entre os quais havia vários judeus.

Fischer ordenou que os nomes fossem sublinhados e marcados com uma estrela de seis pontas.

A segunda peça de propaganda era uma enorme faixa, para ser pendurada sobre a entrada principal, anunciando que a loja Fischer dava boas-vindas a todos os seus muitos clientes regulares e leais, acrescentando que em razão dessa lealdade haveria 25% de desconto em todas as compras efetuadas no primeiro dia de abril. Esta promoção iria durar apenas um dia.

Apesar da situação de pesadelo, Herr Fischer quase riu quando anunciou seu plano à esposa naquela noite. — Vamos ver se podemos transformar esse absurdo em uma oportunidade de negócio — disse ele. — Se eu bem conheço os berlinenses, até a oferta de desconto de 25 *pfeniggs* no preço de todas as compras seria demais para resistir.

Os planos de Fischer para uma resistência passiva, no entanto, não se limitavam a faixas. Eles incluíam Dagmar, que, para seu espanto, havia sido chamada à sala de estar, depois do jantar, e informada de que ela iria ser dispensada da escola na manhã seguinte e iria para a loja, em vez disso.

— Você e sua mãe vão ficar junto comigo nas portas do nosso prédio e nós, pessoalmente, receberemos cada cliente que adentrar nossas instalações. Os Fischer de Berlim irão mostrar a esses arruaceiros e ao mundo como é uma família alemã respeitável.

Mais tarde, antes de se preparar para dormir, Dagmar telefonou para Paulus e Otto. Ela tinha um telefone em seu próprio quarto (um refinamento que os meninos Stengel achavam tão grande que lhes parecia quase absurdo), e muitas vezes ela conversava com os meninos depois de ter terminado sua lição de casa.

Paulus e Otto geralmente disputavam o telefone quando Dagmar ligava, às vezes brigando tão acirradamente para decidir quem falaria primeiro que ela se cansava e desligava. Naquela noite, porém, compreendendo a gravidade da situação, os meninos não lutaram, mas juntaram-se em torno do receptor tentando oferecer conforto à amiga.

— Não vai ser tão ruim — disse Paulus. — E um dia longe da escola é coisa muito boa, não é?

— Talvez você consiga algo da confeitaria para o almoço — Otto acrescentou. — Veja se você consegue pegar algumas coisas que já estejam fora da validade e guarde-as para nós no fim de semana.

Foi uma conversa muito unilateral, e depois de pouco tempo Dagmar disse que seria melhor desligar, porque não devia usar seu telefone do quarto depois das oito horas.

Ela colocou o pequeno receptor de cabo branco perolado de volta em seu apoio de latão polido e preparou-se para dormir, abraçando com força o macaco de lã desfiada que ela abraçara com força todas as noites de sua vida consciente.

E, então, já era de manhã e já era hora do café da manhã, que ela foi autorizada a tomar em seu quarto, como uma regalia especial, mas do qual ela não conseguiu comer sequer uma migalha, e, em seguida, o momento de colocar o odiado vestido de marinheiro e as meias brancas e, depois, a insistência de sua mãe para que usasse sapatos baixos. E, de repente, era hora de ir.

Seus pais estavam esperando por ela lá embaixo no grande *hall* de entrada de sua bela mansão.

O pai se esforçando para fazer de conta que aquele era um dia como qualquer outro.

A mãe demonstrando altivez, mas nervosa.

Dagmar pegou seu chapéu e o casaco das mãos do mordomo e andou em direção à grande Mercedes preta e brilhante que os aguardava.

— São oito e dez — o pai disse ao motorista. — Gostaria de estar em frente à loja precisamente às 8h29, para que eu possa abrir pessoalmente as portas exatamente no horário.

— Claro, senhor.

O motorista manteve a porta aberta enquanto a família orgulhosa e elegante entrava no carro. Dagmar primeiro, depois Frau Fischer, que parou em frente ao impassível e uniformizado empregado.

— Obrigada, Klaus — disse ela.

— Pelo que, senhora?

— Por trabalhar para nós hoje.

— Eu não estou trabalhando para vocês hoje, minha senhora — respondeu o motorista. — Como vocês sabem, fui instruído pelo líder para não fazê-lo. Já informei a Herr Fischer que o pagamento de hoje deve ser deduzido do meu salário mensal.

— Mas... — Frau Fischer começou.

— Sinto-me, no entanto, honrado em servi-los hoje — o motorista continuou —, no meu tempo livre, e de minha livre e espontânea vontade.

Havia lágrimas, de repente, nos olhos de Frau Fischer.

— Muito obrigada — disse ela, entrando no carro e sentando-se ao lado de Dagmar, que também estava lutando para não chorar.

Então Herr Fischer se juntou a elas e sua curta jornada começou.

— Um belo dia — Herr Fischer observou. — Talvez possamos depois cavalgar juntos no parque, querida, se a noite continuar a ser clemente. Os cavalos vão se esquecer de quem são seus mestres, se apenas se exercitarem com os tratadores.

Frau Fischer tentou sorrir em resposta, mas não conseguiu fazer nada melhor do que isso.

Herr Fischer estava certo, era um belo dia, uma das primeiras manhãs ensolaradas de primavera, e Dagmar descobriu que seu ânimo, embora não estivesse exatamente se elevando, pelo menos, cessava de se abater enquanto o esplêndido carro roncava, abrindo caminho em meio ao bairro chique de Charlottenburg-Wilmersdorf. As grandes fileiras paralelas de plátanos que enfeitavam a Kurfürstendamm começavam já a se encher de folhas. O carro da família Fischer cruzava a grande e antiga avenida e todas as esplêndidas lojas e

os cafés tão familiares para Dagmar e suas ricas amigas da escola pareciam tão normais e excitantes como sempre.

Só que não tão normais. Havia exceções àquela movimentada e conhecida atmosfera de bem-estar. Alguns dos negócios encontravam-se fechados; suas belas vitrines e fachadas de madeira polida e revestimentos de latão estavam desfiguradas com pichações, e diante de suas portas postavam-se jovens em uniformes pardos agrupados em torno de bandeiras com a suástica.

— Mandelbaum, Rosebaum — Fischer murmurava, enquanto olhava pela janela. — Até mesmo Samuel Belzfreund, que achei que teria mais coragem, pelo jeito com que se pavoneia e se impõe na Câmara de Comércio, mas todos eles ficaram em casa.

— Talvez nós também devêssemos repensar isso, querido — Frau Fischer disse suavemente —, se todo mundo...

— Como eu já expliquei, nós não somos *todo mundo*. Somos os Fischer, da loja de departamentos Fischer de Berlim — foi tudo o que o marido disse entredentes e carrancudo.

— Você não sabe, mamãe — Dagmar disse, se esforçando para parecer alegre —, que a imperatriz pode vir do exílio na Holanda, exigindo luvas para suas damas de companhia?

— Exatamente — disse Herr Fischer. — Imagine se a imperatriz nos encontra fechados.

E pela primeira vez naquela manhã os três conseguiram sorrir ao mesmo tempo.

Então, de repente, chegou o momento. A limusine estacionava junto à famosa loja de departamentos Fischer na Kurfürstendamm, uma loja muitas vezes comparada à Harrods de Knightsbridge ou à Macy's de Manhattan. Não naquela manhã, entretanto. Naquela manhã, a loja Fischer não tinha qualquer semelhança com as outras esplêndidas lojas. Naquela manhã, a loja Fischer estava irreconhecível no meio de um pesadelo único e terrível.

Dagmar engasgou de horror quando viu que todas as esplêndidas vitrines que ela sempre adorara tanto, constantemente renovadas com os últimos e luxuosos gritos da moda, haviam sido pichadas e desfiguradas. Estrelas de davi, insultos grosseiros e em todos os lugares o *slogan* sinistro, despeitado e estúpido de Streicher para o dia: *Morte aos Judeus*.

Havia também pelo menos vinte homens da SA reunidos sob o dossel de vidro colorido que se estendia ao longo da calçada até a entrada da loja. Estavam claramente surpresos ao ver a grande Mercedes estacionando diante deles. Alguns até fizeram a saudação alemã, obviamente, com a impressão de que deveria ser algum figurão nazista que tivesse ido verificar o andamento da "ação" do dia.

Essa impressão permaneceu ainda por um momento enquanto o motorista uniformizado saía do carro e, sem olhar para as figuras arrogantes em seus uniformes pardos, abria a porta do passageiro. Muitas armas foram levantadas na expectativa do que poderia sair de lá, apenas para serem novamente baixadas por um espanto raivoso quando a família Fischer, reconhecível pelos inúmeros artigos difamatórios na imprensa nazista, saiu do carro. Herr Fischer foi o

primeiro, seguido por Dagmar, que podia ver que para além dos homens da SA o pessoal da loja já estava lá dentro, espiando pelas grandes portas centrais, aterrorizados. Portas que tinham sido bloqueadas por latões de lixo. Não havia, pelo que dava para ver, nenhum cliente tentando entrar.

Certamente não havia sinal da ex-imperatriz Augusta Vitória.

— Bom dia — ela ouviu o pai dizer —, meu nome é Isaac Fischer e esta é minha loja. Onde está a minha faixa?

Agora Dagmar percebia que não havia nenhuma publicidade de descontos pendurada acima da porta, como Herr Fischer havia prometido que haveria. Também não estava lá o grande e vistoso memorial listando os mortos de guerra.

— O que vocês fizeram com a minha faixa, por favor? — Fischer perguntou novamente.

Os camisas pardas começaram a rir dissimuladamente, um ou dois deles imitando a entonação refinada de Herr Fischer: *O que vocês fizeram com a minha faixa, por favor?* Outros estavam olhando para baixo, para a calçada, alegremente. Dagmar percebeu por que eles estavam rindo: aos seus pés havia uma grande quantidade de corda e pano pintado. As orgulhosas faixas de seu pai, o memorial de guerra e o anúncio de uma venda com desconto, rasgados e desfiados entre as pesadas botas.

— Oh — disse um dos bandidos, um homem que, pelos emblemas na manga, ostentava a posição de uma espécie de sargento, um *Truppführer*, como os nazistas chamavam. — Então, esta é a *sua* faixa, não é? Bem, devo dizer que é muito lamentável.

— Caiam fora do meu caminho — Fischer exigiu —, todos vocês. Quero abrir minha loja.

— Cair fora do seu caminho? — O *Truppführer* cuspiu em súbita fúria. — *Cair fora do seu caminho! Quem diabos* você *acha que é, seu judeu filho da puta?*

Fischer deu um passo para trás, como se tivesse sido atingido. Dagmar estendeu a mão para a mãe, que tremia violentamente.

Falarem daquela maneira com eles. Na *Kurfürstendamm* — do lado de fora de sua própria loja. Era inacreditável. Inédito. Não podia estar acontecendo. Mas estava.

A família Fischer da loja de departamentos Fischer, de Berlim, estava descobrindo que nenhuma única regra de civilização aplicava-se a eles mais. Sua riqueza, suas realizações, suas maneiras cultas e educadas não contavam para nada. Estavam sem direitos e totalmente indefesos.

O homem da SA falou novamente, ou melhor, gritou, numa imitação razoável de seu líder.

— Como você ousa dar ordens a um *Truppführer* das Tropas de Assalto? Seu maldito roedor! Seu maldito *verme*. Que tal isto, judeuzinho? Que tal um pouco *disto*?

E, com isso, o jovem, que não tinha mais do que 22 ou 23 anos de idade, deu um passo para a frente e derrubou com um golpe Isaac Fischer, um homem franzino em seus quarenta e tantos anos. Num instante, o rapaz tirou um soco inglês do bolso, colocou-o em seu punho fechado e bateu com ele na lateral da cabeça de Fischer, fazendo-o cair no chão com uma semiconcussão. Então o

Truppführer chutou-o, enterrando suas grandes botas de cano alto várias vezes no corpo prostrado e indefeso de Fischer.

Foi tudo tão repentino, tão completamente fora de proporção... Tamanha violência. Do *nada,* para *nada*. Em questão de *segundos*.

Por um momento, Dagmar e sua mãe ficaram imóveis, suas mentes confusas lutavam para alcançar a evidência constatada por seus olhos e ouvidos. Depois, com gritos guturais, ambas se aproximaram do chefe de família, do marido, do pai. O protetor. O homem de quem elas dependiam totalmente e em quem confiavam sem hesitação.

Porém elas não podiam lhe oferecer nenhum conforto ou apoio. Antes que pudessem ajudá-lo, foram agarradas com brutalidade e afastadas pelos outros membros da tropa parda. O motorista também havia se aproximado, talvez na esperança de levar Herr Fischer de volta para o carro, mas também foi agarrado e golpes choviam sobre ele.

Enquanto Dagmar se debatia nos braços dos homens da SA, que gargalhavam, sentindo as mãos deles sobre ela, puxando, parecia-lhe, o seu casaco, as mãos deles em toda parte, ela viu que no tráfego, no meio da grande avenida, no canteiro central, embaixo da fileira de plátanos, dois policiais haviam parado para assistir. Por um momento, imaginou que seu calvário havia acabado. Ela conhecia a polícia de Berlim, o avô de Paulus e Otto era um policial. O pai dela fazia contribuições regulares para o fundo de caridade da polícia. Eles haviam mantido a paz em Berlim durante todos os anos de violência, sem medo e sem favorecimentos. Certamente, iriam manter a paz agora.

— Eles são judeus? — um dos policiais gritou.

— Sim — respondeu um soldado. — Judeus sujos que achavam que poderiam dar ordens a nacional-socialistas.

Ao ouvir isso, o policial sorriu e acenou. Ele e seu colega observaram mais um pouco e, depois, seguiram em frente.

Então, os agressores da SA colocaram Fischer em pé.

O motorista foi dispensado com mais alguns chutes, mas eles ainda não tinham acabado com a família Fischer.

— Então, agora... — o *Truppführer* rosnou no rosto de Fischer, em cuja face direita um grande inchaço se levantava. — Vamos começar de novo, não é? Você diz que essa faixa é sua, não é mesmo, Senhor Ídiche?

A cena girava e balançava diante dos olhos de Dagmar. Seus ouvidos zuniam, uma orquestra parecia estar tocando dentro de sua cabeça, uma orquestra cujos instrumentos eram vidros quebrados e estridentes buzinas, gritos agressivos e o baque de aço contra pedra. Ela viu uma mão empurrar o peito de seu pai. Viu-o cair no chão pela segunda vez. Depois, ela sentiu um golpe em si própria, um violento empurrão na altura dos rins, seus joelhos se dobraram e, então, ela também estava na calçada, sua mãe ao seu lado, estatelada entre as botas pretas e marrons.

— Se esta faixa é sua, *filho da puta*, então você e suas cadelas precisam catá-la — ela ouviu o líder da tropa dizer em meio à estranha cacofonia que estava tocando em sua cabeça. — Está sujando a rua, se você não reparou.

Ele havia dito mesmo isso?

Aquilo era real?

Naquele momento, Dagmar realmente sentiu que tinha enlouquecido. Estava na *calçada* na Kurfürstendamm, do lado de fora da loja de seu pai. O grande castelo comercial do qual era a princesa. Não *em pé* na calçada, mas *estatelada sobre ela*. Faltou-lhe o fôlego. Seus amados pais, os símbolos de força e autoridade a quem ela sempre procurava em busca de consolo e *segurança*, estavam desamparados e de joelhos ao lado dela. O rosto de seu pai, inchado e machucado. Seu sangue sobre as pedras.

Na Kurfürstendamm.

Minutos antes, não muitos, mas uns três, se tanto, todos eles estavam rodando juntos na Mercedes da família. Em *uma* das Mercedes da família. Aquelas eram as pedras em que ela pisara mil vezes. Sozinha. Com suas amigas. Com seus pais.

Ocasionalmente (e discretamente) com Paulus e Otto, que simplesmente não podiam acreditar quando ela foi saudada na porta por um porteiro sorridente.

Aquele era o seu reino. Tinha sido até o dia anterior.

— Você não está catando a faixa de seu pai, Fräulein Fischer — uma voz se dirigiu a ela, meio berrando, meio zombando. — Talvez devêssemos ensinar-lhe a ter um pouco de respeito por um pavimento alemão.

Automaticamente, Dagmar começou a recolher um pedaço ou dois das faixas rasgadas e desfiadas.

Então ela ouviu um grito ao lado dela. Era sua mãe, que, depois de ter recolhido alguns trapos, tivera-os chutados de sua mão.

— Achei que haviam dito a você para recolher seu lixo, *vaca judia* — um bandido de camisa parda gritou para ela. — *Então recolha, porra!*

Eles estavam falando com a mãe dela. Em Berlim. Na Kurfürstendamm.

Dagmar olhou para cima. Podia ver que, para além do círculo de homens da SA, pessoas passavam apressadas. Cabeças baixas, rostos virados para o outro lado, fingindo que nada viam. Outros paravam, não muitos, mas o suficiente, e tinham sorrisos no rosto, um ou dois erguiam crianças pequenas para ver, enquanto gritavam, encorajando os soldados.

Façam com que paguem.

Façam com que rastejem.

Façam esses bastardos judeus, gordos e ricos, pagarem pelo que fizeram a nós.

O que eles fizeram? O que ela *havia feito*? Dagmar sentiu que ia desmaiar. Ela *desejou* desmaiar. Na verdade, *morrer*, isso seria um alívio.

Entretanto, não desmaiou nem morreu. Permaneceu teimosamente consciente do fato de que estava de quatro, de cabeça baixa, catando trapos. Rezando para que eles não lhe esmagassem os dedos na calçada com suas botas.

Uma voz se elevou acima do burburinho geral.

Era uma mulher entre os transeuntes que haviam parado para tripudiar. Uma mulher muito bem-vestida.

— Faça-os lambê-lo — ela gritou. — Faça-os lamber o chão.

E os jovens nazistas acharam que era uma ideia maravilhosa. Eles devem ter se perguntado como aquilo não lhes tinha ocorrido antes.

E assim, sob a ameaça de novos golpes, a família Fischer, mãe, pai e filha, inclinaram a cabeça para as lajes e, colocando a língua para fora, começaram a lamber.

O riso agora se misturava com as vaias. Um riso horrível, triunfante, zombeteiro. Alguém tentou iniciar uma canção, o *Horst Wessel Lied*, é claro, o onipresente hino da SA. Isso era inevitável. Será que eles só conheciam uma música?

Mas o canto não pegou naquele momento. As pessoas estavam se divertindo muito para se preocuparem em cantar.

De repente, Dagmar não pôde mais suportar aquilo. Pôs-se em pé num pulo, cega pelas lágrimas, gritando com todas as forças, e começou a correr. Para sua surpresa, as Tropas de Assalto não a impediram, talvez a sua revolta houvesse sido tão súbita e sua condição tão histérica que eles foram pegos de surpresa.

A multidão se afastou também. Ela ainda não tinha 14 anos, uma menina em um vestido de marinheiro, ensandecida de terror; possivelmente sentiram pena dela. Possivelmente não queriam ser infectados pela prole de sub-humanos. De qualquer forma, ela se viu de repente fora da multidão e correndo ao longo da calçada larga, passando pelas grandes vitrines da loja.

Ela podia escutar o som de seus sapatos na calçada. Eram belos sapatos de couro brilhante.

Fora uma sorte que sua mãe a fizera calçar os sapatos baixos. Nunca poderia ter corrido tão rápido com os saltos que ela havia implorado para usar.

A loja era enorme. Estendia-se por um quarteirão inteiro ao longo da Ku'damm e tinha outro tanto de profundidade. Tinha muitas entradas, todas guardadas por homens da SA.

Estava correndo cegamente. Olhando para os sapatos, focada na superfície brilhante e negra de seus sapatos, enquanto eles se levantavam e baixavam, desaparecendo sob a bainha de seu vestido, para então reemergir.

Se não houvesse sido parada, sem dúvida teria dado de encontro com algo ou alguém, ou acabado deixando a calçada, indo parar no trânsito. Mas, em vez disso, uns braços de camisas pardas estenderam-se e agarraram-na, e mais uma vez Dagmar viu-se nas garras de seus inimigos mortais.

— Não tão rápido, mocinha — disse uma voz áspera. — Nós vimos você sair correndo. Não deveria estar ajudando o papai a limpar a rua?

— Por favor — Dagmar sussurrou —, por favor.

Mas o homem não respondeu. Porque, de repente e sem aviso, ela estava de volta ao chão. Como é que isso havia acontecido? A princípio, ela pensara que seu algoz da SA a tivesse empurrado. Mas ele também estava no chão. Deitado ao lado dela, tentando recuperar o fôlego. Ofegante sob o peso de um menino. Otto Stengel.

Assim que os gêmeos Stengel acabaram de falar ao telefone com Dagmar na noite anterior, souberam que ela queria o apoio deles. Um membro do Clube dos Sábados havia recorrido a eles, e era seu dever socorrê-la. Embora, é claro, na verdade, a sua decisão não tinha nada a ver com aqueles votos solenes de fim de semana, os juramentos de solidariedade prestados depois de suas aulas de

música, quando eram crianças. Dagmar era uma obsessão para ambos, objeto tanto de reverência quanto de desejo. Certamente não iriam deixar passar aquela excelente e legítima desculpa para procurá-la e, talvez, servi-la.

Assim, na manhã seguinte, no momento em que haviam saído de casa, supostamente para ir à escola, Paulus e Otto correram para o *U-Bahn* e pularam em um trem para Bahnhof Zoo. De lá, correram o restante do caminho e chegaram à Ku'damm apenas a tempo de ver o que estava acontecendo na entrada da loja de departamentos. E Dagmar forçando seu caminho em meio à multidão que se reunira para assistir.

Instantaneamente, os gêmeos puseram-se no encalço dela, contornando a terrível cena em que Herr e Frau Fischer ainda estavam de joelhos, com a cabeça na calçada, e correram atrás de Dagmar, conseguindo alcançá-la no exato momento em que o homem da SA a segurava.

Otto, que sempre agira por instinto, simplesmente atirou-se no atacante de Dagmar, jogando em cheio seu corpo contra o do homem, atingindo-o com toda a força que um musculoso menino de 13 anos, que ia em direção a ele em uma corrida desabalada, poderia ter. Todos os três, Otto, Dagmar e o homem da SA, caíram na calçada juntos. Otto em cima do baderneiro grande, barrigudo e arfante, e Dagmar esborrachada ao lado dos dois, com as pernas para o alto e seu lindo vestido de marinheiro rasgado e estragado.

Paulus, que sempre agira pelo intelecto, havia ficado um pouco para trás na perseguição. Quando foi obrigado a parar de chofre, derrapando para não tropeçar no trio estendido no chão, ele sabia que tinha, talvez, um segundo e meio, no máximo, para bolar um plano. Depois daquilo, não havia dúvida de que outros camisas pardas superariam a surpresa, tirariam Otto de cima de seu companheiro e o espancariam, muito provavelmente até a morte.

O truque deveria ser, pensou Paulus, no átimo de tempo disponível, inventar sua história em primeiro lugar.

— Filho da puta! — ele gritou, estendendo a mão, puxando o irmão para colocá-lo em pé e dando-lhe uma gravata. — Agora o apanhei, não é? Você está perdido!

Em seguida, com o braço que não estava ao redor do pescoço de seu irmão, ele socou a lateral da cabeça de Otto (com, mais tarde Otto reclamou, uma força desnecessária).

Paulus, em seguida, olhou para os camisas pardas que o cercavam.

— Judeus! Judeus! — ele gritou em afetado semipânico. — Judeus sujos! Um bando deles! Com uma garota alemã! Virando a esquina! Eles a pegaram, é vingança! Estão tirando as roupas dela! Por favor. Eu peguei este aqui, não vou deixá-lo fugir, corram! Vocês têm de ajudar.

Jovem como era e com quase tempo nenhum para pensar, Paulus dera conta do recado brilhantemente, apelando para o cerne do antissemitismo patológico dos nazistas. Para a parte favorita e mais bem ensaiada. As fantasias sexuais grosseiras e lascivas que compunham a maioria das acusações contra os judeus vendidas em *Der Stürmer* e em outros periódicos nazistas.

Os homens não hesitaram. A perspectiva de serem capazes de intervir violentamente em um estupro coletivo apelava de tal forma a seus instintos

naturais e suas fantasias secretas que eles correram imediatamente na direção em que Paulus estava apontando. Isso deixava ali apenas o sujeito arfante que agora estava começando a se recompor, sentando-se na calçada, com o queixo no peito, recuperando o fôlego.

Paulus se deu conta de que seria altamente improvável que aquele homem desistisse de sua oportunidade de se vingar de Otto, até mesmo pela chance de ver uma garota com suas roupas arrancadas por judeus. Além disso, seria questão de segundos antes que os outros camisas pardas chegassem à esquina e percebessem que tinham sido enganados. De novo, Paulus tinha pouquíssimo tempo para pensar em sua próxima jogada, mas novamente foi capaz de encontrar o ponto mais promissor de fraqueza psicológica em seu adversário ainda grogue.

— Eu vou levar esses dois para o outro lado da rua! — Paulus gritou com urgência, colocando uma atordoada Dagmar em pé com seu braço livre. — Meu pai é um *Hauptsturmführer*. Está recolhendo prisioneiros. Ele vai ficar muito contente por você ter detido esta porca. Vou mandá-lo aqui para falar com você pessoalmente.

Como frase, aquilo não fazia muito sentido, mas o que ele fez foi invocar a autoridade. E se havia uma coisa que Paulus sabia que nazistas gostavam era de instruções sobre o que fazer. Nada parecia torná-los mais confortáveis do que seguir um líder, e se houvesse um *Hauptsturmführer* na vizinhança, então, a sua vontade deveria, naturalmente, ser obedecida.

Paulus não ficou por perto para descobrir quanto tempo levaria até que o soldado se perguntasse por que um menino de 13 anos de idade, que nem sequer usava um uniforme da Juventude Hitlerista, estaria correndo pelas ruas recolhendo prisioneiros para um *Hauptsturmführer* SA. Em vez disso, ele arrastou seu irmão e Dagmar pelo meio-fio e para a rua, ignorando as buzinadas e o guinchar de pneus enquanto se dirigia para o canteiro central, onde os bondes subiam e desciam a rua constantemente.

As portas dobráveis de um deles, que ia na direção leste, estavam se fechando quando Paulus chegou, mas (para desgosto dos passageiros que já estavam a bordo) ele foi capaz de enfiar um braço e forçar as portas para abri-las novamente.

Uma vez que estavam todos sentados no bonde, Otto teve a chance de protestar.

— Droga, Pauly, precisava me golpear do lado da cabeça?

— Esqueça isso, seu idiota — Paulus respondeu. — Você está bem, Dag? O que aconteceu?

Mas, por enquanto, pelo menos, Dagmar era incapaz de falar. Ela simplesmente ficou olhando fixo para a frente, sem condições até de chorar. Apenas tentava respirar.

As margens do Mar Vermelho

Berlim, 1o de abril de 1933

— Todo mundo está procurando por Moisés.

Frieda sorriu quando disse isso. Sentia que tinha de sorrir.

O horror e o choque nos rostos que a rodeavam eram tão absolutos que alguma demonstração de espírito lhe parecia essencial. Porque mesmo se Frieda Stengel não soubesse coisa alguma sobre aquele dia horrível, aquele terrível e malfadado dia em que os nazistas começaram verdadeiramente a mostrar a sua cara, e começado, de fato, a dar um vislumbre da escuridão ilimitada que estavam preparados a baixar sobre o país assumindo sua filosofia ensandecida, ela sabia que, a partir daquele ponto, em todas as suas vidas, o espírito seria a única coisa que poderia sustentá-los.

Se é que conseguiria mesmo sustentá-los.

Ela olhou em volta, para os rostos reunidos em sua sala de estar.

Semblantes que até recentemente lhe eram familiares, mas que agora, ao encará-la de volta, pareciam pertencer a pessoas novas e diferentes. Sem expressão, perplexas, perdidas e desamparadas. Como bebês, comparou Frieda, nascidos naquela mesma manhã, expelidos chorando do calor e do conforto do útero de suas vidas anteriores, para encontrar-se piscando e lutando para respirar no brilho duro e implacável de um novo mundo, totalmente estranho e brutal.

Pessoas novas e diferentes. Literalmente.

Anteriormente cidadãos respeitáveis da República Alemã. Pais, trabalhadores, contribuintes, veteranos de guerra. Seres humanos.

Agora *Untermensch* — sub-humanos. Párias desprezados. *Oficialmente* desprezados. *Legalmente* párias. Barrados de seus negócios. Expulsos de seus trabalhos. Espancados e desorientados, recorreram a ela, Frieda Stengel. A boa médica.

O medo dilatando suas narinas. Olhos vermelhos de choro. Torcendo e retorcendo seus dedos até os nós ficarem brancos com o esforço pelo autocontrole.

Katz, o químico, com sua esposa e sua filha adulta. Os Loeb, que vendiam cigarros e jornais em um pequeno quiosque na entrada para o *U-Bahn*. Morgenstern, o comerciante de livros; Schmulewitz, um corretor de seguros. Os Leibovitzes, que tinham um pequeno restaurante na Grünberger Strasse. Um lixeiro. Um funcionário da fábrica de arames. Um assistente de cervejeiro. Dois

homens à procura de trabalho. Esposas. Uma ou duas crianças com muito medo de ir à escola.

Os judeus de Friedrichshain. Cidadãos ontem. Hoje, apenas judeus.

Tinham sido atraídos para o apartamento dos Stengel em busca de algum conforto, algum sentido. Frieda era o pilar da comunidade. Amada por sua bondade, respeitada por sua inteligência e indômita energia. Talvez ela tivesse uma resposta. Alguma migalha de conforto para oferecer, algum vislumbre de explicação. Afinal, a boa *Frau Doktor* sempre tivera respostas no passado.

No entanto Frieda não tinha respostas agora.

Pois não havia nenhuma.

Tudo o que podia fazer era sorrir e encontrar-se, para sua surpresa, refugiando-se no imaginário de lendas nas quais não acreditava nem tinha um interesse espiritual e que, no entanto, eram, sem dúvida, apropriadas.

— Acho que a pobre tribo está em movimento novamente — disse ela, tentando transmitir algum ânimo em seu tom. — Estamos nas margens do Mar Vermelho, fomos expulsos do Egito pela enésima vez. Hitler é apenas outro faraó, não é mesmo? A questão é: como salvar nossa pele desta vez? *Todo mundo está procurando por Moisés*.

Porém ninguém sabia de Moisés naquele momento e, portanto, sem ter para onde ir em um dia em que as suas próprias ruas foram ocupadas pelo Exército Pardo, eles sentavam-se ali. Sentindo-se estranhos e desconfortáveis. Contando os segundos que os levariam a lugar nenhum.

O café foi servido, havia vários bolos e pequenos regalos que as pessoas haviam levado. *Pretzels* doces, *Butterstollen*, *Streuselkuchen*. Mais café.

Wolfgang tocou um pouco de piano, música tranquila. Nada muito triste, canções populares de musicais, principalmente.

— Isto é um pouco como eu imagino que foi a última hora no *Titanic* — disse ele. — Sempre admirei os músicos daquela banda. Nunca pensei que eu iria ser um membro dela.

Frau Katz começou a chorar com isso.

— Wolfgang, por favor — Frieda advertiu.

Wolfgang pediu desculpas e voltou a tocar.

Ocasionalmente, havia exclamações de raiva e frustração.

Eles me empurraram.

Eles cuspiram em mim.

Frau Fulana não disse nada.

Herr Sicrano fez que não viu.

Eu os conheço há anos. Dei-lhes crédito depois do crash *da bolsa. Eles não fizeram nada quando os bandidos quebraram a minha vitrine. Quando atiraram cocô de cachorro através dela. Nada.*

No entanto, na maior parte do tempo, conversaram educadamente. Esforçando-se para não serem engolidos pelo abismo, pela escuridão infernal deitada logo abaixo da superfície de cada palavra que pronunciavam.

Como estão seus filhos?

Frau Sicrana recuperou-se da gripe?

Não começou a florescer cedo no Tiergarten este ano?

Apesar de todo o tempo as vozes tensas e o chocalhar nervoso das melhores xícaras de café de porcelana de Frieda gritarem POR QUÊ? POR QUÊ? POR QUÊ?

Por que nós?

E, claro, o que vem depois?

Uma ou duas vezes, os amigos não judeus deram uma passada lá para mostrar seu apoio. O presidente do comitê de administração do prédio. O homem que varria a rua e que, todas as manhãs, durante dez anos, tinha parado ao lado de seu carrinho de mão empoeirado quando Frieda saía do prédio, inclinando-se em sua vassoura e dizendo-lhe como ela estava linda. Wolfgang sempre achara isso um pouco assustador, mas agora ele era grato ao homem.

— E você está linda hoje, *Frau Doktor* — disse o homem, em pé timidamente na porta, segurando seu boné e olhando para os próprios pés. Ele levara flores, as quais deixou sobre a mesinha ao lado da porta antes de sair correndo.

O doutor Schwarzschild, um colega de Frieda da clínica, fizera uma visita em sua pausa para o almoço. Explicou que eles haviam pensado em fechar o centro médico, em solidariedade, mas tinham decidido que seria um gesto contraproducente. Frieda concordou.

— As pessoas ainda precisam de médicos — disse ela.

— Só não se esqueça de tratar os judeus também, hein? — Wolfgang acrescentou.

Schwarzschild pareceu confuso. — É claro — ele gaguejou. — Como você pode pensar que não, Wolfgang?

— Ah, eu não sei, companheiro — Wolfgang respondeu com uma pitada de raivoso sarcasmo. — Nem imagino.

— Pare com isso, Wolf — Frieda disse pela segunda vez. — Não é culpa de Rudi.

— De quem é a culpa então? — perguntou Wolfgang.

Um abismo já estava se abrindo. E era grande. Tão grande quanto o que separa a vida e a morte.

E aqueles do lado da morte, aqueles que agora se sabiam judeus, não podiam deixar de se sentir amargos, irritados e ressentidos com o *status* dos que estavam do lado da vida. Os agora chamados arianos. E uma vez que nenhum nazista e nem mesmo os companheiros de viagem silenciosos falariam com eles ou olhariam nos olhos deles, viram-se desabafando seus sentimentos com os únicos "arianos" que ainda os reconheciam, os amigos não judeus remanescentes.

Então é isso que o seu Sr. Hitler pensa, não é?

O que o seu povo decidirá fazer conosco a seguir?

Você realmente acredita que roubamos suas casas e seus empregos?

Schwarzschild não ficou muito tempo. Tinha pacientes para ver, os de Frieda e os seus próprios. Pacientes com os quais Frieda já estava se preocupando, sentindo-se culpada por de repente se ausentar de seus cuidados, apesar de nada poder fazer. Uma centena de histórias inacabadas surgiu de repente em sua mente enquanto ela acompanhava Schwarzschild até a porta.

— Estou preocupada com o furúnculo de Frau Oppenheim. Lancetei-o, mas não está se curando corretamente, e eu suspeito que ela não esteja limpando a ferida como eu a instruí. O menino Rosenberg ainda não está andando após o acidente, e é porque ele não está fazendo a fisioterapia, você deve ser muito firme com os pais dele... Vou escrever anotações para todos eles. Você pode me trazer meus arquivos? Tenho certeza de que ainda é permitido. Podemos repassá-los juntos. Você sabe que temo que o velho Bloch esteja se tornando diabético, você deve medir o açúcar no sangue dele.

Talvez isso a ajudasse. Refugiar-se nas responsabilidades de uma vida que tinha acabado. Tentando, por intermédio de outra pessoa, voltar suas atenções a pessoas que estavam obrigadas por decreto governamental a evitá-la.

Do piano, Wolfgang tinha escutado o que ela havia dito.

— Por que você ainda se preocupa com aquelas pessoas, Frieda? — perguntou ele. — Será que elas se preocupam com você?

— Wolf, eu sou uma médica. Não preciso que meu compromisso seja recíproco.

Wolfgang sorriu; um sorriso e um encolher de ombros.

— Ok — ele disse —, é justo. Você é uma pessoa melhor do que qualquer um deles, mas nós não precisamos do maldito partido nazista para saber disso. No entanto, eu não sou e, se dependesse de mim, eu lhe diria que os deixasse apodrecer.

Em desafio ou por frustração, ele começou a tocar um pouco de Kurt Weill, *Jenny dos piratas*.

— Wolfgang! Por favor! — disse Frieda.

Ele olhou para cima. Havia medo em cada rosto.

— Oh, desculpe — disse ele amargamente. — Não estão satisfeitos com música de um judeu?

— Ora, vamos, Wolf — disse Frieda. — As paredes não são grossas e não há sentido em provocá-los.

— Isso é o que eu pensava também — disse Wolfgang. — Mas, agora, eu me pergunto se faz alguma diferença.

— Se provocá-los, eles vão nos matar — Herr Loeb, da tabacaria, disse. — Somos poucos, e eles são muitos.

— Eles não vão nos matar! — Frau Leibovitz quase implorou. — Aqui é a Alemanha, isto é uma aberração, tem de ser. *Tem* de ser uma aberração.

Alguns outros concordaram. Aquilo não podia ser real. Era simplesmente inimaginável que o Governo Nacional Socialista pretendesse manter aquele ataque.

Novamente, a descrição formal. *O Governo Nacional Socialista*. Como se, de alguma maneira, usar o nome completo do partido nazista, tratando-os com formalidade e educação, pudesse fazer com que os nazistas retribuíssem.

Outras vozes tinham uma visão mais sombria.

— Meu filho acha que vão mantê-lo até que todos estejamos mortos — o livreiro Morgenstern observou. — Ele está indo embora. Ele e a noiva. Ele tem um amigo em Zurique que os abrigará por um tempo.

— Mas o que ele vai fazer? Como vai trabalhar? Ele tem uma licença de trabalho na Suíça? — vieram as perguntas.

Morgenstern admitiu que seu filho não tinha uma licença.

— Mas ele está indo embora de qualquer maneira. Vai de férias e depois se recusará a sair; ele diz que podem matá-lo se assim o desejarem. Sua noiva concorda. Eles pretendem ir dentro de uma semana.

Tal notícia, claro, deprimiu os presentes ainda mais.

Para eles, apegados à esperança como estavam, foi terrível perceber que algumas pessoas já a tinham abandonado. Porém todos conheciam alguém que já havia decidido que a situação agora era insustentável. Os jovens, em particular, aqueles que tinham menos para deixar para trás, estavam todos fazendo planos para ir embora.

Então os Hirsches, um casal de aposentados que morava dois andares abaixo, chegou com a primeira edição do jornal da tarde. Junto à história principal que relatava o "sucesso" do boicote "espontâneo" havia outra manchete: "Vistos de saída introduzidos".

Qualquer pessoa que desejasse deixar a Alemanha tinha primeiro que obter autorização da polícia para fazê-lo. Afirmava-se que os judeus, em particular, não poderiam simplesmente passear por países estrangeiros hostis espalhando suas mentiras. Se quisessem sair, precisariam pedir, e só então as autoridades examinariam a solicitação.

— Eles querem nos prender — Wolfgang observou e desafiadoramente tocou alguns acordes de *Mack the Knife*.

Morgenstern perguntou se podia usar o telefone para discutir as notícias com o filho.

Os pais de Frieda chegaram.

Partiu o coração de Frieda ver o rosto do pai, uma combinação de fúria reprimida e total confusão que ela nunca tinha visto nele antes. Apenas algumas semanas antes, o capitão Konstantin Tauber tinha sido um importante oficial sênior da polícia de Berlim. Era um veterano de guerra condecorado. Um patriota alemão profundamente conservador e defensor do Estado de Direito.

Agora, ele não era mais um ser humano. Não tinha *status*, nem emprego e nem direitos.

— As *Tropas de Assalto* veio à nossa delegacia ontem à tarde — Tauber explicou.

Novamente, o refúgio na formalidade. As Tropas de Assalto.

O Governo Nacional Socialista.

Herr Hitler.

Como se de alguma forma eles estivessem lidando com algo reconhecível e relacionável à sua experiência anterior de mundo. E não uma força inteiramente nova, completamente estranha, mais brutal e mais primevamente cruel e ignorante do que qualquer coisa que eles pudessem abarcar dentro de seu entendimento.

— Simplesmente, invadiram a delegacia — Herr Tauber continuou. — Desde que Herr Hitler se tornou chanceler, eles vinham entrando e saindo de lá quando bem entendiam, mas, ontem, eles vieram atrás de mim. Apenas algumas

semanas atrás, eu estava prendendo aqueles mesmos homens por distúrbios violentos. Por intimidação. Por todos os tipos sórdidos de vandalismo. Trancando-os nas celas, noite após noite. Agora eles estão no comando! Queriam a minha mesa! Tomaram meu quepe, minha arma. Eles me disseram que eu não era um alemão bom o suficiente para ser policial. Eu era um alemão bom o suficiente para lutar na batalha de Verdun, não era? Para sentar-me por três anos em um buraco no chão pelo *kaiser*?

Herr Tauber ficou em silêncio, aceitou uma xícara de café e segurou a mão da esposa.

— Nós viemos porque lemos sobre o decreto relativo aos médicos judeus — explicou Frau Tauber. — É uma coisa terrível. Impedi-la de cuidar de seus pacientes.

— De dois profissionais respeitados na família a nenhum — o capitão Tauber rosnou.

— Pare com isso, papai — disse Frieda. — Você nunca quis que eu fosse médica.

— Isso faz muito tempo. Mudei meu ponto de vista. Tenho muito orgulho de você. Eu nunca disse isso?

— Na verdade, não, você não disse.

Wolfgang quebrou o silêncio que se seguiu a isso.

— Anime-se, sogrão. Você ainda tem um músico na família.

Tauber apenas o olhou.

Morgenstern, que tinha estado ao telefone com seu filho, aproximou-se de Herr Tauber para lhe pedir um favor.

— Com licença, *Herr Kapitän* — disse ele —, mas talvez você ainda tenha amigos e colegas em sua antiga delegacia.

— Menos do que eu esperava — disse Tauber.

— Esse negócio dos vistos de saída, o anúncio foi feito apenas hoje. Não posso imaginar que possam implementá-lo de uma só vez.

— Não, eles não são super-homens, não importa o que digam. Mesmo nesses tempos extraordinários, se eles quiserem que uma fronteira funcione como uma fronteira não podem simplesmente "desejar" que seja assim, há todo um processo.

— Você me faria a gentileza, *Herr Kapitän*, de sondar a partir de quando esses vistos de saída serão exigidos?

— Vou tentar — respondeu Tauber. — E sou apenas "senhor" agora, não sou mais capitão.

Tauber levantou-se, atravessou o tapete azul e foi para o corredor, telefonar. Frieda o observou enquanto ele ia. Seu andar era curvado num primeiro momento, a caminhada de um homem velho e alquebrado. Depois de alguns passos, porém, ele pareceu perceber isso e endireitou-se. Colocando os ombros para trás e mantendo a cabeça um pouco mais levantada.

Isso mesmo, Frieda pensava. Devemos todos continuar a tentar andar eretos. Foi o que Wolfgang dissera aos meninos. Se você quer se sentir altivo, deve andar de cabeça erguida.

O telefone tocou enquanto Herr Tauber estendia a mão para ele.

— Residência dos Stengel — disse ele. — Tauber falando.

Depois de um momento, ele voltou para a sala.

— É Herr Fischer — disse ele —, da loja de departamentos Fischer. Ele está perguntando por sua filha Dagmar.

Um dia tranquilo na loja

Berlim, 1933

Depois que a filha fugira da frente da loja de departamentos, Herr e Frau Fischer foram forçados pela gangue da SA a permanecer de joelhos na calçada por cerca de dez minutos mais.

Catando os pedaços rasgados da faixa de "desconto" vandalizada de Herr Fischer e lambendo as pedras do calçamento até que ambos pensaram que iriam sufocar até a morte.

— Um pouco de água, por favor — Frau Fischer choramingou, olhando para cima, para os rapazes em pé ao lado dela, que eram jovens o suficiente para serem seus filhos.

— O que disse, velha porca? — falou um deles rindo. — Você não fala alemão? Eu não consigo entender você.

A língua de Frau Fischer estava inchada e sua boca estava cheia de areia e poeira. Ela lutou mais uma vez para falar.

— Água, por favor, pelo amor de Deus.

Mas não houve piedade. Seus algozes teriam argumentado que não era porque não tivessem coração ou consciência, mas, simplesmente, porque os judeus não mereciam piedade. Seus crimes eram muito terríveis e sua natureza era muito astuta. Crueldade de coração para com tais *Untermensch* era o dever sagrado para um patriota alemão.

Naquela mesma semana, em um editorial no *Völkischer Beobachter*, Herr Goebbels havia alertado *especificamente* contra a tentação de demonstrar piedade, lembrando aos alemães decentes que tal condolência era, de fato, não apenas tolice de fracos, mas traição. O ministro da Propaganda apontou que os primos da pobre avó judia suplicando por ajuda em Berlim estavam sentados em Washington e Moscou, esfregando as mãos de contentamento e tramando a aniquilação da civilização europeia.

Portanto, compaixão simplesmente não poderia ser demonstrada em relação a Frau Fischer por medo da ameaça global que seu sangue representava para a Alemanha.

O que foi uma sorte para aqueles jovens aos pés dos quais ela se encontrava de joelhos, porque não poderia haver nenhuma dúvida de que maltratar criaturas indefesas também era a melhor diversão.

Não foi pena o que pôs fim ao sofrimento dos Fischer, mas pragmatismo. Comentários sobre a cena que se desenrolava do lado de fora da famosa loja de

departamentos tinham se espalhado pelos escritórios na Wilhelmstrasse, onde havia aqueles que entendiam que tais incidentes não ficariam bem no exterior. E, por enquanto, pelo menos, o novo governo alemão, ansioso para que sua voz fosse ouvida no mundo, ainda considerava que aquilo fosse um problema.

Enquanto Frau Fischer implorava para receber um pouco de água, uma segunda Mercedes parou.

Estacionando ruidosamente atrás do esplêndido veículo vazio que conduzira a orgulhosa família Fischer ao seu destino.

Daquele segundo carro saiu um homem com um casaco de gabardine, usando um chapéu *homburg*, com a inevitável aparência de "cara durão" favorecida pela Polícia Secreta Prussiana, que estava prestes a ser rebatizada de *Geheime Staatspolizei* ou Gestapo. Aquele policial com ares de gângster foi seguido por outro sujeito, menos carrancudo, trajando um terno.

— Ei, você! — o homem da Gestapo gritou, mostrando rapidamente sua identificação de policial para o líder da tropa SA.

— *Heil Hitler*! — o homem da SA gritou de volta, colocando-se em posição de sentido e fazendo a saudação nazista com o braço esticado, tudo ao mesmo tempo.

— Esta ação necessária terminou. Coloque estes dois em pé.

O homem da SA pareceu um pouco decepcionado por terem acabado com a sua diversão. A polícia oficial e a SS, à qual era agora anexada, eram vistas com muito ressentimento por parte dos homens da SA, que se consideravam os verdadeiros herdeiros da revolução nazista. Mas ordens eram ordens, e isso era algo que jamais poderia ser ignorado. O líder da tropa, portanto, engoliu seu desapontamento e ordenou para seus homens que colocassem os Fischer em pé.

— Aquele homem com a câmera — o oficial da Gestapo disse com rispidez —, traga-o para mim.

Um homem no meio da multidão, que estava tirando fotografias, viu que havia sido apontado e girou nos calcanhares. Tinha a intenção clara de fugir, mas sabiamente escolheu parar quando foi ordenado e esperou enquanto dois soldados abriam caminho em meio à multidão, a fim de escoltá-lo de volta.

Enquanto isso, Herr Fischer soltara-se das mãos dos homens da SA e agora se aproximava do oficial da Gestapo. Apesar de sua provação, do hematoma no rosto e do desalinho de seu traje, Isaac Fischer ainda conseguia mostrar alguma dignidade.

— Meu nome... — disse ele, falando com muita dificuldade. Seus lábios estavam sangrando, sua língua estava seca e inchada e, como sua esposa, ele precisava desesperadamente de água. — Meu nome — ele repetiu — é Isaac Fischer.

— Eu sei quem você é — o oficial da Gestapo respondeu secamente. — Por que está se dirigindo a mim?

Herr Fischer se viu forçado a tossir e pigarrear várias vezes antes de tentar outra frase. Necessidade que provocou um olhar de absoluto ultraje e desprezo do policial.

— Porque... — Herr Fischer começou, e sua voz soou como uma lixa sobre pedra — porque é óbvio que você tem alguma autoridade e gostaria de fazer

uma reclamação.

Houve uma exclamação de espanto por parte da multidão. Algumas pessoas surpreendidas com a bravura do homem, outras chocadas com sua desfaçatez. A isso se seguiu muita murmuração indignada quando o que aquele judeu havia dito se espalhou.

— Uma reclamação? — o oficial perguntou friamente. — O que você tem para reclamar?

Os olhos de Fischer se arregalaram. Foi um choque. Mesmo em seu estado atordoado e maltratado, ele não esperava uma indiferença tão brutal à sua óbvia situação. E à de sua esposa, uma mulher de meia-idade agredida publicamente por um grupo grande de rapazes.

O que ele tinha para reclamar? Tentou organizar seus pensamentos para enquadrar uma resposta a tal pergunta.

Apenas *oito semanas* antes, os bandidos que estavam atrás dele enfrentariam anos de prisão pelo que tinham feito.

— Por eu ter sido impedido — disse ele, por fim — de entrar em minha loja por esses homens.

— Um momento... — o homem da Gestapo virou-se para o fotógrafo que os homens da SA haviam trazido da multidão.

— Mas... — Fischer viu-se protestando.

— Você vai se dirigir a mim quando eu lhe der permissão, e não o contrário! — o oficial da Gestapo retrucou, a elevação em seu tom de voz avisando Fischer que, apesar da pretensa formalidade, aquele homem era tão imprevisível e perigoso quanto os seus algozes anteriores.

Fischer ficou em silêncio.

— Quem é você, por favor? — o policial perguntou ao homem com a câmera.

— Sou um cidadão americano — o fotógrafo respondeu em um alemão ruim. — Sou um cidadão americano, eu trabalho para a Reuters e esses homens não têm o direito de estar me segurando.

— A câmera, por favor — o oficial da Gestapo exigiu, estendendo uma mão enluvada em preto.

— Absolutamente não! Sou um repórter fotográfico credenciado...

A um sinal do homem da Gestapo, um dos soldados da SA arrancou a câmera do homem, que a trazia pendurada no pescoço por uma tira de couro, e entregou-a ao oficial.

— Essa câmera é propriedade da... — o americano protestou, mas, então, nem se preocupou em completar sua sentença, não havendo qualquer sentido nisso, porque no mesmo momento em que falava com o oficial da Gestapo, este arrancou o filme da câmera e o expôs inteiro à luz. Então, devolveu a câmara e o filme arruinado ao seu proprietário.

— E aqui está a sua propriedade devolvida a você. Tudo está em ordem, não é? — disse o oficial. — O meu colega do Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda ficará feliz em responder a quaisquer perguntas que você possa ter em relação à ação policial necessária que você acaba de presenciar.

O norte-americano foi retirado da cena protestando, o civil que chegara no mesmo carro que o homem da Gestapo seguindo-o, já disparando rapidamente uma série de desculpas e qualificações.

— Provocação judaica — o homem do Ministério da Propaganda pôde ser ouvido dizendo. — Uma ação de contenção essencial, a fim de manter a ordem pública... Judeus obrigados a limpar os resultados de seu próprio vandalismo.

O oficial da Gestapo voltou-se para os Fischer.

— Então, agora você vai entrar na sua loja — disse ele.

— Senhor — Herr Fischer começou —, você é sem dúvida um policial. Esses soldados agiram ilegalmente. O boicote é voluntário...

— Herr Fischer — o homem da Gestapo falava calmamente agora. Inclinado para a frente, trazendo o rosto bem perto ao de Fischer, transmitindo mais ameaça do que qualquer gritaria teria conseguido. — Você recebeu uma ordem de um oficial da polícia política prussiana. Eu sugiro que você a siga imediatamente. Caso contrário, vou mandar prendê-lo por violação da ordem pública e, acredite em mim, você não desejaria que esses homens o levassem sob custódia. Agora, judeu, pegue a sua esposa judia e entre na sua loja de judeu.

Frau Fischer gentilmente puxou o braço do marido.

— Venha, Isaac — ela sussurrou —, por favor, eles estão nos libertando. E eu preciso beber água.

Herr Fischer curvou-se ligeiramente e, depois, tomando a mão de sua esposa, afastou-se de seu algoz. Com andar trôpego e os joelhos doloridos e enfraquecidos por seu suplício na calçada, o casal caminhou em direção às múltiplas portas de vidro da frente de sua loja.

Eram 9h05.

Trinta e cinco minutos atrasado.

Trinta e cinco minutos mais tarde do que algum dia a loja de departamentos Fischer havia aberto em toda a sua história.

As portas se abriram quando os Fischer se aproximaram delas.

Rostos lívidos e chocados os aguardavam, encolhidos atrás do vidro. Rostos tão conhecidos, tornados estranhos pelo medo. O porteiro. Um segurança da loja. O mais velho subgerente, que deveria se aposentar em apenas duas semanas, depois de quarenta anos de serviço. Seu presente já estava recebendo a gravação da dedicatória.

Todos os membros judeus do pessoal da Fischer estavam lá. A postos diante das inúmeras caixas registradoras, esperando atrás de seus balcões, como todos tinham estado à espera desde 8h15, na expectativa teórica de uma visita da imperatriz Augusta Vitória.

Jovens encantadores. Jovens esplêndidos e íntegros. Bem apresentados em seus trajes combinando. As garotas com quepes desenhados pela própria Frau Fischer.

Mas nenhum cliente. Uma loja fantasma. Silenciosa durante o horário comercial pela primeira vez em sua história.

A bela, cintilante, suntuosa e elegante loja parecia um *set* de filmagem um pouco antes de os figurantes serem instruídos a tomarem seus lugares. Como se

algum diretor invisível estivesse prestes a gritar "ação" e inundar os corredores e balcões com centenas de compradores ansiosos.

Herr Fischer tentou sorrir e até mesmo recuperou sua voz, ou, pelo menos, um roufenho simulacro dela.

— Obrigado a todos por terem vindo — disse ele. — Espero que vocês permaneçam em suas posições na expectativa de recebermos clientes mais tarde.

Então, ainda segurando a mão da esposa, ele começou a atravessar a loja.

Algumas das meninas cederam às lágrimas quando o casal ferido passou. Os rapazes também pareciam abalados e próximos de desabar. Os Fischer pareceram notar isso e tentaram manter a cabeça erguida, cumprimentando com ligeiros acenos de cabeça ou o esboço de um sorriso vários dos empregados que estavam mais tempo no serviço.

Caminhavam em meio à tensão e ao silêncio. Seus passos tocavam o chão de mármore polido. O único som naquele grandioso e magnífico salão.

Passaram pela seção de louças e porcelanas. Pela perfumaria. Cosméticos. Pequenos artigos de couro. Malas. Artigos de papelaria. Bengalas, guarda-chuvas e guarda-sóis.

Através da arcada central de vidro, onde ficava o salão de refeições e o restaurante. A própria *Konditorei*, na qual Dagmar havia escolhido o bolo de chocolate para levar para os Stengel, sete anos antes e, novamente, apenas algumas semanas atrás, no aniversário dos gêmeos.

Passaram pelas famosas escadas rolantes. Aqueles poderosos degraus móveis que haviam maravilhado toda a Berlim quando o velho Herr Fischer os instalara. Os quais o próprio Guilherme, príncipe herdeiro da Alemanha, havia inaugurado e que todos os dias desde então tinham estado repletos de compradores, mas que se encontravam vazios agora.

Vazios, mas funcionando. Movendo-se ruidosamente, vagos, para cima e para baixo, das 8h30 até as 18h00, com apenas fantasmas para conduzir.

Finalmente Herr e Frau Fischer chegaram aos elevadores nos fundos do edifício.

Herr Fischer virou-se para a esposa, dirigindo-se a ela pela primeira vez desde que tinham sido atacados. — Temos de ir para o escritório e começar a telefonar, minha querida. Precisamos encontrar Dagmar.

— Com licença, Herr Fischer — o subgerente interrompeu-o delicadamente —, mas Fräulein Fischer foi vista pelos membros da equipe que estavam reunidos nas portas do sul. Ela estava fugindo da cena vergonhosa na entrada principal quando mais uma vez se viu nas mãos dos vilões. No entanto, parece que dois jovens a salvaram. Apenas dois garotos, mas, de alguma forma, eles foram capazes de livrar a Fräulein das *Tropas de Assalto* e levá-la para um bonde que passava, senhor.

— Ah — Herr Fischer assentiu e pareceu que o esboço de um sorriso havia se formado em seus lábios descascados e sangrando —, então, minha querida, acho que sabemos onde ela pode estar.

Na noite anterior, sozinhos em seu quarto, Paulus e Otto fizeram um pacto. Juraram a si mesmos e um ao outro que, não importava o que acontecesse, não

importava o que Hitler tentasse fazer com eles, iriam proteger Dagmar. Seria a sua missão na vida. Eles seriam os bravos cavaleiros de armadura brilhante; ela, sua donzela em perigo. Suas próprias vidas não significavam nada, sua única utilidade consistia em serem colocadas a serviço da garota que amavam. De uma forma ou de outra, os meninos Stengel protegeriam a sua princesa e zelariam para que ela sobrevivesse àquele dragão cuspidor de fogo que ameaçava devorá-los.

Hitler não a pegaria.

Eles seriam seu escudo.

Estudante de Direito

Londres, 1956

Stone desligou o gás sob a chaleira e preparou um bule de chá.

Acendeu a grelha para as torradas e foi para a sala de estar pegar seus livros de direito.

No verão seguinte, ele estaria fazendo os exames de graduação no curso por correspondência. Seria sua terceira tentativa de passar, mas, atualmente, ele vinha ignorando os estudos. A carta que supostamente viera de Dagmar havia toldado tais preocupações em sua mente. Pegando o chá e as torradas, Stone espalhou os livros sobre a mesa da cozinha e tentou se concentrar.

As palavras flutuavam diante de seus olhos: *responsabilidade civil, jurisprudência, penal, civil, família, propriedade, comercial.*

Incrível a quantidade de leis necessárias para governar um país civilizado.

Hitler sempre desprezara a lei. E os advogados também.

Stone jurou que ainda seria um advogado.

Uma festa é anunciada

Berlim, agosto de 1933

No meio do primeiro dos mil verões que Adolf Hitler tinha planejado para seu Reich, a família Stengel estava tendo um suspiro de alívio. Provisório e altamente restrito, mas um alívio, mesmo assim.

— Basicamente, nós ainda estamos vivos — disse Wolfgang, espalhando sardinhas nos sanduíches dos meninos para a merenda. — Eu não teria apostado dinheiro nisso dois meses atrás.

— Eu teria, papai — disse Otto. Ele tinha terminado seu mingau de aveia do café da manhã e estava levantando halteres no canto da sala, que agora era um hábito regular, tanto de manhã como à noite. — Eu gostaria de vê-los tentar me matar.

— Eles *teriam* matado você como a uma barata, Otts — Paulus disse —, se eu não tivesse contado para o papai o que você estava pretendendo fazer.

— Como um maldito dedo-duro.

— Salvei a sua vida, companheiro — Paulus disse, com a boca cheia de mingau.

Otto não respondeu, concentrando-se em erguer os pesos em direção ao seu corpo, seus bíceps protuberantes sob a tensão.

Frieda afundou-se no sofá.

— Eu ainda fico com as pernas bambas só de pensar nisso.

— Sim... bem, sinto muito, mamãe — Otto retrucou —, mas eu acho que é hora de alguém deixar esses porcos saberem que não podem tratar a nós, judeus, dessa maneira. Somos fortes. Somos orgulhosos. Vamos acabar com eles no final.

— Nós, judeus? — Paulus riu. — De repente, você é um judeu! Você nunca ligou a mínima por ser judeu antes.

— Sim, bem, agora ligo, e se não fosse por você ser um delator, eu seria um judeu com uma arma!

— Otto, cale a boca! — Wolfgang rosnou. — E, por favor, não vamos passar por isso novamente, hein? A coisa está no fundo do Spree agora. Que foi de onde, pela aparência dela, o cara do qual você a comprou tirou-a, para começo de conversa. Mas esteja certo de uma coisa, Otts: um judeu apanhado com uma arma, até mesmo uma velha relíquia enferrujada que provavelmente não tinha sido disparada desde a guerra franco-prussiana, seria, sem dúvida,

enforcado no local, criança ou não. Está me escutando? Eles o executariam ali mesmo.

Otto apenas revirou os olhos e continuou levantando os pesos.

— Escute o seu pai, Otto! — Frieda exigiu, o medo tornando sua voz áspera. — Você sabe o que essas pessoas são capazes de fazer.

Apenas uma semana antes, uma família local de sociais-democratas bem conhecida tinha sido linchada em seu próprio quintal por brandir um rifle de caça quando sua casa foi atacada por homens da SA embriagados. Um pai e dois filhos, todos enforcados na mesma árvore em cinco minutos, por defender sua casa.

— Eu só queria *fazer* alguma coisa.

— Ser morto não é fazer alguma coisa — disse Paulus. — É estar fazendo nada.

— Hitler diz que somos covardes — Otto insistiu. — Um dia, eu vou mostrar-lhe quão corajoso um judeu pode ser. O que você vai fazer, espertinho?

— Eu não sei o que vou fazer, mas, acredite, Otts, quando eu for fazer o que quer que seja que eu vá fazer, vou estar pronto para fazê-lo.

— Como é? — Otto perguntou, um pouco confuso.

— Eu vou estar preparado.

— Preparado? Como? Por *estudar*? Que sentido isso ainda tem? Eles não vão deixar você ter um emprego, não importa em quantos exames você passe.

— Quem sabe? Podemos ter leis um dia, novamente. E, se tivermos, vamos precisar de advogados.

— É isso mesmo, Pauly — Frieda concordou. — Você deveria ouvir o seu irmão, Ottsy.

— Filhinho da mamãe! — Otto zombou.

— Além do mais — Pauly continuou, ignorando o insulto —, se tivermos que deixar a Alemanha e eu for qualificado, então, talvez eu seja capaz de nos sustentar. O que você vai dizer em seu formulário de imigração, Otts? "Por favor, me dê um visto, eu tenho músculos desenvolvidos"? Eles têm muitas pessoas que podem levantar pesos na América, sabe?

— E muitos trompetistas — Wolfgang disse com tristeza.

— Quem sabe? — Frieda falou, assumindo uma expressão corajosa. — Pode ser que não cheguemos a nada disso. Como disse o papai, estamos todos ainda vivos, não estamos? Agora vá se refrescar, Otto. Você não pode ir para a escola todo quente e suado desse jeito.

Não havia dúvida de que, do ponto de vista dos Stengel, agosto de 1933 fora uma clara melhora se comparado à primavera anterior e à orgia legalmente sancionada de brutalidade que culminara no primeiro boicote aos judeus.

— Eles não querem assustar seus novos parceiros na indústria e nos bancos — disse Wolfgang.

Os negócios de judeus não sofriam mais piquetes, os espancamentos públicos arbitrários e os roubos não eram mais tolerados nas ruas e o número de pessoas sequestradas de suas casas e enviadas para campos de concentração também havia diminuído drasticamente.

Com as devidas precauções, e pisando em ovos, os judeus se sentiam seguros para andar pela cidade outra vez.

Isso não quer dizer que a vida fosse divertida. Podia ter-se tornado um pouco menos perigosa, mas não era menos humilhante ou cansativa. As várias proibições e exclusões de judeus e ciganos permaneciam valendo. O acesso às profissões fora vedado a eles. Não haveria mais juízes ou advogados judeus. Os judeus foram proibidos também no exército, na polícia e na maior parte do comércio. Vagas nas universidades eram restritas a uma pequena quota e livros escritos por judeus não apenas eram proibidos, mas queimados publicamente.

No entanto, a vida não era impossível.

Frieda havia até, para sua imensa surpresa, conseguido retomar seu trabalho na Clínica Friedrichshain, agora chamada de Centro Médico Horst Wessel, todo o distrito tendo sido rebatizado com o nome do "mártir" favorito da SA que crescera ali. Era verdade que Frieda só tinha autorização para tratar os judeus, mas havia muitos deles para mantê-la ocupada, uma vez que os judeus tinham sido proibidos de ser tratados por arianos. Até mesmo os judeus ricos, que anteriormente nem mortos teriam sido vistos em uma clínica pública, procuravam por ela agora. Infelizmente, isso não enriquecia Frieda ou o centro, já que as seguradoras de saúde privadas haviam sido dispensadas de reembolsar os médicos judeus, e os prêmios que os judeus já haviam pago por seus planos foram roubados eficientemente pelo estado da noite para o dia.

No entanto, para o espanto de Frieda, ainda lhe pagavam o salário. Ela estava descobrindo que a grande burocracia alemã pré-nazista iria continuar a funcionar até ordem contrária, mas que não bastava ser de voz: teria de vir por escrito e protocolada em três vias. Levaria um longo tempo até o Estado conseguir desligar oficialmente todos os judeus de todos os lugares, e, nesse meio-tempo, ela permanecia na folha de pagamento pública, o que permitia que a vida na casa dos Stengel, ao menos por enquanto, voltasse a ser algo vagamente parecido com o que era antes.

Paulus e Otto ainda frequentavam a mesma escola, como haviam feito durante os dias da República de Weimar, embora agora tivessem de estar constantemente preparados para se defender contra o ataque de gangues de intimidação, e as aulas tinham adquirido um tom mais sinistro.

A lei exigia que todos os dias na escola agora começassem com o Hino Nacional, seguido pela canção de Horst Wessel, e que cada sala de aula exibisse uma imagem do líder. Dos professores se esperava que cumprimentassem suas turmas com a "saudação alemã", que tinha de ser devolvida *em massa*, sob pena de castigos físicos. Os filhos de famílias judias, embora ainda fossem tolerados, haviam sido "dispensados" das aulas de História, durante as quais a sua "raça de sangue" era sistematicamente acusada de todos os males que já tinham assolado a pátria.

Contudo, apesar da natureza profundamente desagradável de todas estas pressões, nenhuma delas era, tanto para Paulus como para Otto, a principal frustração daquele verão. O que realmente os incomodava era que eles não viam Dagmar havia meses.

O objeto de sua obsessão mútua havia desaparecido quase por completo desde sua terrível experiência nas mãos dos homens da SA. Os meninos tinham ouvido falar que ela mal frequentava a escola e agora não aparecia mais para as aulas de música de sábado no apartamento dos Stengel. Além de ocasionais bilhetes em resposta às cartas regulares dos meninos, poemas e presentes, os gêmeos não tinham quaisquer notícias de Dagmar.

— Receio que a pobre menina nunca irá superar inteiramente o que aconteceu com ela naquela manhã terrível — disse Frieda.

— Mas ela não foi gravemente ferida, mamãe — Otto protestou. — Nós a salvamos antes que pudessem lhe fazer qualquer coisa.

— Não é a violência física, querido. É pelo *choque*. É o que um homem chamado Freud chama de *trauma*, algo que afeta a *psique*. Algo tão poderoso que pode realmente alterá-la. Talvez danificá-la permanentemente.

— Psique, mamãe? — Paulus perguntou — O que é isso?

— Bem, suponho que você possa dizer que é a alma.

— A alma! — Otto engasgou com profunda preocupação. — Você acha que a alma de Dags foi danificada?

— Sim, de certa forma. Com certeza, foi muito machucada, e vai levar um longo tempo e precisar de muito amor e carinho para que ela melhore novamente.

Os dois rapazes trocaram olhares. Instintivamente cientes do que o outro estava pensando. Se Dagmar precisava de amor e carinho, então eles deveriam fornecê-los. Se sua alma estava machucada e danificada, então os bravos e nobres gêmeos Stengel fariam com que melhorasse.

Então, de repente, no último sábado de agosto, a própria garota apareceu na soleira de Paulus e Otto animadíssima, quase sem fôlego.

— Nós estamos indo para a América! — ela disse aos gêmeos com um gritinho. — *Nova York*! Mamãe tem um primo lá! Partiremos de Bremerhaven no SS *Bremen* na próxima quinzena. Imaginem, rapazes! Vou ter a minha própria cabine durante a viagem ao lado da de mamãe e papai! *Minha própria cabine*! Pensem só nisso... com um mordomo!

Dagmar deu outro gritinho e bateu palmas. Era como se toda a miséria acumulada nos sete meses anteriores houvesse se transformado em um único momento de pura alegria.

— Meu Deus, Dagmar — disse Frieda do corredor. — Entre e conte-nos tudo sobre isso. Quer dizer que vocês obtiveram os vistos, então? Está tudo em ordem?

— Sim! Papai esteve trabalhando nisso desde... — Dagmar não disse desde quando. Mesmo em seu estado feliz e aliviado, ela não tinha coragem de falar o que havia acontecido com ela. — Bem, ele está trabalhando nisso há meses e tudo deu certo. Saída e entrada. Entrar nos Estados Unidos não parece ser tão difícil como as pessoas estão dizendo que é.

— Bem, Dagmar — Wolfgang disse com um sorriso —, acho que pode ter algo a ver com o dinheiro. Vocês não serão um fardo para a América, não é?

— Meu Deus, espero que não! — Dagmar riu. — Acho que eu não me sairia muito bem como uma sem-teto como os que são mostrados no cinejornal.

Frieda e Wolfgang não puderam deixar de trocar olhares tristes. Eles também haviam pensado na possibilidade de imigrar, mas não era tão fácil para quem não era um Isaac Fischer, da loja de departamentos Fischer da Kurfürstendamm. A Grande Depressão não estava mostrando sinais de abrandamento e os países estrangeiros passavam longe de incentivar a imigração, quando milhões de seu próprio povo já estavam sem trabalho. Como médica, Frieda certamente tinha uma habilidade a oferecer, mas tinha a sobrecarga de dois filhos em idade escolar, um marido sem habilidades "práticas" e dois pais idosos que com certeza não seriam capazes de conseguir trabalho. Portanto, embora os nazistas estivessem permitindo que os judeus saíssem do país (depois de tomarem, antes, uma parte substancial de seus bens), só era possível fazê-lo se pudessem encontrar um lugar para onde ir.

— Que emocionante, Dagmar — Frieda disse, reunindo coragem para não desmanchar o prazer da menina tão empolgada. — América! Eu sempre tive muita vontade de conhecer.

— Bem, agora você pode! — Dagmar disse animada. — Todos vocês podem ir nos visitar. Papai está arrumando para nós um apartamento em Manhattan, mas tenho certeza de que vamos ter também um lugar fora da cidade, então haverá muito espaço. De qualquer forma, isso não vem ao caso agora. *Primeiro*, o que importa é que eu vou dar uma festa! Bem, meus pais vão, mas a festa é minha também e é claro que vocês *têm* de vir. Será um baile! Vamos alugar o salão no Kempinski e eu estou autorizada a convidar quem eu quiser, então é claro que estou convidando absolutamente *todo mundo*. Bem, eu tenho tantas pessoas para dizer adeus e, desta forma, poderei fazer tudo de uma vez. Embora, claro, seja apenas *auf Wiedersehen*, não adeus, porque tenho certeza de que tudo vai dar certo no final.

Dagmar estava realmente um pouco histérica de emoção e alívio, e desandou a falar sobre os arranjos, garantindo aos meninos que haveria mais comida deliciosa na festa do que qualquer um deles jamais sonhara.

— E, claro, já que é principalmente uma festa de adultos, haverá litros de champanhe também, e vou roubar alguns! Vocês não se importariam, não é, Herr Stengel? Frau Stenger? Se os rapazes experimentarem um pouquinho?

— Não, desde que você deixe um pouco para mim — Wolfgang respondeu. — Agora, já que você está aqui, acha que poderíamos tocar um pouco de música? A banda tem ficado um pouco desfalcada recentemente, já que você não tem vindo e perdemos a nossa cantora para a Liga das Moças Alemãs.

— Silke está na BDM?[38] — Dagmar abriu a boca de espanto. — Que cadela!

— Essa não é uma boa palavra para se usar em relação a alguém, Dagmar — disse Frieda. — Não acho que sua mãe iria gostar.

— E, por favor, Dags — Paulus insistiu. — Você sabe que o padrasto de Silke a força. Ela foge o tempo todo.

— Sim, bem, pode ser — Dagmar observou acidamente. — Mas ela ainda está marchando por aí com uma suástica no braço dela, não é? Aposto que todo aquele cabelo loiro ariano parece adorável sob a boina preta.

Otto e Paulus deixaram pra lá. Sabiam que Silke não era nazista, mas estavam muito alegres por ver Dagmar novamente para perder mais tempo defendendo o quarto — porém ausente — membro do clube.

E Dagmar estava animada demais com a sua festa e com a perspectiva da nova e glamourosa vida nos Estados Unidos para perder mais tempo falando sobre Silke também, ou para tocar qualquer coisa, de modo que Wolfgang desistiu, serviu-se de uma aguardente e anunciou que a aula estava suspensa.

— Tome uns marcos — disse ele, dando algum dinheiro a Paulus. — Saia e compre-me um maço de Lucky Strike; e não fume mais da metade no caminho de volta.

Encantados com aquele passe de saída inesperado, os três adolescentes de 13 anos caíram fora do apartamento, pegaram o elevador e saíram para as ruas próximas. Assim como tinham feito tantas vezes durante tempos mais felizes.

Dagmar, provavelmente, nunca estivera mais feliz do que naquela tarde. E, enquanto os três vagavam pelas ruas juntos, ela segurava as mãos dos meninos e quase dançava de alegria.

Os rapazes, porém, não estavam dançando.

Queriam parecer felizes por ela, mas não podiam impedir-se de chutar, mal-humorados, os pedregulhos das calçadas enquanto caminhavam, e até mesmo a oferta de Dagmar de pagar-lhes uma Coca-Cola para cada, para acompanhar os cigarros, não pareceu lhes elevar o ânimo.

— Então, você está realmente indo embora? — perguntou Paulus. — Quero dizer, para a América?

— Claro que estou. Por qual razão alguém iria querer ficar aqui?

— É — Paulus admitiu tristemente —, suponho que seja verdade.

Eles caminharam até o Volkspark e estavam parados debaixo de sua árvore favorita. Um grande plátano em torno do qual tinham brincado de pegar uma centena de vezes. Paulus apanhou um pau e atirou-o com raiva em um esquilo. Otto pegou outro e partiu-o sobre o joelho, conseguindo, assim, dois tiros, sendo que ambos foram tão vãos quanto o de Paulus.

— Vocês estão com inveja, meninos? — Dagmar perguntou, e seu tom agora não era mais alegre, mas calmo, quase doce. — Eu entenderia se estivessem. Sei que eu estaria muito, *terrivelmente* invejosa se fossem vocês que tivessem conseguido os vistos e não eu.

— É claro que não estamos com inveja — Paulus respondeu com raiva. — Como poderíamos nos incomodar com uma coisa que a faz tão feliz?

— Só o que queremos é que você esteja em segurança — Otto acrescentou. — É tudo o que importa.

— Nós amamos você — Paulus murmurou. — Você está cansada de saber disso, nós já lhe dissemos muitas vezes.

— Eu sei disso, rapazes — Dagmar disse, com os olhos marejados. — E vocês têm de me prometer que sempre me amarão, porque eu não poderia suportar se vocês não o fizessem. Afinal de contas, vocês me salvaram. Vocês arriscaram tudo por mim.

De pé entre eles agora, ela segurou-lhes as mãos.

— Aquilo não foi nada! — Otto disse, corando furiosamente e olhando para o chão. — Nós faríamos aquilo de novo dez vezes... uma centena de vezes.

— Só que agora não será preciso — Paulus acrescentou — porque você estará em segurança, o que é simplesmente ótimo, a melhor coisa que poderia acontecer... Mas vamos sentir saudades de você, isso é tudo.

— Oh, meninos — Dagmar disse, apertando-lhes as mãos, a umidade em seus olhos formando duas destacadas lágrimas, uma em cada face, uma para cada um deles. — Queridos meninos, sentirei falta de vocês também. Todos os dias. E vou escrever, prometo, todos os dias, se possível, e enviar-lhes um monte de goma de mascar.

— Sim, mas é que... — Paulus começou a dizer e então hesitou.

— Sim? — perguntou Dagmar.

— É que...

— O quê?

Paulus agora também estava com o rosto vermelho, coisa realmente rara de se ver, pois sua tez era muito mais escura do que a de Otto. Ele chutou a grama seca e enfiou a mão que não estava sendo segura por Dagmar fundo em seu bolso.

— Contanto que você saiba... Que um dia...

— Sim, Pauly — Dagmar disse, sorrindo novamente agora. — Um dia o quê?

— Um dia você vai se casar comigo, isso é tudo.

— Comigo, ele quis dizer — Otto se apressou em falar.

— Sim, tudo bem — Paulus admitiu. — Um dia você vai se casar comigo ou com Otto. Isto é, com um de nós dois. Nós conversamos sobre isso. Na verdade, bastante, e decidimos.

— Sim — Otto acrescentou. — Nós decidimos. Precisamos deixar claro.

O rosto de Dagmar se abriu no mais amplo dos sorrisos. Deixou-se cair embaixo da árvore, puxando os dois garotos com ela, um de cada lado. Sua saia espalhada ao redor dela na grama. Soltou-lhes as mãos e puxou as pernas nuas até o peito, apertando os braços em volta dos joelhos. As unhas do pé pintadas brilhavam através de suas sandálias.

— Oh, *Pauly*, *Ottsy*! Vocês são *bobos*. É *claro* que eu vou me casar com vocês. Os dois! Ao mesmo tempo, se quiserem. Vocês são meus melhores amigos e sempre serão. E é claro que eu nem sequer *olharei* para os meninos americanos!

— É bom mesmo — os meninos resmungaram.

— A menos, é claro, que eles sejam o Clark Gable. Vocês já assistiram *Terra de Paixões*. Meu Deus, como ele é atraente! Mas, fora o Clark Gable, eu prometo.

O humor dos meninos se aliviara agora. Disseram o que precisavam dizer e o princípio havia sido estabelecido.

Os Fischer dão uma festa

Berlim, 1933

Frieda, Wolfgang e os gêmeos desceram do táxi na entrada do famoso hotel Kempinski. O esplêndido portal que no passado recepcionara a realeza e chefes de Estado regularmente, e pelo qual, por tanto tempo, transitaram as pessoas mais ricas e elegantes de Berlim.

Por ser propriedade de judeus, o hotel havia sido, naturalmente, muito desfigurado nos últimos meses com pichações, mas, para alívio de Wolfgang e Frieda, não havia piquetes da SA a atravessar na noite da festa. Os Fischer não haviam anunciado o evento nas colunas sociais, como teriam feito em anos anteriores, e a única evidência de que a polícia estava ciente da celebração eram as duas figuras de casaco de couro preto e chapéus Homburg que estavam na entrada, logo atrás do porteiro, de caderno e lápis na mão.

Infelizmente, no entanto, não foi apenas a SA que estava ausente da festa naquela noite.

Não havia sinal algum de outras pessoas também. Por ouvir Dagmar falar sobre a extensão da lista de convidados, os Stengel estavam esperando um congestionamento de carros e uma multidão alegre às portas do hotel, mas, por ora, pelo menos, tinham só para si o tapete vermelho que se estendia pela calçada até a rua.

— Talvez os convidados cheguem mais tarde — Frieda disse tentando transmitir alegria. — Afinal de contas, nós chegamos na hora marcada, o que todo mundo sabe que não é o modo chique de proceder. Tenho certeza de que vai encher. Pelo menos, não haverá fila para as bebidas.

Os quatro entraram no saguão do hotel e foram educadamente direcionados ao grande salão de baile, que se situava na parte de trás do edifício ao longo de uma série de corredores densamente acarpetados.

— Eu sei o que é! — Frieda disse. — Claro! O salão de festas tem uma entrada separada, eu me lembrei agora. Eu vim aqui num encontro de médicos, há alguns anos, e todos nós entramos pela rua de trás.

Mas tivessem eles chegado ou não pela entrada certa, quando finalmente alcançaram as portas douradas do salão, ainda não havia a esperada multidão de pessoas animadas para entrar. Apenas os próprios Fischer, aguardando para cumprimentar seus convidados.

Eles faziam um trio bonito. Magníficos, na verdade. A nata da alta sociedade de Berlim.

Herr Fischer empertigado em um traje de noite formal, ostentando uma condecoração e com uma faixa representando a Câmara de Comércio de Berlim atravessando-lhe o peito. Frau Fischer em um vestido longo e decotado, para acomodar um fabuloso colar de diamantes que certamente valia uma fortuna.

E Dagmar.

Os queixos dos gêmeos quase caíram até o tapete de espanto quando a viram. De repente, era uma jovem mulher, enquanto os dois ainda se sentiam como garotinhos. Garotinhos, arrastando os pés, com a língua presa e sem ação pelo mal disfarçado desejo. Ela usava um vestido longo de seda com um apertado corpete sem alças que não lhes deixava dúvida de que o que antes Silke decretara como postiços agora certamente já não eram mais. Os meninos ficaram mudos de admiração.

Tão hipnotizados estavam eles que no começo não notaram a tensão no lindo rosto da amiga nem a tristeza em seus olhos.

Eram, afinal de contas, garotos de 13 anos e, naquele momento, sem palavras de tão fascinados, não estavam olhando para o rosto dela.

— Bem-vindos, Herr Stengel, Frau Stengel — Herr Fischer falou. — Vocês conhecem minha esposa, é claro, daquele dia terrível, quando fomos buscar Dagmar em seu apartamento, após estes dois rapazes a terem salvado, feito pelo qual sempre serei grato... Vocês são muito bem-vindos. Por favor. Fiquem à vontade.

Herr Fischer, em seguida, virou-se para a filha.

— Dagmar, você deve cumprimentar seus convidados.

Dagmar parecia estar em uma espécie de transe.

— Sim, claro, papai. Olá, Paulus. Olá, Otto.

— Uau, Dagmar! — Paulus gaguejou.

— É! Uau! — Otto ecoou.

— Você parece... — Paulus começou. Esforçava-se para se concentrar no rosto de Dagmar, mas estava tendo problemas para impedir que sua vista deslizasse para baixo.

— Você tem... — Otto não estava sequer tentando.

— Eles parecem...

— Eles são simplesmente...

Dagmar ficou vermelha. — Parem de olhar! — ela sibilou.

— Eu não estava olhando! — Paulus protestou, ficando vermelho ele próprio.

— Nem eu! — Otto mentiu também.

— Vocês estavam! — Dagmar sussurrou ferozmente. — Qualquer um pensaria que vocês nunca tinham me visto antes.

— *Tanto* de você, não — disse Otto.

Ao que Paulus chutou-o.

— Bem, é muito rude ficar encarando assim, mas eu não me importo, porque esta noite já está absolutamente horrível de qualquer forma! Agora, vão tomar um sorvete, que é tudo com que provavelmente se preocupam de todo modo, pois tenho que ficar aqui com os meus pais e eu só quero *morrer*!

Em seguida, Dagmar se afastou deles, fungando alto e enxugando os olhos.

Um pouco perdidos, Paulus e Otto fizeram o que lhes foi dito e seguiram seus pais até o salão, onde até mesmo eles, que nunca haviam participado de um evento remotamente parecido com aquele antes, perceberam de imediato que as coisas não estavam indo do jeito que deveriam.

O salão estava vazio exceto por eles, seus pais e vinte garçons.

— Continuem sorrindo, meninos — Frieda sussurrou através de um sorriso engessado. — Temo que sejamos os primeiros.

O sorriso de Wolfgang pelo menos era genuíno. Era uma situação muito ridícula. Os quatro ali sozinhos no enorme salão de baile sob a luz de dez enormes lustres de cristal superados em número numa proporção de cinco para um pelos garçons.

— Bem, eu devo dizer, é um lindo tapete, não é? — Frieda falou corajosamente tentando preencher o vazio com conversa fiada. — Eu imagino que levou uma *eternidade* para ser tecido. E o champanhe *é* uma delícia, não é? Como está a taça de salada de frutas, rapazes? Que *acepipe*, hein?

Lentamente, à medida que os minutos passavam, mais alguns convidados foram chegando até que finalmente havia umas quarenta pessoas em um salão que poderia confortavelmente acomodar duzentas.

Os convidados contornavam o constrangimento evidente.

— Há uma gripe por aí — asseguravam uns aos outros. — Talvez isso tenha impedido algumas pessoas de comparecer.

Por fim, os próprios anfitriões adentraram o salão de baile, tendo concluído com toda a certeza que não chegariam mais convivas para participar da festa, não importava quanto tempo ficassem na porta. Canapés foram trazidos por ainda mais membros da equipe e logo depois um *buffet* foi servido. Cerca de dez metros de mesa coberta de linho branco, abarrotada com comida para duzentos convidados.

Paulus e Otto deram o melhor de si.

Vez após vez, voltaram à suntuosa mesa do banquete, desfrutando de mais carne fresca em uma noite do que haviam comido nos três meses anteriores. Seguida por taça após taça de várias sobremesas, ferozmente determinados a experimentar todas.

Dagmar sentou-se com eles, pegando com ar infeliz uma única coxa de galinha e olhando para todas as mesas vazias ao seu redor.

— *Nenhum* dos meus amigos veio — disse ela. — Nenhum. Nunca vou perdoá-los. Qualquer um deles.

— Nós viemos, Dags — Paulus disse, com a boca cheia de uma sobremesa cremosa de morango.

— Sim, estamos aqui — Otto acrescentou, olhando para ela por cima de um garfo carregado com rosbife. Otto decidiu voltar à mesa dos salgados, a fim de iniciar a refeição inteira novamente.

— Vocês não contam, Otto. Eu *sabia* que você e Paulus estariam aqui. Mas ninguém mais, ninguém, nem mesmo os *judeus*. Por que os judeus não vieram?

— Acho que tiveram medo de que a SA os estivesse esperando na porta — disse Paulus. — Eu não me importo de admitir que eu estava.

— Eu também — Otto disse sombriamente. — É por isso que eu vim preparado.

— O que você quer dizer? — perguntou Dagmar.

Otto tentou dar um sorriso enigmático. Um pouco estragado pela camada de creme que cercava sua boca.

— Deixa pra lá, Otto — disse Paulus.

— Não — Dagmar insistiu —, o que você quis dizer, Otts? — Otto olhou para si mesmo e, em seguida, meteu a mão no bolso do peito do paletó e puxou uma faca. Uma torção de dedos perfeitamente executada estalou para fora a lâmina que ele, então, usou para empalar uma nova batata do seu prato e colocá-la na boca.

Os olhos tristes de Dagmar brilharam momentaneamente com entusiasmo.

— Uau, Otts! Você parece um gângster de filme! — Ela abriu a boca admirada.

— Guarde isso! — Paulus rosnou. — Quantas vezes é preciso falar, Otto? Uma coisa é tomar precauções, outra é se gabar delas. Se você for apanhado com isso, eles não irão mostrar clemência, você sabe disso.

— Sim — Otto respondeu gravemente —, e nem eu.

Em seguida, Otto enfiou a faca em uma fatia vermelho-sangue de rosbife em seu prato e ofereceu-a a Dagmar, que a pegou da ponta de aparência perigosa, com uma risadinha animada.

Paulus não estava rindo. — Não seja um maldito idiota! Guarde isso. Droga, Otto, você não pode ficar exibindo uma faca aqui. Os policiais são obrigados a ter espiões em um evento judaico grande como este. Eu vi alguns dos garçons zombando por trás de suas gravatas-borboleta. Se um deles vir isso e delatar você, você estará morto. A Gestapo está lá fora, você sabe.

Relutantemente, Otto fechou a lâmina e guardou-a de volta no bolso.

— Sim, bem, talvez você esteja certo — disse ele. — Mas, seja quem for que tentar me pegar, é melhor ter cuidado, porque uma coisa eu lhe digo, Pauly, este judeuzinho mau aqui não vai se deixar apanhar sem fazer nada.

— Bom para você, Otto — Dagmar disse com raiva. — Meta a faca em um desses porcos. Espero que você mate uma centena deles!

— Uma centena não é suficiente — Otto rosnou. — Um judeu vale pelo menos mil deles, e serão tantos assim que eu vou matar. Espere só para ver.

— Sim, e o que será de mamãe se for *você* a morrer? — Paulus rosnou. — Como se ela não tivesse o suficiente com que se preocupar.

Por um momento, os três comeram em silêncio.

— Pelo menos, agora eu sei quem são os meus verdadeiros amigos — disse Dagmar. — Não preciso me preocupar em escrever para ninguém da América, a não ser vocês.

— Bem, *isso* é certamente algo para se comemorar — Paulus sorriu. — Vamos lá, vamos pegar mais um pouco desse negócio cremoso de morango.

— Por que você não pega um prato disso para mim também, Pauly? — disse Dagmar. — Eu gostaria de experimentar um pouco agora.

— A seu serviço, madame — disse Paulus, pondo-se de pé num pulo, encantado por ter sido o escolhido para lhe fazer o obséquio.

Quando ele foi embora, Dagmar virou-se para Otto.

— Mostre-me novamente — ela sussurrou.

— O quê?

— Mostre-me sua faca.

— Sim, certo. OK. — Otto disse, surpreso, mas também encantado. — É uma belezinha, não é?

Ele a tirou do bolso e abriu-a mais uma vez, discretamente.

Dagmar se inclinou para a frente e pôs o dedo contra sua ponta perversa.

— Você realmente acha que poderia fazê-lo? — ela disse, com a voz um pouco trêmula. — Realmente enfiá-la em um nazista?

— É claro que eu poderia — Otto respondeu —, se eu tivesse que fazer. Acho que seria uma delícia. Eu adoraria.

Um espasmo de emoção atravessou o belo rosto de Dagmar.

— Eu sei que você poderia, Otts — ela sussurrou. — E eu *amo* isso.

Os dedos de Otto apertaram o cabo da faca.

— Mas você não deve, é claro — acrescentou rapidamente. — Paulus está certo, é muito arriscado... Estou feliz que você possa fazer, só isso.

Em seguida, dando uma espiadela no outro lado do salão para constatar que Paulus estava totalmente ocupado na mesa de sobremesas, Dagmar pegou um guardanapo e, sob o pretexto de fingir limpar algo do rosto de Otto, inclinou-se e beijou-o.

Não um beijo de menininha. Mas algo mais adulto e mais experiente, mais próximo de como Jean Harlow havia beijado Clark Gable em *Terra de Paixões*.

— Isso é para você se lembrar de mim — disse ela. — Agora, rápido, guarde a faca antes que alguém a veja.

Otto ficou tão surpreso e perturbado que quase cortou os dedos enquanto fechava a lâmina e a colocava de volta no bolso.

Paulus voltou com os pratos de sobremesa.

— O que foi? — Paulus disse para Otto. — Você está vermelho como um tomate.

— Um pouco de comida — Otto disse rapidamente — desceu de mau jeito.

No centro do salão de baile escassamente ocupado, Fischer, que vinha fazendo a ronda, entretendo seus poucos convidados, havia chegado em Wolfgang e Frieda.

— Devo dizer — Herr Fischer comentou — que eu esperava mais de Berlim. Pensar que as pessoas são tão covardes... é surpreendente.

Fischer estava balançando um pouco, e era óbvio que já havia tomado algumas taças de vinho.

— Você não deve culpá-los, Herr Fischer — disse Frieda. — As pessoas sabem que seus nomes serão anotados, você viu a Gestapo lá fora.

— Mas é exatamente por isso que aqueles com uma boa posição na sociedade devem mostrar-se. E liderar pelo exemplo. Caso contrário, são covardes! — Herr Fischer disse. — Este governo mantém as regras não pela lei, mas pelo medo!

A bebida o tornava indiscreto, sua voz estava ligeiramente alta.

— Calma, querido — Frau Fischer disse, olhando para os garçons com preocupação —, devemos nos lembrar de onde estamos.

— Precisamente, aí é que está — Herr Fischer prosseguiu desafiadoramente, embora baixando um pouco o tom de voz. — Todo mundo está com medo de falar a verdade. Bem, este país acabou para mim agora e posso dizer o que eu quiser. Na verdade... — Herr Fischer inclinou-se conspiradoramente —, eu dei uma entrevista de despedida ao correspondente do *The New York Times* em Berlim, esta tarde. O homem foi testemunha do que aconteceu do lado de fora da minha loja em primeiro de abril. Ele próprio foi maltratado.

— Eu gostaria que você deixasse isso pra lá, querido — Frau Fischer disse. — Falar sobre isso não pode fazer nenhum bem agora.

— Eu não vou deixar a terra dos meus pais com o rabo entre as pernas, minha querida. Nós não estamos fugindo, fomos *expulsos*, e uma ova se eu vou fazer segredo disso.

Mais uma vez Frau Fischer olhou nervosamente ao seu redor.

— Acho que eles estão servindo café, querido — ela disse.

— Sim, e nós realmente precisamos ir embora agora — Frieda acrescentou. — Os meninos têm escola de manhã e eu devo estar na clínica.

— Então, antes de irem — Herr Fischer continuou, segurando a mão de Wolfgang e falando cuidadosamente, como um homem que sabe que bebeu além da conta e quer disfarçar isso —, há outra coisa que preciso dizer. Minha esposa e eu devemos imensamente àqueles esplêndidos meninos de vocês.

— Por favor, esqueça isso — Wolfgang interrompeu-o —, você deu a cada um deles uma centena de marcos na ocasião, eles não podiam acreditar na própria sorte.

— É bem possível que eles tenham salvado a vida de Dagmar naquele dia — Herr Fischer prosseguiu — ou, pelo menos, que a tenham salvado do mais terrível tipo de ataque. Eu nunca poderei recompensá-los por isso.

— Dagmar é amiga deles — Frieda interrompeu-o. — Você realmente não devia...

— Tudo o que estou dizendo é que não vou esquecer — disse Herr Fischer. — Dagmar, Frau Fischer e eu seremos americanos em breve e tenho amigos que têm amigos no Congresso. Peço-lhes que escrevam para mim... se as coisas se tornarem... Bem, se eles... se vocês sentirem que estão precisando.

Wolfgang olhou Herr Fischer nos olhos.

— Muito obrigado — disse ele. — Espero que você esteja falando sério, Herr Fischer, porque acho que há uma boa chance de que venhamos a aceitar sua oferta.

— Estou falando muito sinceramente — Herr Fischer respondeu, apertando e sacudindo a mão de Wolfgang. — Você e *Frau Doktor* Stengel são excelentes pessoas, e esses dois meninos de vocês são muito preciosos. Minha esposa e eu nunca iremos esquecê-los.

Auf Wiedersehen

Berlim, 1933

Dagmar nunca teve a chance de ser a garota americana que ela sonhara se tornar porque ela e sua família nunca deixaram Berlim.

Mais tarde, olhando para as fotografias da prisão nos jornais, tornou-se bastante óbvio para Frieda e Wolfgang que a Gestapo tinha se segurado deliberadamente. Poderiam ter levado Herr Fischer sob custódia quando ele deixava sua casa, mas apanhar o dono da famosa loja prestes a embarcar em um vagão de primeira classe o fazia parecer ainda mais sorrateiro, um fugitivo mimado tentando escapar. Na legenda embaixo da foto do *Völkischer Beobachter* lia-se: *Não tão rápido, judeu! O povo alemão quer falar com você!*

A expressão de surpresa no rosto de Isaac Fischer, capturada para sempre pelo fotógrafo (a quem a polícia tinha convenientemente alertado sobre a prisão), mostrou que ele não tinha ideia do que estava por vir. Foi um golpe cruel e terrível.

Os Fischer haviam sido levados para a estação de Charlottenburg em sua reluzente Mercedes, confiantes por saber que em breve iriam estar mais uma vez vivendo em um país onde estavam a salvo de roubos e ataques.

É verdade que o trajeto fora um pouco desagradável por conta de um artigo no jornal da manhã, informando sobre a festa realizada no Kempinski na noite anterior. O artigo não estava nas páginas sociais como haveria de ser se houvesse sido publicado apenas um ano antes, trazendo uma prolixa descrição de uma correspondente de moda sobre os lindos vestidos e a elite endinheirada dançando até o amanhecer. O relatório estava na seção de notícias e era um violento ataque encabeçado pela manchete: *Alimentos para duzentos fartaram menos de quarenta judeus*. O artigo descrevia em detalhes prato por prato e como um punhado de judeus ricos e mal acostumados haviam arranjado para si uma quantidade de comida que nem poderiam consumir, enquanto verdadeiros berlinenses apertavam o cinto contra as dificuldades econômicas e as severas limitações que a nação enfrentava.

Fischer havia mordido os lábios com raiva por terem distorcido a verdade de maneira tão ultrajante, amassara o jornal e o atirara no piso do carro. Nada, porém, poderia abater o ânimo de Dagmar. Na verdade, de certa forma, o cruel artigo (que a citava precisamente como uma princesa judia nojenta e mimada) só servira para fortalecer sua determinação e sua alma em relação à emigração.

— Eles vão ter que mentir sobre outras pessoas agora, papai! — ela disse, apertando a mão do pai. — Nós estamos navegando para longe de tudo isso! Obrigada, papai. Muito obrigada por nos garantir segurança no final das contas.

Na estação, os Fischer dispensaram o carro e contrataram um carregador. A Mercedes estava para ser vendida junto com o restante das propriedades dos Fischer na Alemanha, tendo Herr Fischer encarregado seu banco de liquidar seus bens. Estava consciente, é claro, de que o Estado iria reivindicar uma grande parte de sua fortuna, mas naquela fase inicial da administração nazista ele acreditava que conseguiria alguma coisa. Além disso, tinha ativos substanciais no exterior, e o principal era que estaria livre de vindouras perseguições.

Herr Fischer comprou um cravo para a lapela na barraca de flores da estação, um buquê de lilases para sua esposa e um ramalhete de prímulas para Dagmar. A própria Dagmar comprou um saquinho de *pretzels* polvilhados com açúcar.

— Se eles não tiverem isso em Nova York, papai — disse ela —, devemos abrir uma padaria e vendê-los.

— Querida — Frau Fischer observou —, eles têm tudo em Nova York.

— Eles terão... assim que eu chegar lá! — Dagmar respondeu, e ela saltou alguns degraus até se lembrar de que era uma adulta agora. Afinal, estava usando meias de seda em vez de suas habituais meias soquete. E jovens damas com meias de seda não saltam degraus.

Formavam um trio de aparência distinta a caminho da plataforma de embarque, vestindo elegantes trajes de viagem, as senhoras com esplêndidos chapéus e com sua bela bagagem combinando, que seguia atrás deles em um carrinho.

Os gêmeos Stengel certamente não tiveram dificuldade de identificá-los logo que passaram pela entrada do *U-Bahn*.

— Dagmar! Dagmar! — chegaram-lhes os gritos enquanto Paulus e Otto corriam pela estação para interceptá-los, bem no momento em que os Fischer teriam seus bilhetes conferidos.

— Meninos! — Herr Fischer disse com surpresa severa. — Por que não estão na escola?

— Oh, é um dos dias de festa deles, senhor, não houve aulas — explicou Paulus.

— Nós gazeteamos, senhor! — Otto disse exatamente ao mesmo tempo.

Dagmar riu quando Paulus socou Otto. Os velhos gêmeos de sempre.

Herr Fischer fingiu franzir a testa. — Uma lição útil na vida, meninos — disse ele —, é sempre combinar suas histórias — ao que Paulus lançou outro olhar zangado a Otto. — De qualquer forma, é muito bom ver vocês.

— Nós queríamos dizer adeus a Dagmar — disse Paulus.

— Bem — Frau Fischer disse —, isso é muito doce. Dagmar, é hora de dizer adeus novamente.

— Creio que devemos nos apressar um pouco — Herr Fischer acrescentou. — Partimos em vinte minutos e gosto de estar instalado antes que o trem comece a se mover.

Dagmar olhou de um gêmeo para o outro.

— Estou tão feliz por vocês terem vindo, meninos — disse ela. Então, deu um beijo e um abraço em cada um.

— Também estamos felizes! — Paulus disse.

— Sim! — Acrescentou Otto.

Dagmar enfiou o saquinho de *pretzels* polvilhados de açúcar nas mãos de Otto.

— Para vocês *dividirem* — disse ela, e se afastou.

— Estaremos esperando aqui na cancela até você partir! — Paulus gritou atrás dela.

— Na verdade, podemos ficar aqui até você voltar um dia! — Otto gritou.

— Não se esqueça de se debruçar para fora da janela — acrescentou Paulus.

Eles assistiram melancolicamente enquanto a figura elegante de Dagmar caminhava ao longo da plataforma, esperando que ela se virasse mais uma vez e acenasse, o que é claro que ela fez, a cada punhado de passos ao longo da plataforma. Eles viram Herr Fischer consultar um guarda que lhe indicou o vagão com seus lugares reservados.

Eles viram quando Dagmar embarcou no trem.

Nos anos posteriores, Dagmar muitas vezes se lembrou daquele vagão acolhedor. Esteve nele por apenas um minuto, mas sentia que podia se lembrar de cada detalhe de seu estofamento macio. As pequenas luminárias sobre as mesas. O rosto do atendente sorridente que lhe mostrou seu assento. A sensação de segurança e conforto enquanto ela contemplava a feliz jornada para Bremerhaven. O café. As revistas. Almoço no vagão-restaurante de primeira classe.

Ela nem bem havia se sentado quando ouviu a voz de seu pai elevando-se com raiva.

— O que significa isso? — Herr Fischer exigia saber de alguém na plataforma. — Eu não cometi crime algum.

Mas ele havia cometido. Havia difamado o Estado alemão. Havia difamado a SA. Havia inventado as mentiras mais terríveis sobre a polícia de Berlim, dizendo que eram indiferentes à lei.

Havia dito a verdade ao *New York Times*, mas negligenciara a necessidade de garantir que a entrevista só fosse publicada depois que ele houvesse deixado a Alemanha. Na verdade, muito pelo contrário, ele desejava que a entrevista fosse seu gesto de despedida.

Tinham estado tão perto de conseguir.

Eram 9 horas em Berlim quando a transcrição telegrafada da primeira edição do *The New York Times* aterrissou em várias mesas nos escritórios da Wilhelmstrasse.

Nove horas da manhã em Berlim. Três horas da madrugada na costa leste dos Estados Unidos da América.

Alguém se levantara muito cedo ou ficara acordado até muito tarde na embaixada alemã. E as más notícias sempre viajam rápido.

Se o adido alemão tivesse dormido até mais tarde, ou se os Fischer tivessem pegado um trem mais cedo, teriam saído de Berlim no momento em que o

ministro da Propaganda tomasse conhecimento do que Herr Fischer havia feito. Mas, então, eles provavelmente seriam parados nas docas ou mesmo interceptados no mar. Eles estariam, afinal de contas, viajando em um navio alemão.

No entanto, Dagmar pelo menos teria conseguido seu café e seu almoço. Uma hora ou duas de felicidade extra antes da escuridão se abater sobre eles.

Josef Goebbels gostava de se gabar de que lia toda a imprensa estrangeira, mas naquela manhã ele deve ter estancado no *New York Times*. Com o seu artigo de primeira página sobre o judeu dono de uma famosa loja que havia sido espancado na entrada de seu estabelecimento. Sua esposa e sua filha aterrorizadas e abusadas. Sobre como uma das famílias mais importantes da Alemanha estava sendo forçada a deixar o que havia se tornado uma nação de "gângsteres", buscando a segurança dos Estados Unidos da América.

Tal ofensa não poderia ficar sem resposta. Afinal de contas, aquilo era *exatamente* o que o líder acusara os judeus de fazer. Caluniar a pátria no exterior.

De maneira alguma o fato de que o ministro e sua equipe sabiam perfeitamente bem que o artigo dizia a verdade diminuía sua genuína indignação. No mundo deles, *sempre* era possível ter as coisas dos dois modos. Sendo tanto agressores como vítimas.

E, assim, a Gestapo foi despachada e uma prisão encenada.

Mais tarde, Isaac Fischer faria a si mesmo a amarga pergunta: seu catastrófico lapso de julgamento havia sido um erro genuíno ou vaidade suicida?

Fora o orgulho que o levara a falar antes de ter alcançado a segurança? No fundo, sabia que era um risco. Por que o correra?

Deitado no chão duro de sua cela, com as pernas e os braços quebrados, com sangue escorrendo de seu rosto, tentou se consolar em sua angústia com o pensamento de que sua entrevista destemperada tinha simplesmente lhes dado uma desculpa conveniente. Que eles o teriam parado de qualquer maneira. Porém, na escuridão que o envolvia, Fischer sabia que não era verdade. Se ele não houvesse insistido em falar o que pensava no que ele acreditava ser o seu último dia na Alemanha, provavelmente teria conseguido fugir.

Outros judeus ricos e proeminentes tinham saído. Muitos deles. Mas haviam tido o bom senso de partir em silêncio. Ele havia condenado a si mesmo. Havia condenado sua família. Ele os tinha deliberadamente provocado. Como um tolo, queria a última palavra. Como pudera ignorar o que o mundo sabia? Que os nazistas não eram outra coisa senão vingativos. Que o despeito e o orgulho perverso motivavam todas as suas ações. Que eles nunca perdoavam.

Observando da cancela, Paulus e Otto viram tudo. Assistiram com horror quando os homens em casacos pretos e chapéus Homburg apareceram como que do nada e colocaram a mão no ombro de Herr Fischer. Viram como Frau Fischer tentou agarrar-se a seu marido e puxá-lo para a porta do vagão. Viram Herr Fischer apontando para o trem, gesticulando furiosamente para sua esposa embarcar. Ordenando a Dagmar que estava inclinada para fora da janela que ficasse onde estava. Eles viram quando Frau Fischer balançou a cabeça e gesticulou para Dagmar sair. Eles viram Dagmar emergir do vagão de primeira

classe mais uma vez e descer para a plataforma, com o rosto lívido de choque e medo, seu breve sonho americano transformando-se em um pesadelo alemão.

A Gestapo arrastou Herr Fischer de volta à plataforma e para fora através da cancela. Ao passar pelos gêmeos, Herr Fischer os viu e Otto achou que ele tentou brevemente mascarar o terror em seu rosto para o bem deles.

Então, ele se foi.

Na plataforma, sua esposa e sua filha ainda estavam lá, como se estivessem congeladas em estado de choque e tristeza.

Um apito soou. O trem soltou seu vapor.

Paulus gritou por trás da cancela.

— Dagmar! Frau Fischer! Peguem o trem! Vão!

Cabeças se viraram. Alguns abertamente hostis. Outros apenas surpresos.

Otto ficou surpreso também. No egoísmo da juventude, uma parte dele se alegrara ao ver a garota amada ficar. Mas, mesmo aos 13 anos, Paulus entendia muito mais.

— Otto, você sabe o que acontece. Eles *sempre* punem a família também! Se Dags não sair agora, ela nunca vai sair.

Otto não era idiota, sabia que seu irmão estava certo.

— Pegue o trem, Dags! — ele gritou de repente. — Leve isso ao topo do Empire State Building!

Uma pancada na cabeça o interrompeu. O cobrador já havia aguentado bastante.

— Cale a boca, garoto. Você não vai ficar gritando e fazendo uma cena na minha cancela! Particularmente sobre um judeu.

— Foda-se! — Otto disse antes de gritar mais uma vez. — Dagmar! Pegue o trem!

Mas o trem estava se movendo agora e as duas figuras ainda permaneciam ali em pé, imóveis, em meio à fumaça e ao vapor, quando o vagão afastou-se delas. E então o próximo e depois o próximo até que elas ficaram sozinhas na plataforma vazia. Juntas, elas se viraram e caminharam lentamente de volta para a cancela.

Os espectadores sorriram desdenhosamente quando mãe e filha voltaram à estação. O rosto do cobrador mostrava uma expressão de autoridade severa e pomposa, como se por usar um uniforme de alguma forma houvesse participado da ação da polícia.

— Circulando, vocês duas — ele ordenou sem razão. — O trem se foi, vocês o perderam. Andem.

Mas, por um instante, no mínimo, Frau Fischer não se moveu; ela parou do lado de fora da cancela aparentemente perdida, seus olhos vidrados, vendo coisa alguma. Dagmar olhou para a mãe e cedeu às lágrimas.

Paulus assumiu o comando.

— Devemos ir para o ponto de táxi, Frau Fischer — disse ele, tomando-lhe o braço. — Vocês deveriam ir para casa.

Sua voz ajudou-a a se recompor. — Sim — ela concordou. — Obrigada, Paulus. Você está certo. Devemos ir para casa.

Paulus conduziu Frau Fischer até a frente da estação, deixando Otto acompanhar Dagmar.

— Você está ótima, Dags — disse ele depois de alguns passos. — Eu nunca vi você com meias de seda antes.

Dagmar sorriu momentaneamente em meio às lágrimas.

— Você tem que me proteger agora, Otto — disse ela, com a voz trêmula. — Você sabe disso, não sabe? Você e Paulus. Vocês têm que me proteger.

— Bem, *é lógico* — Otto respondeu.

Isaac Fischer foi julgado no mês seguinte, sob a acusação de difamar o Estado alemão e os seus agentes. Houve apenas uma testemunha de defesa, um fotógrafo americano que, conforme foi alegremente relatado na imprensa de Goebbels, não tinha fotografias que respaldassem suas indecentes alegações. O homem, no entanto, tinha uma avó judia, uma questão que foi levantada no tribunal como se fosse prova para a acusação.

Duas outras potenciais testemunhas de defesa tentaram se apresentar. Os gêmeos Stengel visitaram Frau Fischer em sua mansão em *Charlottenburg-Wilmersdorf* e ofereceram-se para ir ao tribunal e descrever o que tinham visto na Kurfürstendamm, no dia do primeiro boicote judaico. Frau Fischer ficara muito grata, mas recusou a oferta.

— Vocês são tão bons meninos — disse ela, sentada em sua sala de estar ainda esplêndida; os ornamentos de sua vida anterior ainda não tinham sido roubados dela —, mas eu duvido que a palavra de dois meninos judeus faça muita diferença e, expondo-se assim, certamente vocês e seus pais se meteriam em um monte de problemas.

A acusação foi muito mais bem representada. Vinte membros da SA declararam que Fischer havia sido apenas advertido por ter se recusado a recolher uma faixa não autorizada e ofensiva que as autoridades haviam removido da frente da sua loja. Um oficial da Gestapo e um membro do Ministério do Reich para Esclarecimento Popular e Propaganda, que tinham chegado mais tarde na cena, também declararam que não houve agressão, e as acusações foram assim expostas como mentiras nojentas de um judeu que a imprensa americana dominada por judeus vendera como fatos. Como resultado do julgamento, o embaixador americano foi chamado à Wilhelmstrasse para receber uma queixa oficial do ministro das Relações Exteriores.

Herr Fischer foi sentenciado a dez anos de trabalhos forçados, a serem cumpridos no novo campo de concentração da SA em Dachau. Entretanto, em três meses, estava morto. De acordo com a história oficial, fora baleado enquanto tentava escapar, mas Frau Fischer não teve permissão para ver o corpo.

Instruções adicionais

Londres, 1956

Mais uma vez, Stone estava sentado à mesa com as xícaras de chá e o telefone da década de 1930, olhando para o homem baixo e gordo sentado diante dele, enquanto o magro e calado o observava de um canto. Fiel a si mesmo, o baixinho já havia começado a atacar os biscoitos.

— Estamos aqui para deixá-lo a par das técnicas elementares de espionagem — Peter Lorre disse. — Principalmente dos códigos e protocolos de comunicação. Eles vão vigiá-lo, é claro. Eles vigiam a todos do Ocidente, mas, como funcionário do Ministério das Relações Exteriores, você vai ser de especial interesse para eles. No momento em que você tentar estabelecer contato com Dagmar Stengel, eles vão saber.

— Eles já sabem — Stone respondeu, calma, mas enfaticamente. — Estão armando para mim. Dagmar está morta. Não foi ela que me enviou a carta.

— Bem — Bogart admitiu —, é claro que é possível.

— É mais do que possível. É provável. Muito mais provável do que Dagmar ser agente da Alemanha Oriental. Vocês sabem tão bem quanto eu que a Stasi é ainda mais antissemita do que a KGB. Eles não recrutam judeus. Particularmente judeus sem treinamento ou aptidão, que passaram sua vida adulta inteira escondidos em um apartamento em Berlim ou encarcerados em um *gulag*.

— Então — Bogart respondeu —, você acha que alguém da Stasi se comunicou com você passando-se por sua cunhada morta?

— Sim. Eu acho que foi exatamente o que aconteceu.

— Bem, é uma teoria interessante — admitiu Bogart.

Stone olhou diretamente para seus dois interrogadores.

— Sim, não é? — disse. — E a verdade é que acho difícil de acreditar que essa ideia nunca tenha ocorrido a vocês.

Bogart sorriu, dando de ombros alegremente. — Bem, poderíamos ter considerado isso — disse ele de maneira simpática.

— *Poderiam ter feito*! Vocês sabem muito bem disso! Vocês acham que a Stasi está me atraindo para Berlim, não é?

— É uma possibilidade.

— É uma maldita certeza!

— Para quê? — Peter Lorre perguntou. — Uma vez que você parece saber mais sobre eles do que nós.

— Com o mesmo objetivo que o seu, obviamente. Espionagem suja. Você disse que estava me enviando para Berlim para convencer uma agente da Stasi a virar traidora e trabalhar para vocês. Acho que eles têm exatamente a mesma ideia, exceto pelo fato de o alvo ser eu. Meu ego não fica lisonjeado com isso. Sou apenas um tradutor, mas estou no Ministério das Relações Exteriores e, ainda por cima, estou ligado ao departamento da Alemanha Oriental. Isso deve ser do interesse deles.

Pela primeira vez, Bogart deixou o seu canto e juntou-se à festa. Ele até estendeu a mão e pegou um biscoito.

— Você está absolutamente certo, é claro — ele admitiu em seu sutil sotaque de Yorkshire —, pode muito bem ser verdade que você seja o alvo. É por isso que devemos lhe passar certas instruções. Não queremos perdê-lo por algum erro estúpido no protocolo elementar.

— Devagar com a carruagem — Stone retorquiu. — Eu quero entender isso direito. Vocês admitem que estavam satisfeitos em me enviar para Berlim Oriental, mesmo sabendo que eu estaria indo para algum tipo de armadilha da Stasi?

— Nós não *sabemos* isso — respondeu Lorre. — Nós não *sabemos* de nada. Nunca se sabe coisa alguma em nosso ramo. Pensamos que *poderiam* estar armando para você.

— Vocês me disseram que sabiam que ela estava viva, seus filhos da puta!

— Talvez devêssemos ter dito que sabíamos que alguém usando o *nome* dela estava vivo — Bogart admitiu gentilmente. — Alguém que pode ou não ter o direito de usá-lo. De qualquer maneira, funciona para nós — ele continuou alegremente, servindo outra xícara de chá a Stone. — Quer acabemos tentando recrutá-la ou eles acabem tentando recrutar você, é uma situação muito promissora para o governo de sua majestade.

Stone acendeu um cigarro, tentando assimilar aquilo tudo.

— Então, desde o início, vocês tinham em mente que eu poderia voltar para a Grã-Bretanha tendo sido recrutado pela Stasi?

— Esse é um cenário possível — admitiu Lorre.

— Vocês iam me avisar?

— Nós achamos que geralmente é uma política útil abster-se de divulgar qualquer coisa que não seja absolutamente necessária.

— Então, vocês teriam se recostado e observado eu me tornar um traidor? Contentes com o fato de poderem me usar de qualquer maneira?

— Contentes por manter as várias opções em aberto pelo máximo de tempo possível.

Stone fumou, bebeu o seu chá e refletiu sobre isso. — Bem — ele disse finalmente —, pelo menos agora nós estamos nos entendendo um pouco melhor. Então, vamos começar com isso, não é? O que eu preciso saber para ser um espião?

— Oh, nada muito desgastante — disse Peter Lorre, mais uma vez, adotando o tom vagamente condescendente. — Alguns endereços, uma casa segura, se você precisar fugir. Fontes de dinheiro. Códigos da embaixada e um

pouco de direito diplomático, no caso de você ter que tentar reivindicar imunidade.

— Eu odeio estudar Direito — disse Stone carrancudo.

— Sim, temos notado que você está tentando passar nos exames de bacharelado — Lorre disse. — Não está contente com o Ministério das Relações Exteriores?

— Eu não estou feliz em lugar nenhum.

— Apenas uma coisa, senhor Stone — Bogart disse calmamente. Voltou para o seu canto e pôs-se mais uma vez a estudar Stone com seu olhar enigmático e distante.

— Sim?

— A carta que primeiro o alertou sobre a possibilidade de Frau Stengel ainda estar viva...

— Sim.

— Essa carta era suficientemente detalhada e íntima para lhe dar real esperança. Foi só quando dissemos que quem escreveu essa carta era um agente da Stasi que você começou a duvidar de sua credibilidade.

— Isso é verdade.

— Então, se Dagmar Fischer não a escreveu, quem o fez? Não posso acreditar que você não tenha pensado nisso. Quem ainda poderia estar vivo hoje que tivesse conhecimento suficientemente íntimo de seu relacionamento juvenil com Dagmar Fischer para ser capaz de forjar a carta?

Stone pensou um momento antes de responder.

— Acho que geralmente é uma política útil — disse ele finalmente — abster-se de divulgar qualquer coisa que não seja absolutamente necessária.

Um nazista amigável

Berlim, 1934

Wolfgang estava tocando piano em um bar perto do rio.

Ainda não era completamente ilegal para os judeus se apresentarem para não judeus, mas Wolfgang não fazia questão de admitir sua condição racial se pudesse evitá-lo. Estava apenas tocando em troca de drinques e gorjetas, de qualquer maneira, e desde que o dono do bar, que era um fã de *jazz*, não perguntasse, Wolfgang não diria.

Guardava o seu segredinho sujo. Um segredo de que, supunha-se, deveria se envergonhar. E, por causa disso, de um jeito vago, difícil de definir, ele *estava* envergonhado.

Quase um ano depois de Hitler ter chegado ao poder, algo que ele sempre afirmara sobre os judeus realmente passou a ocorrer.

Ele dizia que eles eram diferentes.

E eles se *tornaram* diferentes.

Ele os havia acusado de serem furtivos e sorrateiros.

E eles se *tornaram* furtivos e sorrateiros. Disfarçando. Sendo discretos. Vigiando a porta. Escondendo-se. Ratos da sobrevivência. Constantemente nervosos, tentando misturar-se, evitando os olhos das pessoas, mantendo-se fora do caminho delas. Tentando, sempre que possível, esconder a verdade fundamental sobre si mesmos.

Exatamente como Goebbels e Streicher diziam que eles faziam.

— É uma espécie de guetização da alma — disse Frieda.

Wolfgang sentou-se no pequeno bar com teto enegrecido de fumaça e tocou. Com os olhos fechados, a mente transportada para longe pela música.

Yes, sir! That's my baby. No, sir, I don't mean maybe.

Lenta e rolante, não como Lee Morse a havia imortalizado em 1925, mas com alma, como um *blues*. Um *blues* distante. Da longínqua América.

— Olá, Wolfgang.

A voz veio de trás dele. Era tranquila, suave mesmo, mas quebrou seu devaneio tão seguramente como se tivesse sido a voz do próprio *líder*. Wolfgang era, afinal, uma praga. Um rato ou uma barata, assustado, apavorado, procurando um rodapé para se esconder debaixo.

Cautelosamente, abriu os olhos e olhou ao redor. Um homem louro e bonito, de seus vinte e tantos ou trinta e poucos anos estava bem atrás dele,

elegantemente vestido, com um bigode fino libertino e um sorriso sardônico e sagaz.

E um emblema dourado do partido nazista na lapela.

Wolfgang voltou ao seu piano, seus dedos tropeçando nas teclas, desajeitado, com medo.

Membros de ouro do partido eram nazistas *de verdade*.

Apenas os primeiros cem mil membros possuíam tal emblema. Pessoas que haviam aderido quando o restante da nação descartava Hitler como um lunático. Eram os verdadeiros fiéis que desprezavam os assim chamados *Septemberlinge*, que tinham começado a afluir para a suástica após o primeiro avanço eleitoral de Hitler em setembro de 1930.

E aquele membro de ouro do partido sabia o seu nome. E se sabia o nome dele, sabia que era judeu. E se sabia que era judeu, então Wolfgang estava à mercê de seu menor capricho.

— Eu não tenho certeza de que já o ouvi tocar piano antes — disse o homem, ainda por trás de Wolfgang.

— Bem, você está me ouvindo agora, senhor — Wolfgang respondeu, concentrando-se em seu teclado —, e se você esteve me ouvindo, então, algumas moedas, ou talvez uma cerveja, seriam muito apreciadas.

— Oh, com certeza. É sempre um prazer beber com um velho amigo. Uísque puro é a sua bebida, se bem me lembro. Estou certo, Senhor Trompete?

Wolfgang lembrava-se agora. Foi o uso daquele velho apelido que proporcionara isso. Senhor Trompete tinha sido invenção de Kurt, mas toda a sua gangue usava.

— Olá, Helmut — Wolfgang disse, parando de tocar e virando-se em sua banqueta.

— Ah. Assim é melhor — disse Helmut, com o que parecia ser um sorriso genuinamente amigável, depositando um copo de uísque na mão de Wolfgang.

Fazia onze anos, mas, afora o bigode, o jovem magro, bonito e um tanto efeminado que Wolfgang havia conhecido em outra vida realmente não mudara tanto assim.

— Faz muito tempo, desde o Joplin.

— De fato. Onze anos — Helmut respondeu alegremente.

— Onze anos para você. Uma eternidade para mim.

— Ah, sim — Helmut disse com um aceno de cabeça e nada mais.

Wolfgang ergueu seu copo. — Que tal bebermos a Kurt?

— Sim. Por que não? A Kurt. Eu ainda sinto falta dele. Lembro-me de alertá-lo na época: se você não pode pagar droga *decente*, *não use nada*. Uma pena. Mas, pensando nisso, talvez tenha sido melhor assim. Não acho que ele teria se saído muito bem na nossa valente nova pátria.

— Ao contrário de você, Helmut — Wolfgang disse, apontando para o broche na lapela de seu companheiro. — Você parece estar se saindo bem.

— Ah, sim. Dançar conforme a música, é a minha cara. E eu percebi qual era a música que estava tocando mais cedo do que a maioria. Beba! — Helmut pediu outra rodada de bebidas. — Você ainda está tocando, pelo que vejo, e fico muito feliz por isso, devo dizer.

— Bem, as coisas são um pouco mais difíceis nos dias de hoje, é claro — Wolfgang respondeu com cautela. — Eu toco quando me permitem. Isto não é um trabalho, sabe? Toco pelas gorjetas, isso é tudo. Não estou empregado aqui.

— Por favor, Wolfgang — disse Helmut. — Eu uso este emblema porque é prático fazer isso. Não tem nada a ver com quem meus amigos são.

Wolfgang tomou um gole de seu segundo uísque, concentrando-se naquele breve luxo, agora pouco familiar, em vez de no humilhante fato de que a despeito de tudo o que Helmut pudesse dizer, Wolfgang ainda era judeu e por isso eles *não* eram amigos. Seu relacionamento, do jeito que as coisas eram, só existia no sofrimento. Era simplesmente impossível ignorar o fato de que socialmente eram polos opostos. Um, o mestre; o outro, o cão. E não importa que bondades um mestre possa mostrar a um cão, o cão ainda é um cão.

— E você? — Wolfgang disse afinal. — Você ainda é...

— Um cafetão veado? Ah, sim, e muito. Mais do que nunca. Meus companheiros de camisa parda têm um tremendo apetite, alguns deles *bem* exóticos. Engraçado é que, na verdade, quanto mais eles protestam contra a depravação, mais eles parecem querê-la. Talvez estejam apenas verificando se *é* realmente tão ruim quanto dizem que é. Você sabe, para fins de pesquisa. Pois como se pode *realmente* saber quão depravado é arrebentar a bunda de um pobre jovem desempregado que só queria pão e um uniforme até você realmente fazer isso?

Wolfgang tentou sorrir com a leviandade de Helmut, seus instintos de cão recém-adquiridos levando-o a querer ser agradável, apesar de não ver nenhum humor no que estava sendo discutido. — Bem, você sabe o que eles dizem sobre o poder corruptor — observou ele, aceitando com gratidão um dos cigarros americanos Camel de Helmut. Wolfgang agora só podia fumar cigarros das marcas locais baratas e, mesmo assim, não tantos quanto gostaria.

— Sim, e o poder *absoluto* corrompe absolutamente — Helmut disse, sorrindo —, que, é claro, é o que nós nazistas temos, tão absoluto que é decididamente insípido. Ai, ai... Sempre foi assim e, entretanto, os porta-estandartes da nova Europa estão se fodendo até não poder mais e há mais pobres garotas e garotos trabalhando nas calçadas de Schöneberg e na Potsdamer Strasse do que jamais houve sob a decadente e velha Weimar. A vida não é hilariante?

— Você falou "companheiros" de camisa parda um momento atrás — Wolfgang disse, olhando seu acompanhante diretamente nos olhos pela primeira vez. — Você está na SA, Helmut?

— Oh, é lógico. Desde 1927, na verdade... quase um *Alter Kämpfer*,[39] sabe? Não que eu já tenha estado em algum combate na minha vida, entende? Não, eu fui direto para o topo. Cafetão em chefe do próprio Rohm. Engraçado, não acha? Que um homem que comanda três milhões de jovens devotadamente obedientes precise de um sujeito como eu para se aliviar. Suponho que o poupe de conversa fiada, embora eu não possa imaginar que a conversa fiada do querido Ernst consista em muito mais do que "Tire suas calças, rapaz, vire-se e curve-se!".

Wolfgang estava mais do que surpreso com a indiscrição de Helmut. Claro que todo mundo na Alemanha tinha ouvido os rumores de que o todo-poderoso líder da SA era homossexual e tinha um apetite brutal e voraz, mas Wolfgang não poderia imaginar alguém ser tão aberto em relação a isso.

— Engraçado, não é? — Helmut riu. — De certa forma, eu e o velho Ernst somos um pouco como você, na medida em que somos oficialmente inimigos mortais do nacional-socialismo. O partido persegue terrivelmente a nós *homos*, como você sabe. Fala-se em nos esterilizar, o que é hilariante, não acha? Quero dizer, qual seria o sentido de *esterilizar* uma bicha? Mas é assim que agem os meus queridos colegas do partido. Nunca deixe uma incoerência atrapalhar a brutalidade. Cada um deles é mais grosso do que papel de embrulhar pregos. Meu querido, você não acreditaria na ignorância deles.

Helmut não estava fazendo qualquer esforço para baixar seu tom, e um ou dois dos outros frequentadores do bar estavam começando a rondar, lançando olhares agressivos em sua direção. Desviavam o olhar, no entanto, quando Helmut exibia ostensivamente o emblema preto e vermelho rodeado de ouro que trazia preso na lapela.

— Vamos lá — disse Helmut. — Se você não está oficialmente trabalhando aqui, você pode tirar a noite de folga, não pode? Deixe-me pagar-lhe um jantar. Não há ninguém aqui que me interesse, de qualquer modo. Você já *viu* um bando de gente mais feia?

— Jantar? Você quer *comer comigo*?

— É isso mesmo, um judeu e um veado, hein? A SS adoraria isso, não é? Talvez possamos planejar uma tentativa de assassinato.

A princípio, Wolfgang ficou surpreso com o comportamento provocativo de Helmut, mas logo reconheceu que não era tão surpreendente e, certamente, não corajoso. Os nazistas não respeitavam nada mais do que a autoridade, e como homem de posição elevada na SA, próximo a Ernst Röhm, Helmut era invulnerável. Wolfgang decidiu, portanto, tentar relaxar por uma hora ou duas e desfrutar de um jantar gratuito.

Afinal, não poderia estar em companhia mais segura em toda a Berlim.

E, além disso, havia algo que desejava muito perguntar a Helmut. Ele levantou a questão assim que se acomodaram em um pequeno e aconchegante restaurante e pediram seus pratos e suas bebidas.

— Você ainda vê Katharina? — Wolfgang perguntou.

Uma sombra de tristeza passou pelo rosto habitualmente divertido de Helmut.

— Ah — disse ele —, você era bastante apaixonado por ela, não é?

— Era tão óbvio?

— Gritantemente óbvio, meu querido. Gritantemente. E quem pode culpá-lo? Katharina, a linda Katharina, era uma criatura muito preciosa. A mais bela de todas.

— Era? — perguntou Wolfgang, a sombra mudando-se do rosto de Helmut para o seu próprio.

— Infelizmente sim, era — Helmut respondeu, olhando com tristeza para seu Martini.

— Helmut. Por favor, não me diga que ela está morta.

Não. Não está morta. Ainda não. Não creio que esteja, em todo caso. Entretanto, está muito doente há anos. Numa condição lastimável; é triste dizer, mas ela tem sífilis.

— Oh, meu Deus. Não Katharina.

— É bastante avançado e, por isso, é claro, ela está bastante desfigurada. Que terrível destino. Você sabe como ela era reservada, nunca se soltava, não como a maioria de nós naquele ano. Ela me disse que foi um erro. Um produtor de cinema. Ela queria ser atriz, você se lembra.

— Sim, eu me lembro.

Wolfgang sentiu muita dor. Dor verdadeiramente física. Katharina era o seu segredo. O seu pequenino, estranho e melancólico poderia-ter-sido-e-não-foi, que ele mantinha escondido em uma caixinha em algum lugar no fundo do coração. Ele já nem olhava mais dentro da caixinha. Tinha muito mais com que se preocupar, afinal de contas. Mas ela sempre esteve lá, uma doce lembrança de algo bonito que passou por ele.

— Sinto muito, Wolfgang — Helmut disse, cheirando o vinho que o garçom lhe ofereceu. — Eu sei o quanto ela significava para você... vocês não chegaram a... chegaram?

— Não, não, nós não — Wolfgang disse —, mas não por falta de vontade da minha parte. Tentei uma noite, quando estava bêbado, mas ela me colocou no meu lugar. Não dormia com homens casados.

— Pelo que você deve ser muito grato. Você pode ter tido a sorte de escapar. A vida é, sem dúvida, injusta, cruel e asquerosa.

O garçom trouxe a sopa e eles comeram por alguns instantes em silêncio.

— O que mais posso dizer? — Helmut continuou. — Ela praticamente se afastou de tudo e foi morar com a mãe. Eu a vi há cerca de um ano ou dois. Os sintomas estavam em remissão, mas ela parecia muito assustada.

— Eu gostaria de vê-la.

— Duvido muito que ela fosse querer ver você, Wolfgang. Além disso...

Helmut deixou a frase paralisada onde estava enquanto mirava o diamante em sua cigarreira. Não precisava dizer mais nada. Era bastante óbvio que a última coisa que uma garota sofredora precisava era de um judeu tentando fazer amizade com ela.

Wolfgang não podia ajudar ninguém. Nem Katharina, nem a própria família, nem a si mesmo.

— Melhor se lembrar dela como ela era, não acha? — Helmut disse. — A linda e cativante Katharina.

Eles comeram a refeição juntos. Compartilhando lembranças mais felizes do grande e glorioso Joplin Club, lembranças que para Wolfgang dali em diante estariam para sempre inundadas por uma insuportável tristeza.

Não era, sem dúvida, um consolo que todos os outros membros da antiga gangue de Kurt estivessem indo muito bem na Alemanha recém-despertada. Dorf, o *nerd* lavador de dinheiro, estava agora com Schacht no Reichbank.

— Ainda fazendo malabarismo com empréstimos — Helmut riu. — A única diferença é que agora ele faz isso enquanto está sóbrio. E você se lembra de

Hans? Acredite ou não, ele também está *exatamente* no mesmo negócio em que estava em 1923. Adquirir automóveis de luxo bem baratos daqueles que têm urgência em liquidar seus ativos.

Wolfgang assentiu. Imaginando quantos daqueles carros finos que haviam estacionado na frente do hotel Kempinski para a festa de "despedida" dos Fischer um ano antes já haviam sido comprados por um valor baixo e vendidos por um preço alto por seu velho amigo Hans. Entre eles, a Mercedes de Fischer, provavelmente.

— E Helene, é claro — Helmut continuou. — Você se lembra da esfuziante e querida Helene? Ela é a estrela entre todos nós, ainda apagando no final das festas, só que agora ela faz isso nas casas de embaixadores e nos salões de baile da Wilhelmstrasse. Amiga de ninguém menos do que Goering. Que como todos nós sabemos adora uma garota bonita.

— Helene é uma nazista? — Wolfgang perguntou.

— Ah, sim — disse Helmut —, e não por conveniência. Ela não é como eu, que sou apenas um nacional-socialista interesseiro, ela é pra valer. Está *obcecada* pelo negócio todo. Adora. As bandeiras, os uniformes... O poder. Ela acredita sinceramente que a Alemanha acordou. Do que e *para o que* ela nunca explica realmente. Acabou de acordar, é tudo, nova aurora, nação jovem, sangue puro. O pacote todo. Ela é histericamente apaixonada por Adolf Hitler, é claro, mas até aí muitas mulheres, que se não fosse por isso seriam perfeitamente sensatas, são. Sonham com ele adentrando seus quartos marchando e ordenando-lhes com firmeza para irem para a cama, onde vão deitar-se rigidamente em posição de sentido, com o braço direito estendido, enquanto ele lhes diz que é sua vontade inalterável arrebatá-las. Honestamente, ninguém aprecia mais do que eu a beleza masculina, mas, nesse daí, eu realmente não consigo vê-la.

Wolfgang pensou na Helene que havia conhecido. Jovem, brilhante e inteligente. Apaixonada por moda e diversão. E que agora estava fascinada por Hitler.

— Ela era compradora de moda para Isaac Fischer — disse Wolfgang.

— Bem, você não sabia que os judeus escravizavam a todos nós antes do despertar? — Helmut disse com um sorriso.

Wolfgang quase sorriu também. Helmut não se importava com o que fazia piada, sempre fora assim.

— Ela era um espírito livre — Wolfgang continuou. — E tinha um bom coração, também, sei que tinha. Nós ríamos juntos o tempo todo. Ela adorava *The Sheik of Araby* e *Avalon*. Será que ela não se *importa*? Quero dizer, com todo o ódio e a violência?

— Ela não pensa sobre isso, querido. E se ela o fizesse, pensaria que é tudo mentira, apenas lamúrias judaicas e alguns doces rapazes da SA deixando-se levar pela empolgação. Pessoas como Helene estão se *divertindo* muito para querer que tudo isso acabe. *Todo mundo* está se divertindo muito. Todos os dias um desfile nos assegura de que somos melhores do que todos os outros no *mundo inteiro*, e isso é *tão* revigorante... Você pode ver por que as pessoas adoram, não é? Quero dizer, se Hitler decidisse escolher, digamos, pessoas canhotas, e deixar

os judeus se juntarem à sua gangue, você estaria se pavoneando com todo mundo, não é?

— Espero que não. Não eu. Mas tenho certeza de que muitos o fariam. É claro que isso não aconteceria, entretanto. São sempre os judeus que pagam o pato. É para isso que estamos aqui.

— A propósito, Wolfgang — disse Helmut, tirando do bolso uma caneta e uma caderneta de couro encimada por uma suástica em relevo —, vou anotar o número do meu telefone para você. Se precisar de ajuda, e é claro que vai precisar, pode me chamar. Seja discreto, é claro, quando for se apresentar, mas eu prometo que vou fazer o que puder por você, por amizade, pelos velhos tempos, você sabe... — Helmut rasgou o pedaço de papel de sua caderneta e se levantou. — Agora, preciso ir andando. Receio que tenha uma longa noite pela frente, dentro de um trem. Só apareci em seu pequeno bar para ver se arrumava uma companhia para a viagem. Amo uma novidade, sabe? Nunca pude resistir à tentação do novo, mas, desta vez, acho que terei de me contentar em ler um livro.

— Para onde você está indo? — Wolfgang perguntou. — Algum lugar agradável?

— Munique! Coração da ação, meu amigo! Lar das barrigas grandes e mentes pequenas. Graças a Deus, estarei só de passagem. A caminho de Bad Wiessee, uma pequena estância termal. Você conhece?

— Não. Eu nunca tirei férias. Tivemos nossos filhos muito jovens, nunca tínhamos tempo, nunca tínhamos dinheiro.

— E, claro, quando éramos jovens, Berlim *era* um parque de diversões. Por que alguém iria querer ir para outro lugar?

— Isso é verdade.

Compartilharam em silêncio um momento de melancolia. Então, Helmut esvaziou a taça de vinho e seu Cognac e pediu a conta.

— De qualquer maneira, você certamente não iria gostar dessa viagem. Bad Wiessee em si é linda, mas a companhia não vai ser. Ai, ai! O dever me chama, só trabalho sem diversão faz do comandante da SA, Röhm, um menino entediado, e eu devo ir e lhe arranjar companheiros.

Ao se despedirem, Helmut pegou a mão de Wolfgang:

— Não se esqueça — disse ele —, eu posso ajudá-lo. Estou na SA e podemos fazer o que bem entendermos. Muito em breve, não haverá exército, polícia, nem mesmo um governo na Alemanha, apenas nós, a SA. Nós somos o partido, nós somos a nação. Até Adolf está com medo de Röhm, você sabe. Bem, quem não ficaria? Três milhões de soldados? A SA é o maior exército da Europa e ele responde à rainha Ernst, não ao rei Adolf.

— Sou grato, Helmut. Obrigado.

Eles saíram do restaurante e se separaram. Helmut entrou na Mercedes preta que esperava por ele, Wolfgang voltou para casa a pé.

Enquanto fazia isso, seus pensamentos voaram longe no tempo. De volta à Berlim de 1923, em um bar, conversando sobre teatro e arte com uma garota inebriante.

Ele já não amava Katharina. Ele nunca a tinha amado, no sentido mais verdadeiro. Ele amava Frieda e apenas Frieda; por Katharina, tinha sentido atração, paixão. Mas uma bela e sincera paixão, porém, com base tanto no encontro de mentes como no fascínio sexual, e seu coração doía ao pensar nela em tal miséria abjeta. Se alguma vez *houvesse* amado outra mulher, certamente teria sido a bela, emocionante Katharina.

Todas aquelas noites falando sobre arte e teatro. Todo aquele estilo. Aquela beleza cativante. E agora... Wolfgang tinha visto rostos devastados por aquela doença cruel.

Forçando sua mente a afastar tais imagens, concentrou-se mais uma vez na bela jovem de 19 anos, com suas madeixas negras e brilhantes ostentando o corte de cabelo mais radical que já tinha visto. Os olhos esfumados. Os lábios roxos. Conversando sobre Erwin Piscator e Bertolt Brecht. Roubando um cigarro atrás do outro de seu maço de Lucky Strike no balcão de bar entre eles.

Perdido como se encontrava em 1923, Wolfgang não estava concentrado no presente.

Se estivesse, poderia talvez ter notado o grande furgão preto estacionado em frente ao seu apartamento. Poderia ter visto o pequeno bando de crianças reunido ali perto, como se estivessem esperando alguma coisa acontecer, lançando olhares na sua direção e rindo. Poderia ter sentido a excitação nervosa com a qual a zeladora resmungou *guten Abend*, de forma ainda mais rude e abrupta do que o habitual, fechando rapidamente a porta quando ele passou.

No entanto, preocupado e meio bêbado, o primeiro indício que Wolfgang teve de que algo estava errado foi quando o antigo e barulhento elevador começou a se aproximar de seu andar. Foi aí que percebeu através dos losangos de metal da porta pantográfica que a porta da frente de seu apartamento estava escancarada.

Aquilo certamente era incomum.

Em seguida, um momento depois, quando abriu a grade e saiu, Wolfgang ouviu a voz de Paulus gritando. Gritando um aviso. — Corra, papai, corra!

Mas já era tarde demais.

Wolfgang virou-se, mas eles já estavam todos à sua volta, agarrando-o e arrastando-o para seu próprio apartamento, onde Frieda, com os braços ao redor dos filhos, esperava em silencioso terror.

Havia meia dúzia de homens presentes, um à paisana, os outros vestidos com um uniforme que Wolfgang só tinha visto no cinejornal. Aterrorizante, todo preto, e nos quepes, uma caveira e ossos cruzados.

Uma das figuras vestidas de preto estava segurando a gravura que por dez anos ficara pendurada acima do piano de Wolfgang. Uma de Georg Grosz, retratando uma equipe médica do exército de 1918 liberando um esqueleto para o serviço militar.

O homem que segurava a gravura a esmurrara com o punho enluvado em couro, com vidro e tudo. Os fragmentos irregulares encontravam-se estilhaçados aos seus pés.

— Você admira este decadente? — o homem disse com um sorriso superior.

Decadente? Mesmo naquele momento de crescente horror, a mente de Wolfgang recuava de indignação diante daquele estranho ultraje vindo de um bandido que, depois de ter invadido uma residência particular, tirara um quadro da parede, o esmagara com o punho e, em seguida, tinha o descaramento de chamar o *artista* de decadente.

— Sim — foi tudo que Wolfgang pôde pensar como resposta. Sabendo muito bem que a partir daquele ponto de desastre completo o que ele dissesse era, de qualquer forma, irrelevante. Eles tinham ido atrás dele, isso era tudo. Não sabia por que, mas ninguém o fizera antes. Havia perdido muitos amigos no último ano para saber que, uma vez que aquelas pessoas o tinham na mira, não havia esperança...

Outro policial falou. Segurava o amado trompete de Wolfgang.

— Você toca música de crioulo? — perguntou o homem.

O mesmo desprezo casual. Aquelas pessoas realmente pareciam sentir que *eles* eram os únicos civilizados.

— Bem... Eu tocava *jazz*... mas agora eu...

O policial à paisana falou. Obviamente, um homem da Gestapo, trajado, como de praxe, com o inevitável casaco de gabardine e o chapéu Homburg, que todos os alemães, mesmo os mais fervorosos nazistas, aprenderam a temer.

— Recebemos informações de que você é um perigoso subversivo. Um perigoso *judeu* subversivo. Você vem com a gente.

— Perigoso? Eu toco música.

— Música de crioulo.

— E como isso pode ser perigoso?

— É moralmente corruptora. A Alemanha se protege da cultura decadente e inferior. Você virá agora.

Frieda gritou um protesto desesperado.

— Mas, senhor, oficial, eu expliquei! — ela implorou. — Deve ser um erro, ele é apenas um pobre músico. Um joão-ninguém inofensivo. Eu sou médica, sou conhecida no bairro; muitos arianos que conheço podem garantir que meu marido não tem qualquer relevância. O pastor luterano local pode falar por nós, eu sei disso... Por favor, deixe-me chamá-lo!

— Stengel — a figura à paisana ordenou, apontando para Wolfgang —, acompanhe-nos tranquilamente ou vamos dominar você. Eu presumo que não gostaria que seus filhos vissem isso.

Wolfgang olhou para a sua família.

Frieda procurando freneticamente em seu caderninho de endereços o número do pastor.

Otto, com o olhar feroz, pronto para matar... A mão brincando com algo em seu bolso.

Paulus, olhando em volta, a vista pulando de uma silhueta negra para outra, tentando pensar em algo, qualquer coisa.

Wolfgang sabia que quanto mais tempo ele se demorasse, mais chances havia de seus filhos fazerem algo muito estúpido.

Particularmente Otto.

— Muito bem — disse ele. — Eu irei. Meninos, fiquem calmos. Por sua mãe. Tenham calma.

— Não! Levem-me! — Otto gritou. — Eu sou o subversivo. Quem chamou vocês devia estar falando de mim! Olhem, eu tenho uma...

A mão de Otto estava emergindo de seu bolso, mas Paulus, percebendo o que Otto pretendia fazer, adiantou-se, segurando o braço de Otto e posicionando-se na frente do irmão. — Espere — disse ele, tentando sorrir. — Acho que sei o que está acontecendo! Sei do que se trata. Houve uma confusão. Seu informante devia estar falando dos *outros* Stengel! Os comunistas. Eles vivem em... onde é que é mesmo? Isso! Na Boxhagener Strasse! Estamos sempre sendo confundidos com eles. Se vocês apenas...

Fora uma boa tentativa, mas os invasores não estavam ouvindo.

O homem da Gestapo rosnou uma ordem e duas das figuras vestidas de preto seguraram o músico. Frieda gritou de terror, saltando para a frente e agarrando-se a Wolfgang, que se debateu nas garras de seus algozes.

Durante o momento de confusão, quando a sala parecia ter o dobro de corpos do que tinha um momento antes, Wolfgang conseguiu apanhar sua carteira e pressionou-a na mão de sua esposa.

— Aqui, pegue o que eu tenho, há um pouco de dinheiro, para os meninos... — ele disse, antes de se inclinar para a frente no abraço desesperado de sua esposa e lhe sussurrar — o número. Ligue, chame Helmut, diga a ele...

Em seguida, os homens da SS arrastaram Wolfgang para longe.

Quando o último dos invasores estava saindo, o homem da Gestapo, sua figura enquadrada na porta, Otto puxou a faca do bolso.

Houve um clique e a lâmina surgiu. Com sua ponta reluzente e perversa. Otto ergueu a arma, com ódio cego em seus olhos, pronto para saltar. Paulus percebeu o perigo a tempo e agarrou o irmão pelos ombros, derrubando-o estatelado no chão, enquanto a porta do apartamento se fechava.

— Seu lunático! — Paulus rosnou. — Seu estúpido e maldito lunático. Você quer que matem a mamãe também?

Otto virou-se para o irmão, furioso por um momento; em seguida, sem expressão e, depois, começando a chorar de repente. Talvez tenha sido a palavra "também" que tenha provocado aquilo. Então, o pai deles havia sido levado para ser morto? Ambos os meninos sabiam que era possível. Provável.

Paulus também chorou. Talvez Frieda tivesse feito isso também, mas estava muito ocupada vasculhando a carteira de Wolfgang.

Lá de fora, chegou-lhes o gemido do velho e barulhento elevador iniciando sua descida.

Nazista hostil

Berlim, 1934

Por uma hora ou mais após a prisão de Wolfgang, Frieda tentou continuamente ligar para o número de telefone que havia encontrado na carteira de Wolfgang, mas não obteve resposta.

Paulus e Otto, sentados no sofá, mal conseguiam falar. Tão súbito e absoluto o desastre que se abatera sobre eles. Sabiam exatamente o tipo de perigo que Wolfgang agora estava enfrentando. Aquilo não tinha sido uma prisão da maneira como uma coisa assim era reconhecida em outros países. Com a leitura dos direitos e com a chegada de advogados. Com a possibilidade de uma defesa, mesmo de inocência. Muitos maridos e pais haviam sido arbitrariamente sequestrados ao longo dos dezoito meses anteriores para os meninos Stengel alimentarem ilusões de que fosse dada a seu pai uma chance de se defender. Era perfeitamente possível que Wolfgang já estivesse morto.

— Assim como o pai de Dagmar. Na estação — Otto disse finalmente. — Num minuto ele estava lá, no outro, não estava mais.

Paulus olhou para Otto. — Não vai ser como o pai de Dagmar — ele disse, e depois repetiu, em voz baixa, quase que para si mesmo. — Não é justo.

Frieda desligou o telefone.

— Vou esperar quinze minutos e depois ligar novamente. Algum de vocês, meninos, já ouviu seu pai mencionar alguém chamado Helmut?

Mas eles nunca tinham ouvido aquele nome.

Frieda tentou passar o tempo, preparando um pouco de chá para si e chocolate quente para os meninos.

Em seguida, escutaram o barulho do elevador se aproximando do andar deles mais uma vez e ousaram um momento de esperança.

Mas era Silke.

Resolvera dar uma passada lá com a intenção de se lamentar sobre seus próprios problemas.

Seu relacionamento com o namorado nazista de sua mãe estava indo cada vez pior. Desde o início, Silke recusara-se a aceitar a autoridade dele na casa e, por esse motivo, ele começara a estapeá-la e surrá-la. Ela tinha 14 anos e ficara, é claro, profundamente indignada com isso e tornou-se ainda mais desafiadora, o que, por sua vez, indignava o homem da SA. E também o surpreendia. Com certeza, ele imaginara que, vivendo com a mãe de Silke, havia adquirido para si duas servas pelo preço de uma. Ele esperava ter a roupa lavada, a comida

preparada e seus cigarros e sua cerveja comprados para ele, enquanto ficava lá sentado, monopolizando o aquecedor a gás. Quanto à Edeltraud, estava completamente intimidada e com medo de perdê-lo. Como noiva de um homem da SA, ela era "alguém" em seu bairro pela primeira vez na vida. A SA era todo-poderosa, eles faziam o que bem entendessem, e se alguém criasse alguma objeção, havia mais três milhões deles logo ali na esquina, doidos por uma luta desigual. Edeltraud simplesmente adorava a sensação de saber que todas aquelas velhas cadelas que costumavam zombar dela e chamá-la de vadia agora tinham de ser gentis com ela e, por isso, sempre ficava do lado de Jürgen contra a filha. Sendo assim, Silke via-se na necessidade de se manter fora do caminho o máximo que podia, e, muitas vezes, refugiava-se no apartamento dos Stengel, onde sempre era bem-vinda.

Ela havia chegado lá agora, cuidando de uma orelha inchada e as costas moídas de pancada, cortesia daquele homem alemão recém-despertado, mas logo percebera que seus problemas não eram nada se comparados ao que sobreviera a seus velhos amigos. E a ela também, porque Wolfgang e Frieda eram a única família que já conhecera.

— Há algo que seu padrasto camisa parda possa fazer, o que você acha? — Otto perguntou, mas sem qualquer esperança.

— Você está brincando? Ele nem imagina que eu ainda venho aqui — Silke respondeu — e, se soubesse, provavelmente me mataria. Além disso, esses caras eram da SS, é diferente. Jürgen é só um idiota de um cabo em uma gangue de rua, na verdade. Ele banca o bonzão em nosso bairro ou quando está me batendo, mas, no mundo real, não passa de um ratinho assustado. Os únicos nazistas que o escutam são os outros boçais do bar da esquina.

Frieda levou um pouco de chocolate quente para Silke e, juntos, eles tentaram pensar. Frieda percebeu que ainda havia vidro quebrado no chão, da destruição da gravura de Georg Grosz de Wolfgang, e começou a recolhê-lo. Paulus pegou fita adesiva e cuidadosamente reparou a imagem rasgada. Apesar do homem da SS tê-la atravessado com o punho, nenhum pedaço fora perdido e, assim, foi possível torná-la quase nova outra vez, pelo menos, vista de frente.

Paulus pendurou a gravura, agora sem vidro, de volta onde sempre estivera. Um pequeno ato de rebeldia.

Em seguida, mais uma vez, ouviram o elevador lá fora rangendo no poço do edifício, seguido por uma pisada, e, novamente, por um breve momento, atreveram-se a ter esperança.

Mas a figura que um instante depois estava lá, parada na penumbra, não era seu pai. Os meninos não tinham a menor ideia de quem ele fosse, mas Frieda sim. Mesmo que não o tivesse mais visto por onze anos. Desde aquele dia no mercado durante a Grande Inflação, quando ele estava vendendo suas obras por uma ninharia.

— Boa noite, Frau Stengel — disse o homem, mantendo-se no escuro. — Eu espero não estar atrapalhando.

— Bem, não — Frieda balbuciou. — Não, claro que não... Herr Karlsruhen... devo dizer que é uma surpresa muito inesperada. Meninos, vão para o seu quarto, por favor, fechem a porta, e levem Silke.

A pontinha de esperança que Frieda havia sentido ao escutar o barulho de passos fora substituída pelo completo espanto do aparecimento totalmente inesperado daquela figura de seu passado distante. Agora, no entanto, enquanto os garotos se retiravam com muitos olhares desconfiados lançados para o vulto sombrio na soleira da porta, a esperança aumentava dentro dela mais uma vez. Aquele homem já tinha sido apaixonado por ela, mas a ofendera. Será que sua consciência o estava incomodando? Será que ele fora lá para finalmente se desculpar? Será que, de alguma forma, o seu reaparecimento repentino poderia ser de ajuda para Wolfgang?

Pelos detalhes que pôde perceber, Karlsruhen certamente parecia um homem de influência. Uma figura muito diferente do homem magro e raivoso que vendera seu trabalho a preço de banana durante a inflação. Era evidente que recuperara sua posição e seu prestígio. Mais até do que quando Frieda o conhecera antes. Estava mais corpulento e mais bem-vestido, com seu casacão de *cashmere* e sua bengala com castão de prata.

Frieda reparou que a gola do casaco estava levantada e que seu chapéu de abas largas havia sido puxado para baixo. Como se não quisesse ser reconhecido ao entrar no prédio.

Afinal, ele sabia o que Frieda era. Ela certa vez cuspira tal fato em seu rosto.

— Meu Deus, Herr Karlsruhen — Frieda disse —, isto é uma surpresa. Aceita um chá?

Por um momento, o homem ficou medindo-a dos pés à cabeça e novamente da cabeça aos pés. Frieda estava de pé no meio da sala, sobre o grande tapete azul. Ele ainda estava parado perto da porta.

— Ou talvez café? Tenho um pouco de chocolate que fiz para as crianças... Está uma noite fria. Por favor, entre. Não quer se sentar?

Mas ele continuava apenas encarando-a. Ou, pelo menos, era o que Frieda presumia, pois seus olhos estavam escondidos na sombra projetada pela aba larga do chapéu.

— Vire-se — disse ele, afinal.

— Como disse?

— Dez anos é muito tempo, treze na verdade — Karlsruhen continuou. — Segundo me recordo, você tinha 20 ou 21 anos quando posava como modelo em meu estúdio. Agora, é claro, você está na casa dos 30. A maioria das mulheres perde o viço e as formas durante esses anos. Entretanto eu sabia que isso não aconteceria com você. Sua beleza é do tipo que vai demorar muitos anos para desaparecer. Você não vai se virar?

Frieda engoliu em seco uma ou duas vezes, mas, em seguida, fez o que lhe foi pedido, girando uma única vez sobre o tapete onde estava parada, e terminou a volta com um pequeno floreio consciente e desesperado.

Decidira que deveria diverti-lo. Pelo menos até que descobrisse mais. Valia a pena se agarrar a qualquer esperança, não importava quão tênue fosse. Aquele homem usava o emblema do partido. Se desejava que ela se virasse e se ia começar a lhe dirigir elogios ridículos, como fazia quando ela era jovem, então, é claro que podia.

Karlsruhen respirou fundo, sugando o ar em uma espécie de suspiro inverso. Frieda teve a sensação de que ele estava tentando sentir-lhe o cheiro.

— Você ainda é linda, minha querida — disse ele.

— Obrigada — respondeu ela, forçando um sorriso. — Isso é muito gentil.

— Você não mudou muito, sabe? — Karlsruhen disse. — Sua figura ainda é bonita, pelo menos, acho que é. Não se pode dizer com certeza, claro, até...

Ele deixou a frase inacabada pairando no ar. Frieda sabia que estava ficando vermelha, calorenta e nervosa e lutou contra isso. Era óbvio que, por um motivo qualquer, ele ainda a desejava. Talvez ela pudesse tirar alguma vantagem disso.

Ele era um membro do partido, afinal de contas.

— Eu vim — disse Karlsruhen majestosamente — para lhe pedir que volte a posar para mim.

— Voltar a posar? Mas por quê? Você não consegue encontrar moças mais jovens do que eu?

— Eu nunca me esqueci de você, Frieda, minha querida. Apesar da... dificuldade... de nossa despedida. Eu nunca me esqueci de como você me... inspirava... e muitas vezes, desde então, desejei ser inspirado novamente... Vejo que ainda tem uma de nossas peças — disse ele, voltando-se para a pequena estatueta que ficava em cima do piano. — Seu pai a adquiriu. Por uma fração de seu valor, se bem me lembro. Mas, também, ele é judeu e, por isso, não é de admirar. É o jeito de seu povo.

Apesar de ainda estar preparada para tentar se insinuar, Frieda viu-se protestando contra a calúnia.

— Ele pagou o que você e sua esposa estavam pedindo — disse ela. — Vocês estavam oferecendo os mesmos preços para qualquer um no mercado.

Karlsruhen mirou o castão da bengala por um momento. Era óbvio que não queria discutir sobre o preço da estatueta. Deu um peteleco num pontinho invisível sobre a prata trabalhada, enquanto considerava visivelmente o que era melhor dizer em seguida.

— Não vamos brigar, minha querida — ele disse, afinal.

— Você veio aqui depois do anoitecer para me oferecer emprego, Herr Karlsruhen? — perguntou Frieda. — Um bilhete não teria sido um melhor começo para nossa reaproximação?

— Eu vou falar claramente. Nunca me esqueci do nosso último... hum... encontro. Não no mercado... Quero dizer, no meu estúdio.

— Não, Herr Karlsruhen, nem eu — Frieda respondeu —, mas não vamos viver no passado, você tinha bebido e...

— Por direito eu deveria estar com raiva de você, e de muitas maneiras eu estou.

Frieda estivera tentando parecer magnânima, mas, agora, sua boca se abriu em grande espanto. — *Você*, com raiva de mim!

— Você me enganou — lamentou Karlsruhen piedosamente. — Eu pensei que você fosse uma garota alemã.

— Eu era uma garota alemã! Herr Karlsruhen, eu sou uma garota alemã. Foi só neste último ano, ou um pouco mais, que começaram a dizer que eu não sou alemã e que não tenho direitos.

— Vocês *não* são alemães, Frau Stengel, e você sabe disso. Você é judia. Em breve, haverá novas leis em Nuremberg e você vai perder a sua cidadania junto com todos os judeus...

— Herr Karlsruhen, você veio aqui para me dizer o que eu posso ler todos os dias no *Völkischer Beobachter*?

— Eu vim aqui para lhe dizer que eu ainda a desejo, Frau Stengel! Eu gostaria de terminar o negócio que comecei em 1920. Aquilo permaneceu comigo todos esses anos como nenhuma outra necessidade. Você me negou na época, mas espero que não me negue agora. Aí está. Eu sei que é errado, mas...

— É claro que é errado...

— Você é judia, então, essas coisas são justamente proibidas. Seu sangue não é o meu sangue, sua raça é inferior. Mas você ainda me enfeitiça. Sempre me enfeitiçou, e nunca me esqueci da sensação de seu corpo quando eu coloquei as mãos sobre ele.

Frieda sabia que teria que decidir.

Era uma perspectiva pavorosa, impossível, que teria sido inimaginável até uma hora atrás. Mas Wolfgang estava nas mãos da SA. Ela sabia que faria qualquer coisa para salvá-lo. *Qualquer coisa*.

— Bem... isso é muito... lisonjeiro, Herr Karlsruhen — Frieda disse, tentando manter a voz firme —, e talvez eu tenha sido um pouco *rude* com você naquela ocasião, há tantos anos. Mas, agora, bem, o negócio é que... meu marido...

— Ah, sim, o seu marido — Karlsruhen disse com uma malícia triunfante. — Foi-se o tempo em que você me disse que seu marido me mataria pelo que eu gostaria de fazer com você. Mas ele não pode ajudá-la agora, pode, Frau Stengel? Ele não pode sequer ajudar a si mesmo. Pois, onde ele está? Você sabe, Frau Stengel? Acho que ele não pode.

E a verdade terrível veio à tona. Incrível que tenha levado tanto tempo para a última e diabólica ficha cair. Era tão óbvio. Ele aparecer do nada naquela mesma noite. Menos de uma hora depois...

— O que você sabe sobre o meu marido? Diga-me!

— Eu sei que ele é um decadente e um divulgador de imundície judaica corrupta, e ele foi justamente levado em custódia e...

— Foi você! Você o denunciou! — Frieda sibilou. — Seu filho da puta cruel, você fez com que o tirassem do caminho para poder me forçar!

— Seu marido foi preso, Frau Stengel, isso é tudo que sabemos. Enquanto isso, há a questão de você e seus filhos a considerar. Eu tenho influência. Sou altamente considerado nos círculos oficiais. Você talvez tenha lido que eu recentemente fui eleito para a Academia Prussiana de Artes... Posso não ser exatamente um Arno Breker, mas ainda assim me foi dito que até mesmo o Führer tem...

— Você pode ajudar o meu marido? Se eu fizer o que você quer, você pode ajudá-lo?

Ela havia decidido. Ela o deixaria seguir com seu plano se ele trouxesse Wolfgang de volta.

Mas é claro que ele não podia.

— Seu marido já era, Frau Stengel. Está no fundo do abismo — disse Karlsruhen. — Seu destino está agora além de qualquer influência, minha ou sua. Cabe agora a você considerar a sua própria posição e a de seus filhos. Se você concordar em se encontrar comigo em segredo de vez em quando, eu posso ajudá-la. Posso proteger você e conseguir-lhe privilégios. Acredite em mim, sua raça precisará de tais coisas muito em breve. Posso assegurar que seus filhos terão autorização para completar seus estudos. Posso providenciar para que a SA local fique longe.

— Herr Karlsruhen, você pode ajudar o meu marido? Ele acaba de ser levado! Com certeza, não é tarde demais!

— Aquele judeu já era! — Karlsruhen disse com raiva. — Esqueça-o. Pense apenas em si mesma. Faça como eu digo e vou ajudá-la. Negue-se a mim e eu juro que vou fazer o oposto. Quantos anos têm seus filhos agora? Quatorze? Idade suficiente para ir para Dachau, posso assegurar-lhe... Você *deve* se sujeitar a mim. Você não tem escolha. Você deve, finalmente, permitir-me fazer com você o que você merece, sua vadiazinha judia! Sua vagabunda! Você acha que pode se negar a mim? Você é *Untermensch*. Deve rastejar ou morrer. Vou quebrar seu orgulho judeu. Vou lhe mostrar como um animal deve ser domado. Você vai me deixar usá-la como eu quiser ou seus meninos vão seguir com seu marido para Dachau!

Agora, ele a havia agarrado, suas pretensas maneiras civilizadas haviam evaporado. E ela estava totalmente à sua mercê. Legalmente sem proteção, socialmente sem posição ou influência. Completamente indefesa. Ele lhe tiraria seus filhos. Eles seriam enviados para um campo de concentração. Frieda não tinha escolha. Ela o beijou. Forte, na boca. Descendo a mão, apertou-o através das calças de lã grossa. Ele se contorceu contra a pressão de sua mão.

— Finalmente — ele suspirou. — Vou ter o que eu quero.

— Mas não aqui — ela implorou, afastando-se. — As crianças...

Ela não terminou de falar. Aquela frase inacabada foi a última coisa que Karlsruhen ouviu. As palavras “as crianças” foram as duas últimas a penetrar em sua consciência.

O que era apropriado, pois foram as crianças que o mataram.

Otto desferira o golpe.

Ele, Paulus e Silke estavam ouvindo do quarto dos meninos e, quando a conversa sinistra degenerou em sons de discussão, eles abriram a porta e entraram na sala de estar.

Karlsruhen estava ocupado demais para notar o movimento por trás dele, e Frieda não conseguia ver nada, senão o enorme rosto do escultor e seu corpo a pressionando.

Otto agiu, como sempre, por instinto. Passou a mão na arma mais próxima, que calhou de ser a pequena estatueta de bronze de sua mãe, que ficava em cima do piano de Wolfgang e, saltando para a frente, bateu seu pesado pedestal de mármore contra a parte de trás da cabeça de Karlsruhen, rachando o crânio do homem ao meio.

Karlsruhen simplesmente desmoronou. Totalmente fora de combate, estatelou-se sobre o espesso tapete azul.

Frieda se viu diante dos três jovens e aquele corpo prostrado no chão. Por um momento, todos ficaram sem ação.

Otto, respirando com dificuldade, segurando a estátua pela cabeça, Paulus e Silke logo atrás dele. Karlsruhen caído de lado. O sangue escorrendo da parte de trás de sua cabeça. Frieda, com os olhos arregalados com o choque, pela primeira vez no limite de seu juízo.

— O... ? O que vamos fazer?

A pressão daquilo tudo era simplesmente avassaladora demais para ela.

Para ela, mas não para Paulus, que se adiantou, ajoelhando-se ao lado do homem inconsciente, tomando-lhe o pulso.

— O filho da puta está morto? — Silke perguntou atrás dele.

— Não — disse Paulus. — Ele ainda está respirando.

Sem dizer uma palavra, Otto ergueu a estatueta, com a clara intenção de usá-la pela segunda vez.

Frieda engasgou em horror. Paulus levantou a mão.

— Pare com isso, Otto! — ele silvou. — Não precisamos de mais sangue. Graças a Deus, ele caiu sobre o tapete, e graças a Deus que é um tapete grosso. Se ele tivesse caído no assoalho estaríamos em apuros. Não dá para tirar mancha de sangue de madeira.

A notícia de que Karlsruhen estava vivo clareou os pensamentos confusos de Frieda, e seus instintos naturais forçaram-na a se concentrar.

— Se ele está vivo, então eu deveria ajudá-lo.

— O quê? — Otto disse.

— É. O quê? — Silke ecoou.

— Ele está ferido, eu sou médica.

— Mãe — Paulus disse baixinho —, ele está ferido porque Otto o golpeou. Você não pode ajudar este homem.

Frieda fez uma pausa. Era óbvio que ele estava certo.

Mas, ainda assim, aquilo era difícil para ela. Pela primeira vez em sua vida, ela deixaria de ajudar alguém em necessidade. Faltaria com o seu juramento de Hipócrates. Para a maioria das pessoas, Paulus, Otto e Silke incluídos, não haveria nem o que pensar. Eles deixariam aquele cretino morrer de bom grado, mesmo sem a enorme ameaça que representava para eles se sobrevivesse. Simplesmente porque ele merecia.

Mas Frieda não era a maioria das pessoas. Ela era aquela coisa rara, um ser verdadeiramente altruísta, e naquele momento uma parte dela se perdeu. Não era a pior coisa pela qual ela jamais perdoaria Adolf Hitler, mas era terrível para ela, mesmo assim.

Sobre o tapete, Karlsruhen começou a se mexer. Paulus alcançou o bolso de cima do homem ferido e tirou o lenço. Um enorme quadrado de seda púrpura. A perfeita afetação para complementar o chapéu de abas largas e a bengala de castão de prata para compor a imagem "artística" absurdamente autoconsciente do homem.

— O que... — Otto exclamou, talvez sob a impressão de que Paulus tinha a intenção de usar o pano para tentar estancar a ferida de Karlsruhen. Entretanto o

protesto morreu em seus lábios quando Paulus começou a enfiar o lenço na boca do homem semiconsciente.

Algo semelhante a uma noção do perigo em que se encontrava invadiu o torpor de Karlsruhen e o sacudiu o suficiente para que começasse a se contorcer. Otto ajoelhou-se ao lado do irmão e segurou os braços agitados do homem, enquanto Paulus enfiava o restante do pano no fundo de sua goela escancarada, usando a caneta tinteiro que sempre carregava no bolso do peito, de modo a evitar a perda de seus dedos.

Então, Paulus apertou o nariz de Karlsruhen.

O moribundo era grande e pesado e o desespero emprestou-lhe uma força brutal em suas convulsões finais. Mas os meninos eram fortes também, especialmente Otto, forte no braço e forte no ódio, e eles o seguraram até que estivesse morto.

— Paulus, Otto... — Frieda murmurou.

Porém ela sabia que o que eles fizeram tinha de ser feito.

Os nazistas haviam transformado os seus filhos em assassinos.

Paulus se levantou. Sua voz tremeu um pouco enquanto falava, mas, mesmo assim, ele estava calmo. Até assumindo o comando.

— Temos que nos livrar dele — disse. — É noite, e podemos fazer isso... — Fez uma pausa. Pensando. *Forçando* a si mesmo a elaborar um plano.

— Como, Pauly? — Otto perguntou em voz baixa. — Conte-nos como.

Mais uma vez, fez-se silêncio.

Paulus estava em pé ao lado do corpo, com os punhos cerrados, os olhos fechados. Suas feições contorcidas com o esforço de concentração.

Frieda contemplou a terrível visão no chão. O sangue escorrendo do crânio fraturado, espalhando-se, arrastando-se, *encharcando* o grosso azul do tapete.

— Oh, Pauly, Pauly — ela sussurrou —, como é que poderemos...

— Certo — Paulus disse abruptamente, interrompendo sua mãe, talvez inconsciente mesmo de que ela estivesse falando. — Otto, corra até o velho Sommer e peça emprestado o carrinho de mão. Diga a ele que mamãe está vendendo algumas coisas. Deixe o carrinho ao lado das bicicletas no pátio e volte direto para cá. Tudo bem?

Frieda enxugou as lágrimas dos olhos.

— Não adianta, Paulus — disse ela. — Mesmo que vocês o tirem daqui, quando descobrirem que ele desapareceu, vão refazer seus passos.

— Eles vão tentar, mamãe — Paulus respondeu —, mas eu não acho que a trilha vá trazê-los até aqui. Lembra-se de como ele apareceu? Depois de escurecer. Gola para cima, chapéu para baixo... Ele não queria ser visto, não é? Bons nazistas não se associam com judeus, certamente não lhes fazem visitas. Você acha que ele poderia deixar as pessoas saberem que estava tentando forçar uma judia a ser sua amante? Ele, um membro do partido? Sem chance. Ninguém sabe que ele está aqui e, se não entrarmos em pânico e se bolarmos um bom plano, ninguém saberá.

Paulus virou-se para Silke.

— Você não precisa tomar parte disso, Silks — disse ele —, você deve ir embora agora.

Silke não falou, não podia, estava engolindo em seco para controlar a ânsia de vômito, mas olhou para Paulus e sacudiu negativamente a cabeça.

— Tudo bem — disse Paulus. — Se você quiser ajudar, pode. Temos que enrolá-lo.

Ainda sem dizer uma palavra, Silke ajoelhou-se no chão.

Paulus virou-se para o irmão. — O que você está esperando, Otto? Vá e pegue o carrinho!

Otto também parecia estar um pouco em estado de choque, mas as palavras de Paulus o tiraram disso.

— Certo — disse ele, caminhando em direção à porta —, o carrinho.

Paulus abaixou-se ao lado de Silke e começou a vasculhar os bolsos de Karlsruhen.

— Pauly! — Frieda abriu a boca chocada. — Você não vai *roubar* esse homem.

Paulus olhou para a mãe. Sua expressão mais sombria e mais determinada do que ela jamais vira.

— Não é um homem, mãe. É um cadáver — disse Paulus. — Eu e Otto o matamos. E a única chance que temos de não sermos apanhados por isso é ficarmos absolutamente calmos e elaborar o melhor plano possível. Dinheiro é uma coisa útil quando se está em apuros, e temos muito pouco. A coisa mais sensata a fazer é pegar o dele. *Temos* que agir sensatamente, mãe. Sem erros, nem um sequer. É a única maneira de nós sobrevivermos a isso.

Silke já havia apanhado a carteira do homem morto, que continha mais dinheiro do que Frieda ganhava em três meses.

— Nós o matamos em legítima defesa — Frieda disse —, mas se nós o roubarmos e vocês forem pegos...

— Se formos pegos, mamãe, não vai fazer nenhuma diferença se nós o roubamos ou não — disse Paulus, levantando o pesado tapete sobre o corpo e começando a enrolá-lo. — Mas não vamos *ser apanhados*. As únicas pessoas que sabem que ele esteve aqui esta noite somos nós. Ele está morto e nós não vamos contar. Pode ter certeza de que, quando ele denunciou o papai, fez isso de forma anônima. Eles sempre fazem.

Este último comentário fez Paulus estagnar. Com todo o horror da situação, ele tinha se esquecido da prisão de Wolfgang. Por um momento, seu espírito de luta e seu ânimo pareciam ter-se escoado, mas, em seguida, respirando fundo, ele recobrou a força.

— É preciso concentração no plano — disse ele, falando, ao que parecia, consigo mesmo. — Se conseguirmos tirar o corpo do apartamento e nos livrarmos dele, acho que estaremos a salvo.

Quando Paulus e Silke haviam acabado de enrolar o corpo e o amarrado com barbante, Otto voltou. Então, ele e Paulus carregaram com dificuldade o tapete enrolado com o corpo dentro dele até o elevador e o levaram para baixo, com Silke atuando como batedora, à frente, para garantir que o caminho estava livre. Os três, então, levaram o pesado rolo para fora e o meteram no carrinho, com grande esforço. Deram muita sorte, pois ninguém mais entrou ou saiu do edifício durante o tempo que levaram para fazer isso, mas eles também estavam

preparados para contar uma triste história sobre ter que vender tudo para comprar comida. Claro que um homem corpulento como Karlsruhen dentro do tapete enrolado o fazia parecer estranho, mas como eles haviam levado outros tapetes e almofadas do apartamento e os colocaram em volta do corpo oculto, obtiveram um bom disfarce: uma família judia empobrecida, forçada a vender todos os seus escassos bens.

— São apenas nove horas, Pauly — Otto sussurrou enquanto eles arrumavam o carrinho. — As ruas ainda estão bastante cheias. Você não acha que devemos esperar até mais tarde? Até o meio da noite?

— Não mesmo — Paulus respondeu —, é melhor assim. Multidões são boas. Eu queria que fosse hora do almoço.

— O quê? — Otto se espantou. — Você está louco?

— Otto — Paulus respondeu —, a única maneira de escapar de algo assim é com descaramento. Se formos nos esgueirando na calada da noite, seremos parados com certeza. Desta forma, nós somos apenas mais um entre uma centena de carrinhos. Agora vamos lá.

Quando os meninos começaram a empurrar o carrinho para longe, Frieda apareceu na porta do prédio.

— Engraçado — ela disse, com voz estranha e pesada —, eu andei nesse carrinho uma vez, sabem? Vocês também, meninos, de certo modo. O pai de vocês estava me levando para o hospital para... para... Frieda não conseguiu terminar a frase. Simplesmente ficou parada ali, engolindo as lágrimas.

— Nós sabemos, mamãe — Paulus disse suavemente —, você nos contou essa história muitas vezes. Não se preocupe, papai vai voltar. Algumas pessoas voltam, sabe? Especialmente agora que este cara não está mais em posição de manter o papai fora do caminho.

Frieda voltou para o apartamento e Paulus, Otto e Silke começaram a empurrar o carrinho para longe.

— Para onde vamos? — Silke perguntou. Era a primeira vez que ela falava desde o assassinato.

Otto, que vinha se tornando cada vez mais confiante com o exemplo do irmão, de repente ficou lívido de preocupação. — Meu Deus, Paulus! Eu não tinha pensado nisso! Para onde estamos indo?

— Para o rio, obviamente — Paulus respondeu, já começando a empurrar. — Com este tapete muito pesado amarrado em volta dele, o corpo vai afundar como uma pedra. Tudo o que precisamos é fazer isso sem que ninguém veja. Ou, pelo menos, sem que ninguém ligue. Paulus virou mais uma vez para Silke. — Silks — ele disse —, você tem sido muito incrível nos ajudando desta maneira, mas, na verdade, você não deveria ir conosco agora. O carrinho só tem dois cabos e não há sentido em você arriscar sua vida também.

— Eu acho que vocês têm mais chance com uma garota junto — disse ela em voz baixa. — Faz parecer mais inocente, de certa forma. Dois rapazes sozinhos têm mais probabilidade de atrair problemas.

Paulus apenas sorriu e mais uma vez concentrou seu peso no carrinho.

Enquanto caminhavam pelas ruas, iam atraindo olhares curiosos, mas nada mais que isso. Nos últimos vinte anos, as pedras do calçamento de Berlim vinham

retinindo constantemente com as rodas metálicas dos carrinhos empurrados por pessoas desesperadas que vendiam ou trocavam o pouco que tinham para sobreviver. O temor principal dos meninos era que alguém tivesse a ideia de roubá-los e, por essa razão, Otto mantinha a mão sobre a faca.

Felizmente, não teve oportunidade de usá-la, e depois de uma hora ou mais de trabalho pesado eles chegaram ao rio, onde Paulus embicou o carrinho em direção a um cais solitário.

— Temos de fazer isso de forma rápida e decidida — disse Paulus. — Nada de hesitar nem disfarçar. Esse é o jeito certo de descartar o corpo. Pela minha experiência, se você encara as pessoas, elas tendem a cuidar de seus próprios negócios.

— Para o próprio bem delas — Otto disse, carrancudo.

— Certo. Vamos fazer — disse Paulus.

— Aquele bêbado está nos observando — Silke sussurrou em pânico.

— Não importa. Haverá sempre alguém olhando. O que eles vão fazer? Chamar a polícia? Pessoas à beira do rio à noite não gostam de polícia. Agora é a hora.

E, assim, os três empurraram o carrinho até o fim do cais escolhido e simplesmente despejaram sua carga ensanguentada no rio.

Depois, tendo posto os outros travesseiros e cobertores de volta no carrinho, viraram-se e o empurraram para longe.

— Não olhe para trás — advertiu Paulus. — Caminhem firme. Não se demorem, mas também não corram.

Paulus estava certo em sua fria análise. Ninguém os incomodou.

O vagabundo apenas deu de ombros e olhou para longe. Como fez também um marinheiro bêbado que fumava com uma prostituta num cais próximo.

Figuras obscuras vinham eliminando corpos em Berlim diariamente desde novembro de 1918, e todas as manhãs o rio vomitava seus mortos. Não era uma coisa tão excepcional. Quem sabia o que era bom para si tendia a não confrontar as pessoas que faziam a desova, não importava quão jovem parecessem.

Festa interrompida

Bad Wiessee, 1934

Por todo o dia e toda a noite, a pequena e pitoresca cidade balneária havia ressoado com a celebração barulhenta. Bandas tocaram, correram rios de cerveja, e vastas quantidades de comida ou tinham sido consumidas ou atiradas a título de diversão. Ernst Röhm e a liderança sênior das Tropas de Assalto nazista, junto com uma grande oferta de adolescentes das Tropas de Assalto, estavam tendo uma "conferência", e raramente se viu misturar tão poucos negócios com tanto prazer.

As únicas notas dissonantes no humor geral do excesso e da celebração aconteceram quando a conversa voltou-se para a lentidão com que os frutos da Revolução Nacional-Socialista estavam sendo distribuídos entre aqueles que mais mereciam. Afinal, foram os socos-ingleses e os *boots* da SA que conduziram Hitler ao poder, e agora o Exército Pardo queria sua recompensa.

— Nós *somos* a polícia! Nós *somos* o exército! — Röhm gritou, aproximando-se do rosto de Helmut, a fim de se fazer ouvir acima do barulho. Espuma de cerveja ao redor da boca, gordura de porco no queixo. — Não me venha falar da *Reichswehr*, uns míseros cem mil *Junkers* esnobes lambe-botas daquele tolo senil do Hindenburg. Deixe-me assegurar-lhe, meu caro amigo — Röhm prosseguiu, limpando a cerveja e o cuspe de sua boca —, que se o nosso bom *líder* não tomar providências rapidamente para colocar a SA no centro do estado, então, haverá uma *segunda* revolução alemã, e no final dela ninguém terá a menor dúvida em relação a quem está comandando este país.

— Muito bem falado! — Helmut respondeu, acenando para um jovem soldado aproximar-se e se espremer ao lado de Röhm. — E, nesse meio-tempo, Ernst, você merece um pouco de relaxamento!

Naquele instante mesmo em que Helmut falava, naquele instante mesmo em que Röhm tomava posse do jovem que Helmut lhe oferecia, lá fora, cortando a estrada rural, Nêmesis se aproximava.

Uma frota de Mercedes deslizando pela noite.

Mercedes negras. Negras como os uniformes dos homens que as dirigiam. E negras como a escuridão que camuflava seus sombrios propósitos.

Quando a procissão de veículos afinal chegou ao balneário, toda a liderança da SA havia se retirado para perseguir seus diversos prazeres privados. Apenas os faxineiros e os porteiros noturnos testemunharam a extraordinária visão do

ditador de toda a Alemanha saindo do primeiro carro e marchando para o hotel com um revólver na mão.

Hitler estava acompanhado por um homem sem queixo com pequenos óculos de aros de metal. Ele usava o mesmo uniforme negro com o emblema do crânio e ossos cruzados do restante do bando e também estava armado com uma pistola. Os soldados que os seguiam portavam metralhadoras.

Helmut estava deitado na cama em um quarto no primeiro andar do hotel, distraindo-se com as atenções de um jovem *Sturmmann* da SA que tinha pego em Munique no dia anterior. Porém o coração de Helmut não estava realmente nele. A noite havia sido uma chatice terrível, e a perspectiva era de mais do mesmo na manhã seguinte.

Nunca gostara de camaradagem forçada; a ideia de um campo de "escoteiros" o enchia de desgosto. Cantorias e ridículas apostas envolvendo bebidas não eram substitutos para as alegrias da sedução sutil, em sua opinião. Realmente não via sentido em embebedar-se até o embotamento antes de tentar fazer amor, e a humilhação ritual de jovens recrutas recém-iniciados revirava-lhe o estômago. No jantar, uma dupla de jovens imberbes havia sido obrigada a ficar nua prestando saudação a Hitler, enquanto Röhm e seus companheiros atiravam comida neles.

Helmut, no entanto, estava decidido a não ter que aturar o segundo dia de conferência da SA de Röhm porque não haveria segundo dia. Pela primeira vez, o instinto de sobrevivência que lhe tinha servido tão bem por meio das várias insanidades da Alemanha falhara. Apostara no cavalo errado. Deveria ter buscado *starlets* dóceis e meninas da sociedade para Goebbels e Goering, em vez de aliciar garotos para Röhm. Porque os dias de Röhm como o segundo homem do Reich estavam prestes a acabar. A grande organização de vândalos e desordeiros que ele havia construído logo seria dominada por uma força sombria, ainda mais sinistra. Aquela foi a noite que o mundo viria a conhecer como a Noite das Facas Longas.

E tudo aconteceu muito rapidamente.

Se Helmut e seu amante ouviram alguma comoção do lado de fora, certamente a ignoraram. Havia sempre alguma comoção quando a camarilha de Röhm se reunia para festejar. Havia correria pelos corredores, gritos e bater de portas a noite toda enquanto os rapazes eram caçados de quarto em quarto. Se alguém houvesse dito a Helmut que o próprio Adolf Hitler estava no prédio, rondando os corredores escuros com uma arma na mão, seguido por soldados da SS, Helmut não teria acreditado.

Tudo que Helmut pôde perceber foi a porta de seu quarto se abrindo e o jovem *Sturmmann* da SA levantando a cabeça de seu colo, enquanto figuras vestidas de negro invadiam o aposento e apontavam suas metralhadoras.

Houve uma gutural acusação de "pervertido" e depois...

Esquecimento. O cérebro de Helmut explodiu em seu travesseiro. O de seu amante se espalhou em seu colo.

Durante toda aquela noite, na distante Berlim, Frieda tentara discar o número que Wolfgang lhe deixara — exatamente como havia feito nas últimas 24 horas —, mas, como sempre, o telefone tocava, tocava e nada.

Na manhã seguinte, quando tentou novamente, o telefone havia sido desligado.

Zona livre de arianos

Berlim, 1935

Um dia, Paulus e Otto chegaram à escola e foram informados de que a sua sala de aula seria segregada. Seu antigo mestre fez o anúncio no mais grave e presunçoso dos tons, de pé, diante da sala, em frente à fotografia de Hitler. Tanto o mestre como o Führer pareciam severos e resolutos enquanto, juntos, carregavam o pesado e heroico fardo de menosprezar e aterrorizar jovens indefesos.

— Foi declarado intolerável — o mestre sentenciou — que qualquer criança alemã deva ser forçada a associar-se com os judeus em nossas escolas públicas. As crianças judias, portanto, serão colocadas à parte, sentadas só entre sua própria espécie nos lugares que foram generosamente alocados para sua utilização.

Em seguida, o professor leu os nomes dos seis garotos na classe que eram judeus, mesmo que todo mundo já soubesse muito bem quem eram eles. Leu os nomes lentamente, fazendo uma pausa entre cada um, a fim de enquadrar o rosto em um sorriso desagradável e sacudir a cabeça, fazendo com que os meninos se levantassem conforme seus nomes fossem chamados.

— Vocês judeus — ele entoou solenemente, evocando uma frase que era usada diariamente em cada sala de aula do país — são o infortúnio da Alemanha. Você *seis* que estão entre nós agora são o infortúnio da Alemanha. Vocês são *cogumelos venenosos*.

Era um insulto brutal e deliberadamente humilhante. Estava citando um livro infantil chamado *O Cogumelo Venenoso*, que era o primeiro livro que toda criança na Alemanha, incluindo as crianças judias, lia quando iniciava a escola.

— Nós sabemos — o professor continuou — de nossas aulas de Ciência Racial que, assim como em um campo há boas e más "raças" de cogumelo, o mesmo acontece com as diversas "raças" humanas. Algumas "raças" humanas são venenosas e algumas não são. Humanos judeus são, é claro, a raça mais venenosa de todas. E lembrem-se, rapazes, assim como ocorre com cogumelos, por vezes, o mais venenoso de todos parece o mais inofensivo. Muitos lenhadores inocentes morreram por colher o que acreditaram ser um cogumelo seguro. E o corpo de nossa nação por muito tempo pensou que os judeus fossem inofensivos. Assim como estes seis que têm estudado entre nós todos esses anos sempre nos pareceram.

O professor fez uma pausa em sua preleção, enquanto os seis meninos esperavam em pé.

— E quanto a você, Hartmann? — o professor acrescentou, voltando-se para um garoto de aparência nervosa sentado em uma mesa entre seus amigos. — Você sabe o que é um *híbrido*? Claro que sabe. Você já deve ter aprendido na aula de biologia que no reino animal criaturas ficam com sua própria espécie. Uma manada de camurças nunca se permite ser conduzida por um cervo. Um estorninho macho só se acasala com uma fêmea estorninho. Quando criaturas não naturais, híbridas, sem raça definida, são produzidas, combinam em si apenas as piores qualidades de cada espécie. Isso é ciência, rapazes! Pura e simples ciência... e em você, Hartmann, temos um exemplo científico de um desses híbridos. Um mestiço. Um vira-lata. Levante-se.

O menino Hartmann ficou em pé. As faces rubras de vergonha. Seus amigos sentados em torno dele pareciam confusos e embaraçados. A maioria desviou o olhar.

— A mãe deste mestiço é uma judia — o professor continuou — e, assim, o sangue alemão do pai encontra-se corrompido neste rapaz. *Irremediavelmente* corrompido. Hartmann é um *Mischling*. Uma criança mestiça de raças mistas. E ele vai sentar-se com os judeus até que seu *status* seja esclarecido na lei. A partir de hoje, todos esses sete meninos devem ser separados. Sua presença na sala de aula será simplesmente tolerada, mas nada mais que isso. Alunos alemães estão proibidos de se associar a eles. Eles são *cogumelos venenosos*.

Foi um choque. A turma estava junta desde o jardim de infância e tal divisão interrompeu inúmeras relações e um monte de história compartilhada. No entanto o aviltamento dos judeus tinha sido tão constante e onipresente ao longo do ano anterior que muitas amizades antigas já haviam sido cortadas muito antes, e já era preciso bastante coragem para que um menino mantivesse conexões nos dois lados.

Os seis meninos judeus e o único *Mischling* pegaram seus livros e foram para o seu canto. Cabeças baixas, compreendendo muito bem que outro passo estava sendo dado em direção ao momento em que sua vida se tornaria impossível de ser vivida. Cinco dos meninos sentaram-se em suas mesas. Um deles, porém, manteve-se em pé.

— Sente-se, Otto Stengel — o mestre ordenou.

Otto não se sentou; em vez disso, postou-se ali com as mãos nos quadris.

— Eu tenho algo a dizer — ele anunciou.

— Então diga no intervalo. Sente-se e abra os seus livros.

— Eu vou dizer agora.

Paulus puxou o *blazer* de Otto.

— Otts, *sente-se* — ele sibilou. — *Por favor*.

Contudo Paulus sabia que não podia deter Otto. O que quer que seu irmão quisesse fazer ele faria, e as consequências que se danassem. O assassinato de Karlsruhen (sobre o qual eles raramente falavam, mas muitas vezes pensavam) naturalmente afetara ambos os meninos profundamente, porém de maneiras opostas. Para Paulus, a memória daquele ato desesperado e horrível e suas consequências o tornaram mais cuidadoso, mais calculista. Determinado sempre

a ter um plano, a tomar o caminho de menor resistência para o resultado mais benéfico. Não que ele não tivesse paixão; odiava o inimigo tanto quanto Otto e sentia cada humilhação tão profundamente quanto o irmão. Entretanto, também entendia que o orgulho e a cabeça quente não só eram inimigos da sobrevivência, mas também inimigos da vingança.

— O truque para vencê-los — ele dissera muitas vezes a seu irmão — não é tentar matá-los, mas impedi-los de nos matar.

Otto, por outro lado, havia extraído uma força furiosa de sua vitória sobre o agressor da mãe. Sua família tinha sido atacada e eles haviam se defendido com sucesso. Aquela fora a lição. Se tinha sido imprudente antes, era-o mais agora. Tinha matado um. Havia provado seu sangue. Sabia que se lutasse com eles poderia prejudicá-los.

A prisão brutal do pai também afetara os meninos de forma diferente. Paulus se esforçava muito para não pensar nisso, porque, quando o fazia, era tão dominado pelo medo e pela infelicidade que mal podia prosseguir vivendo. Sabia que a melhor e única maneira que tinha para apoiar seu pai era ajudar sua mãe. E tocar a vida. Esforçando-se a valer na escola e no trabalho prático de sobrevivência do dia a dia.

Otto, por sua vez, pensava constantemente na situação de seu pai e todas as vezes isso o enfurecia. Enchendo-o com uma fúria avassaladora que o tornava destemido.

E, agora, fortalecido pelo sangue em suas mãos e pela infelicidade de seu pai, Otto enfrentava o professor e os colegas.

— Esta — Otto disse, indicando com um gesto largo os sete assentos judeus — é uma zona livre de arianos! Vocês todos estão *proibidos* de entrar, uma vez que nenhum menino judeu deve ser forçado a se associar a vocês. Esta ordem — Otto ladrou, imitando o homem na fotografia que estava pendurada na parede — é a minha vontade inalterável!

O silêncio atordoado que seguiu a chocante insolência durou talvez dois segundos. Apenas o tempo suficiente para Paulus manobrar sua cadeira de modo a ficar de costas para a parede.

Em seguida, o caos se instalou.

É verdade que alguns dos meninos "alemães" acharam o protesto de Otto engraçado e riram, e um ou dois até bateram os tampos de suas escrivaninhas. Mas um número suficiente deles ficou indignado e formou imediatamente um esquadrão de retribuição. Oito garotos levantaram-se de um pulo e se empilharam sobre Otto. Mesmo em maior vantagem, os atacantes não se deram bem. Otto era um feixe de músculos e, graças às aulas de boxe, sabia como usá-los. Além disso, o espaço era limitado e obstruído por mesas, então a força dos atacantes não poderia ser exercida em sua totalidade. Os dois primeiros meninos foram derrubados antes que os outros conseguissem fechar em Otto e arrastá-lo para o chão.

Enquanto isso, Paulus havia se levantado e estava tentando se defender de outros meninos que tinham contornado as mesas, a fim de atacar os gêmeos pela lateral. Paulus sabia, claro, que não havia maneira de se manter fora do

combate. Desde o jardim de infância, todos na escola percebiam os meninos Stengel como um par.

Foi preciso que o mestre e mais dois professores das salas de aulas próximas se juntassem para separar a briga e, mesmo assim, só se metendo no meio e na base da distribuição de bengaladas a torto e a direito. Quando alguma ordem foi restabelecida, Otto foi arrastado para a frente da sala, onde ficou em pé, limpando o sangue de seu rosto e olhando para seus atacantes com os olhos inchados de feroz agressividade.

— Você vai comparecer à sala do diretor imediatamente, Stengel — o mestre gritou —, onde, não tenho dúvida, você será surrado e depois expulso.

— Tarde demais — Otto cuspiu de volta, através dos lábios ensanguentados. — Eu estou caindo fora! Otto *erwacht*! — ele gritou, imitando o *slogan* "Desperta, Alemanha!", tão amado pelos nazistas. — Vocês roubaram meu pai! Não vão me pegar também.

E, com isso, Otto saiu da sala de aula para nunca mais voltar.

O mestre voltou-se para Paulus, os lábios trêmulos de fúria por aquela afronta judaica.

— Bem, Paulus Stengel? — ele disse. — Tem alguma coisa a acrescentar?

— Não, senhor, absolutamente não, senhor! — Paulus respondeu, colocando-se em posição de sentido. — Estou muito feliz em sentar-me em qualquer lugar que a escola generosamente me permitir, senhor! Também peço desculpas abertamente pela exibição vergonhosa de meu irmão. Ele é um estúpido cabeça quente, mas vai descobrir onde é o seu lugar, eu juro, e, até lá, peço-lhe que perdoe sua loucura.

— Muito bem, então, judeu — disse o mestre, que não podia estar mais satisfeito com aquela demonstração de submissão —, você pode voltar para os seus livros.

Golfinho encalhado

Berlim, 1935

Logo após a emissão do decreto segregando salas de aula, os judeus foram proibidos de usar as piscinas públicas.

Este foi um golpe particularmente cruel para Dagmar Fischer.

A natação sempre fora fundamental em sua vida, e, desde a morte de seu pai, ela se refugiava no isolamento e no anonimato da água cada vez mais. A bela piscina pública em Charlottenburg e o vasto lago em Wannsee tornaram-se seu santuário. Ali ela encontrava paz e consolo. Cortando a água fria com braçadas velozes de uma campeã, ela podia por um momento se esquecer da agonia da prisão e do assassinato de seu pai. Mergulhando, nadando, batendo as pernas numa elegante e precisa exibição de balé para ninguém ver além de si mesma, ela podia por uns breves instantes lavar o gosto da calçada da Ku'damm de sua memória.

— De certa forma, estou contente que papai não esteja aqui para nos ver proibidos de usar as piscinas — disse ela para os meninos Stengel, lutando para conter as lágrimas, como sempre acontecia ao pensar em seu pai assassinado. — Ele me ensinou a nadar quase antes mesmo que eu aprendesse a andar. Eu tinha 2 anos, estávamos no Lago de Como, na Itália. Ele costumava me chamar de Dagmar, o golfinho. Ele tinha tanto orgulho de mim...

Dagmar era, de longe, a melhor nadadora em sua escola. Uma verdadeira atleta, magra e forte, e quando entrou na adolescência seus treinadores achavam que ela tinha um verdadeiro potencial.

— Quando anunciaram que os Jogos Olímpicos seriam realizados em Berlim, papai e eu realmente dançamos juntos! É verdade, sabe? Eu sei que parece engraçado imaginar isso, ele normalmente era tão severo e formal. Mas, naquele dia, ele me agarrou e nós dançamos. Ele já me via ganhando o ouro para a Alemanha! Claro que isso foi antes dos nazistas. Agora eu não estou sequer autorizada a treinar, quanto mais competir. O que eles pensam? Que de alguma forma um pouco do meu judaísmo irá se dissolver na água e entrar por seus narizes alemães puros e preciosos?

Em seguida, as lágrimas começaram a correr livremente e os meninos se entreolharam impotentes, como sempre faziam quando Dagmar chorava.

— Seria uma sorte para eles — Otto rosnou. — Não se esqueça, Dags, que eles estão fazendo isso só porque sabem que somos muito melhores do que eles. É por isso que nos odeiam.

— Isso é tão *estúpido*! — Paulus suspirou de frustração. — *Escute* só o que você está dizendo! *Eles* acham que são a maldita raça superior, *nós* achamos que somos o povo escolhido. Fodam-se eles, digo eu. Eu sou eu. Isto é tudo. Apenas eu.

— Sim, e você é um idiota — Otto respondeu.

Ele estava se comunicando por meio de grunhidos ofegantes enquanto fazia flexões no macio tapete cor-de-rosa de Dagmar. Otto raramente deixava um momento passar em repouso físico, estava sempre se exercitando. Treinamento para as batalhas vindouras.

Era uma tarde de domingo, o momento mais chato da semana. Paulus e Otto estavam sentados com Dagmar em seu quarto, um dos poucos lugares em Berlim nos quais não eram barrados.

— Não vejo por que não nos devemos achar especiais, Pauly — Dagmar exclamou, estendendo-se na cama e soprando a fumaça do cigarro para o teto. — Afinal de contas, temos que aturar o bastante por causa disso.

— Porque, Dags — Paulus respondeu —, essa conversa de sermos o povo escolhido é a mesma besteira elitista racial que eles falam. Pessoas são pessoas e, de qualquer forma, todos nós começamos como macacos. Otto provavelmente seria um nazista se ele não fosse judeu.

— Vá se foder! — Otto resmungou, com as mãos atrás da cabeça, o rosto vermelho e as veias saltando.

— Oh, muito erudito, devo dizer — Paulus zombou. — Você é um idiota. "Vá se foder!". Argumento brilhante, Ottsy. Dá até para ver por que *você* faz parte do *povo escolhido*. Deve ser por causa de suas competências linguísticas.

— *Noventa e dois. Noventa e três* — Otto bufou.

— Viva! O macaco sabe contar — disse Paulus.

— Cem! — Otto grunhiu triunfante, deitado de costas, peito arfando, olhando para o teto. — Eu só estou dizendo, Pauly — ele continuou —, que eles não vão deixar a Dag nadar porque estão com medo de que ela possa vencer. Esse é o motivo!

— É claro que eu iria vencer! — Dagmar disse com raiva. — Eu sempre venço... Ou eu sempre vencia. Agora, o que eu faço? Não posso correr na pista, não posso nadar na piscina ou nos lagos. Só posso engordar e envelhecer sentada nesta maldita casa!

Dagmar e sua mãe ainda ocupavam a mesma mansão em Charlottenburg-Wilmersdorf em que viviam antes dos nazistas, embora agora muitos dos aposentos se encontrassem fechados e Frau Fischer empregasse uma equipe muito reduzida, já que os judeus não tinham mais permissão de empregar arianos.

O casarão tinha se tornado uma prisão. Desde a morte do marido, Frau Fischer vinha tentando desesperadamente obter a sua abortada imigração. Mas, enquanto elas ainda tinham um visto de entrada para os Estados Unidos, seus vistos de saída alemães haviam sido retirados. Os nazistas não eram outra coisa senão vingativos e tinham decidido que pagar com a vida não era um castigo suficiente para Isaac Fischer por dizer a verdade sobre o estado alemão; sua família teria de sofrer também. Na semana anterior mesmo, Frau Fischer havia

recebido mais uma rejeição à sua solicitação para deixar o país. Uma rejeição ainda mais triste e cansativa porque ela havia enfrentado seis horas em uma fila na sede da Wilhelmstrasse para fazer seu pedido.

— Dizem que nós vamos espalhar mentiras sobre eles como pretexto para não nos deixarem ir — explicou Dagmar, infeliz.

— Bem, talvez acabe sendo melhor assim, não é? — Otto disse, ainda deitado de costas enquanto erguia a cadeira da penteadeira de Dagmar como se fosse um haltere. — Porque você pode vir comigo para a Palestina.

— Palestina? — Dagmar perguntou com certa surpresa, por nunca ter ouvido Otto sequer mencionar o lugar antes.

— Ah, sim — Paulus disse com sarcasmo —, você não sabe? Otto é um sionista agora. Vá se foder, Otts, você nem sabe onde fica a Palestina!

— Sim, eu sei! — Otto protestou. — Fica logo abaixo da Turquia... Mais ou menos. Não é?

— É no Oriente Médio e já está cheia de árabes — disse Paulus.

O recente anúncio de Otto de que ele decidira se tornar um sionista havia ao mesmo tempo divertido e frustrado o seu irmão. Muitos dos judeus em Berlim haviam começado a falar sobre a tentativa de chegar à Palestina. Os próprios nazistas encaravam a ideia como uma possível forma de lidar com o seu "problema".

— É a nossa pátria — Otto continuou em tom desafiante —, isso é tudo que eu preciso saber sobre ela. Ano que vem, Jerusalém!

Até Dagmar riu com aquilo. No passado, não poderia ter havido um cidadão menos politizado do que Otto Stengel. Nem alguém menos religioso ou espiritual. Otto era um adolescente arquetípico. Seus interesses eram esportes, carros, comida, música e Dagmar. Na escola, as únicas aulas de que ele gostava eram carpintaria e arte, e o seu único interesse remotamente reflexivo era a música. Agora, depois que pegara alguns panfletos ilegais em cafeterias judaicas, Otto, de repente, começara a usar a linguagem política sionista.

— Pátria! — Paulus protestou. — Pátria? *Dois mil* anos atrás, Otts! Acredite ou não, companheiro, as coisas mudaram. A Palestina agora é a pátria de... quem? Oh, deixe-me ver. Ah, sim, eu me lembro: dos *palestinos*. Entendeu? Os palestinos vivem na *Palestina*. Há uma pista nos nomes. E eu não acho que eles vão ser muito gentis com um garoto judeu-alemão de 15 anos de idade aparecendo por lá e dizendo que é dono do lugar.

— Nós vamos pegá-lo de volta — Otto disse sombriamente. — Nós não temos escolha.

— Que maravilha! — Paulus retrucou. — E, quando fizerem isso, talvez você possa proibir todos os árabes de frequentar os parques e as piscinas.

Este argumento lembrou Dagmar de sua aflição mais imediata.

— Há dez anos que eu frequento a nossa piscina local — disse ela amargamente. — Desde que eu tinha 5 anos. Eu conheço todos os atendentes, a maioria deles já me paquerou. E, então, ontem eles me disseram que eu não podia nadar. Era uma excursão da escola também. Tive que esperar em um escritório com duas outras meninas judias enquanto toda a minha turma entrou. Foi tão *humilhante*... As garotas costumavam implorar para ficar em minha

equipe. *E* a escola comprou todos os trajes de banho na loja do papai a preço de custo. E ainda os estão usando!

E ela chorou mais uma vez. Lágrimas desesperadas e impotentes.

Afora o golpe terrível da morte de seu pai, a mudança na situação de Dagmar havia sido mais acentuada e mais brutal do que para a maioria dos judeus de Berlim. Eles, como qualquer cidadão comum, tinham pelo menos alguma experiência com restrições mesquinhas, humilhações e decepções. A vida de Dagmar, no entanto, até 30 de janeiro de 1933, fora quase exclusivamente fabulosa e abençoada. A amada filha única de pais extremamente ricos e amorosos que viviam no coração da cidade mais excitante da Europa. Poucas meninas na Terra foram tão mimadas e poucas poderiam esperar um futuro mais emocionante ou glamouroso. Agora, a memória brilhante daquela vida passada caçoava de Dagmar. Todos os dias ela encontrava uma ou outra pessoa que já a bajulara e que, agora, suspeitava ela, regozijava-se com sua angústia.

Dagmar enxugou as lágrimas dos olhos, à procura de um lenço, e fingiu espirrar.

— Viu? — Otto murmurou, lançando um olhar sombrio a Paulus. — Você percebe o que está acontecendo? Eles estão acabando com a gente. Precisamos *fazer* alguma coisa.

— Estou fazendo algo — disse Paulus.

— O quê? *Estudando*?

— É. Estudando.

— Ha! E de que adianta isso? Os judeus sempre estudaram! *Estudem! Estudem! Estudem!* Mamãe nunca se cala sobre isso. Para quê? Que bem isso nos fez? Foda-se isso. Você quer ser um advogado? Que piada! Existe *lei* para nós? É a *lei* que está nos aniquilando. Além disso, os judeus não podem *ser* advogados, podem? Nem ter qualquer tipo de trabalho decente. Você só acabará sendo um mendigo realmente bem qualificado!

— Sim, bem, deixe-me dizer-lhe uma coisa — Paulus respondeu. — Quando eu sair deste país, seja para a Palestina, Londres ou Tombuctu, vou estar preparado. Terei habilidades para oferecer. É muito bom você levantar pesos e sair por aí com uma faca no bolso, mas você não pode lutar contra todos eles. Você precisa *planejar*.

Paulus poderia ter continuado seu sermão, mas estava sentado no chão, com as costas contra a extremidade da cama de Dagmar. Ela estendeu suas longas pernas de modo que seus pés descalços ficaram pendurados sobre a borda, muito perto do rosto de Paulus, e até mesmo sua mente analítica era incapaz de permanecer concentrada, estando em tal proximidade com qualquer parte da pele nua de Dagmar.

— Eu *odeio* a escola agora — disse ela, sacudindo os pés e mexendo os dedos por frustração —, agora que eles começaram a nos fazer sentar separadamente.

Paulus não estava escutando. Estava perdido na visão de suas unhas dos pés perfeitamente pintadas e de seus tornozelos bem torneados balançando tão perto. Otto estava olhando também.

Ambos os meninos estavam simplesmente loucos para beijar aqueles pés.

— Eu e as outras duas meninas judias — Dagmar continuou, dirigindo-se ao teto, pelo menos uma vez ignorando o efeito estupefaciente que qualquer parte do seu corpo provocava nos gêmeos Stengel —, separadas em um pequeno cantinho da vergonha. Nós nem éramos amigas antes. Elas são bolsistas que não pagam mensalidades. Eu costumava olhar para elas com superioridade, secretamente, o que parece engraçado agora. Agora que também sou olhada assim.

— Pessoalmente, eu não ligo a mínima para essa coisa de sentar separado — Paulus disse, deslizando para longe da extremidade da cama, incapaz de suportar a pressão e a frustração causadas pelos dedos do pé de Dagmar com as unhas pintadas de vermelho. — Por que me importaria? Estou lá para estudar, não para falar. Eles que se danem! Se deixaram de ser meus amigos por causa de uma lei, então, eram umas porcarias de amigos, de qualquer jeito. Eu só não deixo isso me incomodar.

Dagmar balançou as pernas do lado de fora da cama, quatro olhos famintos seguiam cada movimento seu. Tirou um maço de cigarros da pequena gaveta de sua mesinha de cabeceira.

— Caramba, Dags, você está virando uma escrava do cigarro — disse Paulus. — Será que sua mãe não vai sentir o cheiro?

— Ela vai, mas e daí? Eu costumava fazer o que ela dizia, mas agora, que o papai se foi, tudo é diferente. Eu já nem me preocupo em abrir uma janela. Para ser franca, não acho que ela se importe de qualquer maneira.

Os meninos assentiram, mas não entenderam de fato. O encarceramento do pai deles em um campo de concentração, como não poderia deixar de ser, havia afetado extremamente sua vida familiar, mas não mudara a sua atitude básica em relação à autoridade da mãe. Talvez fosse porque ela sempre fora mais a chefe da casa do que Wolfgang.

Dagmar ofereceu os cigarros aos garotos.

— São franceses — Dagmar disse. — Gitanes. Eu tenho um *pen pal* francês que me envia.

Os três fumaram um pouco, em silêncio.

— Acho que vou fazer o que você fez, Otts — Dagmar disse com súbita malícia. — Largar a escola. Eu a *odeio* agora. A maneira como eles todos olham para mim. É como... é como se eu estivesse doente ou algo assim. A maioria deles está tentando ser legal, mas, na verdade, isso só torna as coisas piores. Eu sou a pobre criança com a doença incurável de ser judia. E depois tem *ele*. *Ele* está lá, sempre lá.

— Quem?

— *Ele*, é claro. Aquele homem! Em todos os lugares, pendurado em todas as salas de aula. Vigiando com aquele olhar de completo maluco que ele é. O homem que matou meu pai. O homem que não me deixa sequer nadar. O que há de *errado* com ele? Por que ele se *importa* com o fato de eu nadar ou não?

Dagmar tragava ferozmente, num esforço para não começar a chorar de novo.

Paulus e Otto se entreolharam, impotentes em face de sua aflição.

— Não largue a escola — Paulus disse, gentilmente. — Não deixe que eles a derrubem.

— Besteira — Otto bufou. — Largue, sim. Danem-se eles! Por que você deve sentar-se ali, enquanto eles cantam aquela maldita música, Horst Wessel? Eu sei por que Pauly estuda o tempo todo. É porque assim pode escrever para você aquelas estúpidas cartas em latim que ele acha que são tão inteligentes!

Paulus ficou horrorizado. — Você andou espiando o meu caderno, seu bastardo!

— Sim... e que monte de porcaria! *Pulchra es amo te*... procurei o significado. Oh, você é tão bonita, Dags, e ele a ama! *Oculi tui sicut vasa pretiosa*... seus olhos são como joias preciosas! Ha ha! Que monte de babaquices!

Paulus estava vermelho de raiva, com os punhos cerrados.

— Vá se foder, Otts! — disse ele, levantando-se.

— E você vá se foder o dobro — Otto respondeu, erguendo-se da pequena cadeira cor-de-rosa e dourada da penteadeira em que tinha acabado de se sentar, encarando o seu irmão.

— Vocês *não* vão lutar aqui, meninos! — Dagmar gritou, mas com um sorriso raro: a rivalidade entre os gêmeos por seu afeto sempre a animava um pouco. — Todas as minhas coisas especiais estão aqui, e vocês são dois brutamontes agora e vão quebrar tudo. De qualquer forma, Ottsy, eu *gosto* das cartas em latim de Pauly.

— Eu queria fazer alguma coisa para você que fosse especial — Paulus murmurou defensivamente, vermelho de vergonha —, então você saberia que eu tinha me esforçado e ficaria impressionada.

— Por que você não talha uma carta para ela no Portão de Brandemburgo? Isso seria um esforço.

— Estou impressionada, Pauly — disse Dagmar. — Eu amo as suas cartas. Por um lado, elas me fazem prestar atenção na aula para que eu possa realmente lê-las. Minhas amigas não podem acreditar que eu tenho um menino que me escreve em latim... Ou um menino que me escreve canções, Ottsy.

— *Canções*? — Paulus exclamou. — Ele vem escrevendo músicas para você?

— Sim, você não sabia? — Dagmar sorriu. — Elas são tão doces...

— Seu idiota sonso! Quando você faz isso?

— Enquanto você está na escola sendo um idiota e estudando, companheiro.

— Quer dizer que ele tem vindo aqui escondido sem mim e toca músicas para você?

— Bem, só fez isso uma ou duas vezes — Dagmar admitiu timidamente.

— Para você ver, Pauly — Otto cantarolou. — O fato de você estudar mais não significa que você seja o mais inteligente.

— Não precisa ficar com ciúmes, Pauly — Dagmar disse suavemente. — Vocês sabem que eu amo vocês dois.

— Sim, bem, um dia você vai ter de escolher, você sabe — Paulus desabafou. — Você sabe que eu sempre lhe disse isso.

— Sim. Isso é uma coisa com a qual ele e eu concordamos, Dags. Uma hora, você vai ter de escolher.

— Bem, talvez eu escolha aquele que possa me tirar deste país — disse Dagmar.

Ela disse aquilo brincando, mas havia um desconfortável fundo de verdade na brincadeira. O desafio premente da sobrevivência nunca se afastava de suas mentes.

— Eu vou tirar você daqui, Dags — Paulus disse com firmeza.

— Não, Dags, eu vou tirar você daqui.

— Bem, então... — Dagmar disse alegremente. — Parece que nós três vamos sair juntos. Não vai ser divertido?

Novas leis

Berlim e Nuremberg, 1935

Wolfgang não morreu em cativeiro nazista.

Os campos de concentração da SA criados com tanta pressa durante a sua primeira orgia de poder ainda não eram as fábricas de morte que se tornariam mais tarde com o comando da SS. Wolfgang voltou para casa, assim como Paulus havia dito que faria.

— É a Olimpíada no ano que vem — um guarda debochou quando Wolfgang e um grupo de outros prisioneiros saíram pelo portão de madeira e arame caminhando com dificuldade, mancando ou mesmo se arrastando. — Temos que parecer delicados para o mundo, não é? Talvez vocês possam formar uma equipe de revezamento.

A piada não passou despercebida pelas figuras esqueléticas de faces encovadas enquanto elas cambaleavam em direção a uma suposta liberdade. A saúde de qualquer pessoa que houvesse sobrevivido por um ano ou mais aos cuidados das Tropas de Assalto com certeza estaria completamente comprometida, e Wolfgang não era exceção. A dieta de fome, o duro trabalho físico e a exposição às intempéries levaram seus principais órgãos ao ponto de quase colapso. Ele se tornara reumático, seu fígado e seus rins estavam fracos, e também havia contraído tuberculose. Esta última, obviamente, significava que ele não poderia mais tocar seu amado trompete por mais do que alguns minutos de cada vez.

— É como cortar os pés de um jogador de futebol — dissera ele.

Ainda poderia, no entanto, tocar violino e piano, tendo feito tudo ao seu alcance para proteger suas mãos durante o cativeiro.

— Eu costumava cerrar os punhos quando me batiam — disse para Frieda. — E quando me derrubavam, mantinha minhas mãos embaixo de mim. Os guardas gostavam de pisar nos dedos dos prisioneiros, por isso eu mantinha os meus fora do caminho. A maioria dos caras protegia suas bolas, eu cuidava dos meus dedos.

— Muito obrigada! — Frieda tentou brincar. — Nem pensava em mim, então!

— Não se preocupe, querida — Wolfgang sorriu. Um sorriso encovado, banguela. — Minhas bolas são feitas de aço, você sabe disso. A SA costumava quebrar os dedos dos pés nelas.

Wolfgang gostou desta piada e repetiu-a muitas vezes nas semanas após seu retorno, sempre provocando uma careta em Paulus e Otto, e em Silke também, que continuava a passar o máximo de tempo que podia no apartamento dos Stengel.

— Nós realmente não queremos ouvir sobre você e mamãe e esse tipo de coisa — disse Paulus.

— Sim — Silke concordou —, é muito nojento ouvir as pessoas de idade falando de sexo e outras coisas.

Wolfgang sorriu. — É difícil pensar em vocês, crianças, sendo reticentes sobre qualquer coisa agora — disse ele —, depois de tudo que aconteceu.

Wolfgang olhou para o chão. Para o espaço onde antes costumava ficar o grosso tapete azul.

Claro que uma das primeiras coisas de que Wolfgang tinha sabido ao voltar para casa fora o que havia ocorrido no apartamento na noite de sua prisão. Como sua esposa quase fora estuprada e seus dois filhos, de 13 anos de idade, auxiliados por Silke, tinham golpeado e sufocado até a morte o atacante de Frieda, ali mesmo onde eles estavam agora.

— Por favor, Wolf — disse Frieda, uma sombra atravessando o seu rosto —, eu tento não pensar nisso.

— Eu sei, Freddie — Wolfgang respondeu. — É uma coisa terrível, mas, mesmo assim, estou muito orgulhoso dos meninos e de Silke. Eu me pergunto se teria a coragem de fazer o que eles fizeram.

— Você teria, papai — Otto assegurou.

— Sim — Paulus concordou. — Você não teria pensado duas vezes. Nós também não pensamos.

Os três jovens trocaram olhares. Raramente conversavam sobre aquilo, ou mesmo tocavam no que tinha acontecido naquela noite terrível, mas era algo que estava sempre com eles e muitas vezes em seus sonhos.

Se o assunto era abordado abertamente, geralmente era nas ocasiões em que Dagmar estava lhes fazendo uma de suas visitas cada vez mais raras. O fato de os outros três membros do Clube dos Sábados terem passado por uma experiência tão brutal e transformadora juntos era algo de que ela sempre parecera um pouco ciumenta. Embora os gêmeos amassem Dagmar, e só Dagmar, ela entendia que, ainda assim, Silke compartilhava uma coisa com eles da qual ela ficara de fora.

— Eu teria feito isso — sempre insistia. — Eu o teria matado ou, pelo menos, teria feito o que Silke fez.

— Eu ajudei a enrolá-lo! — Silke retrucava desafiadoramente. — E eu ajudei a jogá-lo no rio!

— Talvez você devesse contar às suas amigas na BDM sobre isso — Dagmar comentou um dia, quando, apesar dos protestos de Frieda, o assunto surgiu mais uma vez. — Poderia ser uma de suas histórias de acampamento, em volta da fogueira.

Silke corou; estava usando o uniforme da Liga das Moças Alemãs. Sempre se sentia constrangida quando ia visitar os Stengel com suas insígnias nazistas, mas ela não tinha muita escolha. Como muitas meninas da classe trabalhadora,

seu uniforme BDM era de longe o melhor traje que tinha. Além do que, naquela ocasião, ela estava em serviço, tendo ido lá para dizer adeus antes de partir para o Comício de Nuremberg de 1935.

— Não posso acreditar que eles estejam fazendo você sair agora, Silke — Frieda disse, feliz por encontrar uma maneira de mudar de assunto. — Tem um mês ainda até o comício.

— Eu sei. Mas adivinhem? Vamos *andando* até lá. É verdade! De Berlim a Munique. Jovens de todo o país farão o mesmo. Aparentemente, isso mostra quão durões e unidos todos nós somos.

— Estão afastando as crianças de suas famílias por um mês?

— Você não ouviu a piada? Que, com a Juventude Hitlerista, a BDM, a SA e a Liga Feminina, a única ocasião em que uma boa família alemã se reúne hoje em dia é no Comício de Nuremberg.

Frieda deu um sorriso triste. — E a escola, como fica?

— O partido não se preocupa com a educação. Apenas com lealdade.

— Eu acho — Dagmar disse, com um muxoxo — que você poderia pelo menos tirar a braçadeira quando viesse visitar os Stengel. Aqui é, afinal de contas, um dos poucos lugares em Berlim em que não temos de olhar para suásticas.

Silke certamente constituía uma figura incongruente na sala de estar dos Stengel, com suas grossas marias-chiquinhas louras presas debaixo de uma boina preta e uma suástica estampada na manga de sua blusa marrom.

— É costurada — Silke protestou —, e não zombe assim. Não é minha culpa.

— Não, *claro* que não é. Nada disso é culpa de ninguém, exceto dos próprios judeus, não é?

— Vamos, Dags — disse Paulus. — Só porque ela está na Liga das Moças Nazistas não significa que ela seja uma nazista.

— E duvido que ela seja uma donzela também — Dagmar observou.

— Dagmar! — Frieda protestou.

— Eu não sou nazista — Silke afirmou com veemência. — Sou comunista, você sabe disso.

— É a mesma coisa — disse Dagmar.

— Isso é uma coisa muito estúpida de se dizer — Silke respondeu. — Nós, comunistas, odiamos os nazistas.

— Você não sabe nada sobre o comunismo — Dagmar respondeu arrogantemente.

— Eu sei muito mais do que você — disse Silke. — Estive lendo. Fizemos uma queima de livros e surrupiei alguns Marx e Lenin. Muitos jovens roubaram livros. Uma amiga minha pegou algo chamado *O Poço da Solidão*, porque é sobre lésbicas e ela acha que é uma. Nem todas as meninas da BDM são nazistas, sabe? Muitas de nós apenas se divertem.

— Com o quê? Marchando? — Dagmar retrucou. — Parece *hilariante*.

— Não marchamos tanto — Silke respondeu, seu habitual bom humor voltando. Raramente permitia que o esnobismo de Dagmar a irritasse por muito tempo. Em parte, em consideração por tudo o que Dagmar havia perdido, e

também porque já havia percebido que os gêmeos, cuja aprovação ela desejava, sempre ficavam do lado de Dagmar no final. — Há um pouco de exercícios com bolas e saltos através de aros e agitação de lenços — Silke continuou —, mas não é como a Juventude Hitlerista. Eles não estão tentando nos transformar em soldados. É muito mais flexível na BDM porque, basicamente, o partido não se importa muito com as meninas.

— Você fala como se realmente gostasse de estar na BDM.

— Bem, para falar a verdade, eu gosto. Nós fazemos um monte de acampamentos e viagens e eu aprendi a tricotar também.

— Sim, bem, sorte de alguns — Dagmar comentou secamente. — Devo admitir que seria bom ir para um acampamento ou fazer um passeio de vez em quando, mas, como você sabe, *nós* não somos autorizados a ir a qualquer lugar.

— Sim, eu sei, Dags — Silke disse com veemência. — E sinto muito por tudo isso, mas não se esqueça de que você teve muitas férias antes. Eu não, sequer uma única vez. As minhas primeiras férias *na vida* foram na BDM. Pessoas da classe trabalhadora não tinham essa chance antes... — ela parou, um pouco envergonhada. — Quero dizer... Não estou afirmando que é melhor agora. Você sabe que eu não acho isso... É que, na verdade, é melhor para *mim*, só isso.

— Fico muito feliz por você — Dagmar respondeu.

Frieda interveio, sempre pacificadora.

— Bem — ela disse suavemente —, tenho certeza de que você vai se divertir muito em sua caminhada, Silke, e o comício vai ser muito... interessante. Os jornais continuam a dizer que vai ser ainda maior do que no ano passado, embora eu realmente não veja como isso possa ser possível. Havia setecentas mil pessoas no último.

O comício de 1934 havia sido transformado em um filme de sucesso chamado *O Triunfo da Vontade*, registrando para o mundo inteiro a incrível magnitude do triunfalismo nazista. Frieda tinha ido ver o filme por uma espécie de fascinação mórbida. Não se exigia nenhuma identificação para comprar um bilhete. Ninguém imaginava que um judeu iria querer assisti-lo.

— Todas aquelas centenas de milhares de fileiras de pessoas — disse ela — formando linhas retas perfeitas. Como toda aquela gente fazia para ir ao banheiro?

— Você simplesmente faz xixi onde der — Silke explicou —, nos cantinhos, às vezes, até mesmo onde você está. Nas calças, se estiver na frente; aquelas pobres pessoas ficaram esperando por oito horas ou mais. O mau cheiro nas áreas das privadas era simplesmente horrível, mas é claro que não dá para saber disso pelo filme. Pode ter sido um triunfo da vontade, mas não foi um triunfo do saneamento básico. Este ano, vou tentar não beber nada na manhã do desfile.

No final das contas, o comício de 1935 foi maior do que o seu famoso predecessor e, pelo menos para os judeus da Alemanha, muito mais significativo.

Haveria novas leis. Leis que iriam formalizar a discriminação antissemita, que já era o centro da vida nacional alemã. As Leis de Nuremberg, como vieram a ser conhecidas.

Silke, que estava lá, não conseguia entender o que estava sendo dito, de pé como estava na octogésima fileira e se contorcendo para ir ao banheiro. Para

ela, a voz áspera e abafada ecoando por todo o vasto campo de desfile soava como um cachorro latindo de dentro de um barril.

Mas Frieda, ouvindo-a pelo rádio, em Berlim, distinguia de forma muito clara a voz do *líder* e compreendia o que aquilo significava para a família dela. Para os seus filhos.

— Wolfgang — ela sussurrou —, temos de contar para os meninos.

Wolfgang vinha lutando para evitar chegar à mesma conclusão.

— Você tem certeza? — perguntou ele. — Estas leis não parecem ser muito diferentes do que já vem acontecendo.

— Eu sei, Wolf — Frieda respondeu —, mas você não percebe? Eles estão tornando tudo legal agora. De maneira lenta e segura, estão nos colocando em uma posição em que a lei não só não vai nos proteger, mas irá, de fato, nos destruir... *legalmente*. É como se eles estivessem construindo uma forca pouco a pouco, tábua por tábua, de maneira que, no momento em que eles nos colocarem sobre o alçapão, com a cabeça no laço, parecerá inevitável, apropriado, a coisa *correta* a fazer. Acabar conosco será uma exigência *legal*. Uma questão administrativa. Além de seu controle. Sinto muito e tudo mais, mas é a lei!

— Bastardos — foi tudo que Wolfgang conseguiu dizer.

— Mas, claro — Frieda prosseguiu, com a voz cheia de emoção —, é a lei para apenas três de nós.

Por um momento, houve um silêncio entre eles. Um reconhecimento mútuo do segredo que tinham compartilhado por quinze anos. Um segredo que um dia fora apenas um caso de família. Uma questão de sentimentos particulares. Algo que eles sabiam que um dia teriam de enfrentar, mas que tinham a intenção de fazer de tal maneira que os quatro membros da família Stengel pudessem continuar como antes.

De fato, nos anos anteriores, quando Frieda e Wolfgang haviam discutido como acabariam por contar aos meninos sobre a adoção, tinham estabelecido que o plano, a princípio, era só lhes dizer que um deles havia sido adotado e não revelar qual. Afirmando que era uma questão sem importância e que poderiam ou não contar-lhes a história completa mais tarde.

Porque não dava mesmo para distinguir qual dos dois era o adotado. Nenhum dos garotos parecia mais ou menos filho de seus pais do que o outro. Paulus era estudioso e dedicado como a mãe. Otto era selvagem e menos diligente como o pai. Otto tinha talento musical, como Wolfgang, enquanto Paulus estava planejando uma carreira, uma carreira por meio da qual esperava um dia ser capaz de ajudar as pessoas, assim como sua mãe fazia. Tinha a tez mais morena e os cabelos castanhos de Frieda, enquanto Otto compartilhava com o pai a mesma lourice e a tendência a sardas.

— Se alguma vez houve uma experiência interessante em que a criação sobrepujou a natureza — Frieda frequentemente observara durante os anos despreocupados —, foram os nossos meninos. Poderia escrever um artigo sobre isso um dia.

No entanto, na Alemanha de Hitler, o debate sobre criação e natureza estava morto havia muito tempo. Algo chamado "sangue" era tudo.

"Sangue", gritava *aquele homem* pelo rádio.

“Sangue” alemão que deve ser protegido a todo custo.

Cada pessoa no país iria ter seu “sangue” examinado para determinar quanto de sangue “alemão” e “judeu” corria em suas veias.

O segredo que havia começado na escola de medicina de Berlim-Buch, em 1920, já não poderia permanecer um segredo.

Gesto romântico

Berlim, 1935

Até a idade de quatorze anos e meio, Otto e Paulus tinham feito praticamente tudo juntos. Riram juntos. Lutaram juntos. Apaixonaram-se pela mesma garota juntos. E mataram juntos.

O último e mais terrível desses laços nascera, naturalmente, da necessidade urgente, pois não tinham escolha. Quando Otto decidiu atacar novamente, formando o que ele chamou de seu esquadrão de retaliação, visando assaltar um membro da tropa de choque, os irmãos se separaram.

— Nós fizemos pior antes — Otto disse sombriamente quando Paulus expressou sua completa oposição ao plano. — Você já fez pior, você sabe disso.

— Cale a boca, seu filho da mãe idiota! — Paulus sibilou. — *Nunca* devemos falar sobre isso por aí, está ouvindo?

— Falo sobre o que eu quiser — Otto respondeu —, e faço o que eu quiser. E vou fazer isso.

— Então, você está completamente louco — disse Paulus. — Você vai ser morto e vai partir o coração da mamãe.

Mas Otto foi categórico. Havia chegado a hora de lutar. Era preciso descer do muro, armar um contra-ataque. Não importava quão pequeno ou insignificante fosse um gesto, alguém tinha de fazer alguma coisa.

Dagmar adorou a ideia.

Na verdade, seus olhos definitivamente brilharam com emoção quando Otto revelou seu plano em uma das muitas noites a três que eles passavam fumando juntos no quarto rosa-pastel de Dagmar. O pensamento de ação, ação *vingativa*, era como uma pequena faísca na escuridão de sua existência de pesadelo.

— Mas o que você quer dizer com "esquadrão da retaliação"? — perguntou ela.

— Exatamente isso — Otto disse, tentando parecer casual e prosaico. — Eu e um grupo de rapazes judeus da área vamos surrar um nazista. Há até uma dupla de não judeus que quer participar da ação, comunistas ou algo do gênero — ele continuou —, mas não vamos deixar. Essa luta é nossa.

— Exatamente — respondeu Paulus. — Que é o que a polícia vai pensar também quando vierem atrás de nós.

— Eles não vão saber que foram judeus que fizeram isso — disse Otto. — Já pensei em tudo. Vamos levar o dinheiro do cara para parecer que foi um

assalto. De qualquer forma, mesmo que eles nos culpem, o que mais podem fazer com a gente?

— Você está louco? Você não viu o que eles fizeram com o papai naquele campo? O que eles fizeram com Herr Fischer?

Evocar o destino do pai de Dagmar teve o efeito oposto ao que Paulus queria. Ao escutar aquilo, Dagmar passou a encorajar Otto ainda mais, o que era, naturalmente, tudo que ele precisava ouvir.

— Isso mesmo, Pauly — Dagmar exclamou em um tom amargo. — Eles mataram o meu pai. Eles *o mataram*, Pauly. E agora Otto vai dar uma boa surra em um deles. Se houvesse justiça no mundo, Otto iria matar o filho da puta.

— Não! — Paulus protestou.

— É o que eu farei se for essa a sua vontade, Dags — Otto disse ansiosamente. — Farei mesmo. Vou fincar a porra da minha faca na garganta do sujeito.

— Não — disse Dagmar, acalmando-o. — Não, não quero que você o mate. Não por mim. Pauly tem razão quanto a isso. Eles virão atrás de nós todos, com certeza. Haveria um tumulto. Mas você pode atacar o cara e fazer parecer um assalto.

— Bem... — Otto murmurou. — Ok. Matarei um da próxima vez, hein?

— Sim — disse Dagmar, a boca dura, os olhos frios —, e, enquanto isso não acontece, dê ao cara apenas algo em que pensar. Faça isso por mim. Na verdade, quero uma lembrança. Que tal trazer-me os botões da camisa dele?

Paulus ergueu os olhos alarmado. Sabia que nada no mundo poderia ser mais calculado para impulsionar Otto à ação do que isso.

— Dags! — disse ele, aflito. — Você está falando como um gângster. O que aconteceu com você?

— O que aconteceu comigo? — Dagmar perguntou, a voz fria como gelo. — Você ainda me pergunta isso, Pauly? O que *aconteceu* comigo?

Pauly não conseguiu sustentar o olhar dela. Desviou os olhos.

— Só estou preocupado porque você pode provocar a morte de Otts — ele murmurou.

— Não vou ser morto — Otto disse com firmeza.

Então, solene e ameaçadoramente, ele expôs sua coleção de armas sobre a penteadeira de Dagmar. Sua faca, um porrete e um soco-inglês. Pareciam estranhos e incongruentes entre os pincéis, a maquiagem e pequenas quinquilharias de menina. E a bela cômoda em miniatura que o próprio Otto fizera para Dagmar, por ocasião de seu 13o aniversário. Quando ele ainda era um menino.

Dagmar foi até lá e parou diante da penteadeira, olhando para as armas. Passou a mão sobre elas. Estava usando um *short* e tênis brancos sem meias, mostrando suas pernas longas e trigueiras. Sua blusa estava amarrada sob o busto revelando uma faixa de pele macia e delicada entre ele e o *short*. Ambos os meninos admiravam-na com fascinação extasiada, mas, pela primeira vez, Dagmar parecia não reparar nos olhares adoradores. Estava com a atenção concentrada nas armas.

— Faça isso, Otto — ela sussurrou —, dê a um deles algo em que pensar.

— Eu prometo, farei isso — Otto respondeu.

— Estou dizendo que você é louco — Paulus disse novamente, mal-humorado.

— Ninguém está pedindo para você vir junto — disse Otto.

— Não se preocupe, eu não vou.

Paulus percebeu o reflexo de Dagmar no espelho da penteadeira. Dava para ver a decepção em seus olhos.

— Vou encontrar melhores batalhas para lutar — foi tudo o que pôde dizer e sabia quão fraco soara.

Na noite seguinte, Otto cumpriu sua promessa. Ele e outros quatro garotos emboscaram dois homens uniformizados da SA e os surraram em um beco. Foi uma briga horrível, com chutes, socos e golpes de faca. Os soldados eram maiores e mais fortes do que os meninos de 15 anos de idade e também estavam acostumados a brigas de rua, mas, no final, a superioridade numérica e a paixão vingativa prevaleceram. Os homens da SA foram derrubados e foram chutados inconscientes para a sarjeta. Então, enquanto os outros atacantes revistavam os bolsos dos homens para tirar-lhes o dinheiro, Otto ajoelhou-se ao lado de um deles e abriu sua faca.

Por um instante, a lâmina brilhante pairou sobre o pescoço da vítima prostrada. Bastaria um corte. Otto olhou para os rostos de seus companheiros de pé em volta dele. Medo e animação pareceram brilhar em igual medida em seus olhos.

— Da próxima vez, seu filho da puta nazista — Otto sussurrou —, da próxima vez...

Em seguida, cortou os botões da camisa do homem.

Duas horas mais tarde, depois de correr por toda a cidade imaginando a cada instante que a Gestapo estava atrás dele, Otto apresentou-se na porta da frente dos Fischer. Estava desgrenhado e com um ar transtornado, mas Frau Fischer deixou-o entrar sem fazer qualquer comentário. Frau Fischer falava muito pouco naqueles dias, depois de ter começado a se refugiar dentro de si cada vez mais. Parecia tão distraída que talvez nem houvesse percebido os cortes e hematomas no rosto de Otto e os respingos de sangue em sua camisa, que ele havia escondido por baixo do casaco.

Dagmar notou.

— Meu Deus, Ottsy — ela suspirou, inclinando-se sobre o balcão do primeiro patamar da escada.

Otto olhou para ela, em pé, como Julieta na famosa peça inglesa, cuja tradução haviam sido obrigados a ler na escola. Seu deslumbrante cabelo ruivo emoldurava suas feições perfeitamente proporcionadas. Os enormes olhos castanhos o encantavam, seduziam.

— Suba para o meu quarto — disse ela.

Frau Fischer se afastou, voltando para sua sala de estar com as janelas e persianas fechadas e as memórias de seu passado dourado, deixando Otto subir correndo a escada, dois degraus de cada vez.

Uma vez abrigado na segurança do quarto de Dagmar, ele estendeu o punho fechado na direção dela, virou a mão para cima e abriu os dedos.

— Para você — disse ele.

Ali, deitados na palma da sua mão, estavam os botões da camisa do homem da SA.

Dagmar olhou para eles e abriu a boca de espanto.

— Você os pegou — disse ela. — Você fez mesmo o que disse que iria fazer.

— Sim. Eu fiz... Eu fiz isso por você.

Dagmar olhou para ele e sorriu.

Otto sentiu os joelhos fraquejarem.

— É bom vê-la sorrir, Dags — ele gaguejou. — Você não parece sorrir muito agora.

— Sempre que tento sorrir — disse ela —, em pouco tempo vejo a calçada. E todas aquelas botas ao meu redor. E mamãe e papai com a língua para fora...

— Não, Dags.

— Às vezes, eu vejo a plataforma da estação e os homens arrastando papai, mas, principalmente, vejo a calçada em frente à loja. E meu rosto é pressionado contra a pedra da pavimentação. Nos meus sonhos, de fato, eu posso *sentir o cheiro* dela.

Otto não tentou responder; ele e Paulus há muito tinham entendido que havia um lugar onde Dagmar estivera, onde uma parte dela sempre estaria, que estava além de qualquer consolo que pudessem lhe oferecer.

Só que, talvez, aquilo tivesse se amenizado naquela noite. Talvez a coisa selvagem e estúpida que ele fizera a ajudasse um pouquinho. Desse a ela uma trégua momentânea em sua dor e seu luto.

Ela brincou com os botões na mão por um momento e, em seguida, deixou-os cair um por um sobre a superfície de vidro de sua penteadeira, *claque, claque, claque*.

— Pela primeira vez, a vítima é outra pessoa — ela sussurrou. — Outra pessoa está deitada no chão, com todas aquelas botas ao seu redor.

Então, ela deu a Otto um cigarro, um Gitanes.

Havia feito a mesma coisa muitas vezes. Mas, daquela vez, foi diferente. Uma diferença de arrepiar a espinha. Ela acendeu o cigarro para Otto. Prendendo os lábios macios e carnudos em torno da ponta e dando a primeira tragada antes de entregar o cigarro a ele.

O que tocara seus lábios, em seguida, tocara os dele.

Otto estava literalmente tremendo de desejo. Suas mãos tremiam, apesar de todos os seus esforços para controlá-las.

Depois que ele dera uma ou duas tragadas, ela estendeu a mão e arrancou o cigarro de seus lábios, tragando-o por sua vez profundamente e, em seguida, devolveu-o à boca de Otto. Deixando a marca de seu batom vermelho no papel branco, e ele podia prová-lo, juntamente com a fumaça.

Otto jamais sonhara que fumar um cigarrinho pudesse ser tão *sexy* ou tão sofisticado. Sentia como se tivesse amadurecido uma década inteira entre as baforadas.

Quando o cigarro havia sido quase todo consumido, Dagmar pegou-o da boca de Otto para uma última tragada e apagou-o no cinzeiro de cristal que se encontrava ao lado de suas bonecas na penteadeira. Então, puxou Otto para si e

beijou-o na boca. Não um beijo furtivo e roubado, como tinha sido aquele no hotel Kempinski, mas lento, envolvente e caloroso.

Seus lábios se abriram debaixo dos dele e, então, Otto sentiu sua língua contra a dele.

A mente de Otto girou em um delírio quase cego. Era êxtase puro e simples. Tentou se concentrar, pois, afinal, estava vivendo o momento mais importante e mais extasiante de sua vida.

O beijo durou mais um pouco antes de Dagmar recuar e sorrir para ele.

Otto imaginou que o momento de êxtase tinha acabado, mas não tinha reclamações. Se caísse morto ali mesmo, teria morrido um menino feliz.

Mas, então, sentiu aqueles lábios macios em sua orelha.

— Você pode colocar a mão sob a minha blusa, se quiser — ela sussurrou.

Nenhum sonho jamais se tornara mais real. Por três longos anos Otto não desejara tanto outra coisa na vida como colocar a mão sob a blusa de Dagmar, e agora, de repente, aquele momento sublime havia chegado.

Ela o beijou enquanto ele puxava o cheiroso tecido de algodão, arrastando a barra da blusa para fora do cós da saia. Então, Otto colocou a mão por baixo, movendo-a para cima, pela pele macia de suas costelas. Ele sentiu um de seus seios, primeiro através do sutiã e, depois, deslizando os dedos por dentro da peça com armação, tocando-lhe o mamilo.

Ele estava tremendo de emoção. E pareceu a Otto que o mesmo acontecia com Dagmar.

Aquele era um desenvolvimento inesperado. Nunca *ocorrera* a Otto que ela também pudesse sentir paixão. Nunca teria se lisonjeado imaginando que uma deusa como ela poderia retribuir o seu desejo. Tudo que já ousara esperar era que ela poderia tolerá-lo em troca de devoção eterna e sua vida inteira a seu serviço.

E, ainda assim, ela parecia tremer também.

Por um instante, ficaram assim juntos, pressionados contra a penteadeira, beijando-se. Otto tentando ao mesmo tempo abandonar-se ao momento e também procurando guardar para sempre o êxtase extraordinário de realmente tocar os seios de Dagmar.

Então, ela o empurrou.

— Chega — ela disse ofegante. — Devemos parar antes... Não porque eu não quero... mas porque eu *quero*...

Dagmar corou enquanto falava.

Otto abriu um sorriso tão largo que parecia dividir seu rosto em dois. Tinha chegado muito mais longe do que jamais ousara esperar.

— Esta é a melhor noite da minha vida — ele gaguejou. — Quero dizer, literalmente. De verdade. Simplesmente a melhor... literalmente.

Dagmar sorriu também. Um sorriso verdadeiro e genuíno, um sorriso que por um momento parecia livre da dor. Não o sorriso de uma judia caçada e atormentada por suas lembranças, que comemorava o ataque a um inimigo, mas simplesmente o de uma jovem que acabara de completar 15 anos, que estava crescendo e que tinha beijado de verdade um menino pela primeira vez.

— Obrigada por meus botões — disse ela, enfiando a blusa de volta na saia. — Apesar de eu realmente não achar que quero guardá-los. Você se importa?

— Não, também não acho que você deva guardá-los — Otto respondeu, ainda com o rosto vermelho de prazer. — Vou levá-los e jogá-los fora, posso?

— Só se você me prometer que vai jogá-los na primeira sarjeta. Se você guardá-los e eles forem encontrados...

— Não se preocupe. — Otto sorriu. — Paulus pode ser o mais inteligente, mas eu não sou *completamente* burro, sabe?

A menção de Paulus fez com que os dois pensassem por um momento. Olhando nos olhos um do outro, em reconhecimento tácito de que a dinâmica de suas vidas havia mudado.

— É melhor eu ir — disse Otto.

Ele pegou os botões e dirigiu-se para a porta, tropeçando no tapete grosso e quase virando uma mesinha cheia de brinquedos de pelúcia e enfeites.

— Ottsy — disse Dagmar —, você e Pauly sempre me disseram que um dia eu teria que escolher, não é?

— Sim — Otto engoliu em seco.

— Bem, eu fiz isso. Eu amo Pauly, mas... Escolhi você.

O filho adotivo

Berlim, 1935

Era muito tarde quando Otto voltou para casa, tendo, ao que lhe parecia, quase flutuado por Berlim, em uma nuvem de felicidade, descendo à Terra apenas uma vez, para eliminar os botões em um grande monte de cocô de cavalo na Köpenicker Strasse.

Era tarde, mas, para a surpresa de Otto, Wolfgang, Frieda e Paulus ainda estavam acordados. Estavam esperando por ele. Sua família.

— Já não era sem tempo, caramba — Paulus explodiu. — Mamãe e papai querem falar com a gente e eles não quiseram dizer só para mim do que se trata, então, tivemos que esperar por você, e eu não consegui estudar a noite toda.

— Estou com o coração partido, companheiro — disse Otto. — Oh, a propósito, Dagmar concordou em ser minha garota. Desculpe, mas essa é a verdade.

Fosse o que fosse que Paulus estivera pensando sobre o comportamento estranho de sua mãe, esquecera-se de imediato em face daquele terrível pronunciamento.

— Você está mentindo!

— Pergunte a ela se quiser — Otto respondeu. — Telefone para ela, está acordada.

A devastação no rosto de Paulus fez com que Otto desejasse não ter contado tão cruamente, mas ele sabia que nunca haveria outra maneira mais fácil de dizer.

Paulus levantou-se de sua cadeira, parecia à beira das lágrimas.

— Desculpe, mamãe — disse ele, tentando aparentar calma. — Seja o que for que você quer dizer, terá de esperar. Estou cansado, vou para a cama.

Frieda sorriu. Um sorriso triste.

— Não, Pauly — ela disse —, você tem que ficar. Eu quero falar com vocês dois. Vocês terão que lutar por Dagmar outra hora.

— A luta acabou — Otto disse presunçosamente. — Eu ganhei.

Talvez tenha sido a palavra "luta" que fez Frieda parar para pensar. Estivera tão empenhada no que precisava dizer que não tinha notado a aparência desgrenhada de Otto.

— Onde você estava, Ottsy?

— Na rua — Otto respondeu.

— O que é isso na sua camisa, sangue? — Frieda perguntou, o medo em seus olhos.

— Não sei. Talvez.

Paulus sabia. — Você fez o que disse que ia fazer, não é?

Otto apenas deu de ombros.

— Fez o quê, Otto? — perguntou Frieda, com crescente alarme. — Diga-me o que você fez.

Otto não respondeu, mas, em vez disso, foi pegar um pouco de pão e colocar a chaleira no fogo. Frieda virou-se para Paulus.

— O que ele fez, Pauly? — ela perguntou. — Você obviamente sabe.

Foi a vez de Paulus dar de ombros.

— Ele e seus companheiros disseram que estavam indo atacar um soldado da tropa de choque. Acho que devem ter feito isso.

— Obrigado — Otto disse, colocando um pedaço de carne em seu pão. — Linguarudo, hein?

— No final, você teria se vangloriado de qualquer maneira — Paulus respondeu. — Assim como o fez, obviamente, para Dagmar.

— Oh, Ottsy — disse Frieda.

— Bem, e daí se fiz isso? Estou orgulhoso! Nós surramos aqueles filhos da puta um pouco e os fizemos gritar como os covardes que são. E, da próxima vez, vou fazer isso sozinho. De homem para homem. E vou matar o cara também. Só não matei um hoje à noite porque Paulus me implorou...

— Eu não implorei a você, companheiro! — Paulus retrucou. — Eu *disse* que você iria piorar as coisas para todos nós!

— Como? Como é que pode piorar? Já nem somos mais cidadãos. Cospem em nós nos ônibus! Somos expulsos das lojas. Chutes e socos todos os dias. Nossas meninas são insultadas e coisa pior. Não podemos participar de nada, não podemos ir a qualquer lugar! Estão nos tirando tudo! Tudo!

— Fale baixo, seu cretino estúpido — Paulus rosnou.

Wolfgang e Frieda estavam sentados à mesa em silêncio enquanto Otto e Paulus trocavam palavras duras.

— É isso mesmo, Pauly, sussurre! Sussurre em sua própria casa! Você não vê? Estamos rastejando! Eles estão nos fazendo rastejar. Bem, este judeu aqui não está mais rastejando! Fiz Dagmar sorrir hoje porque vinguei um pouco o pai dela. Quando foi a última vez que você a viu sorrir? Temos de lutar por nós mesmos. Ninguém vai ajudar os judeus. Todo mundo nos odeia, mesmo nos países que fingem que não! Somente os judeus podem ajudar outros judeus!

Otto havia tirado sua faca do bolso. Estava brandindo-a enquanto falava. — Estou cansado disso — disse ele. — Vou sair.

— Otto! — Frieda disse, seu tom exigia silêncio. — Não se atreva a deixar esta casa. Você tem que me ouvir. Nós temos que conversar.

Otto parou. Os meninos se entreolharam e, em seguida, olharam para sua mãe. Alguma coisa estava acontecendo. Ficaram em silêncio.

— Sim, mamãe? — Otto disse, quase arrependido.

Frieda olhou-o com firmeza. Havia chegado a hora.

— Ottsy, meu bebê. Querido menino... querido filho. Você não é judeu.

Ambos os meninos olharam perplexos para ela por um momento.

Paulus foi o primeiro a falar.

— O quê? — disse. — O que isso quer dizer, mamãe? — então, sua voz se animou. — Já sei! Você encontrou um não judeu nos registros da família! Uau, mamãe, somos *Mischlinge*? Alguns *Mischlinge* ainda podem usar as piscinas!

Frieda balançou a cabeça tristemente. — Eu não estou falando de você, Pauly. Ou de seu pai e de mim. Estou falando sobre Ottsy. Sinto muito, querido. Eu nunca quis que ficassem sabendo assim.

— O quê? Ficassem sabendo do quê? — novamente, foi Paulus quem perguntou.

Otto ainda estava em silêncio.

— Otto. Querido. Papai e eu o amamos mais do que a própria vida. Você sabe disso, não é? Paulus e você são nossos meninos queridos e...

Desta vez foi Otto quem falou.

— O que você está tentando me dizer, mamãe?

Frieda tentou falar. Palavras que ela viera ensaiando em sua mente por tanto tempo. Tentando pensar em uma maneira de mostrar ao filho que o amava com todo o seu coração e que o que ela tinha para lhe contar era uma boa notícia. Que, ao contrário do restante da família, Otto tinha uma chance, a chance de uma vida normal. De uma vida sem medo.

No entanto ela sabia que Otto não iria *querer* essa chance.

Ele amava sua família. Sua mãe, seu pai e seus avós. Era inseparável de seu irmão gêmeo, não importava o quanto brigassem. E, de uma forma estranha, Otto tinha até decidido que gostava de ser judeu. Porque Otto era o guerreiro da família, ferozmente leal e preocupantemente imprudente. Ele amava lutar por uma causa, e Hitler lhe havia dado a maior das causas. E, agora, junto com tudo o mais na vida de Otto, essa causa seria tirada dele.

Frieda não conseguia falar.

— O que é, mamãe? — Otto perguntou novamente. — O que você está tentando me dizer?

Foi Wolfgang quem contou. Wolfgang falava cada vez menos naqueles dias. Preferindo fumar em silêncio, quando seus pulmões permitiam, e beber qualquer coisa que encontrasse. Mas naquele momento ele falou. Reunindo forças, instantaneamente, por Frieda.

— Você é adotado, Otts — disse ele suavemente, as maçãs do rosto encovadas formando sombras profundas em seu rosto magro e envelhecido prematuramente. — A mãe de vocês teve gêmeos, mas um deles nasceu morto. Sua mãe natural faleceu no parto, e você não tinha pai. Pegamos você como nosso. Ali mesmo no dia em que ambos nasceram. Tanto você como Pauly não tinham ainda uma hora de nascidos quando nós os colocamos juntos pela primeira vez. E tem sido assim desde então.

— Vocês são os nossos gêmeos — Frieda disse suavemente —, nossos meninos queridos. Mas você não começou a vida dentro de mim, Otts. Embora eu o ame como se houvesse...

Ambos os meninos simplesmente olhavam para eles de boca aberta.

— Nunca sequer pensamos nisso — Frieda continuou rapidamente —, isso não importava para nós. Vocês são os nossos meninos, isso é tudo. Mas, então, Hitler veio e de repente isso passou a importar. *Sangue* importava. Sangue, sangue, maldito sangue! Eles nunca param de falar sobre sangue! É um fetiche, uma perversão. É uma loucura. Eu já encaminhei pacientes para transfusões uma centena de vezes. Nunca paramos para perguntar de qual maldita religião era o doador!

Frieda esmoreceu. Ambos os meninos ainda olhavam em silêncio para os pais, em choque. Foi Wolfgang que tentou ser prático, esforçando-se para sobrepujar a emoção, trazendo a conversa de volta para os detalhes.

— O negócio é o seguinte, Ottsy — disse ele —, com essas novas leis, a história familiar de todo mundo vai ser investigada. Eles vão decidir de uma vez por todas quem é judeu aos olhos deles e quem não é. Sua mãe, Paulus e eu somos judeus, Otts. E você não é.

Otto ainda não podia responder; havia afundado em uma cadeira. Ainda estava com a faca na mão.

— Caramba, Otts, companheiro — Paulus disse, forçando um riso em sua voz. — Que boa notícia, hein? Quem teria pensado nisso? Parece que você escapou do anzol. Devemos comemorar.

Agora Otto recuperava sua voz, voltando-se para o irmão. Seu rosto antes drenado de todo sangue, lívido, tornando-se subitamente vermelho vivo de raiva.

— Você acha que eu quero isso? Seu cretino estúpido! Você acha que eu quero escapar da porra do anzol?

— Otto, por favor — disse Frieda.

— Você não pode me dizer o que fazer — Otto disse, virando-se para ela —, você não é minha mãe!

— Não diga isso, Otto. — Frieda engasgou. — Jamais diga isso. Nem uma única vez! Eu sou sua mãe.

— Você acabou de dizer que eu não sou seu filho! Pauly é seu filho. Eu não sou. Eu vim de Deus sabe onde! Eu nem mesmo sou judeu. Quem sou eu? Eu não sou ninguém!

— Isso não é verdade, Otts — disse Wolfgang. — Você é um de nós. Nossa família. São os nazistas que estão fazendo isso com a gente. Eu...

— Por que você não me disse antes? Todos esses anos, você sabia que eu não era seu filho!

— Você *é*. Você é nosso filho!

— Ei, Otto! — Paulus disse rispidamente, e agora seu rosto estava raivoso também. — Não ataque a mamãe! Isto é um choque para mim também, sabia? Mas, realmente, o que isso importa? Como mamãe diz, o sangue é uma porcaria. Raça é uma porcaria.

— Família não é! — Otto respondeu.

— Exatamente, e é isso que nós somos! — disse Paulus. — O que aconteceu quando nascemos aconteceu, ficou para trás. Muitas crianças foram adotadas depois da guerra. Pessoalmente, se eu fosse você, estaria satisfeito.

— Satisfeito? — Otto engasgou. — Você está louco?

— Claro que eu ficaria feliz! — Paulus estava tão irritado quanto Otto. — Porque eu saberia que não era menos seu irmão, e que mamãe e papai não eram menos meus pais por isso. A única diferença seria a de que não teria todo um país desejando que eu estivesse morto...

— Eu queria estar morto! — disse Otto.

— Não! — Frieda protestou.

— Isso é simplesmente estúpido! — disse Paulus. — E daí que você não é judeu?

— Eu sou judeu — Otto protestou. — Eu não quero ser um deles. Eu quase matei um hoje. Por que você está me contando isso agora? Eu sou judeu!

— Porque você iria descobrir de qualquer jeito — disse Frieda. — Você tem que entender isso, Otts. A Gestapo vai examinar todos os detalhes de cada pessoa na Alemanha. Todo mundo vai ser categorizado. Sua história está documentada. Os formulários de adoção estão no hospital. Sua certidão de nascimento está na prefeitura. Precisávamos contar para você e nós teremos que elaborar um plano...

— Plano? Que plano? — Otto disse em meio a lágrimas. — Não há nenhum plano! Porque eu não existo! Não há um Otto Stengel. Ele nunca existiu. Eu não existo.

Otto pegou o casaco e mais uma vez encaminhou-se para a porta.

— Otto! Por favor! — Frieda chorou, as lágrimas escorriam-lhe pelo rosto.

— Otto, pare — Paulus exigiu —, você tem que parar.

— Com quem você está gritando? — Otto disse com um selvagem e furioso grunhido. — A quem você está dando ordens? Você não é meu irmão!

As árvores genealógicas

Berlim, 1935

Otto passou a noite em um banco no Parque do Povo, entre as estátuas de conto de fadas, mas, na manhã seguinte, quando a cidade amanheceu, ele foi para casa. Estava congelando e seu coração ainda doía, mas suas lágrimas haviam secado. Sabia que a dor e a confusão que estava sentindo, o medo da rejeição, o isolamento e a solidão não eram culpa de seus pais. Eram culpa de Hitler e dos nazistas, agora mais do que nunca seus inimigos.

Ele subiu os seis lances de escada para evitar o uso do elevador barulhento naquela hora, tão cedo, e entrou no apartamento ainda escuro. Encontrou sua mãe sentada exatamente onde ele a tinha deixado e onde ela passara a noite inteira. Ele correu e lançou os braços em torno dela.

— Sinto muito, mamãe — disse ele. — Eu sinto tanto...

— Não sinta, Ottsy. Não sinta — Frieda sussurrou. — Meu Deus, olhe para mim, chorando de novo. Não achava que houvesse mais lágrimas em mim.

Ela o abraçou apertado.

— Estava tão preocupada... Pauly procurou por você até uma da madrugada. Wolfgang tentou também, mas ficou cansado. Ligamos para os seus amigos. Todos acharam que você tinha sido pego por... pelo que você fez ontem à noite.

— Sinto muito — Otto repetiu. — Eu não deveria ter fugido. Não estava raciocinando direito.

— Você sabe que nós amamos vocês dois do mesmo jeito — Frieda prosseguiu. — Você e Paulus, nossos dois meninos.

— Sim, eu sei, mamãe. Eles não podem nos separar — disse Otto. — E nunca poderão.

Lágrimas silenciosas corriam copiosamente pelas faces de Frieda.

— Não nos nossos corações, meu bebê — ela sussurrou. — Não nos nossos corações.

Otto sentiu as lágrimas escorrerem em seu próprio rosto enquanto ele a abraçava. Sabia o que ela estava dizendo, a agonia salgada brilhando nas bochechas dela era a confirmação.

— Eles vão me levar embora, mamãe? — perguntou ele.

Frieda não teve coragem de responder.

Wolfgang tinha aparecido na porta do quarto e estava ouvindo.

— Nós achamos que sim, Otts — ele murmurou com a voz devastada pelo tabaco e pela tuberculose. — Temos que presumir que sim. Os jornais dizem que a polícia tem por objetivo identificar "estoque racialmente valioso". A SS tem criado orfanatos. Himmler está recolhendo crianças.

— Meu Deus. O que são essas pessoas? — Frieda disse baixinho. — Será que são realmente seres humanos?

O medo substituiu a dor no semblante de Otto. Seu rosto branco resplandeceu na pálida luz do amanhecer que penetrava pelas janelas. Aquela era uma visão rara para seus pais. Otto se tornara tão hábil em disfarçar o terror ao longo dos anos que eles o tinham imaginado destemido. Mas a perspectiva de ser colocado aos cuidados da SS pareceu, por um momento ao menos, dominá-lo.

— Vou me esconder — Otto disse finalmente. — Se eles vierem atrás de mim, não vou estar aqui, vou viver na clandestinidade. Vou me esconder.

— Então, eles vão nos levar — disse Paulus, falando da porta do quarto dos gêmeos.

— Sempre a voz da razão, né, mano? — Otto respondeu com um sorriso amargo.

— Você sabe que é verdade, Otts — disse Paulus. — Não gosto de dizer isso tanto quanto você não gosta de escutar, mas, se vierem atrás de você e não o encontrarem, eles irão nos punir. Não me importo. Vou fugir, vou lutar, assim como você faria. Mas papai não pode voltar para aquele campo.

Otto concordou balançando a cabeça. Sabia que era verdade.

Wolfgang virou-se, com vergonha de ser identificado como o membro mais vulnerável da família.

— Você está certo, Pauly — disse Otto. — *Obviamente*. Você sempre está, caramba. Vou deixar que me levem. *Então*, vou fugir.

— Bem — disse Frieda —, imagino que temos algumas semanas para considerar as coisas. Vamos tentar fazê-lo com calma, está bem? Esperar pelo melhor, planejar para o pior, como dizem. Você esteve fora a noite toda, Otts. Vou fazer um pão tostado com queijo e uma caneca de chocolate.

— Obrigado, mamãe — disse Otto. — Você é a melhor mãe do mundo.

Os Stengel não eram as únicas pessoas que esperaram pelo melhor nas semanas que se seguiram ao anúncio das Leis de Nuremberg. Quando o longo verão de 1935 finalmente terminou e o outono chegou, parecia que todo o país não podia falar de outra coisa senão da história da família.

As novas regras definindo o que oficialmente constituía um judeu provocou um frenesi de pesquisa genealógica. Todo mundo na Alemanha estava para ser classificado racialmente e até mesmo os tipos mais orgulhosamente arianos começaram a vasculhar nervosamente suas árvores genealógicas com pavor de que pudessem encontrar um judeu escondido em algum lugar dos ramos. Em todo o Reich, registros de igrejas, listas paroquiais, lápides, inscrições em Bíblias, ações e transações antigas foram consultados minuciosamente tanto pelos cidadãos como pelos policiais em um esforço para estabelecer as credenciais raciais de toda a população.

Credenciais que, como Wolfgang observou secamente, deveriam ser autoevidentes de qualquer forma.

— Eu não sei por que eles precisam ter todo esse trabalho — disse ele amargamente. — Com certeza, tudo que precisam fazer é procurar figuras curvadas, com frontes inclinadas, narizes aduncos e facas pingando em suas mãos, que esses serão os judeus!

— É horrível — disse Frieda. — Todos os arianos estão apavorados, temendo encontrar um judeu em sua linhagem, e todos os judeus estão desesperados para encontrar um ariano. Todos os dias aparecem pessoas no meu consultório pedindo registros médicos. Pessoas estão rezando para que a avó tenha sido estuprada por um açougueiro qualquer, porque é realmente melhor ser descendente de um criminoso sexual ariano do que de um judeu voluntário em um trabalho de caridade.

Foi essa observação de Frieda que levou Otto a anunciar que havia tido uma ideia.

Os quatro estavam discutindo as novas leis durante o jantar, como haviam feito todas as noites desde aquela em que Otto e Paulus ficaram sabendo a verdade sobre sua história familiar.

— *Você* teve uma ideia, Ottsy! — Paulus abriu a boca com fingida admiração. — É a primeira? Será que devemos comemorar?

Otto socou Paulus. Fosse o que fosse que o futuro poderia trazer para eles, os gêmeos ainda eram os gêmeos.

— Sim, tive uma ideia — disse Otto. — Por que eu deveria aguardar a Gestapo investigar a minha história? Eu deveria fazer isso sozinho. Se puder encontrar um judeu em algum ponto da minha linhagem, então, eles não vão me levar.

— Oh, Otto — Frieda murmurou —, é um pensamento tão corajoso e encantador...

Wolfgang estendeu a mão ossuda e fina sobre a mesa para apertar a de Otto.

— Obrigado, filho — ele sussurrou. — Você tem coragem, devo reconhecer.

Paulus, no entanto, não achou nada de bom naquilo.

— Você está louco! — disse ele, arrancando furiosamente um pedaço de pão preto como se fosse a cabeça de Otto e, em seguida, afogando-o em seu prato de *goulash*. — Completamente louco. Todo judeu na Alemanha quer um casal de avós gentios e você está tentando encontrar um judeu?

— Isso mesmo — Otto respondeu, visivelmente satisfeito por ter sobrepujado pela primeira vez o irmão sabe-tudo. — Pelo que me diz respeito, eu sou judeu. Só preciso de um parente conveniente para provar isso.

— Você *não é* judeu, Otts! — Paulus protestou. — Essa é a questão! Você não percebe que está a salvo?

— Eu *não quero* estar a salvo! — disse Otto. — Eu quero ser um Stengel, e os Stengel são judeus.

— Por favor, me diga que isso é uma piada, Otts — disse Paulus. — É perverso. Também é potencialmente suicida. Ninguém quer ser judeu na

Alemanha.

— Que pena, hein, mamãe — Otto disse —, que não aconteceu o inverso em 1920 no hospital... Então, todos nós estaríamos felizes, não é?

Essa observação pegou Paulus de calça curta. Otto podia ver que havia atingido o irmão.

— Que tal, hein, Pauly? — Otto pressionou. — Você *gostaria* disso? Você realmente gostaria que fosse você a não ser mais judeu? Mesmo que isso significasse ter de sair de casa e ir morar com uma família adotiva nazista?

— Sim — Paulus disse com firmeza. — E não porque eu poderia nadar e estudar adequadamente outra vez. Mas porque, se eu tivesse direitos apropriados como cidadão, poderia ajudar papai e mamãe e o vovô e a vovó. E pense *você* nisso. As coisas vão ficar muito piores, você sabe, e ter um ariano equilibrado na família pode ser muito útil. Eu ficaria feliz em aceitar o trabalho.

— Acho que é uma resposta muito sensata, Pauly — disse Frieda.

— Ah, é, mamãe? — Otto disse, com um leve sorrisinho de escárnio. — Bem, eu acho que o famoso cérebro de Pauly pode não estar funcionando tão bem hoje. Ariano equilibrado! Ora, vamos, Pauly, *todos* eles são equilibrados. Esse é que é o maldito problema. Conhecemos um *monte* deles, sussurrando para nós que não aprovam o que está acontecendo. Desculpando-se com os olhos por não dizer olá para nós na rua. De que adiantam eles? De nada. Danem-se todos. Assim como os preciosos comunistas da Silke! Eu continuo dizendo que, quando as coisas piorarem, as únicas pessoas que poderão nos ajudar seremos nós mesmos. Nós vamos precisar ficar juntos. É por isso que eu preciso encontrar um judeu na minha árvore.

— Bem — Frieda disse —, você pode ter uma chance, Otto, mas eu ficaria surpresa se você encontrasse um. Só vi seus verdadeiros avós uma vez, mas eles me pareceram bastante *völkisch, nacionalistas extremados mesmo*.

— Tenho que procurar. Vou encontrar algum judeu no meu sangue, nem que eu morra.

— Otto, se você de fato encontrar — Paulus disse solenemente —, isso é o que provavelmente irá ocorrer.

— Muito obrigado, Pauly — disse Wolfgang, enchendo seu copo novamente de bebida alcoólica —, isso *realmente* nos eleva os ânimos.

Uma excursão pelo campo

Saxônia, setembro de 1935

No dia seguinte, Paulus e Otto foram até a prefeitura, em Friedrichshain, em busca dos nomes e endereços dos avós naturais de Otto.

— Se não fosse uma questão de vida e morte, seria realmente muito engraçado — disse Paulus ao retornarem. — O lugar estava absolutamente lotado. Judeus, ciganos, nazistas, todos escarafunchando os registros da cidade. Eles têm um grande quadro na parede com todos os diferentes modelos de árvores genealógicas, círculos brancos para os alemães, círculos pretos para os judeus...

— Que surpresa — comentou Wolfgang de seu banquinho do piano.

— E, então, círculos mistos para os *Mischlinge*. A ideia é você colocar seus bisavós nos vários círculos e, assim, poder averiguar se você se qualifica ou não para se sentar nos bancos dos parques.

— E vocês descobriram alguma coisa sobre a família de Otto? — Frieda perguntou.

— Somente do lado de sua mãe — Paulus disse — e, assim mesmo, apenas os seus nomes e sua aldeia de origem. É na Saxônia.

— Vou encontrá-los — Otto disse com firmeza. — Vou de bicicleta, são apenas 120 quilômetros até lá.

Quando Silke ouviu falar sobre a viagem, insistiu imediatamente para participar da excursão. Tinha acabado de voltar de sua épica marcha de Nuremberg e, depois de ter provado a liberdade da estrada e das noites de acampamento sob as estrelas, não tinha vontade de voltar para a penosa vida no apartamento da mãe, onde seu padrasto a tratava como uma empregada não remunerada.

— Vai ser fácil conseguir dispensa da escola — disse ela. — É só dizer que é um negócio da BDM. Eu sou jovem e pertenço ao Führer, não sabia? — acrescentou, citando a retórica do partido, com uma risada perversa. — Eu tenho um lugar especial em seu coração e em seus planos, e os meus professores podem ir se danar! Ha ha! De qualquer forma, vai ser uma boa coisa eu estar por perto com meu uniforme, Otts. Um garoto sozinho, que não pertence à Juventude Hitlerista, rodando por aí de bicicleta e com uma mochila é um alvo fácil. Eles proibiram todos os outros clubes de jovens, até mesmo os católicos observadores de pássaros. O país está cheio de Jovens Hitleristas e acreditem que

há muitos deles procurando briga. Vão atrás de qualquer jovem que não pertença à gangue. Se você estiver comigo, vai parecer apenas que está à paisana.

E, assim, na manhã seguinte, Otto e Silke partiram juntos levando sanduíches e suco de maçã, um cobertor cada um, uma pequena barraca de lona e alguns marcos para comprar alimentos ao longo do caminho.

A primeira parte da viagem significava atravessar de bicicleta toda a Berlim, do sudeste para o noroeste, uma tarefa suja e suarenta numa manhã quente de final de setembro. Logo, porém, eles pegaram a velha estrada de Hamburgo e encontraram-se rodando alegremente ao longo de uma rodovia quase vazia que serpenteava o seu caminho em meio ao glorioso campo de Brandemburgo em direção à Saxônia e acabaria por se perder no belo vale do Elba, onde planejavam acampar naquela noite.

Estava um dia maravilhoso, banhado por um sol perfeito, e Otto pegou-se esquecido de todo o seu terror quanto ao futuro, enquanto se deliciava com a liberdade simples e irrestrita da estrada aberta.

"Clima de Hitler", como as pessoas chamavam, e era verdade que os verões desde que o líder havia tomado o poder pareciam mais longos e mais agradáveis do que aqueles da República de Weimar.

— Que calor, hein, Otts? — Silke disse, enquanto dava duro nos pedais da bicicleta, inclinando-se sobre o guidão, para imprimir mais força em cada movimento de suas pernas.

Belas pernas também, Otto não pôde deixar de pensar, enquanto olhava através da pista empoeirada sua companheira de viagem. A saia do uniforme da BDM batia na altura do tornozelo, mas Silke a havia encurtado enfiando a bainha em sua calcinha para ficar mais fácil andar de bicicleta. Suas pernas estavam, portanto, totalmente expostas, e a flexão e o relaxamento de seus músculos lançavam sombras agradáveis em suas coxas e panturrilhas bronzeadas enquanto pedalava.

Que estranho, Otto refletiu, imaginar que a pequena e desengonçada Silke acabaria por ter pernas bonitas. Ele limpou o suor dos olhos e retomou a agradável visão. Quem teria pensado nisso?

Pernas firmes, bem torneadas. Pernas de *garota*. Não espetaculares como as de Dagmar, mas nenhuma garota tinha pernas como as de Dagmar. As dela eram intermináveis, esguias e delicadas, como uma fabulosa gazela humana. As pernas de Silke não eram longas mesmo e, certamente, não eram delgadas. Mas, ainda assim, eram belas. Atraentes e fortes. Não mais cobertas de escoriações e esparadrapos. Otto achava que nunca antes havia visto os joelhos de Silke sem as cascas de ferida e os esparadrapos, ou rabiscados com tinta. Agora eles eram claros e macios. A única evidência que permanecia de mil lutas e quedas eram umas duas pequenas cicatrizes esbranquiçadas contra a pele acobreada.

Incrível. Silke fora "um dos meninos" por tanto tempo que era um choque perceber que acabara se transformando em uma garota, no final das contas. Ela até tinha curvas! Quando aquilo acontecera? A pequena e magrela Silke com curvas? Elas pareciam simplesmente ter chegado da noite para o dia.

— A Silke não está crescida? — Frieda havia comentado recentemente. — Eu sempre achei que ela ficaria bonita.

E ficara. Uma velha amiga com um grande sorriso e uma disposição tão ensolarada quanto os reflexos que brilhavam nos cabelos cor de milho que se agitavam na brisa atrás dela, enquanto ofegava sobre o guidão. A boa e velha Silke. Tão querida e antiga amiga...

— Pobre Pauly, hein? — Silke gritou. — Aposto que gostaria de estar aqui.

— É! — Otto gritou de volta. — Sentado na escola cercado por inimigos estudando para um emprego que não vão deixá-lo ter. E ele acha que é o esperto! Haha!

Lado a lado, eles pedalavam. Subindo e descendo colinas, passando por riachos, através de campos e florestas de cheiro doce. Parando ocasionalmente para tomar uns goles de suco de maçã.

Ambos sabiam que iriam se lembrar daquele dia maravilhoso e daquela excursão pelo resto de suas vidas. A cada quilômetro, seus espíritos se elevavam. Com o perfume das florestas, do feno recém-cortado e das doces flores do prado levado até eles por uma brisa quente e suave em meio ao ar puro e limpo.

— É realmente um mundo encantador — disse Silke.

— Sim, é — Otto concordou. — Só lamento as pessoas que o habitam.

Ele disse isso quando mais um camponês fez uma pausa em seu trabalho para cumprimentá-los enquanto passavam, e não com um aceno ou um simples "Guten Tag", mas com a saudação "alemã" e um forte "Heil Hitler" (Salve Hitler).

— Eu quase *recrimino* o sol por brilhar sobre eles — Otto continuou. — Faz tudo parecer tão maravilhoso, até mesmo eles, com os estúpidos braços estendidos.

— Bem, é claro que nunca houve qualquer sol antes de Hitler — Silke brincou.

Era a época do solstício de setembro. A festa pagã amada pelos nazistas. Cada aldeia pela qual passavam estava enfeitada com flores e suásticas. Todo pequeno gramado e toda praça estavam cheios de dançarinos.

Garotas nos trajes tradicionais do país com guirlandas no cabelo. Garotos desfilando com seus uniformes da Juventude Hitlerista, com rifles de madeira nos ombros. Bandas marciais tocando e coros infantis entoando canções.

Canções que Otto reconhecia enquanto passavam pedalando, retribuindo os acenos amigáveis dos cantores. As mesmas músicas que eram cantadas em sua escola, nas assembleias e durante as aulas de música.

Das Judenblut vom Messer spritzt, geht's uns nochmal so gut. "Sangue dos judeus escorrendo das facas nos faz sentir especialmente bem."

Pedalaram por todo o dia, alternando entre o prazer da liberdade e de estar no campo e a depressão de serem tão continuamente confrontados com a evidência da ocupação nazista. Toda aldeia tinha uma faixa em sua entrada dizendo "fora judeus" e "judeus não permitidos".

E depois havia os gritos.

— Morte aos judeus — os camponeses gritavam alegremente quando Otto e Silke passavam. Assim como se estivessem gritando "Bom dia! Boa sorte! Aproveitem a viagem!".

Vez ou outra, eles pedalavam entre grupos de meninos e meninas marchando felizes, com rostos sorridentes, invocando a morte de seus semelhantes. O campo estava cheio deles. Atravessando rios e florestas com a intenção de desenvolver os corpos duros como aço que Hitler exigia de "sua juventude".

Naquela noite, exaustos, eles montaram acampamento juntos em um pequeno bosque ao lado de um córrego. Ou um pequeno rio, como Otto insistiu que deveria ser classificado, depois de tê-lo identificado no mapa.

Não se preocuparam em armar a barraca, porque a noite estava quente e não havia nenhuma possibilidade de chuva. Estava muito quente até mesmo para fazer uma fogueira, o que Otto achou que era uma pena, mas Silke considerou sorte.

— Fogueiras atraem todos os tipos de insetos desagradáveis — disse ela. — Muriçoca, mosquitos e Juventude Hitlerista. Você pode apostar sua camisa que, se houvesse uma tropa por perto, eles se sentiriam obrigados a se juntar a nós. É uma obsessão deles, são os "olhos do Führer". Não que tenhamos nada a esconder, principalmente agora que parece que você nem mesmo é judeu! Mas, mesmo assim, não queremos companhia.

Otto concordou. — Menina esperta — disse ele. — Paulus ficaria orgulhoso de você.

— E aí estava você pensando que eu era apenas um rostinho bonito.

Ela riu autoconsciente quando disse isso. Otto também riu.

— Boa e velha Silke! Um dos meninos, hein?

Um elogio que não pareceu agradar especialmente sua destinatária.

Comeram o jantar de queijo e pão e algumas frutas e, em seguida, cada qual se enrolou em seu cobertor, um ao lado do outro. Deitaram-se olhando para as estrelas, as quais eles podiam ver brilhando através da copa das árvores.

Otto não conseguia se lembrar da última vez em que falara com Silke. *Conversado*, propriamente dito, apenas ela e ele. Se é que *alguma vez* conversara de fato com ela. Ele *rira* com ela inúmeras vezes, lutara com ela, fugira com ela de donos de loja irados e a provocara vezes sem conta. Mas, na verdade, nunca havia conversado com ela. Por que haveria de fazê-lo? Ela era apenas um dos meninos. Uma companheira. Ninguém fica conversando com um companheiro.

— O que você acha que vai acontecer, Otts? — perguntou Silke. — Quero dizer, com Pauly, você, sua mãe e seu pai?

— Bem, espero que mamãe dê um jeito de conseguir que a nossa família saia do país — Otto respondeu. — Sei que ela e meu pai falam bastante sobre isso, mas é claro que o papai está praticamente desempregado atualmente, e também há o vovô e a vovó, de quem devemos cuidar. Seria difícil para eles se mudarem, até mesmo se quisessem.

— E eles não querem? — Silke perguntou.

— Ora, vamos, Silks, até parece que você não os conhece. Eles são alemães! Não sabem ser outra coisa. Meu avô sempre diz que ele tem sido alemão desde 1870, enquanto o austríaco Hitler é alemão apenas desde 1932, então, por que ele é quem tem de deixar a Alemanha?

Silke riu. — Sim, isso é a cara de Herr Tauber. Ele costumava me apavorar.

— Ele ainda me apavora — disse Otto.

— Então, você acha que sua mãe vai deixá-los para trás?

— Eu acho que no final ela pode ser obrigada a fazê-lo. Mas eu vou lhe dizer uma coisa, Silks, se mamãe e papai conseguirem tirar a família do país, eu não irei com eles.

Silke se ergueu sobre um cotovelo e olhou para o rosto de Otto, indistinto e pálido sob o fraco luar.

— Por causa de Dagmar? — ela disse baixinho.

— É claro — disse Otto. — Se Dagmar não puder sair também, eu vou ficar para cuidar dela.

— Regras do Clube dos Sábados, hein? — Silke sorriu.

— Sim. É isso aí — Otto respondeu.

Mas ambos sabiam que aquilo não tinha nada a ver com o Clube dos Sábados.

Silke mudou de assunto.

— Alguma vez você já ouviu falar do *Rote Hilfe*? — ela perguntou.

— Ajuda Vermelha? — Otto repetiu. — Não, acho que não. O que é isso?

— É um tipo de resistência — Silke continuou —, em Berlim. Foi anexada à Cruz Vermelha antes de Hitler, mas agora, é claro, é clandestina. Eles tentam ajudar as famílias que tiveram seus homens levados para os campos. E também fazer com que as pessoas no exterior saibam o que está realmente acontecendo.

— Você é um membro, então?

— Bem, realmente não sei. É tudo segredo e nunca se sabe o nome de ninguém, mas tenho um par de contatos.

— O que você faz?

— Parece um pouco bobo para mim. Eles escrevem um boletim informativo e é o meu trabalho fazer com que as cópias saiam da Alemanha.

— Uau, como você faz isso?

— Fácil. Eu as coloco no correio! Ninguém suspeita de uma adolescente usando o uniforme da BDM, como pode ver. Eu compro uma revista feminina e coloco o material secreto entre as páginas. Então, vou ao correio e a envio como impresso em geral para um endereço em Genebra.

Otto refletiu sobre isso por um tempo.

— Bom para você — disse ele finalmente.

— Eu só queria que você soubesse — Silke disse hesitante — que o bando ainda está junto. O bando dos sábados. Eu posso usar um uniforme da BDM, mas acreditamos nas mesmas coisas.

— Eu sei disso, Silks.

— E — Silke prosseguiu nervosamente — assim como você quer cuidar de Dagmar, eu gostaria de poder cuidar de você.

— Bem, estamos todos ligados por juramento, não é? — Otto riu.

— Sim, isso mesmo.

— Então, você ajudaria Paulus também?

— Claro que ajudaria! Como você pode me perguntar uma coisa dessas?

— E Dagmar? — houve uma pausa. — Ela também fazia parte do Clube dos Sábados, lembra?

— Sim. *Acho* que sim — disse Silke.

Otto sorriu na escuridão.

— Espero que você sempre tente ajudá-la, se puder, Silks — disse ele. — Ao menos por mim.

— Otto — disse Silke. — Nós todos fazemos parte do Clube dos Sábados. Fizemos um voto.

Depois disso, não havia mais nada a dizer, e os dois foram dormir.

Ou, pelo menos, Otto o fez, quase imediatamente, morto de cansaço da viagem. Entretanto Silke ficou acordada por algum tempo. Ouvindo Otto respirar e olhando o seu rosto ao luar.

Família de sangue

Saxônia, 1935

Na manhã seguinte, eles se levantaram com o sol.

Silke pegou uma toalha de sua mochila e uma pequena caixa de latão galvanizado contendo um sabonete.

— Vou até ali me lavar... — disse ela.

— Uau. Sabonete. Você nunca se preocupou com isso quando dormíamos juntos na época em que éramos crianças.

— Pois é, só que eu não sou mais uma criança, sou? — Silke respondeu, sem encarar Otto.

— Não pensei em trazer um para mim — Otto admitiu.

— Meu Deus! Garotos! — disse Silke com uma exasperação simulada. — Bem, você pode pegar o meu emprestado... Quero dizer, depois.

— Sim. Claro. Isso mesmo. Você vai primeiro. Eu espero e vou em seguida.

Sorriram um para o outro. No passado, eles simplesmente teriam ido juntos. Livres e desinibidos. Agora, contudo, ambos compreendiam que a época de intimidade inocente havia passado.

— Volto em um minuto — disse Silke.

— Não se apresse.

— Eu também tenho uma pequena espátula de jardineiro e um rolo de papel higiênico na minha mochila, se você quiser usá-los.

— Você é uma boa campista, Silks. Eu não trouxe nada.

— Ah, eles nos treinam bem na BDM, você sabe. O Führer cuida de nós mesmo quando estamos de cócoras em um arbusto!

— Sempre achei que ele parecia um pervertido.

Depois de se lavarem e tomarem um gole de água corrente para fazer descer os vestígios de pão e queijo, eles montaram novamente em suas bicicletas.

— Ai! — reclamou Silke.

— Digo o mesmo — Otto concordou —, mas faltam só 25 quilômetros agora.

— É. Sem contar o caminho de volta.

O vilarejo a que se dirigiam era tão pequeno que era de admirar estar sinalizado no mapa. Chegava-se até ele por meio de uma estrada de terra esburacada e difícil de pedalar que cortava algumas fazendinhas escondidas e

terminava em um pequeno grupo de choupanas, agrupadas em torno de um lago de patos coberto por algas.

Havia uma pequena capela de madeira e, ao lado dela, uma espécie de *pub* da aldeia que, na verdade, era apenas a sala da frente de uma das choupanas, com um velho cartaz de metal da cerveja Bitburger pendurado do lado de fora. Ele também servia como posto dos correios e armazém, oferecendo alguns produtos enlatados e um chocolate de aspecto cinzento. Foi ali que Otto perguntou pelas pessoas que estava procurando. Herr e Frau Hahn. Seus verdadeiros avós maternos.

Estava com certo receio de que no intervalo de quinze anos eles pudessem ter se mudado do vilarejo onde viviam quando sua filha morreu, mas, como a maioria dos camponeses de sua geração e de todas as muitas gerações que os precederam, Herr e Frau Hahn haviam nascido, viveram e, sem dúvida, morreriam nos mesmos poucos quilômetros quadrados de terra. Sua única viagem a Berlim, de fato, fora devido à internação da filha no hospital para ter o bebê, com a esperança de trazê-la de volta e fazê-la se casar com um garoto do interior decente, que aceitaria seu filho bastardo.

Claro que esse plano nunca chegou a se concretizar, e a filha dos Hahn jamais voltou para casa. Mas o filho dela sim, e estava em pé na pequena sala de estar deles.

— Você é um garoto bonito — disse o homem, as linhas profundas no velho rosto castigado pelo tempo vincando entre lágrimas e um sorriso.

A velha chorava abertamente, enxugando os olhos com um lenço de renda antigo e amarelado.

— Você é realmente filho da nossa Inge? — perguntou ela.

— Claro que ele é — disse o homem —, olhe para ele, não consegue enxergá-la nele? Não consegue vê-la agora? Bem aqui, na casa dela, como se nunca tivesse partido. Ele tem os belos olhos dela.

O casal de velhos estava visivelmente dominado pelas emoções, e Otto sentia-se irrequieto e desconfortável. Constrangido por ser o foco de emoções tão desenfreadas de duas pessoas que lhe eram estranhas e que, por ele, continuariam a ser estranhas.

— Tem sim! É o filho de Inge! — disse a mulher.

— Por favor, Frau Hahn... — Otto começou, mas, antes que pudesse terminar, a mulherzinha curvada correu pela sala em direção a uma cômoda na qual estavam organizados seus poucos tesouros familiares. Uma ou duas peças de porcelana decorativa, uma caixinha de música e algumas fotos de família emolduradas.

— Venha ver — disse a velha senhora, apanhando várias fotografias. — Esta é a sua querida mãe.

Otto não se mexeu para acompanhar Frau Hahn e olhar a foto. Observava uma fotografia diferente, pendurada na parede acima das relíquias, em lugar de destaque, emoldurada por uma guirlanda de flores secas. Uma foto de Hitler.

— Vocês são nazistas? — Otto perguntou.

Herr Hahn voltou-se para Silke, que estava sentada na única cadeira acolchoada, que o velho casal insistira que ocupasse, aprovando com a cabeça

seu uniforme da BDM.

— Todos nós servimos ao Führer — disse ele com uma leve reverência. — Assim como sua jovem e encantadora amiga.

— Nosso Führer foi enviado para a Alemanha pela providência — sua esposa acrescentou com um sorriso doutrinado. — Ele cuida de nós e faz tudo ficar bem.

Otto ficou em silêncio; seus lábios tremiam ligeiramente.

— Isso não importa, Otts — Silke disse rapidamente. — Todo mundo tem aquele retrato na parede. Qual é? Esqueça o Führer! Dê uma olhada na foto de sua mãe!

Otto virou-se para Silke. — Você sabe quem é a minha mãe, Silke, e ela não está naquela foto.

— Sim, claro, Otto, eu sei disso, mas mesmo assim você deveria olhar.

Otto adiantou-se e olhou para a fotografia desbotada de uma garota atraente de cabelos louros escuros.

— Ela foi tirada em 1919 — o velho fazendeiro disse com um toque de amargura —, um ano antes de ela conhecer...

— O meu pai? — disse Otto rispidamente, terminando a frase que o velho fora relutante em concluir.

— Ele era um comunista! — bradou o fazendeiro, ainda irritado visivelmente, mesmo após dezesseis anos. — Ele a engravidou e depois a abandonou.

— Ele foi assassinado — Otto corrigiu. — Meus pais me contaram. Ele morreu no massacre de Lichtenburg. Assassinado pelos *Freikorps*. Pelas mesmas pessoas que se tornaram nazistas, Herr Hahn.

O velho casal parecia confuso.

— Por favor, não me chame de Herr Hahn, garoto — implorou o camponês de aparência tristonha. — Eu sou o seu avô.

Otto mordeu o lábio.

— Eu vim até aqui para lhe perguntar sobre a minha família — disse ele. — Quero saber se existe algum sangue judeu em nossa linhagem.

O casal de velhos pareceu chocado por um instante e, então, sorriu. Naturalmente, não compreenderam o propósito por trás da pergunta de Otto.

— Oh, pobre rapaz — exclamou Frau Hahn. — Claro, sendo uma criança adotada, você deve estar preocupado, com medo de que seu sangue não seja puro.

— De que algum judeu tenha pulado a cerca de trás! — resmungou o fazendeiro.

— Claro! Claro, meu filho — a mulher disse —, mas pode ficar tranquilo. Veja só!

Frau Hahn dirigiu-se à única prateleira presa à parede e sobre a qual havia apenas dois livros. Uma antiga Bíblia da família e uma cópia de *Mein Kampf*. Frau Hahn apanhou a Bíblia e mostrou-a a Otto. — Veja — disse a velha mulher com imenso orgulho —, toda a nossa árvore genealógica está registrada, por seis gerações, desde 1790. Todos os bons nomes cristãos; e cada um deles encontra-se em lápides daqui e em vilarejos vizinhos. Nenhum deles está a mais de dez

quilômetros do puro solo alemão sobre o qual nos encontramos neste exato momento. E você também encontrará cada um dos nomes que vê inscritos aqui nos registros das igrejas paroquiais por aqui e nas redondezas. Nada de judeuzinhos nem ciganos sujos em nossa linhagem, meu querido menino.

Uma senhora de aparência tão afável... E, sem dúvida, tão gentil quanto parecia. Exceto no que dizia respeito ao tratamento que ela ficaria feliz em ver dispensado a quaisquer "judeuzinhos ou ciganos sujos" que se atrevessem a se aproximar de sua exaltada linhagem.

Otto olhou para as palavras manuscritas na Bíblia. Leu os vários nomes, o último dos quais era o de Inge Hahn. Sua mãe.

— E o meu pai? — perguntou Otto. — E quanto a ele? Seu nome não consta aqui e também não havia nenhum nome na certidão de adoção. Vocês sabem quem ele era? Sabem o nome dele?

— Sim — disse o fazendeiro —, nós sabemos o nome dele, embora eu não vá pronunciá-lo nesta casa ou em qualquer outro lugar. — Ele apanhou uma folha de papel de uma pequena gaveta da mesa de tesouros e lenta e cuidadosamente escreveu um nome. — Mas você não deve ter medo, meu rapaz — Herr Hahn continuou. — Eu sei que o homem era de boa estirpe, embora tenha desonrado sua família e a nossa. Inge nos escreveu e disse que o pai dele era um pastor da igreja luterana em Prenzlauer Berg, em Berlim, mas que morreu na guerra. A mãe dele pode estar viva. Não tem como sabermos.

Otto pegou o papel e agradeceu o velho casal.

— Precisamos ir embora — Otto acrescentou. — Temos um longo caminho a percorrer em nossas bicicletas para chegar em casa.

Herr e Frau Hahn ficaram horrorizados, até mesmo desolados. O aparecimento repentino de Otto obviamente lhes trouxera alguma esperança.

— Mas você não vai ficar? — Frau Hahn implorou. — Você e sua amiga? Temos comida e suco de maçã. Estamos tão contentes em vê-lo e temos tanto para conversar...

Otto olhou para suas botas.

— Não, senhora — ele murmurou —, não temos.

— Como não? Claro que sim — protestou a esposa do fazendeiro. — Você não pode partir agora que acabou de chegar.

— Sinto muito, Frau Hahn. Mas não posso ficar. Realmente sinto muito, mas já ouvi tudo o que eu precisava ouvir. — Otto caminhou em direção à porta. — Vamos, Silke, precisamos ir.

Frau Hahn começou a chorar. Seu marido apanhou a velha Bíblia de capa de couro e empurrou-a para Otto.

— Não vai ao menos colocar o seu nome em nossa Bíblia? — disse o velho fazendeiro. — Embaixo do nome de sua mãe? Ela é a última de nossa família, então, escreva.

Mas Otto não faria isso.

— Desejo-lhe felicidades, Herr Hahn — disse ele educadamente. — De verdade. Mas você não é meu avô e as pessoas nesta Bíblia não são minha família. Não há lugar para mim em seu livro. Minha família teve início com a

mãe e o pai aos quais vocês me entregaram. E quer saber? Eles são judeus. Eu sou judeu.

Os dois velhos camponeses pareciam abismados.

— Judeus? — Herr Hahn perguntou com genuíno horror. — O médico o entregou a judeus? *Nós* o deixamos ser levado por *judeus*?

— Isso mesmo — Otto respondeu —, vocês me deixaram com as melhores pessoas em Berlim, e pelo menos quanto a isso serei sempre grato a vocês. Adeus.

Com isso, Otto deixou o pequeno chalé com Silke acompanhando-o apressadamente, murmurando despedidas envergonhadas em nome dos dois.

Otto não olhou para trás enquanto distanciavam-se às pedaladas, mas Silke sim, e ela pôde contemplar o velho casal em pé na porta, olhando para eles, seus rostos vazios com a perda.

Quando Otto retornou à cidade, a primeira coisa que fez, antes mesmo de ir para casa, foi dirigir-se à igreja luterana em Prenzlauer Berg e perguntar sobre o ministro anterior. Aquele que morrera na Grande Guerra e cujo sobrenome o camponês Hahn havia escrito para ele.

Era tão antigo quanto Herr Hahn disse que seria. Não havia vestígios de judeus na linhagem paterna de Otto, assim como não havia na de sua mãe.

A notícia pela qual todos os outros alemães ansiavam, a de ser classificado oficialmente como um verdadeiro "puro sangue" de seis gerações, deixou Otto arrasado. Ele realmente não era judeu e não poderia se transformar em um, não importava o quanto quisesse.

E por isso, não podendo mais se proclamar judeu, mas assim como eles, devia ser exilado.

Destino selado

Berlim, 1935

Frieda e Wolfgang foram convocados a comparecer ao escritório local da Gestapo cerca de uns quinze dias depois que Otto voltou de sua viagem à Saxônia.

Eles voltaram com os rostos pálidos.

— Eles disseram que você não deve voltar a nos ver, Ottsy — Frieda disse com esforço hercúleo, tentando se recompor o suficiente para falar.

— Não! — Otto gritou. — Isso não pode ser verdade. Por quê? Qual é o sentido de nos impedirem de nos vermos?

— Eles disseram que nós fomos uma influência corruptora por muito tempo — Frieda explicou em meio às lágrimas.

Wolfgang pegou sua garrafa de bebida barata e afundou-se na banqueta do piano, a cabeça pendendo.

— Eles dizem que será um crime grave se tentarmos manter qualquer tipo de relacionamento com você — disse Wolfgang, falando para seu peito.

— Mas e se for eu? — Otto quase implorou. — E se for eu a procurá-los? Eles não podem culpá-los por...

— Se você nos visitar — Wolfgang interrompeu-o —, eles vão tratar o caso como se tivéssemos sequestrado você, e sua mãe, eu e Paulus seremos enviados para um campo de concentração.

Os quatro se entreolharam.

— Amanhã? — Otto disse quase mecanicamente. — Eles estão vindo amanhã?

— Veremos, Otts — Wolfgang continuou, encorajado pelo gole de bebida que tomara. — De alguma forma, nós vamos encontrar um jeito. Eles não podem simplesmente fingir que a nossa família não existe.

— É claro que eles não podem, e nem nós faremos isso — disse Frieda, fungando em um lenço e tentando se recompor. — De algum jeito, vamos ficar juntos.

— Mas, se vocês me virem, eles vão puni-los — Otto disse em desespero. — Se eu vier aqui, eles vão levá-los embora — ele olhou para Paulus.

— Estamos juntos desde o nosso primeiro dia na Terra, Pauly. Agora, eles não permitem que sejamos irmãos.

Paulus estava tentando se recompor também, enxugando a umidade de seus olhos raivosamente com a manga de sua camisa.

— Talvez eles permitam que nos encontremos se prometermos brigar — disse ele, tentando sorrir. — Nós não iríamos achar isso muito difícil, não é?

Otto ainda não havia chorado, mas, agora, começava a se enfurecer.

— Vou fazê-los desejar que nunca houvessem ouvido falar de mim — disse ele batendo com o punho na mesa de jantar. — Qualquer família que me levar vai se arrepender. Vou fazer da vida deles um inferno. Vou fazê-los me odiar pelo judeu que eu ainda sou! Vou matá-los se for preciso.

— Otto, por favor! — Frieda chorou. — Não diga isso. Você não pode lutar contra essas pessoas. Eles vão puni-lo.

— Punir-me? O que mais eles podem fazer comigo? Estou lhe dizendo, mamãe, eu não me importo!

— Mas *eu* me importo, Otto. E eu sou sua mãe. Não importa o que aqueles homens loucos digam, eu ainda sou sua mãe e você tem apenas 15 anos e vai fazer o que sua mãe lhe diz!

Otto calou-se. O tom de Frieda era tão incongruente e, ainda assim, muito familiar. Ela o tinha usado milhares, incontáveis vezes antes. Quase que por força do hábito, Otto baixou os olhos para o chão, como se ela estivesse lhe dando uma bronca por roubar biscoitos da lata de guloseimas ou brandindo um cartão-postal obsceno que houvesse encontrado escondido em sua mochila. Ele se pegou quase sorrindo.

— E não ria assim quando eu estiver falando com você! — Frieda ralhou, enxugando os olhos. — Você vai tirar esse sorriso do rosto e ouvir a sua mãe! Já é ruim o suficiente você ter de se afastar por um tempo, sem que eu tenha de me preocupar, ainda por cima, que você vá se meter em apuros quando eu não estiver lá para cuidar de você. — Frieda tinha recuperado a compostura agora. A questão de controlar o comportamento de Otto era mais urgente para ela do que o seu desespero por vê-lo ir embora. — Eu *preciso* saber que você vai se comportar, Otts. Que você vai fazer o que eles dizem, senão eles vão puni-lo terrivelmente. Você já está marcado, não vê? Você foi criado por judeus, eles o estarão observando. Você tem que andar na linha. Por mim! Está ouvindo? Junte-se à Juventude Hitlerista, cante suas canções, faça a saudação. Jure morte aos judeus, Ottsy! É a *única* maneira de eu ter certeza de que você estará a salvo.

Otto olhou para a mãe, sua expressão era uma terrível mistura de feroz determinação e desespero abjeto.

— Tudo bem, mamãe — ele disse em voz baixa —, eu vou me comportar.

— Prometa-me, Otto.

— Eu prometo — disse ele.

Frieda sorriu e puxou-o para si.

Otto cruzara os dedos atrás das costas.

Olhando por cima do ombro da mãe, Otto percebeu o olhar de Paulus. Sabia que podia enganar Frieda sempre que quisesse, mas nunca poderia enganar seu irmão.

— Está bem, então — Frieda sussurrou —, pelo menos eu sei que você estará seguro. Agora, vamos parar de discutir. Amanhã você vai embora e não vamos vê-lo por um longo tempo.

— Quando? — perguntou Otto. — Quando você acha que eu vou vê-los de novo?

— Quando essa loucura de alguma forma passar — Frieda respondeu. — Essa hora vai chegar.

Sentado em seu piano em silêncio, olhando fixamente para as partituras musicais apoiadas no suporte, Wolfgang suspirou. Não pudera evitar, talvez nem houvesse percebido que tinha feito isso. Mas aquele suspiro disse tudo. Wolfgang já não acreditava que a loucura algum dia iria passar.

— Vai passar — Frieda disse em resposta a seu pensamento não dito —, e eu vou lhe dizer por que isso vai acontecer, Wolf. Porque, caso contrário, a única conclusão possível de tudo isso é a destruição completa para a Alemanha. Eles continuam dizendo que estão reconstruindo a nação, mas é tão malditamente óbvio que eles a estão destruindo que até os tolos em breve perceberão isso.

Wolfgang encolheu os ombros.

— Não, não vire as costas para mim assim, Wolf! Eu *não vou* me desesperar! Não devemos nos desesperar. Este estado criminoso vai acabar! Você não pode sobreviver para sempre sustentado apenas pela violência. Nenhuma sociedade jamais conseguiu isso nem jamais conseguirá. Se essas pessoas continuarem a ignorar cada código moral básico, cada pré-requisito fundamental para a civilização, elas irão *se matar*, no final. E eu acho que eles são astutos *demais* para permitir que isso aconteça. Apreciam demais sua vida de fartura, seus uniformes e os carrões pretos para se arriscar a perdê-los. Então, no final, eles vão ceder. De alguma forma, eles vão ceder apenas para evitar sua própria destruição.

Wolfgang encolheu os ombros novamente. Simplesmente não podia evitar, parecia ser o único gesto que lhe restara. — Espero que você esteja certa, Freddy — foi tudo o que conseguiu dizer.

Naquela noite, Paulus e Otto foram para a cama no quarto que haviam compartilhado todas as noites desde que eram bebezinhos e que, agora, com toda a certeza, jamais voltariam a compartilhar novamente.

— Você estava com os dedos cruzados, não é? — sussurrou Paulus. — Quando você prometeu para mamãe que iria se comportar?

— Bem, eu não quero que ela se preocupe, não é? — Otto sibilou de volta, desafiadoramente. — E se você também não quer que ela se preocupe, vai ficar de bico calado sobre isso, hein?

— Então, você não vai se comportar? Você vai lutar contra todo o estado alemão?

— O que você acha, companheiro?

— Eu acho que você está louco.

— Ei, Pauly, não é você que amanhã de manhã terá de ir embora e viver com a merda de uns estranhos nazistas! Você ainda é judeu e, ainda que não possa ir ao cinema, pelo menos você pode viver com sua família. Eu estou indo para um lar adotivo e, em seguida, para alguma escola nazista, e você sabe muito bem que eles vão esperar que eu me junte à Juventude Hitlerista. Bem, eu não posso suportar nada disso, certo? Nada. Eu quero morrer, eu quero morrer agora

mesmo. Ficarei feliz se eles tentarem me matar, porque quando isso acontecer eu vou levar um comigo.

— Ottsy...

— Estou dizendo a você, Paulus. Só há uma maneira de eu passar por isso, e é odiá-los. Odiá-los e combatê-los, e é exatamente isso o que eu vou fazer.

— E se você se matar? O que vai ser da mamãe?

— Bem, talvez ela nunca saiba, Pauly — Otto rosnou. — Pense nisso. Ela está errada quando diz que os nazistas acabarão um dia. Pode estar certa sobre a maioria das coisas, mas quanto a isso ela está errada. Eles *nunca* vão acabar. Vão durar mil anos, como o filho da puta diz. E eles não vão parar até nos matarem, Pauly.

— Matarem quem?

— Os judeus.

— Mas você não...

— Eu ainda sou um maldito judeu, seu desgraçado, e eu vou quebrar a sua cara se disser que eu não sou. No final, eles vão matar todos os judeus que puderem. É o que está escrito na parede da escola, *Morte aos Judeus*. Mas você não vai deixar que isso aconteça com a nossa família. Eu sei disso, Pauly. Você é muito inteligente, assim como a mamãe. Você vai encontrar uma maneira de deixarem o país. E eu provavelmente nem irei saber! Vou ficar aqui, sozinho, vivendo com o inimigo. Estou sendo exilado, Pauly, e eu prefiro morrer.

Paulus levantou-se e sentou-se na cama de Otto, ao lado do irmão.

— Ottsy, companheiro. Nós nunca o deixaremos para trás, você sabe disso.

— Eles não vão me deixar sair, Pauly, você não vê? Precisam de mim para seu exército. É sobre isso que se trata a Juventude Hitlerista: treinamento militar. Hitler me quer como soldado. Mas deixe-me dizer uma coisa, companheiro. Quando eu acabar com eles, terão que me deixar ir ou matar-me, e agora, não me importo com o que vai ser.

— Ottsy, você tem que parar de falar assim. Nós vamos encontrar uma maneira de sair. Eu prometo.

— Talvez. Mas eu duvido — disse Otto.

Então, ele se levantou e foi escovar os dentes. Ao passar pela sala, viu o pai, ainda curvado sobre o piano, no escuro. A garrafa, agora vazia, jazia no chão ao lado de sua banqueta.

— Pai — Otto sussurrou —, vá para a cama.

— Mais tarde, meu filho — Wolfgang respondeu, sem olhar para cima.

— Pai, você tem que se recompor um pouco — Otto continuou. — Mamãe vai precisar de você agora.

— É. É verdade — disse Wolfgang, mas sem convicção. — Eu não estou sendo de grande ajuda, não é mesmo?

Não havia nada mais a dizer, por isso, Otto seguiu para o banheiro. Quando voltou, Wolfgang ainda estava lá sentado, no escuro, debruçado sobre o seu piano silencioso.

Mais tarde, depois que as luzes do quarto já estavam apagadas, Otto sussurrou mais uma vez para o irmão.

— Pauly.

— Sim, companheiro?

— Eu quero que você faça algo por mim.

— Sim. Eu sei. Você quer que eu conte para Dagmar, não é?

Otto sorriu para si mesmo na escuridão. — Podemos não ter o mesmo sangue, meu irmão, mas você ainda pode ler a minha mente. O caso é que eu não acho que eu poderia ir até lá pessoalmente, mesmo se eu tivesse a chance.

— É, também acho que não — Paulus sussurrou. — Depois do que a Gestapo disse, acho que temos de presumir que o estarão vigiando, pelo menos por um tempo, e irão atrás de quaisquer judeus com os quais você tentar manter contato.

— É. Acho que isso é verdade.

— Sinto muito, companheiro — Paulus disse, tentando sorrir. — Justo quando ela iria ficar com você. Seu sortudo. Ainda não consigo acreditar que ela o deixou passar a mão em seu seio! Se eu soubesse que ela chegaria a esse ponto, eu mesmo teria espancado um homem da SA.

— Sim. Bem, agora você a tem toda para si, não é? Quem é o sortudo, então?

— Você sabe que eu não queria que fosse assim, Otts.

— Tem *certeza*?

— Bem... *quase* certeza.

Os dois riram.

— Acho que agora é melhor você dormir — disse Paulus. — Se você estiver a fim de combater cada nazista na Alemanha, vai precisar preservar sua força.

— É... Então é isso, né? Minha última noite em casa.

— Parece que sim. Boa noite, meu irmão.

Mas havia uma última coisa que Otto queria perguntar.

— Pauly?

— Sim?

— Você já se perguntou como ele seria?

— Quem?

— Ele. O seu irmão gêmeo. O verdadeiro. A pessoa que estava com você dentro da mamãe, aquele que morreu. Se ele tivesse vivido e eu nunca houvesse aparecido. Como ele seria?

— É claro que não, Otts — Paulus sussurrou. — Eu não preciso, preciso? Eu sei como ele seria. Ele seria *exatamente* como você. Porque ele *é* você.

Um drinque espontâneo

Londres, 1956

— Aquela foi a última noite que eu e meu irmão passamos juntos — Stone disse. — A Gestapo chegou na manhã seguinte.

Apesar de terem combinado anteriormente de não se encontrarem até que ele houvesse retornado de Berlim, Stone decidiu telefonar para Billie e perguntar se ela podia vê-lo.

Ele sabia que fazer isso era contra as regras tácitas do relacionamento que tinham. Mas, sentado sozinho em seu apartamento, depois de passar um dia inteiro com a dupla profundamente irritante e perturbadora do MI6, Stone percebeu que não queria esperar até voltar de Berlim para ver Billie.

E, não menos importante, porque não tinha certeza de que *chegaria* a voltar de Berlim. Uma armadilha o aguardava por lá. Disso ele estava praticamente convicto.

Não esperava que Billie concordasse em sair. Presumiu que ela estaria ocupada. Ocupada com sua vida cheia de potencial, jovem, despreocupada. Ocupada em associar-se com pessoas que não estavam mutiladas pela história. Ocupada em estar propriamente viva.

— Eu sei que dissemos que não iríamos nos encontrar esta semana, mas... — começou ele, por telefone.

— *Baby*, você disse isso, não eu — Billie o corrigiu, com seu sotaque carregado. — Pessoalmente, eu não gosto de regras. Gosto de ser espontânea.

— Espontânea? — disse Stone. — Soa como algo agradável de ser. Acho que posso apenas me lembrar de como é ser assim.

— Bem, vamos ser espontâneos agora, então. Vamos sair para tomar uma bebida numa noite em que tenho aula? Isso é bem louco e irresponsável? — Billie riu. — Não se preocupe, *baby*, isso não significa que estamos casados nem nada assim.

Concordaram em se encontrar em Piccadilly, e escolheram um pequeno *pub* na St James Street, perto do Ritz. Quando entraram, Stone observou os olhares que receberam dos outros clientes. Estava acostumado a isso, mas sempre se irritava. Os negros eram ainda muito raros em bares naquela área, e um homem branco com uma mulher negra sempre chamava a atenção. Especialmente uma mulher como Billie, que era jovem, bonita e estava vestida, como sempre, do modo mais atraente que podia. Naquela noite, ela usava escarpins brancos com salto agulha, um jeans justo na altura dos joelhos e um

suéter de *cashmere* rosa igualmente justo, preso na cintura por um cinto de verniz preto. Para completar, trazia um chapéu de feltro empoleirado no topo de sua magnífica cabeleira negra.

— Eu sei o que eles estão todos pensando — Billie sussurrou quando Stone voltou do bar com as bebidas.

— Estão pensando: "filho da mãe sortudo". É isso que estão pensando — Stone respondeu.

— Não, cara. Estão pensando "quanto será que ela cobra?" e "eu poderia pagar o mesmo?".

Stone colocou as bebidas na mesa. Uma caneca de cerveja e um vinho do porto com limão ao lado dos respectivos maços de cigarros, os dela, franceses, os dele, americanos.

— Então, de repente, você ficou a fim de ter alguém para lhe fazer companhia hoje? — perguntou Billie.

— Sim, eu acho. Algo parecido com isso. Essa viagem a Berlim... É complicada.

— Tudo sobre você é complicado — Billie respondeu com uma risada. — É até interessante e não deixa de ser engraçadinho, mas você não deve exagerar. Uma garota pode se cansar de se encontrar com apenas dez por cento de um cara.

— Eu pensei que você havia me dito para guardar meus demônios para mim mesmo — Stone disse, sorrindo.

— Isso foi uma semana depois de nos conhecermos — Billie respondeu. — Agora, já faz três meses. Talvez seja hora de você pôr para fora alguns. Sabe? Um ou dois, de vez em quando.

— Você realmente quer isso?

— Foi o que eu acabei de dizer, não foi?

E, assim, Stone começou a falar.

Contou coisas sobre as quais *nunca* falara. Compartilhando um pouco do peso de sua história e de suas emoções que ele mantivera trancadas no fundo de sua mente.

Talvez fossem os cigarros que o fizeram falar. Billie fumava Gitanes, a mesma marca que Dagmar costumava receber de seu *pen pal* francês. A mesma marca que tinham fumado juntos naquela noite, quando ele lhe levara os botões da camisa do homem da SA e ela o tinha escolhido, em vez de seu irmão. Até o desenho da embalagem era o mesmo dos anos 30.

— Nós surramos aqueles caras — disse Stone, bebendo um enorme gole de sua cerveja. — Até hoje, não posso dizer que me arrependo. Ainda posso ver a cara do filho da mãe através do fundo do meu copo de cerveja, como se aquilo tivesse acontecido esta noite mesmo. E também faria tudo de novo. Quando os atacamos, eles estavam se pavoneando pela rua, como se ela lhes pertencesse. Da mesma maneira como todos eles se pavoneavam. Pisando firme e marchando como se tivessem feito algo corajoso e especial, agrupando-se aos milhões, a fim de perseguir alguns poucos indivíduos assustados. Isso foi o que sempre me incomodou mais, a forma como eles agiam, como se a sua "revolução", como chamavam, houvesse sido de alguma forma heroica. Como

se tivessem travado alguma luta longa e lendária. Pelo amor de Deus, o partido nazista tinha a minha idade. Nascemos no mesmo dia. E heroico? O melhor que puderam apresentar como mártir foi um cafetão chamado Horst Wessel, que foi esfaqueado por causa de uma garota três anos antes de Hitler chegar ao poder. Eles tinham todas aquelas festas e comemorações, toda semana, rememorando seus "anos de luta" e seus "mártires". Desfilavam com suas "bandeiras ensanguentadas" para mostrarem a luta que haviam enfrentado para salvar a Alemanha. Meu Deus, quando se faz a conta, eles perderam na verdade cerca de dez arruaceiros em brigas de *pub*. Mas todos os nazistas se comportavam como se fossem heróis, quando tudo que eles realmente fizeram foi empurrar velhinhas judias para fora da calçada.

— Então, você arrebentou esses caras? — perguntou Billie.

— Isso mesmo, arrebentamos eles. Nós os encurralamos em um beco, eu e outros quatro rapazes, e lhes demos uma tremenda surra. Você teria feito o mesmo se seu pai tivesse voltado destruído de um campo de concentração como o meu.

— Ha! Não me venha com essa! Você não estava fazendo isso pelo seu pai, você estava fazendo isso pela garota.

Stone sorriu.

— Bem. Vamos dizer que eu fiz isso por várias razões — disse ele.

— Mas você não os matou?

— Não. Não daquela vez. Embora eu já tivesse matado um homem.

— O quê? — Billie disse bastante horrorizada. — Antes de ter 15 anos?

— Eu e meu irmão fizemos isso. Em nosso apartamento. Eu golpeei o cara e, em seguida, Paulus o sufocou. Usei aquela estatueta que está em meu apartamento. Aquela representando a minha mãe.

Billie fez uma careta de horror ao ouvir aquilo, mas havia algo mais na história de Stone que também a fazia pensar.

— Paulus? — Billie perguntou olhando interrogativamente para Stone. — Então, esse é o nome do seu irmão?

— Isso mesmo.

Mas o seu nome é Paul?

— Sim — Stone concordou com cautela.

— Então, você se chama Paul e seu irmão se chamava Paulus?

— É o que parece.

— Que esperta a sua mãe, não? Ela só conhecia um nome?

Stone deu de ombros evasivamente e tomou outro gole de sua cerveja.

— Você não quer saber por que nós matamos o cara?

— Acho que vocês tiveram uma boa razão.

— Nós o matamos porque ele estava prestes a estuprar a nossa mãe.

— Acho que é a cara deles.

Stone contou a história. Surpreendendo-se por sentir prazer em revelar informações que nem sequer haviam sido investigadas. Ele, que nos últimos vinte anos não entregava coisa alguma de graça até ser forçado a fazê-lo. Ele contou a Billie como mataram Karlsruhen e sobre os botões que cortara do homem da SA

para presentear Dagmar. Sobre como ela ficara triunfante e como ela o beijara e o deixara tocá-la.

— Parece-me uma menina perigosa por quem se apaixonar, se quer saber o que eu acho — Billie observou.

— Ela estava animada — Stone respondeu defensivamente. — Nós tínhamos tirado sangue. Levantamo-nos e revidamos. Não a julgue... eles a fizeram lamber a calçada e mataram seu pai.

— Não a estou julgando, Paul — Billie respondeu. — Eu não julgo ninguém.

Então, ele lhe contou o resto da história naquela noite.

Contou-lhe como ele chegou em casa e descobriu a verdade sobre sua adoção.

— Eu me senti tão completamente sozinho... Abandonado. Eles eram a minha família, a minha vida inteira, e, de repente, eu não fazia mais parte da razão pela qual suas vidas estavam em terrível perigo. Era tão estranho... Eu estava tão certo de ser judeu, como você pode ver.

— E, de repente, você não estava mais?

— Não.

— Você me disse que era.

— Sim. Isso foi o que eu disse às pessoas desde que vim para este país. Mas não sou. Desculpe por isso.

— Não importa para mim — Billie deu de ombros. — Pelo que me diz respeito, judeu ou não judeu são duas coisas exatamente iguais.

Stone esvaziou a cerveja, pegou o copo de Billie e estava prestes a ir para o bar para mais uma rodada. Billie colocou a mão em seu braço para detê-lo.

— Qual é o seu verdadeiro nome, Paul? Só para eu saber.

Stone sorriu.

— Otto — respondeu ele. — Meu verdadeiro nome é Otto.

No exílio

Berlim, 1935

Otto foi tirado de sua família por uma funcionária do governo e um policial. Eles o informaram que, como um cidadão "racialmente valioso", ele seria acolhido por uma família nazista decente. Disseram-lhe que ele deveria acompanhá-los imediatamente.

— Não traga dinheiro nem quaisquer posses significativas — explicou a mulher. — Você está voltando para casa, para o *Reich*, e o *Reich* irá lhe proporcionar todo apoio. Você não precisa de nada desses judeus.

— É a minha família — disse Otto.

— Você foi enganado — respondeu a mulher. — Um judeu só cuida de si mesmo. O resto é trapaça.

Otto partiu de modo submisso. Beijou Frieda brevemente, ignorando o desagrado no rosto da funcionária do governo, e, em seguida, apertou as mãos de Wolfgang e Paulus.

— Por favor, senhora — Frieda perguntou —, nós não podemos nem saber onde Otto irá morar?

— Essa informação não lhes diz respeito — respondeu a mulher rapidamente. — A adoção deste garoto por parte de vocês é ilegal, e vocês não têm mais nenhum direito ou qualquer interesse nele. Vocês não têm absolutamente qualquer relação com ele deste momento em diante. Venha, Otto.

— Ele é nosso filho! — gritou Frieda, encontrando dificuldade para manter o controle. — Ele viveu neste mesmo apartamento todos os seus quinze anos.

— Essa tem sido a desgraça dele — disse a mulher —, mas seu pesadelo judeu acabou. Agora ele é um alemão.

Otto foi para a porta sem ao menos olhar para trás. Já havia sido combinado entre ele e Paulus que ele não demonstraria nenhum desgosto ou afeto por receio de provocar a Gestapo.

Quando a porta do apartamento se fechou atrás de Otto, Frieda literalmente desabou no chão. Seu rosto ainda belo, como sempre demonstrando preocupação, agora se contorcia com o sofrimento.

Ocorreu a Frieda que seu coração havia sido partido antes naquele mesmo lugar. Deixando uma tristeza tão imensa e avassaladora que o espaço vazio que criou permaneceria vazio por todos os dias de sua vida. Quando havia acontecido? É claro que se lembrava. Em 1920, no hospital, quando a enfermeira idosa havia levado o pequeno pacote cinzento e enrugado. Na época, ela tinha se

sentido como se sentia agora. E acontecera novamente. Mais uma vez, ela havia perdido um filho, e pela segunda vez Paulus perdera seu irmão gêmeo.

Do lado de fora, no corredor, Otto não disse coisa alguma quando entrou com a mulher e o policial no elevador que lhe era tão familiar, com seus estalos e rangidos, e desceu para o andar térreo. Ainda em silêncio, ele passou com seus captores pela porta da frente e pelo pátio do edifício.

— E quanto à minha bicicleta? — perguntou ele, falando pela primeira vez.

— Talvez ela seja enviada — disse a mulher. — Não sei dizer.

Otto entrou no carro da polícia e se permitiu ser levado.

Não voltou a falar enquanto o carro cruzava as ruas familiares pelas quais o Clube dos Sábados perambulara outrora em tantas ocasiões felizes.

— Anime-se, filho — disse o policial. — Daqui a um ano, você terá até esquecido que um dia conheceu aqueles judeus.

Otto esperou até que eles estivessem completamente fora de Friedrichshain antes de agir e, então, o fez de forma bastante decidida. Quando o carro parou em um dos semáforos, ele simplesmente abriu a porta e pulou para fora.

— *Auf Wiedersehen* e vão se foder — disse ele e saiu correndo.

Não sabia para onde estava indo e não esperava ir longe. Era só o princípio da coisa. O primeiro protesto. Desde o primeiro dia, Otto queria que eles soubessem que haviam cometido um erro. Que eles tinham capturado alguém esperto e que suas vidas teriam sido bem mais fáceis se o tivessem deixado onde estava.

Enquanto corria, um apito soou atrás dele. O oficial de polícia havia saltado para fora do carro e gritava dizendo que o garoto deveria ser detido. Quase imediatamente, Otto viu-se confrontado por diligentes cidadãos que respondiam aos apelos do policial. Otto desferiu um soco no maior dentre aqueles que bloqueavam seu caminho e, enquanto o homem cambaleava para trás, enterrou a bota entre as pernas do mesmo infeliz cidadão. Foi quando o policial se aproximou. Ao estender a mão para agarrar Otto, ele também recebeu um golpe no rosto.

— Vá se foder! — Otto gritou mais uma vez.

Os outros transeuntes que tiveram a intenção de deter Otto recuaram. Qualquer um que estivesse preparado para atacar fisicamente um policial em plena luz do dia estava claramente fora de controle, e eles não queriam ser a próxima pessoa em sua linha de fogo. Otto podia ter apenas 15 anos, mas era muito forte e um lutador experiente. Também estava motivado por uma fúria cega que era evidente para todos. As pessoas se afastaram e o deixaram passar.

Otto correu o máximo que pôde, abrindo caminho pela rua movimentada, virando esquinas sem pensar, à esquerda e à direita. Claro que não podia durar muito. Logo, outros policiais de patrulha locais responderam aos apitos e uma multidão juntou-se à perseguição, e, em pouco tempo, Otto estava cercado e dominado.

Levaram-no para uma cela da delegacia local, onde o espancaram feio, mas, quando foi encaminhado para um juiz, Otto foi liberado com uma advertência. A funcionária do governo explicou a situação e concluiu-se que não

se podia esperar que um rapaz educado por animais daninhos se tornasse civilizado em uma única manhã.

Entretanto não havia a menor possibilidade de Otto ser encaminhado para um lar adotivo. Ficara claro que os judeus o haviam transformado em uma besta selvagem e que nenhuma família normal poderia controlá-lo. O partido, contudo, poderia e deveria, e foi decidido entre o tribunal, o conselho de Friedrichshain e a SS local que Otto seria enviado ao *Nationalpolitische Erziehungsanstalt*, ou Napola, para abreviar, o Instituto Nacional de Educação Política. Um agrupamento de internatos supostamente de "elite", cujo objetivo era educar os oficiais e administradores nazistas do futuro.

Essas escolas haviam sido criadas logo depois de os nazistas chegarem ao poder e imediatamente haviam adquirido uma temível reputação de aptidão física e resistência. O tribunal considerou que uma escola assim seria a melhor opção para que Otto recebesse a disciplina e a doutrinação de que precisava para se tornar um bom alemão.

— Ele é da mais pura estirpe de camponês saxão — insistiu o oficial da SS ligado ao tribunal. — O tipo de alemão mais valioso de todos. Este é um dos que não podemos nos dar ao luxo de perder.

Quando contaram as notícias a Otto em sua cela, ele temia que o enviassem para bem longe, mas, felizmente, um Napola havia sido fundado no ano anterior no distrito de Spandau, em Berlim. O diretor já havia sido contatado e tinha, Otto estava certo, aceitado "com satisfação" o "desafio" de transformar um garoto criado por judeus em um alemão da elite.

— Isso é realmente muito fascinante — explicou o homem da SS ao visitar Otto em sua cela. — É como aqueles meninos lobos dos quais ouvimos falar de vez em quando. Crianças selvagens criadas por uma espécie diferente, que precisam ser levados, de alguma forma, de volta para sua raça. Uma maravilhosa oportunidade, rapaz, pela qual tenho certeza absoluta de que um dia será verdadeiramente grato.

Otto passou a noite na cela da delegacia antes de ser levado diretamente para sua nova escola na manhã seguinte. Foi uma noite extremamente solitária, um isolamento do qual não tinha experiência alguma e para o qual não havia preparado uma estratégia. Era praticamente a primeira vez em sua vida que não tinha ido dormir ao som da respiração de seu irmão a poucos metros de distância, e, embora as celas fossem barulhentas e o tráfego nas proximidades fosse constante, para Otto, as longas horas foram de um silêncio e vazio de cortar o coração.

Ainda assim, ele não chorou. Algum instinto de defesa interior lhe dizia que, se ele se entregasse ao desespero, estaria perdido. Estava bem claro para Otto que aquele era apenas o início do pesadelo e, jovem como era, reconheceu que devia armazenar zelosamente sua reserva de força emocional.

O ódio seria a bengala na qual se apoiaria.

Então, em vez de chorar naquela noite, Otto exercitou-se. Executou flexões e abdominais em sua pequena cela até que a exaustão lhe permitisse dormir. Sabia que devia manter-se em forma, pois estava muito decidido a entrar em outra briga dentro de um curto espaço de tempo, e estaria lutando

constantemente depois disso. Eles achavam que o seu Napola poderia dobrá-lo à sua vontade. Bem, seus punhos lhes contariam uma história diferente.

A escola em Spandau havia sido criada em uma instituição que, até o ano anterior, fora a Academia Prussiana de Ginástica, uma escola de formação de professores.

— Boas instalações — o homem da SS assegurou ao garoto silencioso e taciturno que lhe tinha sido confiado enquanto atravessavam a cidade. — Abundância de esportes. Como o Führer afirmou muitas vezes, é o corpo que deve ser treinado em primeiro lugar. Acima de tudo, ele quer que os meninos estejam em forma! Livros e estudo são de menos importância. Nós não confiamos muito nos cavalheiros ditos "inteligentes". Não foram eles que arruinaram a Alemanha?

Otto não respondeu, mas, pela primeira vez desde que fora levado de sua casa, quase se pegou sorrindo. Quantas vezes tinha desejado uma escola que não gostasse de livros? Agora que tinha encontrado uma, ela era dirigida pelos malditos nazistas.

A primeira coisa a que Otto foi submetido depois de ter sido entregue à sua nova escola foi um exame "médico" para determinar científica e matematicamente a natureza exata de sua "raça". Parecia que mesmo entre aqueles de "puro sangue alemão" havia uma enorme variação no "valor" do sangue e uma hierarquia estritamente registrada de superioridade racial.

Outros dois meninos, um de 13 e outro de 11 anos, estavam recebendo os mesmos testes que Otto, ambos esperando que tivessem a forma correta de crânio e o comprimento certo de nariz, para serem julgados dignos de uma educação de elite.

— Afinal de contas, por que você quer entrar nesta escola? — Otto perguntou ao mais velho dos dois, enquanto despiam suas cuecas juntos em um vestiário esportivo.

— Por que não? — o de 13 anos respondeu. — É isso aí! A elite. Você já viu os uniformes? O de desfile é preto. É incrível! E, quando deixarmos a escola, seremos os mandachuvas. Os futuros *Gauleiter*. Meu líder na Juventude Hitlerista diz que governaremos a Alemanha, e quando a Alemanha dominar o mundo, nós o governaremos também.

O menino mais novo estava tentando parecer corajoso, mas parecia ter muito menos certeza de que tudo aquilo fosse uma boa ideia.

— Eu gostava da minha antiga escola — disse ele —, mas os Napola são gratuitos e minha mãe e meu pai são um pouco pobres, sabe? Meu pai é um mineiro e não quer que eu tenha de trabalhar como ele. Eles mal conseguem acreditar que eu possa ter uma educação privada em uma escola superior, paga pelo governo. Eles realmente querem que eu entre, então tenho que me esforçar bastante para isso, eu acho.

— Já não há lugar para esnobismos — o primeiro menino disse com impetuosa autoconfiança. — Não importa se você é um aristocrata ou um camponês na Alemanha de agora. Não para o Führer. Ele sabe que não é a classe que conta, mas o sangue! Somos todos alemães.

Otto desejou que o garoto fosse mais velho para que pudesse lhe acertar um soco.

Os três garotos foram convocados ao ginásio, e mandaram que se sentassem em um banco que fora colocado em frente a uma mesa sobre a qual havia uma seleção de objetos estranhos e de aparência assustadora: um par de pinças de metal muito longas que se pareciam com as antenas de um inseto e um par de instrumentos que lembravam a Otto uma espécie de grampo que ele havia usado nas aulas de carpintaria na escola. Havia também uma série de varas de madeira, das quais pendiam várias mechas de cabelo de diferentes cores e texturas. Porém, o mais intimidante de tudo era uma vitrine de aparência sinistra na qual trinta ou quarenta olhos de vidro colorido diferentes olhavam cegamente para cima, todos dispostos ordenadamente em pequenos compartimentos.

— Uau, assustador — o menino mais velho riu. — Parece um necrotério depois de terminada a autópsia.

— Isso não é um necrotério, rapaz! — uma voz gritou, enquanto uma figura de jaleco branco entrava no recinto. — É um *laboratório* dedicado à ciência da verdade racial. Levantem-se!

Os outros dois garotos puseram-se de pé num pulo. Otto se levantou mais lentamente.

Ele havia decidido em sua mente que deveria avaliar o seu próximo protesto, a fim de produzir o máximo impacto. E aquele, decididamente, não era o momento certo. As únicas testemunhas seriam a figura de jaleco branco e os outros dois meninos, que eram muito mais jovens do que ele.

— Bom dia — o homem de jaleco branco disse. — Eu sou o doutor Huber, do Departamento Central da SS para Raça e Colonização. Vocês três são de boa linhagem alemã, ou não estariam aqui. No entanto o Napola requer mais do que isso. Só os melhores e mais nobres de sangue podem ser educados aqui, e vou decidir se tal sangue corre em suas veias ou não. Reconhecemos cinco tipos germânicos. O melhor dos quais, o *Herrenmensch*, é claro, é nórdico. Depois disso vem o dálico, então, o dinárico, o germânico ocidental e, finalmente, o balto-eslavo. Apenas aos dois primeiros tipos raciais são garantidos lugares aqui. No entanto, não se desesperem, meninos, se vocês tiverem uma bisavó polonesa escondida em sua linhagem. A maioria dos *Jungmannen* que vemos aqui é uma mistura dos cinco tipos, e exigimos apenas que os candidatos sejam predominantemente nórdicos. Passo à frente, Stengel!

Otto se levantou e deu um passo adiante.

Ele foi pesado e medido e, em seguida, submetido a vários testes. O tamanho de suas orelhas e de seu crânio foi medido com o uso das pinças longas, e a distância do queixo até a ponte do nariz foi determinada com os dispositivos de fixação semelhantes aos grampos das aulas de carpintaria. Amostras de cabelo foram comparadas com a cabeleira espessa e cor de areia de Otto, e vários olhos de vidro foram colocados contra suas têmporas, para que se encontrasse um par comparável aos seus olhos cinzentos pálidos. Suas calças foram abaixadas até os joelhos e seu pênis foi segurado e intimamente inspecionado. O prepúcio que sua mãe negara ao rabino Jakobovitz durante o Kapp Putsch de 1920 foi rolado para trás e para a frente sobre a glande de Otto.

Durante todo o tempo, o doutor Huber proferia uma série atordoante de números e letras, que um enfermeiro com uma prancheta diligentemente registrava no formulário de Otto.

Quando o exame terminou, disseram a Otto para sentar-se, enquanto Huber se debruçava sobre o formulário, computando as colunas de números e aplicando-os a várias tabelas.

— Parabéns, rapaz — Huber disse finalmente, e com muita solenidade —, você é do sangue dálico puro.

Um termo que Otto nunca tinha ouvido antes em toda a sua vida.

— Uma coisa muito boa e rara de fato — o médico continuou. — Você só fica atrás do nórdico puro e nórdico/dálico na grande família de raças alemãs. Você é realmente um filho do solo alemão e será admitido nesta academia a partir de hoje.

Otto absorveu tal notícia em silêncio e ficou irritado ao receber um tapa nas costas de congratulações do mais velho de seus dois colegas candidatos.

Em seguida, foi a vez dos outros meninos. Em primeiro lugar, o mais jovem foi submetido à mesma série impressionante de medições, comparações e diagnósticos numéricos, antes de finalmente ser classificado como uma combinação aceitável de dálico e dinárico. Como Otto, foi informado de que estava sendo admitido na escola, uma honra que Otto sentiu que o menino recebia com emoções distintamente mistas. O de 13 anos de idade, no entanto, o que se mostrara tão entusiasmado por poder ingressar em um Napola, foi rejeitado. Ele foi informado de que seu crânio "arredondado" era puro balto-eslavo e, portanto, era racialmente inapto para estudar junto aos meninos mais puros-sangues.

— Anime-se, rapaz — disse o médico, uma vez que estava claro que o menino lutava contra as lágrimas. — Você é um bom alemão, não há dúvida sobre isso. Só não é um dos melhores, isso é tudo. A Wehrmacht ficará encantada por poder recebê-lo quando estiver mais velho, e você poderá servir ao Führer como soldado.

Quando os três meninos voltaram para o vestiário, Otto e o garoto mais jovem descobriram que suas roupas civis já haviam sido removidas e substituídas por um uniforme da escola, que eles foram orientados a vestir.

Otto se sentia como se estivesse em um pesadelo, enquanto abotoava a camisa parda, atava a gravata marrom e, em seguida, vestia as calças pretas e calçava as botas de amarrar. A jaqueta também era preta, com uma braçadeira com a suástica costurada na manga, com um *design* em forma de diamante em vez do padrão circular tradicional. Havia ainda um cinto preto brilhante, alça de ombro e dragonas sobre os ombros do casaco. E também luvas brancas e um boné preto, com um distintivo com uma águia e a suástica.

Afora o boné e as botas, todo o conjunto se parecia exatamente com os uniformes da SS que Otto tinha visto pela primeira vez nos homens que haviam levado seu pai para um campo de concentração.

Na noite em que ele e Paulus tinham matado o quase estuprador Karlsruhen.

Otto olhou para o franzino garoto de 11 anos. Estava vestido da mesma forma, exceto que suas botas chegavam-lhe na altura do joelho, atadas até o alto, e causavam uma dificuldade considerável ao menino.

Ele parecia ridículo, um bonequinho nazista.

O outro garoto já havia ido embora. Apressado pelos funcionários da escola, enquanto ainda abotoava a camisa. Era um mau cheiro que não podia ser mencionado e devia ser rapidamente dissipado. Então o garoto de 11 anos foi recolhido para se juntar ao seu grupo de idade e Otto foi levado até o diretor.

O diretor da escola era um homem grande e de aparência até alegre, que assentiu com aprovação o uniforme de Otto, chegando a se inclinar para ajustar a gravata do garoto.

— O uniforme lhe cai bem — disse o diretor. — Você não é alto, eu admito, mas é forte. Disseram-me que é um lutador. Bem, não poderia haver melhor uniforme para lutar.

— Onde estão minhas roupas? — perguntou Otto.

O diretor hesitou por um instante, ao ser tão superficialmente abordado, mas, então, sorriu com indulgência.

— Você não irá mais precisar de roupas civis, garoto — disse ele. — De hoje em diante, você usará apenas uniforme. Um uniforme escolar para começar, mas, depois disso, quem sabe? Um uniforme do partido em alguma importante *Gau*? Ou um da SS? Um membro dos cavaleiros negros? Talvez um oficial da Wehrmacht, caso você opte pela carreira militar. Embora eu ache que, quando você tiver idade suficiente, a Waffen-SS poderá muito bem ter se livrado daqueles velhos *Junkers* do exército, não? Não importa, seja no exército ou no partido, você viverá a sua vida de uniforme, meu filho, porque você agora é um servo do Estado. Seja grato, rapaz! Seja grato! Deste dia em diante, você pertence ao Führer. Aquele que sabe tudo, vê tudo e ama a todos. Tudo o que é alemão.

Se o diretor tinha achado que aquele pequeno discurso inspiraria Otto, então ficou imediatamente desapontado, pois Otto havia decidido que chegara a hora de botar seus sentimentos para fora.

— Falando no Führer... — disse ele.

— Eu não lhe dei permissão para falar, rapaz — o diretor respondeu com firmeza. — Eu o perdoei desta vez, mas não o farei de novo. Fique calado.

— Só estava me perguntando de que tipo de mistura racial *ele* é? — Otto continuou, ignorando a ordem do diretor. — Algumas pessoas dizem que ele parece judeu, mas *nós* não o admitiríamos. Eu diria que ele é metade idiota e metade imbecil... O que você acha, senhor?

Otto sabia exatamente o que estava fazendo. Realmente não se importava se o matassem. Sua vida tinha acabado mesmo. Tudo o que amava estava perdido para ele. Sua casa. Sua família. E sua amada Dagmar. Eles eram tudo o que importava em sua vida e tinham sido roubados dele. Em troca, lhe deram um uniforme *nazista*. Um uniforme da SS em tudo, exceto no nome. Poderia haver ironia mais cruel? Um destino tão desprezível e lamentável? Viver entre os discípulos do próprio diabo? Ser recebido como um filho pródigo?

Otto teria tirado a própria vida com muita satisfação, mas não permitiria que seus inimigos pudessem dizer que sua família judia o havia transformado em um covarde. Portanto, havia decidido que tentaria forçá-los a fazer o trabalho para ele.

— Um *Untermensch*, metade idiota, metade imbecil, esse é o seu Führer, senhor.

O diretor não desatou a ralhar, como Otto esperava que fizesse. Nem o agrediu ou matou no ato. Em vez disso, o enorme rosto de aparência amigável abriu um sorriso.

— Bem, eu devo dizer, rapaz — ele observou com bom humor —, que aqueles judeus certamente não conseguiram abater o seu espírito, não é? Você tem colhões, meu bom rapaz. Grandes e orgulhosos colhões alemães.

— Vá se foder, senhor — Otto respondeu —, e quero que Hitler se foda também.

— Isso mesmo. Ponha tudo para fora. Quinze anos sendo um judeuzinho imundo tem de fazer algum efeito, não é? Mas vou corrigir isso. Veja bem, Otto, meu jovem rapaz, você é o meu *projeto*. Um experimento, se preferir. Vou mostrar que o seu sangue é mais forte do que qualquer mentira judaica. Vou trazê-lo de volta para o *Volk*, meu filho. Renovar sua associação com a *raça superior*, que algum doutor comunista descuidado ignorou em seu nascimento. Então, vamos ao que interessa. Já sabemos que você tem coragem. Diga-me, sabe boxear?

Otto decidira não cooperar com aquele homem, mas, ainda assim, não pôde resistir à pergunta.

— Só se estiver batendo em nazistas... — respondeu ele.

— Ótimo. Temos muitos desses por aqui. Aliás, há uma aula de alunos mais velhos acontecendo neste exato instante. Venha comigo.

Otto foi levado de volta para o mesmo vestiário do qual tinha acabado de sair e presenteado com um *kit* esportivo marcado com o mesmo emblema triangular com a suástica, costurado ao braço da jaqueta. Podia ouvir o som de boxe acontecendo no ginásio onde ele acabara de ser examinado e, conforme o esperado, ao ser levado de volta, viu que um ringue de boxe havia sido montado e um grupo de garotos entre 17 e 18 anos de idade estava lutando.

— Rapazes — o diretor gritou quando entrou no recinto, fazendo com que todos os jovens assumissem posição de sentido —, este é Otto. Ele é um novato. Acaba de insultar o Führer. Quem quer lhe dar uma lição?

O clamor que este anúncio causou produziu o candidato mais provável em curto espaço de tempo, um jovem extremamente forte, três anos mais velho do que Otto e vinte centímetros mais alto.

— Se esse *jungmann* insultou nosso líder — o boxeador de aparência poderosa estufou o peito, flexionando seus bíceps duros como rochas —, então, será uma honra puni-lo.

Otto deu de ombros e subiu no ringue.

Enquanto fazia isso, o diretor adiantou-se e colocou a mão em seu ombro, sussurrando em seu ouvido: — Aposto que você não dura um minuto com ele, menino judeu.

Otto não era bobo. Sabia que estava sendo provocado. Mas, neste momento, ele não precisava ser provocado. Estava pronto e feliz por lutar contra um adversário que parecia perfeitamente capaz de matá-lo. Tudo o que esperava era fazer algum dano primeiro e mostrar para os nazistas que um menino judeu sabia como morrer. Enquanto lhe amarravam as luvas e metiam em sua boca um protetor para os dentes, Otto decidiu que só deixaria o ringue inconsciente ou morto.

A luta foi interrompida depois de ter durado quase três *rounds*, e, àquela altura, Otto podia não estar ainda totalmente inconsciente, mas tampouco estava consciente. Era uma ruína inchada, sanguinolenta, cambaleante e engasgada, beijando a lona vezes seguidas, mas recusando-se a ficar caído lá e, de alguma forma, forçando-se a se colocar em pé novamente.

Durante a maior parte do primeiro *round*, ele até chegara a se dar bem algumas vezes, mantendo-se fora do alcance do grandalhão e conseguindo aplicar um par de ganchos violentos no corpo de seu oponente. Mas, à medida que o rapaz mais velho se aprumava, Otto rapidamente se tornou nada mais do que um tenaz saco de pancadas, com o rosto ensanguentado, jogado de um lado a outro do ringue, impulsionado pelos poderosos golpes que choviam sobre ele.

Finalmente, quando um *haymaker* particularmente cruel fez com que Otto rodopiasse até as cordas, passando por elas e caindo entre os espectadores, o diretor parou a luta.

— Vejam bem, este garoto selvagem — Otto podia ouvir o diretor gritando — foi criado por judeus! Mas dentro dele flui o sangue e bate o coração de Thor! Esta luta é a prova disso! Se fosse necessário uma prova de que o *sangue* é tudo. Levem-no para o hospital.

Enquanto o levantavam, Otto tentou bradar em desacato, mas sua boca estava muito cortada e inchada para conseguir falar. Ambos os olhos também estavam se fechando rapidamente. Ele lutou debilmente contra os jovens sorridentes que o haviam segurado, debatendo-se fracamente com os punhos enluvados, antes de cambalear e cair novamente. Desta vez, quando desabou no chão, as luzes realmente se apagaram.

Fazendo contato

Berlim, 1936

Durante os primeiros quatro meses na escola, Otto foi acompanhado de perto e não lhe permitiram qualquer contato ou comunicação com o mundo exterior.

— Seu corpo e seu sangue pertencem ao Führer — informou-o o diretor muitas vezes —, mas está claro que sua mente ainda se prende aos seus sequestradores judeus. Portanto, *jungmann*, vamos vigiá-lo de perto, está bem?

Encarcerado nos confins espartanos de uma instituição exclusiva, confiante e autossatisfeita, Otto logo percebeu que fazer seus protestos não seria tão fácil como esperava. Seu plano, conforme o concebera, havia sido lutar contra toda a escola até que o matassem ou expulsassem. O problema, ele descobriu, é que, quanto mais lutava, mais imbuído do espírito "alemão" o consideravam. Cada golpe que aplicava e cada surra que levava reafirmavam para a escola a convicção de que raro "sangue" corria em suas veias. Sustentavam que nenhum judeu jamais poderia mostrar tanta coragem ou lealdade e, portanto, o fato de Otto conservar essas características, apesar da influência perniciosa de sua criação, era mais uma prova das teorias raciais nazistas. O diretor concluiu com satisfação que seu desafio era simplesmente redirecionar o esplêndido espírito de luta de Otto para o rumo certo. Além disso, quanto mais difícil essa tarefa se mostrasse, maior seria a prova de como a pérfida família judia que o criara era perversa e manipuladora. Na mente do diretor, quanto mais Otto lutava, mais nobre ele se mostrava e mais acintosamente ardilosos seus pais adotivos pareciam.

Otto também conquistara para si o respeito divertido de seus pares, o que naturalmente o deixou ainda mais irritado. Desde a primeira luta de boxe, quando resistira três *rounds* contra o campeão da escola, fora admirado como lutador, o que era realmente a única qualidade que a escola considerava digna de respeito. A empedernida agressividade que Otto exibia a todo momento e contra qualquer pessoa era considerada magnífica, digna de apreço. O rosto de Otto era agradável e franco (quando não se encontrava machucado e surrado a ponto de se tornar irreconhecível), e as pessoas sempre se sentiam atraídas por ele, simpatizando com ele logo de cara. Fora a mesma coisa no Napola, e muito em breve a escola começou a tratá-lo como uma espécie de animal de estimação. Um cão valioso com um temperamento belicoso e um instinto assassino impressionante, que, depois de domados, fariam dele o melhor de sua raça.

Isso deixou Otto quase louco de frustração. Não poderia fazê-los odiá-lo do jeito que ele os odiava. Na verdade, ele começou a perceber que eles sentiam *pena* dele. Um soberbo rapaz, arruinado pelos judeus. Antissemitismo era o assunto número um na escola, ensinado a cada lição, fosse qual fosse o assunto, e Otto tornou-se a prova viva do credo da escola: corajoso, agressivo e obstinado graças ao seu sangue, e equivocado por causa de sua educação.

Deitado silenciosamente em seu dormitório, entre meninos com quem se recusava a falar e com quem lutava todos os dias, Otto percebeu que deveria repensar sua estratégia. Era evidente que apenas lutar não seria suficiente.

Quase sorriu ao pensar como Paulus teria rido ao ouvi-lo admitir isso. Sentia tanta falta de Paulus... Paulus era o inteligente, o pensador, o estrategista. Sabia a maneira certa de se comportar. Ele teria um plano. Sempre tinha.

Pensar em Paulus fez Otto se dar conta de como estava miseravelmente solitário. Tão sozinho que, ocasionalmente, até mesmo encontrara-se pensando em fazer um ou dois amigos entre os outros garotos. Eles não eram de todo maus; camponeses, na maioria, filhos de agricultores e de membros do partido. Todos unidos contra a disciplina patologicamente dura que a escola parecia obviamente pensar ser a única maneira de educar os futuros líderes. Aqueles *jungmannen*, como eram chamados, eram perseguidos constantemente pelos líderes dos grupos, em geral sádicos e apenas um pouco mais velhos do que eles. Esse sofrimento, é claro, acabou por formar um vínculo estreito nos dormitórios, e Otto teria gostado muito de encontrar algum consolo sendo parte do grupo. Mas não podia. Jamais. Aqueles mesmos meninos alegres que arremessavam bolas, riam de peidos, trocavam cartões-postais sujos e comparavam marcas de cinto das surras que todos eles regularmente sofriam eram os mesmos meninos que acreditavam que a mãe e a garota que ele amava eram animais daninhos. Não se esqueceria disso apenas para tornar sua vida mais fácil naquela prisão. Não podia.

No entanto, à medida que os dias e as semanas foram passando, Otto encontrou-se mudando lentamente sua atitude para com seus captores. Seu ódio nunca diminuía, mas ele começou a tentar gerenciá-lo. Podia ver que, comportando-se de maneira tão ostensivamente combativa, a única coisa que realmente conseguia era prejudicar a si mesmo.

Além disso, sentia tanto a falta de seus pais e de seu irmão que resolvera tentar se comportar, pelo menos o suficiente para lhe permitirem sair da escola vez ou outra. Sabia que não poderia fazer nenhum contato direto com sua família, mas precisava ter ao menos notícias deles.

Sentia-se tão desesperadamente só que ansiava por um amigo. Por isso, dedicou-se à tarefa de ganhar um passe para sair. Continuava a lutar, é claro, mas começara a fazê-lo principalmente dentro das regras, nas aulas de instrução militar e de boxe. Também passara a prestar a saudação a Hitler, tendo aperfeiçoado uma maneira de fazê-lo com dois dedos ligeiramente cruzados, que sempre o fazia sentir-se mais perto de Paulus. E começara a esforçar-se também nos jogos, que, juntamente com a luta e o treinamento militar, parecia ser a única área que interessava de fato à escola. E até começou a trocar uma ou

duas palavras com os saudáveis filhos de agricultores que tentavam, de vez em quando, engajá-lo na conversa.

Na metade da primavera de 1936, Otto finalmente conseguiu passar uma semana sem ser punido por insubordinação e decidiu que tinha chegado o momento de abordar o diretor, na esperança de ser autorizado a sair da escola.

O diretor vinha observando a mudança de atitude de Otto com satisfação, é claro, e deu-lhe um tapa nas costas, enquanto Otto mantinha-se em rígida posição de sentido diante dele.

— Bem, garoto — disse o diretor com indulgência. — Claro que eu ficaria feliz em deixá-lo ter uma tarde livre por semana como os outros meninos têm. O único problema é: como posso acreditar que você não vai visitar aqueles judeus que você costumava chamar de família?

— Eu não faria isso porque *eles* são judeus, senhor — Otto respondeu —, e eu visto o uniforme de um *jungmann* do Napola.

O diretor sorriu, mas longe de estar convencido.

— Você está dizendo que já os esqueceu? Que não nutre por eles nenhum sentimento familiar?

Otto podia não ser tão inteligente quanto Paulus, mas era esperto o suficiente para não exagerar em sua mentira.

— Não, senhor. Eu ainda amo minha mãe e meu pai, porque eles foram bons para mim. No entanto, sou um *jungmann* do Napola e pertenço ao Führer. Portanto não posso visitar minha ex-família, porque, a despeito de tudo que eu possa sentir por eles pessoalmente, eles ainda são judeus.

— Bem, então, quem você deseja visitar? — o diretor perguntou.

— Uma garota, senhor.

— Ahh! — o homenzarrão riu. — *Nisso* eu posso acreditar. Que garota?

— Uma boa menina alemã, senhor. Ela é filha da ex-empregada da minha ex-mãe. Ela é membro da BDM, e o padrasto está nas *Tropas de Assalto*.

— Agora, sim, a coisa está melhorando! — disse o diretor. — Vou lhe dizer o que farei. Para começar, você pode convidá-la para vir aqui. Domingos são dias de visita, quando os rapazes mais velhos podem receber a família ou um amigo para o chá. Você pode convidar essa garota. Sente-se agora mesmo, menino, e escreva-lhe um convite. Cuidarei para que seja postado.

E assim, no domingo seguinte, Silke foi visitá-lo.

Ela mal teve tempo de responder ao convite rápido o suficiente. Pela primeira vez, ela teve apoio até de seu padrasto, que ficara extremamente impressionado quando Silke recebeu uma carta de uma instituição tão prestigiosa como a academia do partido.

Quando Otto avistou Silke, quase começou a chorar. Não vira nem tivera notícias de ninguém que amava por muitos meses, e quando viu sua velha amiga sorrindo através do gradil, esperando para ser admitida, foi tomado pela emoção. Então, quando chegou o momento e o grande portão de ferro foi aberto, eles correram, abraçaram-se e literalmente pularam de alegria nos braços um do outro, antes mesmo de terem trocado uma palavra. Foi apenas a consciência dos rostos sorridentes em torno deles que fez com que Otto finalmente largasse Silke.

— Ei, tome cuidado, moça — um dos companheiros de dormitório de Otto gritou. — Ele normalmente costuma dar um soco antes de falar.

— Parece que agora nós sabemos o que o faz sorrir — outro gracejou.

Os rostos e as vozes eram simpáticos. Todo mundo ficou satisfeito ao ver o selvagem da escola abraçar alguém. Especialmente uma garota bonita usando um uniforme da BDM. Pela primeira vez, Otto não se ressentiu da intrusão deles: estava feliz demais por voltar a ter contato com pelo menos uma parte da vida que amava e havia perdido.

Juntos, Otto e Silke ficaram caminhando pela escola e conversando, durante as duas horas de visita; perderam o chá, mas não se importaram. Silke fizera questão de ir até o apartamento dos Stengel na noite anterior, de modo que ela foi capaz de dar a Otto notícias recentes de sua família.

— Estão todos bem — disse ela. — As coisas estão um pouco mais fáceis no momento para eles. Com as Olimpíadas chegando, algumas das restrições sobre os judeus foram suspensas. Até os avisos interditando a eles os bancos do parque desapareceram e, sendo assim, seu pai pode ir e sentar-se no Märchenbrunnen nas tardes amenas.

— Como está o meu pai? — perguntou Otto.

— Oh, ele está bem, absolutamente bem — Silke respondeu, mas um leve tremor em sua voz denunciou a mentira.

— Silks — Otto disse —, você é minha única amiga agora, você tem que me dizer a verdade.

— Ok, Wolfgang não está tão bem — Silke admitiu. — Ele simplesmente parece ter perdido a esperança. Acho que o problema é que não há nada para ele *fazer*. Na verdade, ele só fica lá sentado, o que é muito difícil para sua mãe. Penso que ela acha que o *vazio* no qual ele se encontra é muito deprimente de se ter por perto. Quero dizer, ela não disse nada disso para mim, mas é bastante óbvio. Ele costumava ser tão divertido... e agora só fica lá *sentado*. Bebendo quando consegue bebida e fumando também, o que é tão estúpido, porque isso o faz tossir até parecer que a cabeça dele vai explodir. E, claro, já que sua mãe agora fica em casa a maior parte do tempo, eles estão nessa sempre.

— Mamãe está em casa? — Otto perguntou surpreso.

— Ai, meu Deus, sim — Silke respondeu, seu rosto assumindo uma expressão desanimada. — Eu me esqueci, você ainda não sabia, não é? Eles finalmente aprovaram a proibição de médicos judeus trabalharem em instituições públicas de saúde. Ela já não pode ir à clínica.

Otto cerrou fortemente os punhos.

— Malditos! — ele trincou os dentes de raiva. — Será que eles nunca param? Será que não têm coisas melhores para fazer? Ela *nunca fez outra coisa* lá senão o bem. Eles são uns cretinos *loucos*!

Otto e Silke sabiam que devia ter sido um golpe verdadeiramente cruel e terrível para Frieda perder a clínica. Depois da família, a clínica fora sua vida durante dezesseis anos.

— Ela atende em casa agora — Silke se apressou em dizer. O rosto de Otto estava tão vermelho e sua raiva era tão crescente que ela não queria que o dia feliz fosse arruinado, terminando por ele bater em um nazista que estivesse

passando. — Apenas judeus, claro, mas, devo dizer, com certeza há um número suficiente deles para mantê-la ocupada, e eles lhe pagam o que podem, o que significa que passando fome eles não estão. O principal problema é que ela sente terrivelmente a sua falta, Ottsy. Ela virou um trapo e só tem 36 anos. Mas, agora que voltamos a ter contato, as coisas vão melhorar *muito*. Agora, pelo menos, ela terá notícias suas. Isso é o mais importante. Não estar sabendo de coisa alguma era o que a estava matando. Nem posso lhe dizer como ela ficou feliz quando eu disse que vinha vê-lo. Ela agarrou a mim e Pauly e nós fizemos uma dancinha. Seu pai até tocou uma música no velho piano. Havia um bom tempo que ele não fazia isso. Levantou até poeira do instrumento! É claro que, saindo daqui, vou direto para lá contar-lhes tudo sobre você; então, certifique-se de que eu possa lhes dar um bom relatório!

Otto sorriu. — A boa e velha Silke.

Silke franziu ligeiramente a testa.

— Não fale assim, Ottsy — disse ela, fingindo brincar. — Você sempre faz isso, e parece estar falando de um cachorro.

Otto apenas riu. — Fale-me sobre Pauly. Eu sinto muita falta dele.

— Agora sente, é? — Silke brincou. — Você realmente *sente falta* do Monstro Paul? Posso contar a ele que você disse isso?

— De jeito nenhum, você não pode contar! — Otto disse, agarrando-a. — Se você ousar fazer isso, vai se arrepender!

Ele começou a fazer cócegas nela, como havia feito tantas vezes quando eles eram crianças, rosnando comicamente como um urso, enquanto Silke gritava e dava risada.

Mas eles não eram mais crianças, é claro, e enquanto Silke debatia-se nos braços de Otto, estava consciente de quão perto o próprio rosto estava do dele. De como os dentes dele eram brancos. De como seus lábios eram vermelhos.

— Então, conte-me sobre esse filho da mãe do Pauly — disse Otto, separando-se dela. — Não que eu me importe, é claro.

— Vocês, rapazes, são tão *bobos* — disse Silke. — Claro que você se importa, e não vai se surpreender em saber que ele está firme e forte como sempre. Está cuidando do orçamento e das compras para a sua mãe e consegue arranjar coisas boas também, mesmo que haja menos dinheiro agora e cada vez menos lugares em que os judeus estão autorizados a gastá-lo. É como se Pauly tivesse assumido o lugar de seu pai como o homem da casa. Entretanto, ele ainda estuda, vai para a escola todos os dias. Todos os outros judeus de sua turma saíram no final, mas Paulus permaneceu. Sentado no seu canto, na dele, concentrado em se preparar para os exames. Acho que eles já nem o notam mais. Ele diz que quase não se mete mais em nenhuma briga, agora que você se foi.

— Ha! — Otto riu. — Maldito covarde.

— Maldito esperto, você deveria dizer. Ele quer ir para a faculdade.

— É claro que quer, o bobalhão — Otto rosnou. — Qual o sentido de ser um judeu com diploma na Alemanha? Para um cara inteligente, ele parece ser bastante idiota.

— Ele quer sair daqui, Otts — Silke disse, olhando ao redor para ter certeza de que outros garotos estavam fora do alcance de sua voz. — Você sabe disso. Ele acha que pode ser um advogado na Inglaterra ou na América, um dia. Diz que quer defender os oprimidos.

— *Ele é* o maldito oprimido.

— Acho que é justamente essa a questão — Silke respondeu gentilmente. — Ele quer fazer algo pelo que está acontecendo com ele. De certa forma, ele e você fazem a mesma coisa. Nenhum dos dois jamais poderia ceder. Só que vocês têm maneiras diferentes de lidar com isso, é tudo.

— Eu luto, Pauly estuda, é isso?

— Não — Silke repreendeu-o —, não apenas isso, Otts. Você não pode apenas lutar. É preciso se lembrar de que há mais coisas para você, além disso. Você sempre amou o seu trabalho em madeira e sua música.

— Silks. Hoje em dia eu só luto.

Otto ficou em silêncio por um momento. Contemplando a possibilidade de seu irmão deixar o país. Sua mãe e seu pai também.

— Bem — ele disse finalmente. — É uma sorte ter sido eu o enviado a este lugar e não ele. Ele *odiaria* isto aqui, e você pode contar a ele que eu disse isso. São todos tão *obtusos*. E estou falando sobre os *professores*! Sério, não estou brincando, eles chamam isto de academia de elite, mas o lugar faz até *eu mesmo* me sentir sofisticado. As chamadas lições não passam de piada. Temos aulas sobre o folclore alemão e lendas pagãs em vez de História. E eles prosseguem falando *até não poder mais* sobre sangue e solo e solo e sangue. Eu gostaria de saber o que o sangue e o solo têm a ver com o preço dos ovos... Eles são verdadeiramente *obcecados* por isso. E, claro, não param de falar sobre os judeus. Eles conseguem nos meter em todo assunto, junto de negros, eslavos, ciganos e chineses depois de nós, como companheiros *Untermensch*. Por falar nisso, dizem que é por isso que a Alemanha vai conquistar o mundo, porque os alemães são os melhores e todo o resto está classificado em diferentes graus de merda. Simples assim. É o que eles realmente *ensinam*. A aula de ciências é, basicamente, sobre como montar uma metralhadora, e, no restante do tempo, praticamos esportes e sadismo. Estamos sempre escalando algum morro com uma mochila cheia de pedras. Ou correndo descalços sobre pedras quebradas ou remontando todo o nosso equipamento em menos de um minuto. Pauly ficaria louco.

Silke riu. — Conte-me tudo. Quero saber todos os detalhes de seu dia.

— Você quer saber como desmontar, limpar e remontar uma submetralhadora?

— Sim.

A preciosa tarde passou muito rápido e, quando ouviram tocar o sino que avisava que faltavam cinco minutos para o encerramento do horário de visita, nenhum dos dois podia acreditar que o tempo já havia terminado. Otto estava particularmente devastado. Estar com Silke remeteu-o tão completamente à sua antiga vida, sua verdadeira vida, que a perspectiva de voltar para a falsa, que agora vivia, era desesperadora e cruel.

— Você virá na próxima semana, Silks? — ele implorou. — Eu não acho que eles realmente vão me deixar sair algum dia, então, por favor, diga que você virá na próxima semana.

— Eu virei se você prometer tentar não ter muitos novos cortes e hematomas em sua cara quando eu voltar — disse ela com um sorriso, aproximando-se e colocando a mão em seu rosto. Otto podia ter andado brigando menos, mas ainda tinha muitas feridas recentes para provar que a sua beligerância permanecia inalterada.

— Você é um garoto tão *bonito*, sabe? — disse Silke, tocando suavemente suas cicatrizes.

— Eu tenho que lutar contra eles, Silke — Otto protestou. — Às vezes, pelo menos. Para mostrar a eles que sou um judeu.

— Aguarde a hora certa, Otts — Silke sussurrou. — Há maneiras melhores. Olhe para mim. Eu os combato também, você sabe, e meu rosto ainda é adorável, você não acha?

Otto sorriu, mas se Silke tinha esperança de que ele aproveitasse a oportunidade para fazer-lhe um elogio, ficou desapontada.

— Sim — ele riu —, você ainda tem a mesma velha cara feia de sempre, Silks. Você está falando sobre a *Rote Hilfe*, não é? — acrescentou em um sussurro. — Eu não poderia me juntar a eles, Silks.

— Por que não?

— Dagmar não iria gostar. Ela odeia os comunistas.

O costumeiro sorriso ensolarado de Silke se anuviou um pouco.

— Sim. Acho que a maioria dos filhos de milionários odeia — disse ela.

— Dagmar não é mais a filha de um milionário, Silke — Otto disse com firmeza. — Eles executaram o pai dela, lembre-se.

— Sim. Ok. Ela passou maus bocados, eu admito — Silke disse —, mas uma vez princesa...

A campainha tocou pela segunda vez.

— É melhor eu ir — disse Otto. — Atrasos são punidos com uma corrida de dez quilômetros com o equipamento completo, e não estou brincando. É melhor se apressar também, ou você vai ficar trancada aqui dentro.

— Eu não me importaria, Otts! — disse ela, bastante ansiosa, pegando na mão dele.

— Acredite em mim, você se importaria. Este lugar é o inferno. Prometa que você vai voltar na próxima semana.

— Só se você prometer não lutar!

— Não posso prometer isso — Otto gritou enquanto se afastava correndo — porque não quero mentir para você.

— Prometa! — ela gritou. Mas ele já havia ido.

Silke virou-se para o portão, sabendo que nada na Terra a impediria de visitá-lo na semana seguinte.

Visitas semanais

Berlim, 1936

Otto não parou de lutar, mas lutava menos.

Ao se comportar, ele tinha sido capaz de abrir uma linha de comunicação com sua família, e isso era uma coisa muito preciosa para colocá-la em risco, mesmo ao preço de se submeter ao regime do Napola.

— Eu não acho que ele esteja menos zangado — Silke relatou para Frieda, depois de sua terceira visita —, mas está aprendendo a controlar a raiva. Na verdade, acho que ele secretamente está começando a se divertir muito com o currículo estúpido. Só esportes, artesanato e armas, dificilmente alguma coisa do que ele chama de "aprendizado em livros". Eles misturam lendas com a história real e falam sobre heróis míticos alemães derrotando anões malignos e *trolls*, como se tudo tivesse acontecido de verdade.

— Sim — Paulus observou —, e todos nós sabemos o que os *trolls* devem representar, não é?

Frieda sorriu. — Bem, estou contente por Otto encontrar algo para desfrutar naquele lugar horrível, e também estou confortada por saber que é dessa forma que os nazistas educam sua chamada "elite", pois, pelo andar da carruagem, só teremos de esperar uns vinte anos até que todo o maldito sistema morra de pura ignorância.

— Bem, pelo que posso ver, eles certamente não vão encontrar um substituto para o Einstein entre os meninos no Napola de Berlim-Spandau, isso é certo — Silke disse, rindo.

— Somente os judeus poderiam produzir um Einstein — Wolfgang observou de seu lugar habitual no piano silencioso. Estava um pouco bêbado, pois havia ganhado algumas moedas naquele dia, tocando acordeão do lado de fora dos bares locais.

— Que coisa mais estúpida, papai! — Paulus censurou-o. — Newton não era judeu, era? Faraday não era judeu. Aristófanes não era judeu! Toda a base do que está acontecendo conosco é por sermos supostamente uma raça à parte, o que nós *não* somos. Você não conhece nenhum judeu burro? Eu certamente conheço.

Wolfgang pareceu envergonhado. — Não, Pauly — ele murmurou —, você está certo. Foi uma coisa estúpida de se dizer.

Houve um momento de silêncio. O fato de que Wolfgang estava perdendo não apenas sua autoridade sobre o filho, mas também o respeito de Paulus, ficara

claro para todos verem. Silke, que tinha conhecido o homem talentoso, entusiasmado e engraçado que Wolfgang havia sido, desviou os olhos constrangida.

— Bem — disse Frieda —, estas noites de domingo, quando recebemos notícias de Otto, são absolutamente o melhor momento de nossa semana, Silke. Realmente são. Estamos muito gratos por você poder fazer isso por nós, você sabe disso, não é mesmo, querida?

— Claro que sim, Frieda, mas você deve saber o quanto eu adoro fazer isso. Domingo é meu melhor dia, também. Por ver Ottsy... E, claro, vir aqui.

Silke sorriu sem jeito e corou um pouco por baixo de seu bronzeado de primavera.

Frieda sorriu de volta. — Sim, Ottsy e todos nós.

Um observador muito menos astuto do que Frieda dificilmente poderia não ter percebido o quanto Silke estava saboreando o lugar especial que agora tinha na vida de Otto e também dentro da irmandade dos gêmeos Stengel. Pela primeira vez, desde aquele distante dia em 1926, quando Herr Fischer trouxera sua pequena princesa para uma aula de música, Silke era o centro das atenções para os seus amados garotos. A única ligação que tinham. A cola que continuava a ligá-los todos.

Fazia muitos anos, desde quando conseguia se lembrar, que Silke adquirira a noção de que Otto e Paulus amavam mais a Dagmar do que a ela. Ela sabia muito bem que, enquanto para eles era a "companheira", Dagmar era a *paixão*. A pessoa por quem os dois garotos de bom grado arriscariam qualquer coisa. No início, o ciúme que sentia disso tinha sido apenas o de uma menininha que sabia o seu lugar na hierarquia das amizades de infância. Porém, nos dois ou três últimos anos, seus sentimentos haviam mudado para algo mais doloroso, que a consumia.

E Silke também sabia que tais sentimentos já não eram tão uniformes como haviam sido quando os três eram crianças. Pois, enquanto Silke sentia apenas ciúmes e irritação por Paulus preferir a companhia de Dagmar à dela, o fato de Otto também preferir a outra garota causava-lhe uma agonia particular e única como só o amor não correspondido pode infligir.

Silke agora sabia que estava apaixonada por Otto. E, embora ela também soubesse muito bem que Otto amava Dagmar, Otto não podia mais vê-la.

Só podia ver a ela, Silke.

Ela era a *única* pessoa em quem ele podia confiar, com quem podia falar. Compartilhar seus segredos e sua dor. Até mesmo Paulus, seu companheiro de vida, estava barrado para ele, e qualquer conversa que Otto desejasse ter com seu irmão, teria de ser conduzida por intermédio dela.

Aquela era uma intimidade nova e excitante que Silke, em toda a sua vida árida e dura, nunca experimentara. Sua vida em casa era fria, alienante e ocasionalmente violenta. Seus amigos na escola e na BDM a olhavam com suspeita, porque, ao contrário da maioria das garotas, ela não estava apaixonada por Hitler.

Mas, agora, ela tinha Otto.

Toda semana, ia visitá-lo, e ele ficava muito contente em vê-la e, de fato, *dizia-lhe* isso, coisa que certamente nunca havia feito no passado.

E, então, andavam pelo Napola juntos, e ele queria *falar* e ela suspirava com adequada admiração feminina com suas histórias sobre as corridas que ele vencia e de como era o melhor no tiro, mostrando a todos aqueles idiotas nazistas o que um judeu era capaz de fazer. E então ela estalava a língua e o repreendia pelos cortes e contusões que ele ainda trazia de todas as lutas que não podia evitar. E ela o fazia rir descrevendo todos os tolos saltos, os pulos e movimentos de balé rodopiando um longo lenço que ela era obrigada a fazer na BDM.

— E você pode apostar que esses pervertidos do partido estão sempre lá para verificar se nossos vestidinhos brancos de ginástica estão suficientemente curtos — ela ria. — Nós sabemos muito bem qual é a deles.

Então, quando encontravam o lugar mais quieto possível no parque arborizado, eles sentavam-se debaixo de uma árvore e Otto ouvia em silêncio absorto enquanto Silke contava-lhe todas as notícias de sua família.

E, às vezes, especialmente quando Silke falava sobre a mãe dele, ela até se pegava abraçando-o. Só vez ou outra, quando a desesperadora solidão de sua nova vida se tornava demais para Otto. Quando ele estava preparado até mesmo para chorar um pouco na frente dela. Coisa que Otto teria morrido antes de fazer, na sua vida anterior.

E, outras vezes, depois das lágrimas, sobrevinha a raiva, quando ele poderia jurar vingança a todo o Estado nazista.

— Um dia, vou tocar fogo nesta merda de escola — ele dizia. — Às vezes, no dormitório, à noite, eu planejo isso. Como é que eu vou roubar o combustível e por onde vou começar os incêndios? Vou escolher um momento em que os rapazes estiverem do lado de fora, jogando, porque alguns deles não são tão ruins, apesar do fato de que pensam que vão dominar o mundo. Mas aquele maldito diretor sorridente e paternalista e toda a sua raça superior de professores, eles vão ter que correr o risco. Vamos ver se eles são mesmo super-homens, hein? Eu poderia até trancar as portas antes de definir o jogo.

Otto assustava Silke quando falava assim. Mas, então, quando ele estava no auge da irritação e seu rosto tornava-se violento e sua voz cheia de ódio, Silke o puxava para si e sussurrava "Ottsy, não ligue para eles", e, então, as lágrimas voltavam e ele deitava a cabeça no ombro dela e Silke colocava os braços em volta dele e dizia-lhe que no final tudo ficaria bem.

E, naqueles tempos, Silke ousava esperar. Enquanto se sentavam juntos, debaixo de sua árvore favorita na pequena elevação gramada com vista para o campo de futebol, ela se atrevia a ter esperança de que talvez agora ela tivesse a chance de ser mais do que amiga de Otto. Ser realmente sua namorada. De que talvez naquele dia mesmo, ou na semana seguinte ou na outra, ele se viraria para ela, olharia profundamente em seus olhos e a beijaria.

Não parecia uma ideia tão louca como costumava ser outrora.

Silke sabia que havia se tornado muito bonita. Sua aparência era adequada ao espírito da época. Feminina, jovem, loira, de olhos azuis, bronzeada. Parecia uma versão não tão perfeita das garotas sacudindo latinhas de angariação de fundos dos cartazes nazistas. Certamente, os outros garotos do Napola que ela e Otto encontravam enquanto caminhavam pela escola sempre sorriam e se

cutucavam em aprovação evidente quando eles passavam. Um ou dois chegaram mesmo a assobiar.

— Por que você não nos apresenta à sua namorada, Stengel? — um garoto gritou, o que fez Silke corar, coisa que ela parecia estar fazendo frequentemente naqueles dias.

Mas ficara contente do mesmo jeito.

Ela certamente sentia que era namorada dele, pois o visitava toda semana e participava do chá formal com ele, ao qual a maioria dos rapazes só levava as próprias mães.

Otto era o alvo de muitos olhares invejosos enquanto escoltava Silke até seu lugar, e ela sabia disso. Muitos meninos de boa aparência, impecavelmente vestidos com seus uniformes alinhados, tentavam sorrir para ela, mas Silke virava-se com altivez, deixando claro que estava interessada apenas no belo rapaz que a acompanhava.

Ela adorava sentar-se ao lado de Otto à mesa muito bem posta e, em seguida, levantar-se novamente quando o diretor entrava e saudava os convidados. Ela gostava da atmosfera viril e masculina quando todos os rapazes no salão colocavam-se em posição de sentido em uma ação perfeitamente sincronizada e gritavam em uníssono "Bem-vindos, convidados!".

Ela era um dos convidados. Convidada de Otto, e tinha muito orgulho disso.

Ele era tão inteligente e tão disciplinado como qualquer garoto na escola. Prestando sua saudação a Hitler, pisando forte o chão e cantando a música Horst Wessel com tanto entusiasmo quanto qualquer um deles. E Otto fazia essas odiosas coisas porque era a única maneira de ele manter seus privilégios. A única maneira de ele poder continuar a *vê-la*.

E, então, enquanto Otto voltava a se sentar, depois de fazer a saudação, Silke tocava-lhe a mão, no conhecimento compartilhado de que seus dedos haviam sido ligeiramente cruzados. E ela o sentia sorrindo interiormente, enquanto apertava o joelho contra o dela por baixo da mesa e pegava a maior fatia de bolo para ela.

Eram coisas inebriantes para uma garota como Silke. Uma garota cuja mãe era uma faxineira e cujo padrasto era um valentão ocasionalmente empregado pela SA. Uma garota que sempre se julgara em segundo plano em relação a qualquer outra garota em Berlim. Especialmente, Dagmar. Uma garota que estava tão perdidamente apaixonada por Otto.

Rejeição por motivos raciais

Londres, 1956

Stone levou uma quarta rodada de bebidas para a mesa deles e, sem avisar, retomou a sua história.

Fazia muito, muito tempo que não falava sobre si, mas agora, que tinha começado, descobriu que não queria parar.

— Finalmente, eles me deixaram sair — disse ele. — O diretor me recebeu em seu escritório e disse que eu poderia deixar a escola por uma noite, das dezessete às vinte e uma horas. Era nisso que eu estivera trabalhando. Fora por isso que eu havia parado de lutar e xingar o Führer.

— E eu aposto que sei exatamente o que você fez quando saiu — Billie disse com um sorriso de seus belos lábios carmesins, que pareciam se manter perfeitamente recobertos com o batom, não importava quanto dele deixasse na borda de seu copo.

— O que você acha? — perguntou Stone.

— Você foi direto para a casa da tal Dagmar, é claro. Aposto que seus pés nem tocaram o chão, de tão rápidos.

— Sim, foi o que fiz — Stone disse em voz baixa, um olhar distante em seus olhos.

— E você partiu o coração da pequena Silke.

— Você acha? — Stone perguntou. — Eu realmente não sei se ela gostava de mim tanto assim. Não dessa forma. Fomos companheiros. Nós sempre fomos companheiros.

— Os homens *nunca* sabem. Especialmente quando não querem. E homenzinhos de 16 anos são os piores. Eu *me lembro*. Eles são *burros*!

Stone sorriu e sacudiu para fora mais um cigarro de seu maço de Lucky Strike.

— Bem, se eu machuquei Silke, certamente paguei por isso — disse ele.

— Dagmar terminou com você?

— Acho que foi isso que aconteceu. Embora realmente não tenha sido seu namorado, exceto por aquela noite. Ela com certeza me rejeitou. Bati à sua porta e, a princípio, a mãe dela não queria me deixar entrar, e, mesmo quando o fez, não passei do *hall* de entrada. Eu estava com aquele terrível uniforme preto, sabe? Coberto de suásticas. Não teve outro jeito, não tinha outra roupa. Pode imaginar o que pareceu ser a Frau Fischer? Eu ali, vestido como um oficial adolescente da SS. Ela ficou completamente branca. Demorou um minuto até

mesmo para perceber que era eu. Acho que pensou que eu tinha ido prendê-la. Foi completamente hostil. Disse-me para ir embora de vez. Que eu era um alemão agora, e não um judeu. Nunca pensei que iriam me rejeitar daquele modo, mas é claro que ela tinha razão. Eu as estava colocando em perigo. Se me pegassem visitando-as, elas é que seriam punidas, não eu. As autoridades não precisariam de muitos motivos mais para se voltarem contra a família Fischer outra vez.

— Bem, como você mesmo falou, ela tinha razão — Billie disse.

— Eu sei. Mas, mesmo assim, fiquei completamente devastado. Implorei a ela. Jurei que eu me esgueiraria e que ninguém iria descobrir, mas ela me perguntou se eu havia visitado a minha própria família, o que, é claro, eu não tinha feito; então ela disse que eu deveria mostrar a mesma consideração para com ela e Dagmar.

Billie ficou um tempo bebericando seu coquetel. — Situação surpreendente. Fico imaginando o monte de histórias como essa que se perderam no Holocausto.

— Eu nunca falei sobre isso antes.

— Eu *sei* — disse Billie com uma ligeira irritação. — Você não precisa ficar me dizendo isso o tempo todo. Você já *disse*. Você é um cara tenso, contido, enrustido e emocionalmente vazio, que está apaixonado por uma garota morta e não merece ser feliz. Eu *conheço* as regras, ok?

Stone sorriu. — Desculpe-me — disse ele.

— Bem, isso é *chato* — Billie o repreendeu. — Agora, mesmo que você *nunca* tenha falado a respeito, apesar de *tudo* isso ser segredo, o que aconteceu depois? E quanto a Dagmar? A Dagmar estonteante, curvilínea, sensual e com longas pernas, com a qual você e seu irmão tinham sonhos úmidos todas as noites desde os 12 anos. Você a viu?

— Sim, por um minuto — Stone admitiu, olhando tristemente para os descansos de copo encharcados de cerveja sobre a mesa. — Ela desceu as escadas e ficou atrás de sua mãe. Tentei dizer-lhe alguma coisa, mas ela apenas sacudiu a cabeça.

— Ela não disse coisa alguma? — Billie perguntou.

— Disse. Pior que disse. A pior coisa que poderia ter dito. Falou que eu não era mais um judeu. Aquilo doeu muito. Era a única coisa que eu temia. E o fato de ter sido dito por Dagmar foi simplesmente devastador.

— Se você quiser minha opinião, *baby* — disse Billie, acendendo seu Gitane com um movimento elegante de seu belo isqueiro Dunhill —, acho que essa sua garota Dagmar era uma boa safada.

— Não — Stone disse com firmeza —, não diga isso, Billie. Por favor, não. Eu não posso permitir que você diga isso.

— Você realmente ainda a ama, não é? Depois de todos esses anos, você ainda sai em defesa dela.

— Sim, saio. Porque, veja bem, ela não era uma safada. Era uma garota adorável. Engraçada, bonita, orgulhosa e inteligente. De qualquer modo, era assim que ela era antes de toda aquela loucura acontecer. Não estou dizendo que ela era um anjo, mas, acredite em mim, ela era uma *boa pessoa*. Uma pessoa decente. Apenas tente imaginar o que ela tinha passado, o que ela estava

passando. Toda a sua vida tinha sido roubada dela. Todo o seu mundo maravilhoso se transformara naquela tortura brutalmente cruel e aterrorizante.

— Sim, claro — Billie admitiu. — Eu disse que não julgo as pessoas e aqui estou eu fazendo justamente isso. Não tenho esse direito.

— Ela se sentiu traída, entende? — Stone continuou.

— Por você?

— Sim. Pude ver isso em seus olhos enquanto ela estava lá nas escadas. Claro que era injusto, e tenho certeza de que ela sabia disso. Mas, ainda assim, era como ela se sentia, e eu entendi. Nós estávamos vivendo em planetas diferentes naquele momento. Eu tinha um futuro, e ela não. Ainda posso vê-la parada ali, tão bonita. Mais magra e mais aflita, mas tão linda como sempre foi. E, então, ela me disse para ir embora. Disse que, mesmo sem risco, ela não queria me ver. Ela só não queria estar perto de um garoto que ainda tinha uma vida, ao passo que ela estava lentamente... lentamente morrendo.

Pela primeira vez desde que tinha começado a sua história, as palavras lhe faltaram.

Billie colocou a mão no joelho dele e o apertou.

Em seguida, o *barman* se aproximou da mesa.

— Desculpe-me — ele disse —, mas vocês poderiam fazer a gentileza de terminar as suas bebidas e ir embora?

Stone, que estava no ato de tomar um gole de cerveja, baixou a caneca e olhou para o homem.

— O quê? — ele perguntou em voz baixa, já fechando os punhos.

— Sinto muito — disse o *barman*. — Eu não me importo, por isso não disse nada, mas o dono do estabelecimento chegou da rua e viu sua amiga. Ele não quer negros em seu *pub*, entende? É a política da casa, então, vocês vão ter que ir embora.

Stone pegou a caneca de novo e tomou deliberadamente um gole bem lento de sua cerveja. Billie já estava guardando seus cigarros e o isqueiro em sua pequena bolsa.

— Diga ao dono... — Stone disse lentamente.

— Paul, por favor — Billie interrompeu-o com raiva —, vamos embora. Eu não quero mais beber neste lugar, de qualquer forma. Com essas pessoas? Não, obrigada. Não são dignas de mim.

Stone esticou o braço para impedi-la de se levantar.

— Diga ao dono — ele repetiu para o *barman* —, que ele é um *filho da puta* nazista. Está me entendendo? E isso vale para você também, a propósito, e você ainda por cima é covarde.

— Ei, escute aqui! — o *barman* protestou. — Não sou eu, eu só trabalho aqui...

— Está só obedecendo às ordens? — Stone zombou. — Ora, onde foi que já ouvi isso antes?

— Paul... Otto... por favor. Eu quero ir — disse Billie.

O dono apareceu. Um homem grande, de aparência arrogante, com cabelo gomalinado e um bigode eriçado. Usava uma jaqueta militar, com os cotovelos ensebados e insígnia regimental no bolso.

— Escute — o homem disse —, este é o meu *pub* e eu digo quem bebe aqui, então, dê o fora e leve essa vagabunda preta com você.

Billie já estava em pé, puxando o braço de Stone.

— Nós já estávamos indo embora de qualquer forma, você é uma "pessoa" lamentável e repugnante — disse ela, parecendo uma rainha se dirigindo a um camponês. — O ar começou a feder por aqui. Talvez seja o esgoto, mas, pessoalmente, creio que é a gerência.

Entretanto, ainda assim, Stone não se mexeu.

— Vou contar até cinco — disse ele, ameaçadoramente —, aí, sugiro que você peça desculpas a essa dama. Um... dois...

Billie tentou mais uma vez se interpor, mas foi inútil. Stone completou a sua contagem e, em seguida, levantou-se de seu assento com seu *upper cut* já em movimento, golpeou de baixo para cima o queixo do dono do *pub* e deixou o sujeito nocauteado no chão. O estalo desagradável que sentiu nos nós dos dedos ao fazer o contato sugeriu-lhe que a mandíbula do dono do *pub* poderia ter sido quebrada. Stone virou-se, pronto para lidar com o *barman*, mas o homem assustado já estava se afastando, esbarrando na mesa atrás dele e virando as bebidas. Ninguém mais no *pub* parecia disposto a se envolver.

— Agora, podemos ir — disse Stone, esvaziando sua caneca e se levantando.

— Acho que é melhor mesmo — Billie respondeu, apressando-se em direção à saída. — A propósito, não há necessidade de apelar para a violência.

— Era o que Chamberlain[40] dizia, e veja no que deu — respondeu Stone, enquanto a seguia.

Juntos, correram para fora do bar e chamaram um táxi que passava.

Sacrifícios pessoais

Berlim, 1936

Quando Dagmar voltou para o quarto dela, seu rosto estava frio como pedra.

— Obrigada por não sair — disse ela.

Paulus estava parado ao lado da janela.

— Eu queria — respondeu ele —, mais do que qualquer coisa.

Ele estava olhando para fora. Observando a figura vestida de preto passando pelo portão.

A máscara da indiferença de Dagmar durou apenas um instante. Sua voz já estava embargada.

— Eu tive que mandá-lo embora — disse ela, as lágrimas aflorando em seus olhos. — Teria sido ainda mais difícil se ele tivesse visto você. Eu o mandei embora, Pauly. O nosso Otto.

— Ele não deveria ter vindo — Paulus disse, tentando falar com sensatez pelo bem dela. — Eu sabia que ele o faria, entretanto, na primeira chance que tivesse. Eu não o culpo. Teria feito a mesma coisa.

— Você deveria tê-lo visto — Dagmar disse, chorando agora. — Seu uniforme! Foi horrível. Ele estava vestido... vestido como um *deles*!

— Por dentro é o mesmo Otto, Dags — disse Paulus. — É apenas um uniforme. Você sabe disso.

— Não, não é — Dagmar fungou. — Aquele uniforme não pode ser considerado *apenas* um uniforme.

Paulus e Dagmar haviam passado a noite juntos, como haviam feito tantas vezes. No quarto de Dagmar. Bebendo café de bolota e fumando cigarros. Paulus visitava Dagmar pelo menos três ou quatro vezes por semana. Ela estava sempre em casa e continuava a manter-se longe de sua antiga vida, da vida em geral.

— Bem, nós não estamos autorizados a *fazer* coisa alguma se sairmos — ela muitas vezes lamentou —, então, sair para quê?

Paulus agora era o único amigo de Dagmar e não tinha vergonha de admitir para si mesmo como isso o fazia egoistamente feliz. Seu amor por ela não havia diminuído, e ele sentia grande prazer em saber o quanto ela precisava dele e apreciava tê-lo por perto. Ela começara a contar com ele. Apoiando-se nele cada vez mais.

A mãe não era de nenhuma ajuda para ela. Agora, passava todo o seu tempo a viver no passado. Sentada em sua sala de estar, com as persianas

permanentemente fechadas, lendo cartas antigas e colando fotografias em álbuns.

— É tão deprimente — Dagmar muitas vezes reclamou. — Às vezes, eu acho que vou enlouquecer.

Ela tinha falado sobre o assunto antes da chegada surpresa de Otto. Deitada na cama, como sempre fazia. Paulus sentado no tapete a seus pés, sempre sentindo a ausência do irmão na cadeira vazia da penteadeira. Paulus e Otto haviam ocupado aqueles dois lugares no quarto de Dagmar por tanto tempo que, apesar de Otto estar longe por tantos meses, às vezes, Paulus ainda se surpreendia com a ausência dele.

— O tédio vai me matar fisicamente — Dagmar havia dito. — Estou falando sério... Se ao menos eu pudesse *nadar*. Eu daria qualquer coisa apenas para nadar.

A chegada inesperada de Otto na porta da frente havia interrompido seus pensamentos, e depois que ele foi embora, nem ela nem Paulus sentiam vontade de retomar a conversa.

Vê-lo e rejeitá-lo havia sido muito traumático.

— Eu quebrei o vínculo sagrado do Clube dos Sábados — Dagmar lamentou com um sorriso triste e enxugou os olhos.

— As regras do Clube dos Sábados foram feitas para uma sociedade civilizada — Paulus disse. — Ninguém deveria ter de lidar com o tipo de dilema que temos. Simplesmente não é justo.

Paulus se ofereceu para ir preparar mais do falso café, mas Dagmar não quis.

— De qualquer modo, é repulsivo — disse ela. — Não sei por que nós o bebemos. Por *tédio*, é claro. Algo para fazer.

A conversa tornara-se artificial. Ambos estavam pensando em Otto. Dagmar não tardou a dizer que estava cansada e que achava que iria para a cama.

Talvez, pela primeira vez em sua vida, Paulus ficou satisfeito por ir embora. Havia sido devastador para ele ter estado tão perto de Otto e, em seguida, ter que assistir de uma janela, enquanto o irmão desaparecia sozinho na noite. Ele tentou ser forte em relação a isso, por amor a Dagmar, mas, agora, como ela, precisava de um momento para si mesmo.

Quando desceu, Frau Fischer apareceu na porta da sala de estar e pediu para falar com ele por um momento.

Paulus imaginou que ela queria falar sobre Otto. Pedir a ele para tentar exercer alguma influência e persuadir seu irmão a não voltar. Mas Frau Fischer não tocou no assunto Otto. Era sobre Dagmar que ela queria falar.

— Você é o seu único visitante agora — Frau Fischer continuou. — Uma ou duas de suas antigas amigas têm tentado, mas ela não quer vê-las. Por orgulho, entende? Ela costumava ser a garota de ouro, o centro das atenções, e agora não pode suportar ser objeto de compaixão. Receio que ela nunca teve amigos judeus além de você e... bem. Além de você. Ela frequentou os melhores colégios, sabe? E nós nunca nos vimos como judeus, de qualquer modo.

— Então, ela está solitária? — Paulus perguntou. — É claro que sei disso.

— Não acho que seja a solidão que a está matando, mas a *inatividade*, na verdade. No meu caso, não me importo com isso. Eu tive uma vida, mas ela tem apenas 16 anos e está ficando louca. Ela adorava chás e festas e danças e todos os tipos de coisas adoráveis e alegres. E, claro, ela também era uma garota muito atlética. Com sua ginástica e sua natação, que significavam tudo para ela. Agora, tudo isso lhe foi tirado e eu sinto... Sinto como se eu estivesse olhando Dagmar *fenecer*.

Paulus olhou para os próprios pés, não sabendo o que dizer. Frau Fischer nunca fora de desabafar, mesmo antes de se refugiar em si mesma.

— Na verdade, nem sei por que estou falando com você sobre isso, Pauly — Frau Fischer continuou. — Você também é judeu e, claro, está sujeito às mesmas restrições que ela. Não há muito que você possa fazer para ajudar, eu sei. Eu só... Eu só queria que de alguma forma eu pudesse fazê-la *sair de casa*.

— Bem, algumas restrições estão sendo suspensas para os Jogos Olímpicos — Paulus disse, tentando passar uma positividade que não sentia. — Não em relação às piscinas, acho, mas penso que poderíamos ir a um parque.

A menção das Olimpíadas provocou uma expressão de raivoso desespero no rosto de Frau Fischer.

— Esses jogos vão partir o coração de Dagmar — disse ela. — Eu me lembro de quando Berlim ganhou o direito de sediá-los antes de Hitler chegar ao poder. Dagmar dançou pela sala e fez o pai agendar para ela aulas extras de natação ali mesmo. Ela poderia ter competido, sabe? Mesmo aos 16 anos é possível que ela pudesse ter se qualificado. E se não para Berlim, talvez para Tóquio, em 1940. Mas isso é uma fantasia agora, ela não foi devidamente treinada por dois anos, e, mesmo assim, nenhuma comissão de seleção alemã iria escolher uma judia. Nem alemães mais nós somos, não desde Nuremberg. Esses malditos jogos serão uma tortura para Dagmar, todos os dias que durarem. Ela sempre disse que iria participar de todos os eventos.

Paulus estava em silêncio. Não havia realmente nada que pudesse dizer.

— Sinto muito, Paulus — Frau Fischer disse. — Já é muito tarde, eu estou impedindo você de chegar em casa, e não é seguro lá fora. Corra, querido. Não há nada que você possa fazer. Não há nada que qualquer um de nós possa fazer.

Paulus deixou a mansão Fischer com o coração pesado. Sabia que Frau Fischer tinha razão. Dagmar estava mudando. Tornando-se apática e deprimida. Fenecendo, como Frau Fischer havia dito, e, por mais horrível que fosse, Paulus sabia que era uma boa descrição. Queria mais do que qualquer outra coisa ser capaz de ajudar. Ser capaz de dar a Dagmar um pouco de sua vida de volta. Ser a causa de trazer o viço de volta ao seu rosto. Mas ele não podia. Era judeu como ela; e um judeu na Alemanha era impotente.

Paulus não mencionou a aparição de Otto na casa dos Fischer para Frieda e Wolfgang quando chegou em casa. No entanto, quando Silke foi até o apartamento dos Stengel no domingo seguinte, para dar o seu relatório semanal, não foi surpresa para Paulus ouvir que a crescente tolerância de Otto em relação a sua situação fora interrompida.

— Estou preocupada com ele — Silke admitiu. — Ele estava muito diferente hoje. Eu pensei que ele estivesse se adaptando, mas, agora, está tão irritado como

estava no começo, quando saiu daqui.

— Ele se meteu em brigas? — Frieda perguntou ansiosa. — Ele está em apuros?

— Não — Silke respondeu —, mas acho que não demora muito. Ele estava tão amargo hoje... Quase não falou durante a nossa caminhada, e ele não me levou para o chá. Disse que não queria comer com os bastardos. Ultimamente, ele andava tão relaxado quanto a isso também. Costumávamos rir dos outros garotos e fazer piadas, mas hoje ele voltou a desejar matá-los. E depois há o problema da Juventude Hitlerista.

— O que tem isso? — perguntou Frieda, muito preocupada.

— Bem, você deve ter lido que vão tornar a participação obrigatória para todos os garotos do país. Tem saído em todos os jornais.

— Nós desistimos de ler os jornais alemães — Frieda disse gentilmente. — Não é muito divertido para nós. Há um jornal judaico que lemos, às vezes.

— Bem, é o que irão fazer — Silke continuou. — Toda criança alemã pertence a Hitler, e ele quer deixar bem claro que ele é o verdadeiro pai e mãe deles, não a sua família.

— Que horrível — Frieda disse, sacudindo a cabeça. — Será que agora as pessoas vão finalmente começar a perceber no que se meteram?

— Agora é tarde demais, creio eu — disse Silke. — De qualquer forma, a questão é que Otto está dizendo que não vai participar.

— Mas por quê? — perguntou Frieda. — Ele já está em uma escola Napola, então, qual é a diferença?

— Foi isso que eu disse, mas por alguma razão ele parece ter traçado uma linha divisória. Diz apenas que não vai vestir outro uniforme nazista. Eu lhe disse que eu uso um e sou comunista, mas ele diz que é diferente para um judeu.

— Então, ele ainda diz que é judeu? — Frieda perguntou, quase sorrindo.

— É claro que diz. Sabe como é o Otto — Silke respondeu. — E eu achava que *eu* era teimosa. É uma pena, porque as coisas estavam indo muito bem para ele na escola, apesar de ele se esforçar pelo contrário. Ele é campeão no boxe, que eles adoram, e é claro que estão empolgados por minha causa. — Silke ficou vermelha como um tomate, como ocorria toda vez que mencionava Otto e ela numa mesma frase. — Vou lá com o meu uniforme da BDM e eles acham que sou a namorada dele.

Frieda sorriu. — E você *é*, Silke? — perguntou ela.

Silke ficou ainda mais vermelha.

— Não! — respondeu ela, um pouco alto demais. — Você sabe em qual garota Otto pensa. A mesma que Pauly. Dagmar, é claro.

— Mas *você* o tem visto muito — Frieda pressionou.

— Sim, e quero poder continuar a vê-lo, mas esse negócio de a Juventude Hitlerista se tornar obrigatória pode pôr tudo a perder. Se Otto se recusar a obedecer à lei, os professores não serão capazes de ajudá-lo, mesmo se quiserem. Ele vai ser preso; na verdade, poderá ir para um campo de concentração.

Wolfgang tinha ficado em silêncio como quase sempre ficava, mas, então, de repente, batera seu copo com força no tampo fechado do piano, derramando

a bebida barata e fedorenta que estivera tomando.

— Ele não pode — disse Wolfgang, num quase coaxar. — Ele *não pode* ir para lá. Eu *sei* o que eles fazem.

Todos se viraram para ele. Wolfgang nunca falava de suas experiências no campo. Raramente falava de qualquer coisa, principalmente quando conseguia encontrar algo para beber. Neste momento, porém, ele estava tremendo de nervoso. — Meu pequeno Ottsy não pode ir para lá — disse ele —, simplesmente não pode. A única maneira de sobreviver ali é mendigando e implorando. Com a personalidade que ele tem, estaria morto em uma semana.

— Eu sei. *Eu sei* — Silke disse —, mas o que podemos fazer? Você conhece Ottsy, ele é tão belicoso... e diz que nada pode convencê-lo a usar esse uniforme. Disse que estava aceitando tudo muito facilmente, mas que é hora de deixá-los todos saberem que ele ainda é um judeu. Eu não consigo entender isso. Tudo estava indo muito bem e agora ele está tão irritado novamente... Acho que alguma coisa deve ter acontecido e ele não está dizendo o que foi.

Paulus resolveu falar.

— Eu sei o que o deixou com tanta raiva, Silks — e, em seguida, acrescentou em voz baixa —, e conheço uma maneira de fazê-lo recuperar o juízo também.

— Diga-nos, então, Pauly! — Silke disse ansiosamente.

— Você não vai gostar — Paulus continuou. — E, por falar nisso, tampouco eu.

— Se impedir que Ottsy seja enviado para um campo de concentração, então eu vou gostar — Silke disse com firmeza.

— Por que Otto de repente ficou tão furioso novamente, Pauly? — perguntou Frieda. — Diga-nos o que você sabe.

— Tudo bem, então. Ottsy tentou ver Dagmar na outra noite.

— Você o viu? — Frieda engasgou de emoção — Você falou com ele?

— Não, a senhora Fischer mal o deixou entrar na casa. De qualquer modo, Dagmar me fez ficar em seu quarto. Ela pensou que seria ainda mais difícil fazê-lo ir embora se ele me visse.

— Dagmar falou com ele?

— Não por muito tempo. Ela o mandou embora. Disse-lhe que ele não era mais um de nós. Que ela não queria vê-lo porque ele tinha uma vida e ela não.

— Que cadela! — exclamou Silke.

— Silke! — Frieda repreendeu-a. — Eu odeio essa palavra.

— Bem, me desculpe. Mas o que eu quero dizer *realmente* é que não é culpa de Ottsy, certo?

— Olhe — disse Paulus. — Talvez eu não esteja reproduzindo o que ela disse muito bem. Fez sentido na ocasião e, de qualquer forma, foi principalmente Frau Fischer quem falou com ele. E, claro, o fato de ele aparecer por lá colocou-as em sério perigo. Ele realmente deveria ter pensado nisso. Talvez tenha pensado, mas simplesmente não conseguiu evitar... Todos nós sabemos como ele se sente em relação a Dagmar.

Silke desviou o olhar. Frieda estendeu a mão e apertou a dela.

— Então, é bastante óbvio por que ele começou a agir assim novamente — Paulus continuou. — O fato de Dagmar ter se recusado a vê-lo deve tê-lo deixado louco. Ele quer provar que ainda é judeu. Eu o conheço. *Sei* como ele se sente e que ele preferiria morrer e manter o respeito de Dagmar do que viver sem ele.

O rosto de Frieda contorceu-se alarmado.

— Você disse que tinha uma ideia, Pauly. Qual é? — perguntou ela.

— Bem — Paulus disse gravemente —, como eu disse, Dagmar está ficando muito deprimida.

— O que ela tem a ver com isso? — Silke perguntou. — Estamos falando de Ottsy.

— Eu sei disso, Silks — Paulus disse pacientemente. — Mas você sabe tão bem quanto eu que Dagmar é a chave para ele. De qualquer forma, ela está fugindo, desaparecendo dentro de si mesma. Meio que desistindo, um pouco como... — Paulus parou, mas não pôde deixar de lançar um olhar na direção de Wolfgang.

— Como eu? — Wolfgang disse, com um sorriso amargo. — Não tanto quanto eu, espero. Mas, se ela estiver, certifique-se de que ela evite o álcool à base de madeira. Ele pode cegar, se você não tiver adquirido certa tolerância a ele.

— Por favor, Wolf — Frieda disse, tentando disfarçar o desgosto em sua voz. — Estamos falando de Otto. Vá em frente, Pauly.

— Frau Fischer está realmente preocupada com ela — disse Paulus. — Dagmar gostava de sair. Ela gostava de *fazer* coisas. Ela não é como eu. Eu posso ler um livro, mas ela é uma pessoa do tipo que aprecia coisas *físicas*, e está *fenecendo*. Ela precisa nadar, precisa ir aos cafés. Acredite ou não, ela precisa de ingressos para as Olimpíadas.

Silke mal podia conter sua frustração.

— Bem, ela *não pode* ir aos malditos Jogos Olímpicos, pode? — ela retrucou. — O que tudo isso tem a ver com...

— Mas há um jeito de ela poder — Paulus continuou. — Tudo o que ela precisa é de uma boa cobertura. Tudo o que ela precisa... é de um namorado nazista.

— Você quer dizer... Ottsy? — Frieda engasgou de espanto.

Silke parecia chocada.

— Exatamente — disse Paulus. — Se ela estivesse de braço dado com um *Jungmann* uniformizado da escola de elite Napola, ela poderia entrar em qualquer lugar que quisesse, sem perguntas. Ele poderia até mesmo levá-la para nadar, tenho certeza disso.

— Sim — Silke admitiu calmamente, sabendo imediatamente que seus dias como a melhor e única amiga de Otto haviam terminado. — Acho que você tem razão.

— E é assim que nós poderemos evitar que Otto cause problemas para si mesmo. Você precisa ir falar com ele, Silks, e dizer-lhe que quanto mais nazista ele parecer, melhor ele será capaz de ajudar Dagmar. Isso vai trazê-lo de volta, com certeza.

— Meu Deus, Pauly! — Frieda disse. — Que plano inteligente.

— Não é? — Silke disse melancolicamente.

Ela e Paulus se entreolharam. Ambos compreendiam os sacrifícios que teriam de fazer.

Silke cumpriu sua missão no domingo seguinte, explicando o plano audacioso de Paulus a Otto.

— Dagmar precisa de você, Otts — Silke disse a ele. — Pauly e Frau Fischer estão realmente preocupados com ela. Dagmar está enlouquecendo sem sair de casa e perdendo a esperança. Ela precisa sair. Precisa ter um pouco de diversão. Você é a única pessoa que pode fazer isso por ela e, por isso, você realmente tem que começar a se comportar de novo e levá-los a confiar em você. Daí, eles vão deixar você sair da escola, como os outros garotos, e você poderá começar a fazer Dagmar parar de se retrair.

Certamente não foi preciso pedir duas vezes a Otto. Num instante, todo o seu comportamento se alterou.

— Não se preocupe, Silks — disse ele, com um largo sorriso —, você pode confiar em mim!

— Isso é ótimo — Silke respondeu, com um sorriso bem menos animado do que o de Otto.

Naquele domingo mesmo, Paulus apresentou o plano para Dagmar.

— Não sei por que eu não pensei nisso antes — disse ele. — Ottsy lhe dará a cobertura perfeita. Você poderá ser uma garota alemã novamente e ir aonde quiser, desde que esteja com ele!

No início, a ideia de sair em meio a nazistas deixou Dagmar lívida de terror. Mas logo a emoção da aventura superou seus medos, e seu ânimo se elevou visivelmente.

— Bem, Otto daria sim um belo namorado — ela admitiu.

— Tente não esfregar isso na minha cara, Dags — Paulus disse com tristeza.

— Seu bobo! — Dagmar respondeu com um tom feliz que Paulus não ouvia há anos. — Você sabe que eu amo vocês dois.

Ficou decidido que Silke levaria Dagmar com ela para o chá no domingo seguinte, no Napola. Otto obteve facilmente permissão para ter uma convidada extra, já que as meninas sempre eram muito escassas nas reuniões do internato. Claro que Dagmar não tinha um uniforme da BDM, mas o fato de que ela estaria chegando como amiga de Silke quase certamente seria o suficiente para garantir que não fossem feitas perguntas.

As duas meninas atravessaram Berlim juntas.

Mal tendo se visto adequadamente por alguns anos, tinham muito pouco a dizer uma para a outra, e a conversa soou um bocado artificial. Tentaram conversar e brincar um pouco sobre os velhos tempos do Clube dos Sábados, mas, para além daquela história compartilhada, não tinham mais nada em comum. Nunca haviam tido mesmo antes do nazismo, mas, agora, claro, a diferença entre elas era infinitamente maior.

Spandau ficava no fim da linha, e depois disso ainda tinham cerca de um quilômetro mais para completar a viagem. Dagmar, que usava saltos altos, insistiu em pegar um táxi.

— Não se preocupe. Eu vou pagar — disse ela, em resposta ao olhar duvidoso de Silke. — Mamãe e eu ainda temos dinheiro, embora eles tenham levado uma boa parte dele depois... bem... vamos dizer que eles multaram o meu pai pela inconveniência de assassiná-lo.

Quando se acomodaram no táxi, Silke pegou a mão de Dagmar. Algo que ela não fazia desde os dias das brincadeiras infantis.

— Não sei se eu já disse — ela sussurrou —, mas o que aconteceu com você foi terrível demais, Dagmar, e eu sinto muito. Você sabe, sobre o seu pai e... bem, sobre tudo.

Dagmar sorriu.

— Obrigada, Silke — disse ela. — Você não disse, mas eu sempre soube que você sentia. Quero dizer, às vezes, eu posso ser mesquinha, mas não sou completamente insensível. Falando nisso, hoje, por exemplo. Sei como deve ser difícil para...

— Está tudo bem — disse Silke, rapidamente —, absolutamente bem. É realmente um bom plano. Os planos de Pauly sempre são.

Em poucos minutos, elas chegaram aos grandes portões da escola Napola com a enorme águia de ferro forjado encimada pela suástica.

— Oh, meu Deus, estou muito nervosa, na verdade — Dagmar admitiu. — Quero dizer, estar entre todos aqueles rapazes nazistas.

— Você vai se sair bem — Silke assegurou. — Estou absolutamente certa disso.

— Como você pode estar certa, Silks? — perguntou Dagmar.

— Dagmar, eles podem ser nazistas, mas são rapazes.

Silke estava certa, é claro. Bastou avistarem Dagmar nos portões da escola com suas roupas elegantes, sofisticadas e sedutoras de adulta e não se falou de outra coisa na escola inteira. *Jungmann* Stengel, ao que parecia, conseguira a façanha de trocar uma bela garota por uma beldade estonteante. Certamente, ninguém pensou em pedir a uma criatura tão bela uma prova de sua ascendência. Ao contrário, os rapazes excitados teriam feito fila para dar suas vidas por ela.

Silke acompanhou Dagmar por apenas mais um domingo antes de parar com as visitas por completo.

Seu dever estava cumprido. Dagmar não precisava mais dela. A nova companhia de Otto fora reconhecida e aceita pela escola e tinha até mesmo recebido um elogio assustador do diretor. Silke sabia que ninguém iria sentir falta dela e mal podia esperar para cair fora daquilo. Não se importava que os outros garotos babassem por Dagmar, mas ver Otto fazê-lo, ofegando e correndo em torno dela como um cachorrinho ansioso, desesperado por agradar, era difícil de aguentar.

Dagmar simplesmente assumiu de onde Silke parou. Mais do que isso, na verdade. Porque, enquanto as pessoas meramente *imaginavam* que Silke pudesse ser a namorada de Otto, agora tinham toda a certeza de que Dagmar de fato o era. E quando ela e Otto sentavam-se juntos debaixo do carvalho na elevação gramada próxima ao campo de futebol, trocavam os beijos que Silke ansiou que fossem os dela.

O plano de Paulus funcionou perfeitamente. Com Otto ao lado de Dagmar, agora ela era capaz de apreciar o tipo de diversão que era negado a outros adolescentes judeus. Otto tinha 16 anos e podia requerer saídas à noite e também aos sábados à tarde. Durante esses passeios, ele levou Dagmar a parques e ao zoológico. Eles se sentaram juntos em cafés e, ocasionalmente, até em bares, a maioria dos proprietários sendo bastante complacentes quanto a servir bebidas a jovens, principalmente a um jovem casal tão atraente.

Otto não tinha dinheiro, mas envergava seu uniforme em estilo militar e havia se tornado bastante alto e muito forte. Dagmar tinha dinheiro e estava feliz em gastá-lo naqueles momentos preciosos, quando era capaz de ser uma jovem normal novamente.

E, claro, Otto levou Dagmar para nadar, o que foi sua maior alegria de todas. Dagmar logo se esqueceu até de se sentir nervosa enquanto compravam seus ingressos para as piscinas. Nenhum atendente jamais pediu qualquer identificação para a garota bonita acompanhada pelo namorado do Napola. Ela se preocupava, às vezes, temendo ser reconhecida, mas tinha se retirado da vida pública havia tanto tempo que a lembrança que a maioria das pessoas tinha da herdeira da fortuna da loja de departamentos Fischer era a de uma menina de 12 ou 13 anos.

Frieda agora tinha notícias de Otto por intermédio de Paulus, que, por sua vez, as recebia de Dagmar. Silke ainda visitava os Stengel aos domingos à noite para ouvir as notícias também. Sorrindo duro a cada relato sobre a diversão que Otto e Dagmar estavam tendo juntos. Assim como Paulus tentava arduamente transmitir as histórias de segunda mão com a mesma alegria e o mesmo entusiasmo com que Dagmar as contava a ele.

— Ambos estão realmente se divertindo — Paulus dizia.

— O que é ótimo — Silke acrescentava.

E Frieda olhava de um para o outro e sorria um sorriso triste para si mesma.

No cais do Tâmisa

Londres, 1956

Havia um luar razoável, que lançava uma longa faixa de branco através das ondulações escuras como cobalto do Tâmisa. A trilha prateada e reluzente brilhava por todo o trecho que ia da Mãe dos Parlamentos[41] até o Royal Festival Hall.

— Peter Pan poderia dançar nessa trilha a caminho de Kensington Gardens, vindo da Terra do Nunca — Billie observou.

— Acho que nem mesmo Peter Pan sobreviveria a um mergulho no Tâmisa — Stone respondeu.

Estavam juntos na ponte de Westminster. Nenhum dos dois queria ir para casa depois de sua saída apressada do *pub*, mas Billie não quis beber mais e, por isso, tinham apanhado um táxi, atravessado a Trafalgar Square e descido a Whitehall, e agora se encontravam ao pé do Big Ben, contemplando o largo e escuro rio que corria abaixo deles.

— Sempre penso nos romanos quando vejo a lua no Tâmisa — disse Billie.

— Nos romanos? — Stone perguntou um pouco surpreso.

— Sim, pois esta cidade existe há *tanto* tempo... — ela explicou. — É incrível imaginar as pessoas admirando o mesmo belo luar sobre o mesmo rio velho e sujo por dois mil anos.

Juntos, caminharam da ponte até o Victoria Embankment. Passearam pelo cais, em busca de um banco que não estivesse ocupado por um sem-teto.

— Quando eu era uma garotinha, em Trinidad — Billie continuou —, minha mãe costumava falar sobre como um dia iríamos para a Inglaterra e, então, teríamos muito dinheiro e poderíamos comer o que quiséssemos. E, aí, faríamos um passeio pelo Tâmisa para vermos onde o velho Henrique VIII havia dormido com todas as suas esposas, uma depois da outra e *assim por diante*. E também veríamos onde ele matou umas duas delas também, cortando-lhes a cabeça na Torre de Londres. E como seríamos felizes na velha e alegre Inglaterra. E fizemos isso, sabe? Eu e minha mãe. No primeiro domingo em que conseguimos juntar um dinheirinho para passear, nós fizemos isso.

— Eu me pergunto o que o velho Henrique VIII teria feito com o pavoroso Royal Festival Hall — Stone disse, olhando para a controversa construção moderna na margem oposta.

— Eu gosto dele — disse Billie. — Eu o acho muito legal. Muito bem resolvido espacialmente.

— Soviético demais, se quer saber o que penso. Muito concreto.

— Vou lhe dizer uma coisa, Paul. Para quem nasce em uma casa com chão de terra, concreto é um luxo. É limpo, barato e não se desmancha com uma tempestade. Em termos de construção, tem muitos aspectos positivos.

— Bem, falou a estudante de *design* — Stone concedeu.

— Não se pode estudar bom gosto, *baby* — Billie respondeu. — Tampouco bom senso. E acontece que eu nasci com os dos dois de sobra, só isso.

Encontraram um banco vazio, mas, antes de se acomodarem, Billie inspecionou-o cuidadosamente à luz de seu isqueiro Dunhill, antes de ter coragem de encostar nele seu lindo casaco de lã. Um pouco mais adiante, havia uma barraquinha de refrescos para os taxistas, e Stone foi até lá comprar chá e uma barra de chocolate Cadbury para os dois.

— Aqueles romanos que ficavam olhando a nossa lua de sua ponte de madeira tiveram uma surpresa desagradável — disse Stone, quando voltou com duas canecas de porcelana fumegando. — Boadiceia e os icenos apareceram e calcula-se que setenta mil pessoas morreram nos combates e nas pilhagens. Praticamente aqui mesmo onde estamos sentados agora.

— Bem, que pensamento horrível para uma noite romântica! — Billie riu. — Você sempre dá um jeito, não é?

— Mas a parte boa é que esse foi o maior massacre que aconteceu nas Ilhas Britânicas. Nenhum combate superou esse em quase dois milênios. Isso é realmente uma estatística surpreendente. Que outros países podem dizer que a catástrofe mais sangrenta que já ocorreu em seu solo aconteceu dezenove séculos atrás? Eu lhe digo: nenhum. Sorte da velha Grã-Bretanha, não é?

Billie sorriu e tomou um gole de chá.

— Você colocou três colheres de açúcar?

— Claro.

— Então, acho que você não mexeu.

— Ah.

Billie pegou um lápis em sua bolsa e mexeu o chá.

— Você realmente ama este país, não é mesmo, querido? — ela disse.

— Não sei — Stone respondeu pensativo. — Não sou muito bom no amor. Mas eu o respeito, isso posso dizer. Respeito-o profundamente. E respeito seu povo também.

— Mesmo depois de hoje à noite, depois de socar o dono do *pub*?

— Aquilo foi deprimente. Muito deprimente. Entretanto, acho que neste país pessoas como ele são apenas maçãs podres no cesto. Quando eu era menino, elas enchiam todo o cesto.

— Bem, talvez... — Billie deu de ombros. — Só que eu já vi um monte dessas maçãs podres, sabe? Gangues de Teddy boys[42] que baixavam em Ladbroke Grove com suas navalhas. Quando nós viemos para cá, não conseguíamos nem alugar quartos por sermos negros, sabe? Ainda hoje, não conseguimos. Cães não são permitidos. Negros não são permitidos. Irlandeses não são permitidos.

— Eu sei, Bill. Claro que não estou dizendo que é o paraíso nem nada. Mas, mesmo assim, ainda é o país mais tolerante que conheço... E o engraçado é que

eles nem sequer se dão conta disso. Às vezes, morro de rir no trabalho ouvindo os comunistas resmungando que a Grã-Bretanha não passa de um estado fascista. Eu digo a eles: pode ser elitista, esnobe, mesquinha e obcecada por classes sociais, mas, no século XIX, fizeram de um judeu primeiro-ministro. Já nós, em pleno século XX, assassinamos todos eles.

— Nós? — Billie disse surpresa. — Nunca ouvi você falar de si mesmo como alemão antes.

— Bem, eu sou alemão, Bill — Stone respondeu. — Isso é outra coisa engraçada. Sempre serei alemão, ou, pelo menos, uma parte de mim será. A Alemanha dos meus pais e meus avós. A Alemanha que eles amavam. E que eu amava também. Mas a verdade é que ela foi roubada. E o mesmo não aconteceu aqui. Os fascistas nunca tiveram vez na Grã-Bretanha. Nós nunca lhes demos qualquer chance.

— Nós? — Billie riu. — Então, agora você é britânico também?

— Sim. Sou as duas coisas. Ou, o mais provável, nenhuma das duas. Mas, sabe? Quando descíamos pela Whitehall, passamos por Downing Street.[43] Nós poderíamos ter parado o táxi, saído e caminhado até lá. Há apenas um policial do lado de fora. É isso aí, *um* policial. Nunca houve mais do que isso, mesmo quando a Grã-Bretanha governava um quarto da população mundial. Não é uma coisa notável?

— Sim. Suponho que sim, quando se coloca dessa forma.

Billie segurou-lhe a mão e ele sentiu o polegar dela deslizar sobre os nós de seus dedos, descobrindo os machucados.

— Ai — disse ela.

— Devo ter acertado os dentes do cara de algum jeito. Não achei que tivesse feito isso. Pensei que o tivesse golpeado de forma limpa.

— Oh, você o golpeou de forma limpa, com certeza, rapaz. Não se preocupe quanto a isso.

— Você sabe que eu tinha que fazer aquilo, Billie — disse Stone.

— Não acho que você tinha que fazê-lo. Em todo caso, não por minha causa. Não gosto de violência.

— Quem gosta?

— Não acho que isso ajude.

— Billie, eu tenho uma regra. Quando você encontra esse tipo de atitude, você sempre tem que lutar contra isso. Não importa se você é negro, judeu ou um protestante branco e anglo-saxão, nunca é bom simplesmente virar as costas e deixar pra lá. Você tem que enfrentar esse tipo de coisa toda vez que acontecer. Tomei essa decisão 23 anos atrás, quando vi uma adolescente correndo pela Kurfürstendamm aterrorizada, enquanto faziam sua mãe e seu pai lamberem o chão.

Billie sorriu. — Tudo ainda gira em torno dessa garota, não é? Mesmo agora, quando você está defendendo a honra de uma estudante negra, no Soho, em *1956*, você na verdade ainda está fazendo isso por causa da garota alemã. Você bateu naquele cara por causa dela, não por mim.

— Não, Billie — Stone protestou. — Fiz aquilo por você. De verdade. E por minha mãe, meu pai, Pauly e todos os malditos milhões de outros.

— E por Dagmar.

— Sim. Claro. E por Dagmar.

— Principalmente por Dagmar.

Stone riu. — *Não*, não principalmente. Principalmente por você.

— Bem, dê-me um pouco desse chocolate que eu acredito em você.

Stone tirou a embalagem púrpura do bolso, rasgou fora o papel e correu a unha do polegar sobre a primeira ranhura através do papel-alumínio.

— Gostaria de poder lhe oferecer um Lindt — disse ele. — Aquilo sim *é que é* chocolate.

— Prefiro Cadbury — Billie disse, aceitando toda uma fileira de quadrados. — Não aprecio chocolates finos. Chocolate ao leite Cadbury e uma boa xícara de chá. Isso é que é vida, *baby*.

Juntos, comeram o chocolate e beberam o chá, observando uma barcaça de carvão deslizando em silêncio, cortando em duas a fita de prata que a lua estendia sobre a água.

— Então, você e Dagmar acabaram saindo juntos? — Billie disse, retomando a conversa.

— Sim, é isso mesmo, nós saímos. Ela fingindo ser não judia e eu fingindo ser um bom nazista.

— E você conseguiu dormir com ela?

Stone engasgou com o chá. — Direto ao ponto, hein? — disse ele, enxugando o chá do queixo.

— Ora, qual é? É uma pergunta óbvia. — Billie riu.

— Bem, acontece que não. Éramos apenas adolescentes.

— Haha! Você tinha *16* anos! — Billie bufou divertida. — Os tempos eram outros, *baby*! Os tempos eram outros.

— Bem, não havia realmente muita oportunidade para esse tipo de coisa. Nosso tempo juntos era bastante restrito, e não tínhamos onde ficar. Ainda era muito perigoso, para mim, ir à casa dela.

— Entretanto, apesar disso, aposto que vocês se esforçaram um bocado para encontrar um lugar.

— Acho que de certo modo, sim. Nós certamente namorávamos muito, sempre que podíamos. Sabe? Nos becos e bancos de jardim.

— Oh, eu sei. Já passei por isso. E ela realmente era sua namorada? Quero dizer, de verdade? Não só porque você podia levá-la para nadar na piscina?

— Bem, eu achava que sim. Eu pensava que ela me amava. Ela disse que me amava.

— Mas não amava?

— Não — Stone respondeu, com um leve toque de amargura. — Acabou ficando claro que eu era apenas um companheiro conveniente. No final das contas, descobri que ela amava meu irmão.

Reichssportfeld, Grunewald

Berlim, 1º de agosto de 1936

Otto e Dagmar jamais haviam ouvido um bramido como aquele antes.

Sólido como um golpe. Um assalto aos sentidos. Estrondoso. Vulcânico. Uma erupção ruidosa que deixava o ar denso e pesado. O barulho como uma entidade física palpável. Onda após onda batendo contra eles. Agredindo-os. *Perfurando-os*.

Dagmar tentou falar, gritar, mas sua boca parecia mover-se em silêncio. Uma única voz não poderia suplantar outras 110 mil unidas como uma só. Dagmar e Otto estavam se afogando em um *mar* de som. Ele se chocava contra seus rostos como uma onda arrebentando contra as pedras. Enchendo suas cabeças. Atordoando-os e desorientando-os.

E, justo quando eles imaginavam que o barulho não poderia ficar mais alto, a cacofonia atmosférica amorfa tomou corpo e forma. Agora eram palavras, não apenas som, o que os envolvia.

— *Sieg Heil! Sieg Heil! Sieg Heil!*

Cada "*heil*" era um aríete no ar. Sacudindo e fazendo vibrar suas cabeças, seus corpos e o suporte de concreto sob seus pés, que parecia estar a ponto de rachar sob a pressão.

Dagmar pressionou seus quadris contra os de Otto. Ele podia senti-la tremer e sabia que estava tremendo também.

Não por medo, mas por emoção.

Aquilo era simplesmente magnífico. O maior estádio já construído estendia-se diante deles. Um vasto e elegante oval, em torno do mais verde dos campos e a mais reta das pistas, na qual se encontravam reunidos, em fileiras perfeitas, atletas de todos os cantos do globo. Os melhores corpos humanos do planeta, todos reunidos por trás de suas bandeiras celebrando a excelência.

Além deles, a grande tribuna. Muito maior e mais monumental do que a de qualquer César. E, sobre ela, um pequeno grupo de homens, dentre os quais um se destacava. À frente dos outros e sozinho. Com o braço estendido.

O *líder*. Recebendo a saudação familiar com ar severo.

— *Salve a Vitória! Salve a Vitória! Salve a Vitória!*

A delegação alemã chegou por último e posicionou-se mais próxima ao pódio. A maior delegação, como pareceu a Otto, vestida inteiramente de branco. Tal escolha fora brilhante. Perfeito senso teatral. Um contraste deliberado e inspirado em relação às demais delegações. Destacando a Alemanha

completamente dos uniformes multicoloridos usados pelas outras nações que a precederam no estádio. Dos *blazers* listrados, alegres chapéus de palha e gravatas de cores vivas, dos turbantes berrantes e dos elementos e acessórios estranhos e incongruentes dos trajes típicos das diversas nacionalidades. Das echarpes tremulantes ao vento, dos bonés, dos lenços de pescoço em todos os matizes. E dos italianos, os mais estranhos de todos, no que pareciam ser túnicas de combate pretas e bonés de estilo militar.

Apenas os alemães usavam um único e unificador tema visual. E esse tema era o mais imaculado branco. Desde os alvos gorros nas cabeças aos sapatos e meias em seus pés, eles formavam uma equipe completamente branca. Como um regimento de anjos. O único toque de cor era a bandeira vermelha cor de sangue por trás da qual eles marchavam.

Cento e dez mil pessoas se levantaram e estenderam o braço direito em saudação. Inclusive Otto e Dagmar. Rodeados por tal multidão, eles teriam feito o gesto por razões de segurança, mas, naquele momento e em meio àquela loucura estranhamente contagiante, eles quase *quiseram* realmente saudar o líder.

Dagmar colocou o braço livre em torno de Otto e segurou-o com força. Ele podia sentir a coxa dela contra a dele.

Outro rugido se levantou do ruído contínuo quando, lá longe, do outro lado da imensidão do estádio, Hitler se aproximou dos microfones. A tal distância, era apenas uma figura minúscula, mas, ainda assim, inconfundível. O homem mais famoso do mundo. Otto achava que ele teria sido reconhecido em qualquer parte do globo.

O homem postou-se diante dos microfones *daquele seu jeito*.

Daquele particular jeito *Hitleriano*, que cartunistas e humoristas de todo o mundo vinham ridicularizando havia uma década, mas que, apesar de seus esforços, permanecia inegável e inconfundivelmente impressionante.

Severo. Sem envolvimento emocional. Isolado. *Sozinho*.

Poucos homens que foram tão longe poderiam demonstrar a mesma tranquilidade e confiança calculada em um momento como aquele. Estar diante de 110 mil pessoas saudando-o como uma divindade e ainda permanecer, de alguma forma, distante.

Nenhum triunfalismo em sua postura. Nenhuma alegria. Sentimentos que abundavam ao redor dele, claro, mas não nele. Apenas o comportamento de um homem que encontra as coisas em ordem e que não esperava menos que isso.

A voz do líder soou em todo o estádio.

— Declaro abertos os décimos primeiros jogos olímpicos da era moderna — disse ele — aqui em Berlim.

Novamente uma escolha brilhante. Simples, como o branco da sua delegação. Nada de discursos furiosos e delirantes. Nada da costumeira vociferação e salpicos de saliva que o mundo poderia esperar. Apenas a autoridade calma de um homem no comando absoluto.

O breve discurso do *líder* desencadeou outro bombardeio de *siegs* e *heils* que sacudiu mais uma vez o estádio. A chama olímpica foi acesa e os jogos em si começaram.

Muitos espectadores deixaram as arquibancadas nesse ponto, preferindo teatro político ao atletismo, mas Dagmar e Otto tinham a intenção de ficar e assistir a absolutamente tudo que seus ingressos permitissem.

— Se eu pudesse ser um deles... — disse Dagmar, quando finalmente tornou-se possível comunicar-se sem precisar gritar. — Imagine! Estar no meio disso tudo. Pronta para competir. Representando a Alemanha. Toda vestida de branco.

— Ah — Otto respondeu —, mas, se você estivesse competindo, não poderia entupir-se com cerveja e salsichas, que é o que eu vou conseguir para nós agora!

Eles se sentaram e assistiram aos eventos durante todo o dia. Surpreendendo-se a aplaudir a equipe alemã, apesar de sua condição. Apesar do fato de cada atleta virar-se para o pódio e fazer a saudação nazista antes e depois de competir.

— E por quem mais poderíamos torcer? — perguntou Dagmar, com a boca cheia de *bratwurst* e cerveja.

Beberam durante todo o dia, sem que ninguém parecesse se importar com sua juventude. Talvez os donos das barraquinhas não percebessem que o uniforme preto de Otto fosse de escola, e Dagmar poderia facilmente passar por uma moça de 21 anos.

Quando finalmente deixaram o estádio, estavam bêbados, claro, e assim, em vez de irem para casa, pegaram o bonde para o Tiergarten, a fim de tomar um café.

Toda a Berlim parecia estar comemorando a abertura bem-sucedida dos jogos e também o surpreendente e precoce número de vitórias dos alemães, e Dagmar e Otto esqueceram-se de suas preocupações enquanto caminhavam juntos entre a multidão feliz.

— Você não tem que voltar para a escola? — Dagmar perguntou.

— Danem-se eles — Otto respondeu.

Dagmar fechou a cara. — Otto, você não pode dizer isso.

— Por que não? Eles me mandaram para essa escola. Eu não pedi para ir pra lá.

— Sim, mas agora você tem que ficar lá, Otts. Por minha causa. Quanto mais nazista você parecer, mais poderá me levar para sair e mais poderemos nos divertir. Esse era o plano de Pauly.

— Sim, claro — Otto apressou-se em dizer. — Eu sei disso. Não se preocupe, sei de muitas janelas por onde posso esgueirar-me ao voltar, e se me pegarem vou dizer-lhes que o bonde ficou preso no meio da multidão ou algo assim. Se eu receber uma surra, vai valer a pena. Só para ficar um pouco mais de tempo com você.

— Oh, Ottsy... Isso é uma coisa tão *romântica* de dizer. Eu me lembro da primeira surra que você levou por mim. No lago Wannsee, quando o pobre Pauly apanhou ainda mais por querer ser muito esperto.

Dagmar pôs os braços em torno de Otto e o beijou. Havia muitos casais fazendo o mesmo na excitante penumbra do parque, e ela o beijou forte e longamente.

— Tem sido tão maravilhoso poder sair novamente, Ottsy — Dagmar sussurrou. — Sinto-me viva outra vez.

Otto também se sentia vivo e abraçou-a mais apertado e mais desesperadamente.

— Dagmar — ele disse meio engasgado —, você acha que talvez... que um dia nós poderíamos...

— Sim! — Dagmar sussurrou. — Mas não agora. Um dia. Eu quero. Realmente quero. Mas não esta noite...

— Nós poderíamos ir para a casa de sua mãe — Otto sugeriu afoito. — Ela sempre fica no andar de baixo...

— Não, Ottsy! — Dagmar respondeu, soltando-se dos braços dele, com relutância. — É muito perigoso. Se você fosse visto lá, seríamos punidas. Além disso, você tem que voltar para a escola. Você não deve perder seus privilégios. Você faz parte da elite.

— Você acha que eu me importo com isso? — Otto protestou.

— Você pode não se importar, querido. Mas eu sim. Gosto de ter um namorado da elite.

— Você... Você acabou de me chamar de "querido"? — Otto perguntou, com um enorme sorriso meio abobalhado no rosto.

— Sim, chamei... querido. Porque é isso que você é. Meu querido. Todo meu. Agora, volte para a escola e *não seja* apanhado entrando sorrateiramente. Porque, se eles o prenderem, você não poderá me levar para sair, não é? E isso não pode mesmo acontecer.

Um feriado em Munique

1937

Frieda se culpava. Tinha sido ela quem convencera Wolfgang a deixar o apartamento pela primeira vez em um mês e sair para um passeio. O resultado fora um encontro desagradável com um pelotão da Juventude Hitlerista. Ele voltara mancando de dor e ficara claro que todo o minúsculo progresso que vinha fazendo em sua saúde e autoconfiança havia se perdido e retrocedera dez vezes.

— O desgraçado simplesmente me empurrou para fora do caminho — explicou Wolfgang, sua voz pairando entre lágrimas de raiva e lágrimas de desespero. — Foi no mercado. Estavam marchando bem ali no meio, pisando forte e cantando. O que mais eles fazem além de bater os pés e cantar? Eu simplesmente não consegui sair do caminho a tempo. Havia deixado cair algumas moedas e eu precisava delas. Estava tentando pegá-las. Eles poderiam ter se desviado de mim, mas é claro que não fizeram isso. O garoto da frente apenas me deu um chute e eu saí rolando.

Frieda apalpava-lhe gentilmente as costelas. — Bem, ou está muito machucado ou você quebrou uma delas outra vez — ela disse, tentando fazer como se aquilo fosse apenas uma questão médica como qualquer outra, tentando não pensar no fato de que seu marido havia sido chutado para a sarjeta por um pelotão de adolescentes.

O elevador lá fora rangeu. Paulus estava chegando da escola.

— Cartas! — disse ele. — Uma da Austrália, uma da Grã-Bretanha.

— Guarde os selos, não se esqueça — disse Frieda. — O menino Leibovitz simplesmente os adora. Ele os retira tão bem no vapor... você deveria ver sua coleção. Ele tem tanto orgulho dela...

— Sim — Wolfgang sorriu. — As criancinhas judias certamente têm as melhores coleções de selos. De todos os países que não querem judeus. São muitos.

Paulus já estava lendo as cartas.

— Interessante — disse ele. — É da sede do governo em Darwin, na Austrália. O Território do Norte definitivamente está interessado em médicos.

— Bem, eles precisam de gente naquelas terras. Por que não nós? — Frieda disse, enquanto desabotoava a camisa de Wolfgang e puxava-a para fora das calças. — Você já ouviu falar de Steinberg?

— Sim, claro, mamãe — disse Paulus. — É um dos fundadores do Territorialismo; quer comprar terras em Kimberly e estabelecer lá uma colônia

judaica. Acredite em mim, não há um buraco de rato que eu não esteja fuçando.

— Por favor, não fale assim, Pauly.

Frieda analisou o peito de Wolfgang e não pôde evitar um murmúrio de preocupação. Havia hematomas escuros de um lado de seu torso branco e ossudo.

— De qualquer forma — Paulus continuou —, a questão é que eles precisam de trabalhadores, e também de profissionais. Talvez eu acabe na tosquia de ovelhas e estudando Direito australiano à noite.

— Ai! — Wolfgang se queixou quando Frieda aplicou-lhe uma bandagem.

Seu peito estava tão magro e encovado e a carne tão sensível que era impossível amarrar o curativo com firmeza suficiente para não soltar.

— Esta da Inglaterra também parece interessante — disse Paulus. — É do Fundo Central Britânico para Judeus Alemães. Ficam felizes em nos ajudar com os pedidos de visto, mas, primeiro, temos de encontrar as pessoas por lá que nos apoiem. Preciso de uma lista, mãe. Uma lista com cada médico com quem você já esteve em contato no Reino Unido, nos Estados Unidos, na França, no Canadá, em todos os lugares. Você tem que fazer um esforço e se lembrar de todos os seus anos na clínica. Você foi a conferências internacionais na década de 20. Fóruns sobre saúde pública. Quem você conheceu? Não importa se foi brevemente. Quero nomes e, especialmente, qualquer correspondência. Precisamos de alguém que se concentre *em nós* especificamente, essa é a única maneira agora. Muitas pessoas estão cavando uma saída. Temos de encontrar um campeão, alguém que defenda nosso caso. Preciso de uma lista, mãe.

— Eu sei. Eu *sei* — disse Frieda.

— Você diz isso, mas você tem que se concentrar, mãe. Não podemos sequer *solicitar* um visto de entrada em países estrangeiros a menos que possamos provar que alguém vai nos acolher quando chegarmos lá.

— Eu tenho muita coisa para fazer, Pauly! Tenho pacientes.

— Há muitas crianças doentes na Grã-Bretanha e na Austrália com as quais se preocupar.

— Pauly, essas crianças não estão excluídas da sociedade. Meus pacientes não têm mais ninguém. Eles precisam de mim.

— Nós precisamos de você, mãe. Temos de encontrar alguém que nos ajude a procurar um lugar. Nós não queremos muito. Ottsy pode ficar aqui até que estejamos estabelecidos, e vovô e vovó não vão querer sair, por isso somos apenas nós três. Você é médica, mãe! Isso é uma enorme vantagem. Eu sou jovem e capaz, e em um ano estarei formado no colégio, e eu estou me matando para obter as melhores notas. Temos muito a oferecer...

A voz de Paulus foi sumindo. Como tantas vezes acontecia neste ponto em suas discussões desesperadas. Havia um elefante na sala. Um pobre elefante meio aleijado. Todos os três sabiam que as chances de convencer alguém de que Wolfgang poderia exercer uma "atividade útil" já eram bastante baixas quando ele era saudável, mas, agora, elas eram menores do que zero.

— Não se preocupe — disse Wolfgang, rindo e tentando encobrir o embaraço de seu filho. — Tenho certeza de que eles têm pratos que precisam ser lavados. De qualquer modo, isso é o que a maioria dos músicos faz para viver.

— Sim, papai. Isso mesmo — disse Paulus. — Nós vamos ficar bem.

— E, enquanto isso — Wolfgang anunciou com alegria exagerada —, enquanto você está se esforçando para obter uma rota de fuga e Frieda sozinha tenta garantir a saúde de cada criança judia em Berlim, eu vou sair de férias!

Fosse o que fosse que Frieda estaria esperando o marido dizer, certamente não tinha sido aquilo.

— Férias? Wolf, por favor, explique.

— Férias curtinhas. Apenas um feriado para a *alma*.

— Wolf — Frieda disse sorrindo, mas com um toque de impaciência —, eu realmente não tenho tempo para joguinhos. Que história é essa de feriado? Você está pensando em ir para onde?

— Para os confins da Terra e para a borda do consciente.

— *Wolf*! Eu não tenho tempo para isso!

— Para as mentes dos gênios e para os recônditos da minha alma.

Ele estava quase rindo agora.

— Está certo, já chega! — disse Frieda. — Não vou ouvir mais nada. Desculpe, mas eu tenho que ler sobre raquitismo e desnutrição juvenil.

— Tudo bem! Tudo bem! — Wolfgang disse, tirando um jornal do bolso e mostrando-o para Frieda. — Estou indo para Munique ver isso. A *Entartete Kunst*, a Exposição de Arte Degenerada. Eles estão, na verdade, montando uma *exposição* da arte que querem que as pessoas odeiem. É incrível. Todos os artistas que eu amava: Kirchner, Beckmann, Grosz, é claro. Nomes surpreendentes como Matisse, Picasso e, veja, Van Gogh! Dá para acreditar? Tudo isso em uma só exposição! E de graça. Tudo o que eu preciso é do dinheiro para o bilhete do trem para Munique.

Frieda pegou o jornal e leu o artigo por alto.

— Quando eu penso — disse ela com um suspiro —, e *sempre* penso, que eles não conseguem mais me surpreender, vejo uma coisa assim...

— Mas eles continuam a fazê-lo, não é? — Wolfgang respondeu quase alegre agora. — E, pela primeira vez, abençoados sejam por isso! Quero dizer, isso é realmente incrível. Eles vasculharam cada museu e galeria na Alemanha. São *tão confiantes* em sua visão filistina que reuniram a melhor arte do planeta em uma exposição na presunção de que as pessoas irão rir dela.

— Incrível — Frieda disse, olhando para a lista e sacudindo a cabeça. — Uma seleção sem pé nem cabeça. Diz aqui que os artistas são todos *bolcheviques judeus*, mas a maior parte deles não é sequer judia ou comunista, para começo de conversa.

— Ah, mas continue a ler, parece que o *líder* decidiu que é possível alguém *pintar* como um judeu, mesmo se *não for* um. Aparentemente, foi a *nossa* influência que criou a arte decadente. Eu diria que nós deveríamos estar orgulhosos se Pauly não fosse apertar meu pescoço. De qualquer forma, judeu, comunista, cubista ou expressionista, quero ver essa formidável exposição! Então, obrigado, Herr Goebbels, por providenciá-la para que eu possa sentir-me adequadamente — ele citou o artigo — "*revoltado com o espírito judeu perverso que outrora permeou a cultura alemã*".

— Wolf — Frieda disse com um olhar de preocupação. — Você realmente acha que é sensato? E se suspeitarem que você não foi lá para odiar, mas para admirar? E se descobrirem que você é judeu?

— Frieda — Wolfgang assegurou-lhe com absoluta confiança —, eu não acho que serei o único.

Wolfgang estava certo.

Ele viajou de Berlim para Munique na semana seguinte, no trem noturno, espremido em um vagão de terceira classe, entre um grupo de soldados barulhentos que estavam sendo deslocados para o sul, para a fronteira com a Áustria.

Durante a noite, sacolejando no banco de madeira dura, cada solavanco produzindo dores lancinantes em seu peito, Wolfgang pegou-se relembrando Katharina. Ela havia feito essa mesma viagem de trem entre Berlim e Munique para ver a primeira peça de Brecht. Trepidando através da escuridão em busca de bálsamo espiritual, assim como ele estava fazendo. Aquilo tinha acontecido dezessete anos antes, e em um país diferente.

Chegando no início da manhã, Wolfgang refrescou-se no banheiro da estação, permitiu-se uma xícara de café na lanchonete e dirigiu-se à exposição. Esta estava sendo realizada no que antes era o Instituto de Arqueologia, que os nazistas haviam fechado. Eles não tinham necessidade disso. É evidente que, após ter criado a sua própria civilização de mil anos, não viam necessidade de estudar todas as anteriores.

Wolfgang chegou muito cedo ao local, mas foi uma sorte para ele tê-lo feito, pois, como havia previsto, a exposição estava se provando um enorme sucesso. Muitos milhares de pessoas lutavam todos os dias para ter a chance de se sentirem devidamente revoltados com a arte decadente, e mesmo que fossem apenas sete horas da manhã, a fila já contornava todo o edifício. Olhando para as pessoas que esperavam, Wolfgang mal podia acreditar que os nazistas não pudessem enxergar o que era tão evidente para ele. Que, quase sem exceção, as pessoas que aguardavam pacientemente tinham ido lá não para serem ultrajadas, mas para admirar as obras. Não havia camisas pardas na fila nem emblemas do partido ou da polícia. Nem um único. A Exposição de Arte Degenerada foi, provavelmente, o único evento público em toda a Alemanha naquele verão em que nem um único uniforme foi visto entre o público. Wolfgang pensou que se a Gestapo quisesse controlar os últimos espíritos livres restantes escondidos em Munique, em 1937, tudo o que tinha a fazer era aparecer em sua própria exposição de propaganda e levar todo mundo preso.

A exposição ficava no segundo andar do prédio e só se chegava a ela por meio de uma pequena escada nos fundos, pela qual só se podia subir em fila indiana. Por isso, Wolfgang concluiu que os organizadores não esperavam uma tão grande afluência. Era óbvio que a exposição fora montada simplesmente para poder ser relatada. Para que o conceito da existência de tal coisa denominada como “arte degenerada”, inspirada por judeus, fosse estabelecida. Para que burgueses presunçosos pudessem ser capazes de zombar de um ou dois exemplos oferecidos para serem ridicularizados todos os dias nos jornais.

As obras da exposição haviam sido dispostas de forma deliberadamente alienante, amontoadas, por vezes distorcidas, escondidas em cantos e colocadas em ambientes inadequados para a sua escala. O local também era abafado e havia uma multidão por lá, mas Wolfgang estava determinado a apreciar cada item. A isolar-se mentalmente dentro da aglomeração, concentrando-se com todas as suas forças em cada peça, permitindo que as pessoas o empurrassem para passar enquanto ele obstinadamente se demorava.

Por todos os lados, os organizadores haviam espalhado *slogans* num esforço para lembrar os visitantes e certificar-se de que eles continuassem a odiar.

A loucura torna-se método!

O camponês alemão através dos olhos do judeu!

Cretinos e prostitutas, o ideal do degenerado.

A natureza através de mentes doentias!

Wolfgang divertiu-se com tudo aquilo. *Chafurdou*. Permaneceu até o último momento, saindo de lá apenas quando as portas estavam sendo trancadas atrás dele.

Aquele foi o seu feriado. Uma viagem ao redor do mundo e pelo universo da imaginação em um único dia.

Antes que se despedisse.

Porque Wolfgang tinha um plano. Um plano que ele explicou para Frieda no derradeiro bilhete que lhe deixou. Na mesa da cozinha que tinham compartilhado por toda a vida adulta deles.

Ele o escreveu no trem de volta para Berlim. *Minha querida, muito amada Freddie*, ele começou.

Por favor, não fique com raiva de mim. Você deve saber que o que eu estou fazendo é certo.

Você também deve saber que eu passei meu último dia na Terra na companhia de alguns dos maiores espíritos que já viveram. Eu teria preferido tê-lo passado com você, é claro. Mas eu não podia. Você teria descoberto minha intenção, como sempre faz, e teria tentado me deter.

Fred, você sabe que eu tenho que deixar você.

Você REALMENTE sabe disso.

Não há nenhuma possibilidade em todo o mundo de qualquer país concordar em me aceitar como refugiado. Estou acabado e não há nada que possa fazer. Se você insistir em tentar me levar, como eu sei que irá fazer, você nunca escapará deste inferno, e se você ficar, acredito que o fim está próximo e será terrível.

Você precisa sair e Paulus também. Ottsy também, assim espero com todo o meu coração. Mas você não poderá se eu estiver com você.

Então, eu devo deixar a Alemanha por outro caminho.

Eu morro sem arrependimentos.

Acredite nisso!

Acredite com todo o seu coração ou minha alma não irá descansar.

Como poderia eu me arrepender? Compartilhei minha vida com você. Nenhum outro homem vivo ou morto jamais poderia ter preenchido o seu

tempo na Terra de maneira mais bela do que essa. Ter vivido a vida com você.

E com os nossos meninos.

Mas, agora, esse tempo acabou. Dezessete anos de amor.

E se esses anos houvessem sido cinco ou cinquenta, um minuto, uma hora ou o meio século que deveriam ter sido, seria a mesma coisa.

Realmente, a mesma quantidade de tempo. Percebe?

Pois, nesse tempo, não importa a sua duração terrestre, estava contido todo o amor do mundo.

Ha ha! Viu só? Posso dizer algo sem tentar ser engraçado!

E agora é adeus.

Freddie.

Mais uma vez.

Você sabe que eu estou certo. Você sabe que eu tenho que fazer isso.

Espero que os coros celestiais (nos quais estou escolhendo acreditar neste último momento) saibam um pouco de jazz!

Do seu
Wolf

O trem noturno chegou a Berlim pouco antes do amanhecer.

Wolfgang tomou um táxi de volta para Friedrichshain. Era uma extravagância, mas também uma necessidade, pois ele queria ter a certeza de chegar em casa antes de Frieda acordar.

Pedindo ao táxi para esperá-lo em frente ao seu prédio, ele se arrastou lentamente pelas escadas até o seu apartamento. Não podia usar o elevador, por medo de despertar Frieda. Ao subir, fez o que pôde tentando não arfar com o esforço de seus pulmões infectados, e quase prendeu a respiração quando se aproximou da porta da frente. Deslocando-se silenciosamente pelo apartamento, Wolfgang deixou seu bilhete sobre a mesa da cozinha e colocou as chaves da casa em cima dele, à guisa de peso de papel. Então, parando apenas para pegar o seu trompete, refez o caminho de volta. Não se deteve e nem se virou para olhar. Sabia que, se fizesse isso, a tentação de permanecer, de rastejar de volta para a cama e beijar sua amada, seria grande demais.

E tinha um táxi esperando por ele.

Lá fora, enquanto os primeiros raios de sol começavam lentamente a colorir a manhã, Wolfgang pediu ao motorista para levá-lo até a velha ponte Moltke.

Chegando ao meio da ponte, Wolfgang desceu do carro e observou o táxi se afastar.

Então, pegando o seu trompete, postou-se diante da balaustrada de arenito acima do arco central e tocou. Tocou *Mack the Knife* — aquela melodia triste e hipnótica composta por Weill para acompanhar a sinistra letra de Brecht sobre os dentes do tubarão e a lâmina escondida. Numa época em que Berlim era linda e louca.

Precisou parar e começar várias vezes para completar a curta música uma única vez. Os pulmões de Wolfgang estavam praticamente acabados, e mesmo

aquelas poucas notas constituíam um desafio para ele.

Então, rolando sobre o parapeito, com o trompete ainda na mão, Wolfgang Stengel se atirou da ponte Moltke e caiu no rio Spree lá embaixo.

Mais tarde, quando o corpo de Wolfgang foi retirado do rio e sua morte devidamente registrada, disseram que ele havia cometido suicídio. Mas Frieda sabia que não. Como também não haviam cometido suicídio as centenas de outros judeus que tiraram suas próprias vidas naquele ano, quando o mundo todo ainda reconhecia Hitler como um grande e inspirador líder da nação alemã.

— Meu marido foi assassinado — disse Frieda. — Eles foram todos assassinados.

Os outros filhos de Frieda

Berlim, 1938

Na primavera de 1938, o governo alemão regozijava-se após a popular anexação da Áustria pelo Reich.

Este evento havia desencadeado uma onda de violência antissemita no sul, até ali sem rival em termos de rancor e crueldade. Entusiasmados com o que parecia ser um apetite popular para a brutalidade impiedosa, os nazistas começaram o que chamaram de arianização dos ativos do Reich.

— Acho que eles vão tomar as nossas casas — Frieda disse aos pais em uma de suas visitas dominicais.

— Bobagem — Herr Tauber resmungou sobre o cachimbo vazio no qual ele ainda pitava, a despeito do fato de que raramente continha tabaco. — Eu não acredito nisso.

— Papai, temos que *registrar* nossos bens. Propriedades, terrenos, tudo.

— Bem, é como um censo, não é? — o homem que envelhecia cada vez mais rápido insistiu. — Só que, em vez de pessoas, estão fazendo um inventário dos bens.

— Sim. Dos nossos, papai. De mais ninguém. Os nazistas querem saber exatamente o que nós judeus possuímos. Não consigo pensar em nenhuma outra razão para eles fazerem isso a não ser a de que pretendem, em algum momento, roubá-los. Por que outra razão eles chamam uma lista de bens judeus de "ativos do Reich"? Eles não têm o menor pudor.

O velho casal estalou as línguas em descrença e protestou, enquanto lanchavam seu minguado café e pão com manteiga.

— Mas pense nisso, Frieda querida — Frau Tauber disse —, se eles tomarem nossas casas, onde iríamos viver? Há milhares de nós, eles não podem simplesmente deixar-nos nas ruas. Não. Não posso acreditar. Isso não faz sentido.

Frieda não discutiu mais. Na verdade, lamentava ter levantado a questão. Por que seus pais deveriam enfrentar a realidade? Não lhes faria bem algum se o fizessem, pois não havia nada que pudessem fazer para mudar a situação. Não podiam escapar, mesmo que quisessem. Nenhum país iria dar-lhes um visto. De fato, era melhor que continuassem a viver em negação, escolhendo acreditar que, de alguma forma, no final, a loucura iria ter um fim. Que simplesmente não era possível que o Estado alemão se reinventasse permanentemente como uma organização totalmente criminosa.

A maioria dos judeus conseguia atravessar seus dias apoiada apenas nesse otimismo frágil. Recusando-se a aceitar que as coisas estivessem tão ruins quanto estavam ou que elas certamente iriam piorar. Os pais de Frieda, por exemplo, sempre se recusaram a falar sobre o suicídio de Wolfgang. Para eles, cada pessoa que perdia a esperança era outra fenda na armadura, fina como papel, daqueles cuja defesa escolhida fora a fé cega.

— Tenho certeza de que é sensato você deixar o país, querida — Frau Tauber continuou —, mas isso não é para nós. Tudo o que conhecemos e prezamos está aqui na Alemanha, e é aqui que vamos ficar.

O que Frieda disse em seguida surpreendeu demais os seus pais.

— Também não sairei daqui, mamãe — disse ela. — Já decidi. Eu nunca vou emigrar.

Seus pais trocaram um olhar preocupado. Frieda sabia o que eles estavam pensando. Ficou claro que a sua fé em uma eventual retomada do Estado de Direito só se aplicava ao próprio caso. Quando se tratava da filha e dos netos, eles tinham uma visão mais realista do que os judeus poderiam esperar em breve.

— Frieda, não fale uma tolice dessas — o pai disse severamente. — Claro que você deve prosseguir sua vida no exterior. Não há nada para você ou para as crianças aqui. Nós somos velhos. É diferente para nós. Você tem que ir. Na verdade, eu a proíbo de ficar.

Frieda quase sorriu diante deste esforço por parte do pai para fazer valer uma autoridade sobre ela que ele já não tinha havia, pelo menos, vinte anos.

— Pai... — ela começou.

Sua mãe a interrompeu, a emoção transparecendo por baixo do discurso controlado que tentava produzir.

— Você não pode ficar apenas por nossa causa, querida! Você é médica, tem tudo para conseguir sair e começar uma vida em outro lugar. Wolfgang está morto. Nós somos velhos. É só você e suas crianças...

— Exatamente, mamãe — Frieda disse, sem se abalar. — Minhas crianças. Tenho que ficar por elas.

— Mas seus filhos irão com você, é claro! Ottsy também, depois — disse o pai. — Se for uma questão de dinheiro, vamos ajudar, vamos vender tudo o que temos. Você disse que em breve o governo vai confiscar tudo mesmo...

— Pai, eu não estou falando dos meus *filhos* — Frieda disse gentilmente. — Ambos têm 18 anos, são homens feitos agora. Estou falando das minhas *crianças*. As que eu trato. As que eu continuo trazendo ao mundo, pois, ao contrário do que o nosso *líder* possa esperar, a natureza segue seu curso e novos judeus nascem. Bebezinhos que não sabem que nasceram no inferno. Esses bebês, essas crianças, precisam de um médico. *Sou* a médica deles. Ficarei e cuidarei deles enquanto for capaz.

Seus pais ficaram atônitos. Nunca ocorrera a eles que Frieda tomaria tal decisão. Ela falava tão frequentemente em emigração... Havia escrito tantas cartas...

— Quando Wolfgang estava vivo era diferente. Precisava cuidar dele e sabia que se tivesse que tirá-lo do país, poderia fazê-lo. Mas ele se foi. Fez um sacrifício por mim e...

— Exatamente! — exclamou a mãe. — Fez essa coisa terrível *por você*. Seu bilhete foi claro, ele a estava atrapalhando, tornando as coisas muito mais difíceis para você sair. Mas agora que...

— Agora que ele se foi eu pretendo honrá-lo e também honrar nosso amor um pelo outro ficando aqui.

— Não é o que ele gostaria, Frieda! — disse o pai dela, levantando a voz.

— Mas não importa o que ele gostaria, não é, papai? Ele está morto! Não tem direito a voto! — a voz de Frieda estava subindo também. — Ele me libertou. Devolveu-me o tempo que eu teria gasto cuidando dele, protegendo-o. Farei bom uso de seu sacrifício. O melhor uso. Muitas pessoas jamais conseguirão sair, pai. A começar por vocês dois, e pelo menos mais outras centenas de milhares de pessoas, eu diria. Os muito jovens, os muito velhos, aqueles sem dinheiro algum, sem influência. Todos eles vão precisar de um médico. Eu sou médica. Esse é o meu trabalho.

— Mas e quanto aos garotos? — a mãe perguntou, quase timidamente agora, surpresa com a paixão de Frieda.

— Paulus sairá assim que terminar os estudos — disse Frieda, sua firme determinação correndo risco de vacilar. — Conseguimos uma vaga para ele no Goldsmith's College, em Londres, para estudar Humanidades, e o Fundo Central Britânico arranjou um lugar para ele em um albergue. E não pensem que não parte o meu coração deixá-lo ir, mas todo filho sempre deixa o ninho, e pelo menos ainda terei Otto. Mesmo que não possa vê-lo, saberei que ele está próximo.

Seu pai concordou. — Claro, ele é um ariano. Se você vai ficar, então, não há razão para ele sair.

— Ele não deixaria o país de qualquer maneira, pai. Está apaixonado.

Pai e mãe sorriram.

— A menina Fischer — Frau Tauber disse.

— Claro — respondeu Frieda.

— Bem — Herr Tauber comentou —, você não pode culpá-lo. Ela é uma belezinha.

— Sim. Pobre Paulus — Frau Tauber disse.

Os Tauber trocaram sorrisos pesarosos. Embora fossem de uma geração que não se intrometia ou discutia assuntos pessoais, mesmo no seio da família, sempre estiveram perfeitamente conscientes, ao longo dos anos, dos sentimentos que ambos os netos nutriam por Dagmar Fischer.

— Sim — Frieda concordou com um sorriso triste. — Pauly perdeu no amor e ficou de coração partido, é claro. Ainda está. O amor juvenil pode ser terrivelmente cruel. Mas, na verdade, foi melhor assim. Imagine se Dagmar tivesse escolhido Pauly? Eu o conheço e sei que insistiria em ficar com ela. Ele pode ser muito lógico na maioria das coisas, mas, quando se trata de Dagmar, é tão louco quanto Ottsy. Engraçado que quando eles eram crianças, antes de tudo isso começar, Wolfgang e eu costumávamos vê-los entretidos em seu Clube dos Sábados e nós brincávamos dizendo que um dia Dagmar se apaixonaria por Pauly, e Silke por Otto. Era assim que sempre nos pareceu que seria. Mas o amor, claro, nunca acontece do jeito que se espera.

Frau Tauber franziu a testa um pouco e bateu o cachimbo pensativo.

— E, por isso, Ottsy quer ficar — disse ele. — Isso significa que será convocado. Presumo que ele saiba disso.

— Claro, vai para o Serviço Nacional depois que deixar o Napola.

— E depois disso? Esperam que todos esses rapazes se tornem *Gauleiters* e líderes partidários, não? — perguntou Herr Tauber.

— Até onde pude perceber, a ideia dele é aparentar ser o melhor nazista que conseguir para ter condições de fazer o que puder por Dagmar.

Frau Tauber franziu a testa. — Bem, tudo isso está muito bem por ora, enquanto se trata apenas de levá-la para piscinas e afins, mas o que acontece em seguida? Eles estão crescendo.

Os três se entreolharam.

— Ele não pode se *casar* com ela — disse Herr Tauber. — É ilegal.

— Pois é, e não sei exatamente o que eles irão fazer — disse Frieda. — Tudo o que sei é que ele jurou protegê-la. Ser seu cavaleiro de armadura brilhante. Acho que, eventualmente, ele pensa em levá-la para o exterior por baixo dos panos, amparado por seu uniforme ou, mais tarde, como oficial do partido. Não é um plano ruim... Ele é ousado e pode conseguir. Tudo o que posso dizer é que neste momento Otto não constitui uma preocupação. Ele não é judeu, não está em perigo. Mas Paulus é, e eu tenho que ajudá-lo a sair do país.

— E você está realmente determinada a ficar? — perguntou Frau Tauber.

— Sim, mamãe. Meus meninos já são homens. Meu marido está morto. Já lhe disse. Tenho outros filhos agora.

— Bem — disse o pai dela, fingindo assoar o nariz —, você sempre nos encheu de orgulho, minha querida. Sempre.

Conversação em inglês

Berlim, 1938

Além de todas as suas outras atividades frenéticas, Frieda decidiu iniciar um grupo de conversação em inglês.

Mesmo antes de Hitler chegar ao poder, ela fazia questão de falar inglês informalmente com os gêmeos. Então, decidiu transmitir seu conhecimento aos outros. Naquele momento, em que todos os judeus eram potenciais migrantes, pareceu-lhe uma ideia sensata.

Frieda também sabia que estava procurando maneiras que a ajudassem a atravessar as noites solitárias. Paulus ainda morava em casa, mas estava a maior parte do tempo mergulhado nos estudos, fechado em seu quarto. Frieda sentia uma terrível falta de Wolfgang e Otto e, por isso, procurava preencher cada minuto, num esforço para desviar-se dos espaços vazios que os dois haviam deixado para trás.

O grupo foi um sucesso instantâneo. Para além da consideração prática de adquirir uma linguagem visando à emigração, o problema do tédio era endêmico em toda a comunidade judaica. Passando a maior parte do tempo caladas e se escondendo, as pessoas estavam simplesmente enlouquecendo sem nada para fazer.

Sendo assim, reunir o grupo foi fácil; encontrar algo para se conversar nele provou-se ser mais difícil. Ou, pelo menos, algo que não dissesse respeito aos problemas de sua comunidade. Frieda logo se viu desenvolvendo regras e estratégias para evitar cair infinitamente na mesma rotina de conversação, profundamente deprimente.

— Estamos jogando aquele jogo de novo! — era obrigada a dizer duas ou três vezes em cada reunião. — O jogo de quem mais sofreu e de quem menos merece isso.

Era quase inevitável que a maioria das conversas degenerasse em um intercâmbio de sofrimentos. As pessoas ansiavam por descrever as experiências terríveis pelas quais haviam passado e estavam completamente convictas de que elas suplantavam qualquer coisa que seus companheiros de grupo pudessem ter experimentado naquele dia.

Por vezes, tal intercâmbio se tornava acalorado. Vizinhos anteriormente calmos e moderados levantavam a voz um para o outro. Discutindo apaixonadamente se a recusa de serviço em uma loja por um velho conhecido era mais escandalosa do que ser cuspido na rua por uma criança pequena.

— Minha filha foi expulsa do banheiro da estação ferroviária.

— Levaram o meu guarda-chuva. Simplesmente o tiraram da minha mão.

— Um guarda-chuva? Isso não é nada! Eles levaram minha bicicleta.

— Ha! Eles levaram o meu carro!

— Eu sou um veterano de guerra.

— Paguei meus impostos toda a minha vida.

Então Frieda tocava o sininho "nada de lamúrias", que ela mantinha ao lado dela, e insistia: — Precisamos parar com isso! E se não pudermos parar, devemos pelo menos ser civilizados em relação ao assunto. Estamos começando a brigar e gritar um com o outro. Isso é bastante surpreendente, uma vez que estamos todos juntos no mesmo barco, e essa é mais uma razão para nos esforçarmos ao máximo para mostrarmos respeito mútuo.

Por mais que tentasse, porém, Frieda não conseguia orientar a conversa para longe das discussões intermináveis sobre a rápida deterioração da situação em geral.

A verdade é que, de fato, havia pouca coisa para se falar além disso.

O registro dos bens dos judeus em abril fora um enorme golpe psicológico, e até a própria Frieda não pôde deixar de comentar a crueldade da ação.

— É como um bilhete por baixo da porta dizendo "Nós vamos pegar você" — comparou ela. — Ou um bandido parado do outro lado da rua, apenas olhando com um sorriso no rosto, batendo seu cassetete na palma da mão. É realmente brilhante. Obrigar-nos a *listar* nossas coisas para, em seguida, tirá-las de nós. Se *bullying* virar um esporte olímpico, a Alemanha vai ganhar ouro em Tóquio, em 1940.

— *Ja, es ist absolut erschreckend*… — Morgenstern, o comerciante de livros, concordou frustrado.

— Em inglês, por favor, senhor Morgenstern — disse Frieda. — Este é um grupo de conversação *em inglês*.

— Sim, claro — o velho gaguejou, procurando em sua mente as palavras corretas. — É muito apavorado, *nicht wahr*? Quero dizer, não é?

— "Apavor*ante*" — Frieda o corrigiu —, não "apavorado". *Você* está apavor*ado* porque *isso* é apavor*ante*.

Em junho, o grupo de conversação perdeu um membro, quando o governo anunciou que qualquer judeu anteriormente condenado por um delito, mesmo pequeno, como uma infração de trânsito, poderia ser *preso novamente* pelo mesmo delito, a critério da polícia, e enviado para um campo de concentração.

Schmulewitz, o ex-corretor de seguros, foi vítima imediata do novo decreto.

— Ele foi pego dirigindo embriagado em 1925 — explicou a chorosa esposa, lutando bravamente para dar sua terrível notícia em inglês, como as regras do grupo exigiam. — Um policial local com quem Hans uma vez se desentendeu por causa de um seguro agora está se vingando, e Hans foi enviado para Ravensbrück. Por causa de um copo de aguardente pelo qual ele foi multado em 1925!

Em julho, veio uma notícia particularmente humilhante para Frieda.

— Preciso contar a todos vocês — ela disse ao grupo, num inglês perfeito — que, oficialmente, pelo menos, vocês não devem me chamar de "doutora". A

licença para todos os médicos judeus foi cassada. Não sou mais qualificada. Eles só vão nos deixar atuar como enfermeiros e, assim mesmo, é claro, apenas para pacientes judeus.

— *So haben sie Endlich einen Weg gefunden…*

— Em inglês, por favor, senhora Leibovitz — Frieda a interrompeu. — Sempre em inglês.

— Estava dizendo — Frau Leibovitz falou — que eles finalmente encontraram uma maneira de corrigir o chamado "desequilíbrio" em relação a médicos judeus com que tanto se preocupavam. Costumavam nos dizer que tínhamos médicos demais, agora não temos nenhum.

Em agosto, foi baixado o chocante decreto que obrigava todos os judeus a adicionarem os nomes "Israel" ou "Sara" a seus próprios nomes e determinava que um grande J deveria ser estampado no passaporte de todo judeu.

— Eles estão nos marcando — Herr Katz disse. — Identificando cada um de nós, para que não possamos nos esconder. Por quê? O que eles estão planejando? O que mais podem fazer conosco?

Frieda quase sorriu. *O que mais podem fazer conosco?* Cada um deles havia dito aquilo. Para si mesmo e um para o outro, vezes sem conta. Quem poderia imaginar que tal frase em inglês "*What more can they do to us?*" seria a mais usada em seu grupo de conversação?

— Ah, ah, Herr Katz — ela o advertiu suavemente. — Você sabe que eu já proibi essa frase por ter sido usada demais. Tente encontrar uma construção alternativa.

— Muito bem, então, doutora — disse Katz, com o cenho franzido em concentração. — Que tal "the end, where will all of it be coming" ("o fim, onde isso tudo vai dar?").

— Nada mal — disse Frieda. — A sentença correta em inglês seria: "*Where will it all end?*" ("*Onde tudo isso vai acabar?*").

A Noite dos Cristais

Berlim, novembro 1938

Otto foi acordado pela ordem áspera e já familiar, bradada da forma mais agressiva e desagradável possível.

— *Jungmannen*! Desfile, seus porcos preguiçosos!

Otto olhou para seu relógio de pulso. Era quase meia-noite. Claro que era. Meia-noite. A hora favorita dos nazistas. Tudo parecia mais *especial* à meia-noite, mais rigorosamente histórico. Juramentos oficiais de cumprimento ao dever, promessas de fidelidade, cerimônias de bandeira. Iniciações brutais e tarefas físicas incrivelmente difíceis. Por que fazê-las depois do almoço quando você pode fazê-las no meio da noite? Com fogueiras, tochas tremeluzentes e tambores abafados?

Otto rolou para fora da cama. Estava dormindo e perdido em sonhos com Dagmar, dos quais ser despertado era o que mais o irritava.

— Mexam-se, seus porcos malditos — a voz ordenou. — Desfile! Roupas civis.

Otto sentiu-se desanimado. Parecia-lhe que os líderes do dormitório tinham em mente sua tortura favorita. Forçar os rapazes a desfilar com todos os seus vários uniformes — de verão, inverno, esporte, formal, natação, trabalho etc. —, dando-lhes cada vez menos tempo para trocarem de roupa. Então, depois que todos os itens de vestuário e equipamento da escola haviam sido jogados e revirados num frenesi para cumprir os prazos impossíveis, os líderes faziam uma inspeção nos dormitórios e puniam toda a escola pelo desleixo com os uniformes.

As opções de Otto quanto a trajes civis eram mais limitadas do que as dos outros meninos. Ele era um órfão, sem recursos pessoais, mantido pelo Estado. A diretoria da escola lhe fornecera tudo o que possuía, mas, embora os uniformes de Otto fossem esplêndidos, não haviam sido pródigos com qualquer outra coisa. Otto não tinha calças compridas para vestir e, por isso, apesar de ser novembro, teve de ir para o desfile no pátio gelado trajando *shorts*, o que causou muitas risadinhas entre os meninos mais jovens.

Enquanto Otto memorizava os rostos daqueles jovens para lhes dar o troco posteriormente, também se perguntava por que ainda não lhes tinha sido ordenado que voltassem correndo para seus dormitórios a fim de vestirem o próximo traje, quando o próprio diretor surgiu no pátio do desfile vestindo o uniforme completo do partido.

— *Jungmannen*! — o diretor começou a falar, enquanto todos os garotos da escola postaram-se em posição de sentido em perfeita sincronia. O rosto do homem estava brilhando de empolgação e ficou claro para Otto que o que estava por vir não seria um mero exercício de punição por inspeção de dormitórios.

— Nesta noite, nos foi concedida a honra de atuar ao lado de nossos companheiros do partido na SS!

Um arrepio de excitação correu entre os meninos. A SS era formada por heróis, os Cavaleiros Negros, os membros da Divisão da Caveira. Nas escolas Napola, eles representavam o *glamour* supremo, muito mais do que a Wehrmacht. Otto, no entanto, sentiu um aperto no coração. Mesmo que de certo modo ele houvesse se integrado à vida na escola agora, e, de fato, gostasse de seus desafios físicos rigorosos, nunca se esquecera de quem era o seu inimigo. Ou de que sua família, acima de tudo, era o que amava. Mas sempre soube que, pela própria natureza da escola Napola, em algum momento, ele seria chamado a agir contra a sua própria espécie. E também sabia que nunca faria isso. Mesmo correndo o risco de ser descoberto e punido, até mesmo com a morte.

— Teremos também, a propósito — o diretor continuou com um sorriso radiante —, a oportunidade de nos divertir um pouco. Porque, meus bravos jovens heróis alemães, chegou a hora de ajustarmos um pouco as contas com esses senhores e senhoras que nos fazem mal. Hoje à noite, rapazes, nós temos um compromisso com a raça inimiga! Com o infortúnio da Alemanha! Com os judeus!

Enquanto os outros meninos sorriam e discretamente cutucavam-se entre si, Otto engoliu em seco e tentou se concentrar. O clima na cidade estava tenso já havia alguns dias. Ocorrera um assassinato em Paris. Um judeu atirara em um homem da embaixada alemã e houvera muita conversa sobre vingança, tanto nos jornais como nas ruas. Seria aquele o momento?

Rigidamente em posição de sentido, Otto ouviu com atenção, olhando para o diretor através da nuvem de vapor que se formava diante de seu rosto em consequência de sua respiração no ar frio.

Então, ele notou algo mais.

O céu na direção da cidade estava brilhando em vermelho.

Como podia ser isso? Já fazia um bom tempo que o sol havia se posto.

Otto sentiu seu estômago revirar. A sensação de náusea se apoderou de todo o seu ventre. Algo de muito errado estava acontecendo naquela noite fria.

— Vocês devem estar cientes, é claro — o diretor prosseguiu, sua voz áspera como metal riscando pedra —, do escândalo que ocorreu recentemente em Paris. Um judeu cometeu o mais vil dos assassinatos. Um crime contra a Alemanha. E hoje à noite seus primos judeus aqui na Alemanha vão pagar! Por todo o Reich, demonstrações espontâneas de indignação e vingança estão acontecendo. Vocês, meus jovens, devem ter a honra de fazer parte desse grande acerto de contas juntamente com toda a *Schutzstaffel* (Tropas de Proteção) e *Sturmabteilung* (Tropas de Assalto). Pensem nisso, rapazes! A SS, a SA e vocês, como seus companheiros em combate! Note-se, no entanto, que eles também foram instruídos a agir sem os uniformes. A razão para isto é que nenhum verme da imprensa estrangeira possa acusar estas manifestações de serem outra coisa

senão populares e espontâneas. Pois elas *são* espontâneas, podem ter certeza disso, rapazes! Mas espontâneas no sentido de que entendemos a palavra na Alemanha nacional-socialista! Espontaneidade que está devida e corretamente ordenada a serviço do Estado!

Otto mal escutava. Olhava para o céu. Estava ficando mais vermelho. Berlim estava em chamas. Ou, pelo menos, parte dela estava, e não podia haver dúvida de que parte era.

O desejo de romper fileiras e correr, para chegar a Dagmar tão rápido quanto possível, trovejou no cérebro de Otto e bateu em seu coração. Pensou em sua mãe também, mas ela ao menos tinha Paulus. Dagmar não tinha ninguém para protegê-la. Otto se esforçou para permanecer na posição de sentido, pois sabia que, para ser de alguma utilidade a ela, não podia entrar em pânico, devia se concentrar. Podia ver que os caminhões haviam estacionado no pátio. Era evidente que ele e os outros rapazes seriam levados a algum lugar. Só poderia ser para o centro de "ação". Se quisesse chegar a Dagmar, pelo menos por enquanto, era melhor permanecer com a escola.

— Essas demonstrações de indignação popular estão ocorrendo em todo o Reich! — o diretor continuou. — Em cada aldeia, vilarejo e cidade. Onde quer que um ninho judeu for encontrado, será atacado. Nossa tarefa particular é fazer uma visita à Kurfürstendamm! Temos que deixar claro para o mundo inteiro como a juventude da Alemanha se sente em relação ao fato de que os judeus parasitas comunistas capitalistas ainda se refestelam e procriam no coração da nossa cidade! A SS pediu apenas para os nossos meninos mais velhos ajudarem nesta ação, mas decidi por conta própria e com base em minha autoridade enviar toda a escola. Pois a Alemanha *é* a sua juventude e ninguém é jovem demais para servir. E, como o Führer disse muitas vezes, a juventude deve conduzir!

Otto olhou para os alunos mais jovens perfilados no pátio. Garotos de 11 anos, com seus cachecóis e calças três quartos. Todos parados rigidamente em posição de sentido no pátio congelado. Nuvens de respiração suspensas no ar diante deles, amareladas à luz do lampião. Bandeiras com a suástica tremulando na brisa acima deles.

Alguns dos meninos pareciam nervosos, quase assustados. Porém a maioria estava sorrindo de orelha a orelha. Não era toda noite que eram acordados e ordenados por seus professores para sair e quebrar janelas.

Otto quase começou a tremer de frustração. Quando iriam entrar nos caminhões? Quando aquele velho filho da puta iria calar a boca e deixá-los ir?

— Essas ordens — o diretor continuou — vieram do próprio SS-Obergruppenführer Heidrich, e elas devem ser seguidas com disciplina absoluta como convém aos alunos do Napola. Todos os judeus, seus negócios, suas propriedades e habitações devem ser atacados, e todas as sinagogas, sem exceção, devem ser destruídas. Entretanto, nenhum estrangeiro deve ser ameaçado, e isso inclui estrangeiros judeus. Onde incêndios forem provocados, deve-se tomar *extremo* cuidado para que nenhuma propriedade alemã seja danificada na ação. Em caso de dúvida, quebrem, mas não queimem. Estou sendo claro? Senhores! O departamento de manutenção da escola nos providenciou todos os martelos, marretas, pés de cabra e pás disponíveis. Esse

material ficará com os garotos mais velhos. Serão retirados mediante assinatura e terão de ser devolvidos!

À sua ordem, os rapazes da turma de Otto correram para pegar as melhores armas, mas Otto deixou-se ficar para trás. Não queria se responsabilizar por qualquer propriedade da escola pela qual teria de prestar contas e não tinha intenção de permanecer na Kurfürstendamm. Dagmar certamente não estaria ali no meio da noite.

Habitações, o diretor havia dito. Iriam atacar residências, e Otto podia imaginar que quanto mais rica a habitação, mais alegre seria o ataque. A notória mansão dos Fischer era um alvo óbvio.

Os garotos embarcaram nos ônibus e iniciaram a cantoria estridente que perdurou todo o trajeto pela escuridão até a cidade. Todas as velhas canções favoritas das aulas.

O sangue dos judeus jorrando da faca faz-nos sentir especialmente bem.

Otto tentou cantar junto, sabendo que não deveria levantar suspeitas, mas era difícil para ele se concentrar na violenta camaradagem. A cada quilômetro, as cenas nas ruas por onde passavam se tornavam cada vez mais feias e aterrorizantes.

Toda rua continha pelo menos uma loja que tinha sido depredada e incendiada. Casas e blocos de apartamentos estavam sendo destruídos, também, cercados por turbas selvagens.

Pressionando o rosto contra a janela, Otto viu muita gente sendo surrada. Em cada esquina, jovens estavam sendo chutados no chão. Garotas eram puxadas pelos cabelos e jogadas nas sarjetas. Mães com seus bebês chorando em seus braços sendo arrastadas para fora de suas casas aos socos e pontapés.

O ar estava muito frio lá fora e, com tantos garotos cantando a plenos pulmões dentro do caminhão, as janelas estavam pingando por causa da condensação. Para ver o que acontecia do lado de fora, Otto precisava limpar constantemente o vidro embaçado, e, através do pequeno círculo feito na superfície enevoada, imagens monstruosas lhe eram reveladas.

Ele viu um homem ser baleado e outro esfaqueado. Policiais uniformizados estavam no cerne dos distúrbios. Otto assistiu um sem-número de jovens aterrorizados serem jogados dentro de viaturas da polícia, enquanto golpes de cassetete choviam sobre suas cabeças indefesas.

Os judeus de Berlim não viviam em um gueto, eram parte integrante da vida da cidade, e, assim, toda a cidade testemunhou os ataques histéricos.

Era uma cena apocalíptica.

Um *pogrom* de desenfreada brutalidade.

Então, os caminhões do Napola cruzaram o rio Spree, passando sobre a ponte Moltke, o mesmo lugar de onde Wolfgang se jogara no ano anterior. Otto deu àquela tragédia apenas um momento de reflexão. Uma breve imagem do pai, colocando o seu trompete nos lábios e, em seguida, saltando do parapeito, passou pela mente de Otto, mas, então, ela se foi. O terror imediato apagando toda a compaixão pelo passado.

Após atravessarem o rio e o Tiergarten, embora ainda um pouco aquém da Ku'damm, os caminhões foram obrigados a parar. As ruas estavam agora tão

cheias de cacos de vidro que os motoristas temiam que seus pneus fossem danificados. Os garotos foram, portanto, reunidos na calçada e ordenados a irem a pé para a famosa rua comercial e, uma vez lá, atacarem qualquer coisa judaica à vontade.

Naquela altura, tornou-se fácil para Otto escapar.

Não iriam sentir falta dele, o caos reinava em toda parte. O grupo do Napola jamais seria capaz de se manter reunido em meio a uma multidão tão frenética, e ele não seria o único a se desgarrar.

Mas, de qualquer modo, Otto não se importava; estava desesperado para chegar até Dagmar.

O vidro triturado rangia terrivelmente sob os pés de Otto enquanto ele corria, abrindo caminho através dos arrogantes grupos de homens e mulheres que cambaleavam e gritavam embriagados pela bebida roubada e pelo poder.

Poder absoluto.

Parecia a Otto que toda a população havia saído para as ruas, embora, é claro, ele soubesse que não. Sem dúvida, a maior parte dos berlinenses estava escondida por trás das cortinas, com a cabeça enterrada na areia como avestruzes. Mas havia bastante gente gostando da festa para fazer parecer que era a cidade inteira: todos os bandidos, todos os ladrões, todos os valentões, todos os desajustados com uma queixa participavam do tumulto.

Muitas vezes, Otto desejou parar para tentar ajudar pessoas indefesas que lamentavelmente eram vítimas da selvageria depravada da multidão. A multidão que havia sido atiçada até os limites da indignação moral contra os "crimes" da raça inimiga. Aquelas pessoas *mereciam* o que estavam recebendo. Seus atacantes é que eram as verdadeiras *vítimas*. *Forçados* a agir, tendo sido insuflados além da resistência.

A luz das lanternas brilhava naqueles rostos que se tornaram máscaras grotescas, distorcidas e inchadas com crueldade e sadismo sem limites. Fachos de luz vasculhavam cada rua e viela, em busca de pilhagem, de vítimas. De crianças para chutar.

Em cada rua, Otto viu casas saqueadas. Viu as roupas de moças sendo rasgadas por multidões que gritavam que elas eram prostitutas. Viu crianças de 5 e 6 anos com as bocas tão escancaradas por seus gritos de pavor que o rosto inteiro não parecia conter nada além de um grande buraco negro.

E outras crianças em silêncio, com os olhos vidrados, encolhendo-se traumatizadas enquanto suas mães e seus pais eram espancados na frente delas. *Mortos* na frente delas. Otto não podia ajudá-los. Ele mal os registrava; passavam diante de seus olhos como imagens desconexas de um pesadelo.

Um sonho.

Apenas duas horas antes, ele estava sonhando com Dagmar. Onde estaria ela? Sofrendo já nas mãos da turba? Estariam arrancando suas roupas? Estariam batendo nela? *Assassinando-a*?

O medo e o desespero bombeavam o sangue através do corpo de Otto enquanto ele corria como nunca havia corrido antes. Passou pela antiga igreja memorial do Kaiser, ao longo da Kantstrasse, onde multidões de jovens faziam fogueiras com os pertences judaicos que não desejavam roubar.

Os conteúdos inteiros das lojas. Roupas, ferragens, material de escritório. Otto viu mulheres enlouquecidas atacando os manequins das lojas com facas. Viu homens quebrando máquinas de somar e de escrever a marretadas. Centrais telefônicas inteiras arrancadas das paredes, arremessadas pelas janelas e reduzidas a estilhaços.

Berros e gritos roucos soavam nos ouvidos de Otto enquanto ele corria.

As sinagogas de Berlim estavam queimando, alguém gritou. Os tesouros saqueados dos templos rolavam diante de Otto enquanto ele corria. Esparramados pelo chão, lançados às fogueiras. Grandes e veneráveis volumes encadernados em couro cortavam o ar como mariposas de asas múltiplas, a caminho da incineração. Pinturas, estátuas, púlpitos entalhados, panôs e mobiliário ornamentado, tudo servindo de alimento para as chamas.

Otto passou por uma gangue de jovens dançando com xales de oração roubados. Tinham feito uma colcha de retalhos na calçada com bordados sagrados e estavam forçando judeus idosos a urinar sobre eles, enquanto suas mulheres de cabelos grisalhos olhavam e choravam.

— Façam-nos usar os trapos ensopados de mijo — uma adolescente gritou para os rapazes, enquanto amigas dela empurravam para a cena uma senhora de idade que soluçava.

Otto não podia fazer coisa alguma.

Ele se importava, mas, ao mesmo tempo, não se importava. Porque se tudo isso estava acontecendo com todo judeu que encontrava pelo caminho, o que estaria acontecendo com Dagmar?

As ruas se tornaram um pouco mais calmas quando ele entrou no opulento bairro de Charlottenburg-Wilmersdorf. Não havia tantos judeus muito ricos em Berlim como os nazistas proclamavam, e Otto percorreu ruas inteiras em que não havia sinais de distúrbio.

Aqui e ali, uma casa estava cercada, garrafas eram atiradas e janelas quebradas, mas não havia hordas de bandidos embriagados vagando pelas ruas de prestígio. A polícia estava tomando mais cuidado para que a ordem fosse mantida em um bairro tão nobre.

Por um breve momento, Otto ousou ter esperança. Talvez a loucura ainda não houvesse chegado a Charlottenburg-Wilmersdorf, talvez ele ainda tivesse tempo.

A esperança durou apenas um instante. Porque, ao deixar a rua arborizada por onde ia e dobrar a esquina, saindo naquela em que Dagmar vivia, viu chamas adiante e, numa agonia que o fez esquecer da dor em seus pulmões quase estourados pelo esforço da longa corrida, soube que já poderia ser tarde demais.

A mansão Fischer estava em chamas.

Uma multidão se reunia fora dela, entoando hinos, cantando e dançando. Estava claro que já haviam saqueado o lugar. Otto viu de relance, em meio aos detritos espalhados pela rua, muitas coisas que reconheceu de suas visitas ao longo de tantos anos. Fotografias, um gramofone, belas almofadas, porcelanas e vasos estilhaçados, pequenos móveis, tudo despedaçado e espalhado pelo chão.

Enquanto abria à força seu caminho em meio à multidão, pisou em algo macio. Olhando para baixo, viu um velho e desgastado macaco de tricô. Otto

tinha visto aquele pequeno brinquedo muitas vezes antes. Deitado no travesseiro de Dagmar. Ou apoiado em sua penteadeira, encostado a uma lata de talco. Ou sentado em uma caixa de lenços de papel. Apesar de toda a sua sofisticação adulta, Dagmar ainda dormia abraçada com aquele macaquinho. E agora ele estava jogado na sarjeta. O que significava que eles haviam estado em seu quarto. Seu brinquedo estava na rua. Onde estava ela? Inclinando-se enquanto corria, Otto recolheu o brinquedo e colocou-o no bolso.

— Vocês as pegaram? — ele gritou para alguns rapazes idiotas que se pavoneavam. — As Fischer? Os policiais as levaram?

— Policiais? Que policiais? — os garotos gritaram alegremente.

— As mulheres Fischer, onde elas estão? — Otto perguntou, agora deixando de lado o tom pretensamente amistoso e agarrando um dos jovens pelo pescoço. — A mulher e a garota! Onde elas estão?

— Me larga! Sei lá! — exclamou o rapaz. — Provavelmente ainda estão lá dentro. É onde estavam. Quem se importa? Deixe-as queimar.

Otto olhou para a casa incendiada. O piso térreo estava em chamas, mas o segundo andar ainda não estava queimando. No entanto, não demoraria muito.

Tentou se aproximar da casa. A entrada da frente já era uma fornalha. Não havia maneira de entrar lá, mesmo impulsionado pelo amor. Pelas janelas da frente também era impraticável, já que labaredas ferozes saíam delas. A grande janela de sacada da sala de estar de Frau Fischer mais parecia a entrada do inferno.

Então, Otto ouviu o som de sirenes e sinetas. Houve um barulho de pneus cantando e duas grandes viaturas dos bombeiros estacionaram. Otto se atreveu a nutrir a esperança de que tudo ainda poderia ficar bem. Os bombeiros se apressaram a agir obedecendo às ordens gritadas e, com uma eficiência impressionante, a equipe começou a preparar suas mangueiras. Otto correu para o oficial que dirigia as operações.

— Stengel, senhor! Otto Stengel — disse ele, colocando-se em posição de sentido e fazendo a saudação alemã. — Sou aluno do Napola.

Otto sabia que demonstrar pânico não o levaria a lugar nenhum. Deveria ser calmo, impositivo. Era assim que Paulus teria agido.

— Estou ocupado, filho — o chefe dos bombeiros respondeu secamente.

— Acho que as Fischer ainda estão lá, senhor. Estive na casa. Conheço a planta. Posso ajudá-lo a chegar até elas.

Mas o chefe dos bombeiros simplesmente deu de ombros e virou-se para orientar os seus homens, que agora tinham desenrolado as mangueiras.

— Pressão constante! — o chefe gritou. — Uma de cada lado.

Houve um estrondo e o som do líquido jorrando. As mangueiras que estavam caídas em repouso na rua agora se reviravam e chicoteavam violentamente ingurgitadas com a água, e dois grandes jatos em arco lançavam-se pressurizados de seus bicos. Em torno de cada um dos bicos, três bombeiros lutavam para conter e direcionar a água, enquanto as mangueiras se contorciam e corcoveavam no chão, como cobras amarradas, desesperadas para se libertarem.

Por um segundo, Otto sentiu um alívio, porém apenas por um segundo. O alívio foi seguido em pouco tempo pelo horror mais tenebroso.

Os bombeiros estavam direcionando suas mangueiras para as casas de *ambos os lados* da residência Fischer.

— O que você está fazendo? — Otto gritou. — Há pessoas na casa em chamas.

— Calma, rapaz — o chefe dos bombeiros respondeu com firmeza. — Se você está aqui com o Napola, conhece a orientação. Temos ordens para deixar as propriedades judaicas queimarem, mas garantir que propriedades alemãs não sejam danificadas. Você deve entender que os vizinhos aqui estão ficando muito preocupados com as suas casas.

Por um instante mais, Otto assistiu à cena quase paralisado, enquanto os bombeiros, de acordo com uma diretiva nacional, umedeciam as casas próximas e nada faziam para apagar o incêndio.

Então, caiu em si e saiu correndo. Cruzando o jardim da frente sob os grandes arcos de água, contornou toda a construção em chamas e correu até o caminho de divisão que separava a casa de Dagmar da casa vizinha.

Enquanto corria, encharcou-se de água, que descia fumegante e em cascata do telhado da casa ao lado, ensopando-o, o que foi um tremendo alívio, já que o calor das chamas da casa Fischer era terrível.

Na parte de trás da construção, o jardim estava vazio. Havia muitas evidências de que ele recentemente estivera cheio de saqueadores e vândalos, mas, agora, com o fogo tomando conta de verdade, quem estava ali obviamente decidira participar da festa principal que acontecia diante da casa.

Otto sabia que havia uma escada. Tinha estado naquele jardim muitas vezes quando era criança e vira algumas vezes o jardineiro dos Fischer encostar uma longa escada de mão contra a casa para limpar as calhas ou realizar alguns pequenos reparos no telhado.

Encontrou a escada exatamente onde sempre havia estado, atrás do galpão da estufa, e com um enorme esforço foi capaz de arrastá-la e apoiá-la contra a parte de trás da casa. No lugar que sabia que ficava a janela do quarto de Dagmar.

O fogo ainda não tinha chegado ao andar de cima, mas certamente tinha tomado conta de todo o piso térreo, e parecia que Otto estava prestes a explodir em chamas quando se deteve no gramado, lutando com a escada no calor escaldante, tentando puxar a corda que fazia a parte superior elevar-se, a fim de atingir a altura necessária.

Finalmente alcançou o seu intento e, uma vez que o topo da escada encontrava-se apoiado no parapeito da janela de Dagmar, subiu por ela rapidamente, com a pele queimando a princípio, mas sentindo o calor arrefecer acima do nível das chamas.

Chegando à janela, olhou o interior do quarto de Dagmar. Estava escuro e não conseguiu ver nada através do vidro. Os fios de energia já deviam ter sido consumidos pelas chamas, porque não havia nenhuma luz acesa em toda a casa. Otto bateu na janela, preparando-se para tentar quebrar a vidraça. Então, para alívio e espanto de Otto, a janela de guilhotina começou a se abrir. Deslizando

para cima, diante dele. Dagmar estava em pé por trás da janela. Seu semblante era uma máscara de terror, imunda e sulcada pelas lágrimas.

— Ottsy — foi tudo que conseguiu dizer.

— Sua mãe! — Otto quis saber. — Frau Fischer…

— Lá embaixo — veio a resposta entrecortada.

Otto pulou para dentro do quarto e puxou para baixo a vidraça atrás dele.

— Por causa da corrente de ar — disse ele, em resposta à questão muda nos olhos de Dagmar. — Atiçaria as chamas.

Enquanto falava, correu pelo quarto. Abriu a porta e foi até o topo da escada. Já era uma fornalha. A escadaria em si já estava em brasas, e o piso térreo totalmente tomado pelas chamas. O calor e a fumaça eram opressivos.

Otto deu um passo para a frente, quase por instinto. Mas era inútil, não podia aproximar-se das chamas nem mais um centímetro além do ponto em que se encontrava. Ninguém poderia tê-lo feito. Além disso, se Frau Fischer havia permanecido lá embaixo, certamente já estava morta.

Otto voltou para o quarto de Dagmar e bateu a porta atrás de si. Correndo para a janela, abriu-a mais uma vez e olhou para fora. Podia ver que, lá embaixo, as chamas do piso inferior da casa já começavam a lamber a parte inferior da escada de mão. Se fossem descer por ali, restavam-lhes apenas alguns segundos antes que sua rota de fuga fosse queimada.

— Vou primeiro, no caso de você escorregar — disse ele.

Pulou o parapeito e chegou a descer um ou dois degraus, quando, olhando para trás, percebeu que Dagmar estava descalça, só de meias. — Pegue uns sapatos, Dag — ele gritou. — Você precisa estar calçada. Temos que sair daqui e há vidros por toda parte.

O fato de Dagmar mal poder falar não significava que estivesse derrotada por completo. Ainda muda, mas ativa, apanhou os sapatos mais fortes debaixo da cama e, sentando-se em sua colcha cor-de-rosa pela última vez, conseguiu colocá-los sem se atrapalhar. Em seguida, foi atrás de Otto.

— O último trecho vai estar terrivelmente quente — Otto gritou. — Vamos acabar logo com isso.

Desceram juntos, soltando as mãos, um depois do outro, da ardente seção inferior da escada, e caindo estatelados lado a lado no gramado lá embaixo, antes de se levantarem e correrem para longe do fogo.

Dagmar se virou e olhou para a casa em chamas.

— Mamãe — ela sussurrou.

Gritos provenientes da frente da casa podiam ser ouvidos. Gritos, risos e cantoria. Era evidente que o público estava gostando da fogueira, assistindo à bela mansão queimar.

Em seguida, começaram a entoar:

Morte aos judeus. Morte aos judeus.

Dagmar pôs-se a berrar.

— Vocês realizaram o seu desejo! — ela gritou de volta, de repente, histérica e violenta. — Minha mãe está lá dentro! Minha mãe está morta. Meu pai também está morto. Vocês pegaram os dois. *Os judeus morreram*! Isso não é suficiente?

Otto agarrou a mão dela. Não achava que havia muita chance de ela ser ouvida pela multidão na frente da casa, mas bastaria que apenas alguns deles decidissem dar uma olhada no quintal para que ele e Dagmar fossem descobertos. Ou ela poderia sair correndo em direção à frente da casa. Pela forma selvagem como estava gritando e se contorcendo, não havia como dizer o que poderia fazer. Otto mal podia imaginar o seu estado mental depois do que havia passado. Apenas alguns minutos antes, ela havia se resignado a ser queimada viva. Delicadamente, tentou afastá-la, mas Dagmar não se mexia. Ela simplesmente ficou parada ali, olhando para sua casa em chamas.

— Eles arrombaram a porta da frente a pontapés — disse ela, mais calma agora, mas tremendo terrivelmente, o rosto e o corpo alaranjados à luz tremeluzente do fogo. — Saíram andando pela casa toda. Eles nos estapearam e surraram. Rasgaram fotos da parede e urinaram nos tapetes. Levaram o dinheiro e as joias que conseguiram encontrar e quebraram todo o resto…

— Dagmar — Otto sussurrou, puxando-a suavemente pela manga —, nós temos que sair daqui.

— Mamãe estava histérica — Dagmar continuou. — Batendo os punhos contra a própria cabeça, o que os fez rir. Eu me tranquei no banheiro e eles me deixaram em paz ali. Graças a Deus pelas leis sobre pureza racial, hein? — Àquele pensamento, Dagmar de fato sorriu, mas era um sorriso de choque, desvairado.

— Dagmar — Otto rogou novamente —, nós temos que…

— Depois, foram embora, e nós pensamos que tudo tinha terminado, e nós nos sentamos juntas entre o caos que tinham deixado atrás de si…

— Dagmar…

— Mamãe estava tentando reunir todas as fotos e os álbuns que tinham sido jogados ao redor. Quando percebi que tinham colocado fogo na casa, já era tarde demais para sairmos. A entrada estava em chamas, e o único lugar para ir era o andar de cima. Corri, mas ela deve ter tentado trazer seus álbuns de fotos. Só percebi quando virei para trás no topo das escadas e vi que ela não estava me seguindo. Pude vê-la tentando recolher fotos e álbuns e pedaços de memórias e, em seguida, deixando cair tudo ao estender a mão para tentar juntar mais coisas. Gritei para ela sair, mas já era tarde demais; no momento em que ela percebeu quão perto o perigo estava, já era tarde demais. Todos os papéis e as fotografias ao seu redor já estavam queimando. E, então, os que estavam reunidos em seus braços… sua vida passada foi sua pira funerária.

— Dagmar — Otto disse, agora, com firmeza —, temos que ir embora. Eles estão em busca de sangue. Você precisa de um lugar para se esconder.

Mas Dagmar não se movia. Estava simplesmente congelada de horror. Tendo encontrado força para sair da casa em chamas, agora já não lhe restava nenhum lugar aonde ir. A visão do fogo a havia paralisado.

Então Otto lembrou-se de seu brinquedo. O macaquinho de malha de lã que ele tinha apanhado na rua e que sabia que a acompanhara a vida toda. Tirando-o do bolso, ele o colocou na mão dela.

— Como…? — murmurou Dagmar, olhando para Otto.

— Ele estava lá fora, na rua. Eu o peguei.

Dagmar encostou o pequeno objeto de lã no rosto e aspirou profundamente, sentindo-lhe o cheiro. De alguma forma, aquilo pareceu ajudá-la. O esforço desesperado de Otto de lhe proporcionar uma distração havia funcionado.

— Para onde você vai me levar? — ela perguntou com voz firme.

Aliviado, Otto levou-a pela mão para a parte de trás do jardim, onde havia uma porta que dava para um beco.

— Eu sei como sair daqui — disse ele.

Paulus e Otto nunca haviam dito a Dagmar, mas, anos antes, quando haviam caído de amores por ela, às vezes atravessavam a cidade juntos, para se insinuarem por aquele mesmo beco e olhar para a janela de Dagmar. Na esperança de ter um vislumbre de sua sombra sobre a veneziana.

— Vamos para a casa da minha mãe — disse ele. — Como não há outros judeus em nosso bloco, pelo menos, não devem ter queimado o prédio. Há uma ordem expressa para que não danifiquem propriedades alemãs.

— Uma ordem? — Dagmar disse, quase que para si mesma.

— Vamos — Otto instruiu-a —, precisamos começar a nos mexer.

A casa dos Fischer distava uns bons oito quilômetros do apartamento dos Stengel, pelo centro da cidade. A cidade que eles tinham conhecido durante toda a vida, mas que havia sido transformada completamente na mais perigosa das selvas, na qual bandos de predadores selvagens e impiedosos caçavam judeus aos magotes.

— Nós vamos ter que evitar a Ku'damm — Otto disse, enquanto se apressavam. — Meus colegas de escola estão espalhados por todos os lugares. Eu deveria tomar parte disso tudo.

— Você quer dizer… que isso foi planejado? — Dagmar disse, com espanto.

— Oh, sim, foi planejado. Leram uma ordem da SS, assinada pelo próprio Heidrich. Os policiais foram orientados a não intervir.

Estavam correndo pelas ruas lotadas. Ruas que pareciam estar tomadas por uma espécie de carnaval bizarro, em que foliões alegres perambulavam de um sangrento entretenimento para outro.

— Eles vão matar a todos nós — Dagmar disse com uma voz que soava como se já estivesse morta. — Eles vão matar a todos nós esta noite.

Otto segurava firmemente a mão de Dagmar e a puxava para a frente.

— Vamos lá — disse ele. — Devemos conseguir pegar um bonde no zoológico.

Com a cidade em meio a um distúrbio e os bombeiros ocupados tentando conter os muitos e variados incêndios, levaram quase três horas para alcançar o Friedrichshain. Quando chegaram lá, no entanto, o distrito estava muito mais tranquilo do que o centro da cidade. Ainda havia gritos e estrondos e cheiro de fogo por toda parte, mas a rua em que os Stengel viviam estava livre de vândalos.

Otto e Dagmar correram para o pátio do prédio e entraram no elevador que, pela primeira vez, estava na extremidade certa do fosso. Ficaram em silêncio por um momento, enquanto ele iniciava sua subida ruidosa e pesada até o sexto andar.

— Dagmar — Otto disse hesitante —, sinto muito por Frau Fischer. Por sua mãe.

As palavras pareceram-lhe de tal forma inadequadas que ele desejou não ter dito coisa alguma.

— Eu a invejo — Dagmar disse, com a voz tão vazia como uma sepultura recém-cavada. — Não a maneira como ela morreu, é claro. Mas por estar morta.

— Não, Dags! Por favor — Otto protestou.

— Em todo caso, era o que ela queria. Falou sobre isso tantas vezes nos últimos meses, que era como se *estivesse* morta.

O elevador se arrastava pelos andares. Otto se esforçou para pensar em algo para dizer.

— Você sabia que eu não entro neste elevador desde que tinha quinze anos? — comentou.

— Você deveria se arriscar assim agora? — perguntou Dagmar. — Você sabe que está proibido de voltar aqui.

— Danem-se eles. Não sabem onde estou.

— Não vão sentir sua falta?

— Estava tudo uma loucura, posso dizer que acabei me perdendo na multidão. Que estava indo atrás de judeus — disse ele, quase com um sorriso —, o que não deixa de ser verdade. E aposto que não fui o único dos garotos mais velhos a ter agarrado a oportunidade de sair e fazer o que bem entendesse.

Afinal, chegaram ao velho e familiar corredor.

Não havia luz no apartamento, e Otto, naturalmente, já não tinha a chave.

— Merda — disse ele —, por favor, não me diga que estão fora.

Bateu na porta e, em seguida, sussurrou: — Paulus… Paulus, você está aí?

Depois de um instante, ouviu a voz de Paulus vindo de dentro.

— Quem é você? — a voz exigiu saber. — O que quer?

— Sou eu, Pauly! Ottsy — Otto respondeu. — Estou com a Dagmar.

A porta se abriu e num instante todos os três estavam abraçados como se suas vidas dependessem disso.

— Caramba, Ottsy — disse Paulus, finalmente —, olhe só para você! Está enorme.

— Onde está a mamãe? — Otto perguntou.

— Está correndo de um lado para outro — disse Paulus —, o telefone não parou de tocar. Há muitas pessoas feridas. É como se eles houvessem de fato declarado guerra contra nós.

— Eles declararam — Dagmar murmurou, colocando as mãos em torno de uma xícara de caldo de carne que Paulus havia preparado para si mesmo e que agora tinha dado a ela.

— Todo mundo está precisando da mamãe — Paulus continuou —, então é claro que a mamãe está tentando atender a todos. Você a conhece. Vai tentar consertar cada cabeça quebrada em Berlim.

— Por que você não está com ela? — Otto perguntou com raiva. — Ela está sozinha, você deveria estar protegendo-a.

— Que tipo de proteção você acha que eu poderia dar a ela? Nenhum. Na verdade, pior do que nenhum. Muito pior — Paulus respondeu. — Estão atrás de jovens judeus, pura e simplesmente, estão literalmente agarrando os que

encontram e atirando-os em caminhões. Ficamos sabendo de pelo menos vinte casos neste bairro. Bateram aqui duas vezes, mas eu fiquei em silêncio e o vizinho disse que eu estava fora.

— Ainda digo que você deveria ter ido com a mamãe.

— Ottsy. Isso a teria colocado em *maior* risco.

— Mesmo assim…

— Mesmo assim uma ova! — Paulus se impacientou. — Ottsy! Pensei que você tivesse crescido! Obviamente, apenas seus músculos cresceram. Não há glória em ser um herói morto. Você tem que *raciocinar*. Precisamos raciocinar agora. Precisamos decidir o que fazer com Dagmar. Presumo que ela não possa voltar para casa esta noite!

— Ou nunca mais — Dagmar disse sem olhar para cima.

Em resposta ao olhar interrogativo de Paulus, Otto explicou o que tinha acontecido naquela noite. Lutando em vão para encontrar uma maneira de mitigar a notícia chocante e terrível.

Quando terminou, Paulus não sabia o que dizer. Abriu a boca, mas nenhum som saiu dela.

— Não se preocupe com a minha mãe, Pauly — Dagmar disse, com a voz ainda parecendo vir de dentro de uma sepultura. — Vivos ou mortos, a situação para os judeus na cidade é terrível. Além disso, é apenas uma questão de tempo para todos nós, de qualquer forma, não é?

Aquele era um assunto sobre o qual Paulus conseguia encontrar palavras.

— Não, Dagmar — disse ele —, isso não é verdade. As coisas vão melhorar, eu juro, é só você esperar.

Foi Otto quem respondeu a isso.

— Esperar? Esperar? — ele rosnou. — Tudo o que sempre fizemos foi esperar, e que bem isso nos fez? Precisamos *fazer* alguma coisa.

— O mesmo velho Otto, hein? — Paulus disse. — O que você vai fazer? Surrar outro homem da SA? De certo modo, acho que já passamos desse ponto.

— Não se preocupe, Pauly — Otto respondeu ferozmente. — Tenho um plano melhor do que surrar um deles…

— Ah, sim... E qual é?

Otto estava sentado no banquinho do velho piano de seu pai, mas, então, levantou-se e fitou Paulus por um momento.

— Vou matar Himmler — disse ele.

— *Matar* Himmler?

— Isso mesmo.

— Otto — Paulus disse horrorizado —, matar um deles foi o que deu início ao *pogrom* desta noite.

— Você acha mesmo? — Otto respondeu com um sorriso de escárnio. — Eu não sei. Eles estavam apenas esperando por uma desculpa, e facilmente teriam achado outra.

— Sim, certo, mas…

— Chega de "mas"! É hora de começarmos a lutar, Pauly. Não consigo ver nenhuma outra maneira de pôr um fim nisso tudo. Tenho pensado muito a respeito. Vou terminar a escola no próximo mês e adivinhem? Terá uma

cerimônia de formatura e será das grandes, porque nós somos a primeira turma a se graduar. Himmler vai estar lá.

— Himmler em pessoa?

— Isso mesmo. Heinrich, o cavaleiro negro, o chefe da SS. A escola inteira é basicamente um projeto da SS, e ele vai fazer um discurso. Acho que se eu conseguir pegar uma arma do arsenal e for com ela escondida para o desfile de formatura, poderei acertar o filho da mãe em cheio. Está me escutando? Eu posso matar Himmler!

— Otto! — Paulus indignou-se — O que você está dizendo? Você não pode fazer isso!

— Dê-me uma boa razão para não fazer.

— Vou lhe dar a melhor razão que há: Dagmar.

— Dagmar?

Ambos olharam para a garota que amavam. Ela estava sentada no chão, encostada no sofá. Aparentemente, perdida em seus próprios pensamentos.

— Dagmar, claro — Paulus sibilou. — Mesmo que você conseguisse fazer o que você quer fazer, coisa que não conseguiria, diga-se de passagem, você seria pego com certeza e, então, o que aconteceria com ela?

Otto balançou a cabeça lentamente concordando e voltou para o banquinho do piano.

— É mesmo — disse ele —, acho que você tem razão.

— Claro que tenho. Você é a única chance de Dagmar, Otts. A única forma de ela escapar. É a mesma situação de dois anos atrás, quando você começou a levá-la para sair, aos Jogos Olímpicos e outras coisas. Você é um alemão. Nada menos do que um garoto do Napola. Está prestes a entrar para o exército. Se as coisas continuarem a piorar e ela tiver que se esconder, você estará em melhor posição para escondê-la do que qualquer judeu jamais estaria. Você é um *alemão*, Otts, você tem documentos, você pode *fazer* as coisas. Comprar coisas. Viajar. Dag precisa de você. Você não pode salvar *todos* os judeus, mas você talvez possa salvar o que mais importa para nós.

Otto olhou mais uma vez para Dagmar. Ela olhava fixo para a sua bebida. Ele não tinha certeza de que ela estava ouvindo.

— Sim — disse ele, arrependido. — Claro. Você está certo. Eu não pensei por esse prisma.

— Bem, pense nisso agora — Paulus pediu. — Pode ser que você tenha que obter documentos falsos para ela, Otts, uma nova identidade, Deus sabe mais o quê. Você vai precisar manter uma ficha *muito* limpa enquanto estiver no exército e dar duro nos estudos…

— Estudos?

— Sim, para que você possa tentar conseguir um cargo público, que será mais seguro para você, e no qual você terá acesso aos selos oficiais, a passes e…

— Uau, Pauly — Otto disse surpreso. — Você tem tudo planejado.

— Eu preciso, Ottsy. *Preciso* ter tudo planejado — Paulus respondeu, e quase soou como se estivesse implorando ao irmão. — Preciso saber que você está pronto. Que você está pensando direito. De qualquer forma, eu estava

pensando em descobrir um meio de ver você em breve para discutirmos tudo isso. Sabe, Otts? Eu estou indo embora.

Descobriu-se que Dagmar estava ouvindo, afinal de contas, pois, nesse momento, ela olhou para cima.

— Você está indo embora? — ela perguntou. — Oh, Pauly...

— Mamãe arranjou um lugar para mim na Inglaterra, para morar e estudar. Tenho os vistos de que preciso.

— Quando?

— Perto do Ano-Novo. Quero me formar no colégio, é claro, mas na primavera, com certeza.

Otto e Dagmar estavam ambos profundamente chocados.

— E mamãe vai também? — perguntou Otto.

— Você sabe que ela não vai deixar seus pacientes. Ela diz que somos garotos crescidos agora e que não precisamos mais dela, mas a cada dia nasce um novo bebê que precisa.

De repente, Dagmar começou a chorar. Ela tentou se conter, mas não conseguiu.

— Você é tão sortudo, Pauly — ela chorou. — Eles jamais darão vistos a mim e à mamãe por causa do que o meu pai fez. Eles têm nos vigiado, alertando-nos para que nem tentemos...

As palavras dela foram sumindo e ela chorou mais profusamente. Estava claro que só se dera conta de que a mãe agora estava morta ao final da frase.

Paulus parecia totalmente infeliz.

— Ah, Dags — disse ele —, você sabe que se houvesse uma única maneira de eu poder ajudá-la ficando, eu o faria. Mas sou judeu também. Não posso ir a qualquer lugar. Não posso *fazer* nada. Todo judeu é um estorvo. Para si e para aqueles que se preocupam com ele. Comigo fora do caminho, Ottsy pode se concentrar completamente em você. Isso é tudo que importa para mim. Você é tudo que importa para nós dois.

— Ele está certo, Dags — disse Otto. — Faz sentido.

Paulus virou-se mais uma vez para Otto. — Tudo depende de você, Otts. E é por isso que antes de eu partir tenho que *saber* com absoluta certeza. Preciso ter sua *promessa* solene de que vai cuidar de Dagmar.

Otto irritou-se imediatamente. Com os punhos cerrados.

— Ei, Pauly! — disse ele, zangado. — Não tenho que prometer. Você sabe muito bem que eu morreria por Dagmar.

Agora Paulus também estava com raiva.

— Ah, pelo amor de Deus, Ottsy, você realmente é tão idiota assim?

— O que você quer dizer? — perguntou Otto, peitando o irmão, como fizera tantas vezes antes. — Quem é idiota? Você me perguntou se eu cuidaria da Dags, e eu disse que morreria por ela, e eu faria isso!

— Mas eu não *quero* que você morra por ela. *Qualquer* pessoa pode *morrer* por alguém. É fácil, basta se matar. Eu quero que você *viva* por ela. Mantenha-se *seguro*. Mantenha sua cabeça idiota para baixo. Certifique-se de que tudo que fizer, tenha sempre Dagmar em mente. Não vá tentar matar Himmler, e se houver uma guerra, o que obviamente vai acontecer, não se deixe matar. Porque,

se o fizer, então Dagmar ficará sozinha. Sozinha! Você entendeu, seu idiota? A última coisa que você precisa fazer é *morrer* por ela.

Otto estava quase contrito.

— Oh. Bem, colocado assim — ele disse —, entendo o que você está dizendo. Você está certo. Absolutamente certo, é claro. Você sempre está.

— Quando eu tiver ido embora, Ottsy — Paulus disse solenemente —, você tem que fingir que sou eu. Está bem? A cada movimento que fizer, a cada decisão que tomar, você tem que se perguntar "O que Pauly teria feito?". Tenha calma. Seja calculista. Tenha *cuidado*. Permaneça vivo e mantenha Dagmar viva.

— Certo, absolutamente certo. Entendi... E quando eu estiver com um uniforme — disse ele, alegrando-se —, poderei tentar fazê-la cruzar a fronteira e...

— Otto, você está fazendo de novo! — Paulus disse, com o rosto vermelho de frustração. — Você *tem que pensar sobre as coisas.*

— Bem, o que há de errado com...

— Além do fato de que muito mais pessoas têm sido baleadas tentando atravessar a fronteira do que conseguido fazê-lo? Dags já não tem um visto de entrada. Ela tinha um cinco anos atrás, para os Estados Unidos, mas agora não. Os ianques estão subindo a ponte levadiça. Todos os lugares estão. Mesmo que você conseguisse atravessá-la, ela seria mandada de volta.

— Oh — foi tudo o que Otto pôde dizer em resposta.

— Você tem que protegê-la na Alemanha. E, quando chegar a hora, *escondê-la* na Alemanha, Otto. Entendeu?

— Sim — Otto disse solenemente. — Eu entendi.

Dagmar estava olhando para os dois. Com uma expressão distante em seus olhos.

— Você tem que ir, Otts — disse ela afinal. — Está quase amanhecendo. Você precisa voltar para Spandau. Eles podem aceitar que você passe a noite toda fora, mas não todo o dia seguinte.

— Sim — Otto disse —, é isso mesmo, vou ter que conseguir uma carona... É melhor eu ir.

Dagmar largou sua caneca e o abraçou.

— Obrigada, Ottsy — disse ela em voz baixa. — Você salvou a minha vida esta noite.

— É para isso que eu estou aqui.

— É para isso que nós dois estamos aqui — Paulus acrescentou. — Protegeremos você, Dag. Eu prometo. Parece que você vai ter que ficar aqui por enquanto, até que possamos elaborar um plano. Você pode ficar com o meu quarto, eu dormirei no sofá.

Depois que Otto foi embora, Dagmar e Paulus sentaram-se juntos na sala escura por um longo tempo sem falar nada.

Por fim, Dagmar quebrou o silêncio.

— Pauly — disse ela —, me abrace.

Chuva na praia

Lago Wannsee, novembro de 1938

Poucos dias depois dos terríveis acontecimentos da *Kristallnacht*, a Noite dos Cristais, como o grande *pogrom* de novembro veio imediatamente a ser conhecido, o governo anunciou que todas as crianças judias deveriam ser imediatamente expulsas das escolas. Paulus, que estava prestes a completar seu último ano, foi expulso naquele mesmo dia, junto com milhares de outros alunos confusos, semanas antes de se formar. A todos sendo negada a chance de prestar exames ou obter qualquer tipo de certificado.

— Não se preocupe com o certificado — Frieda assegurou. — Eles vão saber sobre a nova lei na Inglaterra e você tem um histórico escolar bastante bom para qualquer faculdade.

Dagmar saiu do antigo quarto de Paulus, que ela vinha ocupando desde a *Kristallnacht*.

— Pauly — disse ela em voz baixa —, já que você vai ter um pouco mais de tempo agora e não vai precisar ficar estudando sem parar, gostaria muito que me levasse para nadar.

Paulus e Frieda trocaram um olhar preocupado.

Na semana anterior, haviam compartilhado sua preocupação a respeito da frágil saúde mental de Dagmar, sussurrando entre eles. Ela mal tinha falado desde que chegara e não mencionara a morte da mãe uma única vez. Os jornais noticiaram que o incêndio havia sido causado pelo circuito elétrico e diziam que a viúva do senhor Fischer "lamentavelmente" fora consumida pelas chamas. Nenhuma menção fora feita a Dagmar, que havia lido o artigo, sem emitir comentários. Na maior parte do tempo, ela ficava na cama ou enroscada no sofá agarrada ao macaco de brinquedo que Otto havia salvado para ela, envolta em uma profunda e fatalista tristeza na qual Frieda e Paulus não conseguiam uma brecha.

Frieda estava familiarizada com os sinais de retraimento emocional. Sabia muito bem quão profundamente danificadas muitas pessoas estavam por toda a Berlim, sentadas em silêncio como Dagmar, em cômodos vazios e frios, lidando com sua terrível realidade simplesmente ignorando-a.

— Dagmar, querida — Frieda disse gentilmente —, receio que você e Pauly não possam nadar. Tenho certeza de que você se lembra de que as autoridades proibiram.

— Ottsy pode nos levar — Dagmar respondeu. — Não há problema.

— Ottsy pode levar *você*, querida — disse Frieda. — Com Pauly o risco é mais do que dobrado. Eles ainda estão atrás dos rapazes.

— Mas poderíamos ir para Wannsee — Dagmar insistiu, sua voz tornando-se mais firme enquanto falava —, para o lago. Teremos todo o lugar para nós. Não tem ninguém lá, fora da temporada.

— Não seria um pouco frio, Dag? — perguntou Paulus, com um sorriso.

— Exatamente. Congelante. Então, ninguém vai estar lá. Pela primeira vez, seremos maioria! Não precisamos de visto para sair ou visto de entrada. É só entrarmos no trem, como costumávamos fazer. Pauly, eu quero nadar. *Preciso* nadar. Mas quero que você vá também, Pauly. Quero os meus dois meninos, como costumava ser.

Frieda sorriu. Dagmar havia falado mais em cinco minutos do que nos últimos cinco dias.

— Sabe de uma coisa? Acho que Dagmar tem razão — disse Frieda. — Vocês realmente precisam sair do apartamento. Fazer algum exercício. E se Otto estiver com vocês, realmente não creio que haja muito risco.

— Está certo! — Paulus disse, sorrindo agora, emocionado por ver algum sinal de entusiasmo em Dagmar. — Vamos fazer isso.

— Vou escrever um bilhete, então — Dagmar disse, arregalando os olhos e sua voz crescendo em confiança a cada palavra. — Tenho certeza de que Ottsy consegue obter um passe para sair. Estão todos à espera da formatura agora. Hoje em dia, ele é o queridinho da escola, e é claro que ainda pensam que sou a namorada ariana dele. Seremos nós três juntos novamente. Uma espécie de piquenique de despedida. Um adeus a você. Um adeus à mamãe. Um adeus a tudo isso, na verdade.

Por um instante, o sorriso feliz de Paulus desapareceu de seu rosto. Ele olhou atentamente para Dagmar, tentando avaliar se aquele seu plano era fruto de uma retomada de ânimo ou um sintoma de aprofundamento de seu desespero.

— Que tal chamarmos a Silke? — disse ele. — Tornarmos isso uma excursão do Clube dos Sábados.

— Ah, e compartilhar meus meninos com ela? — Dagmar respondeu, e, por um momento, seus olhos pareceram brilhar e seu antigo sorriso iluminou-lhe o rosto. — Você sabe muito bem que sou *muito* mesquinha para fazer *uma coisa* assim *tão* generosa!

Pauly sorriu de volta. Ela soava como antigamente.

Eles se encontraram na estação do Zoo.

O vidro quebrado que atulhara as ruas durante dias havia sido recolhido, mas os prédios queimados e as lojas sem vitrines permaneceram como testemunhas da violência dos ataques. Os próprios judeus foram obrigados a limpar os destroços de suas vidas, e foi uma tarefa lenta, que se tornou mais difícil porque, como os jornais ficaram felizes em noticiar, trinta mil jovens judeus haviam sido raptados de suas casas e enviados para campos de concentração durante as duas noites do *pogrom*.

O que não saiu nos jornais, mas Frieda apurara por intermédio de seus contatos médicos, foi que outros 91 judeus simplesmente haviam sido espancados

até a morte.

Agora, porém, tudo parecia calmo. Os judeus escondiam-se novamente atrás das portas fechadas e a maioria da população cuidava de seus negócios como se nada tivesse acontecido.

Otto comprou algumas nozes e maçãs para o trajeto e os três jovens tomaram o trem para Wannsee. Enquanto viajavam, os rapazes tentaram dissipar a tristeza que ainda irradiava da amiga.

— Você se lembra da competição de natação? — perguntou Otto. — Quando assumimos a culpa por você quebrar o troféu?

— E eu levei quatro golpes extras porque Otto foi estúpido demais para me deixar pensar em uma desculpa — acrescentou Paulus. — Aliás, eu ainda devia lhe dar o troco por isso.

— Na hora que você quiser, Pauly — respondeu Otto, flexionando os músculos. — Você é muito bem-vindo para tentar.

Os garotos se esforçavam para serem alegres e, à medida que as estações outrora familiares foram passando, aquilo pareceu surtir algum efeito. Dagmar quase sorriu quando se lembraram das aulas de música e do Clube dos Sábados, e de como Silke ficara zangada quando Dagmar aparecera pela primeira vez.

— Pobre Silke — disse Dagmar. — Não a culpo por sentir ciúmes. Sei que eu sentiria se fosse atrás dela que vocês corressem na Märchenbrunnen.[44] Vocês se lembram de como costumavam me encurralar entre a Rapunzel e a Chapeuzinho Vermelho e tentavam me roubar beijos?

E, assim, eles conversaram e até riram um pouco juntos, revisitando o país feliz de sua juventude, enquanto a chuva castigava as janelas do trem.

Mas, então, é claro, o estoque de lembranças felizes acabou.

Ou, pelo menos, embora ainda houvesse algumas recordações de risos e amizade depois de 1933, estavam tão entrelaçadas com experiências mais sombrias de dor, perda e humilhação, que os três sentiram que seus sorrisos desapareceram dos lábios.

— Tiraram nossa juventude, não é? — Dagmar disse calmamente. — Eles roubaram nossa juventude.

Havia trovões no ar e a chuva caía em rajadas quando o antigo e venerável trem parou com um estremecimento em Wannsee. Como Dagmar havia previsto, os três foram os únicos passageiros a desembarcar.

— Vocês são mais corajosos do que eu, garotos — o cobrador comentou enquanto eles cruzavam a cancela daquela estaçãozinha tão amada, onde os berlinenses desembarcavam com tanta empolgação e partiam com tanta saudade havia cinquenta anos.

Paulus conseguiu esboçar um sorriso em resposta, seus olhos piscando brevemente ao dar com o primeiro dos numerosos avisos de que judeus estavam proibidos de usar a praia e suas instalações.

Diante da bilheteria, os degraus molhados e varridos pelo vento não ostentavam nenhum dos sinais festivos dos quais os três excursionistas se lembravam de visitas mais felizes. Por ser final de novembro, não havia flores nas jardineiras da estação. Nem vendedor de balões ou barraquinha de sorvete. O carrinho de *pretzels* encontrava-se tapado com tábuas de madeira e fechado a

cadeado, e nada do tocador de acordeom em traje bávaro, com seu chapéu enfeitado com uma pena repleto de moedas.

Mas o sol espreitou por entre as nuvens momentaneamente, como era de esperar em Wannsee, e se eles semicerrassem os olhos e imaginassem que as bandeiras com suásticas que pendiam dos postes, molengas e encharcadas, eram bandeirolas em formato de morango, poderiam quase visualizar o verão de 1930, quando a grande praia de *Strandbad Wannsee* era uma novidade. Quando Dagmar e seus pais, esplendidamente instalados na primeira classe, e os gêmeos Stengel, com Wolfgang e Frieda, na terceira, haviam se juntado às dezenas de milhares de outras pessoas em férias, que se amontoaram naquela mesma plataforma, todos ansiosos para conhecer o presente que o conselho municipal dera ao povo de Berlim. O novo restaurante, os vestiários, o fácil acesso à maior praia interior da Europa e, o mais importante de tudo para os cidadãos civilizados da capital da Alemanha, os esplêndidos banheiros públicos.

Os três caminharam sobre a pequena ponte ferroviária que atravessava a plataforma e desceram os velhos e desgastados degraus de pedra do lado da estação que dava para o lago e foram para o calçadão.

A cada poucos metros, claro, tinham que passar por mais um aviso proibindo judeus no local, mas, na companhia de Otto, Dagmar e Paulus sentiam-se relativamente seguros. Eles eram jovens, estavam em forma e eram atraentes, cheios de vigor e de vida. Teria sido um grande rasgo de imaginação para um dos onipresentes espiões da polícia que rondavam os parques e locais de lazer, mesmo em condições meteorológicas desfavoráveis, confundir um trio de tão boa aparência com quaisquer daquelas caricaturas grotescas que eram destaque nas páginas de *Der Stürmer* ou nos editoriais de *Völkischer Beobachter*: A gárgula gorda e de nariz adunco, usando uma cartola, com gananciosos olhos esbugalhados, sorrindo sobre sacos de dinheiro cheios de dólares ianques. Ou a figura cadavérica com a foice e o martelo em sua testa, arrastando com uma das mãos uma donzela indefesa pelo cabelo e segurando com a outra uma faca pingando sangue, deixando uma igreja profanada e em chamas em seu rastro.

— Streicher e Goebbels poderiam ser confundidos com essas pessoas — Dagmar disse amargamente ao passarem por um cartaz descrevendo tal dupla perversa — mas não nós.

— Como eles *fazem* isso? — Paulus disse. — Como é que eles se safam com essas inacreditáveis imagens? Nunca vi *ninguém* remotamente parecido com isso na minha vida. Nem mesmo em uma pantomima. Eles acreditam que tais pessoas *realmente* existem? Quero dizer, não seria tão ruim, mas a gangue inteira de Hitler é um bando tão patético, eles próprios com cara de fuinha e babacas.

O cartaz seguinte era sobre a Juventude Hitlerista e a Liga das Moças Alemãs e, é claro, exibia o inevitável ideal de juventude nazista, olhando para o alto, cheios de inspiração.

O engraçado era que, cabelos louros à parte, Paulus e Dagmar poderiam facilmente ter servido de modelo para o cartaz. Os dois pareciam exemplares tão admiráveis e honrados da juventude alemã tanto quanto poderiam ser quaisquer outros de sua idade, e se Hitler passasse por eles em sua Mercedes de capota arriada, sem dúvida balançaria a cabeça em sinal de aprovação e lhes apertaria

a mão com ar severo. Goebbels, provavelmente, teria feito mais do que apertar a mão de Dagmar. Sua reputação de predador sexual já estava bem estabelecida, bem como sua predileção por mulheres jovens, sofisticadas e glamourosas, com beleza de estrela de cinema. Dagmar teria chamado sua atenção imediatamente.

Dagmar chamava a atenção da maioria dos homens. Cabeças sempre se viravam para admirar sua beleza, sua altura e suas longas pernas quando ela passeava pela cidade, sempre elegantemente vestida, de braço dado com o belo jovem do Napola. Nenhum daqueles que sorriam e cutucavam os amigos e até chegavam a assobiar para seu traseiro bem torneado e ondulante quando ela passava jamais sonharia que aquela linda garota berlinense era a mesma herdeira judia mimada, cruel e perversa dos editoriais histéricos de Goebbels, a pária filha do capitalista judeu Isaac Fischer.

Dagmar tinha apenas 13 anos, ainda era uma menina, quando foi forçada a se exilar de sua vida. A jovem que havia emergido alguns anos mais tarde, por cortesia da ascendência ariana de Otto, era uma criatura muito diferente.

Contudo não havia transeuntes para assobiar para Dagmar em Wannsee naquele chuvoso dia de novembro enquanto eles desciam até a praia.

— Onde iremos nos acomodar? — perguntou Dagmar.

Os rapazes sorriram um para o outro. Como se a princesa Dagmar Fischer fosse mesmo permitir que eles escolhessem. Ela *sempre* decidia onde iriam se sentar, desde os primeiros dias do Clube dos Sábados.

— Bem, com toda a certeza, espaço é o que não falta — disse Otto.

A praia de Wannsee tinha bem mais do que um quilômetro de comprimento, e eles eram as únicas pessoas ali.

— Mas eu acho que devemos seguir um pouco adiante — ele acrescentou —, em direção à ponte Glienicke.

Apesar de sua corrente tristeza, Dagmar deu-lhe um soco brincalhão.

— Eu sei de onde *você* está falando — disse ela —, e nós *definitivamente* não vamos para lá.

Todos riram. Otto estava se referindo ao notório setor nudista da praia, que se tornou ainda mais popular sob o comando dos nazistas, com sua obsessão por saúde e beleza.

— De qualquer maneira, eu não tiraria a roupa com este frio — disse Paulus. — Meu pinto desapareceria.

— Não há muito para *desaparecer*, se quer saber minha opinião — observou Otto, atirando-lhe um punhado de areia.

— Cale a boca ou eu arrebento a sua cara.

Os rapazes se engalfinharam, rolando juntos e brigando na areia molhada. Dagmar ria. Um pouco do horror reprimido da semana anterior e dos terríveis anos que o haviam precedido foi levado para longe, ao menos por um instante, pela brisa fresca do lago.

— Parem com isso, vocês dois! — ela exigiu. Mas não quis realmente dizer aquilo. Ela não se preocupava nem um pouco com o bem-estar dos gêmeos quando eles se exibiam para ela.

— Acho que devemos ficar aqui — disse ela, colocando a bolsa sobre uma pequena duna isolada, num trecho em que o lago não tinha vegetação demais. —

Olhem, tem até uma *Strandkorb*.[45] Alguém deve tê-la arrastado para cá e ela jamais foi recolhida.

Dagmar sentou-se no meio do assento de dois lugares da espreguiçadeira de vime.

— Não acho que vamos precisar de sombra — disse ela, empurrando para trás o dossel.

— Pode ser útil para proteger da chuva — Otto sugeriu.

Dagmar espremeu a almofada em que estava sentada e constatou que estava ensopada.

— Hum — ela disse —, tarde demais, creio eu. Ainda assim, não faz mal, meu bumbum não pode ficar mais úmido, então, posso muito bem relaxar. — Estendeu os braços. — Os dois cavalheiros não vão se juntar a mim nesta *chaise longue*? Ou uma garota precisa se sentar sozinha na praia sem acompanhantes? Muito deselegante da parte de vocês.

Não foi preciso pedir duas vezes a Paulus e a Otto. Ambos correram para se espremer um de cada lado de Dagmar. Por algum tempo, os três riram e flertaram juntos, os rapazes trocando insultos, simultaneamente garantindo a Dagmar sua devoção individual a ela, enquanto a garota ria, ralhava e dava-lhes beijos no rosto.

— Eu vou nadar! — ela disse de repente, levantando-se e desaparecendo por trás da espreguiçadeira para se trocar.

— Não riam — ela gritou. — Estou vestindo o maiô da mãe de vocês, que data da Idade da Pedra, eu acho. Também é muito pequeno para mim, mas, já que é feito de lã e terrivelmente folgado, creio que isso não vai importar. Eu tinha um traje de banho francês muito ousado, de duas peças, em cetim rosa-claro, mas é lógico que ele foi queimado quando...

A voz de Dagmar falhou. Era óbvio para ambos os rapazes que a *joie de vivre* da garota era frágil como papel, e que sob aquela superfície o horror indescritível da semana anterior estava com ela constantemente. Como também era claro para eles que nem podia ser de outra maneira.

— Eu sempre me sinto mais perto do papai quando eu nado — Dagmar disse, quando reapareceu com um maiô azul-marinho mal ajustado. — Da mamãe também, agora, embora ela só ficasse sentada e me observasse da praia. Entretanto, ela estava sempre lá. Talvez ela esteja aqui agora, sentada naquele pedaço de grama. Ela e papai olhando por mim.

Dagmar virou-se para o lado, por uns instantes, fungando profundamente. Então, ela se recompôs.

— Vai estar muito fria — disse ela —, mas a única maneira de entrar na água assim é indo de uma vez! — ela entrou correndo no lago fazendo a água espirrar, deixando Paul e Otto lutando para tirarem os sapatos e as calças, de modo a poderem segui-la.

Eles não poderiam alcançá-la, é claro, pois ela era uma nadadora muito forte e eficiente. Além disso, naquela tarde, ela nadava de um jeito que parecia estar achando que, se se deslocasse rápido o bastante, poderia lavar um pouco de sua dor. Ela nadou centenas de metros pelo vasto lago, nos estilos peito, *crawl* e costas. Os rapazes, embora fossem bons nadadores, não poderiam competir com

ela em longas distâncias e foram obrigados a esperar impacientemente no raso por seu retorno.

Havia começado a chover forte agora e, por isso, os rapazes acabaram desistindo por completo de esperá-la, preenchendo o tempo montando um abrigo para o piquenique com a toalha de mesa impermeável que haviam levado. Conseguiram amarrar uma de suas extremidades na parte de trás da *Strandkorb*, usando um par de varas encontradas na vegetação que margeava o lago para sustentar a outra. Afinal, foram capazes de armar uma tenda bastante decente, sob a qual se abrigaram para assistir a Dagmar dar suas poderosas braçadas de um lado para outro do lago agitado pela chuva.

O céu estava ainda mais escuro agora e trovejava para os lados de Potsdam.

— Ela vai ter que sair em breve — disse Otto. — Se começar a relampejar.

— Não tenho certeza de que ela se importa.

Otto assentiu com a cabeça. Sabia o que Paulus queria dizer. Fazia apenas um ano que o pai deles pulara da ponte Moltke. Não havia um só judeu na Alemanha que não tivesse pensado em suicídio em algum ponto. Dagmar tinha mais razão do que a maioria.

— Acho que uma garota como Dagmar não se importaria muito se morresse dessa forma — Paulus continuou, olhando através do vento para a superfície encapelada onde Dagmar agitava a água de tal forma que parecia estar em uma daquelas competições nas quais lhe fora negada a participação. *Freestyle*. Cotovelos para cima, dedos retos ao cortar a água, avançando velozmente. — Na verdade, acho que ela adoraria. Ser morta por uma tempestade, nadando em Wannsee, arrebatada pelo esquecimento, atingida de forma fulminante em um momento glorioso. Não acho que eu mesmo me importaria muito se pudesse morrer dessa forma.

Olharam para a figura distante. Braço branco arqueado seguido por outro braço branco arqueado. O rosto emergindo a cada três braçadas.

— Não. Você está errado — Otto disse finalmente. — Uma garota como Dagmar nunca deseja morrer. Algo dentro dela sempre vai fazer com que queira viver.

— Assim espero. E é nossa tarefa nos certificar de que ela consiga.

— É tarefa sua, Ottsy. Ela é sua namorada.

Dagmar finalmente se cansou de seu mergulho e começou a fazer o caminho de volta para a praia.

— Bem, de qualquer modo, vamos deixar esse assunto de lado por ora — disse Paulus. — Afinal de contas, este é para ser um dia de lazer.

Dagmar venceu os últimos vinte metros com o nado de peito, na direção dos rapazes, sua cabeça subindo e descendo, a boca se abrindo e fechando em um ritmo perfeitamente executado. Ela conhecia bem aquelas águas desde a infância, e sabia que a cinco metros da margem já dava pé para ela, então caminhou para fora da água parecendo de fato a magnífica atleta que era, o maiô folgado e encharcado de Frieda colando-se às linhas de seu corpo. Paulus e Otto devoraram tal visão com olhos famintos.

— Ora, vamos, meninos. Agradeço-lhes se não cobiçarem uma dama de maneira tão óbvia — Dagmar disse, pegando uma toalha que estava, naturalmente, tão molhada quanto ela. — Parece até que estão olhando para o jantar.

Ela parou diante deles, olhando lentamente de um para o outro, esfregando a toalha no corpo, enquanto a chuva caía em torno dela.

— Por falar nisso — acrescentou ela —, onde *está* o jantar? Por que não o servem, meninos? — Ela jogou a toalha na cadeira de praia e sentou-se no chão, ao lado dos rapazes. — As melhores partes são minhas.

— Você sabe que não precisa dizer isso — respondeu Otto, começando a pegar a comida.

— Precisaria se Silke estivesse aqui! — Dagmar riu.

Já não era tão fácil obter guloseimas em Berlim, mas, mesmo assim, eles tinham conseguido um razoável banquete, que haviam mantido seco em duas latas de biscoitos. Havia queijo, pepino em conserva e até mesmo pães brancos frescos. Sem manteiga, é claro, que agora era usada na fabricação de armas, mas Dagmar levara um pequeno frasco de azeite e um pouco de sal. Tinham duas garrafas de cerveja, dois maços de cigarros e, por último, uma barra inteira de chocolate ao leite Suchard. Os rapazes insistiram para que Dagmar comesse todo o chocolate, mas ela magnanimamente sugeriu ficar apenas com a metade e cada um deles com um quarto.

Então, os três se sentaram juntos na chuva, meio protegidos por seu abrigo improvisado, e comeram a refeição.

E as emoções que crepitavam entre eles desde o início eram tão fortes quanto os relâmpagos que cortavam o ar acima deles.

Três almas jovens e apaixonadas, aninhadas na areia molhada debaixo de um toldo gotejante. Partindo o pão. Compartilhando o queijo. Três histórias inextricavelmente entrelaçadas. No começo, tão felizes. Depois, tão estranhas e cruéis.

Dois rapazes desesperadamente apaixonados por uma mesma garota. Olhando furtivamente para suas longas pernas nuas e molhadas, os pés dobrados por baixo das nádegas. As gotas de chuva sobre seu braço delgado, enquanto ela se esticava entre os dois para alcançar o chocolate. Um vento frio soprando entre eles, arrepiando a pele branca e úmida de Dagmar.

— Meninos — Dagmar disse, oferecendo-lhes cigarros e acendendo um para si mesma com um pouco de dificuldade devido ao vento sibilante —, há uma coisa que eu quero falar. Algo importante.

— Espere! — Otto disse com a boca cheia de pão. — Desculpe-me, mas eu preciso mijar! Estive prendendo, mas agora não dá mais...

Paulus sorriu. — Que espírito mais romântico e expressivo, hein? — disse ele, enquanto Otto se escondia atrás da duna.

— Afaste-se devidamente — gritou-lhe Dagmar. — Não gosto de ouvir garotos urinando. Você dois costumavam deixar a porta aberta quando tínhamos nossas aulas de música e eu odiava isso.

Ela riu, mas a alegria não soou verdadeira. Havia uma nova tensão no ar. Ela se virou para Paulus.

— Pauly — disse ela —, foi a sua passagem que chegou pelo correio esta manhã?

Paulus franziu a testa e desviou o olhar, sem responder.

— Então, foi mesmo. Achei que você pareceu um pouco furtivo.

— Não furtivo, Dag — Paulus disse —, apenas... bem... triste. E temeroso, acho... podemos, por favor, não falar sobre isso?

— Temos que falar sobre isso, Pauly — disse Dagmar. — Quando você partirá?

— Em fevereiro. Continuo dizendo a mim mesmo que talvez pudesse deixar isso de lado. Tentar mudar a passagem, esperar um pouco mais. Mas a mamãe fica zangada com isso e você sabe que não é do feitio dela ficar zangada com coisa alguma.

— Zangada?

— Bem, todo mundo está desesperado para sair agora. Desde a *Kristallnacht*. Todas as pessoas que vinham dizendo nos últimos anos que tudo iria dar certo. Como meus avós. Agora eles sabem. Mas agora é muito tarde. As filas na Wilhelmstrasse e nas agências de viagens estão uma loucura. Se eu não aproveitar a oportunidade agora...

— Eu sei, Pauly — Dagmar disse calmamente, e agora era a sua vez de desviar o olhar. — Eu sei.

— Eu não quero deixá-la, Dag! — Paulus se defendeu em tom de súplica. Seu rosto, de repente, era a imagem da culpa e da angústia. — Não posso suportar nem mesmo pensar em deixá-la, quando tudo o que eu sempre quis foi estar perto de você.

Dagmar se inclinou e apertou a mão de Paulus, olhando em seus olhos sem piscar.

— E eu não posso suportar a ideia de vê-lo partir, Pauly.

— Você sabe que se houvesse alguma coisa... qualquer coisa que eu pudesse fazer — começou ele, mas não pôde continuar, porque, naquele momento, Dagmar o beijou. Ela projetou o rosto para a frente, em meio aos restos do piquenique, e uniu seus lábios aos dele.

E, então, seus braços estavam em volta dele e os dele em volta dela.

Foi totalmente inesperado, e Paulus foi pego totalmente de surpresa.

Assim como Otto.

Que emergiu naquele momento de trás da duna de areia.

— O que é isso? — gritou com surpresa. — O que vocês dois estão fazendo?

Ele desceu a duna com o rosto vermelho e furioso.

Por mais de três anos, desde a noite em que tinha atacado um homem da SA, não havia dúvida na mente de Otto de quem ocupava o centro da afeição de Dagmar, e este alguém era ele.

Ela gostava de Paulus, com certeza. Era como um irmão para ela. Mas ela era namorada *dele*.

Nunca houve qualquer dúvida quanto a isso. Nunca em todos os muitos passeios que Dagmar e ele haviam feito desde o dia em que Paulus elaborara um plano para eles ficarem juntos. Todos os beijos e afagos, mãos dadas, a

frustração compartilhada por não avançarem o sinal, quando os dois admitiam que desejavam isso...

E agora ele a encontrava, ao retornar de uma ausência de apenas alguns minutos, em um abraço romântico com seu irmão.

— Venha sentar-se, Ottsy — disse Dagmar. — Eu tenho que dizer uma coisa a você. E a Pauly.

Otto fez o que ela disse, com uma expressão perplexa no rosto.

Paulus também parecia perdido.

— Meninos — Dagmar disse, respirando fundo.

— Isso tudo soa um tanto bizarro, Dag — Paulus disse, tentando mais do que nunca intelectualizar o momento. Para colocar seu cérebro à frente de seu coração disparado.

— Bizarro? — Otto desabafou. — Um tipo bem legal de bizarrice, se quer saber minha opinião. Por acaso isso foi um beijo de "amigos"? Porque não me pareceu um beijo de "amigos".

— Ei, Ottsy — Paulus respondeu com raiva. — Nós estávamos falando sobre a minha partida. Surpreendentemente, Dag ficou triste por eu estar indo embora. Tudo bem pra você ou ela precisa de sua permissão?

— Ah, então foi um beijo de *despedida*? — Otto perguntou.

— Olhe! Eu não preciso explicar... — Paulus começou.

— Meninos! — Dagmar disse impaciente — Por favor. Vocês têm que me escutar.

Os gêmeos Stengel ficaram em silêncio.

— Nós temos sido melhores amigos desde que tínhamos 7 anos — Dagmar prosseguiu —, e vocês sabem que eu amo vocês dois mais do que qualquer coisa no mundo. Vocês *são* o meu mundo. Especialmente agora que a mamãe faleceu.

A chuva começou a cair mais forte enquanto ela falava, escorrendo por seu rosto e seus ombros nus, onde se juntava em numerosas gotículas brilhantes. Paulus e Otto ouviam-na calados.

— Mas estamos crescendo, agora. Somos adultos, não crianças, e amizade é uma coisa diferente, não é? Quando se é adulto. Entre garotos e garotas.

Nenhum dos gêmeos respondeu, embora a tensão em seus rostos mostrasse que aquela era uma observação que não precisava ser feita.

— Vocês sempre disseram que um dia eu teria que escolher entre vocês, não é?

Ela olhou de um garoto para o outro, com seus olhos grandes e tristes.

Paulus recuperou a voz primeiro, embora tenha sido pouco mais do que um coaxar:

— Achava que você já tivesse feito isso — disse ele.

— Sim — Otto sussurrou —, eu também.

— Eu tinha — Dagmar respondeu, olhando para Otto —, mas não foi o que você pensava. Ou o que eu fiz você pensar... Sinto muito.

A chuva passara a cair mais fortemente, espirrando sobre os restos de alimentos, quando a cobertura inadequada cedeu sob o seu peso.

— Estou apaixonada por Paulus — disse Dagmar, de repente.

Ambos os meninos ficaram espantados. Suas bocas se abriram numa surpresa muda.

— Acho que sei disso há um ano, pelo menos. Dois. Eu não sei. Talvez mais. Eu não queria dizer. Nunca quis dizer. Não deveria estar dizendo isso agora.

Sua voz estava trêmula. Talvez ela estivesse chorando, era difícil dizer por causa da chuva.

— Por que você me beijou — perguntou Otto, e ele também parecia prestes a chorar — naquela vez, quando eu lhe levei os botões?

— Eu tinha 14 anos, Otts.

— Mas desde então... Muitas vezes.

— Eu queria amar você, Otto. Eu orava para eu me apaixonar por você, porque sabia que Pauly um dia teria que ir embora. Que eu não *deveria* amá-lo porque ele iria partir. Que ele iria me deixar e eu ficaria sozinha, e minha maldita vida já vai ser terrível e infernal o suficiente sem um coração partido.

Otto enxugou os olhos com raiva.

Dagmar estendeu a mão para tocar a dele, mas Otto afastou-a.

— Eu gosto de você, Otts. Eu também o *amo* — ela insistiu. — De verdade. Você sabe disso. Mas não como eu amo Pauly...

Sua voz foi sumindo. Então ela se virou para Paulus, como se desejasse que ele dissesse alguma coisa.

— Mas... — Paulus começou — por que você nunca disse?

— O que você acha? Porque você tem uma chance e eu não! E eu nunca quis dizer nada que o detivesse. Sabia que você me amava, e se eu chegasse para você, um ou dois anos atrás, e dissesse que o amava, se eu fosse sua namorada, você teria escrito todas aquelas cartas tentando obter vistos? Você teria se esforçado tanto? Será que você chegaria a se candidatar à passagem que chegou esta manhã? Você teria feito isso? Se eu fosse sua garota?

Paulus mordeu o lábio.

— Não, claro que não. Eu conheço você. Vocês dois são iguais, os gêmeos Stengel. Você e Ottsy, os garotos mais leais, mais corajosos, os melhores garotos da face da Terra, e eu não mereço nenhum de vocês. E agora eu não *terei* nenhum dos dois, porque está tudo acertado e está tudo bem, é como deveria ser. Você tem a sua passagem e vai *viver*, que é tudo o que eu quero. E Ottsy será enviado para o exército, e seja lá o que acontecer comigo é o meu destino, só isso. E está tudo bem, também, porque o que tiver que ser será. Eu guardei o meu segredo, Pauly, porque eu preferiria morrer a atrapalhar sua tentativa de escapar. Mas, agora que já está feito e os nossos caminhos estão definidos, eu não poderia deixá-lo ir sem você saber, Pauly. Só isso. Pois, onde quer que você vá no mundo, seja quem for que você encontre na vida, saberá que há... que houve um dia uma garota na Alemanha, que amava você de todo o coração.

Otto se levantou.

— Estou indo embora — disse ele, tentando parecer forte. No controle de suas emoções, mas falhando miseravelmente. — Vejo vocês dois por aí, acho.

— Ottsy! — Dagmar chamou-o. — Por favor, fique com a gente.

— Não é possível — Ottsy resmungou, virando-se. — Tenho que ir.

Ele correu de volta até a duna de areia, perfeitamente consciente de que se ficasse ali mais um instante que fosse iria chorar feito um bebê, e Otto não era o tipo de garoto que queria ser visto chorando. Não por seu irmão, e não pela garota que tinha partido seu coração.

Depois que ele saiu correndo, um longo silêncio se seguiu.

Paulus olhou para o alto e depois para baixo e, depois, para o céu e para o lago. Em seguida, pareceu prestes a dizer alguma coisa, mas não conseguia pensar em nada para dizer. Em vez disso, ele a beijou. Assim como ela o tinha beijado. Longa e apaixonadamente, colocando a mão atrás da cabeça dela e pressionando seu rosto contra o dele.

Eles se beijaram por um longo tempo antes que qualquer um deles falasse novamente.

Mais uma vez, era Dagmar quem parecia ter os pensamentos mais claros.

— Desculpe-me por lhe contar, Pauly — disse ela. — Eu sempre planejei não fazê-lo. Mas, então, mudei de ideia, pensei que isso talvez o ajude... que o sustente, de certa forma. Você tem um longo caminho pela frente.

— Dagmar — Paulus respondeu finalmente, quebrando o silêncio. — Você me amar é a melhor coisa que já aconteceu na minha vida.

Em seguida, eles ouviram passos. Por um momento, pensaram que era Otto que voltava.

Mas não era Otto. Em vez dele, um jovem diferente apareceu. Tinha cerca de 16 anos.

Usava o uniforme da Juventude Hitlerista.

— Ei, rapazes! — gritou ele para longe, acenando para além das dunas. — Venham aqui.

Paulus engoliu em seco. Deveria ter sido mais cuidadoso, mais consciente. Todo mundo sabia que no campo a Juventude Hitlerista e a Liga das Moças Alemãs estavam por toda parte, acampando, marchando, cantando. Espionando. Ter Otto com eles lhe permitiu relaxar. No entanto, Otto tinha ido embora.

Com um rangido de botas de couro, de repente, havia mais de dez deles, calções pretos, camisas pardas, braçadeiras com suásticas. Os dois líderes da tropa tinham punhais nos cintos.

— Heil Hitler, rapazes — disse Paulus, com um sorriso alegre, levantando-se e fazendo a saudação alemã. — Tempo frio para um mergulho, hein?

— Heil Hitler — respondeu o líder. — Por favor, posso ver seus documentos de identificação?

Paulus tinha adivinhado que isso estava por vir. Uma das principais funções da Juventude Hitlerista era agir como observadores auxiliares para a polícia. Tinham a tarefa de espionar toda a comunidade, inclusive suas próprias famílias. Judeus em toda parte tinham aprendido a tomar cuidado com aquelas gangues de fanáticos presunçosos de camisa parda, pois, se eles descobrissem que você estava onde não deveria, não havia a possibilidade de escapar.

— Desculpem, amigos, não posso fazer isso — disse Paulus. — Deixamos nossos documentos junto com nossas coisas, a quilômetros de distância. Não queríamos que eles se molhassem ou se perdessem na areia.

Ele sabia que era um esforço patético, mas que esforço não teria sido? Estavam encurralados. Dez nazistas ávidos queriam ver os seus documentos, desesperados para apanhar um desertor do exército ou alguém fingindo incapacidade física para escapar de trabalhar para o Estado, ou, melhor do que isso tudo, um judeu em um local do qual estavam banidos. Com algo desse quilate, eles receberiam uma braçada de insígnias de mérito, sem dúvida.

— Você terá que nos levar até o local onde deixou seus documentos, por favor — o líder da tropa disse.

Paulus começou a protestar, mas o rapaz o interrompeu com rispidez. — Ou terá que vir conosco! E devo avisá-los: desperdiçar o nosso tempo vai ser pior para você.

— Ei, rapazes — Paulus disse, esforçando-se para manter um tom de camaradagem cúmplice —, esta não é minha garota, ela é namorada de outro cara. Se voltarmos juntos, ele vai...

— Se você não nos mostrar os documentos de identificação, você vai ter que ir com a gente neste instante — o líder rosnou.

— É! E quanto à garota, ela pode vir com a gente também — falou outro rapaz, que segurava um punhal, sorrindo afetadamente. — Se ela vai com esse cara, vai com qualquer um.

Paulus olhou para Dagmar. Seu rosto estava lívido de medo.

A gangue de jovens agora os rodeava. Dagmar levantou-se, pegando uma toalha molhada para enrolar em torno de si, parecendo totalmente vulnerável em seu maiô folgado.

— Olhe só, pessoal — Paulus começou, lutando para manter a voz firme.

— Silêncio! — o primeiro rapaz gritou. — Vou lhe dar só mais uma chance de mostrar seus documentos.

Paulus ficou ali parado, sem fazer nada, seu cérebro trabalhando furiosamente.

Podia sentir Dagmar tremendo ao lado dele.

O outro líder da tropa falou. Estava claro que era ele com quem Paulus deveria se preocupar. Seu rosto era desagradável e malicioso. O primeiro garoto estava tentando ser correto, mas o outro só queria se divertir um pouco. Se estivessem prestes a levar uma surra ou pior, seria aquele cara quem iria instigar a ação.

— Vocês são judeus? — o garoto de 16 anos disse cruelmente, ainda sorrindo. — Sim, acho que são.

Ele deu um passo para a frente, depois outro, até chegar muito perto de Dagmar. E aspirou profundamente.

— Sim — ele disse. — Acho que sinto o cheiro de judeus.

Estava olhando duro para Dagmar. Todos os rapazes estavam olhando para Dagmar.

— Temos de levá-los para a polícia — disse o primeiro líder. — Esse é o nosso dever, segundo nossas instruções.

— Você acha que eu sou judeu, seu desgraçado? — Paulus desafiou-o. — Que tal você dar uma olhada no meu pau, hein?

Será que o velho truque funcionaria novamente? Era uma perspectiva terrível, mas melhor aquilo do que serem capturados.

— Não seja nojento! — o primeiro líder ladrou. — Você insulta a insígnia que uso. A única coisa que eu gostaria de ver de você são os seus documentos.

— *Dela*, por outro lado — o segundo líder olhou com malícia para Dagmar —, poderíamos ver mais.

— Não — o primeiro disse irritado —, nada disso, Alex! Devemos levá-los à polícia.

Paulus avaliou a diferença entre os dois líderes do bando, sua mente procurando desesperadamente uma maneira de usá-la a seu favor.

— Sim — Paulus disse —, vamos para a polícia de uma vez e depois que eu der um telefonema ou dois vocês verão o tamanho do erro que estão cometendo.

— Eu disse silêncio! — o primeiro gritou.

— Você não tem direito de gritar comigo, garoto! — Paulus gritou de volta. — Sou um homem adulto! Em breve, serei um soldado. Já tenho os papéis do recrutamento. Agora, se vocês realmente insistem em estragar o meu dia, então vamos prosseguir com isso. Vamos. Vamos para a polícia agora mesmo. Mas deixe-me lhe dizer uma coisa, filho, no nosso próximo encontro não haverá dez de vocês, vai ser apenas você e eu, e vou fazer você desejar nunca ter me conhecido.

Aquilo causou uma impressão. O rosto do primeiro jovem revelou certa apreensão. Talvez estivesse até considerando deixar a coisa toda pra lá.

Mas o outro garoto era inteligente. Inteligente e astuto.

— Que equipamento irá usar? Vamos lá! Conte-nos! Os papéis de recrutamento são para qual regimento?

Paulus tentou não demonstrar sua confusão, mas sabia que tinha estragado tudo. Podia ser um dos jovens mais estudiosos de Berlim, mas não sabia absolutamente nada sobre a Wehrmacht.

— Eu não tenho que lhe...

— Que equipamento? — o garoto gritou. — Diga-me agora mesmo!

— Rifle... — Paul acabou dizendo. — Infantaria.

— Há mais de cem divisões de infantaria na Wehrmacht! Cada uma contendo vários regimentos! O que dizem os seus papéis? Vamos lá! Vamos lá! Nenhum soldado que teve a honra de ser convocado pelo Führer iria esquecer uma coisa dessas.

Paulus estava na corda bamba e sabia disso.

— Eu não vou permitir que um garoto grite comigo! — ele disse. — Se você insistir em continuar com essa merda, então, eu exijo que você nos leve para uma delegacia de polícia.

Aquela era a indicação do nível assustador de perigo que estavam correndo, a ponto de a polícia parecer a melhor opção para Paulus. Ele não estava gostando da maneira como eles estavam olhando para Dagmar. Se aqueles rapazes se convencessem de que ela e ele eram judeus, não havia limites do que poderiam fazer, sozinhos em uma praia deserta, escondidos por dunas de areia.

— Então — o mais cruel dos dois líderes disse triunfante —, vocês são judeus? Eu acho que são judeus.

— Devemos levá-los — o primeiro rapaz insistiu.

— Qual é a pressa? — o mais cruel respondeu, e ficou claro para Paulus que a maioria dos membros juniores da gangue concordava com ele.

— Então, vagabunda — o líder mais popular disse, aproximando o rosto do de Dagmar —, você *é* judia?

A coisa estava preta para eles, e Paulus sabia disso. Sua melhor chance era um ato de desespero, mas era tudo o que lhe restava. O líder estava muito mais próximo do que os outros, que ainda se mantinham em seus lugares, um tanto inseguros. Afinal de contas, eram apenas meninos, Dagmar era uma mulher feita.

Paulus acertou um soco no rosto do garoto depravado, derrubando-o no chão com um único e violento golpe. Então, com um movimento tão rápido que na verdade foi mais uma continuação do golpe, ele arrancou o punhal do cinto do rapaz e pressionou a lâmina contra a garganta dele.

— Ok! — Paulus gritou. — Caiam fora ou enfio isso nele. Palavra de honra que furo ele! Depois que tiverem ido embora eu o soltarei, do contrário, não. Deem o fora!

Os jovens não estavam nem um pouco acostumados com aquele tipo de coisa e já estavam recuando diante da fúria chocante de Paulus. Mas, então, o outro líder falou. Sua personalidade, que Paulus a princípio pensara que poderia ser útil, agora provava ser sua ruína.

— Fiquem onde estão! — o primeiro garoto gritou. — Fiquem onde estão, é uma ordem! Esse porco colocou a mão sobre um punhal da Juventude Hitlerista! Nossas armas são a nossa vida! E, como nossas vidas, pertencem ao Führer! Esse homem roubou o punhal do Führer! Nossa honra está na mão dele!

O garoto que Paulus segurava pelo colarinho choramingava por sentir a faca em sua garganta, mas não havia dúvida de que o restante do bando estava recobrando a determinação.

— Não se preocupe, Jovem Hitlerista — o primeiro dos líderes confortou o companheiro —, se esse judeu ousar prejudicá-lo, ele sabe o que vai conseguir.

Era um impasse que poderia acabar de duas maneiras, ambas péssimas para Paulus e Dagmar. Paulus largou o punhal. Em seguida, outra voz se intrometeu na cena.

— Que diabos vocês pensam que estão fazendo, bando de idiotas?

Paulus e Dagmar quase choraram de alívio. Era Otto.

Estava de pé em cima da duna de areia. Dois anos mais velho do que os líderes da tropa. Musculoso. Imponente.

Trajando o mesmo uniforme.

— Vocês querem se meter com a unidade de Spandau, seus bundões? — Otto continuou.

Paulus havia dito para o irmão não se esquecer de usar um uniforme na pequena excursão, e Otto escolhera o marrom, da Juventude Hitlerista, pois o da escola era preto e altamente formal, e teria ficado em péssimas condições depois de um dia na praia.

Tinha sido uma escolha feliz. Ainda mais importante, porque o uniforme ostentava as insígnias que mostravam que Otto ocupava uma posição

consideravelmente superior à detida pelos dois jovens que confrontavam Dagmar e seu irmão.

Paulus largou o rapaz que estava em seu poder. O garoto pegou o punhal do chão, com o rosto vermelho de raiva, mas sem saber o que fazer. O primeiro dos líderes da tropa não tinha tal dúvida. Colocou-se em posição de sentido.

— Este homem não quis nos mostrar seus documentos, senhor...

— Bem, é claro que ele não quis, seu otário! Ele está pegando a garota do *Oberrottenführer*! Você quer ser identificado?

A essa altura, os membros juniores da tropa começaram a dar risadinhas.

— Eu só queria saber se... — o líder protestou.

— Tudo o que você precisa saber, filho — Otto continuou —, é que você é um estúpido *Stammführer* enquanto eu sou um *Oberkameradschaftsführer*. Otto deu um tapinha no emblema hierárquico costurado no braço de sua camisa, acima da braçadeira com a suástica. — E, o que é pior, um *Oberkameradschaftsführer* do distrito de Spandau, que, como eu acho que você sabe, são os filhos da mãe mais durões em toda a Juventude Hitlerista. Até mesmo as nossas *garotas* da BDM poderiam dar uma surra em vocês. O que é mesmo que as nossas garotas da BDM poderiam fazer?

Os garotos, que sabiam reconhecer a autêntica voz da autoridade brutal quando a ouviam, responderam em uníssono.

— Elas poderiam nos dar uma surra, Herr *Oberkameradschaftsführer*, senhor!

— Isso mesmo — Otto rosnou. — Agora, caiam fora daqui logo, porque há uma fila para entrar debaixo dessa tendinha com essa belezinha e nenhum de vocês tem uma senha. Então, digam *Heil Hitler* e tratem de se mandar!

Otto bateu os calcanhares e fez a saudação alemã.

— *Heil Hitler*! — responderam dez vozes instantaneamente.

Depois disso, os dois jovens líderes e sua pequena tropa de garotos deram o fora dali o mais rápido que puderam.

Mais uma vez, os três estavam sozinhos.

— Caramba! — Paulus assobiou. — Que bom que você voltou, Otts.

Dagmar desabou no chão.

— Eu pensei... — disse ela. — Eu pensei que eles iriam...

— Mas não o fizeram, Dags — Paulus apressou-se em dizer. — E isso é o que importa.

— Sinto muito por ter ido embora — disse Otto. — Foi uma atitude idiota e, se eu não tivesse agido assim, você não teria passado por nada disso.

— Você não poderia adivinhar, Otts — disse Dagmar.

— É claro que poderia! Há perigo absolutamente em todos os lugares. Nós todos sabemos que eu deveria ter ficado com você. E foi isso que eu voltei para dizer, Dags. Que eu não vou deixá-la sozinha de novo, certo? Tudo o que você sente em relação a Paulus não faz qualquer diferença. Eu ainda a amo e ainda vou cuidar de você, da forma como planejamos. Eu prometo.

— Não, Ottsy — disse Paulus. — Acho que o plano deve mudar.

A última reunião do Clube dos Sábados

Berlim, fevereiro de 1939

Os quatro membros do Clube dos Sábados se reuniram debaixo do relógio na Lehrter Bahnhof.

Ou melhor, debaixo das grandes bandeiras vermelhas que pendiam sob o relógio.

O interior cavernoso da estação encontrava-se enfeitado com suásticas. Mais até do que o habitual. O quinquagésimo aniversário de Hitler estava apenas a algumas semanas de distância, e a gerência da estação mostrara considerável criatividade para encontrar lugares onde pendurar bandeiras que nunca antes haviam sido usados para isso.

— Justo quando você pensa que não restou nenhum lugar para colocar uma bandeira... — Otto resmungou.

— Bandeiras e desfiles. Desfiles e bandeiras — Dagmar disse, sem se preocupar em baixar a voz. — Será que eles nunca se *cansam* disso?

— Dagmar! — Silke ralhou exasperada. — Quantas vezes é necessário lembrá-la? Você não pode sequer se dar ao luxo de gemer baixinho.

— Ninguém está ouvindo, Silke!

— Eles estão *sempre* ouvindo.

— Vamos lá, não vamos brigar — Paulus implorou. — Não em nosso último dia juntos. Vá comprar os bilhetes, Otts. Vou tentar conseguir uma mesa na lanchonete. Temos uma hora antes de o trem partir, podemos tomar um café. Vamos, Dagmar.

Paulus se afastou com Dagmar na direção do restaurante da estação, enquanto Otto e Silke entravam na fila de um dos numerosos guichês.

Quando chegaram à janela, a mulher por trás do vidro fez-lhes a saudação alemã. Era um espetáculo ridículo. Havia tão pouco espaço em seu pequeno cubículo que a mulher foi forçada a fazer o gesto com o braço dobrado próximo ao peito. Um pouco como as saudações do próprio Hitler nos comícios, passando por uma floresta de braços estendidos, enquanto seu pulso mal se erguia à altura do ombro, em uma manifestação consciente de autoridade absoluta. Muito ocupado, muito sobrecarregado com as preocupações que o destino lhe apresentava para oferecer algo mais do que uma lânguida paródia da adulação caprichada que o cercava.

Otto respondeu à saudação da mulher. Tinha que fazê-lo.

A saudação alemã, como era chamada, não era obrigatória, e a mulher da bilheteria estava sendo bastante fanática ao saudar cada cliente daquela forma. Mas, *tendo sido* saudado, certamente era perigoso não responder. Otto tinha visto pessoas serem espancadas em filas de ônibus por tal insulto.

Sua própria saudação não foi menos cômica e inadequada do que a da mulher da bilheteria. Sem espaço por causa das pessoas atrás dele, Otto estava muito perto do vidro para poder fazê-lo corretamente e, por isso, se viu forçado a esticar o braço para o lado, tomando cuidado para não derrubar o chapéu da pessoa na fila ao lado.

— *Heil Hitler* — disse Otto. — Dois bilhetes para Roterdã, por favor.

Era tão absurdo... Parado ali, com o braço esticado para o lado, invocando o nome do chefe de Estado ao comprar uma passagem de trem. Otto duvidava de que até mesmo os déspotas corrompidos pelo poder da Roma Antiga esperavam genuflexões imperiais de seus cidadãos em circunstâncias corriqueiras como aquela.

— Identificação e vistos de viagem — a mulher exigiu.

Otto passou dois conjuntos de documentação por baixo do vidro.

— Primeira classe — disse ele em voz alta. — Cabine privativa.

Coisa extravagante, mas era o que Paulus havia sugerido quando estavam planejando a viagem. O trajeto era longo, e deslizes na conversa eram uma preocupação constante. Como Silke acabara de lembrar a Dagmar, nunca se sabia quando a Gestapo ou um de seus milhões de ansiosos informantes estariam ouvindo. Comentava-se que pessoas haviam sido denunciadas por seus próprios filhos, por falarem dormindo.

A mulher no guichê olhou para Otto e Silke com desconfiança. Ele tinha apenas 19 anos, ela, 18. Bastara uma rápida examinada nos documentos para constatar que eles não compartilhavam um mesmo sobrenome.

— Tudo bem — disse Silke por cima do ombro de Otto —, vamos usar a viagem para ver se não arrumamos um presente para Heinrich colocar em seus orfanatos Fonte da Vida! Deseje-nos sorte, está bem?

A mulher emitiu os bilhetes com má vontade e Silke e Otto se afastaram do guichê, ambos tentando não rir. Um breve momento de leveza em um dia estranho e terrivelmente triste.

— Fonte da Vida! — Otto a repreendeu. — Pensei que você tivesse dito que era para não chamar atenção!

— Estava apenas fingindo ser uma boa menina nazista.

Caminharam até o restaurante, onde Dagmar e Paulus já tinham comprado o café e sanduíches.

— Bem, lá vamos nós — Otto disse, colocando os bilhetes da cabine sobre a mesa. — Como a mamãe sempre diz: "Todo mundo está procurando por Moisés", e aqui está ele, na forma de passagens para Roterdã.

— Primeira classe, hein, Silke? — Dagmar disse. — As coisas vão bem para alguns.

— Foi o que combinamos — Paulus lembrou-a —, e vale a pena. Não queremos que Silke seja apanhada trazendo meus documentos ao voltar. Aqueles caras da Gestapo são todos uns camponeses esnobes. Não teriam o menor

respeito com uma garota da terceira classe, mas ficariam cheios de salamaleques com uma da primeira. Além disso, é um presente da mamãe, temos como pagar.

— Sim, que sorte a sua velha e esperta mãe ter colocado todo o dinheiro e a propriedade no nome de Otto — disse Dagmar. — Toda família judia deveria ter um ariano adotivo para cuidar de seus bens. Que pena meus pais nunca terem pensado em adotar um. Eu ainda poderia ser uma milionária.

— Ninguém deve ser milionário — Silke disse —, e chegará o dia em que ninguém será.

— Aposto que você não diria isso se o *seu* pai houvesse sido um — Dagmar respondeu.

— Bem — disse Otto —, que bom saber que as meninas continuam tão boas amigas como sempre foram.

Estavam todos desconfortavelmente conscientes de que se aproximava a hora da partida.

— Então, é isso — comentou Dagmar após um momento de silêncio. — A última reunião do Clube dos Sábados, hein?

— Não a final, espero — disse Paulus —, mas, certamente, a última por um bom tempo.

— Poderia muito bem ser realista — disse Dagmar. — Haverá uma guerra. Você realmente acha que todos nós quatro iremos sobreviver?

Os outros três não responderam.

— Sua mãe não virá, então? — Silke perguntou, afinal. — Para se despedir de seu garoto viajante?

— Não acho que seria uma boa ideia — disse Paulus.

— Quanto menos judeus na situação, melhor, neste caso — Otto acrescentou.

— Bem — Silke disse, tentando parecer alegre —, pelo menos, isso me livra de vários dias de escravidão.

Silke estava, havia alguns meses, cumprindo seu ano obrigatório de serviço doméstico, ao qual todas as mulheres solteiras e jovens estavam obrigadas pelo Estado e que, como nunca fizera segredo, ela simplesmente detestava.

— Como você conseguiu que lhe dessem dois dias de folga? — Otto perguntou. — Pensei que eles fossem rigorosos com suas escravas.

— E são. Mas, quando você trabalha como uma empregada doméstica não remunerada na casa de alguém, você começa a ouvir coisas. E ver coisas. Coisas que acho que Frau Neubauer não gostaria que eu contasse a Herr Neubauer.

— Você é uma garota habilidosa, Silke — disse Dagmar. — Sempre consegue o que quer.

— Não, não consigo — Silke respondeu bruscamente. — Eu *não* consigo o que eu quero. Você, sim.

O silêncio voltou a reinar por um momento, enquanto eles comiam os seus sanduíches.

— Bem — disse Otto, erguendo sua xícara de café. — Ao Clube dos Sábados. Sempre leais ao clube e uns aos outros.

Os outros três levantaram suas xícaras repetindo mais uma vez o juramento infantil que firmaram tantas vezes em tardes felizes, despreocupados, vagando pelas ruas e pelos espaços públicos de Friedrichshain em busca de travessuras.

— Exceto Dagmar — Silke disse, com uma risadinha.

— Não incluindo Silke — Dagmar respondeu, sorrindo também.

Ambas as garotas mostraram uma para a outra os dedos cruzados e riram juntas.

— Brincadeirinha! — Silke sorriu. — Uns aos outros!

— Sim, uns aos outros — Dagmar respondeu.

Mais uma vez, elas ergueram as xícaras, demonstrando desta vez que seus dedos não estavam cruzados.

Os alto-falantes da estação anunciaram o número da plataforma para o trem noturno holandês.

Silke terminou seu café. Tinham ainda meia hora até a partida, mas não fazia muito sentido os quatro ficarem ali sentados olhando um para o outro.

— Venha, então, *Mister* Stengel — disse ela. — Vamos embora.

— Lembranças nossas à Inglaterra — disse Dagmar.

Os quatro se levantaram.

Otto abraçou Paulus.

— Até qualquer dia, companheiro — disse ele, forçando um sorriso.

— Sim — Paulus concordou —, até qualquer dia.

Em seguida, Otto virou-se para Dagmar.

— Adeus, Dagmar — disse ele.

Silke afastou-se discretamente, caminhando alguns passos em direção à plataforma. Paulus também se virou, retirando-se para uma banca de jornal nas proximidades.

Permitiram a Otto um momento com Dagmar.

Dagmar colocou os braços ao redor dele e o abraçou apertado.

— Adeus, querido Ottsy — disse ela. O cheiro dela impregnava suas narinas. Mechas de cabelos roçavam seu rosto. — E obrigada, muito obrigada, de todo o meu coração.

— Bem. Não vou dizer que é um prazer — Otto respondeu, tentando fazer uma piada. Então, sussurrou: — Eu a amo, Dagmar. Sei que não tenho mais o direito de lhe dizer isso porque você ama Pauly, mas eu a amo. E sempre amarei. Agora, Paulus estará sempre lá para protegê-la e fico feliz por isso, porque ele é muito mais inteligente do que eu. Mas, se algum dia precisar de mim, pode contar comigo. Você sabe disso, não sabe? Porque eu a amo. E sempre amarei.

Dagmar soltou-se do abraço delicadamente e sorriu. — Sim, eu sei, Ottsy — disse ela. — E não se *atreva* a se esquecer disso!

Em seguida, ele a deixou, pegando a mala e correndo para alcançar Silke.

— Você vai vê-la novamente — disse Silke, quando ele estava ao seu lado.

— Talvez.

Enquanto caminhavam até o ponto de conferência das passagens e, em seguida, ao longo da plataforma procurando o vagão deles, Silke segurou a mão de Otto.

Ele ficou surpreso e, se ela não houvesse apertado os dedos firmemente em torno dos dele, teria retirado a mão. Os dois tinham caminhado de mãos dadas muitas vezes quando crianças, e, ocasionalmente, em Napola, quando Silke havia sido a única amiga de Otto, mas aquela era a primeira vez em muitos anos.

— Você se importa? — Silke perguntou em voz baixa. — Só por amizade. Para consolo.

— Não — Otto respondeu. — Eu não me importo.

E falara sério. Na verdade, era um consolo para ele também. A boa e velha Silke.

— Muito gentil de sua parte vir comigo, Silke. Por fazer isso por nós.

— Ei, estamos todos no mesmo bando — respondeu ela.

Enquanto caminhavam ao lado do trem que apitava, Otto sentiu um pequeno aumento da pressão da mão dela.

Ao mesmo tempo, na parte principal da estação, Paulus e Dagmar também estavam de mãos dadas, caminhando com determinação para o metrô. Ambos sabiam que a melhor maneira de evitar a detecção, ordens grosseiras, revista e humilhação, serem banidos do vagão e, talvez, perderem os relógios e as carteiras, era agir com absoluta confiança. Oficiais nazistas tinham um sexto sentido para o medo, por isso, era essencial mostrar destemor. Andar como os nazistas. Pavonear-se. Entrar sem pedir licença. Intimidar.

— Como Goebbels diz — Paulus comentou, estufando o peito e adotando um sorriso de escárnio arrogante —, se for contar uma mentira, que seja das grandes. Ousada. Então, se somos judeus, ajamos como alemães. Mas não se preocupe, Dags. Assim que Silke voltar da Holanda, serei um alemão e, em seguida, você estará segura.

— Você já poderia estar. Você tinha um visto de saída. Agora, Otto será você e você será Otto, mas por que ele não saiu como "Paulus", então?

— Desta forma, podemos ter certeza de que ele vai sair — disse Paulus. — Um visto de saída de judeu vale cada vez menos nos dias de hoje. A guerra está chegando e estão nos fazendo voltar da fronteira cada vez mais. Alguns simplesmente por rancor, mas também porque as relações com os britânicos se deterioraram muito. Como ariano, ele não terá qualquer problema, e Silke trará de volta os documentos dele amanhã.

Dagmar colocou o braço em torno de Paulus.

— Você é tão inteligente, Pauly — disse ela —, você pensa em todos os detalhes. Eu certamente fiz a melhor escolha.

A manhã seguinte

Fronteira germano-holandesa, 1939

Otto foi acordado pelos solavancos das manobras, enquanto a locomotiva arrastava seus vagões para a inspeção da fronteira.

Otto não tivera a intenção de adormecer. Lembrava-se de ter ficado acordado por horas. Olhando para o segundo ponteiro de seu relógio nos *flashes* intermitentes de luz amarela, quando o trem rugia atravessando uma ou outra cidade.

E agora ele estava acordado novamente.

Silke estava em pé, enxaguando o rosto na pequena pia.

Era uma bela cabine. O tipo de coisa com a qual os sonhos felizes são feitos. Aconchegante e confortável. Cada pequena conveniência escondida cuidadosamente. Copos para higiene dentária presos por tiras de couro, lâmpadas e espelhos embutidos, um cinzeiro, porta-copo, uma mesa dobrável ao lado de cada beliche, um discreto nicho para os sapatos. Tudo em latão, madeira e couro. Um lugar muito agradável para se acordar.

A menos, é claro, que o pequeno compartimento o estivesse levando para longe de tudo o que você algum dia amara.

Silke estava de costas para ele, curvada sobre a pia. Tinha vestido a saia, mas não a blusa. As tiras brancas de seu sutiã esticadas nas costas bronzeadas até os ombros delgados, musculosos e ligeiramente sardentos, e seu cabelo dourado agitando-se enquanto ela esfregava o rosto.

Como era estranho... Como era absolutamente surpreendente... Que ele e Silke...

— Não precisa ficar embaraçado nem com raiva de mim — disse ela através da água e da esponja. Jovialmente. Com naturalidade. Até mesmo com alegria. No entanto, cada sílaba carregava a aguda tensão da consciência do ato, logo ao despertar.

Otto não se dera conta de que ela sabia que ele estava acordado. Ela estava de costas para ele, que não emitira nenhum som. Mas as mulheres quase sempre pareciam saber coisas que não se esperava que soubessem, como ele já havia notado.

Silke terminou de se lavar e estendeu a mão, apanhando uma das toalhas de rosto de linho engomado penduradas nas argolas de latão polido ao lado da pia.

— Simplesmente aconteceu, só isso — ela continuou, enxugando o rosto e, em seguida, pegando sua *nécessaire*. — Eu disse que você não deveria ter

comprado para nós todo aquele conhaque.

Ela ainda não havia se virado. Otto estava no beliche de cima, de modo que o aglomerado de cachos louros estava apenas a meio metro mais ou menos de seu rosto. Um único facho de luz do sol brilhava através de uma abertura nas cortinas da janela pintando uma luminosa faixa dourada em seus ombros.

Ela tirou um pequeno tubo de pasta de dentes da *nécessaire* e espremeu um pouco do conteúdo sobre a escova.

— Quantas malditas doses de Hennessy você acha que tomamos? — ele a ouviu perguntar alegremente.

Na verdade, Otto não conseguia se lembrar com precisão. Quatro ou cinco, provavelmente, mais a garrafa de vinho no jantar. Eles haviam sido certamente os últimos a deixar o vagão-restaurante.

— Bem poucas — disse ele. — E *guten Morgen*, por falar nisso.

Como você cumprimenta sua amiga mais antiga, quando, inesperadamente, fez amor com ela na noite anterior?

— Não se preocupe, eu sei que isso não significou coisa alguma — disse Silke rapidamente, falando através da espuma de dentifrício na boca. Ela virou-se para encará-lo enquanto escovava os dentes. Ele podia ver seus seios balançando levemente nos bojos do sutiã enquanto o seu braço se movia para a frente e para trás e para cima e para baixo. Havia um tufinho de cabelo acobreado na axila do braço levantado.

Ela se virou e cuspiu a espuma da pasta de dentes na pia e enxaguou a boca.

— Eu sei que você não me ama. Você ama Dagmar — Silke continuou, usando suas abluções para cobrir a vergonha. — Obviamente, eu sei disso. Deus sabe que você já disse isso muitas vezes e você não falou de outra coisa na noite passada durante o jantar, que foi um pouco chato, na verdade. E *um pouco* rude. Claro que você acabou *não ficando* com ela. Isso tem que ser dito. Você a perdeu, mas eu sei que você ainda a ama, então, não se preocupe. A noite passada foi culpa do conhaque.

Quando ela se inclinou para a frente, sobre a pia, ele pôde ver suas costelas ondulando sob a pele cor de mel, as vértebras destacando-se ao longo de suas costas esguias. Ela era uma garota muito bonita.

— Foi apenas para se sentir confortado. Foi só isso, não foi? — ela disse, colocando a blusa.

— Sim — Otto respondeu calmamente —, sei que foi para me confortar. Embora tenha sido agradável.

— Sim! — Silke respondeu, um pouco alto demais. — Muito. Engraçado que deve ter sido a primeira vez — ela acrescentou, agora corando vivamente. — Quero dizer, para nós dois.

— Sim. Estranho. Mantivemos isso no clube, hein?

— Eu havia presumido que você e Dagmar deviam estar fazendo isso como coelhos nos dois últimos anos.

— Não.

— Sensato da parte dela, na verdade. Guardar-se. — Ao dizer isso, sua expressão desabou imediatamente e ela se apressou a acrescentar: — Não, isso

foi horrível. Sinto muito, eu não deveria ter dito isso, eu não quis dizer isso. Eu não sei o que eu quis dizer.

Do lado de fora da cabine, ao longo dos corredores da extremidade do trem, começavam a bater com violência nas portas.

— *Raus! Raus! Ausweis!*[46]

Como Paulus havia previsto, a Gestapo não estava sendo muito educada com os passageiros da terceira classe enquanto verificavam as credenciais de quem pretendia cruzar a fronteira e deixar a gloriosa pátria.

— É melhor você se vestir — disse Silke, colocando sua blusa. — Eles vão estar aqui em um minuto.

Otto estava puxando as calças por baixo dos lençóis. — Momento da verdade, hein? Não que haja qualquer risco. Terei de ser eu mesmo pela última vez.

— Há sempre um risco com essas pessoas.

Ao longo de todo o trem podiam ser ouvidos protestos e ordens gritadas.

Silke assistiu da janela a Gestapo levando aqueles que não tinham a documentação necessária ou de cujos rostos eles não haviam gostado.

— Deixem-nos ir! — Uma mulher de meia-idade implorava. — Vocês não nos querem. Vocês nos odeiam. Pelo amor de Deus, por que não nos deixam ir?

Havia muita angústia na fronteira naquele dia, como, aliás, havia tido todos os dias nos últimos anos. Alguns dos guardas mais velhos sentiam saudade do tempo em que seu trabalho era feliz. Desejando boa viagem às pessoas que saíam de férias. Contente era o mundo quando as fronteiras eram coisas que os viajantes atravessavam para se divertir.

Houve batidas na porta. Na verdade, não batidas, mas golpes, como se o belo painel de madeira estivesse sendo perfurado.

— Será que essa gente maldita é incapaz de fazer qualquer coisa sem transformá-la em algum tipo de agressão violenta? — Silke sussurrou baixinho, passando uma escova nos cabelos. — A hora do chá na sede da Gestapo deve ser um *pesadelo*. Quebrando a louça, derramando o leite. Se dançassem um balé, usariam botas.

Otto riu.

— Ei, eu fui para Napola! Fiquei lá três anos. Você fica em posição de sentido enquanto faz cocô.

— Na verdade, eu prefiro pensar que isso seria anatomicamente impossível.

— Nada é impossível para o soldado alemão!

Outro estrondo sacudiu a porta.

— *Einen moment, bitte* — Silke gritou.

Depois de calçar os sapatos, ela abriu a porta do compartimento. Havia três deles do lado de fora. Um agente à paisana e dois soldados da Wehrmacht com capacetes de aço. Capacetes de aço para perguntar às pessoas nos trens se elas tinham vistos. Mesmo depois de seis anos de vida sob o domínio dos nazistas, três deles passados em uma escola de elite, Otto ainda não se acostumara com a necessidade psicológica profunda que eles tinham de militarizar *tudo*.

— Documentos — o homem da Gestapo exigiu. Claro que ele estava vestido da forma habitual dos gângsteres, casaco de couro preto e um chapéu Homburg.

Tudo que precisava era de uma submetralhadora Thompson debaixo do braço em um estojo de violino para parecer saído de um filme americano.

Silke entregou seu passaporte e seu visto de saída, enquanto Otto sentava-se e pegava sua jaqueta, que ele havia colocado na outra extremidade do beliche.

— Que negócios têm a tratar no exterior? — o oficial perguntou rispidamente enquanto folheava os documentos, tarefa dificultada pelo fato de usar luvas de couro.

— Apenas umas feriazinhas holandesas antes de meu Otto ir para a Wehrmacht — disse Silke. — Estaremos de volta em um dia ou dois.

— Não conseguiríamos suportar ficar longe da pátria mais tempo — Otto acrescentou. — Poderíamos perder um desfile.

O homem da Gestapo obviamente não gostava muito do tom de Otto, nem respeitava muito dois jovens como aqueles que tinham meios para viajar de primeira classe. No entanto, os papéis estavam em ordem e, assim, depois de devolvê-los, deixou-os em paz. Ou, pelo menos, a paz que poderia ser possível com o oficial e seus soldados pisando forte pelo corredor e esmurrando as portas dos demais compartimentos.

— Bem. Parece que terminou. Você conseguiu. Está fora.

— Sim — Otto respondeu. — Estou fora.

Através da janela, podiam ver aqueles para os quais a partida havia sido negada sendo amontoados na plataforma, sob vigilância armada.

Juntos, os dois começaram a arrumar a cabine. Muito conscientes da proximidade um do outro enquanto seus quadris tocavam-se ao dobrarem o beliche superior para o seu nicho na parede e virarem o inferior de volta à posição de assento.

— Parece engraçado ficarmos tímidos agora — Otto disse —, depois de...

— Nós estávamos bêbados — disse Silke rapidamente. — Nós não estamos bêbados agora. E estava escuro. Faz uma grande diferença.

— Vamos deixar para o camareiro fazer isso enquanto nós saímos e tomamos um reforçado café da manhã — disse Otto.

— Prefiro fazer isso eu mesma — disse Silke, corando.

Apressadamente, ela recolheu o seu lençol, enrolando-o e tirando-o de vista.

Depois, sentaram-se juntos no assento e Otto deu a Silke seu passaporte e sua identidade, os que ele havia mostrado ao homem da Gestapo.

— Então — disse ele —, você leva isto de volta.

— Sim — Silke guardou os documentos bem no fundo de sua bolsa. — Vou levá-los de volta e entregá-los a Pauly. Ele conhece alguém que pode mudar a fotografia.

Em seguida, Otto vasculhou o fundo de sua própria valise e tirou de lá um segundo conjunto de documentos.

— E aqui estão os de Pauly, com a foto já mudada. O meu irmão é danado de eficiente, não é?

Otto olhou os documentos.

— Paulus Israel Stengel — disse ele. — Malditos! Eles sabem como torcer a faca, não é?

O trem estava se afastando, rolando lentamente, deixando para trás os fugitivos que haviam fracassado. Figuras desesperadas e silenciosas, agora que todos os protestos haviam cessado. Rostos sem expressão e gelados de angústia, enquanto observavam a sua última esperança de liberdade deixar a estação sem eles.

Otto olhou para os papéis em sua mão, para o grande "J" carimbado em todos eles, a letra que havia condenado todos aqueles rostos desamparados pelos quais passavam.

— Vamos lá — disse ele —, vamos tomar o café da manhã. Pagamos uma fortuna por ele, devemos comê-lo.

Levantaram-se e caminharam pelo mesmo corredor ao longo do qual haviam tropeçado um tanto "altos" apenas algumas horas antes.

— Primeira e última vez que viajarei de primeira classe, imagino — disse Silke.

Otto não respondeu. A privacidade pela qual tinham pago havia tomado um rumo tão inesperado...

Por que ele se sentia como se tivesse traído Dagmar?

Era tão estúpido. Afinal, ela o rejeitara para ficar com seu irmão, e era bastante possível que ele jamais voltasse a vê-la, de qualquer modo. Se não tinha a intenção de viver como um monge pelo resto de sua vida, o que importava que tivesse feito amor?

Mesmo com alguém tão inesperado como Silke. Uma amiga. Uma velha e querida amiga. Mas, ainda assim, sentia-se vazio. Quase miserável. Como se tivesse se despojado de algo bom e nobre.

Porque ele amava Dagmar. Sua primeira e única paixão. Ele dissera isso a ela no café na Lehrter Bahnhof.

E, em seguida, apenas algumas horas depois, estava na cama com outra garota. O que era isso se não uma traição?

Na porta do vagão-restaurante, Silke parou e virou-se para olhar para ele.

— Não se sinta mal com isso — disse ela.

Otto foi apanhado de surpresa completamente. Como ela sabia o que ele estava pensando?

Era aquela capacidade das mulheres novamente, elas sempre pareciam saber.

— Eu não estou mal! Palavra de honra, Silke — ele protestou.

Mas ela o interrompeu.

— Está e você sabe disso. Estava se sentindo mal por causa da noite passada. Mas, por favor, não faça isso. Por mim. Eu odiaria muito se você o fizesse. Foi ideia minha... Eu queria, sabe? Dagmar disse que eu consigo tudo o que quero, mas eu não penso assim nem um pouco... Entretanto, ontem à noite, por um momento, eu consegui. — Então, ela estendeu os braços para abraçá-lo. — A verdade é que eu poderia jamais voltar a vê-lo novamente e o mundo todo está prestes a ir para o inferno e...

— Silke... — Otto tentou se afastar delicadamente. — Não.

— *Eu sei*. Eu sei que você ama Dagmar — disse ela apressadamente. — Claro que eu sei. Mas não era você ontem à noite de qualquer forma, não é? Essa

é a questão. Não era você.

Otto estava surpreso. — Quem era então?

— Ora essa! O cara novo — Silke disse, com um grande sorriso que nada fazia para disfarçar as lágrimas que estavam em seus olhos. — Mister Stengel, é claro. O novíssimo cavalheiro, muito bonito, recém-formado, prestes a ser inglês. Era ele.

— Claro — Otto disse calmamente —, isso mesmo, era apenas Mister Stengel.

— Está tudo bem, então. Não há necessidade de se sentir mal por ele, hein?

Por um momento, eles se encararam. Havia desejo nos claros olhos azuis de Silke.

— Vamos lá — disse ele. — Ovos. Ovos e pães frescos.

Mas ela o estava segurando mais uma vez.

— Nós poderíamos pular o café da manhã — disse ela rapidamente, com urgência —, eu e Mister Stengel. Poderíamos voltar ao nosso compartimento. Não você, mas o cara que em breve será inglês, o homem da noite passada...

Por um momento, Otto hesitou. Lembrando-se daqueles ombros cor de mel sardentos e dos cachos dourados, a faixa de sol riscando-os. Seus seios sacudindo enquanto ela escovava os dentes. O pequeno tufo de cabelo debaixo do braço. E a noite anterior. Aquele inesperado borrão de paixão embriagada. Ela era uma garota muito bonita. Mas ele amava Dagmar e havia jurado que sempre a amaria. E Herr ou Mister, inglês ou alemão, Paulus ou Otto, qualquer que fosse o seu nome, ontem, hoje ou no futuro, ele iria cumprir aquela promessa.

Café da manhã ao alvorecer

Londres, 1956

— Nós nos separamos em Roterdã. Silke tomou o trem de volta para Berlim e eu peguei o *ferry* para a Grã-Bretanha. Nunca mais a vi.

Stone estava olhando para as águas enluaradas e escuras do Tâmisa. — Nunca mais vi nenhum deles novamente. Vi o continente desaparecer no horizonte e minha vida inteira desapareceu com ele.

Billie tomou um gole de chá. A quarta caneca da noite. Estavam conversando havia horas. Os taxistas haviam mudado os turnos. As barcaças de lixo começaram a remover as toneladas diárias produzidas por Londres e levá-las para qualquer que fosse o seu destino. E havia uma luz pálida começando a brilhar no céu.

— Entrei na Inglaterra com o visto de Paulus, assumi o seu nome e tomei o lugar que minha mãe havia conseguido para ele no Goldsmith's College. Humanidades.

— E como se saiu?

— Não muito bem.

— Por você não ser tão inteligente quanto o seu irmão e tal?

— Durou cerca de três meses. Eu tentei. Realmente tentei, mas foi muito triste. A caridade tinha encontrado um lugar para um garoto inteligente. Eles queriam Paulus. Um garoto que um dia poderia fazer a diferença. Dar algo em troca de sua boa sorte. Ajudar a construir o novo mundo e tudo mais. Em vez disso, foi a mim que receberam. Eu me senti tão culpado...

Billie colocou o braço em torno de Stone.

— Então *é por isso* que há tantos livros de Direito espalhados por seu apartamento, pegando pó — disse ela. — Você está tentando ser o seu irmão. Você ainda está tentando substituí-lo.

Stone não respondeu. Em vez disso, ele se aconchegou nela um pouco mais. Aproveitando a ternura. O companheirismo.

— Então, como devo chamá-lo agora, rapaz? — Billie perguntou. — Você é Paul? Ou você é Otto?

Stone não respondeu por um minuto inteiro ou mais.

— Eu acho... — começou ele, finalmente — acho que eu gostaria que você me chamasse de Otto.

— Viu só? — ela disse, e beijou sua bochecha. — Foi assim tão difícil?

— Para dizer a verdade, foi — disse ele. — É.

— Então, me diga uma coisa, Otto — Billie falou.

E Stone estremeceu. — Desculpe — disse ele. — Primeira vez em dezessete anos.

— Me diga uma coisa, Otto. — Billie repetiu, colocando a cabeça em seu ombro. — Por que você tem que se sentir tão culpado? A ideia foi toda de Paulus, afinal de contas.

— Eu sei — Stone respondeu. — Eu sei. Mas, mesmo assim, eu sempre me senti indigno da vida que assumi. Meu destino era morrer na Wehrmacht, mas Pauly era inteligente demais para o destino. Ele enganou o destino e morreu no meu lugar. Mamãe, papai, Paulus. Todos mortos. O melhor dos Stengel. Apenas o filho adotivo sobreviveu.

— Você acha que eles veriam as coisas dessa maneira? — Billie perguntou.

— Não. Claro que não.

— Então, acho que você deveria mostrar um pouco mais de respeito pela memória deles — disse Billie. — E sabe o que mais eu penso?

— O quê?

— Acho que eu preciso encontrar um banheiro.

De braços dados, voltaram para perto da ponte, onde havia um banheiro público.

— Que romântico, hein? — Billie riu. — Chá demais, droga.

O amanhecer definitivamente não tardava agora. Havia bem mais do que um indício dele no céu escuro, mas nenhum dos dois queria ir para a cama.

— Eu posso ir para a faculdade sem dormir — disse Billie. — Droga, eu sou o melhor que eles têm, mesmo quando *estou* dormindo, e eles também sabem disso.

— Aposto que sabem, Bill — disse Stone.

— Então, vamos tomar um café da manhã.

Não foi difícil encontrar um café. Os trabalhadores matutinos de Londres já estavam se misturando com os festeiros da noite anterior. Homens de macacões e jaquetas grossas iniciavam o seu dia, espremidos em torno de mesas de fórmica ao lado de homens em *smokings* e garotas com colares de pérolas que terminavam a noitada.

Stone e Billie encontraram um cantinho num pé-sujo[47] perto de Waterloo Bridge e se sentaram para saborear sua refeição constituída de ovos, feijão, pão frito, torradas e mais chá.

— Este é o meu tipo de noite — disse Billie, apreciando o banquete com satisfação. — Tirando a parte em que você bateu no cara, é claro.

Stone deu de ombros.

— Eu faria tudo de novo se precisasse — disse ele. — É minha regra.

— Sim, você disse. Então, vamos lá, conte-me: você chegou à Inglaterra, entrou na faculdade. O que aconteceu depois?

— Não há muito mais a dizer, Bill.

— Diga assim mesmo.

— Bem, como eu disse, passei um tempo na faculdade. Eles abriram um monte de exceções por eu ser estrangeiro e estar me ajustando a um novo país e

tudo mais. Então, quando a coisa toda estava começando a ficar embaraçosa, a guerra estourou e eu fui internado como um inimigo estrangeiro.

— Eles fizeram isso? — Billie perguntou surpresa. — Com judeus?

— Bem, eles não podiam ter certeza, podiam? Então, internavam a todos. Eu não me importei. Eles tinham razão. Afinal, se você pensar bem, eu não era judeu, era? Era um alemão que viajava com uma identidade falsa. Não me solidarizei nem um pouco com os que se queixaram do internamento. Afinal de contas, os britânicos foram postos contra a parede.

— E, claro, isso o livrou da faculdade.

Stone admitiu que era verdade com um sorriso. — Isso foi um bônus. De qualquer forma, eles logo libertaram a todos e eu fui direto para o exército. Foi assim que eu consegui minha cidadania britânica. Isso foi depois de Dunquerque, e eles precisavam de toda a ajuda que pudessem conseguir.

Billie sacudiu a embalagem de molho inglês sobre o seu segundo ovo.

— Você deve ter se sentido muito sozinho.

— Eu era muito solitário. Muito solitário, de fato. A questão era que eu realmente não queria fazer amigos... Eu estava como que...

— Chafurdando na solidão?

Stone riu, espalhando geleia de laranja em sua torrada. — Suponho que você poderia colocar as coisas desse jeito.

— Acho que você tinha motivos, *baby*. Mais do que a maioria, isso é certo. E você não recebia nenhuma notícia de casa?

— Não. Nós provavelmente poderíamos ter nos correspondido por intermédio da Suíça nos primeiros estágios da guerra, mas Paulus decidira que, com tantas mentiras para encobrir, a coisa mais segura a fazer era manter a separação. Toda a correspondência do exterior era lida pela Gestapo, é claro.

— E, desde o dia em que você partiu, Paulus se tornou você? Ele era Otto Stengel, o garoto ex-Napola?

— Isso mesmo. Silke levou meus documentos de volta para ele. Paulus tinha encontrado um velho escrivão que mudou nossas fotos. Havia um monte de falsificações acontecendo naqueles tempos, como você pode imaginar. Pessoas tentando conseguir tirar o "J" de seus documentos. Afora isso, foi fácil. Todos os endereços e a história familiar eram os mesmos. Eu tinha deixado o Napola, mas ainda não me havia juntado à Wehrmacht. Ele acabou entrando no meu lugar.

— Mas e se ele encontrasse alguém que conhecia vocês?

— Ele deduziu que estaria bastante seguro. Não se esqueça de que eu havia sido levado para o internato. A maior parte dos meus colegas era de outras partes do país. Eles voltaram para suas próprias cidades para se juntarem às forças, e a maioria deles entrou como oficial. Já havia mais de um milhão de soldados na Wehrmacht, em breve haveria milhões mais. Paulus apostou que poderia se manter abaixo do radar.

Billie assobiou baixinho. — Uau. Que cara extraordinário, hein?

— Oh, sim. Meu irmão era um cara extraordinário.

— Juntar-se à Wehrmacht do nada, quando era para ser um refugiado estudando na Inglaterra. Desistir de tudo para se juntar ao exército *alemão*. Um

judeu. *Você dois* desistiram de tudo. Nossa... — Billie exclamou — essa Dagmar deve ter sido uma garota e tanto.

— Ela era, Bill. Ela era uma garota e tanto.

— Ou vocês eram simplesmente dois idiotas perdidos de amor.

Comeram em silêncio por um tempo. Billie usou seu pão frito para limpar a gema de ovo com tanta destreza que, quando terminou, parecia que o prato nem precisaria ser lavado.

— E agora você vai se encontrar com ela, não é? — Billie disse, depois de ter engolido o último bocado.

— O quê? — perguntou Stone.

— Dagmar. Vamos lá, P... Otto. É por isso que você está indo para Berlim, é bastante óbvio.

Os olhos de Stone nublaram-se um pouco. Uma expressão dolorosa foi registrada em seu rosto antes que ele a transformasse num sorriso triste.

— Dagmar está morta, Bill — disse ele. — Ela morreu durante a guerra. Não é ela que eu vou ver em Berlim.

De *Untermensch* a super-homem

Berlim, 1940

— Stengel! Um passo à frente!

O cabo Stengel se levantou do banco de madeira onde se encontrava sentado ao lado de meia dúzia de soldados trajando o uniforme regular cinzento e deu um passo para a frente.

— *Ahnenpass* — o SS-*Sturmscharführer* gritou.

Paulus, agora com o uniforme de um *Obergefreiter* da Wehrmacht, apresentou seu "passe dos antepassados", um documento essencial para a sobrevivência, que provava que sua ascendência até três gerações era puramente ariana.

O sargento-mor da SS conferiu o documento.

— Seu nome é Otto Stengel?

— *Ja*, *Sturmscharführer*, senhor — Paulus bradou.

— Adotado? — o sargento perguntou.

— Ja, *Sturmscharführer*, senhor!

— Por judeus?

— *Ja*, *Sturmscharführer*, senhor!

A última resposta fora pronunciada por ele com igual clareza, igual volume. Nunca demonstrar fraqueza. O ano que Paulus passara no exército alemão tinha-lhe mostrado que a única coisa que eles respeitavam era a força.

— E a sua família de sangue?

— Pais mortos. Avós me abandonaram. A única família que eu conheci era de judeus, *Sturmscharführer*, senhor!

Ele quase pôde sentir os olhos de seus companheiros candidatos se arregalando atrás dele. Muitos homens e mulheres de famílias judias haviam passado pelo temido Escritório Central de Segurança do Reich, na Prinz-Albrecht-Strasse, mas, com toda a certeza, antes de Paulus, nenhum deles na qualidade de candidato a se juntar à Waffen-SS.

O sargento estava olhando para ele com extrema desconfiança.

— Um homem da SS criado por judeus. Essa seria a primeira vez, creio eu — disse ele secamente.

— Eu tinha menos de uma hora de nascido, *Sturmscharführer*, senhor! — Paulus bradou novamente. — Não foi minha culpa. Como você pode ver nos meus registros, sou um graduado de uma academia Napola.

O sargento sorriu, percebendo obviamente algum humor na situação.

— Será que eles faziam você trabalhar para eles? Na copa, como a Cinderela?

— Não. E eles tampouco bebiam o meu sangue — Paulus respondeu. — Na verdade, eram bondosos comigo.

— Você os defende? Você defende a raça inimiga? As pessoas que o roubaram?

— Não, claro que não, senhor.

— Por que não? Eles são sua família. Você acabou de dizer que foram bondosos com você.

— Eu não os defendo, senhor, porque eles são judeus fedorentos e inimigos mortais da pátria. Eu não sabia disso quando tinha uma hora de nascido, mas sei agora, porque meu líder assim me disse.

O homem da SS olhou para os papéis de Paulus. — Você serviu na Polônia?

— *Ja, Sturmscharführer*.

— Deve ter sido divertido.

— *Ja, Sturmscharführer*.

No seu lugar, o sargento-mor provavelmente teria se divertido. Brutalidade, sem dúvida, tornara-se um esporte para muitos daqueles irmãos em armas com quem Paulus invadira o leste, em setembro. Muitos caras haviam se "divertido" por lá.

Mais uma vez, em sua mente, Paulus reviu os oito cadáveres pendurados na forca erguida às pressas. Com os pés unidos amarrados a pedras. As faces azul-esverdeadas. Línguas distendidas como grandes lesmas vermelhas explorando pequenas cavernas escuras.

Entretanto, não haviam morrido ainda, e não morreriam antes que uma hora inteira se passasse, se dependesse da vontade de seus algozes.

Em que vilarejo acontecera? Rajgród? Witoslaw? Bialowieza? O exército se deslocava tão rápido que era difícil lembrar. *Blitzkrieg*, como os jornais apelidaram. A guerra conduzida tão rápido como um relâmpago.

A menos, é claro, que você levasse uma hora para morrer.

Uma banda da SS estava tocando no espaço exíguo, de terra batida, que servia de praça para a aldeia. Tortura pública e assassinato a sangue-frio ao som de música. Militar, música marcial. Como se o que estivesse balançando ao vento sobre a aldeia fosse a bandeira do exército vitorioso, e não os corpos se contorcendo e agonizando de maridos e pais. Com o barulho da música e do caminhão em que ele e seus companheiros viajavam, Paulus não pôde ouvir os gritos de protesto desesperados dos civis traumatizados. Mas ele os *viu*. As bocas escancaradas das mulheres e crianças, uivando com uma angústia que parecia não produzir qualquer som. Como um filme mudo rodado no inferno.

— Nada como vencer, hein? — o homem da SS acrescentou.

— *Ja, Sturmscharführer*.

Era verdade. A vitória fora algo inimaginável, certamente mais terrível do que se houvessem perdido. Não duvidava disso.

— Dispa-se — ele ouviu o *Sturmscharführer* ordenar.

Paulus tirou as botas de cano alto, cinto e meias, a jaqueta, a calça, a camisa e a cueca e postou-se nu e em posição de sentido enquanto um médico da

SS o examinava, em busca de características raciais suspeitas.

— Quer dizer que aqueles judeus não circuncidaram você, então? — o médico comentou, segurando o pênis de Paulus na palma da mão e olhando-o com atenção, como um fazendeiro inspecionando um touro.

— Não. Eram pessoas modernas e sem mentalidade religiosa.

— Bem, foi decente da parte deles de qualquer modo — disse o médico, acrescentando com uma gostosa risada que, se o tivessem feito, isso teria causado alguns problemas para Stengel nos chuveiros.

Em seguida, o médico apanhou um conjunto de pinças de medição, que por um momento Paulus presumiu que seriam aplicadas ao seu pênis, mas que, em vez disso, o médico levou à sua cabeça.

— Bom crânio, devo dizer — o médico comentou com um aceno de aprovação. — Forma teutônica, excelentes lobos arianos.

— Obrigado, *Herr Doktor*.

Na parede havia um gráfico mostrando pretensamente os detalhes científicos das características definidoras de um crânio judaico. Pelo que Paulus pôde ver, a característica principal parecia ser uma testa que se inclinava brutalmente para trás. Certamente, o proprietário de tal crânio teria uma aparência sinistra e ignóbil. Paulus pensou em seu bonito pai. Em sua bela mãe. Aquelas pessoas realmente eram loucas. Poderiam de fato acreditar naquilo?

Paulus sabia que Otto havia sido submetido à mesma inspeção, quando ingressou na Escola Napola. Um deles judeu, o outro gentio, nenhum sentido. Aquele era supostamente o exército tecnologicamente mais avançado do mundo e eles pensavam que podiam definir qual sangue era "valioso" com uma régua.

Satisfeito com a evidência física de pureza racial, o médico voltou sua atenção para a questão da saúde.

— Abra a boca.

Paulus obedeceu. Ele tinha cinco dentes obturados, um a menos do que o número máximo permitido. Himmler originalmente estipulara que um homem da SS não poderia ter nenhuma obturação, nem usar óculos ou mesmo exibir qualquer imperfeição de qualquer tipo. Como o Reichsführer SS pôde escrever tais instruções a sério, sendo ele próprio míope, sem queixo, tendo os ombros curvados e dentes de rato, escapava à compreensão da maioria dos membros do público, até mesmo de nazistas.

Frustrando a visão de raça superior do Reichsführer, os vinte anos anteriores haviam comprovado que quase nenhum rapaz alemão se enquadrava nos critérios idealistas do Herrenmensch e, portanto, os padrões foram relaxados imediatamente. Na verdade, muito objetivamente, bastava ter todos os quatro membros e não ser judeu para ser admitido.

Depois que Paulus se vestiu, a entrevista continuou.

— Por que você quer se juntar à SS? — o *Sturmscharführer* perguntou.

Essa era fácil.

Porque ele estava apaixonado por uma bela mulher que era judia. E um dia, em breve, sabia que teria que escondê-la. E quanto mais próximo ele fosse associado com a gangue do assassino, menos provável que qualquer pessoa imaginasse que era isso que ele estava fazendo.

Paulus concebera o seu plano na Polônia, quando viu pela primeira vez o que Hitler de fato reservava para o que chamou de *Untermensch*.

Até então, Paulus, como qualquer pessoa medianamente civilizada na Alemanha, judeu ou gentio, tinha esperança de que, de alguma forma, um dia, um limite seria imposto naquilo tudo que estava acontecendo. Que a erosão constante de toda a humanidade dos "inimigos da raça ariana" chegaria ao seu ponto mais baixo. Privados de direitos, de bens, de dignidade, de segurança? Sim. Mas assassinato? Assassinato em massa? Certamente que não. Isso não podia ser. Ninguém. Ninguém seria capaz disso. Muito menos os filhos e as filhas de Bach, Beethoven, Goethe, Schiller, Mozart, Bismarck, Gutenberg e Lutero. Matar todos os judeus. *Todos* eles? Isso não poderia acontecer.

Ainda assim...

Talvez não fosse planejado. Talvez nem eles próprios soubessem que era isso que estavam prestes a fazer. Mas Paulus tinha visto na Polônia com seus próprios olhos em que direção o diabólico vento estava soprando. Tinha visto o que a vitória repentina e absoluta estava fazendo com os homens de preto e, sim, também com os soldados comuns. Eles eram super-homens e podiam fazer o que quisessem.

E do que gostavam, ao que parecia, era matar pessoas indefesas. Poloneses, ciganos, os fracos, os doentes. E, acima de todos, os judeus.

Certamente parecia algo improvisado e quase aleatório. Paulus não julgou haver um método ou ordens específicas. E ainda assim, em todos os lugares atingidos pela guerra relâmpago, ele tinha visto judeus mortos.

Ou judeus para os quais não parecia haver nenhuma chance de sobrevivência. Aglomerados. Removidos daqui para lá.

Para onde?

Por três vezes, o caminhão em que ele viajava com seus companheiros da Wehrmacht havia sido requisitado pelo SS no comando para recolher as pessoas que iam sendo arrancadas de suas aldeias.

— Não deixem eles nos levarem — as crianças imploravam dolorosamente. — Eles vão nos matar.

Os camaradas de Paulus diziam que não fariam isso.

Mesmo eles, que haviam passado por praças de vilarejos em que todos os pais de família estavam pendurados em uma corda, ainda não queriam acreditar.

— Eles não vão matá-los. Isso é uma mentira judaica. Um insulto à Alemanha. Eles estão apenas transferindo-os para abrir espaço para os alemães decentes.

Mas Paulus só conseguia fazer a si mesmo a pergunta óbvia. Transferindo-os para onde? Se você arrancar todos os judeus de suas casas, como estava claro que o *Einsatzkommando* da SS tinha a intenção de fazer, o que você fará com eles, então? Haviam lhe dito que eles estavam sendo levados para as cidades, sendo concentrados em pequenos guetos dos quais não estavam autorizados a sair.

E depois?

Paulus pensava que, se fosse Hitler, iria matá-los. Afinal, eles eram nocivos e deixá-los morrer de fome seria confuso e perigoso. Uma fonte de infecção. Uma fonte de resistência. Uma fonte de testemunhas. Paulus havia concluído que

o caminho sem volta que a Alemanha estava percorrendo só poderia levá-la para um lugar escuro e terrível.

E sua mãe e sua amada Dagmar estavam presas em Berlim.

Foi por isso que, tropeçando ao longo das estradas poeirentas que conduziam ao cemitério a céu aberto no qual a Alemanha iria transformar a antiga cidade de Varsóvia, ele elaborou o seu plano.

— Eu quero participar da SS para melhor servir o meu Führer e limpar-me de uma vez por todas da minha vergonhosa história familiar, *Sturmscharführer*, senhor!

— Muito bem, garoto — disse o sargento. — Acho que nós vamos admiti-lo.

Um casamento é discutido

Berlim, 1940

O recém-nomeado SS *Obergefreiter* Stengel virou à esquerda, na Prinz-Albrecht-Strasse, e caminhou ao longo do edifício do Escritório Central de Segurança do Estado. Suas botas de cano alto tiniam nas pedras do pavimento enquanto ele passava pelas várias filas de pessoas miseráveis, que tinham ido ali com os seus documentos em busca de uma ou outra carimbada. Suplicantes e indefesas, pedindo permissão para sobreviver.

Ele virou à direita na Saarlandstrasse, uma grande e vermelha veia dupla repleta de bandeiras tremulando, que levava até a Potsdamer Platz. Duas pistas além de um canteiro central. Muitas bandeiras. Vermelho e preto. Vermelho e preto. Vermelho e preto. Todo o caminho até o *Haus Vaterland*.

Avistou Dagmar antes que ela o visse.

O que lhe deu um momento. Um momento para se inebriar com ela. Para saboreá-la. Para apreciá-la. Para parar e admirar em meio ao tráfego atordoante um oásis de equilíbrio e beleza.

Ela estava em pé debaixo da famosa Torre-Semáforo.

Eles amavam a torre. Todo mundo em Berlim amava. Ambos tinham estado presentes na sua inauguração, em 1924. Ela, uma princesinha muito mimada, à parte e segura em uma área de visualização reservada aos dignitários da cidade e líderes do comércio. Ele, no meio da multidão, observando com seu irmão de cima dos ombros de seus pais, aplaudindo e gritando quando o policial, em sua pequena caixa sete metros acima do solo, acendeu as luzes que finalmente levaram ordem ao caos no trânsito da Potsdamer Platz.

A torre tinha sido um símbolo da crescente recuperação econômica da Alemanha. Um milagre da tecnologia moderna, o primeiro de seu tipo na Europa.

A torre agora estava decorada com suásticas, é claro. A cidade inteira tinha suásticas penduradas e havia sido assim por seis longos anos. Paulus já não pensava naquela cidade como Berlim. Era apenas a Cidade Nazista, capital da Terra Nazista, um país estrangeiro hostil no qual ele era um prisioneiro.

Paulus olhou mais uma vez para Dagmar.

Como estava elegante. Desde o moderno chapéu Homburg de abas largas até os belos sapatinhos escoceses amarrados com cadarço. Nada de meias de seda, é claro, pois elas tinham desaparecido de Berlim, mas mesmo meias soquete ficavam sofisticadas em Dagmar.

Paulus achou que, de todas as criaturas que passavam apressadas de um lado para outro pela grande junção, Dagmar parecia a mais naturalmente situada. Ali, no coração do distrito comercial de Berlim, parada no epicentro de suas melhores ruas, ela poderia estar posando para uma fotografia de moda de alguma revista elegante. Ou, mais provavelmente naqueles dias, para ilustrar uma daquelas fotorreportagens que saíam na *Signal*, para mostrar às tropas que a vida na capital ainda era próspera e normal e que as garotas alemãs ainda eram bonitas.

O devaneio de Paulus foi interrompido por uma voz por trás de seu ombro.

— Vamos lá — Silke disse. — Eu só tenho uma hora.

Apressada como sempre. Mas lá, como havia prometido. Ela nunca o deixava na mão.

A boa e velha Silke.

Cabelos dourados amarrados no alto com um lenço, a baba do bebê de outra pessoa no ombro de sua roupa de casa. Tremendo pelo frio e pela umidade contra os quais nunca estava suficientemente protegida. Mas sorrindo, mesmo assim. Um grande e brilhante sorriso estampado naquele rosto tão bronzeado que ainda conservava a cor, mesmo agora, no comecinho do inverno.

Ela deu o braço para Paulus e, quando a torre-semáforo sinalizou automaticamente que podiam atravessar a rua (já não havia mais o simpático policial que costumava ficar lá no alto dos sete metros), juntaram-se a Dagmar.

Os três foram almoçar no magnífico *Haus Vaterland*. O palácio gastronômico internacionalmente famoso, cujo lema era "O mundo em um só lugar", onde até oito mil pessoas podiam ser servidas ao mesmo tempo no maior café do mundo e nos vários restaurantes de comida típica de outros países. Eles poderiam ter escolhido o Wild West American Bar, uma adega espanhola ou o salão de chá japonês. Entre as opções, havia comida turca, húngara e vienense também. Por uma suprema ironia, nunca houvera restaurante britânico ou francês, porque o ultrapatriótico Herr Kempinski, o *restaurateur* judeu que havia fundado o lugar, nunca perdoara os grandes inimigos da Alemanha na Grande Guerra pelo Tratado de Versalhes.

Quando Paulus costumava ir ali com seus pais e seu irmão nos bons tempos, eles sempre escolhiam o American Bar, é claro. Onde comiam bife e pão de milho e Frieda tomava um coquetel multicolorido. Agora, no entanto, sendo um bom soldado alemão trajando uniforme e com não apenas uma, mas duas garotas de braços dados com ele, achou melhor conduzi-las à cervejaria Lowenbräu.

O salão era o mais barulhento em todo o edifício, já que as estridentes marchas militares nazistas que saíam dos alto-falantes competiam com a balbúrdia encharcada de cerveja. Era um ambiente turbulento, triunfalista e desagradável. Até mesmo intimidante. Proporcionando, assim, o melhor tipo de cobertura para uma reunião de planejamento de dois inimigos da raça ariana e uma comunista, traidores do Reich.

Inevitavelmente, o *Horst Wessel Lied* soava a todo volume nos alto-falantes enquanto eles entravam no salão e aguardavam uma mesa.

— Não faça careta, Dagmar — Silke disse, com um sorriso largo.

— Não posso evitar. Essa música maldita... Será que eles *nunca* se cansam dela?

— Bem, pelo menos, não haverá chance de sermos ouvidos.

Aquela era a primeira oportunidade que os três haviam conseguido de se reunir desde que Paulus havia retornado da Polônia e começara a colocar o seu plano em ação.

Dagmar ainda vivia no apartamento dos Stengel, compartilhando o superlotado imóvel com outras três famílias judias sem posses, incluindo os pais de Frieda, cujo próprio apartamento recentemente lhes havia sido tomado por um funcionário menor do partido.

Silke ainda estava prestando serviço doméstico e, por isso, morava com a família que a empregava, enquanto Paulus, claro, primeiro estivera em serviço ativo e, em seguida, envolvido com seu treinamento básico de admissão na Waffen-SS.

Agora, no entanto, finalmente se encontravam.

Pediram salsichas e chucrute, que ainda eram encontrados com facilidade nos restaurantes, além de cerveja para Paulus e suco de maçã para Silke e Dagmar. Dagmar atacou a comida vorazmente quando ela chegou. O racionamento estava em vigor para toda a população havia mais de um ano, mas os judeus só eram autorizados a consumir o mínimo indispensável e, certamente, sem luxos, como salsicha e suco de frutas.

— Vou falar rapidamente, porque não temos muito tempo — Paulus disse. — A verdade é que as coisas vão piorar. Piorar muito. O que eu vi no leste é indescritível e acredito que é apenas uma questão de tempo antes que aconteça aqui.

— O que mais eles podem fazer conosco? — Dagmar perguntou com raiva. — Somos forçados a viver como mendigos, abusados e explorados. A loja de meu pai tem suásticas penduradas na...

— A loja de seu pai desapareceu, Dagmar! — Silke interveio. — Assim como o seu pai. Está feito, você não pode olhar para trás.

— É fácil para você...

— Por favor, Dagmar — Paulus a interrompeu. — Silke tem razão. O que está feito está feito, mas estou aqui para lhe dizer que o que foi feito não é nada, quero dizer, *nada* em comparação com o que está por vir. Ele já disse isso. Vezes sem conta. No Reichstag, no rádio. Esta guerra vai acabar com a destruição da Alemanha ou com a destruição dos judeus.

— Sim, mas ele...

— Ele *está* falando sério, Dagmar. O assassinato em massa já começou, vi isso e acredito que, uma vez que se enveredou por esse caminho, não há como voltar atrás. Acredito que talvez em cinco ou dez anos não haverá um único judeu vivo em Berlim. Não podemos mais fugir, essa opção está fechada para nós. Então, você vai ter que se esconder.

Nesse ponto, foram interrompidos: um sargento e dois cabos da Wehrmacht apareceram de repente na mesa deles.

— Ei, o que é isso? — disse um deles, um cara grande e com pinta de durão. — Guardando todas as meninas para si mesmo, companheiro? Isso não é justo,

é? Duas para um? E como fica a confraternização?

O soldado colocou sua cerveja em cima da mesa e puxou uma cadeira entre Silke e Dagmar.

— Desculpe-me, mas estamos ocupados — Paulus se apressou em responder. — Há mesas livres por aí.

— Ocupados! Aposto que você realmente está ocupado... com duas garotas ao mesmo tempo. Vamos lá, amigo, onde está o seu espírito de companheirismo do exército? Vejo que você está com a elite, na Waffen-SS, mas estamos todos juntos nisso, sabe?

Os dois companheiros do militar também começavam a pressionar, aproximando-se. Com bafo de cerveja e tabaco sobre as cabeças de Dagmar e Silke.

— Essas moças são minha irmã e minha prima — Paulus insistiu. — Temos negócios de família para...

— Estamos com sorte, rapazes! — o sargentão gritou. — Este cara está fora da jogada. Parece que somos três para duas, o que não é uma proporção das piores, eu diria. Oláá, garotas!

— Ei, rapazes, nos deixem em paz — disse Silke. — Nós estamos conversando aqui.

— Então, conversem — o sargento disse, colocando o braço em volta dela.

Pela primeira vez, Paulus sentiu-se perdido. Qualquer altercação iria desencadear uma investigação, documentos seriam exigidos e Dagmar não os teria. O sargento tinha patente mais alta do que a dele.

— Ei, sargento! — uma voz imperiosa soou.

Dagmar tinha se levantado, com os olhos faiscando. Seu tom de voz era alto e imponente.

— Qual o seu nome e seu regimento?

O sargento foi pego de surpresa, sendo capaz de reconhecer uma voz genuinamente autoritária quando ouvia uma.

— Espere um minuto, senhorita — respondeu ele. — Por que você quer saber isso?

— Porque você e seus amigos estão insultando a feminilidade alemã, é por isso. A irmã e a prima de um militar. E porque você vai se arrepender por isso, pois eu não sou uma vadia qualquer para ser abordada sem uma apresentação. Você vai me dar seus nomes para que eu possa relatá-los para o meu noivo.

— Noivo? — o sargento perguntou, agora visivelmente preocupado, seu braço não mais em torno de Silke.

— Sim, meu noivo. O *Kriminal-Oberassistent* Heinz Frank da *Gestapo* ficará muito interessado em saber como suboficiais da Wehrmacht se comportam durante as folgas. Vocês são uma vergonha para o Führer.

Os três soldados já tinham escutado o suficiente. Ninguém em Berlim evocava o nome da todo-poderosa Gestapo sem justa causa. Era um nome normalmente pronunciado em voz baixa, não bradado com autoridade em restaurantes lotados. O sargento levantou-se, murmurando um pedido de desculpas e afirmando que estava só brincando.

Murmurando seus nomes de forma incompreensível, os três soldados bateram em retirada o mais rápido que conseguiram.

— Uau, Dagmar! — Paulus exclamou, quando eles foram embora. — Isso foi muito louco.

— Isso nos livrou deles, não foi?

— Isso chamou a atenção para você — disse Silke. — Você simplesmente não pode se dar ao luxo de fazer isso.

— E se eu *não tivesse* feito o que fiz? Enquanto você ficou aí sentada e rindo feito uma idiota?

— *Rindo feito uma idiota?*

— Estaríamos sentados aqui agora tentando discutir nossos planos, com três malditos soldados nazistas nos bolinando, não é?

— *Nossos* planos? — Silke retrucou. — A meu ver, nós é que temos bolado todos os planos. Que plano *você* tem para salvar a si própria, Dagmar?

— Eu não *precisaria* ter que me salvar se pessoas como a sua maldita mãe não tivessem decidido que eu sou sub-humana.

Por um momento, houve um silêncio tenso. Então, Paulus sorriu.

— Nada muda, não é? — ele riu. — Vocês duas brigam desde 1926.

As moças simplesmente fulminaram uma à outra com os olhos.

— Ora, parem com isso! — Paulus continuou. — Nós vamos ter que aprender a conviver melhor, se todos nós vamos viver juntos.

— Viver juntos? — Dagmar engasgou. — Nós três?

— Sim, esse é o meu plano.

— Mas... Eu pensei... Eu pensei que *nós dois* iríamos viver juntos — Dagmar disse, virando os seus enormes olhos castanhos para Paulus. — Que você iria cuidar de mim.

— Eu vou cuidar de você. Mas não posso fazê-lo sozinho. Silke aceitou tomar parte nisso.

— Parte no quê?

— Você precisa desaparecer, Dagmar. E fazer isso logo. Existem milhares de judeus ainda em Berlim e, saiba, quando a coisa ficar preta, todos eles vão estar à procura de um lugar para se esconder.

— É isso o que você pensa? — Dagmar respondeu amargamente. — Já eu acho que eles vão colocar as mãos para cima e fazer o que mandarem, exatamente como os malditos covardes que todos revelaram ser. Isso é o que todos nós temos feito até agora, não é? Exceto o meu pai.

— E nós, Dagmar, e nós — Paulus disse gentilmente. — A questão é que não devemos esperar. Precisamos agir agora. Você precisa desaparecer agora. Dagmar Fischer deve morrer e você deve se tornar outra pessoa. Você precisa de uma nova identidade.

— Que outra pessoa? Que nova identidade?

— Ora, um membro respeitável da família Stengel, é claro. Eu sou um cabo da Waffen-SS, cortesia dos meus excelentes lobos arianos, e eu preciso de um núcleo familiar condizente com a minha posição. Eu preciso de uma esposa...

Pela primeira vez naquela manhã o rosto de Dagmar se iluminou.

— Uma esposa! Meu Deus, que maneira mais estranha de me pedir em casamento!

— Dagmar... — Paulus começou.

— E que ideia maravilhosa! Claro, esposa de um membro da SS, que proteção melhor do que essa poderia haver? Bem, este não é um cenário muito romântico para dizer isso, eu sempre imaginei Paris e a Torre Eiffel, mas eu aceito.

Silke fixou os olhos na mesa, fazendo círculos na espuma da cerveja com o dedo para encobrir o seu evidente embaraço.

Paulus pegou a mão de Dagmar.

— Dagmar — Paulus disse —, você sabe o quanto eu adoraria se isso fosse possível. Você sabe o que eu sinto por você.

Agora Silke havia se virado para o lado completamente, olhando para as garçonetes correndo de um lado para o outro com seus trajes bávaros e bandejas cheias de canecas de cerveja.

— Mas você disse... — Dagmar começou.

— É ilegal para um alemão se casar com uma judia, você sabe disso.

— Mas você disse que eu teria uma nova identidade.

— Sim, é o que esperamos, mas não uma que fosse capaz de resistir ao escrutínio ocasionado por um contrato de casamento. Você sabe muito bem que qualquer alemão, especialmente a noiva de um homem da SS, precisa fornecer provas da linhagem racial remontando ao século XVIII, antes que possa se casar. Cada igreja e cada registro civil são verificados.

— Então, do que você está falando?

— Dagmar, um soldado alemão casado tem direito a uma casa, e sua esposa está legalmente autorizada a contratar uma empregada.

— Uma empregada?

— Sim. Dezenas de milhares de meninas tchecas e polacas estão sendo roubadas para fazer o serviço doméstico em Berlim.

Dagmar ficou boquiaberta.

— Eu irei... me tornar uma empregada doméstica polonesa?

— Para o mundo, sim! — Paulus disse com um sorriso. — É um plano brilhante, digo sem falsa modéstia. Um conjunto de documentos falsos, mais um corte de cabelo camponês e está tudo resolvido. Nada mais é preciso: nada de registros, sem família, sem passado. Não é preciso nem conversar, já que você não fala alemão. Você foi arrancada de sua aldeia a 300 milhas de distância e forçada ao serviço doméstico na Alemanha. Essas meninas estão desembarcando do trem com nada além de uma autorização para a viagem. Eu as vi, suas vidas começam na estação. A vida de Dagmar Fischer, por outro lado, acabou. Ela deixou uma nota de suicídio, como tantos judeus estão fazendo, e se jogou no rio Spree, nenhum corpo jamais foi encontrado. A mocinha tcheca ou polonesa, no entanto, está trabalhando legalmente em Berlim para o Cabo Stengel e sua esposa.

— Frau Stengel? — perguntou Dagmar. — E quem é a Frau...

A ficha caiu. Ela olhou para Silke do outro lado da mesa.

— Quem teria imaginado isso? — Silke disse. — Eu... me casando com Paulus...

— Você — Dagmar engasgou — vai se casar com Paulus.

— Sim — Silke disse com um sorriso. — A vida é engraçada, não? Quando eu era uma garotinha, lembro-me de que sonhava em me casar com Otto Stengel, e agora eu vou fazê-lo. Claro, não com o Otto que eu imaginava, mas todos nós temos que fazer ajustes, não é? — Silke ergueu seu copo. — Vamos fazer as coisas direito e colocar um anúncio no *Völkischer Beobachter*, Pauly? Otto Stengel contrai matrimônio com Silke, filha única de Edeltraud Krause.

Instruções finais

Londres, 1956

— Você estava certo — o homem que se parecia com Peter Lorre disse —, Silke Stengel, nome de solteira Krause, é funcionária do Ministério da Segurança do Estado. Bem no centro dele, na verdade. Em Berlin-Lichtenburg, na Ruschestrasse.

— Quartel-General da Stasi.

— Sim. Sede da Stasi. Ela tem um registro de serviço que remonta a pouco depois da guerra. Você diz que ela era sua amiga?

— Sim. Uma boa amiga.

Stone fechou os olhos.

Vendo mais uma vez os ombros sardentos e dourados. A fina faixa de luz do sol entrando pela janela e projetando-se sobre eles, enquanto o trem trovejava rumo a Roterdã.

Outras lembranças passaram por sua mente.

Silke com 3 ou 4 anos de idade, fazendo desmoronar pilhas de tijolinhos de madeira, sentando-se primeiro no forte de Paulus e, depois, no dele. Nas aulas de música aos sábados, cantando e tocando um pandeiro.

Correndo, saltando. Dançando. Lutando.

Ajudando a transportar um corpo enrolado em um tapete pelo elevador. Suas pernas bronzeadas movendo vigorosamente os pedais da bicicleta. Pernas bonitas, surpreendentemente bonitas. Deitada ao lado dele sob as estrelas, falando com ele pela primeira vez sobre a *Rote Hilfe*. Sempre se estranhando com Dagmar, a filha do milionário.

— Ela sempre foi comunista — disse Stone. — Acho que ainda é.

— Bem, então — Bogart comentou com um sorriso gentil —, aqui está o seu passaporte, tudo carimbado e pronto. Já pode partir.

Casamento misto

Berlim, 1940

Tanto a família da noiva quanto a do noivo não participaram do casamento de Paulus e Silke.

O pai de Silke, claro, fora visto pela última vez desaparecendo de um quarto de pensão em 1920, e ela e sua mãe não se falavam desde meados dos anos 30.

Wolfgang estava morto, o que deixava apenas Frieda. Ela ficou de fora por uma questão de decoro. Não pegaria bem para um cabo da SS ter um inimigo da raça ariana presente em seu casamento.

Paulus sabia que teria de andar rápido com as providências para o casamento e os arranjos domésticos. A Alemanha podia ter saído vitoriosa no leste, mas o país ainda estava em guerra com a Grã-Bretanha e a França, e havia pouca dúvida de que um acerto de contas no oeste não tardaria muito. Como soldado da Waffen-SS, Paulus teria que lutar e poderia muito bem ser morto, por isso, não havia tempo a perder.

Ele e Silke haviam optado por um apartamento mobiliado no bairro de Moabit, onde Frieda passara a infância. Nem ele nem Silke eram conhecidos lá, e o imóvel situava-se também a uma boa distância do subúrbio de Charlottenburg, em que Dagmar havia crescido.

Como homem solteiro e militar em serviço, estaria fora de questão para Paulus se dar ao luxo de ter uma empregada estrangeira, razão pela qual, antes de Dagmar poder ser escondida em sua nova casa, com sua nova identidade, Paulus deveria primeiro se casar com Silke, de acordo com o seu plano.

Na manhã do casamento, Silke e Paulus se encontraram no apartamento que a partir daquele dia iriam compartilhar.

— Você está muito bonita, Silks — disse Paulus.

Ela estava vestindo um conjunto de duas peças verde-claro e um chapéu creme, enfeitado com uma pena. Seu farto cabelo louro fora penteado especialmente para a ocasião, e, coisa rara para ela, usava batom.

Estava realmente bonita.

— Obrigada — Silke respondeu. — Estou tentando parecer severa e nobre, mas também feminina e complacente. Um crédito para o Führer.

— Pois acertou em cheio. Goebbels poderia usá-la em um cartaz.

Silke sorriu e olhou Paulus de alto a baixo.

— Não vou dizer que você está "bem" — disse ela. — Não com essa terrível braçadeira. Mas está bonito. Muito bonito. Eles fazem bons uniformes, os

nazistas, esse crédito é preciso dar a eles. Vi algumas fotos de Tommies britânicos em uma revista *Signal* que alguém esqueceu no metrô e pareciam encanadores de macacão.

— Venha — Paulus disse —, venha dar uma olhada no apartamento da futura Frau Stengel.

Ele pegou o braço de Silke e guiou-a pelo apartamento.

— Achei que este poderia ser o seu quarto — disse ele. — Quero dizer, se estiver tudo bem para você. Então, Dagmar e eu poderíamos ficar com este outro. Você decide, é claro. Quero dizer, você pode escolher.

— Qualquer coisa que você decidir está bem para mim — Silke se apressou em dizer. — Imagino que não estarei em casa a maior parte do tempo, de qualquer forma.

Pararam do lado de fora do quarto que Paulus havia sugerido para si e para Dagmar.

— É engraçado como as coisas acontecem, não é? — disse Paulus.

— Você acha que... — Silke começou e então parou.

— Eu acho que o quê?

— Nada. Não é importante.

— Eu sei o que você ia perguntar — disse ele. — Se eu acho que Dagmar teria acabado querendo se casar comigo se não fossem os nazistas? Se ela ainda fosse uma princesa da Ku'damm e eu o filho de um trompetista?

— E de uma médica.

— Tudo bem, eu tenho um pouco mais de classe pelo lado da minha mãe, mas estou certo, não estou?

Silke sentou-se em uma das poltronas da sala de estar, quicando um pouco, para testar se era confortável.

— Bem, está certo. Se quer mesmo saber — disse ela —, fiquei me perguntando sobre isso.

Paulus sentou-se na poltrona em frente, fazendo uma ligeira careta ao detectar uma mola se projetando no estofamento.

— Bem, imagino que não, ela provavelmente não acabaria se casando comigo. Quero dizer, é impossível saber o que poderia ter acontecido em nossas vidas se a Alemanha tivesse sido um país normal, mas penso que Dagmar teria ido para uma escola suíça e, depois, casado com um multimilionário.

— Sim, eu também acho isso — Silke admitiu.

— Mas a Alemanha não é um país normal. É uma casa de loucos. Hitler ganhou, e por isso aqui estamos nós. Fazendo o melhor possível. Assim como Dagmar. Eu não a culpo por isso. Venha olhar a cozinha.

Levantaram-se e passaram para um cômodo de tamanho decente, com um moderno fogão a gás. Silke abriu os armários, correndo o dedo ao longo das prateleiras. Um ano de serviço doméstico não remunerado e obrigatório a deixara muito preocupada com sujeira e poeira.

— E de fato admito — Paulus continuou — que gosto de pensar que ela realmente me ama, não importa como esse amor possa ter surgido. Ela, certamente, *diz* que ama. A vida quis assim, não é? Acabou que ela não pôde sair do país para terminar os estudos, e é isso aí.

— E você conquistou o que sempre quis desde os 12 anos. Então, o que é realmente engraçado é que, se não fosse por Hitler, você não teria conseguido isso. Você deve Dagmar a Hitler.

— Eu sei — Paulus admitiu. — Acho que isso é o que chamam de ironia.

Silke encostou-se ao gaveteiro equipado, com os pés cruzados sobre o reluzente linóleo amarelo.

— Eu era apaixonada por Otto, sabe? — disse ela.

Paulus estava verificando uma lâmpada defeituosa. Ele se virou e olhou para ela.

— Era? — perguntou despretensiosamente.

— Não me diga que você não suspeitava. Otto podia ser bastante cego para as emoções de uma mulher, mas sempre atribuí a você instintos mais sutis.

Paulus pareceu um pouco envergonhado. — Acho que cheguei a imaginar. Mamãe com certeza achava que você era.

— E, agora, ele se foi — disse Silke. — Você o convenceu a trocar de identidade com você.

— Silks — Paulus disse muito sério —, não bolei o meu plano para que pudesse roubar Dagmar e privar você de Otto. O que fiz foi para salvar a vida dela.

— A vida da pessoa pela qual por acaso você está apaixonado.

— Você está me culpando, Silke? Está com raiva? Eu realmente achava que você entendesse.

Silke desviou o olhar.

— Eu entendo, Pauly. De verdade. Acho que você tinha que fazer o que fez... Eu apenas queria que você soubesse, só isso. Estava um pouco farta de sofrer em silêncio.

— Você chegou a dizer a Ottsy? — Paulus perguntou.

— Mais ou menos. De certo modo. No trem, mas não adiantou. Ele ama Dagmar. Assim como você. Então, eu nunca tive nenhuma chance realmente. *Dane-se* aquela vadia! — Mas ela disse isso com uma risada. — Não se preocupe, vou interpretar o meu papel, Pauly. Eu sou comunista. Acredito em ajudar meus companheiros, homem ou mulher.

Paulus sorriu, e então Silke deu-lhe um abraço.

— É um bom apartamento, não é? — Silke disse. — Tivemos sorte.

— Acho que sim.

— Você acha que ele foi roubado de judeus? Como aconteceu com o de seus avós?

— Não sei. Eu perguntei, mas a agência disse que eles não discutem essas coisas.

Ficaram em silêncio mais uma vez. Querendo saber se semanas antes crianças haviam sido expulsas com cassetetes e coronhadas daquele aposento em que estavam.

— Vi um monte de coisas desse tipo na Polônia, sabe? Expulsões forçadas... — Paulus disse. — Simplesmente terrível. Milhares de famílias polonesas, e não exclusivamente judaicas, sendo arrancadas de suas casas em um instante. O rádio deixado ligado, a comida ainda na panela, era brutal.

— Vamos lá — disse Silke. — Não queremos nos atrasar para o nosso casamento, não é?

Paulus colocou as malas de Silke no quarto dela e pegou seu quepe da SS novinho em folha na mesinha no corredor.

— Silke — ele disse hesitante —, é uma coisa incrível o que está fazendo. Você sabe... Essa coisa maravilhosa e generosa que você está fazendo por Dagmar.

— Não estou fazendo isso por Dagmar, seu bobo! — Silke riu. — Estou fazendo isso por você. E por Otto. Pelos gêmeos Stengel! Os dois. Porque *vocês* querem fazer isso por ela. Porque, sendo homens, ambos caíram de amor pela garota mais bonita que conheceram, mas, como ela é judia, agora todos nós vamos ter que passar a guerra cuidando dela.

— E quanto a você? — perguntou Paulus. — Isso significa uma vida vazia para você. Casada, mas não casada. Quero dizer, você não pode construir uma vida para si mesma.

— É um pouco tarde para tentar falar disso agora.

— Não estou tentando, é só que...

— Olhe, SS *Sturmmann* Stengel — Silke disse, colocando de lado o pequeno ramalhete de prímulas que estava carregando e tomando as mãos de Paulus. — Eu *quero* fazer isso. Por uma série de razões. E não é *apenas* pelo Clube dos Sábados, ou pelo fato de que você e Otto sempre significaram tudo para mim. Esta é uma vida boa, na verdade. Para começo de conversa, significa que posso deixar o serviço doméstico obrigatório, o que, acredite, não é pouca coisa. E o casamento com um militar, com um militar da SS, acarreta muitas vantagens também. Eu vou comer bem, vou dormir confortavelmente. E o mais importante de tudo é que esta não é apenas uma boa cobertura para Dagmar, sabe? É uma boa cobertura para mim também.

Paulus sabia o que ela queria dizer e não tinha certeza de que gostava.

— Você quer dizer, como comunista?

— Isso mesmo.

— Eu pensei que os seus companheiros agora fossem amigos de Hitler — disse Paulus.

Um espasmo de tristeza atravessou as feições de Silke. O pacto nazi-soviético de 1939 devastara o pouco que restava do movimento comunista alemão clandestino.

— Stalin tomou uma decisão tática — disse Silke defensivamente. — Ele está ganhando tempo, tenho certeza disso. Um dia, haverá resistência novamente, e, quando esse dia chegar, quero fazer parte dela.

Paulus não respondeu. Não havia nada que pudesse dizer. Ele a estava usando, então, dificilmente poderia objetar que ela o usasse também. Todos eles dependiam uns dos outros.

Deixaram o apartamento e tomaram um táxi para a Câmara Municipal de Moabit, em Tiergarten.

— Não devemos deixar Herr Richter esperando.

— Fazer com que ele aceitasse participar da cerimônia deve ter exigido um bocado de coragem — disse Silke, assobiando por entre os dentes.

— Sim. Um pouco — admitiu Paulus.

Uma semana antes, Paulus tinha vestido o seu novo uniforme da Waffen-SS, marchado em direção à Gestapo local e pedido para ver o oficial superior presente.

Então, com grande audácia, havia solicitado ao chefe da Gestapo, a quem não conhecia, para oficiar seu casamento.

— Sou da raça pura, mas fui adotado por judeus, senhor — disse ele. — Portanto não tenho família e sou sozinho. Minha vida e meu casamento pertencem ao Führer. Gostaria de ter a testemunha mais autorizada para tal fato. Por isso, venho respeitosamente pedir-lhe para ser testemunha no meu casamento.

Foi uma ideia corajosa e brilhante, que vinculava a Gestapo local ao seu nome e endereço e, de fato, à sua vida. Tornando o chefe pessoalmente ligado a eles.

Como sempre, o planejamento tático de Paulus foi impecável.

Enquanto Richter, embaixo do retrato do Führer, entoava solenemente os vários juramentos ao Estado e ao *líder* necessários a um casamento nazista, nem em seus devaneios mais loucos ele poderia imaginar a verdade. Que o bom e honrado soldado em pé diante dele a prestar os juramentos em poucas horas estaria quebrando um copo sob sua bota na presença da mãe e dos avós, ao participar de um segundo casamento naquele dia. Desta vez, com a mulher que amava e que, como ele, tinha ascendência judaica.

Velhos amigos

Berlim, 1956

Olhando pela janela em seu voo pela Deutsche Lufthansa, Otto se deu conta de que, visto do ar, o *layout* do aeroporto de Heathrow formava uma perfeita estrela de davi.

Ele se perguntou se aquilo era ironia. Os britânicos eram famosos por sua ironia, mas ele nunca encontrara um único que pudesse lhe dar uma definição clara da palavra. A maioria deles parecia pensar que era apenas coincidência.

Otto concluiu que era ironia. Aquela forma, que não lhe dissera absolutamente nada até seus 13 anos, e que depois passara a significar violência, abuso e morte, foi a última coisa da Grã-Bretanha que ele viu quando seu avião desapareceu por entre as nuvens.

Em seu caminho de volta a Berlim. Onde, sem dúvida, haviam costurado aquela mesma forma nos casacos de sua mãe e de seus avós idosos, a fim de marcá-los para o assassinato.

O comissário de bordo de aspecto severo interrompeu seu devaneio distribuindo os complexos e longos formulários de entrada para a República Democrática Alemã.

Alemanha Oriental.

Otto baixou a pequena mesa na parte de trás do assento da frente e pegou seu passaporte. Parou por um momento para olhá-lo. Ele sempre fazia uma pausa para reflexão ao segurar o passaporte.

Aquele precioso documento. Tão imponente e grandioso com a sua capa dura azul-royal. O texto em cobre na capa interna arcaicamente severo e impositor. "Sua Majestade Britânica requer e exige...". O que soava bem, mesmo com o recente fiasco do Suez. Mesmo com todos os editoriais na Terra gritando que Sua Majestade Britânica já não estava em posição de requerer e exigir nada de ninguém, a menos que os americanos dissessem que podia.

Muita gente dizia que a Grã-Bretanha estava afundada. Mas essa gente era idiota, na opinião de Otto. Ser britânico ainda significava um bocado. Só era necessário ter nascido em outro lugar para dar a isso o devido valor.

Otto terminou de preencher seu formulário. O primeiro documento alemão que preenchia em dezessete anos, e o primeiro que já tinha visto que não exigia que indicasse se era judeu. Guardou o passaporte e tomou um gole de uísque de seu cantil de bolso. Não esperava que a companhia aérea oferecesse qualquer

coisa burguesa como bebida de bordo e, por isso, tinha ido preparado. Acendeu um Lucky Strike, tomou outro gole de uísque e tentou relaxar.

A voz do piloto veio do alto-falante anunciando que tinham atravessado o Canal da Mancha e estavam sobrevoando a Holanda. Otto se pegou sorrindo.

Holanda. Tinha estado lá apenas uma vez, de passagem, num trem. Mas tinha perdido a virgindade lá, a cem quilômetros por hora e, por isso, o lugar sempre contara com sua benevolência.

Ele estava com a garota com quem em breve deveria se confrontar. Como ela estaria agora? — ele se perguntou. Silke Krause. Será que os seus cabelos e a sua pele ainda eram dourados? Ou a década de serviço para os mestres de fantoche do Kremlin a havia tornado pálida e grisalha? Claro que ela tinha apenas 35 anos, um ano mais nova do que ele, mas Otto conhecera agentes da Stasi antes, disfarçadas como guias de viagem para as delegações da Alemanha Oriental em visita à Grã-Bretanha. Teria Silke se tornado como elas, triste e sisuda, cabelos sem brilho repuxados para trás em um coque duro? Ele iria descobrir em breve.

Os passageiros desembarcaram no aeroporto de Schönefeld e foram encaminhados para o setor de alfândega e imigração. Otto pegou-se pensando que Billie iria aprovar a construção. Abundância de concreto. Estranho estar na Alemanha pensando em Billie, tendo passado dezessete anos na Grã-Bretanha pensando em Dagmar.

Estranho, principalmente, estar na Alemanha.

Era como um sonho. Estar rodeado por vozes alemãs novamente depois de tanto tempo. Ele estava de volta. De volta a Berlim. No entanto, sentindo-se mais distante de casa do que nunca.

Não permaneceu no setor por muito tempo. Se alguma coisa reforçava ainda mais a sua suspeita de que era alvo do Ministério da Segurança era a velocidade com que passou pelas formalidades da chegada. Seu nome fora, obviamente, reconhecido na primeira barreira, e as coisas se aceleraram a partir daquele ponto. Enquanto seus companheiros de viagem se resignaram a horas de filas e perguntas, Otto foi admitido logo de cara e teve seus documentos carimbados por todos os guichês que passou.

Claro que, embora a máquina de Estado pudesse ser lubrificada por forças ocultas, nada poderia aumentar a velocidade da máquina física do aeroporto, nem a complexidade da burocracia sob a qual se movia. Sendo assim, tendo sido cuspido para a sala de bagagem em tempo recorde, Otto agora era alcançado pela maioria das pessoas que estavam no avião com ele enquanto esperava sua mala.

Ela finalmente chegou, e não em uma esteira rolante como agora era comum nos aeroportos ocidentais, mas em uma gaiola abarrotada, puxada por um trator, enquanto os passageiros tinham de descarregar aquilo tudo sozinhos, lutando para encontrar a própria bagagem soterrada pelas malas das outras pessoas.

Afinal, Otto viu sua velha mala sendo empurrada para um lado por um viajante suarento e pôde seguir caminho para a sala de desembarque. Era a mesma pequena maleta com a qual tinha deixado a Alemanha dezessete anos

antes. Ainda estava em boas condições; no exército, usara a sacola militar padrão e, desde então, não tinha mais viajado.

A maleta tinha ficado no chão do compartimento de primeira classe quando ele e Silke tinham feito amor no beliche dela. Otto se perguntou se ela iria reconhecê-lo.

Estava com pressa agora, de repente ansioso para que o encontro terminasse logo. A bruma alcoólica à qual se entregara no avião estava se dissipando e ele decidira que não seria sensato entrar em outra.

Procurando em seu bolso o caderninho de couro em que ele havia escrito o endereço que ela dera em sua carta, Otto passou sem ser importunado pela fileira final dos agentes aduaneiros e começou a procurar em volta o ponto de táxis.

Talvez tenha sido por isso que ele não a viu. Ele estava olhando para cima. Para as placas indicativas. Ele não esperava que ela fosse ao encontro dele.

— Ottsy.

Ele ouviu a voz e naquelas duas sílabas ele soube. Parando de chofre, ele olhou à sua volta. Chocado. Confuso. Olhando de uma figura cinzenta e deselegante para outra. Vasculhando a colagem monótona daquela humanidade deprimida. Roupas baratas surradas. Peles amareladas. Apenas um ou dois sorrisos corajosos aqui e ali. Corajosos e cansados.

— Ottsy, aqui. Estou aqui.

Aquela voz. Aquela mesma velha voz. Saltando de dezessete longos anos atrás. Virando-se, ele a viu.

E, ainda assim, não o fez.

A mulher que viu era uma réplica. A versão soviética de quem tinha aquela voz. Como se tivessem tentado fazer uma igual a ela, mas não tivessem conseguido. Assim como seus carros fracos e horrorosos, e suas desajeitadas geladeiras, que vazavam. Reconhecíveis como da mesma espécie de seus glamourosos e elegantes equivalentes americanos e europeus, porém tão obviamente mais baratos, meras imitações de mau gosto.

A pele não reluzia. O cabelo não brilhava. Os lábios ainda eram cheios, mas mostravam as rugas formadas pelo hábito de fumar dois maços de cigarros por dia.

Os olhos eram os mesmos, no entanto. Grandes, profundos e escuros. E tristes. Isso não mudara tanto. Aqueles olhos que haviam sido tristes desde a manhã de 1o de abril de 1933.

— Dagmar? — Otto ouviu-se dizendo. — É você?

Ela se encolheu ligeiramente. Talvez soubesse o que tinha passado pela mente dele. Talvez ela própria pensasse a mesma coisa todos os dias em sua quitinete aprovada por Stalin, trocando olhares cansados e gastos com seu espelho, enquanto esperava para ver se a água quente iria funcionar ou não.

— Sim, Ottsy — disse ela. — É claro que sou eu.

Ela estava em pé, talvez a três metros dele. Pessoas se movimentavam entre eles. Ele deu um passo em direção a ela, atravessando o caminho de alguém.

— *Entschuldigen Sie mich, bitte* — ouviu-se dizendo em uma língua outrora familiar, mas a pessoa apenas resmungou e seguiu em frente.

Estavam a menos de dois metros de distância agora, mas, tendo sido interrompido uma vez, ele não parecia saber como cobrir a distância final.

— Você não morreu? — ele balbuciou. Sua boca de repente estava seca e sua língua, pegajosa. Falando em inglês novamente por força do hábito, em transe, apenas meio consciente de estar falando.

— Não — ela respondeu em inglês —, eu não morri.

Em seguida, ela estancou. Uma discreta pausa. Um lampejo do que parecia muito com suspeita atravessou-lhe o rosto.

— Mas você sabia disso, Otto — disse ela. — Você respondeu à minha carta.

— Sim... Sim, claro — ele gaguejou.

Então, seu primeiro instinto estava certo, afinal. Ela estava viva! Mais uma vez ela estava respirando o mesmo ar que ele. Dezessete anos de dor, saudade e arrependimento, de repente e surpreendentemente chegavam ao fim.

Tinha tanta certeza de que ela estava morta... Tanta certeza de que seria Silke...

Dagmar caminhou em direção a ele, evitando habilmente as pessoas apressadas que os separavam. A cada passo parecendo mais familiar para ele. Com movimentos ainda graciosos como antigamente, ela até mesmo conseguia vestir seu terno sem graça e surrado com um toque de estilo.

— Você não vai me abraçar, Ottsy? — ela disse, parada diante dele. — Ou você não se importa mais com nada? — e, então, deu um sorriso, o sorriso *dela*. Os lábios mais vincados e a pele ao seu redor mais fina, mas, mesmo assim, o sorriso de Dagmar, e ainda encantador. — Fiquei feia demais para um beijo?

— Você feia, Dagmar? — ele sussurrou. — Nunca.

Dando um passo à frente, mais uma vez, ele envolveu-a nos braços.

E, no momento em que levou para envolvê-la, ela se transformou. Sua Dagmar, outra vez, a garota mais bonita de Berlim, como sempre tinha sido. Ele só teve que soprar a poeira de dezessete anos e lá estava ela novamente. A princesa Dagmar Fischer. A mulher dona de seu coração desde que ele era um menino.

O material de que são feitos os sonhos. Os contos de fadas.

Eles se abraçaram fortemente. Como se com medo de que mãos ocultas ameaçassem separá-los.

Otto se perguntou se estava prestes a desmaiar, uma sensação que nunca tinha experimentado antes. Sentia-se levitando. Flutuando. Fora e acima de si mesmo, vendo a cena do alto. Era inebriante e atordoante. Sentia-se embriagado.

Ela estava *em seus braços outra vez*. O cabelo dela novamente em seu rosto. A orelha perto de seus lábios.

Exatamente como naqueles momentos em que ele a vira pela última vez. Na estação, quando ele foi embora. Então, como agora, havia pessoas ao redor, viajantes apressados indo e vindo, vozes alemãs nos alto-falantes anunciando chegadas e partidas. Uma lanchonete e máquinas de venda automática. Era como se os dois tivessem parado no tempo enquanto o mundo mudava.

Congelados nos braços um do outro de 1939 a 1956, enquanto o mundo girava em torno deles. A maior guerra já travada tinha chegado e passado. Impérios tinham caído e outros se levantado. O crime mais terrível em toda a história havia sido perpetrado e agora os lugares desses assassinatos haviam se tornado museus. Os cientistas estavam planejando colocar objetos em órbita e as *big bands* estavam dando lugar a jovens com brilhantina nos cabelos e guitarras.

E em meio a isso tudo e muito mais, Otto Stengel havia carregado Dagmar Fischer em seu coração. E, agora, mais uma vez, ele a segurava em seus braços. O tempo tinha realmente parado.

E ele que tinha tanta certeza de que ela estava morta...

Outras conversações em inglês

Berlim, 1940

Durante todo o dia, Frieda estivera atendendo pacientes no pequeno "consultório" que ela montara em seu próprio quarto de dormir, usando uma escrivaninha. O minúsculo quarto de hóspedes que ela anteriormente utilizara para este fim era agora ocupado pelos farmacêuticos Herr e Frau Katz e sua filha adulta. O antigo quarto dos gêmeos agora abrigava seus pais. Havia uma senhora solteirona de meia-idade chamada Bissinger dormindo no sofá na sala de estar, e um viúvo chamado Minkovsky em almofadas no chão.

O problema de alojamento para os judeus estava se tornando mais sério a cada dia, após o governo ter introduzido uma ordem tão cruel quanto vaga. Cabia aos moradores locais decidir quanto tempo eles estavam dispostos a "tolerar" judeus no meio deles. Isso significava que os judeus poderiam ser expulsos de seus lares por um capricho, por pura crueldade, ou, o mais frequente, simplesmente porque um oficial do partido queria roubar sua casa.

Frieda estava preocupada com o próprio apartamento. O fato de agora estar tão cheio, junto ao fluxo constante de pacientes que afluía à sua porta, tinha começado a causar tensão com seus vizinhos. Até agora, o relacionamento tinha sido bom; afinal, os Stengel viviam lá fazia vinte anos, e em algum momento Frieda havia feito um favor a quase todos no prédio. Wolfgang costumava tocar música nas festas de aniversário dos filhos dos outros moradores.

Agora, no entanto, a tensão estava crescendo. Havia murmúrios de que o apartamento dos Stengel tinha se transformado em um gueto judeu. Também havia queixas sobre o risco de infecção em razão do fluxo de pessoas doentes transitando pelo edifício. A maioria das pessoas se ressentia pelo elevador estar sendo usado por muitas pessoas de fora. Durante meses, houve resmungos a respeito de o minúsculo elevador parecer estar sempre a caminho do sexto andar, e que quando afinal alguém conseguia tomá-lo, era desagradável ter que compartilhá-lo com judeus doentes, apavorados e lastimáveis.

Por fim, algumas pessoas de um andar abaixo de Frieda haviam colocado um cartaz dizendo que o elevador era para uso exclusivo de moradores. Isso, no entanto, era uma solução satisfatória, uma vez que, naturalmente, outros inquilinos tinham convidados e queriam que eles pudessem visitá-los sem ter de usar as escadas. O próximo cartaz colocado dizia simplesmente "Proibido o uso por judeus", mas dessa vez não funcionou porque Frieda era uma inquilina legítima e continuava a pagar o condomínio. Afinal, foi decidido que o cartaz

deveria dizer que nenhum judeu com exceção dos que *por ora* fossem inquilinos poderia usar o elevador.

Frieda achou a expressão "por ora" um mau presságio.

Até ali, a situação havia sido deixada assim, mas ninguém estava satisfeito com ela. A visão dos idosos, dos enfermos e, em particular, das crianças doentes e desnutridas lutando para subir seis lances de escadas era perturbadora para os outros inquilinos, e Frieda sabia que a próxima etapa seria lhe dizerem que seus pacientes não poderiam mais ser atendidos em seu consultório particular. Ela vinha tentando evitar tal notificação fazendo visitas domiciliares, sempre que possível. Isso exigia que se deslocasse por todo o Friedrichshain, o que era, claro, absolutamente desgastante.

Frieda havia chegado em casa depois de completar mais um dia exaustivo, na esperança, talvez, de ter um momento em que pudesse esquecer seus problemas. Até mesmo um banho tranquilo. Infelizmente, tinha se esquecido de que o seu grupo de conversação em inglês iria se reunir naquela noite e, apesar de todas as regras em contrário do grupo, falar sobre os problemas era a única coisa que eles pareciam capazes de fazer.

A questão da comida estava se tornando tão grave quanto a de moradia. Com a chegada da guerra, o racionamento começara pra valer.

— E, claro, recebemos muito menos cupons do que as outras pessoas — Frau Leibovitz disse quase chorando. — É tão *covarde* nos destinar uma quantidade de comida que mal dá para vivermos e, ainda assim, suficiente para não morrermos. Estamos todos murchando e definhando.

— Algumas pessoas estão dizendo que eles pretendem nos matar a tiros no final — Herr Tauber disse. — Ha! Atirar no quê? Estamos finos demais para fornecer um alvo decente.

O pai de Frieda fez seu comentário em alemão, porém Frieda não o repreendeu. Na verdade, seus pais só tomavam parte no grupo porque a reunião acontecia no que agora era a casa deles também, e, além disso, o incentivo para melhorar o inglês das pessoas encontrava-se então muito diminuído. Com a Alemanha tendo conquistado grande parte da Europa, de todo modo já não havia qualquer possibilidade de emigrar.

— Vocês acreditam que eles não vão nos deixar entrar nos abrigos antiaéreos? — Frau Leibovitz reclamou. — Esperando que os ingleses façam o trabalho sujo por eles, suponho.

— Os ingleses estão acabados — disse o marido. — Terão os pescoços torcidos como uma galinha, exatamente como os franceses disseram.

Frieda tomou um gole de seu café de bolota, chocada como nunca com a estranheza daquilo tudo. Inglaterra. Otto estava lá! Chamando a si mesmo de Paulus. E Paulus estava na França, chamando-se de Otto. Na Waffen-SS.

— Em um mês, os nazistas terão atravessado o Canal da Mancha — Herr Leibovitz continuou. — Os britânicos serão derrubados como os tchecos, os poloneses, os noruegueses, os belgas e os franceses.

— Está bem. Está bem! — Herr Tauber retrucou. — Nós já sabemos muito bem o que ele conquistou, não precisa ficar recitando tudo de novo.

— Ele é Satanás — Herr Katz disse. — Ele é, eu lhe digo. Ele é o próprio diabo ou seu braço direito. A quem mais se pode creditar isso? Quatro anos, Herr Tauber, foi o tempo que você, eu e todo o exército do *kaiser* ficamos empacados no meio da França. Empacados! Não podíamos nos mover. Enfiados na lama até as costas. Aquele homem varreu o mapa em uma quinzena. Não é coisa deste mundo, isso é o que é. Ele é sobrenatural.

Herr Tauber não respondeu. Talvez Katz estivesse certo. O atordoante sucesso dos exércitos de Hitler não encontrava paralelo em toda a história. Ninguém jamais conquistara a Europa tão rapidamente, ou controlara tanto dela. Nem Aníbal, nem César, nem Napoleão. Todo o continente ocidental estava ocupado pelo Terceiro Reich ou era seu aliado.

— Aquele desgraçado do Mussolini certificou-se de estar no lado vencedor — disse Katz. — Portanto, agora os judeus da Itália vão receber o que temos recebido. E os jornais mostram Hitler nos Pirineus falando com Franco.[48] Assim que ele esmagar os ingleses, sua fortificação estará completa.

— Podemos, *por favor*, simplesmente *parar de falar do maldito* Hitler? — Frieda quase gritou.

Ela sentiu vontade de gritar. Se não bastassem o dia que tinha passado e todas as coisas em sua mente, Hitler esmagando os britânicos? Paulus estaria nessa. Silke a mantinha informada. Paulus estava na França. Tinha estado no exército que cercara Dunquerque. Fazia parte da força que estava sendo reunida na França para o que os jornais diziam que seria a invasão da Grã-Bretanha. Ele havia recebido um colete salva-vidas de cortiça para a travessia. Os jornais estavam dizendo que faltava apenas a Luftwaffe ganhar o controle dos céus sobre o Canal e seria o fim para Churchill e seu pessoal.

Paulus poderia estar na Grã-Bretanha em um mês. Não como um estudante refugiado, como ela havia planejado nos últimos dois anos, mas como um *soldado alemão*.

E Otto? Onde estava ele? Estaria de cáqui? Seria ele um Tommy britânico? Aqueles mesmos soldados dos quais seu pai falava com relutante respeito quando ela estava na adolescência? Parecia provável. Otto estava no Reino Unido havia quase um ano e meio e agora não poderia haver nenhuma dúvida de que a ilha estava se preparando para lutar.

Todos esses pensamentos estavam em sua mente quando ela estourou. Agora, olhava para os rostos surpresos. Frieda nunca perdera a paciência. Ela podia ver que eles estavam chocados; chateados, na verdade. Eles confiavam em sua força.

— Sinto muito — disse ela —, isso foi rude. É que às vezes eu fico um pouco cansada.

Ela olhou pela sala em direção ao piano. Para o banquinho do piano. Foi involuntário. Ela ainda se pegava fazendo isso. Mesmo agora, três anos depois. Ele não estava lá, é claro. Os Schmulewitzes estavam espremidos em seu pequeno assento.

Deus, como ela sentia falta de Wolfgang... O apartamento estava mais lotado do que nunca, mas ela se sentia tão miseravelmente sozinha... Na maioria das vezes, estava muito ocupada para pensar nisso, mas, em casa, cercada por

velhos judeus cansados e aterrorizados, a verdade dura a golpeou. Sua família inteira havia ido embora. Paulus. Otto.

E Wolfgang.

Seu amado parceiro e sua alma gêmea, perdido sob as águas frias e escuras do Spree.

— Devemos tentar ser práticos — Frieda continuou, como sempre, refugiando-se em sua *persona* de médica. Calma, eficiente. Acima de tudo, ativa. — Tenho pensado sobre isso há algum tempo. Essas restrições estão tornando a vida muito difícil, mas, se nós nos organizarmos, elas podem ser toleradas. O toque de recolher à noite e o horário comercial reduzido certamente constituem um desafio organizacional...

— Somente entre quatro e cinco horas — Herr Katz balbuciou. — Por quê? Por que nossa presença nas lojas só é permitida por uma hora a cada dia? Qual é o propósito disso?

— Assim os alemães decentes podem saber quando evitar infectarem-se conosco, é claro — Herr Tauber rosnou.

— Bem, com os poucos cupons que nos permitem e o pouco dinheiro que nos deixaram — Frau Katz entrou na conversa —, uma hora é aproximadamente 59 minutos mais do que precisamos para fazer as compras, de qualquer modo!

— Por favor! — Frieda rosnou mais uma vez, lutando para permanecer calma. — Já nos lamentamos bastante! Eu estava tentando sugerir que nós começássemos a nos organizar melhor.

— Organizar, Frau Stengel? — Frau Katz perguntou. — O que há para organizar?

— O que há para organizar, Frau Katz? — Frieda repetiu com raiva. — Há *tudo* para organizar. A maioria dos nossos jovens já se foi, mas todos nós estamos ainda em boas condições físicas e podemos ajudar aqueles que não estão. Os idosos, os enfermos, as crianças e as mães com bebês de colo. Como é que uma mãe com filhos pequenos e um marido levado para os campos de concentração pode chegar à padaria entre quatro e cinco horas, se as crianças estão doentes? Ela não pode, mas *nós* podemos. *Vocês* podem. O toque de recolher está fazendo com que algumas pessoas de idade nunca deixem suas casas; precisamos encontrá-las e fazê-las sair. Nem que seja apenas para um pequeno passeio... as ruas ainda são livres para nós.

— Nem todas elas — Herr Leibovitz interrompeu.

— De quantas ruas você precisa para um passeio? Você só tem dois pés, não é? Precisamos fazer uma lista de todas as pessoas vulneráveis que conhecemos. E das que elas conhecem. Precisamos estabelecer algum tipo de rede telefônica por meio da qual todos tenham um número que possam chamar se precisarem de ajuda, mesmo que seja apenas para as compras ou para ter um pouco de companhia ou...

Então, ouviram o elevador. O rangido e o estalo quando chegou ao andar deles.

Todos congelaram. Provavelmente, era só um paciente retardatário. Uma mãe doente procurando a doutora Stengel, cansada demais para obedecer ao aviso no elevador. Ou talvez o cavalheiro amigo de Fräulein Belzfreund.

Mas uma batida na porta era sempre um motivo de medo naqueles dias.

Mais tarde, Frieda admirou-se da coincidência de eles terem chegado justo naquele momento. Justo quando ela havia mencionado uma rede telefônica. Era quase como se estivessem ouvindo.

Talvez eles realmente fossem o diabo.

— Deve ser um paciente tardio — disse Frieda. — Eu *disse* a eles para não usarem o elevador.

Mas o som de botas pisando duro rapidamente deixou claro que não era um paciente. Era uma visita *deles*.

A sala inteira congelou de medo. Mesmo o velho Herr Tauber parecia assustado, até que se deu conta disso e assumiu a expressão de desafio.

Houve uma batida forte na porta. Como de costume, os estrondosos golpes com os punhos fechados.

Frieda respirou fundo e foi atender. Antes que fosse capaz de alcançar a porta, começaram a bater novamente. Quando as autoridades nazistas batiam na porta de judeus, esperavam acesso imediato. Mais um instante e eles teriam derrubado a porta a pontapés.

Havia apenas dois deles. Um policial e um soldado da SS.

— Frau Stengel, anteriormente *doutora* Stengel? — o policial quis saber.

— Sim — respondeu Frieda. — Como podemos ajudá-lo?

— Seu telefone — disse ele.

— Meu telefone? — perguntou Frieda. — O que tem ele?

— Entregue-o — disse o policial. — A partir deste mês, julho de 1940, por ordem do Governo do Reich, os judeus não têm mais permissão para terem seus próprios telefones. Todos os telefones pertencentes a judeus devem ser entregues imediatamente!

Frieda se perguntou se estava pálida. Certamente se sentia assim. Pensou em todas as chamadas que fazia todos os dias. Ligando para antigos contatos, implorando por medicamentos, curativos, agulhas, onde quer que pudesse arrumá-los. As horas que ela passava tentando encontrar acomodações para as famílias em dificuldades que haviam sido arbitrariamente expulsas de suas residências. Naquele dia mesmo, ela fizera uma dúzia de sondagens e estava à espera de telefonemas de retorno que poderiam significar vida ou morte para os pacientes sob seus cuidados.

Agora tais telefonemas nunca chegariam.

Frieda tinha acabado de explicar como a sobrevivência dependia exclusivamente da cooperação. Da organização. É evidente que os nazistas entendiam isso também.

Silenciosamente, ela indicou com a cabeça a mesinha de apoio junto à parede na qual seu precioso telefone se encontrava.

Sem uma palavra, o homem da SS foi até lá e o pegou, arrancando o fio da parede.

O policial rabiscou sua assinatura em um bloco de formulários impressos, arrancou a folha de cima e entregou-a para Frieda.

— O que é isso? — perguntou ela.

— O recibo — respondeu o policial.

Frieda virou-se para o soldado, que estava parado, segurando o telefone roubado. Ela olhou para ele intensamente.

— Você se chama Renke, não é? Thomas Renke.

O soldado não respondeu, mas ficou claro em seus olhos que Frieda estava certa.

— Sua mãe o levou ao meu consultório muitas vezes quando você era pequeno. Coqueluche, caxumba, rubéola, sarampo. Meu Deus, você teve todas elas. Mas, no fim, você se recuperou de todas muito bem, ao que parece. Dê lembranças minhas à Frau Renke.

A figura vestida de preto permaneceu em silêncio.

— Venha — disse o policial, e os dois saíram; o soldado da SS Renke carregando o telefone de Frieda.

Frieda afundou em uma cadeira.

— Uma gota, outra gota, outra gota... — disse ela.

— O que é isso, minha querida? — seu pai perguntou, aproximando-se e colocando a mão em seu ombro.

— É como eles fizeram as coisas, pai — disse ela, enxugando os olhos. — Não de uma tacada só, mas um pouco de tortura de cada vez. Proíba isso, pegue aquilo. Durante anos, até você tinha certeza de que não iriam tão longe. Mas com uma gota de cada vez eles foram mais e mais... Mais do que jamais sonhamos que iriam. Agora, nem mesmo temos permissão para nos comunicarmos uns com os outros. Até onde eles vão? Eu me pergunto. Onde isso vai acabar?

Reconhecido

Calais, 1940

Paulus estivera esperando aquilo. Todos os dias, desde que se alistara, estivera em guarda.

Com certeza, ele estava enterrado fundo, a máquina militar nazista era grande, agora havia milhões de alemães de uniforme, e, claro, um uniforme era a última coisa que alguém poderia esperar que o homem que conhecera como Paulus Stengel estaria vestindo. No entanto, entre aqueles milhões, havia alguns que o conheciam, não importava o que estivesse trajando. E que sabiam o que ele realmente era.

Paulus tinha estado alerta para tal encontro desde o primeiro dia em que havia trocado de identidade com o irmão e, agora, o momento havia chegado.

Estava sentado em um minúsculo bistrô distante cerca de cinco quilômetros de Calais, tendo chegado lá em uma motocicleta, numa noite de folga. Escrevia uma carta para Dagmar quando percebeu que estava sendo observado.

Ninguém gritou o seu nome ou tentou falar-lhe, mas algo lhe dizia que havia olhos sobre ele. Que discutiam a seu respeito. Talvez fosse uma ligeira mudança no tom do murmúrio que emanava da única outra mesa ocupada no salão. Ou, então, talvez fosse simplesmente aquela coisa inexplicável que as pessoas chamam de sexto sentido.

Fosse o que fosse, Paulus sabia.

Ele não tinha reparado especialmente nos homens que entraram e tomaram a outra mesa. Estava muito concentrado em tentar compor sua carta. A carta na qual lutava para dar alguma dica para a mulher que amava do pesadelo de ser um soldado no exército de Hitler.

O pesadelo de ser um membro da Waffen-SS. Um soldado no próprio regimento que levava o nome do Führer: a divisão *Leibstandarte Adolf Hitler*.

A tempestade militar muito aguardada no Ocidente havia rebentado em 10 de maio, quando a máquina de guerra alemã estraçalhou a fronteira holandesa, derrubando as fracas defesas em uma hora. Tão rápido foi o progresso que a princípio pareceu a Paulus que ele poderia passar pelo episódio sem atirar pessoalmente no inimigo.

O *Leibstandarte Adolf Hitler* chegou a Roterdã em dois dias, e a Haia em quatro. Depois disso, os holandeses se renderam e outro país e seus judeus caíram nas garras nazistas. Sem parar para respirar, a divisão de Paulus tinha, então, partido para a França.

Paulus confessou em sua carta que realmente tinha achado a ofensiva emocionante. Fora uma experiência inebriante avançar pela paisagem ensolarada no encalço do inimigo em retirada.

Eles haviam perseguido os ingleses até Dunquerque e teriam, na opinião de Paulus, capturado toda a força expedicionária se tivessem sido autorizados a prosseguir. Esta também era a opinião de todos os soldados em sua divisão, embora devesse ser expressa com cuidado, pois a conclusão inevitável é que o maior guerreiro de toda a história havia cometido um erro estúpido.

Foi na abordagem de Dunquerque que Paulus havia testemunhado um evento sobre o qual ele não poderia escrever, mas que não saíra de sua cabeça desde que ocorrera. O *Leibstandarte* tinha acabado de tomar a cidade de Wormhoudt, distante apenas dez quilômetros das praias de Dunquerque. Um grande número de prisioneiros fora capturado e Paulus estava presente quando alguns homens da Primeira Divisão reuniram um grupo de cerca de cem Tommies e os conduziram para um celeiro. Então, em vez de fazê-los prisioneiros de guerra, como eram obrigados a fazer sob a Convenção de Genebra, eles lançaram granadas na frágil estrutura. Os poucos britânicos despedaçados que conseguiram rastejar para fora da carnificina foram baleados no chão ou atravessados pelas baionetas.

Era esse incidente que Paulus realmente queria colocar em sua carta a Dagmar, junto com seu terrível medo de um dia ele próprio ser chamado a tomar parte em tais ultrajes. Estava preparado para lutar pela Alemanha, o destino o colocara em uma posição impossível de se esquivar, e ele sentia que não tinha escolha. Mas sabia que não poderia cometer um assassinato a sangue-frio.

Foi quando considerava como poderia sugerir tais pensamentos torturados em sua carta sem alertar o censor que ele se deu conta de que estava sendo observado.

Os homens eram da Wehrmacht. Podia ver as botas debaixo da mesa oposta, sem levantar a cabeça da carta que escrevia. Botas de tachões grandes, empoeiradas e rachadas. Essa era a diferença do exército; nenhum soldado na Waffen-SS *Leibstandarte* teria saído em licença sem antes engraxar suas botas.

Paulus resistiu ao impulso de olhar para cima. Até agora, julgava que eles não tinham uma visão clara dele. Sabia que sua cabeça estivera parcialmente inclinada sobre a carta que estava escrevendo desde que eles haviam entrado no bar.

A saída do bar, no entanto, ficava além da mesa em que os soldados estavam sentados; então, ele não podia sair sem que lhe dessem uma olhada consideravelmente melhor. Portanto Paulus tinha duas escolhas. Ou mantinha a cabeça baixa e esperava que a suspeita sobre ele passasse e eles fossem embora, ou poderia agir descaradamente, passando bem ao lado deles para sair do bar.

Paulus contou três pares de botas debaixo da mesa. As probabilidades não eram nada boas. O cochicho continuava. Os pés começavam a se inquietar.

Ficou claro para Paulus que, se esperasse por um movimento deles, ficaria em total desvantagem. Precisava tomar a iniciativa e o tempo para isso estava quase esgotado. A cadeira de um dos pares de botas estava sendo empurrada

para trás. Um deles tinha decidido agir. Vir até ele e desafiá-lo. Restavam a Paulus apenas alguns segundos para assumir o controle. Se esperasse mais um momento, um dos três viria pela frente dele e os outros dois por trás.

Em um movimento único e repentino, Paulus recolheu a carta, largou algumas moedas na mesa e pôs-se em pé. Indo direto para a porta, ele cruzou o olhar uma vez com os homens que temia.

Um olhar foi o suficiente. Os anos que haviam se passado eram nada. Emil Braas. O rapaz que havia tentado jogar o velho time de futebol contra Paulus e Otto no vestiário, no último dia dos dois no clube juvenil.

— *Judeus! Judeus!* — haviam cantado ao som de uma varinha batendo em uma tampa de lata de lixo.

Emil Braas, que tinha tanta inveja deles que tentara se vingar apenas uma semana após Hitler se tornar chanceler. Paulus havia frustrado Emil, na ocasião, simplesmente balançando seu pênis. Inverteu o jogo, fazendo o atacante parecer um idiota. Tal truque não funcionaria novamente. Paulus vira Emil Braas ocasionalmente em Friedrichshain durante os longos anos de 1930 e, com prepúcios ou não, todo mundo sabia que os meninos Stengel eram judeus.

E assim como Paulus havia reconhecido Emil Braas naquele instante, ele estava certo de que Emil Braas também o reconhecera. Ambos, claro, tinham mudado muito: não mais os meninos de outrora, mas homens endurecidos pela guerra. Os olhos, no entanto, não mentem.

A sorte estava lançada.

Braas certamente estava confuso. Como poderia não estar? Sabia que Paulus Stengel era judeu. Assim, o fato de seu velho inimigo ter aparecido em um bistrô na França ocupada vestindo um uniforme militar alemão com a insígnia do duplo raio da SS fora um choque. Mas, confuso ou não, Emil Braas o conhecia.

Embora em séria desvantagem numérica, Paulus calculou que pelos próximos segundos, pelo menos, ele ainda tinha a iniciativa. Braas estava confuso. Ele não. Isso era uma vantagem significativa se utilizada de forma decidida, e Paulus, embora nunca precipitado, sempre fora decidido.

— Olá, Emil — disse ele com um largo sorriso. — Qual é o problema? Nunca viu um judeu da SS antes?

E com isso ele saiu pela porta.

Paulus sabia que teria que matar Braas e também os homens que estavam com ele. E mais: teria que fazê-lo já, antes de terem a chance de espalhar suas suspeitas ou pensar em ligar para a polícia militar.

Lá fora, ficou aliviado ao ver que a estrada poeirenta estava quase vazia. Ele havia escolhido aquele bar especificamente por causa de sua solidão e do isolamento, e não havia outros membros da Wehrmacht por ali. Apenas um velho camponês com algumas cabras um pouco mais acima na trilha de terra batida.

Paulus meteu a mão em sua mochila.

Não sendo um oficial, sua arma usual era um rifle, mas ele a tinha deixado no quartel. O interior da França estava completamente dominado; seu líder, Marechal Pétain, procurara cooperar com Hitler, e os militares alemães não carregavam suas armas quando estavam de folga. No entanto, como muitos de

seus companheiros, Paulus havia pegado uma lembrança durante o último combate. Um revólver Enfield de um oficial britânico. Paulus sempre o levava com ele, bem lubrificado e totalmente carregado para uma emergência como aquela.

Tirando-o de sua mochila, correu alguns metros pela trilha e virou-se, justo quando os três homens saíam pela porta da frente do pequeno bistrô em sua perseguição.

Tivesse a pistola emperrado por um instante que fosse, Paulus teria levado a pior, mas a engenharia britânica não o deixou na mão. Ele abriu fogo imediatamente, pegando os três soldados absolutamente de surpresa. A arma era uma peça de dupla ação que exigia ser engatilhada a cada tiro, mas Paulus havia sido bem treinado no uso de armas de pequeno porte. Sua mão esquerda voava sobre o martelo do gatilho após cada tiro, como numa cena de um *western* americano. A pistola faiscava e seus inimigos não tiveram tempo de fazer mais do que levantar as mãos em horror, enquanto eram atingidos no peito, um após o outro, e caíam. Outros três disparos efetuados em cada uma de suas cabeças, enquanto se contorciam na poeira, esvaziaram a câmara e garantiram que o segredo de Paulus estava seguro.

Paulus limpou o cabo da arma na fralda de sua camisa, deixou-a cair entre os mortos, montou em sua motocicleta e partiu.

Parque do Povo

Berlim, 1956

Otto e Dagmar deixaram o saguão de desembarque juntos e foram para o estacionamento do aeroporto onde Dagmar mostrou-lhe um automóvel IFA F9, uma máquina poderosa e bem construída que, embora um pouco enferrujada e precisando de consertos, certamente indicou que, fosse lá o que Dagmar fazia para viver, ela gozava de privilégios que não eram permitidos à grande maioria dos cidadãos da República Democrática Alemã.

Quando entraram, ela levou o dedo indicador brevemente aos lábios, obviamente com medo de que seu carro estivesse grampeado. Os homens do MI6 haviam avisado Otto de que ele deveria presumir que todas as conversas em Berlim Oriental seriam ouvidas.

Otto estava realmente contente com a chance de um momento para pensar. Tudo fora muito surpreendente.

E muito maravilhoso.

Dagmar estava viva e, certamente, isso significava que a carta era genuína. Ela havia buscado a sua ajuda para finalmente realizar a fuga que fora negada a ela e aos pais na plataforma de trem em 1933 e durante os longos anos seguintes. Teria ele a chance de ser o seu Moisés, afinal?

Dagmar conversou coisas corriqueiras enquanto a cidade passava pelas janelas.

Ali estava Berlim, cidade natal de Otto. E ainda assim ele quase não a reconhecia. Quase todos os edifícios que ele conhecera haviam sido reduzidos a escombros pelos bombardeios dos Aliados, e no setor oriental grande parte dos danos permaneceu sem reparo. Os edifícios que tinham sido erguidos eram blocos de apartamentos maçantes e inexpressivos, feitos de concreto. Apesar de ter ocorrido a Otto que eles não eram assim tão mais feios do que aqueles que estavam começando a se erguer por toda a Londres.

Rodaram rapidamente. O tráfego não era muito grande, afora as numerosas bicicletas, e logo eles se depararam com uma visão muito familiar.

— Acho que você se lembra desse parque — comentou Dagmar, e é claro que ele se lembrava, tendo estado lá tão recentemente em seus sonhos. Era o Volkspark, o mesmo lugar em que ele e seu irmão perseguiam Dagmar para roubar um beijo entre os personagens de contos de fadas da Märchenbrunnen.

— Ele sobreviveu à guerra, sabia? — Dagmar disse.

— Sim, eu soube — Otto respondeu. — Fiquei contente.

Dagmar encontrou um lugar para estacionar o carro. — Vamos lá — disse ela. — Vamos dar uma caminhada. Não vou fugir desta vez, prometo.

Entraram no parque juntos.

— Podemos falar agora? — Otto perguntou, depois de alguns passos.

— Sim — ela respondeu —, podemos conversar.

Por onde começar? O que dizer? Havia tanta coisa para perguntar. Uma vida inteira de perguntas. Mas nada tão urgente quanto a atual.

— Por que estou aqui? — perguntou ele.

Talvez ela não estivesse esperando por isso. Por um instante, pareceu ter sido apanhada de surpresa.

— Eu queria ver você, Ottsy — respondeu ela.

Ottsy. Como ele adorava ouvi-la usar aquele apelido. Isso o fazia sentir-se com 15 anos novamente.

— Você queria me ver — repetiu ele ansiosamente, mas, depois, baixando o tom e desviando o olhar. — Você está tentando desertar?

Ela pareceu quase surpresa.

— Desertar? Santo Deus! — disse ela. — Você acha que foi por isso que escrevi para você?

Agora era a vez de Otto ficar surpreso.

— Bem, claro. Você mencionou o que a minha mãe costumava dizer — Otto respondeu. — "Todo mundo está procurando por Moisés."

— Escrevi isso porque sabia que faria você vir. Sabia que iria fazer você saber que era eu.

— Mas — Otto disse calmamente — não é isso que você quer? Você não está procurando uma maneira de sair do Egito?

Um sorriso brincou nos lábios dela. Mas era um sorriso triste.

— Oh, sempre, Ottsy — disse ela. — Sempre...

A cabeça de Otto estava girando. Havia *tantas* coisas que queria perguntar. Sobre sua mãe, seu irmão... sobre ela. O que tinha acontecido em todos os anos desde que ele deixara Berlim? Mas, novamente, sabia que o presente deveria ser tratado em primeiro lugar.

— Dagmar — disse ele, escolhendo as palavras com cuidado —, me disseram que você é membro da Stasi. Isso é verdade?

O sorriso permaneceu por um momento, antes de desaparecer lentamente.

— Ah — disse ela, após um instante. — Fiquei me perguntando se você saberia disso. Tentamos nunca subestimar os britânicos.

— Então, é verdade?

— Sim, Ottsy. É verdade.

— Meu Deus — disse Otto. — A *Stasi*. Nunca em dez milhões de anos eu teria imaginado isso.

— Dez milhões de anos, Ottsy? Ah, eu acho que se passou mais tempo do que isso desde que eu o vi pela última vez.

Eles encontraram um banco e sentaram-se juntos. Otto tirou seus cigarros do bolso. Dagmar aceitou um imediatamente.

— Nosso primeiro cigarro compartilhado desde Wannsee — disse ela, colocando a mão sobre o joelho de Otto. — Você se lembra?

Se ele se lembrava? Claro que se lembrava. De toda a sua vida, não tinha lembrança mais precisa do que aquele dia em Wannsee. Sonhara com ele quase todas as noites, desde então. E, nos sonhos, ela o escolhia.

Entretanto, apesar da tentação de mergulhar de vez no passado, o presente permanecia mais urgente.

— A Stasi, Dagmar? — ele disse.

— As pessoas mudam, Otto — disse ela. — Eu também nunca imaginei que você acabaria sendo um funcionário público no Ministério das Relações Exteriores de Sua Majestade.

Otto acenou com a cabeça, reconhecendo que ela tinha razão.

— Acabei me tornando tradutor do exército — disse ele — no fim da guerra. Fiz muitos interrogatórios de prisioneiros alemães e alguns trabalhos para os caras do serviço de segurança. Quando fui desmobilizado, eles me ofereceram um emprego como tradutor no Ministério e eu aceitei. Na verdade, não tinha muitas opções.

Ele pegou seu isqueiro Zippo e acendeu o cigarro para ela, que o tragou avidamente.

— Lucky Strike. A marca que seu pai fumava. Acho que não sinto o cheiro de um desses desde o início dos anos 30. Engraçado, muitas vezes me pego pensando em Wolfgang.

— Sim — Otto disse —, eu também.

— Ele era tão engraçado... Uma figura. Ele ainda consegue me fazer sorrir, mesmo agora, mesmo quase vinte anos depois de ter morrido. — Dagmar fez uma pausa antes de acrescentar, com tristeza: — Nunca mais conheci ninguém assim.

Eles fumaram em silêncio por um momento. Mais uma vez, Otto encontrou-se lutando para compreender a dimensão da situação. Depois de tanto tempo, lá estava ele com Dagmar, sentado ao lado dela. Fumando com ela, assim como costumavam fazer em seu quarto cor-de-rosa em Charlottenburg-Wilmersdorf, na casa que os nazistas incendiaram.

— Então? — ele se pegou dizendo.

— Então o quê?

— Então eu estou aqui para tentar levá-la para fora? Porque, se é isso que você quer, farei tudo para ajudá-la. Você sabe disso. Eles vão ajudá-la também. Os britânicos. Eles querem levá-la para o Reino Unido.

— Ah, sim. Imagino que queiram. Se eu falar com eles. Se prometer dizer-lhes tudo sobre a Stasi.

— Danem-se eles. Você não tem que lhes dizer nada se não quiser. Deixe que eles me ajudem a tirá-la daqui e, depois, eles que se danem.

— Ottsy — Dagmar disse com um sorriso triste. — Eu não estou *tentando* sair. Trabalho para a polícia secreta da Alemanha Oriental. Acredite em mim, eles são tão cruéis quanto a Gestapo e muito mais eficientes. Se eu desertasse, eles me encontrariam e me matariam. Eu nunca vou sair.

Otto estava completamente confuso agora. — Então, por que estou aqui?

— Você não está satisfeito?

— Você sabe que eu estou satisfeito.

— Tem certeza?

— É claro que eu tenho certeza. Como você pode duvidar?

Então, de repente, ele disse:

— Eu ainda amo você, Dagmar. Eu mantive minha promessa. Quero que você saiba disso. Eu amei você todos os dias. No *ferry* para a Inglaterra. Na hospedaria e no campo de internamento. Durante os anos de guerra. Lutando no norte da África e na Itália, e atrás de uma mesa com o exército de ocupação. Depois, em Londres, e por todos aqueles longos e entediantes anos desde então, eu amei você cada minuto de cada dia. Eu nunca deixei de amá-la, e nunca o farei.

Ele não tinha a intenção de falar aquilo, mas, mesmo assim, precisou dizer a ela.

Queria muito que ela soubesse que mantivera a promessa que havia sussurrado em seu ouvido na estação de Berlim em 1939.

— E no trem? — Dagmar disse, com um sorrisinho malicioso brincando em seus lábios.

— No trem?

— No trem para Roterdã, Otts. Quando você fez amor com Silke.

Ele ficou totalmente atordoado. Aquilo era a última coisa que esperava que Dagmar fosse dizer. Ficou vermelho. Na verdade, sentia-se *culpado*. Era tão injusto; dezessete anos de abnegação emocional e a primeira questão que ela trazia à baila era sobre ele e Silke.

— Oh — ouviu-se dizendo. — Então, ela lhe contou.

— Claro, Otts — disse ela, rindo abertamente agora. — Nós ficamos confinadas juntas em um apartamento por anos. As mulheres conversam sobre essas coisas. Oh, não fique tão *aborrecido*, Ottsy. Eu só estava brincando um pouquinho. Você estava tão sério, falando sobre o quanto me amava. Eu não pude resistir! Ela me *disse* que não foi nada, ela me disse que você mal conseguia falar no dia seguinte de tanto que se sentia culpado. Que não podia pensar em outra coisa além de mim.

— Bem... — Otto disse envergonhado — de fato, isso é verdade. Estávamos bêbados, sabe? E era uma situação incomum.

Ele ainda não podia acreditar que era sobre isso que estavam discutindo.

— E ela *realmente* acabou ficando bem bonita, não foi? Quem teria imaginado isso nos anos 20? — Dagmar riu novamente. — *Por favor*, não fique tão chateado, Otts. Você prometeu me amar, não permanecer celibatário. Não creio que você tenha sido um monge desde 1939.

Ela pisou o cigarro no chão e aceitou outro. Otto pensou em Billie fazendo a mesma coisa na margem do Tâmisa. Apenas alguns dias antes e a um universo de distância. Por um momento louco, ele se perguntou se Dagmar sabia sobre Billie também. Afinal, ela estava na Stasi.

— Mas o que importa é que você *de fato* ainda me ama, Ottsy. Isso é bom, devo dizer. Muito bom.

— Eu só queria que você soubesse. Sobre a minha promessa. Eu não vou dizer isso de novo.

— Por que não? Eu não me importo.

— Bem, isso não é relevante, é?

— Não é?

— Não mais agora do que era então. Você escolheu Paulus, Dagmar — Otto disse. — Era ele quem você amava.

Quando Otto mencionou o nome do irmão, percebeu que era a primeira vez que o fazia. Como podia ter levado tanto tempo?

— Paulus, Ottsy? — Dagmar disse com um sorriso triste, muito triste.

Ela inclinou a cabeça para trás e olhou para o céu. As nuvens estavam cinzentas, mas havia indícios de sol aqui e ali através delas. Não havia qualquer brisa e a fumaça subia verticalmente de sua boca. Depois de algum tempo, ela voltou a encará-lo e seus olhos estavam brilhando, como se estivesse prestes a chorar.

Pareceu que iria dizer alguma coisa, mas deteve-se, tragando mais uma vez o seu cigarro. Finalmente, seu rosto endureceu um pouco com determinação e as palavras saíram.

— Oh, Otto — disse ela, enquanto uma lágrima escorria de seus olhos. — Eu nunca amei Paulus.

Por um momento, ele se perguntou se tinha ouvido corretamente, mas não poderia haver dúvida. As lágrimas que agora escorriam pelo rosto de Dagmar eram a prova disso.

— Dagmar — Otto disse horrorizado —, o que você quer dizer? Como pode dizer que nunca o amou? Você nos disse... em Wannsee. Na praia. Que você tinha escolhido Paulus.

— Sim... Isso mesmo, Otts — e ela não conseguia olhar para ele agora. — Eu o *escolhi*.

— Então, o que você está dizendo?

— Oh, Otto. *Otto*... — Dagmar disse, e soou quase como se ela o estivesse repreendendo. — Tão *bom*, tão verdadeiro... Assim como seu irmão. Os terríveis gêmeos Stengel, hein? Eu não merecia vocês. Sempre soube disso. Mas, também, nunca os forcei a se apaixonarem por mim.

— Dagmar, por favor, me diga o que você...

— Paulus era o *cérebro*, Ottsy... — Dagmar virou-se um pouco no banco e, depois, pegou o isqueiro e outro cigarro do maço na mão de Otto, os dedos demorando-se por um momento sobre os seus. — Você não percebe? Eu escolhi o *cérebro*. *Com certeza* você entende isso...

— Na verdade, não — disse Otto, embora pensasse que, talvez, estivesse começando a fazê-lo.

— Eu não estava interessada em amor, Otto. Não podia me dar a esse luxo. Era uma judia presa na Berlim nazista. A multidão tinha acabado de *queimar minha mãe até a morte*. Eu estava interessada em *sobrevivência*. — Dagmar acendeu o cigarro e organizou seus pensamentos. — Concluí isso tudo na noite em que você salvou a minha vida. Na *Kristallnacht*. Você se lembra do que você disse? Quando chegamos ao apartamento de sua mãe, eu sentada no chão, abraçando meu macaquinho de brinquedo... Eu ainda o tenho, sabe? Você disse que ia *matar* Himmler. Essa foi sua reação à Noite dos Cristais. Você estava *sempre* dizendo esse tipo de coisa. Você era o garoto que me trouxera os botões

de um camisa parda. Pauly *nunca* fez nada assim. Pauly era muito inteligente, muito calculista. Pauly sempre tinha um plano. Ele tinha um plano naquela noite também. Ele lhe disse para esquecer ideias estúpidas como matar nazistas. Porque você tinha que se tornar um bom alemão para que pudesse cuidar de mim. Era um *bom* plano. Mas, sentada ali ouvindo, sem dizer uma palavra, eu podia ver muito claramente que o gêmeo errado iria ter que realizá-lo. Eu precisava do racional. Do calculista. Não do impetuoso que queria matar Himmler. Eu não achava que teria uma chance de sobreviver com você.

O maço de cigarros caiu dos dedos inertes de Otto. Ele se abaixou para pegá-lo do chão. Algumas crianças passaram correndo pelo banco onde estavam sentados. Ele olhou para cima e viu de relance as pernas delas.

Um menino perseguindo uma menina.

Em algum lugar ao longe, Otto podia ouvir uma banda tocando.

— Você decidiu naquela noite, então? Na *Kristallnacht*? — Otto disse. Suas palavras soavam como se estivessem partindo de algum lugar remoto. — Você decidiu dizer a Paulus que você o amava?

— Não me julgue, Ottsy.

— Disse a ele, então? Naquela mesma noite, depois que eu voltei para a escola?

— Não — sua voz era tensa, mas firme, quase como se fosse um alívio finalmente estar dizendo a verdade. — Pauly estava determinado em seu caminho; iria escapar da Alemanha, se tornar um advogado inglês e construir o futuro. Eu sabia que se quisesse mantê-lo perto de mim teria que lidar com ele com cuidado. Eu tinha que inverter a situação e tinha pouquíssimo tempo para fazê-lo. Afinal, o pobre Pauly pensava que eu amava você.

A música que a banda distante estava tocando terminou. Uns poucos aplausos atravessaram o parque. Em seguida, a banda recomeçou.

Mais música marcial. Será que *nunca* se cansavam disso?

— E era verdade? — perguntou Otto, ficando chocado ao perceber quão ansiosamente levantou a questão. Tinha sido ele o vencedor, no final das contas? Teria o pêndulo ao qual ele e o irmão haviam pregado seus corações quando meninos balançado mais uma vez a seu favor? — Você *realmente* me amava?

— Oh, Otto, Otto — Dagmar respondeu cansada. — Você agora é um homem, não um menino. Certamente pode entender. Você não percebe? Eu nunca amei *nenhum* de vocês.

Otto se encolheu como se tivesse sido atingido. Dagmar também parecia surpresa consigo mesma, chocada com a sua própria honestidade. Com a dor que estava causando.

— Eu sei como isso deve soar horrível — ela se apressou a dizer. — Eu *adorava* vocês. Você deve saber disso. Os loucos garotos Stengel, que me amavam tanto. Mas, mesmo naquele tempo, todos nós sabíamos que se não fosse por Hitler, essa questão de eu amá-los sequer chegaria a existir. O nosso mundo era aquele dos sábados e só. Um dia por semana. E, num belo sábado, eu teria ido embora. Para longe. Para o exterior. Eu iria me casar com um milionário, tão rico como meu pai.

Otto olhou para o chão entre seus pés.

— Sim, isso é o que Silke sempre disse.

— Sim, imagino que dizia — Dagmar observou acidamente —, mas Hitler *aconteceu* e eu perdi tudo. Tudo, exceto os meus dois queridos protetores. Isso e a determinação de *sobreviver*. A dedicação que começou na calçada em frente à loja do meu pai, em 1933, e que passei a carregar comigo desde então.

— Você roubou a vida de Paulus — disse Otto.

— Ele me queria, Otto. Ele me teve. Toda. Eu não pedi para ele me amar.

— Mas você *disse* a ele que o amava.

— E daí? — Dagmar quis saber, sua voz frágil agora, quase estridente. — Nem foi uma mentira tão grande no esquema das coisas. Eu teria feito muito mais do que isso para sobreviver. Eu teria feito *qualquer coisa*. Fingir amar Paulus foi fácil, ele era um rapaz maravilhoso, bonito e amável, e eu não o merecia. Mas saiba que eu também poderia muito bem tê-lo matado se tivesse que fazê-lo. Os nazistas já tinham apanhado a minha mãe e o meu pai. Eu era a última Fischer viva e estaria condenada se eles me pegassem!

— Você o matou, Dagmar. Ele poderia ter ido para a Inglaterra, mas, em vez disso, morreu em Moscou por sua causa.

— Bem, se você quer colocar as coisas dessa forma... — Dagmar retrucou amargamente. — Se eu o matei, eu salvei você. Isso empata as coisas, não é?

— Eu não queria ser salvo.

— Isso é problema seu, Ottsy. E é também por isso que você não tinha nenhuma utilidade para mim. Porque você diz coisas assim. E porque você passou os últimos dezessete anos de sua vida obrigando-se a permanecer apaixonado por uma garota que o rejeitou. Eu precisava... de um pragmático.

Otto se levantou e caminhou em volta do banco, tentando ordenar os confusos e tumultuosos pensamentos e as emoções que ricocheteavam por sua cabeça e seu coração.

— Então, naquele dia em Wannsee — disse ele —, quando eu saí correndo, antes que os caras da Juventude Hitlerista aparecessem, você pediu a ele que ficasse? Que trocasse de identidade comigo?

— Não seja bobo, Ottsy. Isso é o que você teria feito, mas eu sou inteligente como Paulus. Tudo que eu fiz foi o que você sabe. Beijei-o na chuva e disse que era a ele que eu amava, não a você. Que eu o amava, mas que eu sabia que ele tinha que ir. Que eu *queria* que ele fosse. Para viver enquanto eu morria. Eu sabia que seria suficiente. Que ele faria o resto. Conhecia a mente de Pauly, sabe? Não precisei elaborar o plano para ele, porque, dado o incentivo certo, ele próprio o faria. E ele fez.

A menina e o menino passaram correndo novamente. Ela o estava conduzindo em uma alegre perseguição. O menino teria feito por merecer o beijo caso finalmente o conseguisse. Otto pegou-se desejando que a menina realmente valesse a pena.

— Alguma vez você disse a ele? — perguntou Otto. — Depois. Quando vocês estavam vivendo juntos em Berlim?

— Claro que não. Não queria magoá-lo. Por que faria isso? Ele era o melhor dos homens. Eu lhe disse, eu o adorava. Além disso, precisava de sua dedicação. Precisava que ele permanecesse obcecado com a ideia de me

proteger. Silke suspeitava, no entanto. Acho que ela suspeitou desde o início, e acredito que ela me odiava por isso. Ela amava você, sabe, Otto? E quando eu roubei Paulus para mim, eu também roubei você dela.

A menção de Silke foi como uma lâmpada acendendo-se no cérebro de Otto.

Silke? Onde ela estava? Silke Krause. A mulher que o MI6 sabia que havia trabalhado para a Stasi desde a guerra.

E por que Dagmar o chamara a Berlim? Ela não o amava. Ela nunca o amara. E parecia que ela não tinha vontade de desertar.

— Por que estou aqui, Dagmar? — Otto perguntou, sua voz subitamente mais dura.

— Não me odeie, Ottsy — Dagmar respondeu surpresa, ao que parecia, pela mudança em seu tom. — Eu não poderia suportar isso. Claro que sei que agora você finalmente vai deixar de me amar, o que é uma pena, porque não são muitas as garotas que conseguem ser amadas por tanto tempo como eu fui, por um homem tão bom. Mas, por favor, não me odeie, Ottsy. Tente entender e ainda gostar de mim. Ainda me amar, pelo menos um pouco.

— Por que, Dagmar? Por que eu deveria entender? E por que eu deveria amá-la?

— Porque você nunca foi obrigado a lamber a calçada enquanto sua mãe engasgava no chão ao seu lado — Dagmar quase suplicava. — Eu tinha *13* anos, Ottsy.

— Houve um mundo de dor, Dagmar. Todos tiveram sua quota.

O rosto de Dagmar, que tinha suavizado tão completamente enquanto ela absorvia o fato de que a antiga promessa de Otto de amá-la finalmente seria quebrada, endureceu mais uma vez.

— Ah, sim — disse ela —, você está certo em relação a isso. Houve um mundo de dor.

— Por que estou em Berlim, Dagmar?

— Você sabe por que, Otto — disse ela friamente. — Você pode não ser tão inteligente quanto Paulus, mas não é idiota. Você está caindo em uma armadilha. Queremos você, assim como o seu povo me quer. Eles vão forçá-lo a trabalhar para nós.

— E como eles vão fazer isso, Dags?

— Dags? — Dagmar riu. — Faz muito tempo que não escuto isso.

— Chantagem, eu suponho — Otto continuou. — Os truques sujos habituais.

— Sim, eu deveria levá-lo para a cama. Um funcionário do Ministério das Relações Exteriores fotografado fazendo sexo com uma conhecida agente da Stasi não cairia bem aos olhos de seus patrões.

Otto quase riu. A única ambição de sua vida tinha sido fazer amor com Dagmar. E agora descobria que tinha estado tão perto disso.

— Eu disse a eles que não faria isso com você, Ottsy.

— Bem, é um consolo.

— Eu lhes disse que o faria vir para cá, mas que preferia que eles fizessem seu próprio trabalho sujo. Eles nunca se importam de fazer isso.

— Então, eu tenho que ser drogado, não? Colocado na cama com garotos de programa nus, estilo Kremlin? Espione para nós ou vamos enviar as fotos para seus patrões e a imprensa!

— Sim. Esse tipo de coisa.

— Pessoalmente, preferiria o primeiro plano — Otto disse —, aquele em que você faz o trabalho sujo.

— Isso tornaria as coisas melhores? Devo dormir com você? Eu durmo, se quiser. Acho que é o mínimo que posso fazer.

Uma vida de paixão fiel e total devoção reduzida à oferta de uma transa de compensação, com o serviço secreto da Alemanha Oriental a gravar o evento para futura chantagem. Otto não pôde deixar de rir.

— Não me odeie, Ottsy — Dagmar disse mais uma vez.

— O que aconteceu, Dagmar? Na guerra. Com minha mãe. Pauly. Onde está Silke?

Herói alemão

Berlim e Rússia, dezembro de 1941 e janeiro de 1942

Um soldado mutilado, com os pés amputados em consequência do congelamento, subiu amparado por suas muletas as escadas de uma residência no distrito de Moabit e tocou a campainha do apartamento de Paulus Stengel. Costurada ao forro de seu boné havia uma carta, uma carta de um companheiro morto, que o homem aleijado havia prometido por sua vida entregá-la ou destruí-la.

— Paulus foi o melhor dos homens — o soldado disse a Silke quando completou sua tarefa e já se afastava. — Um danado de um soldado muito bom também.

Era final de janeiro. O telegrama do exército informando Silke da morte de Paulus chegara logo depois do Natal. Sua última carta estava datada de 6 de dezembro de 1941.

"*Minha mãe querida, minha querida Dagmar,*

Faz 40 graus negativos e estamos parados um pouco antes de Moscou. Ivan[49]50 *finalmente nos deteve e agora o exército alemão luta por sua própria existência.*

Fomos informados de que, se conseguirmos ao menos manter nossas posições, então a Alemanha vai sobreviver para lutar novamente no próximo ano. Isso pode ser verdade. Mas devo dizer a vocês duas que eu não vou.

Vocês sabem, é claro, que meu plano nestes dois últimos anos foi o de ser um bom soldado de Hitler para estar na melhor posição possível para ajudar a ambas.

Agora, descubro que tenho que mudar meu plano. O mal que eu testemunhei durante esses seis meses de campanha no front russo não me deixa escolha. Só o Diabo poderia ter concebido o que está sendo feito aqui em nome da Alemanha.

É, de fato, um consolo estar na linha de frente, morrendo aos poucos em um bunker subterrâneo. Pois, embora este seja um lugar de abjeto terror e sofrimento infindável, ainda é preferível a ser forçado a testemunhar a horrível verdade sobre o que está acontecendo nos lugares que conquistamos.

Minhas queridas, é uma depravação além da imaginação. Dizer que destruímos o que ocupamos não serve nem para começar a descrever a

carnificina, a devastação e a desumanidade sem fim.

E assim mesmo não é o bastante para alimentar a besta que a Alemanha se tornou. Não estou exagerando quando digo que a principal preocupação da SS Einsatzgruppen é a de que eles não conseguem matar pessoas com rapidez suficiente. Eles estão tentando industrializar o processo.

Minhas palavras são inexatas. O próprio Goethe não conseguiria encontrar palavras para descrever esse morticínio perverso e sem igual.

Sendo assim, para ir direto ao ponto, decidi que não posso mais lutar neste exército. Mesmo o amor que tenho por vocês não pode servir como desculpa para eu continuar a fazer parte da horda mais maligna que já guerreou.

Mais cruel e sanguinária com os inofensivos e os indefesos. Com os velhos e fracos. Com bebês e crianças pequenas. Com a própria humanidade.

Meu plano mudou. Irei ao meu comandante para me apresentar como voluntário para fazer um reconhecimento das posições soviéticas. Essa missão quase sempre é fatal.

Tenho a intenção de me certificar de que no meu caso seja.

Assim, aos olhos da Alemanha, morrerei uma morte honrosa, até mesmo heroica, e, deste modo, Silke terá os direitos, o respeito e a pensão de uma viúva de guerra. Espero que, desta forma, o apartamento em Moabit continue a servir de abrigo para Dagmar, a única mulher que eu já amei, e que, quando chegar a hora, mamãe possa se esconder lá também.

Finalizo dizendo que, apesar desta terrível escuridão em que todos nós vivemos, eu morro feliz. Feliz por ter sido um bom filho para minha mãe e meu pai, e feliz por, de alguma forma, ter sido digno do amor de Dagmar.

Feliz que o amor tenha sido a mais alta conquista da minha vida.

Adeus, mamãe. De seu filho.

Adeus, Dagmar. De seu marido dedicado e amoroso."

No banco do parque

Berlim, 1956

— Frieda nunca veio morar com a gente — explicou Dagmar. — Ela nos disse que tinha a intenção de nunca passar à clandestinidade, mas sim de morrer com seus pacientes.

— Sim — Otto respondeu, com um nó na garganta —, isso soa como mamãe.

Ele estava tentando se concentrar na realidade de finalmente *saber* como seu irmão havia morrido. Otto havia sido ele próprio um soldado; também rastejara no chão, no meio da noite, à procura do inimigo à espreita. Mas não *naquela* frente de combate, a quarenta graus negativos, arrastando-se entre os dois exércitos mais terrivelmente ferozes já reunidos na Terra. E, então, pondo-se de pé, a vontade de viver arrancada dele, convidando a bala libertadora.

Teria ele sido fuzilado de maneira limpa? Sua silhueta visualizada contra o céu da noite congelante? Ou eles o teriam capturado e massacrado por ser o enviado do demônio que imaginavam que fosse? Otto nunca saberia. Mas encontrou um pouco de consolo ao saber que Paulus havia *escolhido* o momento da sua saída do mundo. Ele havia morrido da mesma forma que vivera, de acordo com um plano.

Ainda estavam sentados no banco do Parque do Povo. O que deixava Otto vagamente surpreso. Estava meio que esperando ser empurrado para dentro de um carro de polícia pelos bandidos da Stasi a qualquer momento.

Mas só havia crianças passando correndo por eles e, a distância, a banda tocando.

As pontas de cigarro iam se acumulando. Ele tirou outro maço de sua maleta. Havia comprado um pacote de duzentos no aeroporto de Heathrow. E estava começando a se perguntar se seriam suficientes.

— Quando o cerco final começou e sua mãe se recusou a se esconder — Dagmar continuou —, Silke queria usar o apartamento para esconder outros. Achava que ela e eu deveríamos pelo menos compartilhar nossos quartos... Havia tantas pessoas desesperadas para se esconder, sabe? Isso causou muitos problemas entre nós, devo dizer.

— Você não queria fazer isso? — Otto perguntou.

— Acha isso chocante? — Dagmar retrucou. — Por que eu deveria? Diga-me? Por que eu iria querer compartilhar? Todo judeu escondido era um leproso, um risco enorme, tanto para si mesmo quanto para os outros. Em constante

perigo de ser descoberto e preso. E de traição também. Ah, sim, creia-me, traição; quando a coisa fica feia, é um pega pra capar. Se eu deixasse Silke trazer mais um como eu teríamos dobrado as chances de detecção e reduziríamos pela metade a nossa comida e outros suprimentos. Estávamos entrando no final do jogo, Otto. Os condenados estavam ficando desesperados. De ambos os lados, alemães e judeus igualmente. O fato de os nazistas não conseguirem derrotar Ivan mandou-os correndo para vitórias fáceis em outro lugar. Isso significava os judeus. A Solução Final estava sobre nós. Eles introduziram a estrela amarela e, depois disso, a menos que você tivesse um anjo da guarda como eu tinha, não havia nenhum lugar para se esconder. A Gestapo começou, finalmente, a eliminar sistematicamente os judeus da Alemanha. Eles enviavam cartas para as pessoas e elas simplesmente iam para as estações e embarcavam nos trens. Às vezes, não havia nenhuma carta, a polícia apenas aparecia e tirava as pessoas de suas camas. Com seus avós isso aconteceu em novembro de 1942. Receberam a ordem de se apresentar na estação em tal e tal horário com uma pequena mala cada um. Eles foram, é claro. Todo mundo ia. Eram informados de que havia casas esperando por eles no leste, até mesmo novas cidades inteiras; as pessoas acreditavam, ou tentavam acreditar. Mesmo depois de tudo o que já havia sido feito a eles, tentavam negar o impensável. Eles simplesmente não conseguiam acreditar que não eram casas, mas sim câmaras de gás o que esperava por eles no final da linha. Mesmo depois de terem sido enfiados em caminhões de gado. Urinando e defecando uns nos outros, morrendo de asfixia e desidratação nos ramais ferroviários, empurrando os cadáveres de bebês pelas grades. Eles ainda não conseguiam acreditar que os nazistas de fato pretendiam assassiná-los em massa. É por isso que eu até acredito nos alemães agora, quando eles dizem que não sabiam disso. Afinal, se os próprios judeus mal podiam acreditar no que estava acontecendo com eles, então, por que o fariam as pessoas que andavam pela calçada oposta, olhando para o outro lado?

Otto não queria falar sobre em que os alemães acreditavam ou não.

— E a minha mãe? Quando ela foi?

— Ela durou mais alguns meses. Perdeu o apartamento, é claro, logo após Pauly morrer, na verdade. Aí, acabaram-se os tolos grupos de conversação com velhos judeus se lamuriando em inglês sobre não poder comprar sabão ou usar cabines telefônicas.

— Ela tinha um grupo de conversação? — Otto disse meio que sorrindo.

— Isso e uma centena de outras coisas. Ela estava em toda parte, correndo a cidade toda. A pé, depois que proibiram os judeus de usar os bondes e tomaram suas bicicletas. Acho que ela estava tentando sustentar pessoalmente toda a população de vítimas de Berlim. Na verdade, acho que foi o que a salvou por muito tempo. Os nazistas não eram burros. Eles não queriam pânico em massa e certamente não queriam resistência. Eles encorajaram a liderança entre os judeus até o final. Sua mãe foi levada para trabalhar no que foi chamado de hospital judaico, cujo funcionamento a Gestapo ainda autorizava. Estavam fazendo tudo o que podiam para que os próprios judeus colaborassem com seu extermínio. Mentiam para eles, confundiam-nos, enviando mensagens contraditórias. O hospital no qual Frieda acabou era parte disso. Ele deu às

pessoas um consolo quando chegaram as ordens de deslocamento. Afinal, se os alemães ainda estavam mantendo um hospital judaico em Berlim, então talvez eles também estivessem preparando casas para eles no leste.

Otto conhecia alguma coisa da psicologia das táticas nazistas.

— Mamãe trabalhou no hospital judaico?

— Hospital uma ova. Na verdade, estava mais para necrotério. Sem instalações ou dinheiro algum. E era só para *Mischlinge*, de qualquer maneira, e esposas dos casamentos mistos. Judias com maridos arianos no exército. Quando seus maridos eram mortos na frente de combate, as mulheres perdiam seu *status* especial e eram enviadas diretamente para os campos de extermínio. Viúva e condenada à morte no mesmo telegrama. Que piada macabra, hein?

Tanta história de uma vez. Dagmar parecia estar encontrando algum consolo em compartilhá-la. Otto queria que ela fosse direto ao ponto.

— O que aconteceu com a minha mãe?

O Hospital Judaico

Berlim, 1943

Em janeiro de 1943, a Wehrmacht perdeu a batalha de Stalingrado, selando assim o destino do Terceiro Reich. Em resposta a essa catástrofe, Josef Goebbels prometeu a Hitler uma Berlim livre de judeus para o seu aniversário.

Apesar das enormes tensões sobre a administração da cidade causadas pelo bombardeio aliado, as autoridades policiais de Berlim estavam determinadas a fazer com que a promessa de Goebbels fosse cumprida.

Em fevereiro de 1943, a Gestapo começou o que viria a ser a sua ação em massa final contra os judeus de Berlim. A polícia, apoiada pela Waffen-SS, espalhou-se pela cidade. Derrubaram cada porta suspeita e invadiram todos os porões. Escalaram janelas, quebraram paredes com marretas e arrombaram fechaduras com pés de cabra. Invadiram casas e fábricas. Eles abriram bueiros, vasculharam áreas bombardeadas e procuraram nos esgotos. Trabalhando com base em listas civis meticulosamente preparadas e com a ajuda de um pequeno grupo de informantes judeus, foram atrás dos últimos seis mil ou sete mil judeus que ainda viviam na cidade. Desentocando-os e levando-os diretamente ao "ponto de transferência" em massa na Levetzowstrasse, no qual foram amontoados sem sanitários ou água. Dessa vez, não houve intimações formais. As pessoas eram simplesmente arrebatadas de onde fossem encontradas, crianças sem as mães, maridos sem suas esposas. A ficção reconfortante de permitir que as pessoas preparassem uma valise contendo "botas de trabalho", dois pares de meias, duas mudas de roupa de baixo etc. era coisa do passado. A tática aprendida na Polônia e na Ucrânia tinha voltado para casa, para Berlim.

Por enquanto, *Mischlinge* deveriam ser poupados, juntamente com um pequeno grupo de trabalhadores privilegiados empregados no chamado Hospital Judaico. Frieda era um desses trabalhadores, mas, apesar de sua condição especial, ela decidiu, naquele dia de fevereiro, quando a última ação da polícia começou, que havia chegado a hora de se juntar aos seus amados Wolfgang e Paulus.

Não foi planejado, mas aconteceu, de qualquer forma. Ela estava fora do hospital, caminhando pelas ruas congeladas. Tirando alguns minutos de folga do trabalho ininterrupto em que estava envolvida.

Com sua estrela amarela no peito, ela foi abordada quase imediatamente. Uma caminhonete parou e ela foi obrigada a entrar no veículo por um policial

que segurava um bastão de madeira no qual Frieda podia ver que havia sangue incrustado, junto com pele e cabelo.

Frieda apresentou seus papéis especiais, que estavam todos em ordem, e foi-lhe dito que ela poderia ir. Ficou claro para ela que algum tipo de arrebanhamento arbitrário estava em andamento e, por isso, ela começou a correr de volta para o hospital.

No entanto, em seu caminho, ela avistou outro veículo da polícia, desta vez, um caminhão aberto. Estacionado do lado de fora de um edifício que estava sendo utilizado como um jardim de infância judaico. A terrível cena se desenrolava: mais ou menos vinte crianças, com idades entre 3 e 8 anos, haviam sido arrastadas do prédio por soldados e literalmente atiradas para dentro do caminhão. Uma mulher idosa, que devia ser a professora das crianças, estava tentando protestar, enquanto ao seu redor as crianças gritavam, caíam e sujavam-se.

Um soldado começou a empurrar a professora para o caminhão, no que a idosa virou-se e deu-lhe um tapa no rosto. Por um momento, o soldado e a velha senhora olharam um para o outro, ambos igualmente chocados com o que tinha ocorrido. Em seguida, o soldado simplesmente sacou a arma e atirou nela. Depois disso, ele e um companheiro jogaram seu corpo moribundo no caminhão, entre as crianças gritando.

Ficou claro para Frieda, assistindo da calçada, que as crianças estavam agora completamente sozinhas. Qualquer que fosse o pouco tempo que lhes restasse na Terra, o passariam em completo terror e total perplexidade, sem consolo ou orientação.

— *Mamãe! Mamãe! Mãe!*

As pequenas vozes baliam por suas mães por meio das bocas retorcidas de medo em rostos transformados em máscaras grotescas de horror.

O motor do caminhão roncou, quase abafando seus gritos lamentosos. Dois soldados entraram na cabine, enquanto outros dois subiram na boleia.

Quando um soldado se levantou, uma das crianças menores estendeu os braços para ele, sem dúvida, na crença infantil de que podia confiar nos adultos. Uma das mãos do menino enxugava seu rosto choroso enquanto ele estendia o bracinho para o homem. Havia tanto ranho, tantas lágrimas... O soldado recuou, enojado, afastando a criança com um safanão. O menininho caiu sobre o corpo sem vida de sua professora.

E as crianças choravam. — *Mamãe! Mamãe! Mãe!*

Os soldados gritavam de volta. — Calem a boca! Calem a boca ou vamos bater em vocês, seus judeus bastardos! Calem-se ou nós vamos matá-los!

Brutalidade era a defesa deles. Cada jovem soldado havia construído um espesso muro de crueldade em torno de suas consciências corrompidas. Um muro que seus líderes chamavam de "força".

Mas as crianças não sabiam como calar a boca. Elas ainda não tinham aprendido a baixar suas cabeças e arrastar os pés em vez de caminhar.

E, por isso, elas gritavam "*Mamãe! Mamãe! Mãe!*".

Frieda ouviu aqueles gritos. Mamãe? Esse era *o nome dela*. Tinha sido seu nome desde 1920. Ela era uma mãe. E agora ela era a mãe deles. Mais de vinte

adoções, de uma só vez.

— Pare! — Frieda gritou para o último dos soldados que estava no ato de embarcar no caminhão. — Veja! Eu uso a estrela! Eu sou judia! Leve-me! Vou manter as crianças quietas.

Continuação da conversa no parque

Berlim, 1956

— Frieda subiu no caminhão — disse Dagmar. — Silke soube da história de alguém que assistiu à cena. Sua mãe não pôde suportar que aquelas crianças passassem as últimas horas de suas breves vidas sem amor ou consolo, então ela passou suas próprias últimas horas dando-lhes isso. Ela subiu no caminhão, juntou-se a elas, estendeu os braços e abarcou quantos pôde. Aparentemente, as crianças juntaram-se em torno dela como abelhas numa flor. Então, quando o caminhão se colocou em movimento, ela começou a cantar *Hoppe Hoppe Reiter. Hoppe Hoppe Reiter*.

As lágrimas escorriam pelo rosto de Otto.

— Ela costumava cantar isso para mim e Paulus — disse ele. — Posso ouvir sua voz agora.

— Soubemos que ela ainda estava cantando quando o caminhão chegou à estação, mas, a essa altura, a sua mãe operara o toque de mágica que lhe era peculiar e as crianças estavam cantando também. Mesmo quando foram empurradas para os caminhões de gado, comprimidas lá dentro com uma centena de outras almas condenadas. *Hoppe Hoppe Reiter! Hoppe Hoppe Reiter!* Sua mãe foi com aquelas crianças para Dachau naquele mesmo dia. Imagino que os levou a cantar para a câmara de gás.

Otto chorou e chorou. Pensando em sua amada mãe e em como o seu fim havia sido corajoso. Ela morrera como tinha vivido, um farol de bondade em um mundo doente e terrível.

— E, então, só sobramos nós — Dagmar continuou. — Eu e Silke.

Sua voz estava distante. Em meio às lágrimas, Otto entendeu que Dagmar precisava contar a história toda.

— Vivíamos no apartamento de Pauly e é claro que brigávamos muito. Duas garotas muito diferentes que nunca deveriam ter morado juntas. Silke estava tentando estabelecer conexões com a resistência. Dá para acreditar? Usando seu disfarce de viúva de guerra para fazer contato com outros comunistas. Ela fazia parte da *Die Rote Kapelle*. A Orquestra Vermelha... suponho que você já tenha ouvido falar dessa organização.

— Sim — Otto disse, recompondo-se e assoando o nariz em seu lenço. — A resistência apoiada pelos comunistas. Eu já ouvi falar.

— Eu avisei a ela — Dagmar continuou. — Eu disse que se eu fosse apanhada por causa dela me certificaria de que ela e seus amigos fossem

comigo. Aquele apartamento era o meu castelo. Paulus o construíra para mim. Porque ele me amava. Amava a mim. Não um grupo qualquer de comunistas hipócritas.

A voz dela estava começando a irritar Otto. Incrível. Aquela mesma voz que não tinha sido outra coisa para ele senão música durante toda a sua vida. A voz que ele tinha lutado para ouvir, tentando tirar o receptor de telefone da mão do irmão, olhando o relógio, esperando a sua vez, com ciúmes de cada sílaba perdida. Agora estava realmente começando a irritá-lo.

— Paulus pode ter amado você, Dagmar — Otto disse, um pouco mais duro, talvez, do que pretendia —, mas só porque você mentiu para ele.

— *Isso* é uma maldita mentira! Ele me amava porque me amava. Ponto final. Assim como você. Eu não pedi a ele que o fizesse. Não pedi a nenhum de vocês, por isso não comece a bancar a vítima agora. Se os loucos gêmeos Stengel dedicaram suas vidas a mim, foi porque assim *escolheram*. Além do mais, eu mantive a minha metade da barganha com Pauly. Vivemos juntos naquele apartamento como marido e mulher pelo pouco tempo que ele teve. Isso era o que ele queria e foi o que ele teve.

— Você transou com ele. E daí?

— Eu *fiz amor* com ele, Otto, e nunca diga que eu não fiz! E ele morreu acreditando no meu amor, que era a maneira como ele queria morrer.

— Ele não queria morrer de jeito nenhum!

— Sério? Ele sempre me disse que preferia morrer depois de ter conquistado o meu amor do que viver uma vida sem ele. E você, Otto? Como foram os últimos dezessete anos para você? Nunca o imaginei fossilizando em uma repartição pública. Você nasceu para ser um cavaleiro numa armadura. Você não *preferiria* ter sido um cavaleiro de armadura? Eu acho que sim.

Otto estava atordoado. Ela sempre fora muito mais esperta do que ele. *Fossilizando*. Ela o conhecia muito bem.

— Sinto muito — disse ele calmamente. — Eu não acho que tenho o direito de julgá-la.

— Ninguém tem o direito de me julgar por nada do que eu fiz, Otto. Por causa do que Hitler fez a mim.

Ela levantou-se, acendendo o enésimo cigarro com a mão trêmula de emoção. Algo no que ela dissera e a veemência com que fora dito trouxeram os pensamentos de Otto de volta ao presente.

— Dagmar — disse ele —, onde está Silke?

Ela se virou e olhou para ele. Seus lábios curvando-se junto com a fumaça que saía deles.

— Meu Deus, Ottsy — disse ela. — Você ainda não percebeu? Pauly teria percebido no aeroporto. *Eu sou* a maldita Silke.

Caçadora de judeus

Berlim, 1945

A atmosfera no apartamento era sempre pesada nos dias em que os amigos comunistas encobertos de Silke a visitavam.

Dagmar os odiava com a paixão de um verdadeiro conservador. E não era só porque a presença deles em sua casa aumentava dramaticamente as suas próprias chances de ser detectada: ela os odiava por razões ideológicas também. Ela os odiava por causa de seu pai. Ela achava que eles não passavam de tolos hipócritas. Um grupo de egoístas e fantasistas que se comportavam de maneira ridícula com as suas saudações solenes com o punho cerrado, discussões intermináveis sobre detalhes ideológicos e planos grandiosos para um futuro governo conduzidos em torno de uma mesa de cozinha nua, à luz de uma solitária vela.

Silke parecia acreditar genuinamente que ela e seu pequeno grupo de conspiradores barbudos e patéticos estavam realmente contribuindo para a derrota dos nazistas. Ela alegava que eles passavam informações sobre as atividades da polícia e da Wehrmacht ao Exército Vermelho que se aproximava.

Mas Dagmar não acreditou sequer por um momento que os seus pequenos esforços fariam a menor diferença para o resultado da guerra. Na verdade, ela suspeitava fortemente de que eles mantinham sua pequena célula por motivos inteiramente egoístas.

— Eu sei o que você está fazendo — disse Dagmar, quando Silke informou que outra reunião da *Kapelle* estava para ser realizada no apartamento naquela noite. — Você está preparando a cama para depois da guerra. Estabelecendo suas credenciais. Quando os nazistas se forem, você e seus amigos vão reivindicar o direito de governar o país, assim como tentaram fazer da última vez, depois do *kaiser*. Quando o Exército Vermelho chegar, você vai correr direto para eles agitando seu pequeno livro de códigos secretos e seus cartões do partido, gritando "Camaradas, nós somos os *bons* alemães. Fomos nós que enviamos a vocês todas essas mensagens!". E, então, vocês todos terão empregos agradáveis junto ao partido e toda a carne e pão branco. Eu conheço bem os comunistas. Meu pai demitiu muitos de vocês.

— Acredite ou não, Dagmar, nem todo mundo é motivado inteiramente por egoísmo.

— Ha! O que poderia ser mais egoísta do que um comunista? Vocês acham que podem dizer a todos no mundo como viver suas vidas, e se não obedecerem,

matam-nos.

Normalmente, quando a hora da reunião se aproximava, Dagmar se retirava para o seu quarto. Mas, naquela noite, ela simplesmente não pôde aceitar mais uma vez ser confinada no espaço onde ela passara a maior parte dos dois últimos anos. Depois que Paulus morreu, disseram para Silke que, sem um marido, ela havia perdido o direito de contratar uma empregada. As autoridades haviam exigido que Bohuslava, a garota ucraniana que os Stengel registraram para o racionamento, deveria buscar um novo emprego. Silke foi, assim, forçada a denunciar a criada fictícia como fugitiva e, a partir daquele momento, Dagmar passara a viver clandestinamente, sem nenhum documento de identidade, sobrevivendo na penumbra, da comida que Silke ainda compartilhava com ela por causa de Paulus.

— Você não deve sair! — disse Silke. — Você está louca. Você só precisa ser parada uma vez.

— Me desculpe, mas eu preciso, senão, vou enlouquecer por completo. De qualquer forma, a guerra está quase no fim. Seu precioso e heroico Exército Vermelho está na Prússia Oriental e, sem dúvida, em um mês, todos nós vamos ser comunistas.

— Com um pouco de sorte, vamos — Silke rebateu em tom desafiador.

— Que maravilha. Mal posso esperar para vestir meu macacão e ir trabalhar em uma fazenda coletiva, mas, enquanto isso não acontece, vou ser um membro da pequena burguesia só mais uma vez. Vou prender meu cabelo, colocar um pouco de maquiagem, calçar um belo par de sapatos e vou dar uma volta.

— Pelo amor de Deus, Dagmar, você está segura aqui dentro. Por que correr o risco?

— Porque eu quero ser um maldito ser humano novamente!

— Fale baixo! — Silke ralhou. — Você não *vive* aqui, lembre-se.

— Tem razão! — Dagmar continuou, ignorando parcialmente a advertência de Silke para falar mais baixo. — Você tem sua política estúpida. O que eu tenho? Nada. E eu *não tenho* nada há doze malditos anos.

— Você teve Paulus e Otto! — Silke rosnou de volta, agora ela própria erguendo a voz.

— Oh, pelo amor de Deus, chega desse negócio de garotos Stengel — Dagmar disse, jogando os braços para o alto, exasperada. — Eles me amavam, eu sei. O que você quer que eu faça? Me autoflagele por gratidão? Eles me amavam. Eles não amavam você. Sinto muito. Sem dúvida, com o comunismo, você poderia forçá-los a amar você, mas sua revolução vai chegar um pouquinho tarde para isso, não é? Porque Pauly está morto e Otto se foi!

— Você não presta, Dagmar — Silke disse com lágrimas nos olhos. — Você é safada e má.

— Ora, cresça, Silke. Eu estou saindo para um passeio. E digo mais, se você tiver bom senso, venha comigo. Porque este lugar está nos levando à loucura. Vou até o Tiergarten, onde acredito que ainda tem cafés, e vou pedir uma xícara ou um copo de qualquer merda que tiverem vendendo e fingir que sou um ser humano, por uma hora ou duas, não uma vítima dos nazistas. Você vem?

— Não, claro que não. Eu tenho uma reunião.

— Então, adeus.

O cabelo e a maquiagem denunciaram Dagmar. Talvez como Bohuslava, a empregada com lenço na cabeça, avental e jardineira, ela pudesse ter passado despercebida. Mas Dagmar Fischer sempre chamara a atenção. Sempre atraíra todos os olhares, mesmo pálida e magra como tinha se tornado. E ela adorava isso. Aquecendo-se nos olhares de admiração lançados a ela por soldados cansados, enquanto rebolava com desenvoltura ao longo do caminho. O que era um ótimo disfarce também, exatamente como Pauly aconselhara-a a fazer na estação no dia em que Otto partira. Caminhe com confiança e ninguém irá pensar em questioná-la. Os que vacilam é que são apanhados.

Além disso, Dagmar se sentia segura. Nenhum alemão iria reconhecê-la como a herdeira judia que supostamente se suicidara em 1939.

Mas não foi um alemão que reconheceu a bela mulher que estava recebendo todos os olhares de admiração enquanto tomava seu aguado café de bolota nos escombros do Tiergarten.

Foi uma judia.

— Olá, Dagmar — disse uma voz. — Certamente você se lembra de mim...

Dagmar não reconheceu a voz, mas, quando se virou, soube imediatamente quem era e seu sangue gelou. A mulher que sorria para ela era igualzinha a si própria. Uma bela jovem na casa dos vinte anos. Outra princesa judia que havia desaparecido nos anos 30. A versão loura de Dagmar, mas cujo nome era sussurrado com medo por cada clandestino em Berlim. Stella Kübler, a caçadora de judeus.

A bela jovem, com sua aparência ariana e cabelos cor de milho, que comprava sua nova vida a cada dia com denúncias e traição.

A mulher conhecida por seus manipuladores da Gestapo como “Veneno Louro”.

— Eu não conheço você — Dagmar gaguejou, tentando disfarçar seu alemão. — Sou húngara. Uma empregada.

— Ora, vamos, Dagmar — a caçadora de judeus disse —, o jogo acabou. Fomos a uma meia dúzia de festas juntas quando meninas. Fomos banidas das mesmas piscinas. Meu Deus, meus pais até foram à despedida de seu pai no Hotel Kempinski. Eu me perguntei muitas vezes se você algum dia apareceria. É claro que nunca acreditei naquela história de suicídio, não Dagmar Fischer. Você parece bem, devo dizer. Como conseguiu isso?

Havia dois homens em pé atrás da sinistra beldade, dois homens de casacos e chapéus Homburg. Eles se adiantaram e colocaram as mãos sobre Dagmar.

O disfarce havia acabado. Ela era, finalmente, uma prisioneira da Gestapo.

Entre Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho

Berlim, 1956

— Já ouvi falar de Stella Kübler, é claro — disse Otto. — Ela pegou dez anos de prisão, não foi?

— Isso mesmo — respondeu Dagmar. — Eles acabaram de soltá-la, na verdade, e ela foi para o Ocidente. Talvez alguém corte a garganta dela. Espero que sim. Não que eu tenha moral para falar. Posso não ter traído duas mil pessoas como ela fez, mas...

— Você traiu Silke — Otto disse, terminando a frase.

Eles haviam começado a caminhar juntos pelo parque e agora estavam na Märchenbrunnen, vagando entre as 106 fantásticas esculturas de personagens de contos de fadas. Quase partiu o coração de Otto relembrar a menina bonita e despreocupada que um dia ele conhecera, correndo por entre aquelas figuras. Mais encantadora do que qualquer criatura mágica da ficção poderia ser. Rindo, soltando gritinhos e deixando-se apanhar deliberadamente entre Rapunzel e Chapeuzinho Vermelho.

Ela era uma pessoa diferente agora. Apenas a carne física era a mesma.

— Sim. Eu a traí — Dagmar disse friamente, olhando para a figura de pedra que soltava a longa cabeleira dourada. — Era eu ou ela, só isso. Àquela altura, ninguém tinha ilusões sobre o que os nazistas estavam fazendo no final da linha de seus trens. A BBC estava contando ao mundo havia dois anos. Quem fosse apanhado estaria morto, e eu tinha sido apanhada.

Ela sentou-se no pedestal da estátua de Rapunzel.

— Você se lembra, Ottsy? — ela disse com um sorriso. — A perseguição para roubar um beijo, no parque?

— Claro que me lembro — Otto respondeu. — Você, eu e Pauly. E Silke. Ela estava lá também.

— Sim. Ela estava, não é? — Dagmar disse, tentando fazer com que sua voz soasse indiferente. — Carrancuda como de costume, se bem me lembro. Furiosa porque ambos estavam me perseguindo.

— O que aconteceu, Dagmar?

— Aconteceu o inevitável. A Gestapo me prendeu e eu lhes ofereci um acordo. A maioria das pessoas tentava fazer isso. Trocar sua vida pela de outra pessoa. *Houve* heróis, é claro, mas muito menos do que querem fazer crer agora.

— Diga-me o que aconteceu.

— Bem, ao contrário da maioria deles, eu realmente tinha algo para negociar. Eu disse que se eles me soltassem eu os levaria a uma célula da Orquestra Vermelha. Eles não podiam acreditar na própria sorte. Lembro-me de pensar "*por que eles se importam?*". Àquela altura, a guerra estava obviamente muito perto do fim, os russos estavam às portas, mas eles pareciam se importar em perseguir comunistas e judeus do mesmo modo, como uma galinha ainda correndo atrás de sua cabeça cortada. De qualquer modo, eles me levaram para a sede deles, me fizeram um monte de perguntas e preencheram uma série de formulários. Formulários! Ainda os velhos formulários, em triplicatas duas vezes carimbadas, enquanto todos os prédios em Berlim estavam ardendo. Eu lhes disse que estava sendo escondida por comunistas e onde encontrá-los. Disse que depois eu poderia reconhecer outros, se eles me deixassem sair livre, sob a supervisão deles.

— Eles concordaram, e eu os levei de volta ao apartamento e assisti a tudo do final da rua, enquanto eles davam a batida. Silke e outros três foram arrastados para fora do edifício. Eu me lembro dela gritando "Todo o poder aos sovietes!". Dá para acreditar nisso? Ela, na verdade, gritou como se estivesse em um filme de propaganda russo. Simplesmente ridículo. Eles os levaram embora e eu fui deixada com um policial. Estava começando a pensar em tentar seduzi-lo quando um ataque aéreo começou. Ou melhor, foi retomado, o que seria mais preciso. Os norte-americanos bombardeavam de dia, os britânicos, de noite, era praticamente contínuo. De qualquer forma, o policial queria chegar a um abrigo e ele começou a correr e eu meio que o perdi. Simplesmente parei de correr e deixei-o ir. A cidade estava um completo caos, com bombas caindo em todos os lugares, e também granadas, é claro, com os russos tão perto. De qualquer modo, quando aquele bombardeio em especial acabou, eu estava sozinha. Então, eu voltei para o apartamento, que milagrosamente não fora atingido. Eu não tinha, literalmente, nenhum lugar para onde ir e havia um pouco de comida lá, e naquelas últimas semanas da guerra, ia-se a qualquer lugar por comida, fosse qual fosse o risco. Dormi no apartamento naquela noite com o lugar inteirinho só para mim, pela primeira vez. Eu adorei. Ter todo aquele espaço. Ficar sozinha. Somente eu e meu macaquinho de lã que você salvou para mim na noite em que também salvou a minha vida. Não quer se sentar ao meu lado, Otts? É difícil contar essa história.

Otto sentou-se ao lado dela no pedestal da estátua da Rapunzel, enquanto a Branca de Neve sorria para eles do outro lado do caminho.

Duas mulheres

Berlim, 1945

Dagmar acordou depois de ter dormido por um longo tempo. Ela se espreguiçou, bocejou e pensou em se lavar, mas a água tinha se tornado preciosa demais para isso.

Levantou-se e, tendo pegado a lata de coletar água da chuva de seu suporte, começou a preparar um chá de ervas. Surpreendentemente, ainda havia gás para o fogão. Partes da infraestrutura de Berlim continuaram a funcionar até o fim. Só que não se podia ter certeza de quais. Dagmar acabara de encher a xícara com água fervente quando ouviu barulho na porta da frente.

Ela congelou de terror. Claro que agora era o fim de tudo. Era a polícia atrás dela mais uma vez, e eles ou iriam matá-la ou ela seria forçada a se tornar uma Stella Kübler, uma mulher venenosa, vivendo de traição e assassinato.

Mas não era a polícia. Era Silke.

Por um momento, Dagmar sentiu-se ainda em terrível perigo. Silke devia saber de sua traição. Estariam os outros três comunistas atrás dela, com facas e porretes, dispostos a se vingar? Os comunistas não eram outra coisa senão cruéis.

Mas, então, Silke correu e abraçou-a.

— Eles vieram atrás de nós — disse Silke. — Graças a Deus você estava fora! E pensar que eu tentei impedi-la.

— O que aconteceu, Silke? Eu andei por horas e tive que me proteger de um bombardeio. Quando cheguei em casa, você não estava.

— De alguma forma, eles nos descobriram. Eu sempre soube que acabaríamos sendo descobertos. Eles prenderam tantos de nós ao longo dos anos...

— Mas você está aqui. Você está livre novamente.

Havia restos de escombros no cabelo de Silke e seu rosto e suas roupas estavam cobertos de poeira. Dagmar adivinhou o que devia ter acontecido, mas ela deixou Silke contar.

— Os britânicos me salvaram — disse Silke meio sorrindo, a poeira rachando nos cantos da boca. — A RAF.

Dagmar não pôde deixar de pensar o quanto Silke teria preferido que tivessem sido os russos.

— A delegacia foi atingida à noite, antes que tivessem a chance de começar a me interrogar — disse Silke. — Tinham me colocado em uma cela separada da dos homens, e foi isso que me salvou. Eles morreram e eu não. Não sei o que

aconteceu com os caras da Gestapo. Talvez eles tenham sido atingidos também, talvez tenham se abrigado, eu não sei. Tudo o que sei é que perdi a consciência e, quando voltei a mim, era só eu e um monte de corpos. Não houve serviço de resgate. Talvez tenham chegado mais tarde, mas eu duvido. De qualquer maneira, não esperei para descobrir. Apenas me levantei, saí dos destroços e voltei para casa. Vim pegar as minhas coisas. Vou precisar delas em breve.

— Eles obviamente vasculharam o apartamento quando levaram vocês — Dagmar observou. — Deixaram alguma coisa para trás?

Silke atravessou a pequena cozinha, desligou a torneira do gás e puxou o fogão da parede. Atrás dele, havia uma parede de tijolos aparentes, da qual ela removeu um tijolo solto, retirando da cavidade vários papéis e um caderninho.

— Minhas coisas da Orquestra — disse ela. — Preciso encontrar outro lugar para escondê-las, agora.

— Fique um pouco, Silks. Fiz um chá de ervas.

— A polícia pode vir.

Dagmar olhou para o relógio. Já estavam no meio da manhã.

— Não acho que estão vindo, Silke. Talvez estejam mortos. Talvez tenham apenas desistido, finalmente.

Silke sentou-se e bebeu seu chá. Em seguida, elas compartilharam um pouco de comida e conversaram.

Ainda assim, a polícia não apareceu.

Silke decidiu dormir. Ela disse que se sentia tonta e foi para o quarto dela.

Dagmar sentou-se na cozinha e ficou pensando.

Será que Silke havia sido levada para a mesma delegacia que ela? Parecia provável. Se fosse a mesma, então as anotações que a polícia tinha feito sobre a prisão e a confissão de Dagmar e sobre sua traição da célula da Orquestra Vermelha provavelmente haviam sido destruídas no ataque aéreo.

Provavelmente. Mas não certamente.

Dagmar não sabia qual era a delegacia. Eles a tinham transportado na ida e na volta em uma caminhonete. Em algum lugar em Berlim, era perfeitamente possível que houvesse sido preservado um relato detalhado da polícia de como, quando a guerra se aproximava do fim, a judia Dagmar Fischer havia sido capturada e, posteriormente, traíra uma célula comunista. E os russos estavam chegando.

Dagmar se perguntou o que ela deveria fazer. A tarde avançava. A sombra de Dagmar no chão da cozinha se arrastava lentamente em direção à parede. Finalmente Silke surgiu. Parecendo um pouco confusa.

Talvez aquele estranho barulho a tivesse despertado. Um novo som em uma cidade que tinha ouvido tantos novos sons nos últimos anos. Uma trepidação surda.

Olhando pela janela a rua lá embaixo, as duas jovens descobriram uma nova visão para combinar com o novo som. Um tanque russo. Silke literalmente gritou de alegria.

— Eles estão aqui! — ela gritou, agarrando Dagmar num louco abraço, rodopiando-a. — Estamos livres!

No Jardim da Inocência

Berlim, 1956

— Pobre Silke — disse Dagmar, com a voz e o olhar vazios. — Quando avistou o primeiro tanque na rua, ela chegou a bater palmas. Ela dançou de felicidade. Pendurou um edredom vermelho em nossa janela como uma bandeira e gritou para os soldados lá embaixo. Foi aquela maldita bandeira que os levou até nós em primeiro lugar. Enquanto a maioria das meninas sensatas estava escondida em porões ou sendo trancada nos sótãos por suas mães, a idiota da Silke estava gritando para aqueles animais. Dando-lhes boas-vindas. Ei, rapazes! Há duas moças aqui!

Havia uma pequena fonte de água potável nas proximidades. Dagmar se levantou, foi até ela e tomou um grande gole. Tinha falado por um longo tempo. Sua garganta estava seca.

Otto lembrou-se de seu cantil portátil com uísque. Tirou-o do bolso e eles compartilharam um ou dois goles. A bebida fez Dagmar se arrepiar, ou talvez tenha sido a sua história.

— Tudo o que você já ouviu falar sobre o que aconteceu com as mulheres de Berlim em 1945 é verdade — ela disse, com uma voz fria como pedra — e pior. Os estupros prosseguiram por semanas. Aqueles soldados russos saíram à caça das mulheres como os nazistas haviam caçado judeus, derrubando portas, iluminando rostos com luzes fortes, buscando garotas em cada buraco de rato, e se não conseguiam encontrar nenhuma, então, as mães delas serviam. Silke e eu fomos as primeiras a serem pegas. Passamos por tudo juntas. Irmãs no infortúnio. Aqueles soldados para os quais ela acenou na rua simplesmente não podiam acreditar na própria sorte, duas garotas de uma só vez e em um belo apartamento, com camas e tudo mais. Um harém instantâneo, uma loira, uma morena... cobríamos todas as bases, como os seus amigos americanos diriam.

Dagmar tentou sorrir, mas não conseguiu. Ela levou o frasco de Otto aos lábios e tomou outro gole. Isso a fez tossir um pouco, mas também ajudou a fortalecer sua determinação de retomar sua história.

— Eles nos mantiveram presas naquele belo apartamento que Pauly havia comprado. Usando-nos quando queriam e nos alugando para outros soldados quando estavam entediados. Foi realmente muito estranho. Era como se tivessem montado casa com a gente, saindo para suas obrigações militares e, depois, voltando para as suas escravas sexuais. Eu e Silke juntas. Às vezes, no mesmo quarto, às vezes, separadas. Acho que, de certa forma, foi ainda pior para Silke,

pois ela teve de sofrer a desilusão. Aqueles soldados representavam tudo o que ela esperava. O futuro do mundo. Ela abriu a porta para eles e eles foram entrando direto e começaram a arrancar suas roupas. As minhas também, ali mesmo. No mesmo minuto. Silke tentou mostrar-lhes o seu cartão do Partido Comunista Alemão. Mas eles não falavam alemão e, mesmo se falassem, não teriam se importado. Nem com os livros de código de rádio que ela manteve atrás do fogão a gás e sua filiação à Resistência. Eram camponeses famintos, e nós éramos carne, só isso. Talvez, se ela pudesse ter saído do apartamento, encontrado um oficial, alguém para entendê-la, ela poderia ter ficado bem. Soube que havia alguns decentes entre eles. Mas ficamos presas lá.

— Você não disse a eles que era judia? — Otto perguntou.

— Tentei, uma ou duas vezes, mas ou eles não se importavam, ou eles não acreditavam em mim. Todos os judeus que haviam visto eram esqueléticos.

Otto abriu a maleta e tirou dali outro maço de Lucky Strike. Ele mal podia acreditar que já tinham fumado vinte cigarros cada um.

— E como é que terminou? — ele perguntou.

— Eles começaram a ficar com preguiça e não se davam mais ao trabalho de nos amarrar. Acho que quase começaram a pensar em nós como uma espécie de esposas. Esposas de guerra, é claro, mas esposas, mesmo assim. Às vezes, eles traziam chocolate, e um deles até fez flores de papel para colocar no nosso vaso. É claro que isso não o impediu de colocar de lado sua tesoura e seu papel colorido para nos estuprar, quando chegou a vez dele. Eles pensavam que nós éramos um direito deles, sabe? Eles não achavam que nós tínhamos qualquer razão para reclamar depois do que a Alemanha havia feito com eles. Uma noite, Silke decidiu que já havia aguentado o suficiente. Um deles havia caído desmaiado de bêbado em cima dela e estava roncando em seu rosto. O hálito deles era indescritível. Cebola e gengivas podres. Silke espremeu-se por baixo do soldado, arrastou-se até a cadeira onde ele havia deixado seu cinturão e pegou a arma dele. Assisti ao lado do meu próprio russo desmaiado quando ela começou a vestir suas roupas. Posso ver seu corpo agora, branco sob o luar, hematomas pretos em seus seios, onde um deles gostava de apertá-la. Não sei qual era o plano dela, mas Silke ficou olhando para mim e colocando os dedos nos lábios. Enfim, ela nunca teve a chance de fazer coisa alguma. Mais dois entraram, impacientes para ter a sua vez com nós duas. Silke apontou a arma para eles, mas a pobre bobinha não teve coragem de atirar. Ela sempre foi uma menina doce, e aqueles garotos eram ainda mais jovens do que nós. Então, em vez disso, eles atiraram nela. Ali mesmo. Não sei o que fizeram com o corpo... não muito, eu imagino. Havia milhares de cadáveres por toda a Berlim. E esse foi o fim de Silke Krause, orgulhoso membro fundador do famoso Clube dos Sábados.

Otto queria dizer algo, mas não conseguiu pensar em nada remotamente adequado. Mais tabaco era o único consolo que podia oferecer.

— Se ela tivesse esperado... — Dagmar continuou. — Aquilo durou apenas mais um ou dois dias, embora tenham sido dois dias duros para mim, com o dobro de soldados me estuprando. Mas, depois disso, eles simplesmente foram embora. Simplesmente saíram e nunca mais voltaram.

Moscou finalmente decidiu que já era o suficiente e mandou a polícia militar restaurar a disciplina. Acredite ou não, os soldados me deixaram algumas rações e uma garrafa de vodca. Meu pagamento, eu suponho. O que eles pensaram que uma garota alemã valia, por quase duas semanas de estupro coletivo. Isso e gonorreia. Agradeço a Deus pela penicilina. Eu entendi, é claro. Eles eram camponeses, e depois do que os nazistas haviam feito no leste, não podia culpá-los por querer estuprar algumas garotas alemãs.

— E você foi deixada sozinha? — perguntou Otto.

— Sim, completamente sozinha. E você sabe o que eu perguntei a mim mesma?

— Não.

— Eu me sentei lá e me perguntei o que Pauly teria feito.

Otto riu. Dagmar também riu, e seu riso soou mais triste para eles do que lágrimas.

— Pauly teria elaborado um plano — disse Otto.

— Exatamente — Dagmar respondeu. — Eu precisava de um plano. Os russos estavam por toda a Berlim. Isso foi muito antes de os Aliados chegarem. A Alemanha ainda não havia se rendido. Eu estava com fome e sozinha. E eu estava com medo também.

— Dos soldados?

— Nem tanto, aquela fase parecia ter passado. Estava com medo do que eu tinha feito. Traindo Silke e seus companheiros. Não podia saber com certeza quem tinha sobrevivido e quem não tinha. Quem poderia ter me visto naquela delegacia. E havia o relatório que a Gestapo tinha feito. Teria sido destruído? Esperava que sim, mas eu não sabia. Não tinha dinheiro nem proteção. Os russos não gostavam de judeus e também não gostavam de filhas de milionários. Eu estava sozinha e confusa pela fome e pelas semanas de estupro. Precisava de comida, precisava encontrar uma maneira de tornar minha casa segura. Dagmar Fischer não poderia obter essas coisas dos soviéticos, mas ocorreu-me que Silke Stengel provavelmente poderia. Além disso, Silke Stengel não havia sido registrada pela Gestapo como uma traidora. Pelo contrário, Silke foi uma heroína da *Rote Kapelle*. Aqueles dois soldados vermelhos tinham matado a garota errada.

— Uau, Dags — Otto disse quase em reverência. — Você realmente é uma coisa.

— Ainda estou viva, não estou? — Dagmar respondeu. — Procurei pelo apartamento e encontrei todas as coisas que a pobre Silke tentara mostrar para os soldados. Estava tudo lá, espalhado, todos os seus documentos da Orquestra Vermelha. Até mesmo seu cartão secreto do partido pré-guerra. Tudo que eu precisava para ser uma heroína comunista. Era um risco, eu sabia, mas um risco não tão grande. Estava certa de que o padrasto de Silke estava morto, e se sua mãe estivesse viva, teria voltado para o campo, de onde viera. Silke sempre me disse que a Orquestra atuava em células. Somente seus companheiros imediatos teriam conhecimento de sua aparência, e todos eles tinham sido mortos por aquela bendita bomba aliada. Então, embelezei-me o máximo que pude e levei minhas provas às autoridades do Exército Vermelho. Exigi ser vestida,

alimentada e receber o *status* condizente com a dedicação de toda a minha vida ao Partido Comunista Alemão. Regras de Pauly, veja você, andar com confiança. Imaginei que eles estariam procurando comunistas alemães para ajudá-los a tocar as coisas, e eu estava certa. Eles me mandaram direto para um homem do KPD, que tinha acabado de chegar de Moscou como parte da equipe encarregada de restabelecer o partido e de certificar-se de colocar gente sua nos lugares que contavam, antes que o Ocidente pudesse fazer qualquer coisa a respeito. Surpreendentemente, esse homem conhecia Silke. Ele havia sido seu contato em Moscou na época em que ela era uma adolescente postando relatórios da *Rote Hilfe* dentro de revistas femininas.

Otto fechou os olhos. Lembrou-se da alegre menina de cabelos dourados que tinha se deitado ao lado dele perto do córrego, na noite de sua grande aventura de bicicleta. Ela tentara lhe falar sobre a *Rote Hilfe*, naquela época. Aquilo tinha acontecido 21 anos atrás.

A boa e velha Silke.

Pobre e velha Silke.

— É claro que ele nunca a tinha visto — Dagmar continuou —, embora, sendo homem, houvesse fantasiado que ela seria uma tentação, e eu pude ver quão satisfeito ele ficou quando acabou descobrindo que ela era isso mesmo. Tornei-me sua amante naquela noite, e ele providenciou para que me fosse dado um novo cartão do partido e uma posição que representasse os meus longos e heroicos serviços prestados.

Otto olhou para as nuvens escuras.

Estava começando a ficar tarde. Eles haviam tomado todo o o uísque e a cabeça começava a doer. Tanto para assimilar... E tantos cigarros... Mas é claro que a história não acabava ali, ou ele não teria sido atraído para Berlim.

— E você foi Silke todos esses anos? — ele perguntou. — É... É surpreendente.

— Na verdade, não. Você consegue imaginar quantas vidas foram reinventadas ou roubadas no Ano Zero? Um continente inteiro tinha algo a esconder. Eu não estava sozinha ao guardar segredos, Ottsy. Quando os aliados chegaram e os quatro grandes dividiram Berlim, pude ver que eu estava melhor onde estava. Meu apartamento, que, é claro, Silke Stengel possuía legalmente, ficava dentro da zona russa e era tudo o que eu tinha. Não havia nada para mim no Ocidente. Na época, ninguém estava falando sobre compensar os judeus. Não havia nada com que compensá-los. Aquilo era o fim, não o começo. A Alemanha estava totalmente destruída e carente. No Ocidente, eu teria sido uma sem-teto, uma refugiada sem dinheiro ao lado de um milhão de outros, e, claro, havia ainda o preocupante relatório da Gestapo. Se algum dia ele viesse à tona, eu seria submetida a um julgamento, com certeza. Então, acabei ficando no lado oriental, e foi quando fui abordada para me juntar à recém-formada polícia alemã, regida pelos soviéticos. Eu era a candidata perfeita, é claro. Silke Stengel, nome de solteira Krause, espiã comunista desde 1935. Então, aceitei o cargo. E, pela primeira vez na minha vida adulta, eu estava no controle. Da noite para o dia, eu tinha segurança, *status* e poder. Imagine o que isso significava, Otto, para

uma judia em Berlim, em 1945. Uma judia que tinha passado o que eu havia passado.

— Mas, Dags — Otto pegou-se protestando, quase como se eles estivessem de volta ao quarto cor-de-rosa dela, discutindo sobre o futuro, em vez de estarem passando a limpo o passado —, ser uma policial? Não tem nada a ver com você. Quero dizer, você deve ter odiado totalmente.

— Odiado, Otto? — Dagmar respondeu, com os olhos brilhando de repente. — Eu *adorei*. Era o meu emprego dos *sonhos*. *Eu* era o caçador agora. Eu era a filha da puta. Todas aquelas pessoinhas de Berlim que tinham zombado e rido enquanto minha vida era roubada iriam sentir o peso da minha bota, a cada oportunidade que eu tivesse! Vesti o uniforme, prendi meu cabelo, saí para as ruas de Berlim e infernizei a vida de *todos* que pude. Logo percebi que, na verdade, era para isso que toda a Stasi *estava lá*, para infernizar a vida dos alemães. Que perfeito. Como era irônico! Eu simplesmente adorei.

— E foi isso? — Otto perguntou assustado com tanto veneno vomitado de repente. — Foi nisso que você esteve metida desde então? Tornar a vida miserável para o povo de Berlim?

— Exatamente — Dagmar respondeu. — Eu não poderia voltar atrás, mesmo que quisesse. No momento em que o Ocidente começou a prosperar, eu já estava muito comprometida e sabia demais. Eu fiz a minha cama, Otto. Eles não deixam ninguém sair da Stasi. Quem tentar, eles matam.

— Então, você está presa.

— Acho que sim. Mas não sinta pena de mim, Otto. Minha vida é boa... Melhor que a sua na Grã-Bretanha, acho. Como uma garota da Stasi, tenho a melhor comida e o melhor vinho. Caviar, se eu quiser. Nós do partido reservamos todos os luxos para nós, sabe? Ainda moro no apartamento de Pauly com minhas revistas de moda, todos os livros que quero e música ocidental também, todas as coisas que negam a todo mundo, mas que mantemos para nós mesmos. Eu me pergunto o que a querida Silke teria achado disso. Do mundinho de merda corrupto que o seu amado Stalin construiu. E, o melhor de tudo, eu ainda recebo para perseguir os bons cidadãos de Berlim Oriental. Os que deixaram Hitler roubar minha vida. Os que desviaram o olhar. Os que estavam num círculo em volta de mim e de meus pais e gritavam que deviam nos fazer lamber a rua.

— Dagmar, você não pode odiar para sempre.

— Não posso? Tente me deter. Eu odiarei por todos os segundos que eu passar nesta Terra. E quando eu partir, e meu corpo se transformar em pó, cada molécula do que um dia eu fui ainda estará odiando.

Estava ficando escuro agora. Casais jovens haviam substituído as crianças nos caminhos pelos jardins. A história estava quase no fim. Otto tinha todas as respostas agora, menos uma.

— E eu, Dagmar, quando foi que voltei a entrar em cena?

— Oh, eles estiveram de olho em você o tempo todo. Desde 1946.

— Em mim? — perguntou Otto, muito surpreso.

— Não se sinta lisonjeado. Eles vigiam todos os alemães que trabalham para os Aliados. Grandes e pequenos. Estudam-lhes o passado, procurando maneiras de forçá-los a trabalhar para nós. Eles me ligaram a você por causa do

casamento de Silke com Pauly. Eu sou ela, não se esqueça, e meu nome de casada é Stengel. Não demorou muito tempo para detectar o Stone judeu no Ministério das Relações Exteriores britânico que tinha sido um Stengel e descobrir que sua cunhada trabalhava para eles.

Otto riu de verdade.

— Você se dá conta — disse ele — que você está falando do Clube dos Sábados? Paulus, Silke, você, eu. Ainda conectados, ainda um bando. Olhando para trás, alguém teria imaginado isso?

— A história de todos os alemães tomou o rumo errado em 1933, Otts. Nós não somos tão especiais.

— Acho que sim. Quer dizer que eles ainda não sabem quem você realmente é, então?

— Eu *acho* que eles não sabem. Mas nunca se pode ter certeza. Eles adoram segredos e esperam a sua vez. Com certeza, foi o que fizeram com você. Assim que constataram a conexão entre nós, eles me avisaram que um dia me obrigariam a trazê-lo para a Alemanha. Acho que estavam esperando você subir na profissão um pouco.

— Receio que não tiveram muita sorte nisso — disse Otto. — Não tive muito sucesso no Ministério. Ou em qualquer outro lugar, diga-se de passagem. Continuo no mesmo nível em que comecei.

— Percebemos — Dagmar observou secamente. — De qualquer forma, há alguns meses, meus chefes devem ter decidido que agora era um momento tão bom quanto qualquer outro para tentar fazer uso de você, e fui instruída a encontrar uma maneira de atraí-lo novamente. Eu sabia o que funcionaria.

— Sim — Otto murmurou —, você com certeza sabia.

— Disse a eles que o caminho certo para chegar até você era assumir a identidade de uma judia morta que você amava.

— Então, você está fingindo ser Silke fingindo ser você. Que labirinto, Dags.

— É assim que gostamos das coisas na Stasi. Quanto mais sombras e mentiras, melhor. Então, restabelecemos a identidade de Dagmar, tornando-a oficial no caso do MI6 estar observando.

— O que, a propósito, estavam fazendo.

— E aqui está você, Otto. Na verdade, não é tão complicado.

— Talvez não para você, Dagmar. Mas, para mim, é tremendamente tortuoso. Lembre-se de que eu não sou o gêmeo Stengel inteligente.

Dagmar olhou para ele e seus olhos se suavizaram um pouco.

— Você foi inteligente o suficiente para ir até mim e salvar a minha vida em 1938, Ottsy. Eu teria queimado até a morte.

Ela colocou a mão sobre a dele e apertou-a um pouco.

— Mas, apesar disso, Dagmar — Otto disse, tirando a mão dela —, parece que você ficou muito feliz em me fazer cair em uma arapuca.

— Otto. Eu trabalho para eles. Eles não oferecem escolha nesses assuntos. Se eu não tivesse feito isso, eles simplesmente fingiriam ser eu.

— Fingiriam ser você, fingindo ser Silke, fingindo ser você — Otto corrigiu-a.

— Sim, isso mesmo. Além disso — ela lhe deu um pequeno sorriso, um sorriso que ele não via desde os dias do quarto cor-de-rosa —, eu queria ver você. E achei que você iria querer me ver.

— Eu queria, Dags. Você sabe muito bem disso. Mas a questão é: o que acontece agora?

— Eles vão tentar convencê-lo a espionar para eles dentro do Ministério das Relações Exteriores britânico. Eles estão esperando por você lá.

Dagmar acenou com a cabeça em direção a um banco situado além da Branca de Neve, que, momentos antes, estava vazio, mas no qual agora havia dois homens sentados de aparência sólida, com chapéus Homburg.

Otto olhou para eles.

— O uniforme não muda, hein? Diferentes ideologias totalitárias, mesmos chapéus.

— Sim, a mesma coisa.

Otto suspirou e acendeu um cigarro.

— Um último cigarro, certo? — disse. — A questão, Dagmar, é que eu não posso ajudá-los.

— Eles podem ser muito persuasivos.

— Não. Quero dizer, de verdade. Eu realmente não posso. Veja você, eles querem um espião no Ministério, mas, na verdade, eu não vou trabalhar para o Ministério das Relações Exteriores quando eu voltar.

— Sério? Quando foi que decidiu isso?

— Hoje. Aqui, no Parque do Povo. Vou pedir demissão. E também não vou mais tentar obter um diploma de Direito, coisa para a qual eu não tenho cérebro.

— Você tem estudado Direito, Ottsy? — perguntou Dagmar, muito surpresa.

— Tenho tentado. Desde 1947. Você pode ver que eu tenho procurado viver a vida que Pauly perdeu. Não é uma tolice? Desde que você o levou a dar-me o seu nome e suas expectativas, senti-me responsável. Tenho tentado ser ele. Por ele e pela mamãe... Ela apreciava tanto o que achava que ele iria se tornar... Mas eu vou parar agora porque é obviamente ridículo. De repente, entendo isso. Não posso ser ele, e nem ele iria querer que eu fosse. Fui Paul Stone por dezessete anos, mas, quando eu voltar, vou começar a ser Otto Stengel novamente. Não sei como irei fazer isso ou o que vou fazer... varrer ruas, provavelmente... porém uma coisa é certa: seja lá o que eu vier a me tornar, será mais divertido do que o que eu tenho tentado ser. E acho que não terá utilidade alguma para a Stasi. A menos que eles queiram um espião em uma aula de marcenaria e numa banda de *jazz* amadora, porque certamente irei me juntar às duas.

Dagmar sorriu.

— Existe uma garota?

Otto pensou na questão por um momento. Então, ele se lembrou de algo e apalpou o bolso de seu paletó. Tirou dele um lenço de papel com uma marca de batom. Aquele que Billie havia colocado lá na primeira manhã em que ele fora convocado pelo MI6. Algo para ele se lembrar dela, Billie dissera.

— Na verdade, sim — ele disse calmamente. — Eu acho que sim.

— Ha! — Dagmar respondeu, olhando para os lábios vermelhos impressos no lenço de papel. — Então você *amou* alguém além de mim, afinal de contas.

— Eu não achava que poderia me permitir isso, Dagmar — Otto respondeu. — Mas, agora, sei que posso.

A garota na calçada

Londres e Berlim, 1989 e 2003

Em 1989, Otto Stengel escutou a notícia da queda do Muro de Berlim enquanto ouvia a BBC Radio 4 na cozinha da casa na região norte de Londres, que ele dividia com sua esposa Billie.

O último de seus quatro filhos havia deixado o ninho já fazia muito tempo, e Billie estava saindo na correria, atrasada para o trabalho na Marks and Spencer como compradora de moda. Sendo assim, Otto, que era um marceneiro semiaposentado, tinha o dia todo só para si. Passou-o em sua oficina no jardim, acompanhando o desenrolar da saga da revolução popular que acontecia na cidade onde nascera. Às vezes, ele fazia uma pausa entre suas serras e seus aviões de madeira para saborear um pouco de uísque, fumar um Lucky Strike e imaginar o que tudo aquilo poderia significar para a policial da Alemanha Oriental com quem tivera contato pela última vez na Märchenbrunnen, 33 anos antes.

Naquela mesma manhã, em Berlim, a agente aposentada da Stasi conhecida como Silke Stengel desaparecera, deixando para trás o apartamento no qual vivia desde a Segunda Guerra Mundial e nenhuma indicação do lugar para onde fora.

Pouco tempo depois, Dagmar Fischer, uma mulher judia que se acreditava estar morta havia quase meio século, reapareceu em Berlim Ocidental. Sua história de vida passada no lado oriental era vaga e confusa, mas sua identidade era clara. Tinha prova documental retirada dos registros da Stasi arquivados em 1956, e posteriores testes de DNA eliminaram quaisquer dúvidas legais.

Assim estabelecida, Fräulein Fischer iniciou uma batalha judicial para obter compensação pelos bens perdidos sob o regime nazista e, em particular, para recuperar o controle da loja de departamentos de seu pai na Kurfürstendamm, que havia sido bastante destruída durante a guerra e posteriormente alugada pelas autoridades da Alemanha Ocidental a várias cadeias de lojas.

Dagmar Fischer foi bem-sucedida em seus esforços e a loja de departamentos Fischer foi restaurada à sua antiga glória, reabrindo suas portas em 1992. Durante os últimos onze anos de sua vida, Fräulein Fischer chegou à loja em uma limusine, todas as manhãs, pouco antes das oito e meia, para, pessoalmente, abrir as magníficas portas do estabelecimento precisamente ao soar da meia hora.

Estava a caminho de cumprir essa tarefa autoimposta na manhã em que morreu, ao sofrer um ataque cardíaco quando saía de seu carro. Caindo de joelhos na calçada, ela tombou lentamente para a frente até que seu rosto ficou sobre a pedra, a boca aberta a sua língua pendurada para fora. Uma multidão preocupada rapidamente se reuniu em torno dela e um jovem abaixou-se para perguntar se poderia ajudá-la.

— Você está muito atrasado — Dagmar sussurrou para as pedras da calçada enquanto o último sopro de vida deixava o seu corpo. — Setenta anos atrasado.

Posfácio

Reflexões biográficas

Esta é uma obra totalmente fictícia, mas foi inspirada em parte por uma circunstância da minha história familiar.

Meu pai foi um refugiado da Alemanha de Hitler. Ele nasceu Ludwig Ehrenberg, na Alemanha, em uma família secular de ascendência judaica. Ele foi para a Grã-Bretanha via Tchecoslováquia, em 1939, com seus pais, Eva e Victor, e seu irmão mais velho, Gottfried. A grande generosidade de várias pessoas daquele país assegurou a sobrevivência da família, assim como a ajuda de um pequeno fundo beneficente estabelecido em 1933 por acadêmicos e cientistas britânicos. O fundo, que agora se chama Conselho de Assistência a Acadêmicos Refugiados,[50] existe até hoje.

Gottfried alistou-se no exército britânico em 1943, quando, como um dos irmãos Stengel da minha história, foi instruído a anglicizar seu nome no caso de ser capturado pelos alemães. Ele se tornou Geoffrey Elton, e meu pai seguiu o exemplo, mudando seu nome para Lewis Elton. Meus avós permaneceram Ehrenberg até a morte em Londres, na década de 1970.

Gottfried e Ludwig tinham um primo, Heinz. Como um dos irmãos da minha história, Heinz foi adotado e, para usar a expressão dos próprios nazistas, tinha sangue ariano. Quando seus pais, Paul e Clara Ehrenberg, escaparam da Alemanha, Heinz escolheu ficar, para cultivar a terra que seus pais haviam adquirido para ele.

Heinz logo foi convocado para a Wehrmacht e, como um dos irmãos Stengel da minha história, fez parte do exército posicionado na costa do Canal da Mancha, em 1940, em preparação para a invasão da Grã-Bretanha planejada por Hitler. Heinz também serviu na Itália; depois da guerra, a família descobriu que ele e Geoffrey haviam chegado muito perto um do outro, enquanto lutavam lá, em lados opostos.

Como os fictícios Paulus e Otto, meu pai e meu tio experimentaram a segregação das salas de aula. Eles também foram insultados pelos professores nazistas e testemunharam a confusão do assim chamado *Mischling*. O melhor amigo do meu pai era meio judeu e, ao lhe ser dada a oportunidade de optar, ele bravamente escolheu sentar-se com os judeus.

Na história, o avô de Paulus e Otto foi condecorado com uma Cruz de Ferro na Primeira Guerra Mundial. Meu avô Victor também serviu no exército do Kaiser e recebeu a mesma insígnia em 1914. Ele lutou nas trincheiras por toda a

guerra, e os meus filhos guardam o estilhaço que foi removido de sua perna em 1917. Como os Tauber da ficção, meus avós amavam muito o seu país natal e se viam tanto como alemães quanto como judeus.

Como um dos garotos Stengel da minha história, meu tio Geoffrey acabou no Corpo de Inteligência do Exército como intérprete. Geoffrey alcançou a patente de sargento e por toda a vida conservou uma profunda afeição pelo exército britânico. Na verdade, dizia-se na família que o exército fez dele um verdadeiro inglês. Em 1989, quando *Blackadder Goes Forth* foi exibido, tio Geoffrey a princípio ficou muito desgostoso com o que ele considerou ser um retrato insultuoso do exército; mais tarde, assumiu a opinião de que a sátira fora elaborada com grande respeito.

Embora a família do meu pai tenha sido mais afortunada do que outras em termos do número de membros que conseguiram escapar do Holocausto, muitos, é claro, não tiveram a mesma sorte. Lisbeth, a amada irmã da minha avó, por exemplo, morreu como a Frieda da ficção, tendo se oferecido para acompanhar um grupo de crianças judias que estava sendo transportado para o leste. Lisbeth foi baleada junto de seus jovens alunos imediatamente após a chegada na Lituânia, em 1941.

Um incidente que eu esperava incluir na minha narrativa ficcional, mas para o qual acabei não encontrando lugar, diz respeito a meu tio Heinz e à morte da minha bisavó. Em outubro de 1941, ela ainda vivia em sua cidade natal, Kassel, quando as autoridades alemãs começaram a remoção final dos judeus de lá.

Seu neto Heinz muito corajosamente visitou a Gestapo de Kassel trajando seu uniforme do exército e pediu que sua avó adotiva, que estava perto da morte, fosse autorizada a morrer em sua cama. "*Lassen Die mir die alte Judin em Ruhe*" foi o seu apelo. "Deixem essa velha senhora judia em paz." Talvez seu apelo tenha sido bem-sucedido, porque Emilie Ehrenberg morreu em sua cama logo depois. Ela foi poupada do pesadelo de ser transportada em um caminhão de gado para um campo de extermínio, mas não o de ter visto o país em que ela nascera, em 1859, mergulhar numa insanidade e barbárie sem paralelo.

Como Wolfgang Stengel, minha família também teve alguma experiência dos campos de concentração pré-Holocausto da SA na década de 1930. O outro irmão do meu avô, Hans, era um pastor cristão (apesar de sua ascendência judaica). Ele foi enviado para o campo Sachsenhausen, onde o seu bom amigo reverendo Martin Niemoller, o grande clérigo antinazista e autor de *First They Came...*, também estava preso. Hans acabou sendo libertado graças aos esforços do Bispo de Chichester.

Ele foi para a Inglaterra, onde, como um dos irmãos da minha história, foi internado como estrangeiro inimigo, embora, também como ele, não tenha se ressentido disso. Meu tio-avô Hans voltou para a Alemanha depois da guerra num esforço para continuar seu ministério, mas meu pai e sua família estavam felizes na Grã-Bretanha, gratos pelo porto seguro e pelas oportunidades que aquele grande país proporcionou. Tendo chegado como refugiados sem um tostão, eles gradualmente prosperaram e deixaram sua marca. Tanto meu pai como meu tio se casaram com moças inglesas e ambos se tornaram professores. Meu pai foi

catedrático em Física e, mais tarde, de Ensino Superior, e, em 2005, foi laureado com o Lifetime Achievement Award no Times Higher Education Awards.

Meu tio se tornou historiador e *regius professor* de História Constitucional Inglesa em Cambridge. Em 1986, foi condecorado por seus serviços no estudo da História.

Geoffrey faleceu em 1994, mas meu tio Heinz e meu pai ainda estão vivos; ainda se correspondem e se encontraram muito recentemente. Heinz até conheceu minha esposa, Sophie, que é da Austrália, no funeral de Geoffrey. Uma conexão que, na verdade, desafia o tempo, a distância e a História. Eu mesmo estive na Alemanha muitas vezes, onde minhas peças ocasionalmente são montadas e também como diretor do musical *We Will Rock You*. Fiz verdadeiras e duradouras amizades lá e só tenho ótimas lembranças do país natal de meu pai.

Ben Elton, maio de 2012

[1] Literalmente, “café com bolo”. (N.T.)
[2] “*Adeus e tenha um bom dia. Tenha um bom dia e adeus.*” (N.T.)
[3] *Tenha um bom dia, e bom dia*. (N.T.)
[4] Aguardente muito forte, com teor alcoólico superior a 32%. (N.T.)
[5] Um pfenig, unidade monetária alemã, equivale a 1/100 do marco. (N.T.)
[6] Milícia paramilitar do partido direitista *Deutschnationale Volkspartei* (Partido Popular Nacional Alemão). (N.T.)
[7] Alemanha nacionalista. (N.T.)
[8] Refere-se ao ciclo de quatro óperas épicas de Richard Wagner, *O Anel do Nibelungo*, composto com *O Ouro do Reno*, *A Valquíria*, *Siegfried* e *O Crepúsculo dos Deuses*. (N.T.)
[9] Nomes das três ninfas das águas que aparecem no ciclo de óperas *O Anel do Nibelungo*. (N.T.)
[10] Gíria berlinense dos anos 20 que significava “homem ganancioso”. (N.T.)
[11] Gíria berlinense que significa “traficante”. (N.T.)
[12] Gíria para garota bela e exótica. (N.T.)
[13] Lista com as canções que uma banda musical planeja tocar durante uma apresentação. (N.T.)
[14] Sinal de uso de heroína. (N.T.)
[15] Moças da década de 1920 que mostravam desdém por comportamentos convencionais e se vestiam sempre na última moda. No Brasil eram chamadas de “melindrosas”. (N.T.)
[16] O metrô de Berlim, abreviatura de “Untergrund-Bahn”, linha subterrânea. (N.T.)
[17] Música de 1921, de Ted Snyder, com letra de Harry B. Smith e Francis Wheeler. Foi composta graças à popularidade do filme *The Sheik*, com Rodolfo Valentino. (N.T.)
[18] Prefeito. (N.T.)
[19] Um tipo de mulher fatal do cinema mudo. A atriz Theda Bara consagrou o termo. (N.T.)
[20] Erwin Friedrich Maximilian Piscator, diretor e produtor teatral. (N.T.)
[21] Peça escrita em 1901 pelo autor russo Máximo Gorki. (N.T.)
[22] A mais influente revista vinculada ao Expressionismo alemão, publicada em Berlim. (N.T.)
[23] Referência à salada Waldorf. (N.T.)
[24] Negro. (N.T.)
[25] Termo pejorativo usado na linguagem política soviética, referindo-se, a princípio, aos antigos latifundiários russos do império. (N.T.)
[26] Liga Cultural. Instituição criada em 1933, com o consentimento dos nazistas, por parte dos artistas judeus desempregados, voltada para a população judaica. (N.T.)
[27] Como é conhecida localmente a Kurfürstendamm, uma das avenidas mais famosas de Berlim. (N.T.)
[28] Confeitaria. (N.T.)
[29] Antigo jogo de tabuleiro indiano, considerado hoje um clássico mundial. (N.T.)

[30] Brincadeira do autor com a designação atribuída a um grupo de quatro membros do Partido Comunista da China responsáveis pela implementação da Revolução Cultural. (N.T.)
[31] Onde ficava a sede do partido nazista. (N.T.)
[32] Obus, um tipo de granada de mão. (N.T.)
[33] Milícia paramilitar nazista conhecidos como Tropas de Assalto. (N.T.)
[34] Denominação alemã para um líder provincial. (N.T.)
[35] No folclore medieval e na tradição mística do judaísmo, particularmente na cabala, um ser animado feito a partir de matéria inanimada, por meio de um processo mágico. (N.T.)
[36] Membros da nobreza latifundiária da Prússia, em sua maioria, que dominou a Alemanha durante todo o século XIX e início do século XX. (N.T.)
[37] "Kommunistische Partei Deutschlands" — Partido Comunista da Alemanha. (N.T.)
[38] *Bund Deutscher Mädel, a Liga das Moças Alemãs,* o equivalente feminino à Juventude Hitlerista. (N.T.)
[39] "Combatente antigo", em referência aos primeiros membros do partido nazista. (N.T.)
[40] Neville Chamberlain, primeiro-ministro britânico conhecido por sua política externa de apaziguamento, que na Conferência de Munique de 1938 aceitou as garantias oferecidas por Hitler para manter o equilíbrio europeu, sacrificando a Tchecoslováquia, convencido de que a paz com a Alemanha deveria ser mantida a qualquer custo. (N.T.)
[41] Expressão cunhada pelo político John Bright, em um discurso de 1865, referindo-se à Inglaterra. Por extensão, passaram a chamar desta forma também o próprio Palácio de Westminster, onde se reúnem em Londres as duas câmaras que compõem o parlamento, a Câmara dos Lordes e a Câmara dos Comuns. (N.T.)
[42] Subcultura britânica dos anos 1950 e início dos anos 1960. Seus membros eram associados com o *rockabilly*, usavam roupas inspiradas na época eduardiana e envolviam-se em brigas frequentes, principalmente com o grupo rival, os Mods, que trajavam ternos italianos justos e ouviam *jazz* moderno e *rhythm and blues*. (N.T.)
[43] 10 Downing Street, residência oficial do primeiro-ministro britânico. (N.T.)
[44] Fonte das fadas. (N.T.)
[45] Cadeira de praia. (N.T.)
[46] Para fora! Para fora! Documentos! (N.T.)
[47] Botequim de baixa categoria. (N.T.)
[48] A reunião ocorreu na estação ferroviária da cidade francesa de Hendaye, perto da fronteira franco-espanhola, em 23 de outubro de 1940. (N.T.)
[49] Como foram apelidados os soldados russos. (N.T.)
[50] Council for Assisting Refugee Academics (CARA). (N.T.)